

ALIANÇA DO CRIME



DICK LEHR E GERARD O'NEILL



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



DICK LEHR E GERARD O'NEILL

Aliança do crime

Tradução de Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2000, 2001, 2012 by Dick Lehr e Gerard O'Neill
Publicado inicialmente nos Estados Unidos por PublicAffairs™,
uma editora do Perseus Books Group

TÍTULO ORIGINAL

Black Mass: Whitey Bulger, the FBI, and a Devil's Deal

EDIÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Milena Vargas

ARTE DE CAPA

Márcia Quintella

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-829-4

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA

Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



*Para meus filhos, Nick e Christian Lehr, e minhas filhas, Holly e
Dana Lehr*

*

*Para Janet, minha esposa e meu equilíbrio, e meus filhos, Brian e
Shane O'Neill*

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Lista de personagens
Prólogo
Introdução
Introdução à edição atualizada
Mapa: O mundo de Whitey

PARTE UM

um 1975
dois SOUTH BOSTON
três JOGO PESADO
quatro TREINANDO A ESQUIVA
cinco APOSTAS LUCRATIVAS

PARTE DOIS

seis GANGUE DE DOIS?
sete TRAIÇÃO
oito O MATADOR DE ALUGUEL DA PRINCE STREET
nove BOA MESA, BOM VINHO, DINHEIRO SUJO
dez HOMICÍDIO S/A
onze BULGERTOWN, EUA
doze O MITO BULGER
treze ALIANÇA DO CRIME
catorze NUANCES DE WHITEY
quinze O PAPO DE CONNOLLY
dezesseis SEGREDOS EXPOSTOS

PARTE TRÊS

dezessete FRED WYSHAK

dezoito HELLER'S CAFÉ

dezenove QUEM SAI NA CHUVA...

vinte A FESTA ACABOU

Epílogo

Fontes

Notas

Agradecimentos

Fotografias

Sobre os autores

Leia também

LISTA DE PERSONAGENS

A GANGUE DE BULGER

James J. “Whitey” Bulger

Stephen J. “Homem-Rifle” Flemmi

Nick Femia, soldado

Kevin Weeks, soldado e “filho substituto” de Bulger

Kevin O’Neil, comparsa

Patrick Nee, comparsa

Joseph Yerardi, comparsa

George Kaufman, comparsa

A GANGUE WINTER HILL ORIGINAL

conta com membros da gangue de Bulger e:

Howard Winter, chefe

John Martorano, matador de aluguel

William Barnoski, comparsa

James Sims, comparsa

Joseph McDonald, comparsa

Anthony Ciulla, arranjador de resultados em páreos

Brian Halloran, comparsa

MÁFIA EM BOSTON

Gennaro J. “Jerry” Angiulo, subchefe

Ilario “Larry” Zannino, *caporegime* e *consigliere*

Donato “Danny” Angiulo, *caporegime*

Francesco “Frankie” Angiulo, comparsa
Mikey Angiulo, comparsa
J. R. Russo, *caporegime*
Vincent “Animal” Ferrara, *caporegime*
Bobby Carrozza, *caporegime*
Frank “Cadillac Frank” Salemme, amigo de infância de Flemmi e principal líder mafioso na década de 1990

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI), DIVISÃO DE BOSTON

H. Paul Rico, Esquadrão de Crime Organizado
Dennis Condon, Esquadrão de Crime Organizado
John J. Connolly Jr., responsável pelos informantes Bulger e Flemmi
John Morris, supervisor do Esquadrão de Crime Organizado
Lawrence Sarhatt, agente especial encarregado no início dos anos 1980
James Greenleaf, agente especial encarregado em meados dos anos 1980
James Ahearn, agente especial encarregado no fim dos anos 1980
Robert Fitzpatrick, assistente do agente especial encarregado
James Ring, assistente do agente especial encarregado
Nicholas Gianturco, Esquadrão de Crime Organizado
Tom Daly, Esquadrão de Crime Organizado
Mike Buckley, Esquadrão de Crime Organizado
Edward Quinn, Esquadrão de Crime Organizado
Jack Cloherty, Esquadrão de Crime Organizado
John Newton, agente especial
Roderick Kennedy, agente especial

AUTORIDADES FEDERAIS, ESTADUAIS E LOCAIS

Robert Long, Polícia Estadual de Massachusetts

Rick Fraelick, Polícia Estadual de Massachusetts

Jack O'Malley, Polícia Estadual de Massachusetts

Tenente-coronel John O'Donovan, comandante da Polícia
Estadual de Massachusetts

Thomas Foley, Polícia Estadual de Massachusetts

Joe Saccardo, Polícia Estadual de Massachusetts

Thomas Duffy, Polícia Estadual de Massachusetts

Richard Bergeron, detetive de polícia de Quincy, Massachusetts

Al Reilly, agente federal da Drug Enforcement Administration
(DEA)

Stephen Boeri, agente federal da Drug Enforcement
Administration (DEA)

Daniel Doherty, agente federal da Drug Enforcement
Administration (DEA)

Jeremiah T. O'Sullivan, promotor federal do Departamento de
Justiça

Fred Wyshak, promotor federal do Departamento de Justiça

Brian Kelly, promotor federal do Departamento de Justiça

James Herbert, promotor federal do Departamento de Justiça

PRÓLOGO

Certo dia de verão em 1948, um garoto tímido de calça curta chamado John Connolly entrou numa loja de esquina com dois colegas. Queriam dar uma olhada nos doces do estabelecimento, próximo ao conjunto habitacional Old Harbor, em South Boston, onde moravam. “Olha o Whitey Bulger”, sussurrou um.

O lendário Whitey Bulger: magrelo e tenso, com ar de valentão e um cabelo louro-claro e bem cheio que levou os policiais a lhe darem o apelido de Whitey, “esbranquiçado”, embora ele odiasse o apelido e preferisse seu nome de verdade, Jimmy. Ele era o mítico adolescente durão que andava com a gangue Shamrocks.

Bulger viu os meninos olhando para ele e, num impulso, se ofereceu para pagar uma rodada de casquinhas para todos. Dois já foram logo dizendo os sabores. Mas o pequeno John Connolly hesitou, obediente à mãe, que lhe dizia para não aceitar nada de estranhos. Quando Bulger lhe perguntou por que também não tomava um, os outros meninos caçoaram do conselho. Então, Bulger interveio: “Ei, garoto, eu não sou nenhum estranho.”

Então, deu ao garoto uma lição rápida e crucial sobre história e linhagens: os ancestrais dos dois eram irlandeses. Eles não eram estranhos um ao outro.

“De que sabor você quer?”, perguntou Whitey outra vez.

Connolly murmurou que gostava de baunilha. De bom grado, Bulger ergueu o garoto e o pôs no balcão para receber o sorvete.

Foi a primeira vez que John viu Whitey. Muitos anos depois, ele diria que a emoção de encontrar Bulger por acaso nesse dia foi como a de “conhecer Ted Williams”, o então famoso rebatedor do Boston Red Sox, time de beisebol da cidade.

INTRODUÇÃO

Na primavera de 1988, começamos a escrever para o *Boston Globe* a história de dois irmãos, Jim “Whitey” Bulger e seu irmão mais novo, Billy. Numa cidade de passado tão antigo e rico quanto Boston, pródiga em figuras históricas de todos os naipes, os Bulger eram lendas vivas. No que faziam, ambos eram insuperáveis. Whitey, de 58 anos, era o gângster mais poderoso da cidade, um notório assassino. Billy Bulger, de 54, era o político mais influente de Massachusetts, presidente de mais longo mandato em 208 anos de história do Senado Estadual. Os dois tinham reputação de astutos e inescrupulosos, características que punham em prática em seus respectivos mundos.

Era a quinta-essência da saga bostoniana, a história de dois irmãos que cresceram num conjunto habitacional no mais isolado dos bairros irlandeses, South Boston — “Southie”, como era muitas vezes chamado. Era comum ver um Whitey jovem, o primogênito rebelde, no tribunal, mas nunca na escola. Havia brigas de rua e frenéticas perseguições de carro, tudo com um certo toque hollywoodiano. Durante a década de 1940, ele entrou com o carro nos trilhos do bonde e passou à toda pela antiga estação da Broadway, sob os olhares chocados dos passageiros na plataforma abarrotada. Com um boné de tweed na cabeça e uma loura no carona, ele acenou e buzinou para a multidão. Depois se mandou. Já seu irmão Billy enveredou pela direção oposta. Estudou: história, língua e literatura clássicas e, por último, direito. Entrou na política.

Ambos viraram notícia, mas suas vidas nunca tinham sido compiladas. Assim, naquela primavera, junto com dois outros

repórteres do *Globe*, arregaçamos as mangas para mudar isso. Christine Chinlund, que se interessava pela política, se concentrou em Billy Bulger. Kevin Cullen, então melhor repórter policial da cidade, ficou com Whitey. Nós nos revezávamos entre os dois, mas no fim Lehr trabalhou mais com Cullen, e O'Neill supervisionou a operação toda. Ainda que normalmente realizássemos reportagens investigativas, o projeto era visto como um estudo biográfico aprofundado de dois dos personagens mais curiosos e interessantes da cidade.

Havíamos todos concluído que a vida supostamente fascinante de Whitey Bulger era central para a história. De fato, Whitey chegara a cumprir nove duríssimos anos em prisão federal, alguns em Alcatraz, por uma série de roubos a banco, à mão armada, na década de 1950. Mas, desde seu retorno a Boston, em 1965, ele não fora autuado sequer uma vez, nem por infração de trânsito. Nesse meio-tempo, sua ascensão nas fileiras do submundo de Boston foi constante. De temido soldado raso na gangue Winter Hill, ele galgara os degraus do estrelato ao status de mais famoso chefe do submundo da cidade. Em certo ponto da trajetória, associara-se ao assassino Stevie "Homem-Rifle" Flemmi, e dizia-se que estavam empreendendo uma jornada criminosa inexorável rumo à fama e à riqueza graças à capacidade de levar a melhor sobre os investigadores que tentavam reunir evidências contra eles.

No fim dos anos 1980, contudo, as polícias municipal e estadual, além dos agentes de narcóticos federais, chegaram a uma nova teoria sobre a ficha imaculada de Bulger. Diziam que, sem dúvida, o homem era astuto e extremamente cuidadoso, mas sua capacidade de se evadir à lei, como um verdadeiro Houdini, era sobrenatural. Para eles, havia algum trabalho interno. Argumentavam que Bulger estava ligado ao FBI, que, por sua vez, secretamente lhe fornecera cobertura ao longo de todos aqueles anos. Que outra explicação para o completo e rematado

fracasso de todas as tentativas de enquadrar o homem? Mas a teoria tinha um porém: ninguém que a propôs foi capaz de apresentar uma prova irrefutável.

* * *

Para nós, a ideia parecia forçada, até um tanto conveniente.

Para Cullen, que morava em South Boston, ela ia contra tudo que se sabia a respeito de um gângster com a reputação de ser um mafioso a toda prova, um chefão do crime que exigia total lealdade dos comparsas. Era algo que desafiava a cultura do mundo de Bulger, South Boston e sua herança irlandesa. Os irlandeses sempre nutriram um ódio particularmente arraigado por informantes. Já vimos, alguns de nós mais de uma vez, o famoso filme de John Ford de 1934, *O delator*, com seu retrato atemporal e inigualável do horror e da repulsa que os irlandeses sentem por eles. Num contexto mais local, havia a história de uma escuta em South Boston que se tornou um clássico nos círculos criminosos da cidade. A gravação clandestina capturou um subalterno de Bulger conversando com a namorada:

— Eu odeio esses ratos do caralho — queixou-se John Shea.
— Eles são a mesma merda que um estuprador e um molestador de criança. — E o que ele faria se encontrasse um informante?
— Eu amarrava o cara na cadeira, ok? Então pegava um bastão de beisebol e dava minha melhor tacada na cabeça dele. Depois ficava só olhando a porra da cabeça sair voando. Daí pegava uma serra elétrica e cortava os dedos fora.

— A gente se fala mais tarde, querido — respondeu a namorada.

Esse era o mundo de Whitey, em que os sentimentos sobre informantes calavam fundo em todas as camadas da sociedade local, da escória à classe alta. Até seu irmão Billy externou uma versão mais refinada do ponto de vista manifestado por Shea.

Em seu livro de memórias de 1996, recordou uma ocasião em que ele e alguns amigos de infância jogavam beisebol e quebraram uma luminária de rua. Os meninos foram avisados que teriam a bola de volta assim que identificassem o autor do estrago. Ninguém abriu o bico. “Odiávamos informantes”, escreveu Billy Bulger. “Nosso folclore sangrava com os nomes dos informantes que haviam vendido os irmãos para carrascos ou coisa pior nas terras de nossos ancestrais.”

Uma vez que era também esse o folclore de Whitey, nós quatro, em 1988, ficamos incrédulos acerca do boato de ele ser informante. Examinamos a teoria de todos os ângulos e concluímos: impossível. A alegação só podia corresponder a ataques infundados e irresponsáveis de investigadores exasperados que fracassaram na tentativa de prender Whitey Bulger. A ideia de Bulger como informante soava absurda.

Mas a suspeita continuou incomodando, uma comichão irresistível que permanecia à flor da pele. E se fosse mesmo verdade?

Em 1988, a grande notícia em Boston foi a candidatura a presidente do governador de Massachusetts, Michael Dukakis, mas, durante todos os meses de campanha presidencial ficamos cada vez mais intrigados e envolvidos com a história de Whitey. Assim, Cullen voltou à pesquisa, e Lehr o acompanhou. Houve novas entrevistas com os investigadores que haviam tocado Bulger e tentado obter evidências contra ele. Os investigadores revisaram minuciosamente o material, mas o final era sempre o mesmo: Bulger em liberdade, livre de qualquer acusação e ileso, olhando por cima do ombro e rindo ao se afastar. Falaram sobre um certo agente do FBI, John Connolly, que, assim como os irmãos Bulger, crescera em Southie. Connolly fora visto na companhia de Whitey.

Escrevemos ao FBI em Boston e, baseados na Lei de Liberdade de Informação, requisitamos arquivos de inteligência e

material sobre Bulger. Foi uma mera formalidade; que o pedido tenha sido negado não constituiu surpresa. Mas decerto não poderíamos escrever um artigo declarando que Bulger era informante do FBI. Tínhamos apenas a forte suspeita — e nenhuma prova — vinda de outros órgãos da lei. O FBI não confirmaria a suspeita. Concluímos que o melhor que tínhamos era uma história sobre como Bulger dividira as forças da lei locais. Seria uma matéria sobre a cultura policial, com os policiais e os agentes de narcóticos saindo sempre de mãos abanando e depois aludindo a suas sinistras suspeitas contra o FBI. Em certo sentido, Bulger dividira e conquistara; ele vencera.

* * *

O submundo de Boston e a interação dos investigadores envolviam suspenses, ilusões; a ideia de Bulger como informante ainda nos parecia improvável. Mesmo assim, empreendemos um último esforço de reportagem para testar o que havíamos escutado com nossas fontes no FBI. A essência da reportagem está descrita no capítulo 16 deste livro. No fim, conseguimos confirmar, dentro do FBI, que o impensável era verdade: Bulger era informante do bureau, e foi assim por anos.

A matéria saiu em setembro de 1988, e os oficiais do FBI locais a negaram com veemência. Em Boston, os agentes estavam acostumados a manipular a imprensa, fornecendo informação a repórteres agradecidos por um furo que, é claro, sempre deixava o FBI bem na foto. Nesse contexto, não foi surpresa que a divisão de Boston bancasse a parte ofendida, traída. E muitos acataram a reação — afinal, quem tinha mais credibilidade? O FBI, os orgulhosos homens do governo que vinham recebendo cobertura favorável por dismantelar a Máfia italiana? Ou um grupo de jornalistas que o FBI pintava como pessoas com interesses escusos? Com a total improbabilidade

de Bulger ser informante e a pura veemência das negações oficiais, a matéria foi vista como especulação, não como a sinistra verdade.

Quase uma década se passaria até que a justiça intimasse o FBI a confirmar o que repudiara com firmeza por tanto tempo: Bulger e Flemmi haviam de fato sido informantes: Bulger desde 1975, e Flemmi antes disso. As revelações foram feitas em 1997, no início de uma investigação sem precedentes da justiça federal sobre os laços de corrupção do FBI com Bulger e Flemmi. Em 1998, dez meses de depoimentos sob juramento e pilhas de arquivos antes secretos revelaram um alarmante padrão de conduta indevida: dinheiro mudando de mãos entre informantes e agentes; obstrução da justiça e múltiplos vazamentos no FBI para proteger Bulger e Flemmi de investigações em outras agências; trocas de presentes e lautos jantares entre agentes e informantes. Muitos comentários dos agentes revelavam uma arrogância inequívoca — era como se fossem os donos da cidade. Foi fácil imaginar o FBI, Bulger e Flemmi comemorando seu segredo, erguendo as taças de vinho e brindando ao sucesso em passar a perna nas polícias estadual e municipal, e nos agentes de narcóticos federais que vinham tentando reunir evidência contra eles sem nunca descobrir o esquema.

* * *

Claro que o caso Bulger não representa a primeira vez que o problema envolvendo agentes e informantes estourou publicamente para o FBI. Em meados da década de 1980, um agente veterano em Miami admitiu ter recebido 850 mil dólares de suborno do informante durante um caso de tráfico de drogas. Um episódio mais conhecido é o de Jackie Presser, antigo presidente do Sindicato dos Caminhoneiros, que atuou como informante do FBI por uma década, até morrer, em julho de 1988.

Os responsáveis por Presser no bureau foram acusados de mentir para protegê-lo de um indiciamento em 1986. No fim, um supervisor foi exonerado.

Mas o escândalo Bulger é o pior de todos, uma história exemplar que versa, mais fundamentalmente, sobre abusos de poder sem controle. O arranjo pode ter feito sentido no início, como parte da cruzada do FBI contra a Cosa Nostra. Em parte com a ajuda de Bulger e, sobretudo, de Flemmi, os principais chefes da Máfia já tinham sumido de cena na década de 1990, substituídos bem antes por um bando de mequetrefes esquecíveis com apelidos inesquecíveis. Bulger, por sua vez, foi o chefão criminoso que, ao longo dos anos, figurou com destaque no submundo. Whitey era a figura pública, e ele e Flemmi, as principais peças no campo de jogo.

Um “informante de escalão superior” significa alguém que supre o FBI com segredos em primeira mão sobre figuras do crime organizado no mais alto nível. As diretrizes do FBI exigem que eles sejam monitorados de perto pelos responsáveis no bureau. Mas o que acontece se é o informante quem passa a monitorar os agentes? O que acontece se, em vez de ser o FBI, é o informante quem controla, e o FBI passa a chamá-lo de “*good bad guy*” — um bandido bonzinho?

O que acontece se o FBI tira de circulação os inimigos do informante, que por sua vez ascende ao topo do submundo? E se o FBI protege o informante avisando sobre investigações conduzidas por outros órgãos policiais?

O que acontece se os homicídios começam a se acumular, sem solução? Se os trabalhadores são ameaçados e extorquidos, sem ter a quem recorrer? Se repetidas vezes um cartel de cocaína engana os investigadores? Se elaboradas operações de escuta do governo custam milhões dos contribuintes mas vazam e são arruinadas?

Isso jamais poderia ter acontecido, não é? Como um acordo entre o FBI e um informante de escalão superior pôde chegar a esse ponto?

Mas chegou.

Hoje sabemos que o acordo entre Bulger e o FBI era mais profundo, sórdido e pessoal do que qualquer um imaginara, e foi sacramentado numa noite enluarada de 1975 entre dois filhos de Southie: Bulger e um jovem agente do FBI chamado John Connolly.

DICK LEHR E GERARD O'NEILL

Boston, abril de 2000

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO ATUALIZADA

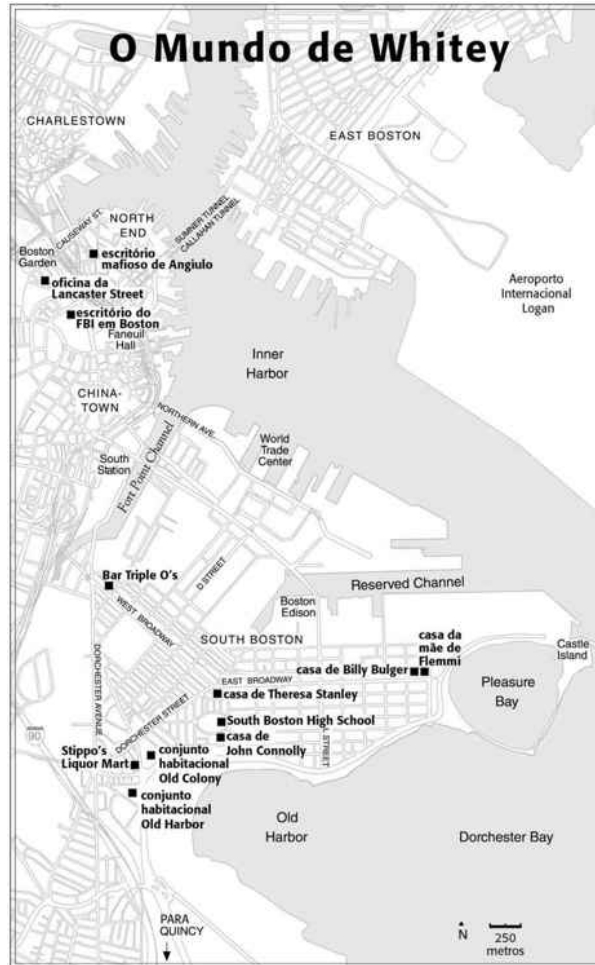
Há doze anos, publicamos nos Estados Unidos a primeira edição de *Aliança do crime*. É uma grande alegria que a PublicAffairs, nossa editora original, esteja lançando uma edição nova e atualizada. Bastante coisa aconteceu desde a primeira publicação. Muitos dos assim chamados poderosos caíram, de agentes federais corruptos do passado e do presente até o alto escalão da gangue de Bulger. Desde o lançamento de *Aliança do crime*, uma série de outros livros foi publicada sobre Bulger e o FBI, criando, na prática, um gênero Bulger todo próprio: livros de outros jornalistas, livros de memórias ao estilo “contando tudo” escritos por antigos membros da gangue de Bulger e, mais recentemente, relatos internos escritos por investigadores que perseguiram Bulger e acabaram topando com algum agente do FBI corrupto a bloquear o caminho. Em 6 de novembro de 2008, o agente federal no centro do escândalo, John J. Connolly Jr., foi condenado por homicídio de segundo grau ao conspirar com Bulger para o assassinato de um homem disposto a cooperar com investigadores numa ação contra os dois. Hoje com 71 anos, Connolly está preso numa penitenciária da Flórida. E o mais significativo: após se tornar fugitivo da justiça em 1995 e figurar na lista dos dez mais procurados do FBI, o personagem central do escândalo histórico, James J. “Whitey” Bulger Jr., foi capturado em 22 de junho de 2011, em Santa Monica, Califórnia, onde se escondera à plena vista, levando uma vida de aposentado ao lado de sua companheira de longa data, Catherine Greig. *Aliança do crime* é uma narrativa sobre o sinistro acordo do FBI com Bulger que revela suas origens, o

reinado de terror do gângster durante os anos 1980 sob os auspícios do FBI e, por fim, a revelação pública durante a década de 1990 da profunda e perniciosa corrupção da agência federal. Com novos acontecimentos surgem novas informações, e somos gratos por ter a chance de atualizar a história do FBI e de Bulger neste livro.

DICK LEHR E GERARD O'NEILL

Janeiro de 2012

O Mundo de Whitey



PARTE UM

“O Príncipe das Trevas é um cavalheiro.”
William Shakespeare, *Rei Lear*, ato 3, cena 4

CAPÍTULO UM

1975

Sob a lua cheia, o agente do FBI John Connolly entrou com seu Plymouth surrado numa vaga de estacionamento junto à Wollaston Beach. Às suas costas, as águas marulhavam e, mais além, as luzes de Boston cintilavam. A cidade de Quincy, centro de construção naval que faz fronteira com o sul de Boston, era o local perfeito para o tipo de encontro que Connolly tinha em mente. A rua ao longo da praia, Quincy Shore Drive, dava direto na Southeast Expressway. Na direção norte, qualquer saída próxima da via expressa levava direto a South Boston, bairro onde Connolly e seu “contato” haviam crescido. Usando essas ruas, o trajeto de ida e volta para Southie levava apenas alguns minutos. Mas não foi só a conveniência o principal motivo para a escolha do lugar: acima de tudo, tanto Connolly quanto o homem que deveria encontrar não queriam ser vistos juntos no bairro de infância.

Entrando de ré na vaga junto à praia, Connolly se acomodou no Plymouth e começou a espera. Nos anos seguintes, Connolly e o homem que ele aguardava nunca se afastariam muito um do outro. Os dois tinham Southie em comum, e moraram e trabalharam sempre no raio de mais ou menos um quilômetro de distância num submundo povoado por investigadores e gângsteres.

Mas isso viria mais tarde. Por ora, Connolly aguardava ansiosamente em Wollaston Beach, o ronco do motor abafando o que parecia um zumbido elétrico da atmosfera carregada no interior do carro. Transferido para sua cidade natal um ano antes,

ele estava pronto para deixar sua marca na divisão de Boston da agência policial de elite da nação. Tinha apenas 35 anos, e essa seria sua grande chance. Seu momento no FBI chegara.

O ousado agente amadurecia trabalhando num FBI que lutava contra um raro revés nas relações públicas. No Congresso, sindicâncias sobre abusos haviam confirmado que o falecido diretor J. Edgar Hoover armazenara por muitos anos informações sobre a vida privada de políticos e figuras públicas em arquivos secretos. Principal alvo do FBI, a Máfia também constava no noticiário. Agitando-se em torno do turbilhão havia sensacionais revelações envolvendo uma parceria bizarra entre a CIA e a Máfia, também descoberta durante as investigações no Congresso. Falava-se de um acordo entre a CIA e os mafiosos para matar o líder cubano, Fidel Castro, e complôs de assassinato que envolviam canetas e charutos envenenados.

Parecia que, de repente, a Máfia estava por toda parte, e todo mundo queria tirar casquinha da misteriosa e, de certo modo, glamorosa organização, incluindo Hollywood. A obra-prima cinematográfica de Francis Ford Coppola, *O poderoso chefão — parte 2*, fora exibida para um enorme público no ano anterior. Meses antes daquele encontro, o filme faturara uma porção de Oscar. O FBI de Connolly estava profundamente empenhado em seu tão propalado ataque contra a Cosa Nostra. Era a prioridade nacional do FBI, uma guerra para reverter a má imagem na imprensa, e Connolly tinha um plano em andamento para incrementar a causa.

O agente esquadrinhou a rua à beira-mar, vazia àquela hora. De vez em quando, um carro passava pela Quincy Shore Drive. O bureau queria a Máfia, e, para reunir evidências contra ela, os agentes precisavam de informações. Para obtê-las, precisavam de infiltrados. No FBI, o valor de um homem se media pela capacidade de cultivar informantes. Connolly estava no bureau havia sete anos, sabia que isso era verdade e estava

determinado a se tornar um dos principais agentes — um agente com o toque certo. O plano: conseguir o acordo que outros no escritório de Boston tinham tentado, mas sem sucesso. John Connolly estava prestes a fisgar Whitey Bulger, o gângster elusivo, astuto e extremamente inteligente que já era uma lenda em Southie. Usar a escada não fazia o gênero do estiloso carreirista do FBI. Ele era um homem de elevadores, e Whitey Bulger o levaria ao último andar.

O bureau andava de olho em Bulger havia algum tempo. Antes, um agente veterano chamado Dennis Condon também fizera sua tentativa. Os dois se encontraram e conversaram, mas Whitey ficou com o pé atrás. Em maio de 1971, Condon conseguiu extrair extensa informação interna de Whitey sobre uma guerra de gangues irlandesa que estava dominando o submundo da cidade — quem se aliara a quem, quem visava quem. Era um panorama completo e detalhado, acompanhado pela enumeração dos personagens-chave. Condon chegou a abrir uma pasta de informante para Whitey nos arquivos. Mas, tão rapidamente quanto colaborou, Whitey se fechou em copas. Eles se encontraram diversas vezes ao longo do verão, mas as conversas azedaram. Em agosto, Whitey continuava “relutante em fornecer informação”, relatou Condon. Em setembro, o agente jogara a toalha. “Os contatos com o indivíduo supra têm sido improdutivos”, escreveu em seus arquivos no FBI, a 10 de setembro de 1971. “Consequentemente, o assunto está sendo encerrado.” Nunca se soube ao certo o motivo exato para Whitey ter se aberto e depois fechado o bico. Talvez a natureza absolutamente irlandesa da informação que fornecera tivesse se provado inquietante. Talvez fosse uma questão de confiança: por que Whitey Bulger deveria confiar em Dennis Condon, do FBI? Em todo caso, a pasta de Whitey foi engavetada.

Em 1975, Condon estava se preparando para sair, de olho na aposentadoria iminente. Mas ele treinara Connolly, e o agente

mais novo estava ávido por reabrir o arquivo de Whitey. Afinal, levava para a mesa algo que ninguém mais tinha: ele conhecia Whitey Bulger. Crescera num prédio de tijolos próximo à casa dos Bulger, no conjunto habitacional Old Harbor, em South Boston. Whitey era onze anos mais velho do que Connolly, mas o agente exalava confiança. Os velhos laços do bairro lhe proporcionavam a influência que os demais do escritório de Boston não tinham.

Então, de repente, a espera terminou. Sem aviso, a porta do passageiro foi aberta, e Whitey Bulger entrou no Plymouth. Connolly levou um susto, surpreendido pela rapidez com que o outro chegou e por ser pego com a guarda baixa. Ele, um agente federal treinado, deixara a porta do carro destrancada.

“Que diabos você fez? Caiu aqui de paraquedas?”, perguntou quando o gângster se acomodou no assento do passageiro. Connolly imaginara que o homem chegaria de carro e encostaria ao lado do seu. Bulger explicou que estacionara numa das ruas laterais e caminhara ao longo da praia. Havia esperado até ter certeza de que não tinha ninguém por perto, então se aproximara por trás, vindo da direção do mar.

Connolly, um dos mais novos agentes no prestigioso Esquadrão de Crime Organizado, tentou se acalmar. Whitey, que acabara de completar 46 anos em 3 de setembro, estava no assento do carona, mais autoconfiante do que seus pouco mais de 1,70 metro e meros 75 quilos poderiam dar a entender. Era musculoso e estava em boa forma, tinha olhos azuis penetrantes e o cabelo louro característico, penteado para trás. Sob a proteção da escuridão, os dois começaram a conversar, e então Connolly, devidamente servil com o morador mais velho de seu bairro, que além do mais era um ícone, fez sua oferta: “Você devia pensar em usar seus amigos na lei.”

* * *

Foi este o argumento de Connolly: você precisa de um amigo. Mas por quê?

No outono de 1975, a vida na cidade era tumultuosa e mudava de maneira imprevisível. Do ponto onde estavam na praia deserta, os dois viam a linha do horizonte de Boston além do mar. Na época, os bostonianos estavam em êxtase com a inesperada boa sina de seu Red Sox. Yaz, Luis Tiant, Bill Lee, Carlton Fisk, Jim Rice e Fred Lynn — que, ao final da temporada, seria premiado não só como a revelação do ano, mas também como o jogador mais valioso da American League, uma das ligas de beisebol que compõem a Major League Baseball, principal liga de beisebol do país — estavam em meio a uma gloriosa disputa pelo título da World Series contra os poderosos Cincinnati Reds.

Só que mais perto de casa o mundo era sombrio e instável.

O pesadelo do transporte entrara no segundo ano. Em 1974, o bairro de Roxbury se transformara numa zona de guerra após um mandado da justiça federal ordenar o transporte escolar dos alunos negros do bairro até a South Boston High School, de modo a obter equilíbrio racial nas escolas públicas segregadas da cidade. O restante do país ficou sintonizado, e as pessoas começaram a conhecer Southie por meio de imagens transmitidas pela TV e por fotos na primeira página dos jornais exibindo a polícia em tumultos, policiais estaduais patrulhando corredores de escola, atiradores de elite no alto de prédios e legiões de negros e brancos berrando cantos de ódio mútuo. O Pulitzer de fotografia em 1976 foi concedido à chocante imagem de um negro sendo agredido com uma bandeira americana durante um distúrbio na frente da prefeitura. Por todo o país, o bairro foi visto através do prisma de um vidro quebrado — uma sangrenta, traumática e horrível primeira impressão.

O irmão mais novo de Whitey, Billy, estava no olho desse furacão. Como todos os líderes políticos do bairro, Billy Bulger, um senador estadual, era inimigo jurado do transporte escolar

imposto pela justiça. Ele nunca questionou o veredito federal de que as escolas da cidade eram terrivelmente segregadas. No entanto, opunha-se a ferro e fogo contra qualquer paliativo que forçasse os alunos a deixar seus distritos escolares. Ele viajara a Washington, D.C., para protestar e apresentar argumentos diante da delegação de congressistas, e, lá, proferiu seu discurso para um grupo de pais que se opunham ao transporte sob chuva torrencial. O senador estadual execrava a visão que as pessoas de fora vinham tendo de seu bairro e denunciava o “retrato incansável, calculado, inadmissível que fazem de cada um de nós, de que somos racistas retrógrados, veiculado na imprensa nacional e na local, no rádio e na TV”. Para ele, a questão era a legítima preocupação de seus vizinhos com o bem-estar e a educação dos filhos. Quando estava no bairro, Billy Bulger se pronunciava regularmente contra a indesejada intervenção federal.

Mas a lei de transporte seguia vigorando, e o verão recém-terminado não fora nada bom. Em julho, seis jovens negros haviam ido de carro até Carson Beach, em South Boston, e se envolvido numa briga com uma gangue de rapazes brancos, e o resultado foi que um dos negros terminou hospitalizado. Quando novo, John Connolly trabalhara como salva-vidas nas praias de South Boston, assim como Billy Bulger antes dele, mas as areias também haviam se tornado campo de batalha. Num domingo de agosto, helicópteros da polícia circularam sobre Carson Beach, e barcos da Guarda Costeira patrulharam as águas, enquanto mais de mil cidadãos negros seguiam numa enorme carreata à beira-mar. A “investida” na praia foi acompanhada por mais de oitocentos policiais uniformizados. As câmeras filmaram.

Na época em que Connolly providenciara o encontro com Whitey na Wollaston Beach, as escolas haviam sido reabertas. Boicotes de alunos e brigas entre negros e brancos eram ocorrências regulares. Achando que pudesse ajudar a aliviar a

tensão racial, as autoridades pela primeira vez tentaram promover a integração na equipe de futebol da South Boston High School. Mas os quatro jogadores negros que se apresentaram para o primeiro treino precisaram de proteção policial.

O bairro estava dividido e Connolly sabia, sentia essa dor, porque aquele também era seu bairro, e ele usara esse vínculo ao marcar o encontro com Bulger. Mas, embora o vínculo tivesse lhe rendido uma conversa com Whitey, ele precisaria persuadir seu herói de infância a fazer um acordo. Acima de tudo, Connolly queria explorar os distúrbios mais amplos do submundo que fermentavam entre a Máfia de Boston e uma gangue à qual Bulger se associara na cidade vizinha de Somerville. Encarregado do crime organizado em Southie, a essa altura Bulger passara a trabalhar com o chefe do crime em Somerville, Howie Winter. A gangue operava com base numa oficina mecânica da área de Winter Hill da cidadezinha, logo do lado oeste do rio Charles. No ano anterior, Whitey agira em parceria com outro membro da gangue, Stevie “Homem-Rifle” Flemmi. Os dois se deram bem, descobriram que tinham certas coisas em comum e começaram a andar juntos.

Quando Connolly e Bulger se encontraram, o jovem agente fizera a lição de casa. Ele sabia que Bulger e a gangue Winter Hill enfrentavam a ameaça em duas frentes de uma máfia local que por décadas era controlada pelo poderoso subchefe Gennaro J. Angiulo e seus quatro irmãos. No momento, ocorria a disputa entre as duas organizações pela instalação de máquinas de venda automática por toda a região. Mafiosos tinham ameaçado resolver a questão à bala. Com toda essa instabilidade, argumentou Connolly, amigos viriam a calhar para um sujeito como Bulger.

Além disso, Angiulo era manhoso e inescrutável. O mafioso costumava armar a prisão dos que não lhe eram mais úteis. Por

exemplo, anos antes um soldado da Máfia escapara de seu controle. Reza a lenda que Angiulo procurara seus contatos no Departamento de Polícia de Boston, e o renegado não tardou a ser detido sob falsas acusações após os policiais corruptos terem plantado armas em seu carro. Ninguém sabe ao certo se Angiulo era de fato capaz de manipular uma prisão como essa. Mas a história circulou, e Whitey Bulger e o resto da gangue de Howie Winter acreditavam nela. Como Connolly bem sabia, convicção sobre a veracidade de algo era tudo que importava de verdade.

— E se três policiais me pararem à noite e disserem que eu tinha uma metralhadora no carro? Em quem o juiz vai acreditar? Em mim ou nos três policiais? — Bulger estava claramente preocupado com uma possível armação de Angiulo.

Connolly se fez valer dessas contracorrentes de paranoia no submundo.

Os dois estavam no Plymouth, as luzes da cidade tremeluzindo na água.

— Você devia usar seus amigos na lei — salientou Connolly, frase que levou Bulger a encarar o agente intensamente, pressentindo uma abertura capaz de lhe proporcionar vantagem.

— Quem? — perguntou Whitey, finalmente. — Você?

— É — respondeu Connolly para o homem impiedoso que usava as pessoas e as jogava fora. — Eu.

* * *

A proposta de Connolly era simples: Bulger devia entregar a Cosa Nostra e deixar que o FBI cuidasse do resto. Connolly lembrou o gângster de que “se nós do FBI estivermos perseguindo a Máfia, vai ser muito difícil a Máfia perseguir vocês”.

No momento em que Connolly dera a entender que queria um encontro, Bulger sabia o que o FBI queria. Por semanas, já vinha

trabalhando a proposta, pesando prós e contras, visualizando os ângulos e potenciais benefícios. Chegara a consultar Stevie Flemmi. Bulger tocou no assunto quando os dois estavam em Somerville, na Marshall Motors, oficina mecânica de Howie Winter. Com apenas um andar, a garagem era um prédio inconspícuo feito de blocos de concreto. Parecia um bunker e servia de fachada para a infinidade de negócios ilegais da gangue, que desde 1973 haviam se expandido e passado a arranjar resultados em corridas de cavalos por toda a Costa Leste.

Bulger contou a Flemmi que o agente federal John Connolly estava fazendo uma oferta por seus serviços. “O que acha?”, perguntou Bulger quando ficaram a sós. “Devo me encontrar com ele?”

A pergunta pairou no ar. Mais tarde, Flemmi concluiu que, se Whitey Bulger lhe confidenciara uma proposta do FBI, estava sinalizando que já sabia algo sobre o “status” secreto do próprio Flemmi, que tinha um passado com o FBI de Boston, e que passado. Ele fora recrutado como informante pela primeira vez em meados dos anos 1960. Flemmi adotou o codinome “Jack de South Boston” para tratar com seu responsável no bureau, um agente chamado H. Paul Rico (parceiro de Dennis Condon).

Rico, um elegante agente veterano que gostava de vestir sobretudo Chesterfield e usar abotoaduras francesas, mantinha Flemmi por seu acesso à Máfia da região da Nova Inglaterra. Ele não era membro, mas conhecia todos os seus atores principais e, com frequência, estava em sua companhia. A Máfia gostava de Flemmi, um ex-paraquedista do exército que saíra de um centro de detenção juvenil com 17 anos para cumprir dois desdobramentos na Coreia com o 187º Grupo de Combate Regimental Aerotransportado. Flemmi tinha a reputação de ser um assassino impiedoso, apesar de seu físico diminuto: 1,70 metro de altura e 64 quilos. Ele atuava por conta própria,

baseado no Marconi Club, em Roxbury, propriedade sua que combinava casa de apostas, salão de massagem e bordel, onde pegava recados, atendia a telefonemas e marcava reuniões. Flemmi era um sujeito popular, de cabelo castanho cacheado e olhos da mesma cor, apreciador de carros e da companhia de jovens mulheres na noite.

Até o chefe da região da Nova Inglaterra, Raymond L. S. Patriarca, manifestava seu apreço por ele. No inverno de 1967, Flemmi foi convocado a Providence. Almoçou com Patriarca e o irmão do mafioso, Joe, e o evento se estendeu pela tarde afora. Conversaram sobre família. Patriarca perguntou-lhe de onde na Itália eram seus pais. Conversaram sobre negócios. O chefe prometeu levar carros para a nova oficina de funilaria que Flemmi abrisse. Conversaram um pouco sobre o irmão de Flemmi, Jimmy “Urso”, que cumpria pena por tentativa de homicídio. Num gesto de amizade, Patriarca deu a Flemmi 5 mil dólares em dinheiro para sua nova oficina.

Em Boston, Flemmi andava na maior parte do tempo com um colega de infância, Frank Salemme, cujo apelido era “Cadillac Frank”. Os dois haviam crescido em Roxbury, onde a família de Flemmi morava no conjunto habitacional Orchard Park. Seu pai, Giovanni, um imigrante italiano, trabalhava como pedreiro. Flemmi e Salemme atuavam juntos nas ruas como soldados, agenciadores de apostas e agiotas. Frequentavam o North End, bairro italiano fortemente unido onde o subchefe Gennaro Angiulo mantinha seu escritório, e muitas vezes terminavam em festas tarde da noite, na companhia do bebedor Larry Zannino.

Zannino era o mafioso violento e cruel em quem Angiulo confiava para usar de força bruta nas empreitadas da Cosa Nostra em Boston. Zannino, por sua vez, confiava em Flemmi e Salemme para empregar parte de seu dinheiro de agiotagem nas ruas. Mas, se por um lado todo mundo gostava de Flemmi, o

sentimento não era mútuo. Ele não confiava no North End, tampouco em Angiulo, e menos ainda em Zannino. Quando bebiam juntos, Flemmi pegava leve e tomava cuidado para não baixar a guarda. Mas Zannino e os outros não notavam e se tornaram cada vez mais amigos de Flemmi. No verão de 1967, por exemplo, houve a noite no restaurante Giro's, na Hanover Street, passada com um bando de mafiosos locais: Zannino, Peter Limone, Joe Lombardi. Flemmi estava com Salemme. Eles comeram e beberam, então Zannino insistiu que fossem para um bar nas proximidades, Bat Cave.

Após tantos copos e com a voz empastada, Zannino e Limone deram a entender que haviam decidido afiançar Flemmi e Salemme “para serem membros da organização”.

Dando-se ares de importância, Peter Limone então passou os braços em torno de Flemmi e Salemme. “Normalmente, antes de virar membro o cara tem que apagar alguém”, confidenciou o mafioso mais velho. “Além de tudo, eu precisaria ir junto, como responsável, para verificar se fizeram mesmo o serviço e informar como se saíram. Mas, com a reputação de vocês dois, talvez isso não seja necessário.”

Mas Flemmi não tinha intenção de se juntar à Máfia e resistiu à abordagem. Para começar, não ia com a cara do brutal Zannino, que era capaz de abraçar você num momento e estourar seus miolos no seguinte. O mesmo valia para Angiulo. Além do mais, Flemmi tinha Rico, e vice-versa.

Dada a guerra de gangues e todas as voláteis alianças, a vida de Flemmi estava nas mãos de quem chegasse primeiro. Mais de uma vez ele dissera a Rico que “era alvo preferencial para uma execução” e, em outros informes, Rico reportou que Flemmi não tinha endereço permanente porque, se “a casa ficar conhecida, provavelmente vão tentar acabar com sua vida”. Flemmi passou a confiar cada vez mais nos alertas de Rico quanto a qualquer problema que o FBI identificasse por meio de outros informantes.

Mais do que isso, Flemmi passou a esperar que Rico não o pressionasse para saber de suas atividades criminosas — a jogatina, a agiotagem, muito menos os assassinatos. Na primavera de 1967, após o desaparecimento do gângster Walter Bennett, Flemmi contou a Rico: “O FBI não deveria perder tempo procurando por Walter Bennett na Flórida, nem em lugar algum, porque não vai encontrar”. Rico perguntou o que acontecera de fato com Bennett. Flemmi deu de ombros e respondeu que não fazia “o menor sentido conversar sobre o paradeiro de Walter”, e que seu sumiço era melhor para todos. Rico simplesmente deixou por isso mesmo. No fim dos anos 1960, Flemmi era suspeito da chacina de vários membros de gangue, mas o FBI jamais o pressionou seriamente para falar sobre os assassinatos.

No início de setembro de 1969, Flemmi foi finalmente indiciado por júris secretos em dois condados. No condado de Suffolk, foi acusado pelo homicídio do irmão de Walter Bennett, William, morto a tiros no fim de 1967 e jogado de um carro em movimento na área de Mattapan, de Boston. Depois, no condado de Middlesex, Flemmi e Salemme foram acusados pela explosão no carro de um advogado, que arrancou a perna da vítima.

Pouco antes da sentença, Flemmi recebeu um telefonema.

Era o início da manhã e Paul Rico estava no outro lado da linha. “Foi uma conversa muito curta, breve”, lembrou Flemmi. “Ele me contou que as acusações seriam formalizadas e sugeriu que eu e meu amigo caíssemos fora de Boston imediatamente, ou qualquer coisa nesse sentido.”

Flemmi fez exatamente como instruído. Mandou-se de Boston e passou os quatro anos e meio seguintes foragido, primeiro em Nova York e depois, na maior parte, em Montreal, onde trabalhou como impressor num jornal. Durante o período, ligou para Rico várias vezes, e o amigo o manteve informado do andamento dos processos. Rico não passou adiante qualquer informação sobre o

paradeiro de Flemmi para os investigadores de Massachusetts que tentavam rastreá-lo.

Ainda que Rico houvesse instruído Flemmi de que ele não devia se considerar empregado do FBI e tivesse conversado sobre parte das outras diretrizes básicas do bureau para os informantes, os dois encaravam a maior parte das instruções como uma incômoda formalidade. O importante era que Rico prometera a Flemmi que manteria a confidencialidade sobre o fato de ele ser informante, o que se constituía fundamental para a aliança. Era uma garantia que a maioria dos agentes normalmente dava a seus informantes, uma garantia tida como “sagrada”. Mas, para Rico, a promessa era sagrada a qualquer custo, mesmo se exigisse que ele cometesse o crime de auxiliar e encorajar um fugitivo. Rico prometeu que, enquanto Flemmi trabalhasse como seu informante, ele tomaria as providências para que não o processassem por atividades criminosas.

Por motivos óbvios, um acordo como esse se mostrara vantajoso para Flemmi. Ele também apreciava o fato de que Rico não o tratava como algum tipo de gângster do mal. Rico não era o pomposo homem do governo preparado para borrifar o lugar com desinfetante assim que Flemmi deixasse o ambiente. Estava mais para um amigo e um igual. “Era uma parceria, acredito”, declarou Flemmi.

No fim, as acusações criminais contra Flemmi foram retiradas após testemunhas-chave terem dado para trás. E, em maio de 1974, Flemmi pôde encerrar a vida de fugitivo e voltou para Boston. Com a ajuda do FBI, ele sobrevivera às guerras de gangues e superara as acusações de homicídio e participação no atentado contra o advogado. Mas Flemmi não tinha a menor intenção de seguir uma vida honesta. Assim que regressou a Boston, associou-se a Howie Winter e voltou ao que sabia fazer melhor. E dessa vez estava ao lado de Whitey Bulger na Marshall Motors.

— Devo me encontrar com ele? — perguntara Bulger.

Flemmi refletiu por um momento. Não fazia um ano desde que voltara, e lhe parecia óbvio que as coisas estavam caminhando. Ficou claro para ele que algum novo arranjo estava em curso. Ele até se encontrara a sós com Dennis Condon, uma breve reunião num café onde foi apresentado a John Connolly. Flemmi encarou toda a conversa ao pé do ouvido como uma espécie de “transição”, com Connolly sendo preparado para assumir, por causa da transferência de Paul Rico para Miami e sua iminente aposentadoria. Com o tempo, é claro, Flemmi conhecera um lado bastante vantajoso no acordo com o FBI. Mas ele era apenas Steve Flemmi, não o já lendário Whitey Bulger.

Com cautela, Flemmi optou por uma resposta curta. Carregada de entrelinhas, mas, não obstante, breve.

— Provavelmente é uma boa ideia — respondeu. — Vai lá e fala com ele.

* * *

Connolly não tinha a menor pressa para tentar convencer Bulger. “Só quero que me escute”, disse dentro do carro na Wollaston Beach. Connolly se aproveitou com cuidado da ameaça em duas frentes que Bulger e sua gangue Winter Hill vinham enfrentando com a Máfia de Gennaro Angiulo: “Ouvi dizer que Jerry está passando informação para os federais pegarem você.” Conversaram sobre como Jerry Angiulo definitivamente contava com uma vantagem na competição, sendo capaz de recorrer a um policial corrupto para pedir favor. “A Máfia tem todos os contatos”, disse Connolly.

Então, Connolly foi em frente e citou a pendenga das máquinas automáticas. Comentou que vinham dizendo nas ruas que Zannino estava pronto para pegar em armas contra Bulger e

seus amigos da gangue Winter Hill. “Sei que está sabendo que a organização vai tentar alguma coisa contra você.”

O comentário deixou Bulger particularmente de orelha em pé. Na verdade, a Cosa Nostra e a Winter Hill sempre haviam encontrado um jeito de coexistir. Não que não houvesse disputas para resolver, mas os grupos estavam mais para parceiros cautelosos do que para inimigos à beira da guerra. O venenoso e imprevisível Zannino, o duas-caras da Máfia, era capaz de denunciar a Winter Hill durante um acesso de raiva e jurar fazer picadinho deles com uma saraivada de balas, mas no momento seguinte ficar melodramático e proclamar com ardor: “A Hill somos nós!” Verdade seja dita: na época, Gennaro Angiulo estava mais preocupado com as ameaças que vinha recebendo de um desertor italiano cabeça quente conhecido como “Bobby Brilhantina” do que com uma guerra iminente com a Winter Hill. Mas, para os propósitos de Connolly, era melhor enfatizar a rusga entre a Cosa Nostra e a Winter Hill a respeito das máquinas automáticas, e Connolly percebeu ali mesmo que acertara um ponto sensível do destemido Bulger ao mencionar o potencial para a violência na situação. Bulger ficou claramente enfezado.

— Acha que a gente não vence esse páreo? — retrucou.

Connolly de fato achava que Bulger poderia levar a melhor. Acreditava piamente que Whitey e Flemmi eram muito mais duros na queda do que Angiulo e seus rapazes — “matadores rematados”, era como chamava a dupla. Mas a questão não era essa.

— Tenho uma proposta: por que não usa a gente pra fazer com eles o que estão fazendo com você? Combater fogo com fogo.

O acordo era simples assim: Bulger devia usar o FBI para eliminar os rivais mafiosos. E, se isso por si só já não fosse motivo suficiente, caso Bulger cooperasse, o bureau deixaria de

tentar pôr as mãos nele. Na verdade, naquele momento havia outros agentes do FBI farejando e fazendo perguntas sobre as operações de agiotagem de Bulger.

— Trabalhe com a gente. Vamos proteger você — prometeu Connolly, assim como Rico prometera a Flemmi antes dele.

Bulger ficou claramente intrigado.

— Não dá pra sobreviver sem amigos dentro da lei — admitiu ele ao final da noite. Mas foi embora sem se decidir.

Duas semanas depois, Connolly e Bulger voltaram a se encontrar em Quincy, dessa vez para sacramentar o acordo.

— Tudo bem — afirmou Bulger —, me põe nessa. Se eles querem jogar dama, a gente vai jogar xadrez. Eles que se fodam.

Isso foi música para os ouvidos de John Connolly. Era incrível, mas ele acabara de recrutar Whitey Bulger para o FBI. Se manter informantes era considerado o ponto culminante do trabalho investigativo, Connolly passara a ser cachorro grande, concluiu ele com orgulho. Numa única jogada ousada, ele deixara todo o entediante trabalho burocrático para trás e passara a integrar uma nata composta por homens do naipe de Paul Rico, prestes a se aposentar. Se, para Connolly, Rico era o agente que servia de modelo para um monte de jovens reformistas do bureau, Bulger era a lenda do bairro, reverenciada por todos os rapazes em Southie. Connolly sentiu que o momento marcava a fusão mágica dos dois mundos.

Além do mais, esse acordo em particular gozava de um certo elã. O último gângster que qualquer um em Boston imaginaria ser informante do FBI era Whitey Bulger, de South Boston. De fato, com o passar dos anos Connolly sempre se mostrou sensível a essa aparente incongruência. Entre os colegas, ele raramente, se é que alguma vez, chamou Bulger de informante, delator, dedoduro ou caguete. Sempre ficava irritado quando, mais tarde, escutava alguém usar esses termos. Para ele, Bulger era uma “fonte”. Ou então usava expressões que Bulger pedia:

“estrategista” ou “ligação”. Era como se nem o próprio homem que convencera Whitey a virar a casaca acreditasse. Ou, talvez, desde o início o acordo fosse mais uma amizade renovada entre Johnny e Whitey, do Old Harbor, do que um entendimento formal com o FBI. E, embora John Connolly certamente estivesse pensando em sua carreira, o trato não tinha a ver com o que podia estar por vir, mas com o lugar de onde ele viera. Um círculo, uma volta, um laço: todas as ruas levavam a Southie.

Connolly sempre se mostrou respeitoso com Bulger, que era mais velho, e preferia tratá-lo pelo primeiro nome, Jim, em vez de usar o apelido das ruas que a mídia adotara. Essas coisas talvez pareçam detalhes, mas foram detalhes que tornaram o acordo palatável. Bulger, por exemplo, insistiu que forneceria informações apenas sobre a Máfia italiana, não sobre a irlandesa. Além do mais, insistiu que Connolly não contasse a seu irmão Billy, na época senador estadual, sobre a nova “transação”.

Havia uma ironia carregada e inescapável no acordo entre Bulger e o FBI, que se deu durante o segundo ano de transporte escolar forçado em South Boston. O panorama era bizarro. O povo de Southie, incluindo líderes como Billy Bulger, não conseguira repelir o governo federal, que estava varrendo a área para fazer valer a lei. As autoridades federais chegaram em grande número e eram odiadas. Essa era a dura realidade da vida pública dos moradores. Mas Whitey Bulger firmara um acordo que paralisaria os federais. O FBI precisava de Whitey e não contemplava a possibilidade de dar cabo dele. O resto do mundo podia pertencer aos federais, mas isso não valia para o submundo. Whitey encontrara uma forma de mantê-los afastados de Southie. Por vias tortas, ele fora bem-sucedido onde seu irmão falhara.

Na mesma hora, a estrada da informação ganhou movimento. Houve novos encontros. Bulger incluiu Flemmi, e firmou-se um

pacote de acordos. De sua parte, Bulger admitia claramente o valor de se juntar a Flemmi, dado o rico acesso deste aos mafiosos e ao tipo de informação que Connolly tanto desejava. Por sua vez, Flemmi tinha que reconhecer o valor de se associar a Bulger, não só por sua mente afiada, como pela condição de protegido, particularmente com Connolly. Flemmi percebia algo especial se passando entre Bulger e Connolly desde o início. “Eles tinham uma relação.”

Para Connolly, Flemmi era um recurso já utilizado, mas Bulger era dele, uma grande jogada para o FBI em Boston. Era um tremendo acordo, uma conquista louvável, e Connolly ficou encarregado de dois gângsteres de nível intermediário posicionados para ajudar o FBI na campanha declarada para enfraquecer as operações da Máfia. Mas o novo acordo não significava que Whitey refrearia seu estilo. Na verdade, apenas cinco semanas após o arquivo do informante Whitey Bulger ter sido oficialmente aberto, em 30 de setembro de 1975, ele realizou o primeiro assassinato em seu período com o FBI. Ele e Flemmi liquidaram um estivador de Southie chamado Tommy King. O crime foi parte briga por poder, parte vingança e, principalmente, questão de orgulho para Bulger. Bulger e King, que nunca haviam sido amigos, tiveram uma discussão certa noite num bar de Southie. A pancadaria começou. King derrubou Bulger e o socou até os outros enfim o tirarem de cima. A oportunidade do troco surgiu para Bulger em 5 de novembro de 1975. Sem dúvida encorajado por saber secretamente que o FBI sempre tentaria permanecer em bons termos com ele, Bulger atacou King com Flemmi e um comparsa. O estivador desapareceu de Southie e do mundo. Não surpreende que Bulger não tenha mencionado nada disso nos encontros com Connolly; pelo contrário, um dos primeiros relatórios de Bulger foi de que a inquietação da gangue irlandesa e o derramamento de sangue supostamente iminente entre Winter Hill e a Máfia havia

gorado — muito barulho por nada. As ruas estavam calmas, relatou Bulger.

E então começou.

CAPÍTULO DOIS

South Boston

Para esperar por Whitey em Wollaston Beach, John Connolly tinha primeiro que conseguir regressar de Nova York. Cadillac Frank Salemme, amigo de infância de Flemmi, seria sua passagem de volta para casa.

A prisão de Salemme aconteceu numa tarde nova-iorquina fria e de céu claro, em dezembro de 1972, quando mocinhos e bandidos se cruzaram na Third Avenue. De repente, um rosto na multidão chamou a atenção de Connolly, que pediu aos colegas de FBI que desabotoassem os casacos de inverno e sacassem as armas. Na neve, uma perseguição lenta, quase cômica, terminou com o vendedor de joias Jules Sellick, da Filadélfia, protestando que não era Frank Salemme, de Boston, procurado pela tentativa de assassinato de um advogado da Máfia. Mas era ele.

O jovem agente não tinha algemas e precisou apontar a arma, enfiar Salemme num táxi e gritar para o perplexo motorista levá-los à sede do FBI mais próxima, na East Sixty-ninth com a Third. A questão das algemas mereceu uma repreensão afável do chefe, mas houve sorrisos invejosos e tapinhas nas costas pela captura de um dos mafiosos mais procurados de Boston. Alguns ficaram admirados com o fato de Connolly ter sido capaz de reconhecer Salemme, mas não foi tanto uma questão de sorte, como pareceu. Um agente veterano no escritório do FBI em Boston fora com a cara de Connolly e mais cedo lhe enviara fotografias e lugares prováveis para encontrar Salemme, dicas que obtivera com relatórios de informantes. Foi um exemplo

perfeito de quão valiosos eles podiam ser. Para Connolly, a prisão de Cadillac Frank resultou numa transferência de volta para casa, uma volta extraordinariamente rápida para um agente com apenas quatro anos de serviço.

Em 1974, Salemme foi sentenciado a quinze anos de prisão, e Connolly estava de volta às ruas de sua infância. Na época, Bulger era o gângster irlandês proeminente no bairro notoriamente irlandês de South Boston. Quando Connolly regressou, Bulger acabara de solidificar seu domínio na jogatina e na rede de agiotagem em Southie, a culminação de uma ascensão lenta e constante que começara em 1965, ao ser libertado das prisões mais implacáveis do país.

Os dois falavam a mesma língua e partilhavam profundas raízes naquele lugar tribal. Achavam-se cada um numa ponta do estreito espectro de carreiras disponíveis para católicos irlandeses morando em isolamento na península que avançava pelo oceano Atlântico. O coeso bairro ficava separado do centro de Boston pelo Fort Point Channel e por um modo único de pensar. Por décadas, Southie fora o imigrante irlandês contra o mundo, lutando primeiro uma batalha perdida contra a vergonhosa discriminação dos comerciantes de ascendência inglesa, ianques, que haviam governado Boston por séculos, depois outra contra burocratas negligentes e um obstinado juiz federal que impôs o transporte escolar à “cidade” que, para começo de conversa, odiava forasteiros. Ambos os confrontos foram o tipo de luta honrada que deixou os moradores do jeito que gostavam: ensanguentados, mas insubmissos. As batalhas compartilhadas reafirmavam uma visão sobre a vida: nunca confie em estranhos e nunca se esqueça de onde veio.

Certa vez, um policial aposentado recordou as escolhas restritas que se ofereciam a um jovem de South Boston durante as décadas de 1940 e 1950: Forças Armadas, prefeitura, empresas de serviços públicos, trabalho fabril, crime. “Era gás,

energia, Gillette, município, policial, bandido”, declarou ele. As décadas de trabalho árduo tornaram os moradores de Southie rápidos na briga por oportunidades limitadas.

Bulger e Connolly, bandido e policial, cresceram no primeiro conjunto habitacional de Boston, um lugar espartano com 34 edifícios populares exiguamente espaçados, feitos de tijolos. O projeto foi erguido por um empreiteiro amigo do lendário prefeito James Michael Curley, com dinheiro da Agência Administrativa de Serviços Públicos, de Franklin Delano Roosevelt. Os dois eram reverenciados na casa dos Bulger, em Logan Way — Curley pela língua afiada, e Roosevelt por salvar a classe trabalhadora da devastação do capitalismo.

Os pais de Connolly — John J. Connolly, empregado da Gillette por cinquenta anos, e sua modesta mãe, Bridget T. Kelly — moraram no conjunto até John completar 12 anos. Em 1952, a família “subiu de vida” e se mudou para City Point, melhor endereço de Southie, pois tinha vista para o mar, no extremo do promontório. O pai de Connolly era conhecido como “Galway John”, nome do condado irlandês onde nasceu. Ele fez da igreja, de South Boston e da família o centro de sua vida. De algum modo, o pai de três crianças conseguiu ganhar dinheiro suficiente para mandar John para a Columbus High, escola católica no italiano North End. Era como viajar para um país estrangeiro, e John Jr. gracejava sobre uma baldeação que exigia “carros, ônibus, trens”. O instinto de Southie para o dever patriótico e o serviço público também conduziu o irmão mais novo de Connolly, James, para as forças da lei. Ele se tornou um respeitado agente da Drug Enforcement Administration (DEA), uma versão atenuada de seu fanfarrão irmão mais velho.

Os irmãos Connolly e os Bulger chegaram à adolescência num lugar limpo e bem-iluminado à beira-mar, cercados por quilômetros de parques, campos de futebol americano e de beisebol, além de quadras de basquete. Os esportes dominavam.

Old Harbor tinha gerações de famílias inteiras, sorvete de graça no Quatro de Julho e escadarias que viravam sedes de clube, com cerca de trinta garotos por prédio. O projeto de 110 mil metros quadrados era o ponto intermediário entre City Point, com suas brisas marinhas e cortinas de renda, e o Lower End, com mais diversidade étnica e suas casinhas em forma de caixote ladeando rotas de caminhão que levavam a fábricas, garagens e tavernas ao longo do Fort Point Channel. Até hoje o bairro mantém de maneira consistente a porcentagem mais elevada de moradores antigos, reflexo de uma ênfase histórica em permanecer bravamente, em vez de ir embora, sinal de um orgulho poderoso. À medida que South Boston se rendeu pouco a pouco à valorização imobiliária em sua desocupada orla marítima no fim da década de 1990, os vereadores locais procuraram reafirmar seus valores tradicionais, proibindo portas francesas nos cafés e deques de cobertura nos condomínios de frente para o mar.

* * *

A mentalidade “nós contra eles” no coração da vida em Southie é ainda mais profunda do que as raízes irlandesas. Antes de a primeira grande onda de imigrantes irlandeses tomar a península, após a Guerra Civil, em 1847 chegara à prefeitura uma petição furiosa ao governo “central” queixando-se da falta de serviços municipais. Levaria algumas décadas para os imigrantes famintos — que cambalearam para a praia em Boston quando a praga da batata assolou a Irlanda de 1845 a 1850 — alcançarem os ondulantes e verdejantes outeiros do que na época se chamava Dorchester Heights. A fome reduziu em um terço a população da Irlanda, com a morte de 1 milhão por inanição e a fuga de 2 milhões que queriam se salvar. Como se fosse a menor distância entre dois pontos, muitos rumaram para Boston e se

espalharam pelas fétidas habitações populares à beira-mar do North End. Na década de 1870, eram gratos por partilhar um barraco em que três de cada dez crianças morriam antes de completar 1 ano.

Os recém-chegados católicos irlandeses se aferraram imediatamente às tradicionais implicâncias de Southie contra gente de fora. De fato, isso ganhou força de palavra religiosa à medida que a comunidade se congregava em torno da igreja e da família, formando uma sólida falange contra qualquer um que não compreendesse seus modos e costumes. Desde então, nada incomoda mais os moradores de Southie do que se considerarem menosprezados por alguém de fora querendo mudar O Modo como as Coisas São. Na hegemonia católico-irlandesa que se formou, um casamento misto não era apenas entre católico e protestante. Podia também ser de um italiano com uma irlandesa.

Embora Boston já fosse uma cidade estabelecida havia dois séculos à chegada dos maltrapilhos e famintos imigrantes, South Boston só se tornou uma comunidade irlandesa integrada após a Guerra Civil, quando negócios recém-criados levaram emprego estável para os moradores locais. No período posterior à guerra, a população da península cresceu em 30%, comparado à população atual, de 30 mil pessoas. Trabalhadores irlandeses começaram a se fixar no Lower End para se empregar nos estaleiros e nas ferrovias que tanto simbolizaram a época. Pouco depois, os bancos locais e as igrejas católicas abriram as portas, incluindo a paróquia de Santa Monica, destino dominical do irmão mais novo de Whitey Bulger, Billy, e de seu inseparável parceiro, John Connolly.

No fim do século XIX, a maioria dos homens trabalhava na estiva dos cargueiros na Atlantic Avenue. As mulheres atravessavam a Broadway Bridge após o jantar para ir ao distrito financeiro da cidade, onde limpavam o chão e esvaziavam cestos de lixo, voltando para casa pela mesma ponte por volta da meia-

noite. Ao fim do século, a presença católica irlandesa era tal que os moradores se congregavam segundo o condado irlandês de origem — Galway nas ruas A e B, gente de Cork na D e assim por diante. O espírito de clã era parte da maresia. Foi por isso que John Connolly do FBI conseguiu retomar um relacionamento fácil com um arqui-criminoso como Whitey Bulger. Certas coisas faziam diferença.

Além das raízes étnicas em comum, o ímã da vida diária era a Igreja Católica. Tudo girava em torno dela — batismo, primeira comunhão, crisma, casamento, unção dos enfermos, velórios. No domingo, dia especial, os pais iam à missa de manhã cedo, e os filhos assistiam à missa das crianças, às 9h30. A interação de religião e política era natural: às vezes, um dos primeiros passos para a vida pública era passar o chapéu de vez em quando pelos assentos, trabalho de alta visibilidade.

Como a própria Irlanda, Southie era um ótimo lugar — contanto que você tivesse emprego. A Depressão passou como uma bola de demolição pela falange interdependente de família e igreja. A rede que funcionara tão bem entrou em colapso quando o chefe da casa ficou sem trabalho. Uma implacável taxa de desemprego de 30% prejudicou gravemente a visão de que era possível assegurar o futuro com trabalho duro e ficha limpa. Mudou o estado de espírito de um lugar aprazível, e o entusiasmo deu lugar ao desespero. E não foi apenas em Southie: a economia de Boston estagnara, e, já em meados da década de 1940, anos de formação para os irmãos Bulger e John Connolly, a cidade se tornou um malfadado rincão atrasado. Os prédios de escritórios eram baixos e tristes, e as perspectivas, sombrias. A renda estava lá embaixo, os impostos lá em cima, e os negócios enfrentavam uma letargia. A cidade era afligida pelo legado de uma oligarquia governante da elite tradicional que perdera a verve. Os dinâmicos ianques do século XIX tinham dado lugar a banqueiros suburbanos indiferentes ao centro da

cidade, uma geração de unhas de fome que cultivava fundos fiduciários em vez de forjar negócios. Ao mesmo tempo, imigrantes esperançosos tornavam-se deprimentes burocratas. Pouco mudou até a renovação urbana da década de 1960.

Foi nessa época e nesse lugar austeros que James e Jean Bulger chegaram em 1938, à procura de um terceiro dormitório para sua família cada vez maior no primeiro conjunto habitacional de Boston. James tinha 9 anos, Billy, 4. Os Bulger pretendiam criar três meninos num quarto e três meninas no outro. Embora o condomínio Old Harbor fosse um imenso playground para as crianças, os pais precisavam estar praticamente falidos para acabar ali, e os Bulger preenchiam esse critério com facilidade. Quando novo, James Joseph Bulger perdera boa parte do braço, preso entre dois vagões de trem. Embora trabalhasse vez ou outra como escriturário no estaleiro da marinha em Charlestown, pegando o último turno aos feriados como tapa-buraco, ele nunca mais conseguiu um emprego em período integral.

Baixinho, de óculos e cabelo louro-claro, liso e penteado para trás, James Bulger andava por praias e parques de South Boston fumando charuto, com o paletó pendurado no ombro do braço amputado. A vida dura começara nos prédios populares do North End, no exato momento em que a vizinhança irlandesa da era da fome dava lugar a outra onda imigratória, dessa vez vinda do sul da Itália, na década de 1880. Ele era muito interessado em atualidades; um dos amigos de infância de Billy lembrava-se de ter topado com ele numa caminhada e ser alugado numa longa conversa sobre “política, filosofia, todo esse negócio”. Mas o pai era um solitário que ficava no apartamento a maior parte do tempo, sobretudo quando o rádio transmitia jogos dos Red Sox. Por outro lado, era fácil encontrar a falante Jean na varanda de fundos que dava para a Logan Way, conversando com os vizinhos, mesmo após um duro dia de trabalho. Muitos deles se lembravam de Jean Bulger como uma mulher alegre, inteligente,

fácil de gostar e difícil de tapear. Diziam que Billy era como ela, amigável e extrovertido, correndo para a biblioteca com uma mochila carregada de livros ou indo à igreja para um casamento ou enterro, a sotaina de coroinha esvoaçando sobre o ombro.

Mas Billy também partilhava do apreço paterno por privacidade e solidão. Numa rara entrevista sobre a família, Bulger falou saudosamente do pai, seus modos estoicos e seu destino ingrato, desejando que tivessem conversado mais e passado mais tempo juntos. Ele recordou o dia em que foi para o exército, perto do fim da Guerra da Coreia, com os pais tensos de preocupação porque o genro fora morto em ação dois anos antes. James e Jean levaram Billy a South Station, para pegar o trem até Fort Dix, em Nova Jersey. Seu pai, então com quase 70 anos, o seguiu pelo corredor do trem até seu assento. “Eu pensei: ‘Qual é?’ Você sabe como são os jovens. Meu pai pegou minha mão e disse: ‘Bom, Deus te abençoe, Bill.’ E isso era incomum vindo dele. Eu lembro porque foi bem mais do que meu pai costumava dizer.”

* * *

Billy Bulger concorreu a um cargo público em 1960 porque precisava de emprego, uma vez que estava perto de se formar na Faculdade de Direito da Universidade de Boston e ia se casar com a namorada de infância, Mary Foley. John Connolly foi um dos que trabalharam na campanha. Originalmente, Bulger pretendia permanecer alguns mandatos na Câmara dos Representantes e depois deixar o cargo para se tornar advogado de defesa criminal. Mas não saiu, equilibrando um pouco da prática legal com a vida pública e uma família cada vez maior. Os Bulger teriam nove filhos, quase um por ano ao longo da década de 1960. Billy chegou ao Senado Estadual em 1970 e se tornaria

o presidente da câmara que permaneceu por mais tempo no cargo na história de Massachusetts.

Com o passar do tempo, exercendo a legislatura, Billy passou a ser o exemplo perfeito de South Boston, com seu queixo erguido e sua agenda conservadora. Ele se tornou uma figura provocativa conhecida em todo o estado, e se regozijava em emendar liberais suburbanos que julgavam a imposição do transporte escolar uma boa ideia para o bairro *dele*, mas não para o bairro em que moravam. Tinha paixão por voltar a disputar antigas batalhas perdidas, a mais emblemática de todas sendo a dos plebiscitos estaduais que impingiu a um eleitorado indiferente na década de 1980 para corrigir um antigo erro que encontrou na constituição do estado. Uma cláusula anticatólica de 1855 proibia a ajuda às escolas paroquianas, e, embora Bulger fosse o primeiro a admitir que isso não causara nenhum mal duradouro, ele queria vê-la removida por causa da intenção original. Que a emenda corretiva fosse esmagadoramente rejeitada duas vezes nas urnas não fez diferença. O importante era brigar.

Tudo isso era parte do que fazia dele um dos políticos dominantes de seu tempo, um personagem paradoxal que combinava a rara mistura de educação formal e sabedoria das ruas. Ele era ao mesmo tempo um pequeno déspota e um conciliador prodigioso, um homem reservado que adorava uma audiência, uma figura pública brincalhona com um lado negro que o fazia levar qualquer acinte para o lado pessoal. Sua metade ruim continua sendo uma faceta não muito agradável de se presenciar.

Embora Billy Bulger fosse notório pelo estilo douto e magnânimo, ele era capaz de mostrar outro lado. Em 1974, quando manifestantes contrários ao transporte escolar forçado foram presos diante de uma escola do bairro, Bulger estava no local e denunciou a polícia por agir com força desmedida. Confrontou o comissário de polícia da cidade, Robert diGrazia,

pondo-lhe o dedo na cara e acusando-o de chefiar tropas da “Gestapo”, para em seguida se afastar, enfurecido. DiGrazia retrucou algo sobre os políticos não terem tido “colhões” para lidar com a dessegregação antes, quando as coisas poderiam ter sido diferentes. Bulger girou nos calcanhares para o segundo round, aproximando-se outra vez de diGrazia, que era bem mais alto. “Vai se foder”, disse raivosamente o senador na cara do comissário.

Quando a questão do transporte escolar deixou Southie de pernas para o ar, até Whitey Bulger entrou em cena, mas no incongruente papel de apaziguador. Ele agiu nos bastidores para tentar levar um pouco de calma às ruas, entre seus asseclas. Mas suas exortações dificilmente podiam ser consideradas fruto de altruísmo cívico. Ao trazer a perspectiva de uma presença prolongada da polícia em South Boston, a lei do transporte simplesmente era ruim para os negócios. Whitey instruiu os comparsas a não exacerbar as tensões que cresciam nas escolas.

A despeito dos turbulentos anos 1970, Billy progrediu rapidamente no Senado Estadual e o presidiu com mão de ferro até o fim da década, mas lutaria contra uma imagem entranhada no folclore de Southie, a do bom e do mau. Isso fez dele um herói na cidade e um anátema num estado democrático liberal. Seu dilema foi capturado no fim da década de 1980, quando combateu o mais recente movimento reformista para levar o debate e a democracia ao Senado Estadual. Um colega tentou convencê-lo de que poderia ser visto como herói caso relaxasse um pouco o controle na câmara. Mas Bulger apenas fez que não: “Não, caras como eu, nunca. Eu sempre vou ser o irlandesinho atrasado e reacionário de South Boston.”

* * *

Criado no conjunto habitacional, Connolly conhecia os dois irmãos Bulger. Ficou bastante amigo de Billy, atraído pela maturidade e pelo humor que o tornavam tão distinto quanto Whitey era notório. Era com Billy que Connolly voltava para casa após a missa na Santa Monica e foi Billy quem o levou a gostar de livros, embora, de modo geral, Connolly e seus amigos considerassem isso uma maluquice num ambiente tão fanático por esportes.

Connolly também conheceu o infame Whitey como o encenqueiro do Old Harbor que tumultuava o condomínio com brigas de rua e palhaçadas ousadas. Na verdade, todo mundo o conhecia, até os garotos de 8 anos, como Connolly, que certa vez estava numa partida de beisebol em que a coisa ficou feia. Um menino mais velho decidiu que ele estava levando tempo demais para recuperar a bola e mandou outra com toda força no meio de suas costas. Bem menor do que o agressor e com as costas doloridas, Connolly instintivamente pegou a bola do chão e acertou um forte arremesso bem no nariz do agressor, que partiu para cima e o socou por todos os lados, dando-lhe uma bela surra. Então, de algum canto do parquinho, Whitey surgiu correndo para apartar a briga desigual. Sangrando, Connolly se levantou, cambaleante, e ficaria grato para sempre. Em certo nível, ele sempre seria o menino pobre em busca de aceitação num mundo inóspito, permanentemente suscetível à mística viril de Whitey Bulger.

* * *

Quando o pequenino John Connolly dava seus primeiros passos na O'Callahan Way, Whitey Bulger já surrupiava mercadorias pela porta traseira dos caminhões de entrega nos bairros de minoria em Boston. Tinha 13 anos ao ser acusado de furto pela primeira vez, e logo passou à tentativa de agressão, depois

agressão e roubo, mas de algum modo evitou o reformatório. Mesmo assim, tornou-se alvo da Polícia de Boston, que com frequência o mandava com sua insolência de volta para casa um pouco mais amassado do que quando haviam posto as mãos nele. Seus pais temiam que esses truculentos confrontos só servissem para piorá-lo, e, de fato, o teimoso adolescente se regozijava de seus feitos na central de polícia, gabando-se depois pelo conjunto habitacional afora e desafiando os meninos mais novos a dar um soco em sua barriga tanquinho, para então rir deles. Em poucos anos, ele se tornou um delinquente perigoso com ares de Jimmy Cagney, conhecido pelas brigas violentas e perseguições de carro frenéticas. Seus arquivos de condicional revelam que foi um aluno indiferente e preguiçoso, o exato oposto de seu irmão Bill. Ele nunca terminou a escola, mas sempre teve carro, enquanto todos os demais andavam de ônibus.

Crescido em Southie antes de servir com os fuzileiros e entrar para a lei, um contemporâneo de Bulger com quem disputava aos domingos as violentas partidas de futebol americano sem equipamento de proteção se lembra de Bulger como um atleta mediano, mas um competidor feroz: “Ele não bancava o valentão, mas ficava atrás de encrenca. Dava para perceber que só estava esperando alguém começar alguma coisa. As pessoas o admiravam pelo modo como sabia se virar. Pelo menos na época, a opinião geral era de que ele seria leal com seus amigos. Era a cultura da época, incrivelmente tribal, e fazer parte de uma gangue significava demais para os garotos pobres.”

Bulger efetuou a maioria dos roubos de carga com a Shamrocks, uma das gangues sucessoras dos poderosos Gustin, que a chance de ser a organização criminosa dominante de Boston durante a Lei Seca. Mas seus líderes foram longe demais em 1931, quando tentaram obter controle amplo e irrestrito do contrabando de bebidas por toda a ampla área à beira-mar da

cidade. Dois homens de South Boston foram assassinados quando se dirigiam ao italiano North End para ditar os termos à Máfia, e as armas cuspiram fogo na direção deles atrás da porta da C&F Importing. As forças da lei ainda veem o destino da gangue Gustin como um ponto demarcatório na história criminal da cidade. Uma atrofiada Máfia italiana de Boston sobreviveria em seções italianas da cidade e as gangues irlandesas, mais entrincheiradas, iriam se retirar para South Boston, consolidando um submundo balcanizado em que as facções se instalavam em enclaves étnicos. Às vezes, em nome dos lucros, os dois grupos colaboravam. Mas Boston, junto com Filadélfia e Nova York, seria uma das poucas cidades onde gangues irlandesas persistentes coexistiriam pondo o dinheiro de agiotagem da Máfia nas ruas de seus bairros.

O impasse entre a gangue Gustin e a Máfia também proporcionou a Whitey Bulger a liberdade de movimento pelo circuito criminoso desenfreado de South Boston, indo do furto de carga de caminhões ao roubo a bancos, e, com 27 anos, cumprindo pena nas prisões federais mais rígidas do país. Seu arquivo na prisão retrata um sujeito incorrigível que vivia brigando e passando longos períodos na solitária. Ele era visto como um risco à segurança, e certa vez passou três meses na solitária em Atlanta até ser removido para a pior prisão de segurança máxima, Alcatraz, porque havia suspeitas de que estivesse planejando uma fuga. Ali ele acabou na solitária, também, por causa de uma paralisação no trabalho, mas enfim sossegou e cumpriu a pena, sendo transferido para Leavenworth, no Kansas, e depois para sua última parada antes de regressar a Boston — Lewisburg, Pensilvânia. Bulger foi para a prisão durante o primeiro mandato de Eisenhower, em 1956, e voltou para casa em 1965, quando Lyndon Johnson dava início à Guerra do Vietnã. Seu pai, que viveu o bastante para ver Billy eleito, morreu antes de Whitey ser solto.

Bulger voltou na condição de calejado ex-condenado que, não obstante, foi morar novamente com a mãe no conjunto habitacional. Por um tempo, pegou um trabalho de zelador, arranjado por Billy, no Fórum do Condado de Suffolk, Boston. O trabalho refletia a política de South Boston — uma versão ampliada do sistema de subdivisões ao antigo estilo bostoniano, em que os chefes construíam feudos que controlavam os empregos públicos. Nos velhos tempos, o sistema fora vital para imigrantes sem instrução com famílias grandes, mas nos anos 1960 o resultado podia ser o emprego como zelador para um ex-condenado. Após alguns anos sem sujar as mãos, sob condicional, Whitey respirou fundo e voltou a mergulhar de cabeça no submundo, tornando-se rapidamente um soldado do crime temido por toda parte. Os fregueses dos bares em Southie onde coletava dívidas de jogo e de usura dificilmente voltavam a atrasar o pagamento.

Estava claro que o disciplinado e taciturno Bulger se encontrava um grau acima do mundo brutal onde tão prontamente reingressara. Para começar, era bastante lido, tendo usado a década na prisão para se concentrar na história militar da Segunda Guerra Mundial, pesquisando as falhas que haviam derrubado os generais. Isso era parte de um plano instintivo para fazer a coisa do jeito certo na segunda incursão. Dessa vez, ele seria um sobrevivente cauteloso, misturando paciência e truculência seletiva. Deixaria de provocar a polícia com réplicas insolentes, e se apresentaria como alguém que aprendera a lição na penitenciária. Tranquilizaria os detetives durante revistas rotineiras que todos naquela reuniãozinha eram boa gente e que ele não passava de um bandido bonzinho.

Anos após sair da prisão, Whitey Bulger exerceu grande parte de sua atividade criminosa com Donald Killeen, na época o agenciador de apostas dominante de South Boston. Mas, após alguns anos, Bulger passou a ter um mau pressentimento acerca

da liderança hesitante de Killeen e das incessantes confusões no submundo. Mais importante: começou a temer que ele e Killeen pudessem ser mortos por seus principais rivais em South Boston — a gangue Mullen, de Paul McGonagle e Patrick Nee. Um dos comparsas mais próximos de Bulger fora baleado numa tentativa desesperada de chegar à porta de casa na área Savin Hill de Boston. Parecia questão de tempo para que Killeen ou Bulger conhecessem o mesmo destino.

Em maio de 1972, o dilema de Whitey sobre continuar ou não com o apossado Killeen foi resolvido quando ele impiedosamente optou pela sobrevivência em detrimento da lealdade; mesmo sendo o guarda-costas de Killeen, Bulger firmou uma aliança secreta com os inimigos. Para sobreviver, tinha que fazer uma dura escolha acerca de parceiros de negócios no dividido submundo bostoniano: subordinar-se à Máfia italiana, que ele detestava, ou forjar um acordo com a gangue Winter Hill, na qual não confiava.

Mas, com o teimoso Donald Killeen dando as cartas e a gangue Mullen determinada a se vingar, Bulger estava num apuro insolúvel. Não haveria trégua com os irmãos Killeen, considerando que o irmão de Paulie McGonagle fora morto, Buddy Roache estava permanentemente paralisado após um tiroteio, e o nariz de Mickey McGuire fora arrancado com uma dentada.

Desesperado por mediação, Bulger optou pelo menor de dois males e, com o rabo entre as pernas, procurou a Winter Hill. Na primavera de 1972, tentou uma trégua secreta com os Mullen sob a proteção do chefe da Winter Hill, Howie Winter. Os termos: Bulger ajudaria a cuidar dos arranjos para liquidar Donald Killeen, e Winter garantiria o fim da guerra de gangues em Southie, bem como daria sua sanção a Bulger como novo chefe da “cidade”. A vantagem de Bulger era que ele controlava os lucrativos

negócios do jogo e da agiotagem, enquanto os membros da Mullen não passavam de ladrões de galinha.

A reunião clandestina, ocorrida no restaurante Chandler's, no South End, durou várias horas e avançou até o começo da manhã. Bulger cara a cara com quatro membros da Mullen, e Winter sentado numa posição central e determinando, em suma, que o conflito já passara havia muito do ponto em que alguém pudesse se beneficiar e observando, não por acaso, que sobrava dinheiro em circulação. Whitey concordou em parar com os roubos de carga em vista do dinheiro regular que continuaria entrando dos malfadados apostadores de Southie.

Pouco depois, Killeen foi chamado durante a festa de 4 anos do filho. Ao dar partida no carro, viu um pistoleiro solitário correndo em sua direção vindo de um bosque próximo. Enquanto tentava alcançar sua arma sob o assento, o homem abriu a porta do motorista e pôs a metralhadora perto de seu rosto. Em seguida, disparou uma rajada de quinze tiros e fugiu pela rua até um carro que fora deixado com o motor ligado. Ninguém jamais foi acusado pelo crime, mas as histórias que passaram a circular em Southie reputavam sua autoria a Bulger. O arremate da obra ocorreu semanas mais tarde, quando Kenneth, o irmão mais novo da família Killeen, passou por um carro estacionado perto de City Point, com quatro homens dentro, enquanto praticava corrida. Uma voz exclamou: "Kenny!" Ele se virou e viu o rosto de Bulger na janela aberta, com uma arma perto do queixo. "Acabou", ouviu o último *bookie* dos Killeen ainda vivo. "Você está fora dos negócios. Não espere outro aviso."

A rápida e sanguinolenta tomada de poder à Poderoso Chefão tornou-se lenda. Foi o tipo de jogada dramática e decisiva que seria conhecida por toda Southie já ao cair da noite, um bilhete formal para o submundo de que em breve Bulger iria manipular e controlar.

Iniciava-se uma nova era, banhada em sangue, quando Bulger eliminou os Killeen e depois apareceu para trabalhar na oficina Marshall Motors, em Somerville, local base de operações para Howie Winter. Bulger respondia por todo o crime organizado de South Boston e estava à procura de oportunidades maiores. Era dono de Southie, e, por um breve tempo, Howie foi dono de Whitey.

Embora a riqueza de Bulger crescesse exponencialmente, seu estilo de vida nunca mudou. Ele era a antítese dos mafiosos ostentadores do North End — nada de Cadillacs, iates, casas de frente para o mar. Whitey raramente bebia, não fumava e trabalhava todo dia. Seu único fraco era um Jaguar que quase sempre mantinha guardado na garagem em City Point. Na maior parte do tempo, levava uma vida sossegada com a mãe no condomínio Old Harbor, permanecendo ao lado dela até sua morte, em 1980.

Sua nova meta era manter a disciplina e não se entregar à fúria da juventude, quando foi acusado por estupros em Boston e em Montana, enquanto servia na Força Aérea. Ele tampouco incorreria na inquietação que o levara, aos 14 anos, a sair num impulso pela porta de casa em Old Harbor para integrar a trupe do circo Barnum & Bailey como mão de obra, nem no atrevimento do jovem gângster que entrara num banco de Indiana com comparsas e um revólver prateado para levar 42.112 dólares do dinheiro depositado. Lá se iam seus dias de bandido em fuga que tingiu o cabelo de preto para se esconder do FBI, e mesmo assim foi cercado por agentes e preso numa boate. Não: dessa segunda vez ele ficaria no controle e nos bastidores. Os anos de leitura em bibliotecas de prisão haviam aguçado seus instintos, e sua mente se tornara uma enciclopédia de táticas da lei e antigos erros dos mafiosos. Como um mestre enxadrista, Bulger tinha confiança de que sabia os movimentos e as jogadas, que era capaz de observar a oportunidade e dar o xeque-mate no

adversário. Ele jurava para os amigos que nunca mais voltaria à prisão.

Como todo gângster, Bulger fazia o turno da noite no submundo, começando no início da tarde e encerrando na alta madrugada. Exibia um distanciamento frio e estudado das pessoas em seu meio, mas sempre tinha um sorriso para as amigas idosas de sua mãe no conjunto habitacional, onde segurava portas e tocava a ponta do chapéu para elas, em sinal de respeito. Por um tempo, durante os feriados entregou perus às famílias necessitadas em Old Harbor. A seu modo, permaneceu devotado à família e era um feroz protetor de Billy. Quando a mãe morreu, em 1980, Whitey se manteve discreto por causa do irmão, temendo que algum fotógrafo de jornal o pusesse com o novo presidente do Senado Estadual de Massachusetts numa mesma foto de primeira página. Sua vida furtiva e isolada chegava a tal ponto que ele ficou sentado no balcão atrás do organista durante a missa fúnebre e observou seus cinco irmãos passarem devagar com o caixão pelo piso da igreja, abaixo. Como resumiu um padre da paróquia, sangue é sangue.

Mas Bulger era cercado de uma mística tão assustadora que aterrorizava a gente comum de Southie. Quando sem querer um morador trombou com ele ao entrar num corredor na loja de bebidas de Bulger, o olhar frio e duro que recebeu foi o suficiente para fazer o homem borrar a calça. Como admitiu John Connolly: “Você não pode arranjar problema com ele.”

Ellen Brogna, esposa de Howie Winter — que vivia entrando e saindo da cadeia —, vivera cercada de gângsteres a maior parte da vida, mas Whitey Bulger lhe dava calafrios. Certa noite, pouco depois de Bulger começar a operar da garagem de Somerville, todos jantavam. Por algum motivo, Bulger teve que manobrar o Mustang de Brogna. Ela lhe jogou as chaves, mas ele voltou espumando quando não conseguiu dar partida, sem perceber

que precisava apertar um botão antes de girar a chave no contato. Ela brincou dizendo que ele devia ser especialista, já que passara a frequentar a Marshall Motors. Bulger apenas a fuzilou com os olhos e saiu intempestivamente. Mais tarde, ela disse a Howie que lidar com Bulger era como olhar para o Drácula. Howie simplesmente achou graça.

* * *

O Bulger pós-Alcatraz continuava um homem volátil, mas que aprendera o valor do autocontrole. Tornou-se um símbolo do Southie estoico, confiável, e tinha um semblante másculo bem-delineado que lhe conferia presença instantânea. Seu jeito frio de ser era como um cutelo abrindo caminho direto ao cerne do problema. Essa característica, é claro, fazia dele o informante perfeito, e por isso Dennis Condon, astuto agente do FBI que trabalhou contra o crime organizado por décadas, ficara atrás de Bulger no início dos anos 1970. Mas, ainda que tivesse origens similares, do outro lado do porto, em Charlestown, Condon não era filho do único lugar que importava — South Boston. Com muita relutância, Condon fechou a pasta do informante Whitey Bulger, pressentindo que poderia funcionar em prol do bureau se ao menos pudesse arrumar para Bulger um “responsável” que fosse da “cidade”. O jovem agente John Connolly era a escolha perfeita — conhecedor das ruas, hábil com as palavras e, o melhor de tudo, nascido e criado no conjunto habitacional Old Harbor.

Condon conheceu Connolly por intermédio de um detetive de Boston. Terminando um período como professor no secundário, Connolly frequentava a faculdade de direito à noite, mas estava ansioso por se juntar ao bureau.

Depois que Connolly entrou para o FBI, em 1968, Condon manteve contato com ele durante seus turnos de serviço em

Baltimore, São Francisco e Nova York. Eles conversaram quando Connolly voltou para se casar com uma mulher local, Marianne Lockary, em 1970. Enquanto Bulger aprendia a se esquivar para sobreviver, Condon tomava providências que ajudariam Connolly a ser transferido de volta para Boston. Acredita-se que os detalhes precisos sobre o paradeiro de Frank Salemme, que Condon transmitiu a Connolly, vinham de Stevie Flemmi, que tinha uma arenga com seu companheiro de infância.

Connolly regressou para a escala menor, mais íntima, de Boston, trocando prontamente o Brooklyn por Southie, o Yankee Stadium por Fenway Park. Passou de uma divisão com 950 agentes focados nas cinco famílias criminosas de Nova York para outra com 250 agentes que mal conseguiam acompanhar o ritmo de Gennaro Angiulo. Enxergava melhor esse campo de jogo e conhecia as pessoas pelos apelidos. Era um garoto de Boston e estava de volta ao lar, ansioso por vestir o terno de agente do FBI com estilo. Mas Connolly também era como um camaleão, que assumia as cores de quem estivesse perto dele. Na adolescência, era conhecido como “*shaper*”, gíria irlandesa para “faroleiro”, um sujeitinho metido a besta que ficava bem num boné de beisebol, mas não jogava nada. No FBI, estava mais para alguém bancando o agente do que pondo realmente a mão na massa. Era antes o vendedor cheio de lábia do que o policial com sangue-frio. Quando regressou de Nova York, era um jovem e impressionável agente que, de repente, se viu imerso numa vida parecida com roteiro de cinema. A missão de seus sonhos passou a ser se aproximar de um bandido que sempre admirara. John Connolly estava apaixonado.

A atração pela personalidade sedutora de Whitey Bulger foi fatal. Bulger era magnético ao modo glamoroso e desvirtuado dos gângsteres poderosos que se deliciavam ao quebrar todas as regras. Para Connolly, foi uma perspectiva cativante, um futuro assegurado. Trabalhar com Whitey — o que podia ser

melhor? O que podia ser mais fácil? Sem dúvida ganhava de ser um dos 250 abnegados agentes que zanzavam por aí nos veículos oficiais. Whitey seria a cereja no bolo de Connolly.

Nos primeiros anos do relacionamento retomado com Whitey Bulger, os relatórios do informante '209' de Connolly foram divididos. Por um lado, relatos de desencanto saídos das fileiras da família mafiosa cronicamente infeliz de Gennaro Angiulo; por outro, dicas mais concretas sobre os rivais de Bulger dentro de South Boston. Connolly não se deu ao trabalho de refrescar sua memória e lembrá-lo de que originalmente ele se propusera a entregar apenas italianos. E, embora a maior parte da informação sobre a Máfia fosse de fofocas genéricas dos problemas na Casa de Angiulo, o arquivo da deduração sobre South Boston trazia endereços, placas de carro e números de telefone. Um exemplo foi o de Tommy Nee. Um dentre um punhado de maníacos homicidas que regularmente espalhavam o caos pelos bares de South Boston na década de 1970, ele foi preso por homicídio pela Polícia de Boston, com ajuda do FBI, em New Hampshire — exatamente onde Whitey informou que ele estaria.

Mas a prioridade dos federais era a Máfia, e não sociopatas como Tommy Nee. Por intermédio de Flemmi, Bulger descobriu que Angiulo removera o telefone do escritório por medo de grampos. Bulger contou a Connolly que Angiulo e seus irmãos só conversavam por walkie-talkies. Gennaro era “Silver Fox”, e Donato Angiulo era “Smiling Fox”. Bulger chegou a recomendar um scanner automático Bearcat 210 para monitorar as conversas.

No conservador escritório do FBI em Boston, os relatórios impressionavam os chefões, ainda que o comportamento cada vez mais descarado de Connolly estivesse irritando os colegas, que por piada começaram a chamá-lo de “Cannoli”, porque se vestia e agia como um pretenso mafioso italiano, com joias, correntes, sapatos de bico fino e ternos pretos. Mas, de sua

parte, Connolly pouco se preocupava. Sabia o que Bulger representava e o que valia para sua carreira. O 209 era uma jogada de mestre para ele e o bureau, uma sinergia possibilitada apenas por ele ser quem era e por suas origens: a irlandesa South Boston. “Whitey só falou comigo porque me conhecia de quando eu era criança”, gabou-se Connolly. “Ele sabia que eu nunca iria prejudicá-lo. Sabia que nunca iria ajudá-lo, mas sabia que nunca iria prejudicá-lo.”

Mas às vezes, no mundo de Whitey, não prejudicar pode ser uma grande ajuda.

CAPÍTULO TRÊS

Jogo pesado

Enquanto o promotor de justiça William Delahunt entrava no carro para ir a um restaurante perto do seu escritório em Dedham, Whitey Bulger e dois comparsas voavam pela Southeast Expressway rumo ao mesmo endereço, um pouco além dos limites de Boston. Delahunt ia jantar com outro promotor. Os gângsteres planejavam dar uma prensa no dono do lugar, que lhes aplicara o calote numa dívida de 175 mil dólares. Por uma dessas estranhas ironias do destino, como num filme em que a tela é dividida, cada lado cuidaria de seu assunto numa parte do ambiente espaçoso do restaurante Back Side.

O ano era 1976, e, aos 35 anos, Delahunt completava apenas doze meses no Gabinete da Promotoria do condado de Norfolk — pouco mais do que o tempo de parceria de Whitey Bulger com John Connolly e o escritório do FBI em Boston. Mas o encontro casual não era a única coisa que a promotoria e os criminosos tinham em comum. Um dos gângsteres em companhia de Bulger, Johnny Martorano, fora colega de Delahunt no primário e rival no pátio da escola. Os dois chegaram a ser coroinhas juntos.

Sentado à mesa perto do balcão do bar, Delahunt ergueu o rosto e reconheceu o matador de aluguel da Winter Hill na hora. Martorano aproximou-se devagar e sentou, enquanto os dois outros gângsteres ficaram para trás. Os ex-colegas de escola tomaram uma bebida juntos e trocaram farpas sobre seus destinos opostos na vida. Johnny Martorano provocou Billy Delahunt, dizendo que havia mais honra em seu meio do que no mundo povoado por banqueiros e advogados. Delahunt apenas

riu secamente, sem questionar. Mas, quando contragolpeou, Delahunt acertou em cheio. Exortou o antigo colega e então doutor no crime a manter distância do condado de Norfolk. Fique em Boston, “é melhor para nós dois”, advertiu.

Martorano mandou Delahunt ir à merda, e o bate-boca ficou acalorado o bastante para um dos companheiros do gângster se juntar aos dois na mesa e ver o que estava acontecendo. Bulger ficou para trás, esperando perto da entrada, longe de vista, mas sem dúvida Delahunt reconheceu Stevie Flemmi, parceiro de Martorano. E então o encontro bizarro terminou de repente, numa nota razoavelmente cordial, quando o homem que fora lá para jantar com Delahunt, o promotor federal Martin Boudreau, chegou à mesa. Ao se verem a sós, Delahunt revirou os olhos e disse: “Você nunca vai adivinhar com quem eu acabei de conversar.”

Enquanto isso, Bulger se juntava a Martorano e Flemmi, e o trio escolheu uma mesa de coquetel próxima à parede do fundo e se acomodou. Braços cruzados, sentaram e aguardaram o dono do bar. Estavam ali para ver Francis Green, que tinha explicações a dar.

Cerca de um ano antes, Green tomara emprestados 175 mil dólares a juros elevados de uma financeira em Boston para investir no mercado imobiliário. O problema era que Green não pagara um centavo e, embora não soubesse, estava dando o cano num amigo da gangue Winter Hill. Whitey conhecia um jeito de resolver casos de inadimplência. E não era nada gentil.

Green entrou no grande salão central, viu os três gângsteres e foi se juntar a eles. Como de praxe, Bulger dispensou as amenidades: “Cadê a grana?” Green, um homem de vendas melífluo e dono de um passado duvidoso, ensaiou alguns passinhos de vendedor. As finanças capengavam. Os negócios tinham sucumbido. Sua saúde não andava lá essas coisas. Isso tudo tinha que ser levado em consideração.

Mas Bulger não queria nem saber. Dinheiro na mesa era a única resposta satisfatória. Não interessava que houvesse dois promotores sentados logo ali do outro lado. Bulger se curvou e encarou Green de perto, seus olhos como duas contas negras: “Escuta uma coisa: se você não pagar, eu te mato, não tenha dúvida. Vou cortar suas orelhas e enfiar na sua boca. Eu arranco seus olhos.”

Bulger se endireitou na cadeira. Disse a Green que era melhor ele marcar hora com seu gerente para pedir um empréstimo e combinar um cronograma de pagamento. Então, Flemmi, bancando o policial bonzinho para o policial mau de Bulger, aconselhou Green a pagar alguma coisa bem rápido. Desse modo, ninguém sairia machucado. Por fim, passou a bola de volta para Bulger, que fez um último comentário, com frieza: 25 mil dentro de alguns dias.

Lívido, Green disse que ia ver o que conseguia. A áspera reunião de negócios estava encerrada. Um relatório do FBI registrou em enfadonha prosa oficial que a conversa deixou Green “bastante perturbado”. Era dizer o mínimo. Green temia pela vida, e ao medo se misturava a perplexidade. Ele sabia que, pouco antes, Martorano e Delahunt haviam conversado no bar, e toda a situação da noite o deixou confuso acerca do que exatamente ele estava enfrentando.

Foi tudo bem bizarro, o tipo de circunstância estranha que acontece na vida de uma cidadezinha como Boston. De sua parte, os dois promotores não faziam ideia da extorsão ocorrendo logo ali ao lado. À mesa, Delahunt e Boudreau riram durante o jantar por se verem no mesmo restaurante com Martorano e Flemmi, da gangue Winter Hill. Não tinham se dado conta de que o terceiro homem, oculto nas sombras da entrada, era o notório Whitey Bulger. Mas na época Delahunt também não fazia ideia de que os negócios conduzidos na mesa de coquetel eram na verdade um prelúdio da relação azeda prestes a se estabelecer

entre o escritório do FBI em Boston e todas as demais forças da lei. No futuro, seria como se o mundo fosse dividido entre o FBI e Bulger, de um lado, e todos os demais órgãos policiais, de outro. No momento, porém, o encontro casual parecia ser uma dessas coisas malucas que acontecem mas não significam nada.

O ultimato de Bulger — pague ou morra — levou Green a sair feito louco atrás de seus contatos na comunidade da lei em Boston. Ele começou por Edward Harrington, ex-chefe de promotoria na Força de Combate ao Crime Organizado da região da Nova Inglaterra. Green não só mantivera relações com a força-tarefa ao longo dos anos, como levantara dinheiro para a candidatura malograda de Harrington à Procuradoria-Geral do estado em 1974. Harrington estava prestes a reingressar no serviço público como novo promotor federal de Massachusetts, mas atuava como advogado particular numa firma quando Francis Green apareceu em pânico em seu escritório.

Green queria se aconselhar com Harrington. O que ele deveria fazer? Segundo um relatório do FBI, Harrington foi curto e grosso: disse a Green que ele tinha três opções: pagar, sumir da cidade ou testemunhar contra Bulger.

Green avaliou a situação. Pagar a dívida estava fora de questão. Ele havia torrado o empréstimo. Mudar de cidade não era uma ideia atraente. Testemunhar contra o notório assassino parecia ainda pior. Mas foi esta opção, talvez a mais arriscada — ao menos para seu pescoço —, que Green começou a contemplar.

Nas semanas seguintes, Green fez a Harrington mais perguntas sobre a cooperação, e Harrington concluiu que, como a extorsão se deu no condado de Norfolk, uma investigação estadual seria a melhor maneira de tratar a questão. Disse a Green que o caso deveria ser levado adiante pelo gabinete da promotoria de Delahunt. Mas e quanto a Delahunt? Green estava preocupado com a ligação entre Delahunt e Martorano. Ele vira

os dois sentados no restaurante Back Side, rindo e bebendo juntos.

Harrington ligou para Delahunt e explicou sobre Green e a ameaça de Bulger. Então mencionou a preocupação de Green com o bate-papo entre o promotor do condado e Martorano. Delahunt assegurou Harrington de que tudo não passara de um encontro fortuito, que não havia nada entre os dois além das vagas memórias de infância. Fizeram-se os arranjos para que Green levasse seu testemunho para os promotores do condado de Norfolk.

Pouco depois, Green se reuniu com Delahunt e sua equipe principal. Em detalhes impressionantes, recriou a dramática noite no Back Side. A história deixou Delahunt boquiaberto. Ele não fazia ideia de que aquela conversa ocorrera ali, ao lado de seu jantar com Boudreau.

Mais tarde, Delahunt se reuniu com a equipe. A história de Green era uma bomba, e Delahunt se envolveu pessoalmente. Afinal, estivera no restaurante na mesma noite e podia corroborar, como testemunha ocular, que Martorano e Flemmi estiveram presentes. Poderia ele ser tanto uma testemunha como o promotor? Era improvável. Além do mais, os promotores do condado se perguntavam se Harrington não errara ao concluir que esse tipo de caso deveria ser processado em nível estadual. Eles sabiam que as leis antiextorsão federais traziam penas mais duras do que jamais poderiam sonhar em obter sob a lei de Massachusetts. Assim, Delahunt consultou Boudreau, promotor da força-tarefa federal e ex-colega da faculdade de direito com quem jantara na noite no Back Side. Boudreau concordou com a análise de Delahunt. Ele até se ofereceu para levar o caso pessoalmente ao escritório do FBI e dar início ao processo. Com a autorização de Delahunt, o caso foi passado ao FBI.

* * *

John Connolly estava preocupado. Green era a primeira curva fechada na estrada de Whitey Bulger. Mas prioridades eram prioridades, de modo que Connolly logo tomou as providências para que o caso jamais deixasse o Esquadrão de Crime Organizado onde ele trabalhava.

Dois agentes do esquadrão fizeram algumas investigações superficiais. Trabalhando lado a lado com Connolly, conversaram com Francis Green, visitaram Delahunt e anotaram o que ele sabia.

Então, redigiram um relatório e o arquivaram no FBI. E fim de papo. Mais ou menos um ano depois, os agentes pediram permissão ao chefe para encerrar oficialmente o caso contra Bulger, constatando que Green mostrou-se relutante em testemunhar contra o gângster. Os promotores locais tinham ouvido dizer que Connolly conduzira uma inquirição sobre o caso e pediram uma cópia do relatório, mas o FBI negou que isso tivesse ocorrido e afirmou que não havia papelada alguma.

Nos anos seguintes, um padrão similar emergiria quanto à “relutância” da testemunha. Repetidas vezes, John Connolly e seus colegas conversariam com uma potencial testemunha contra Bulger e voltariam ao escritório entregando os pontos — a pessoa, antes promissora, estava relutante em cooperar. Ou relutante em testemunhar. Ou relutante em usar escuta. E o que um agente pode fazer se a testemunha se mostra desse jeito? Em diversas ocasiões, as denúncias não levavam a lugar algum, e o padrão começou com a “relutância” de Francis Green. No fim, ele testemunharia pela promotoria federal num caso de corrupção pública sem relação com tudo isso, mas ninguém jamais contrastou sua disposição nesse caso com sua relutância na questão de Bulger. Em vez disso, uma vez dentro do FBI, o caso de extorsão foi parar no fundo da gaveta de arquivos. Seria o primeiro de muitos.

* * *

Com o ritmo acelerado e a memória curta dos órgãos da lei, o caso Green caiu no limbo sem que se notasse. Bulger largou do pé de Green para não se queimar, enquanto Delahunt presumiu que o FBI estava avançando com o caso. Levaria meses para o promotor do distrito perceber que nenhuma medida fora tomada num processo tão fácil de abrir.

Cerca de um ano depois do contato inicial, Delahunt topou com o principal promotor federal, Jeremiah T. O'Sullivan, durante uma ocasião social.

— O que aconteceu com a história de Green? — perguntou Delahunt.

— A gente verificou, mas não deu em nada — respondeu O'Sullivan.

Delahunt deu de ombros e pensou: “Ok, acontece.” “E acontece mesmo”, complementou mais tarde. “Às vezes os casos não dão em nada.”

Mas esse em particular o deixou incomodado porque, toda vez que pensava a respeito, as coisas não batiam — um promotor de justiça como testemunha capaz de pôr gângsteres notórios na cena do crime e o convincente testemunho de um proprietário. Por que o FBI não partira com tudo contra os infames Bulger e Flemmi?

Cinco anos se passariam até que Delahunt começasse a formar algumas respostas com clareza. Com o tempo, as relações de seu escritório com o FBI de Boston azedariam. As tensões entre agências policiais e gabinetes de promotoria eram comuns. Ossos do ofício, em Boston ou qualquer jurisdição. Mas isso era diferente.

Primeiro, foi o extraordinário caso de homicídio em que o escritório de Delahunt se envolveu pouco depois que a história de Green foi repassada ao FBI, no início de 1977. Para

solucionar o homicídio e localizar os corpos de duas jovens de 18 anos de Quincy, Delahunt e seus investigadores da polícia estadual fizeram um acordo com um informante chamado Myles Connor, golpista imoral com QI elevado e longo histórico de problemas. Tratava-se de um músico de rock, um talentoso ladrão de obras de arte e um traficante de drogas. Em 1966, ele se vira num tiroteio com um policial estadual que ficou gravemente ferido. Mesmo no venal mundo dos informantes, Connor significava encrenca. Mas ele sabia onde os corpos estavam enterrados.

Não obstante, fazer acordo com Connor era controverso, tanto no gabinete de Delahunt como em outro lugar. O FBI ficou furioso porque, para conquistar a ajuda de Connor, Delahunt negociara sua soltura da prisão antes da hora. Ainda que com sua ajuda o promotor viesse a encontrar os corpos das jovens desaparecidas e depois obtivesse a condenação do assassino num julgamento em 1978, o FBI objetou furiosamente àquela aliança profana. O bureau tinha posto Connor atrás das grades por roubo de obras de arte. O próprio agente John Connolly começou a insistir para que se investigasse o papel de Connor nos horríveis homicídios, se é que tivera algum. Por fim, Connor foi acusado de planejá-los. No julgamento, ele foi condenado, desfeito que a apelação reverteria. Em novo julgamento, Connor conseguiu a absolvição.

Delahunt sempre soube que fazer acordo com Connor daria margem a controvérsia. Membros-chave de sua equipe, por cuja opinião ele se pautava diariamente, já haviam lhe dito isso. Mas o promotor não fazia ideia de que a situação explodiria na guerra aberta que se seguiu, com debates raivosos nos tribunais, nos jornais e na TV, bem como de formas mais sinistras que, no início, teriam parecido inimagináveis.

Parte da guerra se tornou pessoal. Certo dia, John Connolly contactou um dos principais assistentes de Delahunt, John Kivlan. Todos sabiam que o jovem promotor mostrara reservas quanto a

usar Connor como informante. Connolly ligou para Kivlan e marcou um almoço. Kivlan chegou achando que o agente do FBI queria discutir outra investigação de homicídio. Mas logo Connolly começou a fazer um monte de perguntas sobre Delahunt e o acordo firmado com Connor. O agente do FBI estava particularmente curioso em saber se Delahunt e a polícia estadual acreditaram que Connor era culpado pelos assassinatos mas haviam feito vista grossa mesmo assim para gozar da glória e da publicidade que vieram com a descoberta dos corpos.

“Não demorou muito para eu perceber que o objetivo do almoço era jogar lama em Bill”, declarou Kivlan mais tarde.

Ele ficou pasmo com a abordagem de Connolly. “Pensei com meus botões: ‘Ele deve achar que todo mundo é informante’”, recordou Kivlan. “Acho que pensou que minha única preocupação era trocar informações com ele. Foi um almoço breve.”

Em retrospecto, e muito depois de contar a Delahunt sobre o bizarro almoço com Connolly, Kivlan se perguntaria se a raivosa batalha entre o gabinete de Delahunt e o FBI de Connolly não teria mais a ver com Bulger do que com Connor. Em todo caso, em vez de Connolly ocupar o dia combatendo o crime, ele passava grande parte do tempo numa implacável batalha de relações públicas. Na verdade, o combate ao crime se tornava cada vez menos uma prioridade clara para o jovem agente de South Boston.

* * *

Delahunt saiu queimado do confronto com o FBI por usar Myles Connor como informante, engolido no triturador de relações públicas do bureau. Os agentes federais o repreenderam publicamente pelo uso de um informante envolvido nos crimes sobre os quais fornecia informação. A vasta maioria da mídia

ficou do lado do FBI, sobretudo por influência das ligações pessoais de John Connolly com repórteres do *Boston Globe* e do *Boston Herald*, e também com alguns repórteres de TV. De fato, Connolly estava rapidamente se tornando um expert em relações públicas e um talentoso improvisador sobre a verdade dos fatos. Conversador e cativante, ele começava a se libertar da imagem austera e convencional do típico agente do FBI, uma mudança bem-vinda em relação ao comportamento reservado e impassível da maioria dos agentes federais. Connolly não só aceitava conversar de vez em quando com os repórteres, como os procurava com regularidade.

Mas isso foi no início, e, nas forças da lei, poucas pessoas desconfiavam que o FBI estava pendendo para o lado de Bulger. Delahunt era uma delas, mas o promotor aprendera que confrontar o FBI de Boston tinha um preço. O jogo era pesado. E, por ser Boston, pessoal.

Em 1980, espalhou-se um boato de que Delahunt tivera um caso com uma garçonete de Quincy que terminou mal, com a porta do apartamento da mulher quebrada e vizinhos ouvindo vozes alteradas. A mídia farejou a história, e um repórter de TV começou a ligar para a mulher. As ligações continuaram ao longo dos dois anos seguintes, e toda vez o repórter insistia que ela processasse Delahunt e concordasse em dar uma entrevista. Mas a mulher sempre afirmou que não havia fundamento, tudo não passava de boato, não havia “um pingão de verdade”. Se houvesse, “Delahunt não seria promotor hoje, acredite em mim”.

Mas a mídia não era a única interessada nesses rumores. Certo dia do fim de 1982, dois agentes do FBI apareceram no restaurante em Quincy, perguntando pela garçonete. O chef contou aos agentes que ela não trabalhava mais ali. Os homens fizeram algumas anotações, agradeceram e foram embora. Não voltaram a aparecer.

Houve também a ligação que a mulher recebeu em janeiro de 1983. Era de um homem de seu passado. Mais tarde, ela descreveria o velho amigo para a polícia local como “alguém do outro lado”.

Os dois se encontraram para tomar uma bebida num bar de hotel em Quincy. O amigo, Stevie Flemmi, chocou a mulher ao revelar que tinha conhecimento dos rumores sobre Delahunt. Na verdade, Flemmi só queria saber uma coisa: era verdade?

Não, não era, respondeu a mulher mais uma vez. Stevie também não voltou a procurá-la.

CAPÍTULO QUATRO

Treinando a esquiva

O FBI de Boston se convenceu de que precisava de Bulger e Flemmi. Com isso, Paul Rico, Dennis Condon e John Connolly dariam um jeito de o negócio funcionar, mesmo que isso significasse abrir mão dos Frank Greens da vida ou fazer malabarismo com as três batatas quentes do regulamento: o manual de operações do FBI, as diretrizes da Procuradoria-Geral para lidar com informantes criminosos e os estatutos criminais federais. Para sorte deles, Rico concebera um estilo de abordagem “único” para a desagradável situação de lidar com informantes e dera o tom para os demais responsáveis na divisão de Boston: regras foram feitas para serem quebradas.

Eles acreditavam que valia tudo para pegar os mafiosos. Por todo o país, as divisões do FBI estavam sob grande pressão para cultivar informantes de um certo tipo — informantes de escalão superior — a fim de entrar em guerra com a Máfia. Boa parte da pressão foi efeito colateral da constrangedora demora do FBI para admitir a existência da Cosa Nostra. O problema foi a intransigência de J. Edgar Hoover, que preferia acumular estatísticas sobre roubos a banco e caçar comunistas a olhar com atenção para a presença da Máfia.

Em novembro de 1957, por exemplo, líderes mafiosos reunidos na cidade de Apalachin, ao norte do estado de Nova York, viraram notícia de primeira página depois que um sargento da polícia estadual nova-iorquina descobriu sobre o evento particular. Os policiais montaram um bloqueio, e os mafiosos de várias partes do país fugiram correndo, alguns descendo dos

carros e se embrenhando pela mata. Outros se refugiaram na mansão no alto da colina de seu anfitrião, o distribuidor de cerveja Joseph Barbara. Mais de sessenta acabaram detidos e identificados, muitos deles portando gordos maços de dinheiro. A lista incluía personagens do hall da fama: Joseph Bonanno, Joseph Profaci e Vito Genovese. O FBI nada fez.

Dois anos depois, em 8 de dezembro de 1959, um grupo ainda maior se encontrou nas proximidades de Boston, em Worcester, Massachusetts. Cerca de 150 mafiosos entraram em segredo na cidade, hospedaram-se num hotel no centro, fizeram reuniões durante toda a noite e se mandaram de fininho ao amanhecer, antes que qualquer descoberta significativa pudesse ocorrer. A mídia e vários criminologistas afirmavam que esses encontros eram prova de um empreendimento criminoso nacional, um “governo invisível” que se reunia para determinar políticas e resolver disputas. Mas Hoover repudiou as acusações e afirmou que não passavam de sensacionalismo e exagero da imprensa.

Só depois de Robert F. Kennedy se tornar procurador-geral em 1960, o FBI, de forma lenta mas firme, se mexeu para combater o assim chamado inimigo interno. Na época do histórico testemunho público do informante da Máfia Joseph Valachi, durante audiências no Congresso em 1963, o bureau começou oficialmente a recuperar o tempo perdido. Em cidades por todo o país foram criadas unidades especiais para se concentrar na Cosa Nostra. Em Boston, Dennis Condon e Paul Rico estavam entre o punhado de agentes destacado para integrar o primeiro Esquadrão de Crime Organizado da cidade.

Os agentes foram às ruas para tentar determinar a abrangência e o poder do subchefe da Máfia na Nova Inglaterra, Gennaro J. Angiulo, enquanto o Departamento de Justiça de Kennedy, em Washington, D.C., trabalhava para fortalecer os instrumentos legais disponíveis para a nova guerra nacional.

A pedido de Kennedy, em 1961 o Congresso aprovou a legislação que elevava grande parte da atividade criminal da Máfia ao status de federal. Viajar de um estado a outro ajudando o crime organizado, conhecido como ITAR (*interstate travel in aid of racketeering*),* passaria a cair sob a jurisdição federal — ou seja, os crimes previamente locais de extorsão, chantagem, jogo e o transporte interestadual da parafernália usada no jogo passariam ao âmbito federal.

Mais tarde, em 1968, o Congresso aprovou a Lei Global de Controle do Crime e Segurança das Ruas. O Título III da lei determinou os procedimentos para obter a autorização judicial e, assim, usar equipamento eletrônico de vigilância contra os mafiosos. A nova legislação sinalizou com uma diminuição nos direitos de privacidade, mas o governo via isso como um mal necessário, como o tipo de barganha entre a liberdade pessoal e o poder de estado que precisava ser admitido, assim argumentava, caso se esperasse que as agências policiais tivessem uma chance, mínima que fosse, de dismantelar conspirações como a Máfia. No fim, o FBI fez uso extremamente proveitoso dos assim chamados grampos do Título III, numa série de casos importantes que derrubaram líderes mafiosos em inúmeras cidades, incluindo Boston.

Em 1970, o Congresso aprovou uma lei que acabou se tornando a arma mais poderosa do governo contra o crime organizado. A lei de combate a organizações corruptas e influenciadas pelo crime organizado, conhecida simplesmente como lei RICO (Racketeering Influenced and Corrupt Organizations Act), seria usada em quase todo processo importante contra a Máfia durante a década de 1980. Pela primeira vez, a lei RICO tornava a operação de uma organização criminosa um crime federal grave, implicando duras sentenças de prisão. Se o governo conseguisse provar um padrão de ação de crime organizado — mostrar que o mafioso estava envolvido em

diversos delitos estaduais e federais —, as pesadas sanções da lei eram aplicadas. Os mafiosos passaram a se preocupar com as punições da lei RICO. Em vez das sentenças mais brandas que muitas vezes acompanhavam uma condenação separada por jogo ou agiotagem, o governo começou a obter penas de vinte anos ou mais.

Por fim, as forças de combate ao crime organizado criadas ao longo dos anos 1970 rapidamente tomaram a dianteira na cruzada contra a Máfia. A ideia lógica por trás dessas forças era combinar os recursos dos diversos órgãos da lei, como o FBI, a Receita Federal Americana e a DEA, às polícias locais. Os representantes das diferentes agências então se juntavam aos promotores federais e formavam uma equipe que atacava de forma organizada, em múltiplas frentes, contra o alvo específico: a Máfia.

Mas, apesar de todos os aperfeiçoamentos estatutários, a cruzada anti-Máfia ainda seria vencida ou perdida nas ruas, e, nesse sentido, a melhor ferramenta com que contavam os agentes do FBI era o informante criminoso. “A maneira de solucionar um crime, em 99% dos casos, é quando a pessoa conta o que aconteceu”, explicou John Connolly certa vez durante uma entrevista no rádio. “Quer dizer, todo diretor do FBI diz que os informantes são nosso recurso mais importante.”

De fato.

“Sem informantes, não somos nada”, afirmou Clarence M. Kelley ao ser nomeado o novo diretor do FBI após a morte de J. Edgar Hoover, em 1972. O motivo era simples: a polícia não pode estar em toda parte, e, quando os investigadores procuram resolver os crimes, não dispõem de poder ilimitado para dar buscas e interrogar suspeitos e cidadãos. Numa tentativa de preencher lacunas no serviço de inteligência, uma agência policial percebe que informantes são essenciais — os olhos e ouvidos da polícia. A confiança das agências em informantes se

desenvolveu como solução parcial para as limitações do poder da polícia nos Estados Unidos.

Como todo agente do FBI na década de 1970, John Connolly sabia muito bem do tremendo valor que o bureau dava à produção de informantes. A mensagem era martelada nos novatos que treinavam na Academia do FBI, em Quantico, Virginia: consiga informantes e ganhe prestígio. Posteriormente, os agentes de campo percebiam que os responsáveis pelos informantes eram tidos em altíssima conta. O próprio manual do FBI reforçava em termos inequívocos o status elevado do responsável: produzir informantes era o trabalho supremo — uma “fonte de grande satisfação graças às realizações obtidas como resultado da operação bem-sucedida”. Na verdade, comparada à prosa embotadamente seca em todo o resto do longo Manual de Orientações para Operações Investigativas do FBI, o linguajar dramático usado para incentivar os agentes a obter informantes beira o entusiasmo. Operar informantes, proclamava o manual, “exige mais de um agente do que quase qualquer outra atividade de investigação. O bom senso, a habilidade, os recursos e a paciência de um agente são testados constantemente”. O trabalho exigia “dedicação e engenhosidade. Em geral, o sucesso do agente depende de sua personalidade e desenvoltura”. Assim, nem todo agente levava jeito para a coisa, mas quem estabelecesse reputação como responsável por informantes podia conquistar vários objetivos ao mesmo tempo: fazer avançar a investigação, impressionar os chefes e elevar dramaticamente o próprio status. Tanto no treinamento de agentes quanto no trabalho de campo, a cultura do FBI deixava claro que a produção de informantes ocupava papel central.

Praticamente a única advertência em meio ao palavreado do manual é um reflexo da obsessão de J. Edgar Hoover, diretor do FBI por quase meio século, com a imagem pública do bureau. Acima de tudo, agentes nunca devem envergonhar o FBI,

mandamento que incluía o trabalho com informantes. Os responsáveis não deveriam patrocinar nenhum informante até estarem “convencidos de que o potencial informante [podia] ser operado sem risco de constrangimento”.

No início de 1976, Bulger falou a Connolly sobre reuniões de negócios da gangue Winter Hill com os mafiosos Larry Zannino e Joe Russo. Em março, informou que o subchefe Angiulo enviara um emissário para Winter Hill em Somerville, “numa tentativa de fazer contato com Stevie Flemmi”. O contínuo flerte da Máfia com Flemmi era bom para as relações entre as facções criminosas — e para o FBI. Bulger afirmou ainda ter ouvido rumores de que o líder da gangue, Howie Winter, iria se reunir com Angiulo e depois com o chefe na época, Patriarca, “para melhorar o relacionamento”. Mais tarde nesse mesmo ano, Bulger contou a Connolly sobre os termos com que sua gangue e a Máfia haviam concordado a respeito das apostas, de modo que os *bookmakers* das respectivas organizações trabalhassem em sincronia.

Flemmi desempenhou papel-chave nas reuniões entre Bulger e Connolly, dado seu fácil acesso a Angiulo, Zannino e o resto da turma da Máfia. Ele passava o que havia descoberto para Bulger, que depois passava adiante para Connolly. Os relatórios de Bulger eram recheados de informes saborosos sobre o submundo — quem vinha se encontrando com quem, quem estava irritado com quem, quem queria acabar com quem. Por exemplo, ele contou a Connolly que um mafioso idoso fingira um ataque cardíaco a fim de evitar a intimação para comparecer a um júri federal. Em abril de 1976, Bulger passou adiante uma dica sobre um homicídio realizado numa tentativa de desviar a atenção que recaía sobre um gorila que trabalhara para ele, Nick Femia. Bulger contou a Connolly: “Nick Femia não teve nada a ver com a morte de Patsy Fabiano.” Apesar de sua ênfase anterior de que jamais entregaria irlandeses, Bulger regularmente

informava Connolly sobre as tramoias de vários gângsteres irlandeses em sua South Boston.

Todas essas informações de Bulger eram úteis, embora estivessem longe de derrubar a Casa de Angiulo. A maior parte não passava de fofoca do submundo e, com frequência, era entregue por pura conveniência. Muitas vezes, a confiabilidade era questionável, mas Connolly não fazia objeções. Em vez disso, preenchia relatórios visando desviar as suspeitas de Bulger e sua gangue, assim como Rico antes dele.

* * *

Paul Rico e Dennis Condon, os agentes mais velhos, pertenciam à primeira geração do FBI que combateu a Máfia na cidade, e, junto com suas contrapartes em cada cidade grande dos Estados Unidos, eles haviam trabalhado freneticamente no fim dos anos 1960 para reverter a ignorância do bureau acerca de tudo que dizia respeito à Cosa Nostra. Esses agentes tinham sido instruídos a obter informação, e rápido. A vigilância eletrônica se revelara uma das melhores técnicas — mesmo que o uso de “grampos” exigisse que os agentes burlassem as regras, ou mesmo as quebrassem.

Em cidades por todo o país, agentes invadiram escritórios de mafiosos para instalar microfones, muitas vezes dispositivos toscos plantados atrás de uma mesa ou um aquecedor, com a fiação ocultada da melhor forma possível, serpenteando até um lugar nas proximidades onde gravavam as conversas em segredo. Em Chicago, a escuta que os agentes instalaram numa alfaiataria usada pelo mafioso Sam Giancana operou por cinco anos, de 1959 a 1964. Em Providence, Rhode Island, os agentes fizeram gravações clandestinas do chefe da região da Nova Inglaterra, Raymond Patriarca. Em Boston, Condon e Rico tomaram parte numa equipe que grampeou o escritório no

subsolo do Jay's Lounge, boate na Tremont Street em que o subchefe Gennaro Angiulo muitas vezes conduzia negócios da Máfia.

Não estava abaixo do FBI empregar truques sujos — uns bobos, outros bem piores — nesses dias frenéticos em que tentavam se emparelhar com a Máfia. Em Nova York, certa noite os agentes cansaram de vigiar um mafioso que pegara duas mulheres e fora visto se dirigindo a um motel. Querendo ir para casa, os agentes esvaziaram os pneus do mafioso, na esperança de que isso o mantivesse no lugar por um tempo. Havia também histórias de agentes que enervavam mafiosos suspeitos fazendo visitas e perguntas aos amigos e familiares deles; o esforço amplo e agressivo talvez visasse reunir informações, mas também era usado para assediar os alvos.

Muito mais grave foi um incidente em Youngstown, Ohio: o FBI monitorava um grampo improvisado que pegou uma conversa sobre o plano de matar um agente do bureau que os mafiosos particularmente odiavam. Num piscar de olhos, e com a autorização de Hoover, cerca de vinte agentes, o grupo de homens mais durões que pôde ser reunido dos escritórios próximos, foram enviados a Youngstown para uma conversinha particular com o chefe da Máfia. Eles invadiram sua cobertura, puseram o lugar de cabeça para baixo e advertiram o mafioso que pensar em machucar um agente federal não era nada sensato.

Essas eram algumas das táticas do FBI antes de ser aprovada a legislação federal de 1968 que autorizava dispositivos de escuta eletrônica com autorização judicial. Era proibido usar contra os mafiosos no tribunal qualquer informação obtida durante as invasões e instalações de escuta sem mandado, mas os grampos forneceram uma torrente de informações que proporcionou ao FBI um modo rápido de tirar o atraso de seu serviço de inteligência. No fim, o bureau esboçou uma lista de 26

idades norte-americanas que foram identificadas como “idades Cosa Nostra”. Entre elas, Boston.

Toda a premissa do programa de informantes de escalão superior residia na compreensão — ou até na aceitação — do bureau de que seus informantes eram ativos no crime. Era o que os tornava informantes de escalão superior: o fato de serem criminosos com acesso à Cosa Nostra. Jogo e agiotagem eram os crimes que o FBI considerava no acordo de Bulger, e esse era o limiar criminoso que eles estavam dispostos a aceitar, mesmo que de olhos bem atentos. O desafio era: e quanto a outros crimes? O que aconteceria?

No fim da década de 1950, o FBI elaborara uma série de regulamentos para cultivar e lidar com informantes. Com o passar dos anos, eles foram revisados e refinados, mais notadamente no fim dos anos 1970, quando o procurador-geral dos Estados Unidos, Edward H. Levi, formulou para o Departamento de Justiça uma série de diretrizes para informantes que o FBI incorporou ao manual de operações. No fim da década, o bureau relatava ter 2.847 informantes ativos engajados em seus 59 escritórios regionais, e um número desconhecido deles atuando na quente categoria de escalão superior.

Para os responsáveis pelos informantes, as diretrizes eram a cartilha básica do bureau. Por exemplo, quando trabalhava um informante, o agente tinha de conduzir um exame de adequação para aferir a confiabilidade e a motivação da pessoa. Esta podia variar: dinheiro, vingança ou vantagem competitiva sobre os demais gângsteres. Se o FBI conseguisse derrubar seus rivais no submundo, o informante obviamente só tinha a ganhar.

Havia também uma seção de advertências que o responsável no FBI era obrigado a transmitir regularmente a seus informantes — avisos para impedir que o acordo com um informante esmorecesse e se tornasse um confortável disfarce protetor. O

informante não deveria se considerar empregado do FBI ou esperar que o bureau o protegesse da prisão ou de processos pelos crimes cometidos fora do vínculo com a agência. Além do mais, ele era advertido contra cometer quaisquer atos de violência e não podia planejar nem iniciar um crime.

Os regulamentos também delineavam controles para impedir o agente de se comprometer ou, pior, se corromper. A lista de medidas de segurança era uma admissão do risco e das tentações inerentes a ter agentes e criminosos trabalhando em colaboração. Os requisitos enfatizavam o “cuidado especial” necessário “para avaliar e supervisionar cuidadosamente de perto” o uso de informantes, em grande medida para assegurar que “o próprio governo não se torne um transgressor da lei”. Num esforço para manter o acordo nos trilhos, um agente alternativo era nomeado para trabalhar junto ao responsável principal no trato com o informante. Para ter certeza de que o FBI se mantinha no controle da situação, o supervisor de esquadrão do agente responsável devia se reunir de tempos em tempos com o informante para avaliar o grau de promiscuidade da relação entre este e seu responsável no FBI. Os relatórios do informante precisavam ser constantemente examinados para determinar sua precisão e sua qualidade. Nesse meio-tempo, os agentes eram proibidos de socializar com os informantes ou de manter qualquer relação comercial com eles. A troca de presentes entre agentes e informantes era vedada.

No todo, os regulamentos pareciam razoavelmente à prova de falhas, mas ao mesmo tempo também forneciam muita margem para manobra. Ainda que estipulassem que os informantes do FBI não podiam cometer crimes, outra seção concedia a “autorização” para um informante quebrar a lei quando “o FBI determina que a participação seja indispensável para obter a informação necessária para fins de processo federal”. Embora as diretrizes desencorajassem o uso dessa cláusula de escape, a

escolha para permitir a atividade criminosa cabia aos agentes federais de campo, como John Connolly, Paul Rico e Dennis Condon. A sede do FBI, em Washington, pouco supervisionava, nem se fazia exigência de que o bureau consultasse quem quer que fosse fora do FBI — a saber, os advogados do Departamento de Justiça — para examinar a sensatez de se autorizar determinado crime. Era assunto privado do FBI, questão interna. Submetendo-se ao bureau, Levi e outros funcionários do Departamento de Justiça haviam concordado que, se o FBI pretendia cumprir sua “promessa sagrada” de proteger a confidencialidade de um informante, não havia outro modo de atuar. Buscar avaliação externa era um risco à exposição de sua identidade, e, segundo as diretrizes, os informantes recebiam a garantia desde o início de “que o FBI vai tomar todas as medidas possíveis para manter o completo sigilo da relação do informante com o FBI”.

Era uma promessa que incluía até o beco de John Connolly, versão institucional do juramento de lealdade feito nas ruas de Southie: você nunca dá as costas para um amigo e sempre mantém a palavra. Mas Southie não era o FBI. Mesmo que os agentes de campo contassem com o poder de dar aos informantes margem de manobra para se mover no submundo, as diretrizes exigiam que os agentes consultassem o Departamento de Justiça caso soubessem que os informantes estavam cometendo crimes não autorizados e que nada tinham a ver com o acordo — especialmente crimes violentos. “Sob nenhuma circunstância o FBI tomará qualquer medida para ocultar um crime cometido por um de seus informantes.” Essa determinação era vista como um dos princípios centrais das diretrizes. Recebendo a notícia de um crime, o FBI tinha duas opções. Podia dar parte da atividade criminosa a outra agência policial, para possível investigação. Ou podia se consultar com promotores federais para, juntos, considerarem se valia a pena

tolerar a atividade criminosa extracurricular, dado o alto valor do informante. Alguma coisa precisava ser feita; alguma verificação do status do informante tinha que ser realizada, um exame que obrigava a ventilar para fora algo que geralmente era do domínio exclusivo e secreto do FBI.

Mas a força dessas regras era do tamanho da dos agentes que se pautavam por elas, e em Boston Paul Rico já dera mostras de que os regulamentos podiam ser explorados para se tirar vantagem, ou até ignorados. Era como se na cidade os agentes focassem em outra seção adaptada aos seus estilos pessoais: “O sucesso do Programa Criminal de Escalão Superior depende de uma abordagem dinâmica e imaginativa.” Caso necessário, concluíram os agentes de Boston, o restante das diretrizes poderia ser tratado como mero aborrecimento.

* * *

É claro que Boston não estava sozinha. Por toda parte, os agentes nas ruas aprenderam a se esquivar da infinidade de regras, ao mesmo tempo tentando respeitá-las e proporcionando a seus informantes a maior liberdade possível, tudo em nome do fluxo ininterrupto de informações de inteligência. Dadas as leis gravitacionais próprias das agências policiais, brechas se abriram entre a teoria e a aplicação no mundo real. Durante a década de 1970, o FBI meteu os pés pelas mãos com um informante da Ku Klux Klan. Dizia-se que o homem, Gary Thomas Rowe, cometera uma série de crimes, incluindo um homicídio, durante o período como informante do FBI — crimes sobre os quais os federais sabiam, mas que acobertaram para proteger o status de Rowe. O risco estava sempre presente.

Stevie Flemmi era um bom exemplo de alguns problemas inerentes ao sistema. Em 1966, ele detalhara para o FBI a violenta surra que dera num João-ninguém do submundo durante

uma discussão sobre dívida de agiotagem. A vítima precisou de “cem pontos” na cabeça e no rosto, segundo o relatório de Rico sobre o incidente. No entanto, além do relatório, nenhuma medida foi tomada. Em 1967, Flemmi contava a Rico regularmente sobre sua operação ilegal de bilhetes de loteria de futebol — os prós e os contras, quando o dinheiro valia a pena, quando ficava devagar. Um ano depois, Flemmi descreveu seu negócio de agiotagem e como pusera nas ruas dinheiro emprestado com Larry Zannino. Ele pegou o dinheiro com o mafioso a uma taxa de juros de 1% por semana; depois, emprestou a uma taxa de 5% por semana, o que se traduzia num lucro de 260% ao ano. Sem papas na língua, até insinuou que assassinara os irmãos Bennett, mas foi como se Rico tapasse os ouvidos. Afinal, por conta própria, ele não só prometera a Flemmi que o FBI não usaria as informações sobre sua atividade de jogo ilegal e operações de agiotagem contra ele, como também jurara proteger Flemmi de outros investigadores, mesmo que isso significasse quebrar todas as regras. A situação fez Flemmi se sentir muito especial.

Era a vez de John Connolly.

Connolly finalmente conseguira tirar Green de cena para manter Bulger e Flemmi em ação, mas então surgiu outro incêndio para apagar. Dessa vez, dois empresários de uma companhia de máquinas de venda automática chamada National Melotone estavam se queixando com o FBI sobre as práticas de competição nos negócios de Bulger e Flemmi. Numa jogada predatória e expansionista, Bulger e Flemmi estavam intimidando donos de bares e lojas na área da grande Boston, exigindo que substituíssem as máquinas da Melotone por outras da empresa que os dois gângsteres controlavam. A Melotone decidiu procurar a ajuda do FBI.

A companhia tinha razão em pedir uma investigação. Durante 1976 e 1977, Flemmi, Bulger e dois comparsas da gangue Winter

Hill haviam observado alguns pontos — bares e restaurantes — onde poderiam instalar suas máquinas automáticas. “Em South Boston, era Jim quem procurava os lugares”, disse Flemmi. “E eu procurava lugares em Roxbury e Dorchester.”

Bulger e Flemmi tinham notificado “vendedores” de sua companhia sobre lugares em potencial, e estes em seguida visitaram os bares e restaurantes para explicar por que o estabelecimento deveria instalar suas máquinas automáticas. Era um discurso de vendas bastante persuasivo, que incluía se valer da força bruta de um certo tipo de *branding* do submundo. “Os donos dos lugares podiam citar nossos nomes”, disse Flemmi.

A questão da Melotone foi parar na mesa de John Connolly.

Depois de se encontrar com Bulger, Connolly marcou uma reunião com os executivos da Melotone, buscando resumir para seus representantes as duras verdades sobre a tentativa de instaurar um processo criminal. O agente lhes disse que, sem dúvida, poderiam ir atrás de Bulger e Flemmi, que estavam em seu direito. Mas perguntou se realmente tinham refletido sobre a coisa toda. Será que compreendiam o que significava testemunhar contra os gângsteres — o problema em suas vidas, mesmo o risco para a “segurança” de suas famílias? “Connolly pintou um cenário bem desanimador para os executivos”, lembrou Flemmi.

O agente também disse aos empresários que suas vidas poderiam correr perigo. “Se quisessem mesmo abrir um processo, ele estava disposto a ajudar, sabe? A processar a gente”, recordou Flemmi. “Mas disse que teriam que entrar no programa de proteção à testemunha, por a gente ser quem era.”

O prognóstico sombrio de John Connolly teve o efeito desejado. Logo, disse Flemmi, “eles recuaram”. Connolly até pensou num acordo: prometeu aos executivos que falaria com Bulger e Flemmi para fazer uma pequena concessão. “Um lugar estava sob consideração”, disse Flemmi. “Tiramos a nossa

máquina de lá. A máquina deles ficou [...]. Depois disso, não houve mais problema.”

Sem corpo, sem crime.

Não era nada ortodoxo, mas, para Connolly, por que não? Ele negociara algo semelhante a um acordo fora do tribunal. Ninguém se ferira. Se a queixa evaporasse no ar, não haveria nada para o FBI investigar. E, tão importante quanto isso, não haveria motivo para conduzir qualquer tipo de revisão interna no escritório de Boston sobre Bulger e Flemmi — e, sem dúvida, também não haveria motivo algum para envolver a sede. Nem chegou a ser necessário relatar os crimes de um informante. Connolly encontrara um jeito de proteger o acordo.

“Ele não queria ver a gente indiciado”, explicou Flemmi. E a cultura do FBI proporcionava a Connolly a margem de manobra de que precisava para improvisar; ele podia continuar falando do manual da boca para fora, mas seguir as próprias linhas de conduta.

Cinco meses depois de Whitey Bulger ter começado como informante do FBI, Connolly conseguiu, em 2 de fevereiro de 1976, elevá-lo ao status de escalão superior. O agente criado em Boston passou a ter dois desse escalão em mãos: Bulger e Flemmi. Flemmi, outrora “Jack de South Boston” ficou conhecido como “Shogun”, Bulger era “Charlie”.

No entanto, rupturas — ainda pequenas fissuras, mas, mesmo assim, rupturas — começaram a aparecer. “Connolly se via como um sujeito muito importante”, recordou Robert Fitzpatrick, profissional calejado que se tornou assistente do agente especial encarregado do escritório em Boston no início dos anos 1980. Connolly parecia estar sempre zanzando pela cidade para acionar pessoas na mídia, na política e na própria divisão. Passou a ser o cara a se procurar quando alguém queria ingressos para o Red Sox. De vez em quando, deixava de assinar o livro de ponto obrigatório ao chegar. Os modos de

Connolly começaram a mudar, e seu estilo ficou mais provocativo. Ele começou a agir como um vendedor — hábil em fingir sinceridade, mas desinteressado na coisa real. Era a habilidade consumada de um grande fingidor, a qual se tornou sua marca registrada.

E, pelo jeito, o casamento deixou de ser satisfatório. John e Marianne Connolly se separaram no início de 1978. Ele se mudou de imediato para um apartamento em Quincy, a poucas quadras da rua à beira-mar onde se encontrara com Bulger naquela noite enluarada. Além de tudo, o apartamento ficava praticamente diante do condomínio de Louisburg Square onde Bulger dormia com Catherine Greig, a mais jovem de suas duas namoradas. Mas, para o agente, Quincy era apenas parte da jornada, não um destino. Ele começou a pensar em se mudar de volta para Southie.

Fitzpatrick começou a ficar desconfiado. Ele, Bulger e Connolly realizaram uma reunião secreta, encontro que fazia parte da checagem obrigatória, periódica, de um informante e seu responsável no FBI.

“Eu o deixei falar merda à vontade”, recordou Fitzpatrick sobre o modo como Bulger assumiu o controle da sessão de imediato. Bulger contou como puxava ferro, como se mantinha em forma. “Ele falou pelos cotovelos. Ficou contando vantagem, ou pelo menos o que eu considero vantagem, sobre como era forte, o que tinha feito na prisão. Contou sobre seu passado. Falamos sobre Southie. E, de modo geral achei que ele estava tentando me impressionar.”

Depois da reunião, Connolly virou para o chefe e disse: “O cara não é do caralho?” Fitzpatrick jamais esqueceu a frase do agente. Bulger — o notório assassino, agiota e traficante — um sujeito do caralho? Fitzpatrick ficou pálido.

* * *

Num escritório em que alguns agentes tinham suas desconfianças, os diretores sentiram certo alívio: em dezembro de 1977, outro agente foi promovido para controlar Connolly. O novo supervisor do Esquadrão de Crime Organizado, o veterano agente John Morris, foi visto como o páreo ideal para o esperto agente das ruas, um supervisor corretíssimo que serviria de contraponto.

Os dois formavam uma dupla improvável: Connolly era sociável, alto e vaidoso. Com origens no Meio-Oeste, Morris era um sujeito calado e simples. Connolly era um homem livre circulando pela cidade; Morris era casado e tinha família, morava no subúrbio, ia para o trabalho com Dennis Condon e era considerado um supervisor inteligente e capaz, cujos relatórios eram minuciosos e de alta qualidade.

Mas, com o tempo, Morris se revelaria o exato oposto do funcionário exemplar. A diretoria do FBI cometera um terrível engano. Morris, o agente sério e dedicado, não estava à altura de tudo que vinha fermentando no escritório do FBI em Boston. O acordo entre Connolly, Bulger e Flemmi se revelaria grande demais para que ele controlasse — grande demais para o controle de qualquer supervisor posterior ou até do FBI.

* *Racketeering* refere-se à atividade ilícita (como extorsão, lavagem de dinheiro, agiotagem, obstrução da justiça, chantagem etc.) realizada em prol de uma organização criminosa. (N.T.)

CAPÍTULO CINCO

Apostas lucrativas

O terceiro páreo no hipódromo Suffolk Downs estava armado para seguir conforme o script. Os gângsteres da Winter Hill aguardavam ansiosamente em Somerville. Orientados por Howie Winter, e incluindo seus parceiros Whitey Bulger e Stevie Flemmi, eles haviam apostado milhares de dólares no hipódromo em East Boston e usando *bookmakers*.

Hora de relaxar e colher os frutos.

Mas havia algo errado. Após receber 800 dólares para fazer sua parte, um dos jóqueis decidiu improvisar. Em vez de segurar o cavalo, correu à toda até chegar ao disco final. Apostas tinham sido feitas, e o dinheiro foi perdido. Howie Winter não ficou feliz.

No salão dos fundos de um restaurante em Somerville, o jóquei chegou como combinado para uma reunião secreta após a corrida. Winter estava lá à espera, junto com um de seus capangas e o arranjador do resultado, Anthony “Fat Tony” Ciulla. Howie Winter entrara nos negócios com Ciulla esperando fazer uma grana preta com corridas de cavalo ao longo de toda a Costa Leste. Mestre em arranjar resultados de páreos, Fat Tony era um sujeito enorme com o talhe de um tonel de cerveja: 104 quilos distribuídos por 1,93 metro de altura.

O ameaçador Winter foi direto ao ponto:

“Você se dá conta de que pegou meu dinheiro e deixou o cavalo correr?”

O jóquei estava nervoso. Tentou responder em tom despreocupado, mas o comentário soou insolente. Antes de conseguir terminar, o parceiro de Winter, Billy Barnoski, sacou um

porrete de cabo flexível e acertou o jóquei na cabeça. Completando o serviço, Winter se curvou e esbofeteou o jóquei.

O rapaz decidiu mudar de atitude. Desculpando-se profusamente, ofereceu-se para retardar o cavalo em futuras corridas em troca de nada. Winter ficou em dúvida. Eles haviam conversado sobre matar o jóquei e descartar o corpo na área dos fundos de Suffolk Downs — nada como um cadáver frio para mandar o recado.

Mas Winter decidiu que a surra seria suficiente. O malgrado resultado do páreo em meados de outubro de 1975 provavelmente não significava nada além de um raro dia ruim. Promotores federais estimavam que o negócio de resultados arranjados com Ciulla lucrara mais de 8 milhões de dólares, operando em oito estados. O esquema podia se dar ao luxo de perder uma corrida.

* * *

Connolly sempre afirmaria que o FBI em Boston não sabia muito sobre as atividades criminosas de Bulger e Flemmi e que seu conhecimento se restringia ao jogo e à agiotagem que os dois tocavam de modo a manter credibilidade no submundo. Mas a verdade era que Bulger e Flemmi organizavam todo tipo de atividade ilícita, incluindo o negócio do páreo.

O esquema era simples. Por meio de subornos e intimidações, Ciulla providenciava que certos cavalos, em geral os favoritos, perdessem. Dependendo do jóquei e do cavalo, os subornos iam de 800 dólares a milhares de dólares. Nesse meio-tempo, os comparsas de Winter punham dinheiro em azarões, fosse para ponta, placê (quando o cavalo termina em primeiro ou segundo lugar) ou show (ao terminar entre os três primeiros), ou em várias combinações bem-pagas; numa trifeta, por exemplo, quando um apostador acerta, na sequência, os três primeiros cavalos. Os

gângsteres espalhavam as apostas — na pista e com *bookies* na área de Boston e em Las Vegas. Em algumas corridas, indicar o *handicap* no resultado do páreo era barbada. Por exemplo, o prado em Pocono Downs, na Pensilvânia, geralmente era pequeno. Ciulla subornava três dos cinco jóqueis e depois só esperava o dinheiro entrar.

A Ciulla, só restava se associar à gangue de Winter. Filho de peixeiro, ele crescera na região de Boston, indo sempre a reboque do pai ao hipódromo. Ciulla começou a arranjar resultados de corridas aos 20 anos em Massachusetts e Rhode Island, às vezes subornando jóqueis, às vezes drogando cavalos. No fim de 1973, o trapaceiro de 30 anos cometeu a besteira de passar a perna nos agenciadores de apostas controlados por Howie Winter. O chefão criminoso descobriu que estava sendo “vitimado” pelo jovem Ciulla. Winter decidiu fazer uma visitinha a Fat Tony.

Ciulla se lembrava do encontro com Winter no Chandler’s, restaurante no South End de Boston controlado pelo gângster. “Ele disse que sabia que eu tinha feito uma aposta com o *bookie* dele, Mario, numa corrida arranjada.” A quantia era 6 mil dólares. “Disse que eu era o responsável por um prejuízo para ele de X dólares e que era bom eu arrumar o dinheiro, senão estaria encrencado.”

Mas, perto do fim da conversa, a pendenga se revelara uma nova oportunidade de negócios. Pouco depois, os dois se reencontraram em Somerville. Conversaram mais. Então, ainda no fim de 1973, reuniram-se na Marshall Motors, de Winter. Dessa vez, o gângster quis que seu círculo íntimo estivesse presente, incluindo Bulger. Os termos foram negociados; as técnicas, discutidas. As duas partes tinham muito a ganhar. Ciulla era especialista em páreos; conhecia os hipódromos, os jóqueis e os cavalos. Winter tinha acesso aos *bookies*. Ele e seus comparsas também tinham o dinheiro para financiar a substancial

empreitada de apostas que todos tinham em mente. Igualmente importante, a Winter Hill trazia junto a força bruta para garantir que os agenciadores de apostas que explorassem não pensassem em retaliação se e quando percebessem que haviam sido passados para trás.

A começar por julho de 1974, Ciulla e a gangue de Winter passaram a arranjar resultados de corridas ao longo da Costa Leste — em East Boston (Suffolk Downs); Salem, New Hampshire (Rockingham); Lincoln, Rhode Island (Lincoln Downs); Plains Township, Pensilvânia (Pocono), Hamilton Township, Nova Jersey (Atlantic City); Cherry Hill, Nova Jersey (Garden State); entre outros hipódromos.

Então as coisas deram errado. Um jóquei em Nova Jersey começou a cooperar com a polícia estadual. Ciulla foi preso, condenado no julgamento e sentenciado a seis anos na prisão estadual de Nova Jersey. Mas Fat Tony não simpatizava com a vida de presidiário. No fim de 1976, também deu com a língua nos dentes. A Polícia Estadual de Nova Jersey chamou o FBI e, de repente, no início de 1977, Ciulla saiu da prisão e foi incluído no programa de proteção à testemunha do governo federal. Em troca de clemência, Ciulla se reinventaria como uma testemunha estelar do governo e, nos primeiros dias de 1977, passou a conversar com os agentes sobre sua empreitada com a gangue de Howie Winter, sobre as reuniões regulares na Marshall Motors com a turma de Winter, sobre Bulger e sobre Flemmi, que em 1974 voltara de Montreal para Boston.

* * *

Em Boston, no começo de 1977, a notícia sobre a mudança de rumo na carreira de Ciulla ainda não se espalhara. Embora houvesse agentes do FBI em Boston designados para o caso, Connolly não estava entre eles. John Morris ainda não assumira

como supervisor do Esquadrão de Crime Organizado da divisão. Ainda não fora instaurado nenhum dos controles que no futuro ajudariam a abafar investigações contra informantes considerados valiosos. O inquérito sobre o esquema de resultados arranjados começara na esfera estadual e só depois tomara o caminho de volta para Boston. Tudo estava acontecendo fora do controle de Connolly. Sem chance de reprisar o episódio da Melotone.

O agente do bureau no caso era Tom Daly, que operava baseado em Lowell, Massachusetts. Daly mais tarde se aproximaria de Connolly, mas na época trabalhava Ciulla discretamente para ser uma importante testemunha na tentativa de derrubar Howie Winter e sua gangue. As coisas complicaram ainda mais pouco depois que John Morris surgiu em cena como novo supervisor de Connolly. O FBI não podia lidar com informantes que fossem simultaneamente alvos de um caso importante do bureau. Assim, Morris ordenou o desligamento do informante do escalão superior. Morris escreveu num memorando que Bulger estava recebendo “status de encerrado no presente momento, tendo em vista que o indivíduo podia ver-se envolvido em dificuldades legais num futuro próximo”. O próprio Connolly não teve escolha a não ser assinar o relatório de 27 de janeiro de 1978, que foi incluído na pasta administrativa de Bulger e enviado para a sede do FBI em Washington, D.C. Era o mínimo exigido pelas diretrizes e pelos regulamentos do bureau para lidar com informantes.

Teria a dança terminado de forma tão abrupta?

Improvável. Morris e Connolly tinham outra coisa em mente.

Na verdade, o memorando de janeiro marcou o início de uma era de redação criativa que supervisor e agente adotariam, no que dizia respeito aos arquivos do FBI sobre Bulger e Flemmi. Era nada mais, nada menos que falsificar os livros. Morris podia parecer o pragmático agente — modos reservados, rosto sisudo

e físico franzino se combinavam para lhe conferir uma aparência de burocrata apegado às regras —, mas tudo isso ocultava outro lado. Olhando em torno do escritório para tipos como o vaidoso Connolly e, antes dele, Paul Rico e seu cabelo grisalho, Morris era como o técnico invejoso dos jogadores que estrelavam e começavam jogando os grandes jogos. E, pouco depois de se transferir para Boston em 1972, ele até procurara mostrar que também tinha o estofo necessário.

Ele vinha trabalhando duro numa investigação de agiotagem e pouco progredira ao tentar persuadir um mafioso chamado Eddie Miani a se tornar uma testemunha cooperante. Certa noite, tendo fracassado no *tête-à-tête*, Morris e dois agentes foram à casa de Miani e se enfiaram debaixo de seu carro. “Era um fio com um detonador”, disse Morris mais tarde, “como se você fosse ligar um dispositivo explosivo ali”. Então, foram embora e rapidamente fizeram uma ligação anônima para a polícia local denunciando pessoas estranhas mexendo num carro diante da casa de Miani. A polícia chegou, acordou Miani e lhe mostrou o dispositivo desmanchado. No dia seguinte, Morris estava de novo diante de Miani: “Está vendo? Eu falei. Seus ‘amigos’ estão tentando matar você. Fica esperto. Trabalha com a gente. O FBI é sua única esperança.”

Miani mandou Morris para aquele lugar, e o truque sujo da bomba no carro permaneceu um segredo entre os agentes. Mas o episódio fez Morris pegar gosto pela transgressão; assim, quando assumiu o comando do Esquadrão de Crime Organizado, ele já desenvolvera a flexibilidade necessária para se tornar um páreo à altura de Connolly. Comparado com forjar bombas, burlar a papelada do FBI era café pequeno; a começar pelo caso dos resultados arranjados nas corridas de cavalos, as mentiras que escreveram pareceram fluir com facilidade.

Por exemplo, o memorando de 1978 de Morris relatou que Bulger estava fora do negócio de informantes, mas este nunca

ficou sabendo da suposta mudança de status, e Connolly continuou se encontrando com ele como se nada houvesse mudado. Além do mais, Morris mentiu descaradamente num documento posterior ao afirmar que, durante o inquérito dos resultados arranjados, Connolly “cortara o contato”; era mentira. Então, na década de 1980, teria havido um período de três anos em que o status de informante de Flemmi permaneceu encerrado. Mas ninguém jamais o comunicou disso, e durante esse tempo Connolly arquivaria 46 relatórios do FBI de contatos que ele e outros agentes tiveram com Flemmi durante o suposto desligamento. Nenhum supervisor do FBI pediria a Connolly que explicasse o grande número de contatos que ele e outros agentes vinham tendo com um informante desligado. Contanto que a papelada parecesse em ordem, tudo estava bem.

Na época, Morris tinha preocupações mais prementes do que o caso de páreos arranjados de outra pessoa. O ambicioso supervisor estava determinado a mandar seu Esquadrão de Crime Organizado elaborar um plano para fazer o que nenhuma agência policial ainda fora capaz — instalar uma escuta no escritório de Gennaro Angiulo no North End. No momento, Morris estava atarefado até o pescoço, supervisionando outra investigação já em curso.

Esta envolvia a proliferação do roubo de carga de caminhão na região da Nova Inglaterra. A sindicância conjunta entre o FBI de Boston e a Polícia Estadual de Massachusetts recebeu o codinome de Operação Lagosta. Dezenas de agentes e policiais haviam sido designados para o caso, que foi montado em torno de um agente do FBI disfarçado, Nick Gianturco, que passara a ser Nick Giarro. Ele fora recrutado para o trabalho vindo da divisão do FBI em Nova York — assim, minimizavam-se as chances de que os bandidos locais o identificassem. Na verdade, foi John Connolly quem nomeou Gianturco. Os dois haviam

trabalhado no mesmo esquadrão quando Connolly ficou estacionado na Big Apple, e continuaram amigos desde então.

Gianturco foi instalado num armazém de mil metros quadrados na área do Hyde Park em Boston contendo escutas e circuito de TV interno. Perto dali, o FBI e a polícia estadual haviam alugado outro lugar, uma “usina de monitoramento” para operar as câmeras de vídeo e os microfones. E, algumas quadras depois, os investigadores alugaram um apartamento para usar como posto de comando.

Em meados de 1977, Gianturco abriu para os negócios, passando por receptor de um grupo cada vez maior de ladrões de caminhão, muitos dos quais operavam no bairro de Charlestown, Boston. Gianturco recuperava todo tipo de mercadoria roubada — farinha, bebidas destiladas, produtos de barba, mobília, estojos de ferramentas, cerveja, jaquetas de esqui, casacos esportivos e outras roupas, equipamento de construção pesada, cigarros, café e fornos de micro-ondas. Quinze meses mais tarde, no outono de 1978, os supervisores de campo de Gianturco escreviam para a sede do FBI que “Boston agora tem a data de 31/10/1978 como possível dia de encerramento da fase de operações”. A essa altura, mais de 2,6 milhões em mercadorias roubadas haviam sido recuperados.

Enquanto Morris se ocupava da Operação Lagosta, Connolly se encontrava com Flemmi, e numa das reuniões as investigações separadas de repente se combinaram. “Foi uma frase casual que um amigo me disse”, recordou Flemmi. “Ele havia me falado sobre esse receptor, que o cara era muito exposto e estava comprando contêineres de mercadorias roubadas. Estavam de olho nele como um potencial alvo [de roubo] por causa do dinheiro que estava manipulando, mas eles estavam relutantes em fazer alguma coisa porque não sabiam se ele tinha ligação com alguém. Então meu amigo perguntou: ‘Você consegue descobrir se ele tem ligação com alguém?’ Porque o

peçoal queria fazer alguma coisa, e eles não queriam se arriscar a fazer nada que repercutisse.”

Mais tarde, Flemmi insistiu que na época não fazia ideia de que o colega de Connolly no FBI estava trabalhando disfarçado como o receptor em questão. Mas Connolly ficou imediatamente preocupado com a segurança de Gianturco. Pegou o telefone para alertar o colega.

“Recebi uma ligação do senhor Connolly em casa, e ele me perguntou se eu tinha reunião marcada com o pessoal de Charlestown”, declarou Gianturco mais tarde.

Nick Gianturco contou a Connolly que, sim, tinha uma reunião programada para aquela noite, no depósito.

“Ele me disse para não ir, falou que eles iam me matar”, recordou Gianturco, que, exausto dos longos meses vivendo sob dupla identidade, ficou bem abalado. Estava cansado de olhar por cima do ombro o tempo todo, fazendo o trajeto diário entre Hyde Park, no papel como Nick Giarro, para sua casa e sua vida real como marido e pai. Logo depois de conversar com Connolly, ele escapou da reunião, e nos anos seguintes diria como se sentia agradecido por Connolly ter se preocupado com ele.

Nos dias seguintes ao incidente, Connolly não documentou o episódio em nenhum relatório interno. Não notificou os dois supervisores de campo do FBI e da polícia estadual da Operação Lagosta responsáveis pela segurança de “Nick Giarro”. Mas contou a Morris, e a dica de Flemmi se transformou à medida que foi passada adiante, como numa brincadeira infantil de telefone sem fio, ganhando cada vez mais gravidade, de uma possível extorsão a uma ameaça de assassinato. Quanto mais conversavam sobre aquilo e mais dramatizavam a ideia de uma correria trepidante no meio da noite que resultou na vida de um agente sendo salva, mais tinham à mão um grande exemplo da importância do acordo firmado com Bulger e Flemmi. De repente, a “dica acidental” que começou com Flemmi pareceu capturar a

essência do motivo para Connolly e Morris fazerem o que podiam para manter a dupla de gângsteres trabalhando para o FBI.

* * *

À medida que 1978 chegava ao fim, Connolly e Morris viam um grande problema assomar no horizonte: as nuvens tempestuosas do caso das corridas arranjadas. Em vez de minguar, a investigação construída em torno de Fat Tony Ciulla decolara. Para Howie Winter, Ciulla estava se revelando o maior insulto numa série de agravos que ele e sua gangue haviam sofrido. Num processo estadual, Winter fora condenado por extorsão e aguardava numa prisão estadual de Massachusetts enquanto Ciulla se abria perante o grande júri federal em Boston. Atingido por uma onda de imensos prejuízos em suas novas operações de apostas esportivas na região da Nova Inglaterra, Winter procurou o mafioso Gennaro Angiulo antes de ser preso e pegou emprestados mais de 200 mil dólares.

Eu 6 de novembro de 1978, a edição da *Sports Illustrated* trouxe uma matéria de capa sobre Ciulla e sua vida no crime com o título de “*Confessions of a Master Fixer*” — confissões de um arranjador de resultados. A testemunha recém-cunhada pelo governo recebeu 10 mil dólares da revista pelo longo artigo, que mencionava a sindicância que vinha ocorrendo em Boston. Enquanto isso, em Mt. Holly, Nova Jersey, Ciulla estava ocupado passando por uma série de ensaios variados para o iminente processo em Boston, em que atuaria como testemunha-chave num julgamento local contra nove jóqueis e treinadores.

Tudo isso preocupou Connolly. Ele não se importava com Howie Winter, mas, com Bulger e Flemmi, sim. Em certo sentido, o julgamento de Nova Jersey não era a ameaça imediata; o caso envolvia apenas os jóqueis. Mesmo assim, o papel de Ciulla no julgamento de Nova Jersey estava infernizando sua vida em

Boston. Ao testemunhar contra os jóqueis, Ciulla falava publicamente pela primeira vez sobre como funcionava o esquema de resultados arranjados. Durante as mesmas semanas em que Connolly se batia com a informação recebida de Bulger e Flemmi capaz de afetar a segurança do agente disfarçado Nick Gianturco, Fat Tony fornecia um relato minucioso de quem fizera o quê para arranjar resultados de corridas de cavalo que renderam milhões de dólares para os gângsteres em Boston. A certa altura, pediram a Ciulla que identificasse seus parceiros na cidade. No começo, ele hesitou, como um ator se preparando para suas melhores falas.

— Excelência, eu compareci perante grandes júris federais com esses nomes. Não sei se tenho permissão de dizê-los aqui, numa sessão do tribunal.

O juiz local não ficou impressionado com o dilema de Ciulla.

— O senhor está aqui agora — respondeu o juiz de sua cadeira. Então ordenou que Ciulla identificasse os principais parceiros em Boston.

Não havia como recuar, e Ciulla foi em frente.

— Os caras que foram meus parceiros — começou. — O nome de um é Howie Winter. O de outro é John Martorano. M-a-r-t-o-r-a-n-o. Whitey Bulger. Stephen Flemmi.

Era o fim de 1978, e os tão aguardados indiciamentos de Boston no inquérito federal sobre os resultados arranjados estavam sendo preparados. John Connolly e John Morris decidiram que precisavam fazer alguma coisa, mesmo que o testemunho sob juramento de Ciulla feito em outro estado tivesse dificultado quaisquer manobras de bastidores para salvaguardar Bulger e Flemmi.

* * *

Para começar, Connolly e Morris se reuniram em segredo com Bulger. O encontro foi “extraoficial”. Jamais se redigiu um relatório ou memorando para descrever o episódio em janeiro de 1979. Os agentes se encontraram com Bulger em seu apartamento em South Boston, e os três discutiram o caso construído em torno de Ciulla. “A gente achou que ia ser indiciado”, contou Flemmi sobre esses dias tensos.

Para Bulger, sua posição era bem simples. Ele contou aos agentes que não fazia parte, com Flemmi, do esquema de arranjar resultados da gangue. O governo estava trabalhando com um mentiroso.

A afirmação de Bulger não surpreendeu os agentes do FBI — a alegação de inocência de um alvo criminoso não era rara nem incomum. Para se resguardar, Morris poderia ter jogado pesado com Bulger. Poderia ter insistido que Bulger e Flemmi dessem um depoimento juramentado atestando inocência. Isso teria feito o FBI parecer mais responsável. Se um dia viesse à tona a evidência de que o mentiroso era Bulger, os informantes poderiam ser processados, no mínimo pela declaração falsa ao FBI.

Mas Morris não pretendia submeter Bulger e Flemmi a esse tipo de moedor de carne. Isso “nunca me passou pela cabeça”, disse ele. Bulger era filé-mignon, não um acém qualquer. Em vez disso, Morris e Connolly acataram de peito aberto a posição de Bulger — sua palavra contra a de Ciulla — e prometeram lutar por sua causa, tentando marcar uma audiência com o chefe da promotoria no processo, Jeremiah T. O’Sullivan.

Bulger ficou animado quando os agentes disseram que ficariam do seu lado. Imediatamente contou a Flemmi que a barra estava limpa: “John Connolly tinha contado pra ele que a gente ia ser tirado do caso e não ia ser indiciado”, lembrou Flemmi, como se fosse música para seus ouvidos.

Dias depois, Morris e Connolly cruzaram as poucas quadras que separavam seu escritório do FBI — no Prédio Federal John F. Kennedy, no centro de Boston — do gabinete do promotor O’Sullivan, nos andares superiores do Fórum John W. McCormack, em Post Office Square. O’Sullivan não ficou nada feliz em ter que discutir uma questão como essa com as coisas já tão adiantadas. O sisudo promotor, um solteirão de trinta e poucos anos, permaneceu formal o tempo todo. Para muitos advogados que o haviam enfrentado no tribunal, ele não passava de um pernóstico sentencioso. Mas, para seus colegas, era um implacável combatente do crime, ainda que rabugento e exigente. Ele crescera num prédio de três andares em Cambridge, nas proximidades, se formara na Universidade de Boston e na Faculdade de Direito da Universidade Georgetown, e estava determinado a penetrar as fileiras do crime organizado local até conquistar sua suprema ambição: enquadrar a Máfia.

Na época em que Morris e Connolly apareceram no escritório, os indiciamentos no caso de resultados arranjados estavam na fase dos retoques finais, e nesse ponto Bulger e Flemmi figuravam de fato no bolo de mais de vinte figuras prestes a receber voz de prisão. Estava longe de ser o momento apropriado — os últimos dias de uma investigação de dois anos — para pedir favores.

Morris e Connolly não tinham como saber até que ponto Ciulla envolvera Bulger e Flemmi. Mas O’Sullivan sabia. Perante o grande júri e, mais tarde, no próprio julgamento federal, Ciulla se mostrara consistente e convincente nas sessões de *debriefing* — o informe fornecido após uma operação — feitas em Sacramento, Califórnia, com o agente Tom Daly. Descrevera de forma exata como repartiam os ganhos Winter e seus seis principais comparsas — John e James Martorano, James Bulger, Stephen Flemmi, Joseph McDonald e James Sims: “Os lucros eram divididos nesse esquema ilegal tal como segue: 50% para

Howard Winter e seus seis comparsas supramencionados; 25% para Ciulla e 25% para o parceiro de Ciulla, a saber, William Barnoski.” Ele descrevera as várias tarefas: “O senhor Winter afirmou que ele e seus parceiros financiariam a situação, seriam responsáveis por fazer apostas de fora com agenciadores ilegais e também forneceriam os corredores para as pistas e várias partes do país. Ele seria responsável por coletar dinheiro com os agenciadores de apostas.”

O mais preocupante de tudo foi que ele pusera Bulger e Flemmi bem no meio do esquema. “Eu expliquei como eles punham a mão na massa”, recordou Ciulla. Bulger e Flemmi talvez se mandassem antes que Ciulla e a gangue comesçassem a encher a cara e cheirar cocaína, mas estavam por perto quando importava. “Se eu andava com ele?”, disse Ciulla sobre Bulger. “Se socializava depois do dia de trabalho? Se ia com ele até Southie? Não. Mas sempre tinha dinheiro para ele e Stevie.”

A visita a O’Sullivan se deu na surdina: sem permissão da sede do FBI, os agentes não tinham nada a conversar com um promotor. Além do mais, a identidade de um informante era considerada segredo de estado; revelá-la — até para um promotor — era violação às regras do FBI. Mas isso não impediu Morris e Connolly de contar a O’Sullivan sobre seu arranjo com Bulger e Flemmi.

“Procuramos o promotor e contamos que Bulger e Flemmi haviam declarado que, para começo de conversa, não estavam na jogada, que o esquema não era deles”, recordou Morris.

Tão importante quanto, os agentes tocaram num assunto que sabiam ser de interesse do sisudo promotor — Gennaro Angiulo. Morris disse que contaram a O’Sullivan que “esses caras estavam em posição de ajudar a gente a entrar na nossa prioridade número um, a Máfia, e a gente pediu a O’Sullivan que reconsiderasse e não indiciasse os dois com base nisso”.

O promotor não pressionou os agentes do FBI para saber no que se baseava essa confiança, por que se fiavam na palavra dos gângsteres, nem perguntou se haviam empreendido alguma investigação para corroborar as alegações de inocência. Mas Morris sabia que, para O'Sullivan embarcar, teria que encontrar um meio de contornar sua testemunha-chave. O caso da promotoria estava sendo montado em torno de Ciulla. Sua credibilidade era fundamental para a vitória num julgamento, e ali estavam Bulger e Flemmi empenhando sua palavra contra a do arranjador de resultados.

Embora ainda descontente com os agentes por terem esperado tanto — era quase véspera dos indiciamentos —, O'Sullivan escutou-os com atenção. Quando terminaram, afirmou que voltaria a procurá-los. “Ele ia pensar a respeito”, recordou Morris sobre o que O'Sullivan dissera. “Estava inclinado para o nosso lado, mas queria discutir o assunto com Tom Daly, que era o agente do caso.”

Morris e Connolly foram embora da reunião se sentindo encorajados. Não era a primeira vez que livravam a cara dos informantes num caso criminal — pelo qual respondiam devidamente — de modo a guardá-los para algo mais compensador no futuro. De fato, nesse momento na história dos laços do FBI com Bulger e Flemmi, os agentes acreditavam ter um forte argumento para dar um fresco aos informantes. Como disseram a O'Sullivan, eles possuíam um valor em potencial para desenvolver o megacaso contra Gennaro Angiulo. Além do mais, Bulger e Flemmi não eram os alvos primordiais do caso dos páreos arranjados; Howie Winter era o homem principal. Bulger e Flemmi se encontravam no escalão médio, não eram os tubarões. Nessa condição, estavam na posição ideal para ajudar o FBI. O bureau podia defender que O'Sullivan fosse em frente e implodisse a gangue Winter Hill, mas que, em meio aos destroços, deveria deixar os dois tenentes de pé.

Dias depois, O'Sullivan mandou um aviso a Morris no escritório do FBI: Whitey Bulger e Stevie Flemmi não seriam indiciados. Houve conversas sobre como, no caso dos gângsteres, ele não dispunha do tipo de evidência corroborante à disposição — tais como registros telefônicos e recibos de hotel — que sustentassem o relato de Ciulla, como era o caso com os demais acusados. Mas isso foi visto como simples manobra oficial da promotoria para acobertar o rastro deles. Morris não tardou a transmitir a boa notícia para Connolly, que ficou satisfeito. Tempos depois, Connolly recordou a conversa com O'Sullivan. “O'Sullivan esperava que eles [Bulger e Flemmi] mostrassem gratidão e que o FBI também ficasse grato, porque sentia que a gente havia esperado um pouco demais para contar para ele sobre a situação dos dois”, declarou Connolly. E acrescentou que, como se veria, o governo sabia dos podres de Bulger e Flemmi: “Ao que parece, na verdade Ciulla fez a caveira dos dois durante seu testemunho perante o grande júri.”

No entanto, nada vem sem um preço. Fat Tony ficara encolerizado. “Tentaram me passar a perna”, disse. O'Sullivan “tentou justificar que Stevie não foi indiciado por ser foragido. Depois falou que não conseguiam correlacionar certas datas.

“E eu disse: ‘Porra nenhuma! É mentira.’”, lembrou Ciulla. Bulger e Flemmi haviam chamado *bookies* para coletar apostas em corridas arranjadas sem informá-los. Após sofrer perdas enormes, os agenciadores ficariam em dívida com a Winter Hill — e passariam a ser controlados pela gangue. “E Whitey estava nisso o tempo todo.” Ciulla contestou O'Sullivan. “As coisas não batiam, e eu não sou palhaço. Por que aqueles dois iam ficar de fora? Eles eram parceiros. Por que iam ficar livres se eu tinha negócios diretamente com eles?” O'Sullivan continuou com a conversa mole, mas os responsáveis por Ciulla no FBI finalmente lhe contaram a verdade.

“Eles tinham que me contou, porque eu estava ficando putto.” Para Ciulla, tinha a ver com autopreservação, não com justiça. Ciulla afirmou ter pensado que, “quanto mais deles continuassem nas ruas, mais era provável que eu acabasse morto”.

Segundo Connolly, depois de ir ao FBI com a boa notícia, O’Sullivan exigiu que Bulger e Flemmi prometessem nem pensar em matar Ciulla. “Ele me falou que, como condição pra livrar a cara dos dois no caso, eles tinham que dar a palavra de que não iam fazer nenhuma tentativa de apagar Anthony ‘Fat Tony’ Ciulla.”

Embora ainda insatisfeito, Ciulla se tranquilizou. “Para mim, não estava certo o negócio de Stevie e Whitey, mas eu tinha que engolir esse sapo. E foi o que aconteceu.”

Várias semanas mais tarde, e em meio a muita expectativa, os indiciamentos federais no celebrado caso foram entregues à justiça. Era uma sexta-feira, 2 de fevereiro de 1979, e a notícia foi estampada na primeira página dos dois jornais da cidade.

Vinte e um homens foram acusados ao todo, liderados por Howard T. Winter, de 49 anos, e incluindo quase todos os seus comparsas na gangue Winter Hill, junto com três executivos dos cassinos em Las Vegas, três jôqueis e dois proprietários de hipódromos. A polícia foi incapaz de pegar todo mundo. Sabendo por Connolly que os indiciamentos estavam próximos, Bulger e Flemmi se precaveram. Avisaram John Martorano a tempo, de modo que ele pudesse sair da cidade, e notificaram Joe McDonald, já então fugitivo, de que ele teria novos problemas. “Como Bulger e eu tínhamos sido informados que o indiciamento era iminente, conseguimos advertir os dois”, afirmou Flemmi. “Martorano se mandou, e McDonald continuou foragido.”

O indiciamento em si não mencionou Bulger e Flemmi. A ação federal de mais de cinquenta páginas mencionava-os apenas num anexo de duas páginas entre uma lista de 64 “coconspiradores não indiciados”: James Bulger, de South

Boston; e Stephen Flemmi, ignorado. O'Sullivan escreveu: "Os ganhos eram divididos pelos acusados Howard T. Winter, John Martorano, James Martorano, Joseph M. McDonald, James L. Sims e outros."

Bulger e Flemmi haviam se tornado uma dupla de fantasmas camaradas.

* * *

Com a chegada do verão, John Morris decidiu dar uma festa em casa. Ele morava nos arredores de Boston, no subúrbio sossegado e arborizado de Lexington, Massachusetts. Era uma comunidade-dormitório com lugar de destaque na história do país. Sua casa não ficava longe de onde, em 1755, os primeiros tiros da Revolução Americana haviam sido disparados; a residência modesta, em estilo colonial, localizava-se perto de ruas batizadas com o nome de gigantes da história americana, como Hancock e Adams.

Morris tinha uma pequena lista de convidados em mente. John Connolly era um deles; na verdade, fora ele quem havia insistido para fazer a reunião. Nick Gianturco também daria as caras, já com a vida de agente disfarçado completamente encerrada e de volta à segurança do lar com a família. Por fim, havia os convidados especiais: Whitey e Stevie.

A vida doméstica de Morris piorava cada vez mais — seu casamento estava péssimo —, mas, profissionalmente, ele e os outros tinham muito a comemorar. Os agentes se sentiam nas nuvens. Havia impedido o indiciamento de Bulger e Flemmi; o julgamento dos páreos arranjados estava em pleno andamento, com Tony Ciulla no banco das testemunhas indo à carga contra Winter; e, por fim, o caso dos roubos de caminhões — a Operação Lagosta — passara à fase de indiciamentos em 15 de

março, ganhando também manchetes nas primeiras páginas. Era como se eles tivessem acertado a trifeta — ponta, placê e show.

De volta ao escritório, Morris e Connolly se encarregaram de alguns documentos do FBI. Morris mandou um teletipo para a sede do bureau em 4 de maio afirmando que Bulger estava “sendo reaberto, visto que, como fonte, agora está em posição de fornecer informação de valor”. A tempestade passara. Sete dias mais tarde, Morris e Connolly acrescentaram um segundo teletipo que pormenorizava a base para a jogada. Morris escreveu que, em janeiro, Bulger não fora desligado por improdutividade, mas pelo fato de que se tornara o alvo principal de uma investigação do FBI.

Em vista do status da fonte na época, decidiu-se interromper os contatos com ele até que se resolvesse a questão investigativa. O assunto foi solucionado, o que resultou em inúmeros indiciamentos.

E, segundo os relatos dos agentes de Boston, o mais importante de tudo foi que Bulger não sofrera indiciamento: “Nenhum caso passível de processo foi desenvolvido contra a fonte na opinião do advogado da Força de Combate que cuidava da questão. Consequentemente, a fonte voltou a ser contatada e continua disposta a fornecer informações.” Para os agentes, não importava que as informações fossem falsas, e Morris não fez menção alguma à sede do FBI sobre seu lobby.

“Boston acredita que essa fonte é uma das mais bem-situadas e valiosas da divisão”, concluiu Morris, que mais tarde disse que, a pedido de Connolly, não economizara elogios a Bulger, recomendando que este fosse elevado novamente ao status de escalão superior. Morris não se importava com o nome que dariam a Bulger, contanto que o gângster fornecesse ao FBI a informação que ele queria. Mas Connolly se importava. Nas palavras de Morris, “escalão superior é um crédito para Connolly. Ou seja, é um reflexo do trabalho que faz e do calibre dos

informantes que está operando.” O rótulo dizia respeito ao ego do agente e não tinha a menor relação com o modo como o escritório trabalhava com Bulger. “Não fazia diferença alguma”, arrematou Morris sobre a classificação para os dedos-duros do FBI. Mas logo Bulger foi devolvido ao status de escalão superior.

Esse era o tipo de acontecimento a que o grupo podia brindar. Além do mais, Bulger estava prestes a fazer 50 anos, em 3 de setembro. Morris se concentrou em decidir que comida servir, que vinho pôr na mesa. Era um conhecedor do assunto, interesse que Bulger e Flemmi haviam notado. Em festas subsequentes, os gângsteres levariam garrafas para John e acabariam apelidando o supervisor do FBI de “Vino”.

Juntos, como grupo, eles podiam apreciar em que situação nova e boa se encontravam. Nickie Gianturco, por exemplo, teria morrido se não fosse a aliança que Connolly fizera com Bulger e Flemmi. De certa forma, em consequência do caso dos resultados arranjados, eles haviam até ampliado a família para incluir o promotor O’Sullivan. Tempos depois, Connolly disse que a intervenção de O’Sullivan fornecia uma nova camada de verniz ao acordo do FBI. Era como se o promotor tivesse sacramentado a ideia de que Bulger e Flemmi fossem protegidos da promotoria. “Nos primeiros anos em que me reuni com Flemmi e Bulger, não houve um acordo. Os acordos só vieram com o caso dos resultados arranjados e com as conversas que tive com Jerry O’Sullivan”, declarou Connolly mais tarde.

Connolly jamais se preocupou com o fato de que nunca houve um documento do governo que desse imunidade aos informantes, nem sequer uma cláusula no acordo existente com o FBI que proibisse a instauração de processo federal contra os dois. Para ele, estava tudo na conversa sigilosa, nas piscadas de olho, na linguagem corporal e, o mais importante para esse agente de South Boston, em sua palavra. Para tornar a aliança mais palatável, o FBI passou a retratar Bulger e Flemmi como

uma dupla de sobras da desmantelada gangue Winter Hill. Como John Connolly gostava de dizer, eles não passavam de uma “gangue de dois”.

Mas isso estava longe de ser verdade. Bulger e Flemmi dificilmente assistiam a tudo sem se mexer. Pelo contrário: abaixo do radar do FBI, eles passaram a maior parte de 1979 cuidando dos negócios, senhores de seus próprios destinos. Bulger em especial se revelava o grande manipulador, puxando as cordinhas tanto do FBI quanto da Cosa Nostra.

No início do ano, os dois haviam se reunido com Gennaro Angiulo num quarto do Holiday Inn, em Somerville. O subchefe da Máfia queria discutir a dívida de mais de 200 mil dólares que Bulger e Flemmi tinham herdado do chefe deposto, Howie Winter. Angiulo queria conversar sobre taxas de juros e cronogramas para o pagamento. Bulger o destituiu da ideia, alegando tempos difíceis em virtude do inquérito dos resultados arranjados, e ele e Flemmi ainda conseguiram sair da reunião com 50 mil dólares em dinheiro vivo que Angiulo lhes deu como prova de boa-fé. A dupla pode muito bem ter saído de lá dando risadinhas; eles sabiam que o FBI começara a farejar disfarçadamente no North End, procurando uma forma de entrar. Na verdade, meses mais tarde ouviram dizer que Angiulo se enfurecera ao descobrir duas câmeras de segurança apontadas diretamente para seu escritório na Prince Street, 98. Bulger sabia que as câmeras pertenciam ao FBI e que, se os federais cumprissem a promessa de derrubar Angiulo, ele e Flemmi nunca mais perderiam o sono por causa da dívida de 200 mil. Bulger correu para contar a Connolly sobre o acesso de fúria de Angiulo.

O panorama do submundo estava mudando de diversas maneiras. Na época do jantar oferecido por Morris, Howie Winter estava fora do caminho. Bulger e Flemmi não eram mais meros parceiros de ninguém, e Bulger estava subindo na carreira de chefe do crime por mérito próprio. Ele e Flemmi estavam de

mudança de Winter Hill e buscando novas acomodações em Boston, perto do Boston Garden, a velha casa dos Celtics e dos Bruins. Mas, sem dúvida, a maior mudança foi a nova abordagem que ele e Flemmi haviam concebido para conduzir seus negócios no submundo. Talvez Gennaro Angiulo desfrutasse de seus dias conduzindo o negócio de jogo ilícito. Howie Winter também. Mas Bulger e Flemmi haviam tido uma nova ideia que não só os livraria da faina diária como também lhes forneceria uma camada de isolamento extra contra a lei. Eles decidiram forçar agenciadores de apostas e agiotas a lhes pagar pelo direito de realizar seus negócios. Iriam extorquir deles uma taxa de usuário. Como uma companhia de cartão de crédito, tirariam uma porcentagem de cada transação, reinventando-se como diretores de operações, como cobradores de pagamentos em dinheiro. Era uma estratégia brilhante, que em pouco tempo levaria Gennaro Angiulo, com uma indisfarçável ponta de admiração, a chamar a dupla de os novos “milionários”.

Em 1979, Bulger e Flemmi começaram a fazer o giro pelos *bookies* independentes para explicar a nova situação. Bulger, por exemplo, apertou um dos agenciadores de apostas esportivas mais espertos da região, Burton L. “Chico” Krantz. Os dois tinham uma história: certa vez, Bulger ameaçara matar Krantz por uma dívida não paga de 86 mil dólares em que este incorrera com um dos *bookies* de Howie Winter. Krantz não pôde oferecer grande resistência e logo começou a pagar 750 dólares por mês a Bulger e Flemmi. O *bookie*, junto com um número cada vez maior de outros agenciadores, continuou com os pagamentos até a década de 1990 já ir bem avançada, época em que o tributo mensal subira para 3 mil.

O FBI detectou as atividades. Vazando pouco a pouco de outros informantes, chegavam notícias sobre a jogada que Bulger e Flemmi andavam armando para os agenciadores de apostas e agiotas. Em junho, mais ou menos na época do jantar de Morris,

outro informante disse ao FBI que “Whitey Bulger e Steve Flemmi estiveram na área de Chelsea prensando *bookmakers* locais independentes para que pagassem”. Morris teve até um informante que lhe contou que Bulger e Flemmi haviam expandido o negócio de cobrança e passado a incluir traficantes.

Mas era como se Morris, Connolly e o FBI de Boston não quisessem nem ouvir falar. Como uma droga, seus elos com Bulger e Flemmi tinham evoluído para uma dependência que rapidamente se calejou em vício. Encontrando-se para jantar na casa de Morris, em Lexington, todos estavam se divertindo. Era o fim de uma década, e os ambiciosos agentes se empoleiravam no alto de uma colina com seus valiosos informantes, um ponto elevado de onde lançavam um olhar panorâmico sobre a cidade e viam a promessa auspiciosa de carreiras no bureau.

Eles enxergavam apenas o que queriam. Era um momento construído sobre um futuro compartilhado: o futuro lhes pertencia. Eles dariam a Máfia numa bandeja para ser devorada pelas feras: a sede do FBI, a imprensa e até a imaginação pública. Não importava como conseguiriam ou que método usariam, contanto que chegassem lá. A glória os aguardava.

Morris cumprimentou os convidados. Era o primeiro de inúmeros encontros por vir. “Foi mais social do que outra coisa”, declarou Morris. O tom descontraído da noite transmitia a sensação de que todos pertenciam a alguma coisa especial, que o campo de jogo de Boston era deles. Morris foi um dos inúmeros oficiais do governo a reconhecer que, naquele momento, o livro de regras estava sendo atirado pela janela para sempre. Em Boston, ocorria algo muito mais estranho do que a relação distanciada entre os informantes e o FBI. Mas na época o supervisor foi em frente, abriu um vinho e encheu as taças de todos. Bulger até levaria um presente, sinal de afeto revelando que o gângster tinha senso de humor. Ele presenteou o agente Nick Gianturco com um pequeno caminhão de madeira,

lembrança do trabalho disfarçado do agente no caso dos roubos de carga, a Operação Lagosta.

“Não era uma relação entre adversários”, constatou Gianturco posteriormente. Todo mundo estava feliz.

PARTE DOIS

“Faço o melhor que posso para proteger você, e posso até quebrar algumas regras, mas, se faço isso, é por você.”

Raymond Chandler, *O sono eterno*

CAPÍTULO SEIS

Gangue de dois?

Como uma cortina subindo, as portas de garagem da Lancaster Foreign Car Service se abriram na primavera de 1980 para uma nova era no submundo de Boston. Howie Winter caíra, e um realinhamento da ordem estava a caminho. Era uma revolução no mercado, e ali na oficina mecânica estavam Whitey Bulger e Stevie Flemmi, de braços cruzados, prontos para ocupar o centro do palco e explorar todas as oportunidades, e mais algumas.

O antigo lugar, a Marshall Motors, em Somerville, fora trocado por esse novo ponto, no centro. Embora alguns dos velhos membros da gangue Winter Hill estivessem foragidos da lei, outros seguiram a dupla. George Kaufman, que operara a Marshall Motors como fachada para Howie Winter, passou a operar a oficina de carros importados na Lancaster Street para Bulger e Flemmi. Pelas manhãs, o lugar ressoava com as batidas e os ruídos das ferramentas, mas no início da tarde a atmosfera da oficina mudava radicalmente. Na maioria dos dias, Bulger e Flemmi chegavam por volta da uma e meia para assumir o controle. Whitey chegava em seu Chevy Caprice 1979 preto e reluzente. As conversas sussurradas, o fluxo de gente entrando e saindo — tudo girava em torno de Bulger e Flemmi. E, acompanhando os dois, estava o grande e musculoso Nick Femia, soldado do crime com reputação de assassino viciado em escopetas e cocaína. Femia, Kaufman e outros gângsteres ficavam do lado de fora, como sentinelas, enquanto Bulger e Flemmi se recolhiam no escritório.

O ponto na Lancaster Street representou um upgrade, o equivalente criminoso de uma firma jurídica ou um banco transferindo sua base da periferia para o centro do bairro financeiro de uma cidade. A localização era cercada de uma aura que praticamente todo bostoniano cobiçaria: algumas quadras a oeste, do outro lado da rua, ficava o Boston Garden. Após uma surpreendente campanha, os Celtics, liderados por um certo novato chamado Larry Bird, haviam acabado de perder para o Philadelphia 76ers o título da Conferência Leste.

O mais importante de tudo era que a oficina na Lancaster Street se situava em estreita proximidade com o coração da Máfia da cidade, no North End. Em minutos, era possível ir andando da garagem à porta de entrada do número 98 na Prince Street, onde Gennaro Angiulo e seus quatro irmãos supervisionavam as ações criminosas da Cosa Nostra na região. Por fim, havia os vizinhos de Bulger algumas quadras ao sul: a oficina na Lancaster Street ficava praticamente à sombra da divisão bostoniana do FBI, em Government Center, área central da cidade onde operavam John Connolly e John Morris.

De muitas maneiras, as coisas iam de vento em popa para Bulger. Ainda que a velha gangue Winter Hill tivesse sofrido um golpe paralisante no processo federal extremamente bem-sucedido contra o esquema de páreos arranjados, Bulger e Flemmi pareciam ter adotado a visão otimista de que na vida não existiam reveses, apenas novas oportunidades. Tinham ouvido dizer que um criminoso de East Boston chamado Vito estava conduzindo um negócio de agiotagem e apostas sem as bênçãos de Bulger ou da Máfia. Não tardou para que Flemmi, arma em punho, fizesse uma visitinha a Vito e encostasse o cano em sua cabeça. Depois foi a vez de Bulger e Flemmi terem sua sessão com Vito na salinha dos fundos de uma tabacaria no centro e lhe explicarem o sentido da vida. Vito decidiu se aposentar, e Bulger,

Flemmi e Femia assumiram o controle da franquia de East Boston.

Não se discute que, quando a necessidade surgia, Bulger e Flemmi estavam a postos. Se um “cliente” atrasasse o pagamento de um empréstimo, eles levavam o rebelde para uma voltinha no Chevy preto. Flemmi dirigia com o devedor recalcitrante sentado a seu lado. Do assento traseiro, Bulger sussurraria num tom baixo mas notavelmente firme sobre a necessidade de “fazer uma força” ou “enfrentar as consequências”. Se um segundo bate-papo fosse necessário, Bulger e Flemmi mandariam alguém como Femia vandalizar o apartamento do devedor enquanto os dois chefões criminosos discutiam o problema durante o passeio.

Em geral, não havia necessidade de um terceiro.

No FBI, Connolly e Morris estavam recheando as pastas do bureau com relatórios confidenciais sobre como Bulger e Flemmi ficaram quebrados após a queda de Howie Winter, mas na vida real os gângsteres estavam bem longe de passar aperto. Além de coordenar seus negócios com a Máfia, os dois se ocupavam de inaugurar a nova tática de extorquir tributo — ou “aluguel” — de atividades criminosas já estabelecidas. O *bookmaker* Chico Krantz começara a passar lá para deixar seus pagamentos mensais, a certo ponto desembolsando 5 mil dólares extras, taxa adicional que Bulger exigira para resolver uma disputa de Krantz com outro agenciador. Krantz era apenas um de muitos *bookies* pagando os tributos.

Houve um único motivo de sofrimento, na esfera pessoal: no ano-novo de 1980, a mãe de Bulger morreu aos 73 anos no Hospital Geral de Massachusetts, após uma prolongada enfermidade. Whitey Bulger permaneceu no apartamento da família, na O’Callaghan Way, no conjunto habitacional de South Boston em que ele, seu irmão Billy e John Connolly haviam crescido. Era lá que Flemmi com frequência passava para pegá-

lo no fim da manhã em seu Chevy preto, a fim de começarem o dia de “trabalho”.

Mas Bulger tinha duas outras mulheres em sua vida para confortá-lo. Uma era sua antiga namorada, Teresa Stanley, que morava em South Boston. Ele a conheceu no fim dos anos 1960, quando ela estava com 25 anos, sem rumo, já então mãe solteira de quatro crianças. Ele a ensinou a organizar sua vida e a lhe preparar jantar toda noite no mesmo horário. Ela ficou eternamente grata pela presença de Bulger em sua vida. Whitney era rígido com os quatro filhos de Stanley e exigia que todos se sentassem juntos à mesa. Mas, na época, mesmo bancando o pai das quatro crianças, ele muitas vezes terminava o dia nos braços de outra mulher bem mais jovem, uma higienista dental chamada Catherine Greig, que morava em North Quincy.

A despeito da perda da mãe no começo do ano, no ano de 1980 ambos os Bulger estavam consolidando o poder e galgando rapidamente os degraus para o topo de seus respectivos mundos. Eleito presidente do Senado Estadual em 1978, Billy Bulger se estabeleceu como orador cativante e dono astucioso de um vasto cacife eleitoral. Conservador nas questões sociais — opunha-se ao direito ao aborto e era favorável à pena de morte —, Bulger era um franco defensor da classe trabalhadora. No entanto, mostrava impaciência com opiniões discordantes, quando não intolerância. Em palavras que poderiam ter se referido a seu irmão gângster, os políticos diziam ter trabalhado com “dois Billy Bulgers”.

“Se você quer ser apenas amigo dele, o cara é muito educado, muito decente, uma pessoa bastante agradável, bom anfitrião, tudo isso”, afirmou George Keeverian, o porta-voz da casa sobre o colega no Senado Estadual. Mas, se você se opusesse a Bulger, enfrentaria um lado diferente e mais sombrio: “O olhar endurece, ele se mostra frio.”

Numa série de disputas amplamente divulgadas, a reputação de Billy Bulger como autocrata vingativo se consolidou. Em um caso ocorrido em Boston, ele ficou furioso quando um juiz especializado em disputas entre senhorios e inquilinos recusou-se a preencher a vaga para secretário com uma indicação sua. O juiz exprobrou a conduta paternalista de Bulger, chamando-o de “anão corrupto”. O troco veio na forma de uma legislação que cortou o pagamento do juiz, reduziu o tamanho de sua equipe e extinguiu o status independente de seu tribunal, embutindo-o em outro ramo do judiciário. Ambos os Bulger estavam acostumados a ter a última palavra.

De fato, os irmãos Bulger — cada um a seu modo — pareciam determinados a tornar sua a cidade em ebulição. Era um período de inquietação econômica, de inflação alta, com um envelhecido ex-ator de cinema, Ronald Reagan, a caminho de suceder o impopular presidente em exercício, Jimmy Carter. Uma década obcecada com o sucesso, os anos 1980 trouxeram à cena yuppies, gravatas skinny, design de comida, polainas, numa era marcada pela cobiça de Wall Street e pelas aquisições corporativas lideradas por megafinancistas como Carl Icahn e Michael Milken.

Entrando de peito estufado na garagem da Lancaster Street diariamente, Bulger e Flemmi cuidavam de suas fusões e aquisições. E Jane Fonda não era a única malhando pesado. Tanto Whitey como Stevie puxavam ferro e mantinham a forma. Mesmo aos 50, Bulger levava a aparência a sério e chegava na oficina para exercitar seu poder no submundo usando camisetas coladas, então na moda. Não havia espelho ou vidro de carro que passasse batido. Ele parava e olhava o reflexo, confiante na sensação de que ninguém — pelo menos não no FBI de Boston — estava de olho no que realmente tramava.

* * *

Mas alguém estava de olho.

Por trás das cortinas puídas de uma janela no segundo andar de um albergue à frente da oficina, um grupo determinado de homens da Polícia Estadual de Massachusetts espiava. Seis dias por semana, começando no fim de abril e permanecendo até julho, os policiais ficaram abaixados junto à janela do quarto infestado de baratas, registrando os movimentos dos gângsteres do outro lado da rua.

Eles viram as pequenas coisas — Bulger e Flemmi se pavoneando na calçada entre um compromisso e outro, encolhendo a barriga quando uma mulher bonita passava ou verificando se os botões da camisa estavam alinhados com a fivela do cinto. Observavam a linguagem corporal de Bulger mudar para o modo *business* quando ficava descontente — falando duro com um visitante e enfiando o dedo no peito do homem, xingando o tempo todo. Quando Bulger terminava, Flemmi assumia o comando e fazia o mesmo. O mais significativo de tudo foi que os policiais viram coisas graúdas — homens chegando com pastas executivas e volantes de apostas. Viram o dinheiro mudar de mãos. Fizeram anotações — e bateram fotos. Tudo somado, durante as onze semanas de observação, contaram mais de sessenta figuras notórias do submundo zanzando por ali; na verdade, em algum momento, quase todos os nomes do crime organizado da região da Nova Inglaterra apareceram na oficina da Lancaster Street para uma reunião com Whitey Bulger e Stevie Flemmi.

Como um filme mudo — nenhuma palavra, apenas ação —, a garagem fornecia uma tomada panorâmica do submundo de Boston em sua totalidade. E a ação enchendo a telona em cores vivas contrastava fortemente com o retrato insuficiente de Bulger e Flemmi que o FBI estava plantando nos arquivos do bureau e nas mentes de todo mundo que perguntasse sobre os dois.

A tocaia da polícia estadual começara por puro acidente. Certo dia, o policial Rick Fraelick topara com a oficina ao rodar a vizinhança, após receber denúncia sobre uma quadrilha de roubo de carros. Ele passou pela Lancaster Street e notou George Kaufman e outros gângsteres parados na calçada. Encostou fora de vista e verificou o que estava acontecendo.

Era de cair o queixo. Fraelick reconheceu outros gângsteres indo e vindo. Viu Bulger e Flemmi. Voltou para o quartel-general e contou ao sargento Bob Long, supervisor da Unidades de Crimes Graves Long acompanhou Fraelick no carro algumas vezes para ver a atividade por si mesmo. Sentiram a descarga de adrenalina que vem com a perspectiva de um caso potencialmente importante. A questão era onde montar a campana. Bem na frente da oficina havia um dilapidado edifício de tijolos, no número 119 da Merrimac Street. O primeiro andar era um bar gay. Os quartos do andar de cima podiam ser alugados. O lugar estava caindo aos pedaços, era um pardieiro frequentado por bebuns. Quase não havia privacidade: as paredes sem isolamento eram feitas de frágeis painéis de madeira que um soco poderia atravessar com facilidade. Passando-se por homossexual, Fraelick alugou o quarto com vista para a garagem na Lancaster Street e, no fim de abril, junto com Long e o policial Jack O'Malley, começou a documentar as atividades de Bulger.

Outros policiais participaram ao longo do caminho, mas esses três foram os investigadores principais que chegavam cedo todo dia e ficavam na janela, em geral se revezando em turnos de dois. Os homens eram todos da polícia local. Long, aos trinta e poucos anos, crescera em Newton, nas imediações de Boston, quarto filho numa família com dez crianças. Seu pai era advogado, e desde menino ele sonhara em se tornar policial estadual. Na escola, Long jogou basquete e chegou a obter uma bolsa parcial, mas, com uma lesão no joelho, sua carreira no

esporte chegou ao fim. Menos de nove meses após obter o diploma do curso superior em justiça criminal na Faculdade da Cidade de São Francisco, em 1967, ele estava de volta a Massachusetts, cerrando fileiras na academia de polícia estadual.

Encarregado de um esquadrão de investigações especiais, Long escolheu Fraelick e O'Malley a dedo — ambos, como ele, atléticos e de constituição sólida; Fraelick, de cabelo castanho, era natural de North Shore, e O'Malley, com seu cabelo ruivo-aloiado, crescera no bairro bostoniano de Dorchester, em meio a uma família de policiais (seu pai, um policial de Boston, ainda patrulhava Roxbury). Os dois policiais estaduais, ambos na casa dos 30, foram recrutados das ruas para trabalhar com Long. A jornada era massacrante, mas O'Malley era solteiro, e Fraelick, embora recém-casado, ainda não tinha filhos. Long tinha dois meninos, e o mais novo deles, Brian, de 10 anos, acabara de ser escolhido como garoto-propaganda da Fundação da Fibrose Cística de Massachusetts. Ia aparecer nos cartazes da fundação ao lado de Bobby Orr, dos Boston Bruins, um dos grandes jogadores de hóquei no gelo de todos os tempos.

O quarto que os policiais dividiam era pequeno e entulhado, e, à medida que as semanas se passavam em junho e julho, o calor aumentou. Eles iam para o trabalho de bermuda e malha, carregando bolsas de ginástica onde escondiam câmeras e livros de registro. Precisavam conversar praticamente aos sussurros, de modo que os demais ocupantes do albergue não escutassem. Era comum ouvirem brigas nos outros quartos pelo corredor. Mas eles achavam que o esforço valia a pena.

Logo o ritmo diário na oficina ficou claro: Kaufman abria as portas da garagem pela manhã, e depois Bulger e Flemmi chegavam no início da tarde para cuidar dos negócios. Além de Bulger, Flemmi, Kaufman e Femia, havia diversos outros

habitué, entre os quais criminosos notórios como o gângster Phil Waggenheim e o mafioso Nick Giso.

Passavam por ali também pesos-pesados. Bulger se encontrou com Donato Angiulo, um *caporegime*, ou tenente, na família criminosa do irmão. Larry Zannino, antigo conhecido de Flemmi que ficava abaixo apenas do subchefe Gennaro Angiulo na hierarquia da Máfia de Boston, fazia aparições dignas de um filme hollywoodiano. Ele chegava num Lincoln Continental azul estalando de novo ou num Cadillac marrom reluzente conduzido por um subalterno. Na oficina, os homens se espalhavam como formigas quando Zannino descia do carro para entrar e se reunir no escritório com Bulger e Flemmi. Às vezes o extravagante mafioso abraçava Bulger e o beijava na bochecha. Mas nem toda visita era essa lua de mel. Certa vez, Zannino saiu do escritório e foi ao encontro de dois homens que o aguardavam do lado de fora. Abraçou um, mas, quando o segundo se preparou para o mesmo tratamento, recebeu uma violenta bofetada. O homem caiu de joelhos, e Zannino começou a gritar com ele. Bulger e Flemmi saíram apressados do escritório para presenciar a cena. Zannino repreendeu o homem, depois parou, recobrou a compostura e entrou no estiloso Continental.

Para os policiais que faziam anotações do outro lado da rua, Bulger, Flemmi e a Máfia pareciam todos uma única família. Lá de cima, os três passaram a pressentir o clima na garagem. Percebiam quando um comparsa estava “em maus lençóis” com Bulger. Whitey diria aos homens para esperar, e os policiais os observavam andando nervosamente do lado de fora da garagem, consultando seus relógios de pulso, olhando de um lado para outro na rua, os rostos tensos. Quando Bulger enfim aparecia, logo enfiando o dedo no peito. A linguagem corporal era eloquente. Bulger estava no comando, não restava a menor dúvida. Os outros homens na oficina prestavam deferência a ele, incluindo Flemmi.

Com o tempo, os policiais passaram a detectar quando Bulger estava para baixo. Ele ficava abatido, se recusava a ver quem quer que fosse, dizia que não queria ser incomodado e se enfiava num canto, amuado. Fanático pela boa forma, pegava um hambúrguer e jogava o pão fora, comendo só a carne. Long, O'Malley e Fraelick descobriram que Bulger era extremamente cioso da aparência, vestindo-se de forma casual mas meticulosa e não deixando um único fio de cabelo fora do lugar. Gostava das coisas em volta devidamente limpas e arrumadas. Certa vez, Femia foi ao McDonald's no fim da rua, perto do Boston Garden. Quando voltou, o faminto capanga começou a comer o Big Mac com fritas usando o capô do carro preto como mesa. Bulger saiu do escritório, viu toda a porcaria com o *fast-food* e ficou fora de si. Foi até lá, pegou as fritas e começou a atirá-las em Femia. Ele jogava as batatas com força no rosto e no peito do capanga, que, com seus mais de 100 quilos, recuou e tropeçou, um assassino imenso encolhendo-se diante do acesso de fúria de Bulger. Foi como se, em vez de batatas fritas, Bulger estivesse brandindo um pé de cabra. Os policiais jamais esqueceriam a guerra de comida e sua mensagem clara: ninguém pisa no calo de Whitey Bulger.

Às vezes, Long, Fraelick ou O'Malley seguiam Bulger e Flemmi para verificar sua rotina. Descobriram que Flemmi normalmente ficava com o Chevy à noite e que Whitey não era o único com uma vida amorosa complicada: Flemmi era o verdadeiro casanova do submundo. Na verdade, sua ficha de delinquente juvenil já continha um prenúncio dos apetites do homem: com apenas 15 anos, ele foi preso sob acusação de "abuso carnal", sem mais explicações. Flemmi sempre manteve um séquito de mulheres. Talvez estivesse envelhecendo, mas fazia questão de que suas parceiras fossem jovens.

Desde os anos 1960, Flemmi havia morado de forma intermitente com Marion Hussey numa casa que pertencera aos

pais dele em Milton, perto do limite administrativo da cidade de Boston. Não chegaram a formalizar a união, uma vez que Flemmi nunca se divorciou de Jeannette A. McLaughlin, com quem se casara na década de 1950, quando ele era paraquedista. Depois, em meados dos anos 1970, Flemmi ficou cativado por uma adolescente balconista de joalheria em Brookline. Debra Davis era estonteante. Tinha cabelo loiro brilhante, um sorriso amplo e luminoso e pernas torneadas. Flemmi a cobriu de roupas e joias, e até lhe presenteou com um carro, e os dois começaram a brincar de casinha, primeiro usando um apartamento de luxo que ele mantinha em Brookline e mais tarde um apartamento menor em Randolph, subúrbio de South Shore. No fim da década, Flemmi acrescentara mais uma atraente loura adolescente ao harém: começou a se engraçar com Debbie Hussey, filha de Marion. Às vezes os dois eram vistos passeando no Jaguar de Flemmi.

Afora essas regulares, havia outras. Embora os policiais nunca pudessem ter certeza de onde o Chevy estacionaria à noite — Brookline, Randolph, Milton, destinos ignorados —, Stevie passava para pegar Bulger no conjunto habitacional sempre por volta do meio-dia. Ele passava para o assento do passageiro, e Bulger se sentava ao volante. O trio percebeu que o comportamento de Bulger parecia abrandar em South Boston, longe da Lancaster Street. Ele cumprimentava as crianças, acenava para as mães e parava o carro para permitir que senhoras de idade atravessassem a rua.

Mas, mesmo em Southie, Bulger tinha seus cinco minutos. Certo dia de verão, O'Malley estava seguindo Bulger e Flemmi quando o carro dos gângsteres pegou a Silver Street. Supunha-se que ele fosse dono de um imóvel na rua, e sua namorada, Teresa Stanley, morava lá. Ao entrar na rua, Bulger passou por um grupo de homens idosos sentados na varanda de uma casa. Os homens estavam bebendo. Bulger freou e desceu. Os

homens fugiram em debandada, mas um deles demorou demais para reagir. Bulger o esbofeteou no rosto, com a palma e o dorso da mão. O homem caiu no chão e se encolheu. Bulger o chutou. Então pegou o chapéu do sujeito e o jogou no meio da rua. Nesse meio-tempo, Flemmi ficou olhando para os lados da rua, vigiando, mas Bulger se deu por satisfeito. Os dois gargalharam, voltaram para o carro e saíram cantando pneu. O'Malley correu até o velho ensanguentado, mas o homem não era idiota: rechaçou o policial com um gesto, dizendo-lhe que fosse embora. "Não sei de nada, não me amole." Até um bebum tinha noção do perigo.

Enquanto juntavam informações sobre Bulger, os policiais recebiam informes de seus dedos-duros no mundo do crime. Um informante, codinome "It-1", relatou que, no começo daquele ano, funcionava "um grande banco na garagem da Lancaster Street, onde os 'meninões' entregam dinheiro coletado com as operações ilegais de jogo realizadas pelo North End. O acerto de contas se dá nessa garagem". Outro informante, chamado "It-3", contou aos policiais que "Bulger é um ex-tenente da organização de Howie Winter, e dizem que está assumindo controle da operação na ausência de Winter". Outro informante, "It-4", declarou que "Whitey Bulger e Stevie Flemmi estão, no momento, supervisionando a maioria das apostas esportivas, loterias e agiotagens da área de Boston e, em particular, da área de Somerville".

Os policiais inquiriram outros informantes, e todos ligaram Bulger e Flemmi à Máfia numa próspera *joint venture*. No mês de julho, Fraelick, Long e O'Malley sentiram que estavam de posse de suficiente causa provável. À plena vista da janela se desenrolava um caso com potencial para marcar a carreira de qualquer investigador: enquadrar a corja toda — a Máfia e a gangue de Bulger. Os policiais estaduais tinham aguentado a sordidez daquele pulgueiro, registrado as longas horas de

vigilância e até saído um pouco do sério: nas paredes do quarto, pregaram as maiores baratas que haviam matado durante a tocaia, transformando o lugar numa sala de troféus.

No início de julho, os policiais tinham testemunhado ação de sobra nas ruas; a partir de então, queriam saber o que os gângsteres realmente diziam. Concluíram que já haviam reunido informações suficientes e estavam ansiosos para levar o caso ao patamar seguinte — instalar um microfone na oficina.

* * *

Ao lado de seu comandante, Long se encontrou várias vezes na primavera do mesmo ano com Jeremiah T. O'Sullivan, ainda o principal promotor federal na Força de Combate ao Crime Organizado da região da Nova Inglaterra. Long deixou o promotor a par do que ele e seus colegas vinham testemunhando na garagem da Lancaster Street. Eles elaboraram um plano em que os federais forneceria a verba para a polícia estadual montar a operação de escuta. Contataram um promotor local, Tim Burke, assistente da promotoria no Fórum do Condado de Suffolk, para preparar os documentos e obter a autorização do juiz.

A despeito da verba federal, seria um esforço exclusivo da polícia estadual — nenhuma outra agência se envolveria. Não que os policiais de Massachusetts fossem incapazes de trabalhar com o FBI; afinal, Long servira como comandante da polícia estadual na Operação Lagosta, a investigação conjunta do FBI com os policiais que contara com Nick Gianturco. Mas havia novos rumores, sobretudo depois dos indiciamentos dos resultados arranjados em que Bulger se evadira à promotoria. O restante das forças da lei começara a cismar com Bulger e o FBI. Mas, apesar do que sabia, O'Sullivan nada disse a Long — o caso era deles.

Em 23 de julho de 1980, o juiz da Suprema Corte Robert A. Barton aprovou o pedido de Burke por um mandado para grampear a oficina da Lancaster Street. Encorajados, Long, Fraelick e O'Malley puseram mãos à obra. Nenhum deles tinha grande experiência no negócio de vigilância eletrônica, mas eles compensavam com energia o que claramente lhes faltava em técnica. Chegaram a ir a uma loja da Radio Shack para comprar os microfones que pretendiam usar. Depois, para espionar o interior da garagem e ter uma ideia do desenho do escritório, O'Malley se passou por turista com a bexiga apertada. Certo dia, entrou na garagem fingindo que estava perdido e olhando em torno. Bulger o confrontou, dizendo que não havia banheiro ali, e ordenou asperamente que O'Malley fosse embora.

Era tudo na base da tentativa e erro.

Os policiais chamaram a primeira investida de “Cavalo de Troia”. Obtiveram um belo furgão incrementado, removeram o assoalho e criaram um espaço para O'Malley. Depois, recolocaram o assoalho, cobriram-no com um tapete felpudo e encheram o furgão de mobília. Então, certo fim de tarde no meio do verão, acompanhado de uma secretária da polícia estadual, Fraelick se aproximou da garagem. Disse a George Kaufman que ele e a noiva eram novos em Boston e que o veículo estava com problema. Estava preocupado em ter de deixar o furgão com os pertences de um dia para outro na rua. Que tal se empurrasse o veículo para a garagem e na manhã seguinte um mecânico desse uma olhada?

Kaufman aprovou e sinalizou que entrasse com o furgão. Os “recém-casados” agradeceram, prometeram voltar pela manhã e foram embora. Mais tarde Kaufman fechou a oficina e também se foi. O plano era que O'Malley saísse do veículo durante a noite e permitisse a entrada de uma equipe para instalar os microfones. Mas nenhum dos policiais contava com a possibilidade de que um dos bêbados que frequentavam o albergue atravessaria a rua

e iria direto até a garagem. Banhado em suor e sujo de fuligem, O'Malley não fazia ideia do que estava acontecendo. Não havia contato pelo rádio com os outros, mas ele escutou o bebum fazendo barulho do lado de fora. Os policiais improvisaram. Long disse a um dos homens para sair e comprar um engradado de cerveja. O policial se acomodou perto do bêbado e começou a lhe passar a bebida. Quando o homem apagou, foi a deixa para os policiais entrarem. Mas a espera consumira um tempo precioso, e no exato momento em que o homem perdeu os sentidos, Kaufman reapareceu inesperadamente. Ele começou a gritar com os dois homens bebendo em sua garagem e os botou para correr. A essa altura, era tarde demais para instalar os grampos. Por fim, O'Malley emergiu de seu sufocante esconderijo e descobriu que Long cancelara a operação.

A tentativa seguinte foi mais bem-sucedida.

Certo dia, ao entardecer, os policiais estacionaram um caminhão alugado da U-Haul bem perto da garagem. O caminhão de transporte não só abrigava uma equipe como servia de anteparo, de modo que ninguém no albergue enxergasse o que acontecia no lugar. Na maioria das noites os pinguços e malucos ficavam berrando e se debruçando nas janelas abertas, sob o calor opressivo. O veículo dava conta do albergue. Então, depois que Kaufman foi embora, dois policiais desceram pela lateral do caminhão e arrombaram um painel inferior na porta da garagem. Eles entraram rastejando e, com a ajuda de um técnico que haviam contratado para o serviço, instalaram três microfones — um no sofá, um dentro do rádio e um no teto do escritório. Depois puseram o painel de volta no lugar e saíram.

Bob Long e seus policiais ficaram em êxtase. Mas logo depois a operação desandou. No teste de recepção, enfrentaram problemas técnicos. Em vez da conversa dos gângsteres, estavam captando chamados de *pager* para médicos do Hospital Geral de Massachusetts, nas imediações. O microfone instalado

no rádio nem funcionou. O que estava no sofá, sim, mas não foi de grande ajuda, produzindo pouco mais do que um rugido sonoro, como um furacão, quando algum gângster, sobretudo os grandalhões como Nick Femia, desabava ali. Mas eles estavam recebendo a transmissão do microfone no escritório, e esse era o principal ponto; depois de corrigirem a interferência do hospital, a operação logo entrou em funcionamento.

Só que em seguida tudo foi por água abaixo.

Pelas janelas, Bulger, Flemmi e Kaufman misteriosamente começaram a olhar para o albergue. De uma hora para outra, alteraram a rotina. Em vez de conversar no escritório ou nas vagas dos veículos, Bulger e Flemmi se reuniam no Chevy preto. O escritório passou a ser terreno proibido. Os policiais ficaram perplexos. Continuaram monitorando as escutas, mas, pouco depois de os gângsteres passarem a conversar no assento traseiro do Chevy, tiveram que parar de uma vez por todas com a operação na Lancaster Street. No início de agosto, expirou o mandado judicial permitindo o grampo. Os policiais tinham suas anotações, uma pilha de ótimas fotografias e mais nada. Bulger escapara.

* * *

Nos dias que antecederam o grampo fracassado de Long, Fraelick e O'Malley, uma dor de cabeça rondava o FBI. Começou com um encontro fortuito numa festa de sexta-feira à noite. John Morris, bebida na mão, aproximou-se de um detetive de Boston, um sujeito enorme. Mesmo assim, o baixinho Morris se dirigiu ao outro com ares de importância — o agente federal bancando o superior para cima de um policial local:

— Vocês têm alguma coisa rolando na Lancaster Street? — perguntou Morris com um sorrisinho conspiratório que dava a entender: Vamos lá, pode me contar. Atônito, o detetive fez cara

de paisagem para disfarçar a surpresa. Uma pergunta direta sobre a investigação secreta de outra agência não era bate-papo numa festa de verão. A questão ficou pairando no ar, sem resposta.

— Se vocês têm microfones por lá, eles sabem — insistiu Morris.

Após mais um instante de clima pesado, o detetive finalmente respondeu:

— Não sei do que você está falando.

O detetive se afastou de Morris, mas seu coração palpitava. Na manhã seguinte, ligou para Bob Long. O telefonema de manhã cedo não pegou Long completamente de surpresa. Ele já pressentia que havia algo errado. A escuta no escritório só captava um animado Whitey Bulger elogiando a polícia por seu grande serviço em patrulhar a Massachusetts Turnpike. Provocação ou coincidência?

Long não tinha certeza absoluta. Contudo, quanto mais pensava a respeito, mais ficava claro um padrão. Ele e seus policiais haviam observado do albergue por meses enquanto Bulger intimidava apostadores aflitos que lhe deviam dinheiro e conversava jovialmente com figurões da Máfia que iam visitá-lo. Então, exatamente um dia depois que um grampo foi instalado e começou a funcionar na garagem, ele passou a elogiar patrulheiros rodoviários e, mais importante, mudou a rotina. As conversas sobre negócios haviam sido transferidas do escritório para o assento traseiro do Chevy preto de Bulger estacionado na garagem.

No início, Long imaginara que Bulger e Flemmi tinham visto a atividade policial do outro lado da rua. Mas a notícia da conversa com Morris levou Long a se dar conta de que o problema era muito mais grave do que uma operação de vigilância descoberta. Para Long, a nova rotina dos gângsteres não era apenas uma dessas coisas que acontecia — era traição. O telefonema do

detetive confirmou a chocante verdade que Long enxergou através de uma névoa vermelha de fúria. E duas questões o paralisavam.

Como John Morris sabia da escuta?

E como sabia que Bulger e Flemmi sabiam?

Na segunda-feira de manhã, 4 de agosto de 1980, a guerra foi declarada. O comandante da polícia estadual, tenente-coronel John O'Donovan, estava ao telefone se queixando sobre o vazamento com o chefe da divisão do FBI em Boston. A polícia estadual e o escritório do FBI já estavam acostumados a disputar a glória e o crédito por combater o crime em Massachusetts, mas esse tipo de acusação marcou o fundo do poço de uma relação tensa.

Confrontadas com fúria, as forças da lei fizeram o que sempre fazem — marcaram uma reunião. O encontro num Ramada Inn ocorreu quatro dias após a presepada de Morris na festa. Presentes estavam personagens centrais da lei e da ordem: O'Donovan e Long da polícia estadual; os promotores do condado; oficiais da Polícia de Boston; um oficial do FBI; e Jeremiah T. O'Sullivan.

O'Donovan apresentou as queixas da polícia estadual. Olhando em torno da sala, apimentou a indignação com um pequeno blefe. Alegou que a escuta fora “extremamente produtiva” até alguém entregá-la. E disse que sabiam que Bulger e Flemmi eram informantes. Claro, a polícia estadual não tinha nenhuma prova concreta de que os dois fossem dedos-duros do FBI, mas O'Donovan tinha um forte palpite sobre as possíveis ligações de Bulger com os federais, remontando a um encontro que tivera com o gângster dois anos antes. Ele se lembrava de ter visitado Bulger na Marshall Motors. A questão era a ameaça contra um policial estadual feita por um dos comparsas de Bulger ainda na gangue Winter Hill. Portando duas armas, O'Donovan passou na garagem para convencer Bulger de que qualquer

tentativa contra um policial era uma ideia estúpida. Este se apressou em assegurar o tenente-coronel de que as palavras do comparsa de cabeça quente não passavam de conversa. Então, os dois conversaram amigavelmente sobre o cotidiano da polícia, com uma coisa levando a outra e, finalmente, ao FBI. O'Donovan mencionou que preferia os agentes mais velhos na divisão de Boston, dizendo que os mais novos, como John Morris, eram inexperientes demais acerca dos costumes da cidade. E deixou claro que não se impressionava com Morris e outros jovens que queriam fazer as coisas a seu próprio modo.

Mais ou menos duas semanas mais tarde, O'Donovan recebeu a ligação enfurecida de John Morris, que queria saber por que ele estava falando mal do FBI com Whitey Bulger. O'Donovan ficou mudo e concluiu: ou o bureau tinha um grampo na Marshall Motors, ou Bulger era informante.

A indiscreta ligação de Morris só fez aumentar a desconfiança de O'Donovan em relação ao supervisor do FBI. O'Donovan via o agente como um manipulador que armava esquemas por trás de uma fachada amigável. Em outra ocasião, ele passara a Morris uma dica da polícia estadual sobre um fugitivo na lista dos Dez Mais Procurados. No mesmo dia, Morris e diversos agentes correram para capturar o terrorista. Não houve prisão conjunta, apenas a coletiva de imprensa do FBI. O'Donovan e seus policiais estaduais ficaram esquecidos em segundo plano.

Mas nada disso era prova de desonestidade, não passava de um histórico preocupante que um policial experiente nunca esquecia. E, no Ramada, O'Donovan não tocou no assunto. Mas ele e o sargento Long tampouco revelaram que os policiais, a despeito do revés na oficina da Lancaster Street, estavam planejando uma nova investida contra Bulger e Flemmi mais para o fim de agosto. O'Donovan se concentrou em recapitular o fiasco na garagem, que fora coroado pela convicção de que o FBI comprometera a escuta. Nas entrelinhas, o tópico em

discussão na mesa-redonda era nada mais, nada menos que os agentes do FBI sendo acusados de um crime: obstrução da justiça.

Mas os homens do FBI nem piscaram — aquele era o tipo de jogo de que gostavam. O representante do bureau, um agente chamado Weldon L. Kennedy, supervisor assistente em Boston, escutou educadamente o oficial de polícia. Quando O'Donovan terminou, Kennedy tinha pouco a dizer.

“A gente entra em contato”, propôs, finalmente. E só isso.

Após as reuniões, porém, o FBI em Boston empenhou-se em pôr panos quentes. De início, insistiu que Morris descobrira sobre o grampo após somar dois e dois: primeiro, seus informantes da Máfia no North End haviam detectado “caras novas” na área; segundo, Morris ouvira dizer que a Polícia de Boston tinha ordens de ficar longe da Lancaster Street. Para um profissional como ele, só havia uma conclusão a se tirar: algum tipo de investigação estava em andamento. Morris chegou a sugerir que abordara o policial de Boston numa tentativa bem-intencionada de usar suas deduções para advertir os policiais estaduais.

Mas, na melhor das hipóteses, O'Donovan e seus homens viam o relato de Morris como insincero, e, nas semanas que se seguiram ao encontro no Ramada Inn, deixaram claro que não estavam engolindo as explicações do bureau. O FBI, por sua vez, jogou ainda mais lenha na fogueira da disputa entre as agências: afirmou ter descoberto por meio de informantes que qualquer eventual vazamento se dera dentro da polícia estadual; o fracasso da operação do grampo era culpa da própria polícia estadual. O agente responsável por essa provocativa informação de inteligência era John Connolly.

* * *

Na sede da polícia estadual, os homens continuaram discutindo o que dera errado, repassando cada movimento. Ainda não pretendiam desistir. Tinham visto coisas demais com Bulger e Flemmi.

Eles pararam por algumas semanas e deram aos dois gângsteres um pouco de espaço para se mexer. Então, voltaram à rua, passando de carro pelas redondezas para ver se conseguiam farejar o rastro dos bandidos. Não era fácil, sobretudo após o fiasco da garagem. Bulger era artiloso, um alvo difícil. Atrás do volante do Chevy, ele empregava uma série de técnicas de direção para evadir. Se estava próximo de um semáforo e o sinal ficava amarelo, acelerava e atravessava o cruzamento correndo. Às vezes, simplesmente passava no vermelho. Ele seguia por uma rua e de repente fazia meia-volta. Em certos momentos, entrava deliberadamente na contramão de uma rua de mão única, e Southie parecia só ter ruas de mão única. Ele conhecia cada pedacinho de South Boston, e muitas vezes ziguezagueava pelo antigo bairro, em vez de tomar uma rota direta para seu destino.

Mas logo os policiais pegaram o jeito. Pouco antes do Dia do Trabalho americano, que sempre cai na primeira segunda-feira de setembro, Long, Fraelick e O'Malley concluíram que Bulger e Flemmi tinham um novo padrão, o qual girava em torno de um conjunto de telefones públicos diante de um hotel e restaurante Howard Johnson's, perto de uma saída da Southeast Expressway.

A nova rotina funcionava assim: Nick Femia entrava no estacionamento do HoJo's, dava uma volta e parava. Depois, ia até os telefones públicos, entrava numa cabine, enfiava moedas no aparelho e fazia uma ligação. O Chevy preto encostava minutos depois, com Bulger e Flemmi, que saltavam e olhavam o entorno, então cada um se dirigia a uma cabine para fazer ligações. Conversavam sem pressa, as cabeças balançando e

virando para observar, sempre de olho no estacionamento e em cada veículo que se aproximasse. Assim que desligavam, entravam nos carros e se mandavam. Quando os policiais conseguiam acompanhar, seguiam o Chevy até Southie ou pelo North End, onde os gângsteres se encontravam com algum dos inúmeros personagens do submundo que os visitavam na oficina da Lancaster Street.

Até ali a investigação se concentrara na agiotagem e no jogo, mas os policiais haviam começado a captar indícios de uma rede de tráfico de drogas. De início, eles não sabiam quem era Frank Lepere; na verdade, uma série de gângsteres fotografados recebia a legenda em seus arquivos de “homem branco desconhecido”. Mas, ao mostrar uma fotografia dele por aí, descobriram que era Lepere, ex-comparsa da gangue Winter Hill que entrara no tráfico de maconha com Kevin Dailey, de South Boston. Lepere aparecera na Lancaster Street com uma maleta; mais tarde, Long e seus homens se deram conta de que “com certeza não estava cheia de doces”. Após o Dia do Trabalho, os policiais seguiram Bulger e Flemmi das cabines telefônicas até South Boston, onde os gângsteres se encontraram com Kevin Dailey. Dessa vez, era Flemmi quem carregava uma maleta. Eles se reuniram por uma hora no estacionamento de um posto de gasolina fechado diante da fábrica da Gillette Company, junto ao Fort Point Channel.

No dia seguinte, sexta-feira, 5 de setembro de 1980, no HoJo's, Femia chamou a atenção dos policiais quando enfiou uma pequena arma automática no bolso antes de trancar o Malibu azul. Bulger e Flemmi chegaram, e pouco depois um Mercedes 450SL cinza também entrou no estacionamento. Quem dirigia o carro era Mickey Caruana, que, aos 41 anos, era sabidamente o maior narcotraficante da região da Nova Inglaterra. Caruana era ninguém menos que o rei da droga da Máfia, um criminoso ousado que não dava satisfações a

ninguém, exceto Raymond L. S. Patriarca, o poderoso chefe da região da Nova Inglaterra, baseado em Providence, Rhode Island. (Em 1983, ele se tornaria fugitivo, escapando de um indiciamento federal por tráfico de droga que o acusava de lucrar 7,7 milhões de dólares entre 1978 e 1981.) Bulger e Flemmi cumprimentaram Caruana e entraram no restaurante. Femia ficou para trás. A reunião durou cerca de noventa minutos. Do lado de fora, Bulger e Caruana apertaram as mãos com cordialidade antes de se separarem.

Tudo aquilo era hipnotizante. Houve outra reunião com Kevin Dailey, em Southie, e mais um encontro com o mafioso Larry Zannino, que chegou ao HoJo's em seu Continental azul. Comparado ao albergue, o posto de comando dos policiais era chique. Eles tinham se acomodado no quarto andar no HoJo's, num quarto com vista para as cabines telefônicas, e estavam fotografando e filmando as idas e vindas de Bulger.

Juntando toda a informação que tinham, os policiais voltaram ao tribunal. Em 15 de setembro de 1980, o juiz Barton aprovou a segunda tentativa para registrarem as palavras incriminatórias de Bulger e Flemmi. Os policiais mandaram grampear todos os cinco telefones públicos. O serviço foi feito duas noites depois, numa quarta à noite.

Só que, mais uma vez, eles ficaram de mãos abanando. Ansiosos e otimistas, os policiais assumiram a posição no quarto de hotel na tarde seguinte, esperando a regular chegada dos alvos. Uma hora se passou, e nada. Duas. Três. O relógio corria. Bulger e Flemmi não apareceram. Também não apareceram no dia seguinte, ou no dia depois desse, nem no outro. Mais uma vez, Bulger escapara.

Dentro de seu quarto de hotel, os mal-humorados policiais tinham tempo de sobra. O mandado judicial que haviam obtido durava até 11 de outubro, mas Bulger não voltou a dar as caras. Eles podiam ter gritado e sapateado, praguejado contra os céus,

mas não fizeram isso. Não destruíram o quarto, num acesso de raiva. No entanto, discutiram obstinadamente o percalço, conversa que girou em círculos vertiginosos. O que estava acontecendo?

* * *

Talvez eles fossem loucos, ou pelo menos teimosos demais para seu próprio bem, mas Long e sua unidade examinaram as informações que haviam juntado contra Bulger e Flemmi e, a despeito dos reveses, decidiram fazer uma terceira e última tentativa. Todos sentiam certa pressão para conseguir algo de concreto — um caso passível de processo — após investir mais de seis meses de recursos humanos e materiais na investigação. E também não eram ingênuos: a cada fiasco, suas chances de sucesso se tornavam mais exíguas. Bulger e Flemmi estavam em alerta máximo. Mas Long e os policiais continuavam motivados, e decidiram fazer uma derradeira investida contra os bem-sucedidos chefões criminosos. “A gente achava que a chance era pequena, mas pensou: que se dane! Vamos lá”, recordou Long. “Se não funcionar, a gente guarda as anotações e passa pra próxima.”

O alvo deles seria o Chevy preto — um grampo no carro seria sua última tentativa desesperada. Os policiais haviam seguido Bulger desde a oficina da Lancaster Street e das cabines telefônicas diante do HoJo’s. De sua campana, viam que Bulger passara a usar o carro como escritório móvel. Por algumas semanas no outono, os policiais mais uma vez mantiveram distância para dar a Bulger e Flemmi espaço para respirar. Quando retomaram a operação de vigilância no fim de 1980, viram que os dois criminosos continuavam a realizar a maior parte dos negócios no Chevy.

A nova rotina de Bulger era ir até o North End no início da tarde e estacionar na frente do Giro's. Localizado numa das ruas mais agitadas do bairro, a Commercial Street, o restaurante ficava a poucas quadras do quartel-general de Angiulo, no número 98 da Prince Street. Assim como a garagem tinha sido, o Giro's era uma central de atividade mafiosa: homens entravam e saíam do lugar durante todo o início de tarde. Às vezes, Bulger ou Flemmi entravam e pegavam uma mesa para se reunir com várias figuras do submundo, mas na maior parte do tempo ficavam sentados no carro e recebiam a visita constante de criminosos, que entravam no Chevy, conversavam um pouco sobre negócios e por fim saíam.

Seguindo Bulger por dentro do North End, foi um milagre os policiais não cruzarem com o FBI. É claro que os policiais estaduais não sabiam na época, mas o FBI passou a maior parte de 1980 dando os últimos retoques num sofisticado plano para grampear o endereço da Prince Street, 98. A operação, chamada de "Bostar", tinha como alvos Gennaro Angiulo e a nata da Máfia de Boston. Ao longo do ano, os agentes do FBI haviam esquadrinhado o North End, documentando os ritmos diários do local. Como supervisor do Esquadrão de Crime Organizado, John Morris era o encarregado, junto com o agente Edward M. Quinn. John Connolly e mais de uma dezena de agentes faziam parte da equipe ultrassecreta.

No outono de 1980, a advogada da força-tarefa, Wendy Collins, já protocolara diversos requerimentos baseados no Título III Lei Global de Controle do Crime e Segurança das Ruas para obter a autorização judicial federal de que o FBI precisava para instalar escutas no número 98 da Prince Street. Ainda que Bulger e Flemmi fossem os informantes valiosos de Connolly, nenhum deles havia sido usado para desenvolver a causa provável de que o FBI necessitava para o presente mandado do Título III. Em vez disso, o FBI se apoiava principalmente em cinco ou seis

outros informantes — todos apostadores e agiotas —, que, ao contrário de Bulger e Flemmi, se encontravam regularmente com Angiulo em seu quartel-general.

Não que Bulger se abstinhasse de discutir a Máfia nas reuniões sigilosas com Connolly. Isso acontecia, mas os relatórios de Connolly continham, na maior parte, fofocas de segunda mão sobre a Máfia. No início de 1980, por exemplo, Bulger descreveu o “quebra-pau” que explodira numa recepção de casamento dos mafiosos depois que um rapaz mais exaltado cometeu o erro estúpido de “ridicularizar Larry Zannino”. Na mesma hora, alguns homens do mafioso atacaram o jovem, que “sofreu múltiplas lacerações e teve alguns ossos quebrados”. Bulger contou a Connolly sobre Nick Giso, seu contato diário na Máfia, tanto na oficina da Lancaster Street quanto depois, no Giro’s. A Máfia, disse Bulger, “parece irritada com Nick Giso [...] por causa de seu uso constante de cocaína”. A seu crédito, Bulger de fato forneceu informações sobre as atividades dos traficantes de droga Caruana, Lepere e Dailey. “Mickey Caruana e Frank Lepere estavam por trás da carga interceptada recentemente em Maine”, contou Bulger em abril. O gângster chegou a dar o número de telefone de Caruana a Connolly. Mas os relatórios de Bulger não incluíam nenhuma revelação sobre a extensão e a natureza de seus próprios laços comerciais cada vez mais fortes com os traficantes de maconha e cocaína.

No Giro’s, Bulger e Flemmi se encontravam com um rol ilustre de comparsas de Gennaro Angiulo — Zannino, Danny Angiulo, Nick Giso, Domenic F. Isabella, Ralph “Ralphie Chong” Lamattina, Vincent “Fat Vinnie” Roberto e um vaivém contínuo de agenciadores de apostas e agiotas. Em março, munidos de um depoimento juramentado de 102 páginas preparado por Rick Fraelick, além de fotos de vigilância de Bulger e seus contatos mafiosos, os policiais voltaram ao fórum.

Em 19 de março de 1982, o juiz do Tribunal Superior John T. Ronan autorizou a terceira investida por vigilância eletrônica; o mandado lhes proporcionou cinco dias para instalar a escuta no carro. Só que cinco dias depois os policiais estavam de volta ao tribunal pedindo prorrogação do mandado original. Não tinham conseguido se aproximar do carro por tempo suficiente para instalar o microfone transmissor de 1 watt junto com um rastreador. Flemmi ficou com o Chevy à noite, em Milton ou no condomínio de Longwood Towers, em Brookline. Nenhum dos locais era acessível. Em Milton, cada vez que os policiais se aproximavam do carro sob a proteção da escuridão, o cachorro de Flemmi ficava enlouquecido. Em Longwood Towers, o técnico da polícia estadual chegou a entrar no Chevy, mas então um alarme de carro com retardo de ativação disparou. Fraelick jogou um trapo na câmera de segurança, agarrou o técnico, e os dois fugiram, quase sendo pegos por um segurança e pelo próprio Flemmi.

O juiz aprovou uma prorrogação, e os policiais, cada vez menos esperançosos, conceberam seu plano mais ambicioso. Um policial pararia Flemmi por uma infração de trânsito forjada. Consultaria a placa com a central, seria informado de que o Chevy fora dado como roubado e então ordenaria que fosse guinchado. De posse do veículo, os policiais poderiam instalar um grampo antes que Flemmi o recuperasse.

Certa tarde, o policial Billy Gorman parou Flemmi enquanto ele passava com o Chevy por um cruzamento em Roxbury. Escondidos, mas nas proximidades, Long e a equipe observavam e monitoravam o rádio da viatura. Gorman fora escolhido a dedo para a missão; era imperturbável, e a tarefa exigia um policial que não se deixasse arrastar para uma feia discussão com o gângster temperamental.

As luzes da viatura piscaram, e Flemmi encostou. O policial desceu, e Flemmi também. Foram na direção um do outro, bem

ali na rua. O policial falou primeiro:

— O senhor viu que quase atropelou uma senhora lá atrás?

Os muitos meses de estudo apenas da linguagem corporal dos gângsteres terminaram abruptamente, e enfim os policiais conseguiram escutar um som de verdade vindo de um de seus alvos. As primeiras palavras de Flemmi não foram nada agradáveis.

— Que merda do caralho é essa? — gritou ele. Por não ser um cidadão comum, o gângster não se deixou impressionar por um uniforme e um distintivo de policial. Seu temperamento foi de zero a cem num instante.

— Você sabe quem sou eu, seu imbecil de merda? Isso é assédio!

Metodicamente, Gorman pediu a Flemmi a carteira de motorista e o documento do veículo.

— Não tenho porra de documento nenhum — berrou Flemmi. — São placas do revendedor! Não está vendo? — Calmo, o policial disse que mesmo assim ele precisava de um documento. Depois explicou que mandaria verificar a placa e que Flemmi teria de aguardar com paciência. Gorman voltou à viatura, e Flemmi saiu pisando duro em direção a uma loja de conveniência, onde começou a dar telefonemas.

Na radiopatrulha, Gorman conversou com Long, e o guincho foi chamado. A equipe de instalação estava aguardando no pátio dos fundos do Hospital Estadual de Mattapan, prédio abandonado próximo dali. Flemmi saiu da loja, e o policial Gorman explicou que o carro fora dado como roubado. Gorman e Long chegaram a fazer uma cena no rádio da viatura:

— Por favor, fique avisado de que a queixa de roubo do veículo é do condado de Nassau, Nova York, em julho de 1979 — disse Long ao patrulheiro. Gorman informou a Flemmi que o Chevy seria guinchado.

Flemmi ficou apoplético. Então pronunciou as palavras que deram um nó no estômago de Long e todos os demais policiais.

— Fala para o filho da puta do O'Donovan que, se ele quer tanto assim grampear meu carro, eu levo ele pra porra da 1010.

“O'Donovan” era, obviamente, o tenente-coronel John O'Donovan, comandante de Long, e “1010” era uma referência à central da polícia estadual. Flemmi sabia.

Fim da linha.

Flemmi voltou para a loja de conveniência. O carro foi rebocado, mas antes mesmo de chegar ao pátio do hospital abandonado o advogado de Flemmi já estava telefonando para O'Donovan, aos berros, sobre a apreensão claramente absurda. O comandante da polícia estadual manteve a presença de espírito e não entregou nada ao advogado, dizendo apenas que a consulta ao banco de dados informava que era um veículo roubado. Mas todos os policiais sabiam que o arдил fora por água abaixo. Long disse aos homens para não instalarem a escuta. Não deem a Bulger e Flemmi a satisfação de desmontar o carro e encontrar o grampo, disse. Deixem eles ficarem imaginando as coisas, talvez acabem um pouco paranoicos.

Esse foi o único consolo dos policiais. Eles tentaram sua jogada desesperada, mas em vão. A despeito dos muitos meses de vigilância bem-sucedida, Bulger e Flemmi os haviam derrotado nas ruas. Os policiais podiam ter visto a dupla de criminosos se reunindo com a fina flor da Máfia de Boston, mas não conseguiriam levar os membros a julgamento. Tinham sido passados para trás a cada passo. Mas, mesmo no insucesso, e sem saber, a polícia estadual desencadeara uma enorme crise interna no FBI, crise que, acima de qualquer outra na longa história dos federais com Bulger e Flemmi, oferecia a maior ameaça ao estimado acordo que Connolly e Morris mantinham com os dois gângsteres.

CAPÍTULO SETE

Traição

Recaiu sobre o FBI, e em particular sobre um agente, a responsabilidade pela surpreendente quebra de segurança no grampo de potencial devastador da polícia estadual em Bulger e Flemmi. “Foi Connolly”, admitiu Flemmi mais tarde. Mas Connolly não era o único agente federal de olho em Whitey Bulger, como um salva-vidas monitorando águas infestadas de tubarões. Flemmi acrescentou que Morris também alertara os criminosos. Segundo Flemmi, o supervisor contara a Bulger que outro agente fora à sua procura para obter informações sobre os dois gângsteres. O supervisor interpretou a sondagem como um preparativo para os planos de iniciar uma vigilância eletrônica monitorada por outro grupo.

Na verdade, antes de saber por Connolly e Morris, Flemmi recebera uma dica sobre a possibilidade de grampo por um dos *bookies* com quem ele e Bulger tinham negócios. O homem alegava ter conseguido a informação com um policial estadual. Mas Flemmi foi o primeiro a admitir que isso era um relato em segunda mão, um boato do submundo que não podia se comparar à confirmação sólida que Connolly em breve forneceria. “O trabalho dele era proteger a gente”, disse Flemmi sobre a ajuda de Connolly.

Anos mais tarde, Connolly finalmente admitiria que avisara Bulger e Flemmi, mas deu sua versão com um toque de autopreservação: ele alegou que O’Sullivan lhe pedira para advertir os informantes. Em depoimento no tribunal, Flemmi confirmou o que Connolly disse: “Jeremiah O’Sullivan disse a

John Connolly [...] que a gente estava sendo grampeado na Lancaster Street e pediu que nos transmitisse a informação.”

Pelo lado de O’Sullivan, a versão foi refutada, um relato forçado que não casava com o ardor do promotor por mandar gângsteres para trás das grades ou seu entusiasmo pela operação da polícia estadual, que ficara patente nas reuniões com eles. O testemunho de Flemmi foi visto como mera tentativa de proteger o agente que o protegera por anos. Segundo a polícia estadual, o cenário mais provável era que O’Sullivan talvez tivesse feito a confidência a Connolly por questão de cortesia profissional — sabendo que Connolly era o responsável por Bulger e Flemmi no FBI —, e foi Connolly quem depois traiu essa confiança. De fato, as antigas suspeitas da polícia estadual quanto à duplicidade do bureau se cristalizaram em dogma quando um dos policiais incumbidos da vigilância viu Bulger sentado com Connolly num carro em South Boston. Fossem quais fossem os detalhes precisos, Morris e Connolly tinham advertido Bulger e Flemmi, e os vazamentos do FBI haviam solapado a tentativa de outro órgão policial que pretendia enquadrar a gangue irlandesa de Boston.

Mas, em meio à operação de acobertamento de Morris e Connolly, havia um ponto positivo em potencial. O’Donovan encontrara um público sincero no único agente que importava — o novo chefe do FBI na cidade, agente especial encarregado Lawrence Sarhatt, que não engolia as explicações na defensiva de Morris. Elas não soavam críveis, e, quanto mais Sarhatt refletia a respeito, mais começava a pensar numa hipótese bem mais ameaçadora. Sarhatt se perguntava se Bulger valia mesmo a pena. Teria o gângster de South Boston se aproximado demais de seus responsáveis no bureau? Além da questão do vazamento, Sarhatt passou a questionar Morris e Connolly sobre a “adequação” de Bulger. Toda a nova linha de inquirição punha

em risco ainda maior o acordo central firmado por Connolly cinco anos antes.

A discussão chegou à mesa de Morris num momento difícil. Em casa, o casamento desmoronava. Seu estouvado bate-papo na festa e o telefonema para O'Donovan quase puseram tudo a perder. E o trabalho consumia todo o seu tempo. Ele vinha coordenando a estratégia para obter a autorização judicial federal para grampear o escritório de Gennaro Angiulo na Prince Street, 98. Vinha supervisionando um cronograma extenuante para o esquadrão cada vez maior de agentes. E então chegou Sarhatt, questionando a pedra angular do Esquadrão de Crime Organizado — o canal aberto de informações com Whitey e Stevie. Para coroar, Morris sabia que estava perdendo o controle sobre o elemento mais imprevisível de seu esquadrão, o astuto e bem-relacionado Connolly.

Connolly ficou furioso com Morris por sua temerária língua solta na festa. Morris tentou pôr panos quentes. Durante a investigação sobre o vazamento, omitiu nos relatórios que Connolly também sabia sobre o grampo bem antes de Morris ter aberto o bico na festa da sexta-feira à noite. O relatório de Morris manteve Connolly fora da lista interna de suspeitos pelo vazamento. No entanto, mais do que nunca, Connolly vinha exercendo sua influência sobre o supervisor, e sua personalidade bombástica sufocava o introvertido chefe. “Eu devia ter dito não a Connolly”, disse Morris. “Mas não queria ficar contra ele.” Depois de administrar uma crise que ele mesmo criara, Morris começou a temer as ligações políticas de Connolly com um vingativo Billy Bulger, bem como sua velha camaradagem de South Boston com o perigoso gângster.

Ao fim de 1980, quando a sindicância interna do FBI evoluiu de uma investigação sobre o possível vazamento para um exame mais perigoso e detalhado de Whitey Bulger, Morris começou a ir na onda de Connolly para converter o desafio que vinham

enfrentando em algo parecido com a velha contenda do tipo “nós contra eles” que South Boston alimentava em relação a gente de fora. Para refutar as preocupações de Sarhatt, Connolly e Morris precisariam provar que Bulger e Flemmi eram recursos inestimáveis que a polícia estadual estava simplesmente tentando destruir por puro ciúme. Basta olhar para o potencial de Bulger, argumentariam diante da cadeia de comando do FBI, e não para sua vida criminosa. Custasse o que custasse, era isso que precisavam fazer Sarhatt enxergar.

Como novo homem do FBI na cidade, Sarhatt aprendeu rápido que a turbulenta Boston não se parecia em nada com seu posto anterior, a letárgica Knoxville, Tennessee. Nunca antes, durante seus vinte anos de carreira, ele encontrara um cenário tão emaranhado de deslealdades. Mas estava determinado a chegar ao fundo da questão. Quase sozinho no FBI, via o tenente-coronel O'Donovan como um sujeito correto com um problema genuíno. Instigado por O'Donovan, Sarhatt insistiu em exigir respostas mais sensatas de Morris e continuou recebendo explicações plausíveis, mas falsas. Após semanas de subterfúgios e memorandos capengas, Sarhatt começou a fazer mais barulho sobre a possibilidade de desligar Bulger. Ele estava preocupado: se a polícia estadual sabia das ligações de Bulger com o FBI, então todo mundo presente à reunião do Ramada sabia. E, se todos aqueles homens da lei sabiam, a informação ultrassecreta poderia acabar vazando para o submundo da cidade. Na verdade, a preocupação de Sarhatt era que a informação sobre Bulger já estivesse circulando e que ele seria liquidado, deixando sangue nas mãos de todos. Além do mais, Sarhatt punha em dúvida se as informações de Bulger eram tão boas assim. Começou a considerar a heresia de encerrar a operação com Bulger.

Mas Morris e Connolly tinham a resposta: inserir Bulger e Flemmi no maior caso da história do FBI de Boston: a escuta no

quartel-general de Angiulo. Era um plano brilhante, e John Morris viu-se numa posição privilegiada, um policial de trânsito orientando os atores em ambos os lados da linha para se adequar a suas necessidades sem qualquer interferência no Esquadrão de Crime Organizado.

Obter permissão judicial para plantar um grampo exigia uma série de acrobacias legais, todas ligadas ao fornecimento de informações detalhadas sobre a localização específica visada pelo FBI para sua proposta de invasão de privacidade. Trabalhando com promotores do gabinete de Jeremiah O'Sullivan, o bureau precisava provar ao juiz que dispunha de uma “causa provável” para infringir o que seria o direito constitucional dos mafiosos de serem deixados em paz. Em outras palavras, o FBI tinha que mostrar que os irmãos Angiulo usavam o escritório como base e provavelmente vinham cometendo crimes ali.

Para obter a informação interna de que Gennaro Angiulo dirigia sua vasta rede de crime organizado no número 98 da Prince Street, Morris dependia de uma série de informantes que frequentavam o local. Esses seis ou mais informantes — *bookies* e agiotas que iam regularmente à sede mafiosa para realizar negócios com os Angiulo — constituíram um serviço de inteligência amplo e significativo para o esquadrão do FBI. Muitos deles prestavam contas a Connolly, mas havia um, o melhor do grupo, que apresentava seus informes a Morris. O dedo-duro era um bem-estabelecido agenciador de apostas da cidade de Chelsea, ao norte de Boston, e Angiulo dependia da perspicácia financeira do homem.

De sua parte, Whitey quase nunca pisou na Prince Street, 98, se é que o fez. A Máfia tinha o pé atrás com o insolente gângster. Ele era irlandês e ficava com os lucros de South Boston para si. No entanto, Flemmi sempre fora um protegido da Máfia. Era italiano e tinha um longo passado coletando impiedosamente as

dívidas de agiotagem para o North End. Mas mesmo Flemmi só entrara no escritório de Angiulo quatro ou cinco vezes.

No outono de 1980, um dos promotores federais nomeados para trabalhar com o FBI já dava os retoques finais no pedido do governo para fazer a vigilância eletrônica, conhecido como “requerimento T3”. Minucioso, o documento incorporava os relatórios dos agentes e seus informantes entregues a Morris. Eles não faziam menção a Bulger e Flemmi.

Morris e Connolly tinham que encontrar um modo de usar a Prince Street em seu benefício, e, embora já em sua redação final, o T3 ainda não estava completo. Ainda havia tempo, e, durante os dias frenéticos transcorridos até o momento de dar entrada no requerimento, Morris e Connolly puseram mãos à obra. O plano era dar a Bulger e Flemmi o crédito pela Prince Street, 98.

Começou com Morris organizando a papelada. Desde a investigação dos páreos arranjados, o status de Flemmi como informante permanecera encerrado. (Morris reabriu o status de Bulger em 1979, mas se esquecera de Flemmi.) Flemmi nem soubera do desligamento e manteve a frequência dos encontros com Connolly; mas, para fazer parte do T3 para Prince Street, ele teria que ser oficialmente reintegrado ao programa. Morris cuidou disso num teletipo para a sede do FBI, em Washington, D.C. O novo codinome de Flemmi era “Shogun”, termo usado para os chefes militares do antigo Japão que prestavam vassalagem ao imperador.

Em 10 de outubro, houve uma reunião entre Morris e Sarhatt. O principal agente do FBI em Boston abriu o jogo para Morris: estava pensando em encerrar o status de Bulger. As elucubrações alarmantes de Sarhatt deixaram Morris e Connolly em polvorosa. Eles convocaram uma reunião de emergência para a mesma noite, no condomínio de Bulger em Quincy. Explicaram a presente crise para os informantes e comunicaram

seu esquema para incluir os gângsteres no iminente T3, com status de informantes confidenciais extras que haviam fornecido serviço de inteligência sobre a sede da Máfia.

Para rechaçar a preocupação de Sarhatt quanto ao valor de Bulger, os agentes Morris e Connolly haviam bolado um plano de mestre — uma encenação no quartel-general mafioso. Flemmi podia entrar e sair facilmente da Prince Street, 98. Mas dessa vez Bulger o acompanharia, e em seguida Morris e Connolly transformariam o ponta em papel principal. Era a solução perfeita: salvar Bulger para afundar Angiulo. E, uma vez executada, Sarhatt não seria capaz de se opor aos dois agentes, a não ser repudiando os colaboradores que ajudaram o FBI a encontrar seu Santo Graal: um caso infalível contra a Máfia de Boston.

O último obstáculo ao plano maquiavélico foi o medo do palco revelado por Bulger e Flemmi. A ardilosa dupla sabia que um grampo no escritório de Angiulo inevitavelmente produziria evidência de suas próprias ações envolvendo a jogatina e a agiotagem com Angiulo, talvez até antigos assassinatos cometidos por Flemmi. Mais tarde, Flemmi diria que ele e Bulger pressionaram Morris e Connolly para saber se seriam indiciados por crimes revelados em conversas grampeadas na Prince Street. Tempos depois, ele alegaria que os agentes “asseguraram que não teríamos problemas e que não precisávamos nos preocupar”. Eles foram informados repetidas vezes de que o FBI fazia vista grossa para qualquer coisa, com exceção de homicídio.

Tranquilizado, Bulger aproveitou para repudiar a alegação da polícia estadual de que seu nome estava sendo falado nas ruas e de que ele corria perigo. Afirmou que os únicos criminosos à altura de “apagá-lo” eram os que nunca acreditariam que ele era um informante, para começo de conversa — a Máfia de Boston. Disse que sua única preocupação era que a aparente fraqueza

da Winter Hill, com alguns de seus líderes na cadeia e outros foragidos, levasse Angiulo a “tentar” algo contra ele para recuperar território e autoridade perdidos. Para ele, o cumprimento da lei não era uma preocupação digna de comentários.

* * *

Dentro do FBI, Connolly e Bulger trabalharam em equipe, colaborando num memorando extraordinário que rebaixou o agente federal a mero *ghost-writer* do irreprimível gângster. Remodelando todo o problema como um ataque político, o memorando interno de Connolly dizia que Bulger via a polícia estadual como parte de uma conspiração para constranger seu irmão Billy. Era uma versão abrandada de um editorial do *South Boston* que atacara os intrusos do outro lado do Fort Point Channel. Mais uma vez, era o “nós contra eles”.

Além do mais, continuava o memorando, Whitey queria mostrar que os policiais estavam tentando usar Connolly como bode expiatório para os fracassos na garagem da Lancaster Street. Vejam só os envolvidos, exortavam Bulger e Connolly — alguns dos mesmos policiais que haviam trabalhado para o promotor do condado de Norfolk, William Delahunt. Todos estavam atrás de vingança por causa do recente sucesso de Connolly em investigar o informante assassino deles, Myles Connor, aquele que dedurava outras pessoas por crimes que ele próprio cometera.

Bulger e Connolly chegaram ao ponto de levar a conspiração à Massachusetts State House, a sede do governo e das casas legislativas do estado. O memorando afirmava que Delahunt e um aliado político, o procurador público Francis Bellotti, estavam tramando uma retaliação contra Billy porque ele barrara a legislação que teria permitido a Bellotti usar de forma pessoal

800 mil dólares em fundos de campanha. Whitey chegou a afirmar que a polícia estadual andava espalhando boatos de que Connolly usara Billy para lhe passar informações.

O memorando de Connolly invocava a máxima de South Boston: quando agredido por forasteiros, revide sempre. Mas o tiro saiu pela culatra. De repente, Sarhatt se viu com uma polêmica altamente distorcida em sua mesa, o memorando bizarro de um agente arrogante que defendia um informante autorizado, cheio de minúcias não documentadas e até fantasiosas sobre inimigos políticos buscando vingança. Em vez de aliviar as preocupações originais de Sarhatt, o documento só fez aumentá-las.

* * *

Tendo soltado os cachorros, Bulger foi cuidar de fornecer ao FBI algum serviço de inteligência sobre Prince Street. Não foi muita coisa, mas a questão não era essa, e sim algo que pudesse ser embelezado para depois escreverem a respeito. Tinha a ver com percepção, não com a realidade.

Num dia fresco de outono, no fim de novembro, a dupla de gângsteres apareceu para uma visita combinada por Flemmi. Eles conversaram com Danny Angiulo. Jerry não estava. Danny se queixou da fraca temporada de apostas no futebol, e falaram de como Vincent “Animal” Ferrara, uma estrela em ascensão na Máfia, concordara em ir atrás de uma dívida de 65 mil dólares que Billy Settipane arranjava com Larry Zannino no vinte e um.

Memorandos posteriores louvaram a missão como vital para o esforço contra os Angiulo, mas nada do tipo figurava no relatório inicial de Connolly. Ele até creditava Flemmi, mas não Bulger, pela informação sobre a missão de Ferrara para Zannino. Meses mais tarde, porém, quando Connolly embutiu a propalada visita a Prince Street em memorandos maiores e listou as contribuições

de Bulger, alegou que este fornecera informações detalhadas sobre o importantíssimo caso, embora nunca tenha explicado do que se tratasse. Tempos depois, Morris e outros testemunharam que Bulger e Flemmi fizeram um reconhecimento do sistema de segurança dos Angiulo e que Flemmi desenhou um layout do escritório para os agentes.

Na verdade, os valiosos informantes contaram ao FBI apenas o que o bureau já sabia — onde ficavam as portas e janelas e que não havia alarmes visíveis. Mais tarde, Morris admitiu que a incursão foi válida, mas não necessariamente a ponto de obter autorização judicial para a escuta. No entanto, na época foi suficiente: Bulger e Flemmi integraram o calhamaço do documento T3.

Mesmo assim, apesar de Morris e Connolly forçarem a participação dos dois gângsteres na operação da Prince Street, Sarhatt queria mais: um encontro frente a frente com o chefe do crime de South Boston para se convencer de que conservar Bulger era a coisa certa. Connolly usou um de seus inúmeros contatos na cidade para conseguir um quarto no hotel do Aeroporto Internacional Logan em pouco tempo.

Embora a reunião estivesse cercada de tensão, Whitey chegou sozinho e exibindo toda sua autoconfiança insolente. Ladeado por seus responsáveis no FBI, ele era o mais relaxado de todos no quatinho. Sentado diante de Sarhatt numa das cadeiras vagabundas, trançou as mãos atrás da cabeça e apoiou as botas de caubói numa mesinha. Falou durante quatro horas sobre sua relação com o bureau e sua vida no crime.

Bulger se declarou um sujeito das antigas e um genuíno defensor do FBI. Disse que, na verdade, toda a sua família era composta de admiradores do bureau, remontando à bondade mostrada para com eles em 1956 por ninguém menos que o agente Paul Rico, antigo responsável por Flemmi, que visitou a casa de Bulger em Southie para apaziguar seus rígidos pais,

após Whitey ter sido preso por assalto a banco. Foi uma experiência tão transformadora, contou Bulger a Sarhatt com a maior cara de pau, que ele deixou de nutrir “um ódio indiscriminado contra todas as forças da lei”. Ele se desmanchou em elogios a seu bom amigo do bairro, dizendo que os “sentimentos íntimos” por Connolly cimentaram sua afinidade pelo FBI.

Bulger também aproveitou para dar umas cutucadas na polícia estadual, batendo na tecla do preconceito institucional contra os moradores locais. Assegurou Sarhatt de que, ainda que a polícia estadual soubesse de seu papel como informante, ele não estava preocupado com a própria segurança. Repisou a surrada resposta-padrão de que nenhum mafioso acreditaria que ele era um dedo-duro. “Seria incrível demais”, disse ao chefe do FBI, enfatizando o desejo de permanecer como informante ativo. Também aproveitou para denegrir sumariamente a imagem de O’Donovan, afirmando que os comentários depreciativos do detetive sobre o FBI arruinaram a reunião que tiveram no fim da década de 1970. Rezando pela cartilha de Connolly, sentiu-se “muito insultado” com a crítica, revelou admiração pelo FBI e elogiou Morris e Connolly por não mostrarem “outra coisa senão o máximo profissionalismo em todos os aspectos”.

Chegando ao motivo da reunião, Bulger negou que o FBI vazara para ele a informação do grampo da polícia estadual. Afirmou a Sarhatt que soubera por um policial estadual. Numa chocante quebra de protocolo de informante, Bulger se recusou a identificar o homem, dizendo apenas que recebera a dica como um favor, e não como um “ato de corrupção”. A recusa de Bulger em identificar um delator infiltrado na polícia estadual era uma afronta de alto risco. Para Sarhatt, deve ter sido uma simples questão de administração interna: você tapa o vazamento ou corta a fonte. De outro modo, Bulger manteria o suposto dedo-duro na polícia estadual enquanto policiais como Bob Long, Jack

O'Malley e Rick Fraelick arriscavam a vida caçando um bandido que sempre sabia da chegada deles.

Mas Sarhatt fingiu que estava tudo certo e foi em frente.

* * *

O encontro no hotel do aeroporto deixou Sarhatt claramente perturbado, e ele voltou em seu carro para o escritório no centro com sérias preocupações sobre a credibilidade de Bulger. Mas era novo na cidade, não tinha aliados. Seus principais agentes de crime organizado claramente queriam manter Bulger e usá-lo em novos casos da Máfia. Ruminando sobre o que fazer, Sarhatt procurou O'Sullivan e lhe perguntou qual seria o impacto de desligar Bulger.

O'Sullivan o admoestou, dizendo que isso representaria uma calamidade na caça à Máfia. A seu modo seco e arrogante, disse a Sarhatt que Bulger era crucial para o principal caso já montado contra a Máfia, o iminente grampo de Prince Street. "Crucial" se tornou um mantra entre todas as sentinelas que protegiam o acordo secreto do FBI com Bulger. De algum modo, em questão de semanas, Bulger passara de risco preocupante e causador de fraturas sísmicas entre as forças da lei a chave do futuro. Connolly e Morris tinham se saído bem.

Claro, o inflexível O'Sullivan enxergava a questão de seu ponto de vista estreito de promotor. Ele era a favor de praticamente qualquer coisa que o evitasse mais próximo de enquadrar os Angiulo, e precisava do Esquadrão de Crime Organizado liderado por Morris e Connolly para chegar lá. Para o inflamado promotor, Bulger era um meio tão útil para seus fins que ele disse a Sarhatt para conservá-lo "independentemente de suas atuais atividades", recomendação que abrangia um bocado de terreno sujo. Isso foi o fiel da balança para Sarhatt, que poderia conviver com agentes insatisfeitos, mas teria problemas

no caminho se o chefe da promotoria em sua nova jurisdição estivesse contra ele.

Como golpe de misericórdia, Connolly rapidamente enviou a Sarhatt um longo memorando justificando a manutenção de Bulger, enumerando todas as suas contribuições ao longo dos cinco anos precedentes. Embora a visita de Whitey ao escritório de Angiulo não tivesse produzido nenhuma informação nova, Connolly proclamava Prince Street como o coroamento das realizações que faziam de Bulger o informante de “mais elevado calibre” na história recente do FBI.

O memorando de Connolly foi o supremo documento de distorção da verdade. Era extremamente detalhado, quase aclamando Whitey Bulger como um combatente do crime. Connolly lhe deu crédito falso e às vezes exagerado por solucionar homicídios, salvar a vida de dois agentes do FBI e fazer notícia com informação infiltrada sobre um roubo a banco que ganhou as manchetes. Morris engrossou o coro, dizendo que perder Bulger seria um “sério golpe” para o Esquadrão de Crime Organizado do bureau.

Quando o memorando de 2 de dezembro de 1980 assinado por Connolly chegou à mesa de Sarhatt, o chefe já fizera tudo que estava a seu alcance. Era hora de decidir. Ele conversara com o homem em pessoa, discutira com os agentes principais e fora secundado pelo chefe da promotoria na cidade. Quaisquer reservas que Sarhatt tivesse ficaram reduzidas a um pedido final, como meio de livrar sua cara, que ele rabiscou no fim do exaltado memorando de Connolly. Sarhatt determinou que um “lembrete” fosse adicionado à pasta de Bulger, de modo que a questão fosse revista dali a três meses. Mas a questão passou a ser burocrática. Connolly faria a revisão sob a supervisão de Morris. Whitey estava fora de perigo.

Connolly se safaria do confronto com a polícia estadual e ainda ganharia uma recomendação na carreira pela operação

secreta de Bulger em Prince Street. Era o tipo de reconhecimento formal que valia ouro dentro do bureau. Significava bônus salariais para agentes com informantes que forneciam material incorporado aos T3.

* * *

Tudo considerado, a atividade ilícita na Lancaster Street se encerrou com uma nota desanimadora que poderia ter saído do filme *Operação França*, que termina com traficantes em liberdade e policiais sendo transferidos.

A polícia estadual ficou com o que um de seus membros chamou de “um saco lotado de porcaria nenhuma”. O valoroso esforço de mirar a colaboração entre líderes do crime organizado da gangue Winter Hill e da Máfia foi sabotado e virou pó.

O sargento Bob Long foi remanejado para o esquadrão de narcóticos.

Meses depois, a State House se empenhou em extirpar a liderança da polícia estadual que supervisionou as investigações contra o crime organizado, incluindo O’Donovan e quatro outros.

Durante uma das sessões realizadas tarde da noite que se tornaram marca registrada do longo reinado de Billy Bulger como presidente do Senado Estadual, seu gabinete aprovou uma emenda anônima ao orçamento estadual que dava o troco em O’Donovan de uma forma primorosamente simples e perversamente pessoal. Uma breve cláusula sem impressões digitais exigia que os oficiais de 50 anos ou mais — O’Donovan, um major e três capitães — fizessem uma escolha: aceitar uma redução salarial e um rebaixamento de patente ou se aposentar. A cláusula também compreendia o investigador-chefe no gabinete do promotor Delahunt, o major John Regan.

Após vários dias tensos e protestos de funcionários de segurança pública sobre uma manobra do crime organizado, o

governador vetou a proposta. Mas o recado estava dado.

CAPÍTULO OITO

O matador de aluguel da Prince Street

Por volta da meia-noite, muito depois de os agentes terem seguido Gennaro Angiulo até sua casa e ligado para avisar que a sala de reuniões da Máfia era apenas um escritório às escuras numa rua tranquila do North End, a equipe de invasão do FBI deixou o quartel-general, a pouco mais de um quilômetro do centro de Boston.

Doze agentes haviam passado a noite na espaçosa sala do esquadrão, sentados a suas mesas, tomando café e jogando conversa fora. Alguns falaram sobre a vitória apertada dos Celtics sobre Los Angeles naquela tarde, um grande triunfo, apesar do jogo ruim de Larry Bird. Outros se perguntavam por que o chefe, Larry Sarhatt, participaria da missão naquela noite. Será que não confiava na estratégia? Ou estava fazendo o que a maioria dos homens com vinte anos de FBI fariam — se envolvendo numa grande noite? Ninguém tinha certeza.

Depois que todos assumiram posição no North End, John Morris, como supervisor do Esquadrão de Crime Organizado, transmitiu as ordens por um comunicador no carro parado do outro lado de uma rua com leve subida diante do escritório de Angiulo. Ele vinha empregando 98% de seu tempo no caso e dividia os 2% restantes preocupado com a situação de Whitey Bulger no bureau e com seu próprio relacionamento com o desdenhoso John Connolly.

Nervoso como um gato e encolhido de frio na gelada noite de janeiro, Morris estava sentado no assento do passageiro enquanto recebia relatórios de agentes em carros na Prince

Street. Às duas da manhã, a informação vinda do outro lado da colina era: “Tudo calmo.” Morris virou para o assento traseiro e despachou os agentes Ed Quinn e Deborah Richards junto com um chaveiro do FBI, dizendo-lhes que descessem a ladeira até o número 98 da Prince Street. Sua missão seria invadir o pequeno escritório de Angiulo na noite fria e sem nuvens. A vigilância revelara que a madrugada de segunda-feira era o momento mais tranquilo da semana num bairro de carros estacionados em fila dupla diante de restaurantes, padarias, pizzarias e edifícios de apartamento. Nem os mafiosos saíam nas noites de domingo. A essa hora, o bairro geralmente alerta de ruas estreitas e dilapidados prédios residenciais de cinco andares finalmente se recolhera.

Quinn ergueu a gola para se proteger da noite e começou a descer a Snow Hill Street em direção à Prince Street, de braços dados com a desinibida Richards, que segurava uma garrafa de uísque levada por Quinn, de modo que os agentes se passassem por um trio alegre encerrando a farra com uma saideira. Eles desceram a ladeira em zigue-zague, mas passaram a caminhar depressa assim que pisaram na rua, aproximando-se rápido da entrada mal-iluminada do quartel-general mafioso. Quinn e Richards, não mais no papel de beberrões em fim de noite, pararam de braços cruzados sobre os coletes à prova de bala enquanto o terceiro agente se ajoelhava para abrir a fechadura. Do outro lado da rua, congelando no frio ártico que fazia no interior do furgão estacionado, dois outros agentes observaram as costas dos colegas sumirem pela entrada do escritório. Havia mais uma porta a abrir.

Usando código de rádio, Morris deu ordens para carros do FBI fecharem parte da Prince Street. Com quadras de separação, capôs foram abertos, e os agentes ficaram junto aos carros “quebrados” para assegurar que não houvesse tráfego algum diante do número 98 enquanto os agentes penetravam o

santuário da Máfia. Larry Sarhatt ficou do lado de fora de seu Buick azul até chegar a informação de que Ed Quinn estava na escuridão impregnada de alho do escritório de Jerry Angiulo. Aos poucos, o ambiente foi ficando visível — fogões industriais encostados à parede do fundo, uma mesa no centro e poltronas de vinil vagabundas junto à TV, perto das janelas da frente.

Morris então ordenou que uma segunda equipe de agentes entrasse. Nada de descer a ladeira cambaleando com uma garrafa de uísque dessa vez. Esses eram os técnicos, e tudo aquilo se tornara uma operação militar. Os três especialistas em dispositivos eletrônicos se aproximaram correndo com pesadas mochilas de equipamento, parecendo paraquedistas ao tomar uma cabeça de ponte. Agentes em furgões e carros passaram a bloquear todas as vias para o número 98 da Prince Street, enquanto Quinn abria a porta para os reforços. De repente, havia seis agentes na fortaleza inexpugnável de Jerry Angiulo. Todos permaneceram imóveis por dez minutos para ter certeza de que nenhum alarme oculto fora disparado e para se aclimatar no ambiente escuro.

Então os especialistas pegaram suas lanternas revestidas de tecido e puseram mãos à obra. Levaram três horas para plantar dois microfones no alto da parede lateral e ligá-los a enormes baterias do tamanho de toras que foram escondidas no telhado. As escutas transmitiriam um sinal embaralhado para scanners aluminizados e mandariam as conversas de Angiulo através do Boston Harbor para um apartamento em Charlestown apinhado de agentes. Após diversos testes problemáticos com o sinal, Ed Quinn finalmente conseguiu falar de forma clara com o agente Joe Kelly da cozinha de Jerry Angiulo. Os rolos de fita que se provariam tão letais para Angiulo estavam montados e prontos para rodar.

À primeira luz do dia, Ed Quinn deixou exausto o escritório da Prince Street. Sua última ação foi verificar se o pó de serragem

dos buracos abertos tinha sido varrido. Às cinco da manhã, ele voltou a subir a Snow Hill Street e desabou no assento traseiro do carro de Morris. Cumprimentaram-se com um soquinho, mas foi uma comemoração contida. Sorrisos largos, mas nada de gritos. Afinal, eles eram do FBI.

Quatro horas mais tarde, Frankie Angiulo, responsável pelo turno do dia da Máfia, cuja função era supervisionar os *bookies* locais, fez sua curta viagem de casa para o trabalho, atravessando a Prince Street. Enquanto os agentes trabalhavam no escritório às escuras, Frankie dormia a cerca de trinta metros dali, num apartamento dilapidado de um prédio vazio que escondia maços de dinheiro enfiados em cofres pesados. Como fazia toda manhã às nove horas, Frankie começou o dia no número 98 da Prince Street cuspiendo na pia da cozinha e preparando o café.

Quando Jerry Angiulo apareceu para trabalhar às quatro da tarde — cobrindo o turno da noite como fizera por três décadas —, não parava de falar numa viagem à Flórida para fugir do frio mais prolongado do que o normal num mês de janeiro inclemente. Mas em breve o tempo ruim seria o menor de seus problemas.

* * *

Depois de mais de um ano reunindo evidências em segredo num bairro tenso, o novo inimigo do FBI na caça aos Angiulo era o ruído ensurdecador no número 98 da Prince Street. Escutando num posto avançado a oito quilômetros dali, os agentes sofriam para decifrar a sintaxe entrecortada dos cinco irmãos Angiulo e seus capangas quando todos falavam ao mesmo tempo, tendo ainda ao fundo um rádio ligado o dia todo numa estação sem músicas, só com apresentadores falando sem parar.

Alguns, como John Morris, nunca pegaram o jeito da coisa. John Connolly nem tentou, fugindo do tédio de escutar a conversa mafiosa e declarando ser mais necessário nas ruas. Mas os outros agentes deram um jeito de dominar o jargão enlouquecedor da Prince Street, chegando ao ponto de conseguir acompanhar as explosões em *staccato* de meias sentenças profanas, fragmentos de italiano, gíria do submundo e mudanças abruptas de assunto. O protagonista em todos os sentidos era o tirânico Gennaro. Primeiro, porque berrava e podia ser ouvido a despeito do rádio incessante. Depois, porque a maior parte do que dizia fazia sentido. Gennaro era egocêntrico, desumano e dogmático, mas ao menos era possível entender o que estava dizendo. Seu recado era inequívoco, por exemplo, quando falava de algum subalterno preso após uma batida numa casa de apostas. “Se a gente percebe que um desses sujeitos que a gente usa está ficando intolerável, a gente mata o maldito filho da puta, e ponto final. Encontra outro.”

Normalmente, a escuta na Prince Street não revelava muita coisa até a chegada de Jerry às quatro da tarde, vindo de sua mansão à beira-mar em Nahant, norte de Boston. Ele chegava em seu AMC Pacer vermelho e prata, ou no Cadillac azul-celeste, entrava, e a atmosfera no local mudava de imediato. A conversa fiada praticamente cessava. Angiulo entrava pela porta bradando perguntas sobre comida, jogo, dinheiro, assassinato, escutando seus asseclas com a impaciência despótica de um velho juiz cansado da magistratura. Às 19h30, fazia uma pausa para o jantar, com frequência preparado pelo caçula dos irmãos Angiulo, Mikey. A única outra pausa era para a série da TV pública *The Wild, Wild World of Animals* [O mundo selvagem dos animais]. O subchefe nunca perdia um episódio e comentava sobre o prodígio e a força dos répteis.

Tendo lutado com sucesso contra acusações de conspiração em longos julgamentos na justiça estadual durante a década de

1960, Angiulo nunca baixava a guarda para o alcance e os instrumentos da lei. Suas preocupações eram premonitórias: os grampos do FBI capturaram um frustrado Angiulo gritando: “Eles podem usar a lei RICO.” No entanto, ninguém mais no escritório sabia do que ele estava falando. Angiulo se preocupava em voz alta com a facilidade com que um caso de crime organizado podia ser construído contra sua antiga organização criminosa. Só ele percebia o risco.

Ao longo dos anos, Angiulo começou a se achar mais esperto do que realmente era, mas ele tinha razão sobre o poder e o perigo da lei RICO. Lendo em voz alta para os capangas indiferentes, Angiulo dissecava artigos de jornal sobre uma apelação na justiça de Massachusetts para sua sentença de vinte anos por crime organizado que estava na Suprema Corte dos Estados Unidos. Ele advertia os irmãos quanto ao perigo representado pelo fato de que os promotores federais tinham de provar que os Angiulo haviam cometido somente dois dentre 32 crimes federais e estaduais ao longo de um período de dez anos para estabelecer um padrão de crime organizado. E se lamentava que, “se você comete um desses crimes este ano e nos próximos dez anos comete o outro, eles arrancam a merda da sua cabeça”.

Mas Angiulo, cuja ambição nos tempos de escola era se tornar advogado criminal, buscava um delirante refúgio na crença equivocada de que o estatuto da lei RICO se aplicava apenas às organizações criminosas infiltradas em negócios legítimos, como a Máfia em Nova York frequentemente fazia. Sem saber os aspectos mais sutis da lei, Angiulo seguia imprecando, e os microfones ocultos captavam cada palavra.

Então, num fatídico passo em falso que selou seu destino, Angiulo inadvertidamente delineou o processo por crime organizado contra si mesmo num diálogo com Zannino. A recitação desconexa de suas atividades criminais foi a espinha

dorsal do indiciamento que ele enfrentaria apenas dois anos mais tarde.

— A gente argumenta que os nossos negócios são ilegais — disse ele a Zannino.

— Somos agiotas — respondeu Zannino, *consigliere* da família.

— Somos agiotas — repetiu Angiulo, pegando embalo na litania.

— É — concordou Zannino.

— Somos *bookmakers*, caralho — acrescentou Angiulo.

— *Bookmakers* — confirmou Zannino.

— A gente vende maconha — disse Angiulo.

— Não estamos infiltrados em coisas lícitas — falou Zannino.

— A gente... a gente é ilegal em tudo que é lugar. Incêndio criminoso. A gente faz qualquer coisa — disse Angiulo, inflamando-se com o próprio argumento.

— Cafetões, prostitutas — acrescentou Zannino, voltando ao assunto da discussão.

— A lei não cobre a gente — declarou Angiulo. E depois, meio na dúvida: — Não é isso?

— Esse é o argumento — respondeu Zannino, taciturno, voltando a conversa para a realidade.

A verdade era que o argumento não passava de conversa para boi dormir. Mais tarde nessa mesma noite, Angiulo, já farto de falar, enfrentou a cruel realidade:

— A lei foi feita para caras como a gente — constatou, cansado.

* * *

Enquanto Angiulo perscrutava seu império declinante, notou um detalhe. Stevie e Whitey não haviam aparecido mais desde a última visita à Prince Street, quando se discutiu parte de sua

dívida com a Máfia. Angiulo se queixou de que a dupla não dava as caras havia dois meses, ou desde a época de sua missão de reconhecimento secreta do FBI, em novembro de 1980. Como acontecia com quase todas as querelas mafiosas, Angiulo achou que a ausência tinha a ver com dinheiro. Mas a coisa não era tão simples. Bulger e Flemmi não poderiam se importar menos com o dinheiro que deviam a um homem com a corda no pescoço e microfones nas paredes. Eles mantiveram distância porque seus responsáveis no bureau lhes deram um toque. Os dois sabiam que sua relação informal com Angiulo seria debatida com as fitas rolando. Mas, se não existisse conversa sobre os crimes vinda de suas próprias bocas, qualquer pista na investigação não passaria de rumor.

Desde o início, os agentes fizeram o possível para acobertar as atividades de Bulger e Flemmi quando seus delitos apareceram nas fitas em 1981 e, mais tarde, quando foram transcritas para o julgamento por crime organizado de Angiulo. Com Morris no comando, os agentes distorceram o significado da informação crua que chegava ao quartel-general sobre o envolvimento de Bulger com jogo e agiotagem, bem como seu potencial uso como assassino contratado da Máfia. Limpando a barra dos dois, Connolly mergulhou de cabeça na gravação. Por exemplo, as fitas do FBI pegaram Zannino insistindo com Angiulo para usar Whitey e Stevie no assassinato de um mafioso sem importância. As fitas também pegaram Zannino elogiando a Winter Hill como uma parceria formidável em certos negócios envolvendo jogo e agiotagem. De fato, as fitas revelavam os Angiulo rotineiramente discutindo o alvo frustrado da polícia estadual — um caso de crime organizado baseado num consórcio criminoso entre a Máfia e a Winter Hill. Os líderes mafiosos discutiam com frequência a melhor maneira de dividir o território do jogo e da agiotagem com a Winter Hill. O próprio Jerry Angiulo resumiu tudo quando se referiu aos milhões de

dólares em pagamentos extorquidos pela dupla de valiosos informantes do FBI: “Whitey tem todo o South Boston, e Stevie, todo o bairro de South End.”

Mas o FBI não só deixou esses feudos em paz, como os protegeu. E a proteção do bureau não se restringia a crimes sem violência, relativos ao jogo. O grosso do negócio vinha de extorquir traficantes de drogas e *bookies*, que todo mês enfrentavam ultimatoss: pague ou morra.

Por causa das guerras de gangues durante os anos 1960, Zannino conhecia em primeira mão o trabalho de Stevie como assassino. Ele não tinha papas na língua ao contar suas reminiscências de como Stevie assassinou o agiota de Dorchester William Bennett depois que este tapeou a Máfia. (Willie Bennett foi um dos três irmãos Bennett assassinados a pedido de Zannino por disputas financeiras e territoriais.) O sanguinário *consigliere* conhecia o trabalho de Bulger apenas de reputação, tendo ouvido falar que usava a violência de forma meticulosa.

Mas Zannino reconheceu o trabalho ideal para a dupla, e na mesma hora os apresentou como a solução para o caso de Angelo Patrizzi. Mafioso meio lerdo de 38 anos e que mal terminara o ensino primário, na periferia dos negócios, Patrizzi acabara de ser solto da cadeia jurando vingança contra os dois soldados da Máfia que haviam matado seu irmão por deixar de pagar as parcelas de um empréstimo. Era uma ameaça amplamente sabida e que punha os líderes mafiosos na berlinda. Eles decidiram liquidar Patrizzi, que além de tudo tinha nos registros um tempo como foragido, problemas com bebidas alcoólicas e drogas, e um fragmento de bala na cabeça. Mas Patrizzi sabia o que significava quando Zannino mandou Freddie Simone começar a dar as caras na garagem onde ele trabalhava, bancando o amigável. Então, decidiu se esconder em Southie. Zannino sugeriu a Angiulo um jeito de acabar com a ameaça que

morava no território de Bulger: “Whitey e Stevie vão meter uma bala na cabeça daquele infeliz.”

Mas Angiulo não queria dever favores a Bulger, principalmente quando este devia impressionantes 245 mil dólares à Máfia. Angiulo, que via o irritante problema como questão a ser resolvida internamente, preferia o curso de ação mais seguro: o uso de soldados da Máfia para executar o idiota que fizera ameaças impensadas. E Angiulo também sempre pensava em quem poderia testemunhar contra ele caso algo desse errado. Bulger não era “um de nós”, que se mostraria à toda prova se fosse pego. Angiulo até rejeitou a ideia de mandar o soldado Connie Frizzi trabalhar com Bulger, de modo que Frizzi identificasse o alvo e liberasse o caminho para Bulger agir.

Astuto, Connolly tirou todo o incidente do contexto e alegou que o debate interno da Máfia desacreditava os rumores circulando entre homens da lei de que Bulger às vezes era usado como matador de aluguel. Ele relatou para o chefe que a operação de escuta na Prince Street estabelecera dois “fatos indiscutíveis” — um que contestava a posição de Bulger como assassino contratado e outro que atacava a polícia estadual por exagerar o conhecimento geral sobre o status de informante de Bulger. Connolly ofereceu dois boletins de Prince Street para Sarhatt, chefe que acabara de chegar de Knoxville.

“A. Que a fonte [Bulger] não é um matador contratado por Jerry Angiulo, como tem sido alegado.

“B. Que a hierarquia da Cosa Nostra não considera a fonte um informante do FBI, como tem afirmado o coronel O’Donovan, da Polícia Estadual de Massachusetts.”

Na condição de supervisor do Esquadrão de Crime Organizado, Morris fez coro e acrescentou um adendo que também distorcia o documento sendo compilado na sala de áudio de Charlestown, o qual também se baseava numa série consistente de relatórios de informantes do bureau. Ele declarou

que a gangue Winter Hill estava acabada. A nau vazia e obsoleta que foi a pique quando mandaram Howie Winter para o xadrez, concluía Morris, “não merece ser novo alvo de investigações agora ou em qualquer momento do futuro próximo”.

A preferência de Angiulo por uma equipe de assassinos puramente da Máfia para matar Patrizzi pode não ter entrado no memorando de Connolly para Sarhatt, mas, ainda assim, as gravações do FBI seriam prejudiciais a Bulger, se alguém prestasse atenção ou fosse alertado para os detalhes. Os verdadeiros sentimentos de Angiulo ficaram registrados mais tarde no grampo, quando o subchefe da Máfia falou sobre todas as pessoas que matariam por ele. Conversando com um soldado a respeito de Bulger e Flemmi, Angiulo disse: “A gente podia usar os dois. Se eu ligasse para esses caras agora mesmo, eles iam matar qualquer filho da puta que a gente mandasse.” Connolly não tinha alternativa a não ser desviar a atenção das pessoas de declarações tão condenatórias.

No fim, nove homens entraram num clube particular onde se encontrava Patrizzi, apelidado de “Buraco na Cabeça” (e rotulado como um “verdadeiro parvo” por tipos como Freddie Simone). Amarraram suas pernas ao pescoço, com as cordas passando atrás das costas, enfiaram-no no porta-malas de um carro roubado e deixaram que se estrangulasse lentamente até a morte. Seu corpo foi encontrado meses depois nos fundos de um estacionamento, atrás de um motel pouco frequentado no norte de Boston. Os agentes do FBI no grampo escutaram a trama contra Patrizzi e as preocupações de Zannino: como o alvo estava violando a condicional, o *consigliere* temia que os policiais estaduais o encontrassem antes da Máfia. No entanto, a polícia não fez praticamente nada para interferir. Sete anos depois, os promotores federais condenaram Angiulo pelo assassinato, mas nada foi feito para impedir o crime.

* * *

O FBI também fez ouvidos moucos para a obsessão de Angiulo com a dívida de 245 mil dólares de Bulger, contraída quando este assumiu a gangue Winter Hill, em 1978. O dinheiro vinha sendo usado na agiotagem; a Winter Hill cobrava 5% por semana, mas não estava pagando a Angiulo seu 1%. Bulger alegava que a dívida era de 195 mil, e Angiulo ficou convencido de que nunca veria a cor do dinheiro. E, como não havia nada que o mafioso odiasse mais em seu mundo estritamente controlado, a dívida podia significar guerra. Mas isso banharia as calçadas com mais sangue do que o frustrado Angiulo estava disposto a derramar.

Além da acalorada disputa pelo dinheiro emprestado, Angiulo e Bulger bateram de frente sobre quem controlava Richie Brown, *bookie* de Watertown. Depois de Howie Winter ter ido para a cadeia, Bulger começou a controlar qualquer agenciador de apostas que pisasse em seu território. Pague ou morra. Whitey informou a Brown que lhe custaria mil dólares por semana para continuar nos negócios e que seu chefe, o *bookmaker* da Máfia Charles Tashjian, devia ir vê-lo. Fiel às regras, Tashjian disse a Bulger que Brown “pertencia a Prince Street. Converse com Danny Angiulo”.

Ambos os lados haviam feito suas advertências. O confronto se tornou inevitável. Whitey e Stevie não tinham escolha, a não ser falar com Danny, o único Angiulo verdadeiramente barra pesada, um assassino que se fizera nas ruas, ao contrário do baixinho e volúvel Jerry. Os irmãos não se davam muito bem. De vez em quando, Danny falava poucas e boas para Jerry, e como resultado Danny evitava a Prince Street. Trabalhava em seu escritório ali na esquina, nos fundos do Cafe Pompeii.

Numa quebra de protocolo que deixou o melindroso Jerry cuspidando fogo, Bulger e Flemmi fizeram uma visita surpresa ao escritório de Danny e perguntaram sobre Richie Brown. Numa

conversa que Jerry relatou ao bando na Prince Street, ele mencionava que Danny confrontara Bulger quando este alegou que a Winter Hill estava sem verba e precisava do dinheiro de Brown. “Não me venha com essa de que está quebrado”, teria dito Danny a Whitey. “Sei de cinquenta caras que dizem que dão mil dólares por mês para você [...] cinquenta por mês.” No fim, ficou combinado que Brown continuaria sendo da Máfia. Mas a análise financeira de Danny Angiulo sobre o portfólio de extorsões de Bulger dificilmente refletia a moribunda gangue Winter Hill, que, segundo John Morris relatara a seu chefe, não valia o trabalho de ser investigada, nem naquele momento nem num futuro próximo.

A despeito de toda pose e bravata quanto às fronteiras do submundo, os dois lados sabiam que a cautelosa colaboração entre Bulger e a Máfia era a pedra angular do crime organizado em Boston. Certa noite, a altas horas, Zannino, bêbado, puniu um subordinado quando soube que o sujeito passara a perna em Bulger e Flemmi numa soma de 51 mil dólares. Haviam pedido a Jerry Matricia que cuidasse de uns negócios para a Winter Hill em Las Vegas. Era para ele ter apostado o dinheiro num vencedor arranjado num dos páreos fraudulentos da gangue, mas em vez disso ele perdeu tudo nas mesas de dados. Anos depois do ocorrido, Zannino espinafrou Matricia por uma violação capaz de destruir a tênue paz com a Winter Hill. Sem falar no potencial para um conflito armado. Zannino declarou: “Se você quer foder com alguém chegado da gente, vou deixar clara uma coisa agora: sabia que a [Winter] Hill é nossa parceira?”

Zannino então mandou Matricia sair de seu escritório e conferenciou com seus dois principais comparsas, que concordaram com Zannino: Bulger “iria pegá-lo”. Chamaram Matricia de volta e prosseguiram com a descompostura. Leve algum dinheiro bem rápido para Stevie, ordenaram. Algumas centenas de dólares devem bastar, mas comece a amortizar a

dívida. Zannino encerrou o sabão com alguns conselhos paternais sobre as incompreendidas virtudes da colaboração. “Esses caras são legais”, disse ao trêmulo Matricia. “São o tipo de gente que põe as coisas nos eixos. [...] Tudo que eu já pedi pra eles. O que aconteceu? Eles estão com a gente. Estamos juntos. E a gente não vai tolerar que alguém foda com eles. Ok?”

Mas, em estado de negação, o FBI ignorou a profusão de conversa mafiosa sobre as empreitadas conjuntas entre a Cosa Nostra e a Winter Hill. As gravações foram usadas apenas para caçar mafiosos, e o bureau pôs o bando atrás das grades, incluindo todos os irmãos Angiulo e o filho de Jerry, Jason. Após a escuta da Prince Street, a única medida de Connolly foi contar a Bulger que já era seguro voltar para a água.

* * *

A despeito do estrondoso sucesso da operação na Prince Street, o supervisor John Morris estava voando às cegas. Mesmo com o rastro brilhante do caso Angiulo para iluminar seu caminho, sua bússola estava quebrada. Poucos dias depois que as escutas foram desligadas, ele marcou uma comemoração privada com Bulger e Flemmi no Colonnade Hotel, Boston. Bulger levou duas garrafas de vinho para a reunião no elegante hotel. Nas duas horas seguintes, Bulger e Flemmi só tomaram uma taça, e “Vino” matou o resto.

De porre, Morris tocou uma fita da Prince Street para os informantes. Eles escutaram Angiulo e Zannino conversando sobre a necessidade de lidar com a garota linguaruda de Nick Giso, porque ela mostrara falta de bom senso ao conversar abertamente sobre como um dos capangas de Angiulo retalhara um sujeito do North End.

De fato, John Morris coordenara uma operação de escuta sete dias por semana que exigiu uma equipe de quarenta agentes

presente 24 horas. Administrara uma crise por dia durante quatro meses. A Operação Bostar varreu a família criminosa Angiulo, triunfo duradouro da lei que, assim Morris esperava, o conduziria ao cargo de agente especial encarregado numa cidade maior.

Mas as falhas de Morris foram tão inequívocas quanto seus acertos. Ele deixou para trás sinais que denunciavam sua lenta e progressiva destruição no quarto do Colonnade. Além de esvaziar mais de duas garrafas de vinho, Morris saiu trôpego do hotel, esquecendo no quarto a fita ultrassecreta que tão orgulhosamente pusera para tocar. Na verdade, a fita só foi recuperada quando Flemmi se tocou de que ela ficara no quarto e voltou para buscá-la.

Embora o momento decisivo tivesse ocorrido muito antes, talvez o fim de noite no Colonnade resumisse melhor do que tudo a maestria com que Bulger virara a mesa do FBI e quão corrupto o bureau se tornara. Bêbado, Morris foi levado para casa em seu próprio carro por Whitey Bulger. Flemmi ia atrás no Chevy preto. Talvez um dia Morris e Connolly tivessem acreditado que estavam no controle da relação, mas eles e o FBI já não passavam de passageiros embriagados. Era meia-noite em Boston.

CAPÍTULO NOVE

Boa mesa, bom vinho, dinheiro sujo

John Connolly e John Morris passaram a carregar a tocha de Bulger no FBI. E, para o quarteto cada vez mais temível de Boston — Connolly, Morris, Bulger e Flemmi —, uma era de sensações auspiciosas começara por toda parte, conforme as linhas fronteiriças entre mocinhos e bandidos se tornavam indistintas.

Talvez elas fossem indistintas desde sempre. Certamente Flemmi percebia que havia algo de especial entre Connolly e Whitey Bulger. Era South Boston, sem dúvida, e talvez parte disso fosse meio que uma relação de pai e filho. Mas Flemmi não se importava, passara a gostar de Connolly a seu próprio modo. O descarado agente “tinha personalidade”, declarava Flemmi. Ele e Bulger também haviam passado a gostar de Morris, e Connolly fez questão de contar ao chefe a boa notícia. “Esses caras gostam de você e vão fazer qualquer coisa por você”, disse Connolly, segundo Morris. “Se precisar de alguma coisa, é só pedir, que eles fazem.”

Era uma sociedade de admiração mútua.

Morris, por sua vez, continuava a invejar o jeito fanfarrão, o estilo autoconfiante, a influência de Connolly na cidade. O agente parecia ter amigos por toda parte. Dentro do escritório talvez não fosse particularmente próximo de Sarhatt nem do sucessor de Sarhatt, James Greenleaf, que assumiu no fim de 1982, mas Connolly tinha forte amizade com muitos agentes do Esquadrão de Crime Organizado, bem como com outros supervisores do FBI. Nick Gianturco, por exemplo, era fascinado por Connolly:

“Ele era de longe o melhor desenvolvedor de informantes que já vi no bureau.” Mais importante, Connolly mantinha ligações com agentes de prestígio com quem trabalhara antes, em Nova York, e que a essa altura haviam sido promovidos para a sede e tinham posições no alto escalão, particularmente na divisão criminal. John Morris tinha plena consciência de que os amigos de Connolly em Washington “exerciam influência sobre mim, pessoal e profissionalmente”.

Depois, havia Billy Bulger, que emergira como o político mais poderoso — e temido — do estado desde que fora eleito presidente do Senado Estadual de Massachusetts, em 1978. Connolly fizera questão de levar Morris para conhecer Billy, e o fácil acesso de Connolly impressionara o supervisor: “Ele parecia conhecer um monte de políticos.”

Para Morris, Connolly gostava de se gabar de sua influência. Os dois agentes batiam um papo, pensavam na vida depois do FBI, e Connolly, comentando sua reserva de contatos, dizia que, “assim que a gente deixasse o bureau, teria um bocado de boas oportunidades de trabalho e outras coisas”. As amizades de Connolly dentro do FBI e em Boston eram como dinheiro no banco.

Morris monitorava de perto essas questões. Também era ambicioso e queria fazer nome. Connolly, porém, parecia ser tudo que Morris não era. O sisudo Morris invejava o estilo desembaraçado de Connolly, sua capacidade de transformar qualquer preocupação no problema de outra pessoa. Morris via em Connolly alguém que dava um jeito nas coisas e, assim, “era importante que ele gostasse de mim”.

Era hora também de Connolly e Morris comemorarem suas realizações profissionais. Connolly cuidara de distorcer os fatos, e Morris, de encobri-los. Juntos, os dois haviam rechaçado a revisão da adequação de Bulger e Flemmi que começou no fim de 1980 e durou até 1981. Haviam mantido Sarhatt a distância,

revelando talento para explorar as brechas legais do FBI em supervisionar informantes.

* * *

De sua parte, Connolly deitava e rolava na maré favorável.

Em geral, o responsável por um informante trabalhava praticamente só, numa espécie de isolamento — tudo para proteger a confidencialidade do informante. E, na maioria das vezes, Connolly se encontrava sozinho com Bulger e Flemmi. Podia ser num dos apartamentos dos mafiosos; em pleno conjunto habitacional Old Harbor, onde Connolly e Bulger haviam crescido, quando o tempo estava bom; em Castle Island, forte da Guerra de Independência de frente para o mar, no extremo leste de South Boston; ou em Savin Hill Beach.

Mas todo mundo no Esquadrão de Crime Organizado parecia saber que Connolly era o responsável pelo lendário Bulger, e o agente gostava disso. Além de Morris e Gianturco, os agentes Ed Quinn, Mike Buckley e Jack Cloherty sabiam. A notícia chegou a sair do esquadrão. Era como se ele quisesse que os outros no FBI soubessem de sua conquista. Ele estava se exibindo.

“Tenho dois caras que você pode querer conhecer”, disse Connolly ao novato John Newton certo dia no trabalho. Newton foi transferido para Boston em 1980. Fora designado a um esquadrão de nível iniciante, incumbido de verificar o passado de recém-contratados pelo governo — muito longe de uma cobiçada missão como a de Connolly, no Esquadrão de Crime Organizado. Procurando lugar para morar, Newton foi apresentado a John Connolly, que o ajudou a encontrar apartamento, exatamente em South Boston. Os dois ficaram amigos. Connolly descobriu que, antes de Newton se tornar agente do FBI, servira na Unidade de Forças Especiais do Exército.

— John pareceu interessado nisso — declarou Newton mais tarde sobre seu novo colega. — Sabe, ele me contou que tinha dois informantes, Jimmy Bulger e Stevie Flemmi, e que os dois eram caras interessantes — continuou Newton. Lembrando-se do passado militar de Flemmi, Connolly sugeriu que Newton talvez “tivesse alguma coisa a ver com eles”.

— Quer que eu apresente você a eles? — perguntou Connolly. Newton pensou: por que não?

A reunião foi marcada para a casa de Whitey, perto de meia-noite. Newton foi de carro com Connolly, que conhecia Southie como a palma da mão e talvez tenha tagarelado sobre o bom negócio que Bulger representava para o FBI, chegando a reprisar para seu novo público a empolgação do encontro em Wollaston Beach. Recrutar Bulger fora uma dessas coisas que faziam a lenda do FBI, e Connolly gostava de deixar claro que tivera papel central na história.

Connolly parou o carro a algumas quadras do apartamento para onde Bulger se mudara após sair de onde sua mãe morara em Old Harbor até a morte. Lá, Newton sentou-se e ficou de boca fechada durante a primeira hora ou algo assim, enquanto os outros três falavam do trabalho, na maior parte sobre Angiulo. Então, “apenas papeamos sobre coisas em geral”, disse Newton. Conversaram sobre “assuntos militares, coisas do tipo”. Abriram uma garrafa de vinho. Todos beberam, incluindo Whitey, sinal de que estava completamente à vontade.

Essa foi a primeira de uma série de vezes em que Newton participou de uma sessão com os dois informantes. Num piscar de olhos, Connolly ampliara seu círculo.

A essa altura Connolly estava de volta ao antigo bairro. Em 1980, ele comprara uma casa no número 48 de Thomas Park, que ficava no topo de uma das suaves colinas de Southie; com status bem acima do condomínio Old Harbor, essas colinas, dois séculos antes, haviam sido um rico pasto varrido pelo vento, com

uma vista magnífica. Assim como todas as ruas do entorno, havia muito que os sobrados, os prédios de três andares e as casas com telhas de ripa haviam coberto a topografia natural. As construções, erguidas umas contra as outras, formavam um paredão residencial na unida comunidade irlandesa-americana. O novo lar do agente federal também ficava situado na frente da South Boston High School, campo de batalha do transporte escolar obrigatório de anos antes.

Em seu trabalho, Connolly trocava o dia pela noite; em geral, Bulger chegava para uma reunião secreta após anoitecer, quando a maior parte de Boston já fora dormir. Às vezes, até Connolly já se recolhera, cochilando no sofá diante da TV ligada. Ele deixava a porta destrancada para Bulger e Flemmi, e os gângsteres entravam sem cerimônia e se punham à vontade.

Connolly gostava da companhia. Com quarenta e poucos anos, ficara oficialmente solteiro outra vez. Mencionando uma “ruptura irreparável” após a separação de quatro anos, sua esposa dera entrada no divórcio em janeiro de 1982. Marianne, uma enfermeira registrada, vinha se saindo bem por conta própria. Eles tinham separado suas coisas muito tempo antes, e, sem filhos, o divórcio foi um assunto rotineiro, sem disputas, oficializado meses depois. Connolly se tornara um homem livre para ser o mulherengo que ele aparentava ser para os demais no escritório. Assim como Bulger e Flemmi, o agente preferia mulheres mais jovens. Elizabeth L. Moore, de 23 anos, estenógrafa no escritório, chamara a atenção do vaidoso agente, e os dois começaram a namorar. Logo o casal se mandou junto para Cape Cod, onde Connolly, realizando o sonho de tantos que cresceram em Boston, comprou um apartamento de 80 mil dólares em Brewster.

Morris invejava o novo casal. Seu casamento também estava irremediavelmente destruído, e, para ele, era difícil ver Connolly livre para circular com uma namorada jovem pela cidade

enquanto ele só podia sair às escondidas com a sua — Debbie Noseworthy, secretária do FBI que trabalhava diretamente para Morris e seu Esquadrão de Crime Organizado. O caso extraconjugal era um segredo aberto no escritório, mas para Morris era uma mentira que começava a incomodar. Entretanto, pouco depois novas e piores decepções surgiram.

* * *

Ainda que Morris e Connolly tivessem escapado por um triz durante a revisão de Sarhatt, os dois agentes não queriam correr riscos. Precisavam se certificar de que ninguém voltaria a atacar sua ligação com Bulger e Flemmi. Para isso, teriam que se valer das bem-intencionadas cláusulas nas diretrizes da agência para o monitoramento de informantes. Havia nas diretrizes uma tensão fundamental que podia ser explorada. Para conseguir informações, agentes como Connolly e Morris eram encorajados a se aproximar de gângsteres como Bulger e Flemmi. E, para o trato funcionar, os gângsteres precisavam dispor de alguma margem de manobra.

A questão era: até que ponto? Quanta atividade criminosa podia ser tolerada pelo FBI? Em tese, nenhum trato era ilimitado. Supostamente, os supervisores e responsáveis por informantes deveriam avaliar seus contatos o tempo todo. O ponto crucial podia ser reduzido a uma ação: contrapor o valor do serviço de inteligência fornecido pelo informante à gravidade de seus crimes. O macete na divisão de Boston era manipular esses lados da equação, e, no FBI, não havia dois agentes mais bem-situados para modelar o ponto de vista dos superiores do que um responsável pelo informante e seu supervisor.

Connolly e Morris estavam bem ali, na torre de controle. Para manter a chama acesa e forte, os dois começaram a criar a documentação interna que atenuava o lado negro de Bulger e

Flemmi e enaltecia o valor das informações que forneciam. Connolly era o cronista de Bulger, e Morris assinava embaixo do que ele escrevia. Os dois tinham enorme influência na cadeia de comando e, entre si, pareciam ter coberto todos os ângulos do FBI. Os irlandeses de South Boston eram bem conhecidos por serem grandes contadores de história; no arquivo sobre Bulger, o filho nativo John Connolly se revelou um excepcional forjador de histórias fantásticas. E John Morris também não se saiu nada mal.

* * *

A técnica mais crua de todas envolvia mentir descaradamente.

Durante o fim dos anos 1970, quando a confiança do FBI em Bulger e Flemmi diminuiu, Morris revelou aptidão para a mentira em seus relatórios internos sobre Bulger no caso dos resultados de páreo arranjados. Ele relatara que os contatos com Bulger haviam cessado quando, na verdade, Connolly se encontrava com seu contato regularmente. Depois, o supervisor mentiu nos relatórios que submeteu a Sarhatt durante a sindicância interna sobre vazamentos na operação de escuta da polícia estadual a Bulger e Flemmi na oficina da Lancaster Street. De sua parte, Connolly às vezes dava entrada em relatórios para satisfazer certas regras do FBI, os quais, mais tarde, Morris admitiu serem falsos. Em certa ocasião, Connolly descreveu uma reunião que ele e Morris supostamente haviam tido com Bulger e Flemmi para repassar as advertências e os procedimentos básicos que os agentes deviam seguir para conversar com seus informantes. O relatório documentando a assim chamada revisão anual incluía hora e data, porém, mais tarde, Morris admitiu: “Acho que a tal reunião não aconteceu.”

As jogadas mais astuciosas para pôr panos quentes nos crimes de Bulger serviam tanto para fazer o mafioso parecer

menos mau quanto como meio de contornar as diretrizes do bureau que exigiam uma avaliação estrita de quaisquer atividades criminosas não autorizadas, o que era ainda mais importante. Se uma queixa ou denúncia contra um informante valioso pudesse ser interpretada como vaga ou incerta demais, não haveria nada de concreto para o FBI investigar. Então, Morris e Connolly podiam continuar seguindo as diretrizes da boca para fora — oferecendo garantias de que, se algum dia recebessem uma denúncia inquestionável contra Bulger, certamente cumpririam seu dever e a investigariam a fundo.

Mas de algum modo, em suas mãos, as denúncias regularmente viravam pó. Foi um padrão que Connolly estabeleceu logo no início, pela maneira como dobrou os executivos das máquinas de venda automáticas que se queixaram de estar sendo achacados por Bulger e Flemmi — e depois pelo modo como a extorsão de Francis Green minguou assim que o assunto caiu no colo do bureau.

No início da década de 1980, o novo desafio era o que fazer com as informações que outros agentes do FBI vinham reunindo com seus respectivos informantes sobre o império criminoso e crescente de Bulger e Flemmi. A dupla, disse um informante, estava se apossando de operações de jogo em comunidades nos arredores de Boston. No começo de 1981, outro informante relatou que “James Bulger, também conhecido como Whitey, é um notório ladrão de bancos e está tentando injetar os fundos dos roubos nas atividades de jogo”.

As dicas mais quentes penetraram novo território. Pela primeira vez, surgia na mesa de Morris a informação sobre Bulger mordendo uma fatia do mercado de cocaína, o narcótico mais rentável no início dos anos 1980. South Boston, diga-se de passagem, não era diferente de nenhuma outra parte da cidade: as drogas rolavam pela Broadway como uma avalanche, a despeito da reputação glamorosa de Bulger como o protetor da

vizinhança. Bulger podia continuar se promovendo como o chefe do crime que era contra as drogas, mas a garotada tomando pico e cheirando pelas travessas dos conjuntos habitacionais sabia que não era bem assim. Talvez nunca negociassem diretamente com ele, e quase nunca, se é que alguma vez, o viam de fato, mas todo mundo sabia que sem suas bênçãos não haveria “produto”. Bulger estava na crista da onda de pó.

Em fevereiro de 1981, um informante contou a um dos agentes de Morris que Brian Halloran, um delinquente local de Boston, estava “traficando cocaína com Whitey Bulger e Stevie Flemmi”. Halloran fora ligado a Bulger e Flemmi por anos, especialmente Stevie. Os dois andavam de carro, e muitas vezes Halloran servia de batedor para checar um clube ou o local de uma reunião antes que Flemmi entrasse, assim como Nick Femia fazia. No mês seguinte, outro informante disse a um dos homens de Morris que “Brian Halloran está cuidando da distribuição de cocaína para Whitey Bulger e Stevie Flemmi. “Outros indivíduos envolvidos com Halloran são: Nick Femia, responsável por achacar trinta traficantes até o momento. Corre a notícia nas ruas de que qualquer traficante envolvido com cocaína tem que ‘dar uma fatia para Bulger e Flemmi’ ou cair fora do negócio”.

Em junho de 1982, mais um informante contou ao FBI que um gângster de South Boston vinha supervisionando a agiotagem e o tráfico de drogas de um bar do bairro. “Dizem que está tirando 5 mil dólares por semana com as drogas e pagando a Whitey Bulger uma grande porcentagem pelo direito de operar.”

Quando os relatórios de informantes paravam na mesa de Morris, ele lia, rubricava e arquivava. Em geral, os relatórios do bureau contendo acusações eram indexados pelo nome do alvo da investigação, de modo que outros agentes localizassem a informação nos arquivos. Mas, muitas vezes, Morris sabotava o processo ao deixar de indexar as pastas da forma correta,

tornando o material prejudicial difícil — quando não impossível — de encontrar. Praticamente não havia *follow-up* da investigação. Talvez a polícia estadual tenha observado as ligações de Bulger com grandes traficantes, e talvez os informantes do próprio FBI tivessem começado a relatar o mesmo fato, mas Morris não queria nem saber. Nem sequer uma vez deu início a uma sindicância ou submeteu dica ao escrutínio do bureau.

Longe dos olhos, longe do coração.

Enquanto Morris direcionava o tráfico no nível da supervisão, Connolly se encarregava de dourar o arquivo sobre Bulger. Após uma apreensão de drogas num depósito em South Boston no início de 1983, Connolly deu entrada num relatório de Bulger dizendo que o chefe criminoso estava “irritado” com os traficantes por “armazenar a erva em sua cidade”. Em outras pastas do FBI, Connolly sempre descrevia Bulger como alguém firmemente contra as drogas, incentivando a imagem mítica a que Whitey se aferrava.

Não surpreende que Connolly tenha se destacado como o especialista em Bulger e Flemmi no bureau. Se um agente tinha qualquer pergunta sobre a história pessoal de Whitey, era mandado a John Connolly, e em geral era John Morris quem fazia a indicação. A posição de Whitey no submundo? Fale com Connolly. Whitey e as drogas? Fale com Connolly.

* * *

Muitos documentos do FBI sobre Bulger não passavam de pura invenção — e nisso Connolly se tornou mestre: repetidas vezes pegou um caroço duro de informação e o transformou num fruto suculento.

Por exemplo, em relatório a Sarhatt, Connolly mencionou a ajuda de Bulger em relação a um roubo a banco no fim de semana de maio que precedeu o Memorial Day de 1980, no

Depositors Trust, em Medford, Massachusetts. Connolly creditou Bulger como a “primeira fonte” a fornecer os nomes dos assaltantes. Mas não parava por aí. Na manhã após o roubo, denunciante que ligaram para a polícia e outros informantes estavam dando o nome dos suspeitos. “Vou ser honesto com você: não recebi nada de Whitey Bulger”, declarou o chefe da Polícia de Medford, Jake Keating, sobre as primeiras pistas do caso. O indiciamento dos bandidos demorou alguns anos, mas suas identidades, disse Keating, eram “de conhecimento geral”.

Connolly também creditou a Bulger a solução de um homicídio. Em memorando, o agente declarou que, até o mafioso ter oferecido ajuda, o FBI não tinha “nenhuma pista sólida” sobre o assassinato de Joseph Barboza Baron, matador de aluguel que se tornara uma valiosa testemunha da promotoria. Baron foi baleado em São Francisco. No informe, Connolly escreveu que três meses após a queima de arquivo Bulger lhe contou quem armou para Baron — um mafioso chamado Jimmy Chalmas. Na verdade, o papel do suspeito no crime já era notícia velha quando Bulger mencionou o caso para Connolly. Chalmas era um dos principais suspeitos desde o início. Baron foi morto diante do apartamento de Chalmas. Os detetives locais da Homicídios haviam interrogado o suspeito na mesma noite. Talvez o FBI só tenha se mexido para confrontar Chalmas após a conversa de Bulger e Connolly, mas, desde o dia do crime, Chalmas era o principal suspeito. Nada disso apareceu nos relatórios de Connolly para Sarhatt, a quem tampouco cabia desencavar o resto da história ao conduzir a revisão interna sobre a viabilidade de Bulger. Em tese, Sarhatt deveria ser capaz de confiar na completude e na veracidade de seu agente de campo em Boston. Em vez de ir a fundo, guiou-se pela óptica de Connolly, distorcida em favor de Bulger.

Connolly também sabia apertar os botões certos. Contou a Sarhatt que Bulger salvara a vida de dois agentes do FBI que

havia trabalhado sob disfarce em dois casos separados no fim da década de 1970. Essa deve ter sido a mais intrigante de todas as alegações de Connolly, em parte porque ele não tinha absolutamente nenhuma prova para respaldar a história. Ao longo dos anos como responsável pelo informante, Connolly deu entrada em centenas de relatórios conhecidos como “suplementos 209”, documentando as novas informações de inteligência fornecidas por Bulger. Eles iam do sublime, como dados sobre importantes reuniões estratégicas da Máfia, ao ridículo, como a grande notícia sobre o mais recente acesso de raiva de Larry Zannino. Mas, com a vida dos agentes supostamente por um fio, de maneira estranha — talvez até inacreditável —, Connolly não escrevera relatórios atualizados sobre a ajuda de Bulger. Para explicar a omissão, insistiu mais tarde que não tivera motivo para apresentar relatórios, embora Morris admitisse que documentar esse tipo de ajuda fosse procedimento-padrão do FBI.

Supostamente, um dos dois episódios se deu no velho caso das cargas de caminhão roubadas, a Operação Lagosta. Em memorando para Sarhatt, Connolly ressuscitou a alegação exagerada de que em 1978 um aviso de Bulger possibilitara ao FBI “tomar medidas para assegurar a segurança do agente especial Nicholas D. Gianturco”. Num relatório de *follow-up*, Connolly refrescava a memória de Sarhatt sobre a dica e acrescentava que Bulger fornecera a informação para proteger agentes, correndo com isso “um grande risco” de vida.

Com o tempo, novos relatos desse momento de Bulger foram escasseando. “Eles [Bulger e Flemmi] salvaram a vida do meu amigo”, dizia Connolly, que também podia contar com Gianturco — até certo ponto. Gianturco declarou que Connolly o procurara e o convencera a não se encontrar com os ladrões de carga: “Ele falou que iam me matar.” Mas, pressionado a dizer se de fato achava que Bulger e Flemmi haviam salvado sua vida, Gianturco

foi evasivo. “Fiquei feliz porque os senhores Bulger e Flemmi estavam meio que cuidando de mim.” Ele não foi direto ao creditar Bulger por salvar sua vida. E o próprio Flemmi desacreditou a alegação de Connolly, tempos depois chamando a informação que Bulger passara adiante de “dica acidental” sobre uma possível extorsão, não sobre um homicídio planejado.

Igualmente importante, os supervisores de polícia da Operação Lagosta afirmaram não se lembrar de nenhuma ameaça específica a Gianturco, lembrando que um esquema para matar um agente do FBI não era algo que um oficial de polícia simplesmente esqueceria. E a notícia do planejamento de um assassinato teria disparado alarmes internos e sido documentada na época, não apenas em um memorando de Connolly redigido dois anos depois. De acordo com o policial Bob Long, que também supervisionou a Operação Lagosta, se alguma coisa como o que Connolly alegava tivesse de fato acontecido, “é inacreditável que ele não tenha advertido os supervisores imediatos de Gianturco, que eram os responsáveis por seu bem-estar e sua segurança. Se você tivesse a informação de que alguém está planejando matar um agente do FBI, não ia querer monitorar os movimentos do suspeito? Porque, se o sujeito não conseguisse nesse dia, haveria outro, e ele continuaria tentando.” Os investigadores nunca identificaram os ladrões de carga como potenciais assassinos.

A propaganda enganosa alardeada por Connolly poupou Bulger do escrutínio interno, e os memorandos foram parte de uma enxurrada de documentos redigidos por ele e Morris que, como um verniz de alto brilho, selaram a visão edulcorada que o FBI tinha de Bulger e Flemmi. Mentir e enganar estavam claramente no DNA de Morris. Em sua sala, o supervisor tinha um exemplar de *Lying: Moral Choice in Public and Private Life* [Mentir: escolha moral na vida pública e privada]. Ele conhecera o livro de Sissela Bok quando fazia um curso de graduação em

ética na Universidade Northeastern. O livro era equilibrado e filosófico, não um guia de como mentir, mas captara seu interesse. Morris o mantinha por perto, marcara certas passagens e sublinhara outras. Enquanto supervisionava Connolly e, com o subordinado, distorcia a verdade sobre Bulger e Flemmi ante os superiores do FBI, Morris folheava um livro com capítulos como “Mentiras numa crise”, “Mentiras para proteger os pares e os clientes” e “Justificativas”.

* * *

Mas o início dos anos 1980 não foi apenas um período de trabalho de escritório. Além de alterar os arquivos do FBI, os agentes encontravam tempo para cozinhar. A vida social do grupo decolou. O jantar inicial na casa de Morris ocorrido em 1979 — na cidade de Lexington, em parte para comemorar a escapada por pouco no indiciamento dos páreos arranjados — servira apenas para quebrar o gelo. Desde então, Morris dera mais jantares. Gianturco fez o mesmo, em sua casa de subúrbio em Peabody, ao norte de Boston. Flemmi fez sua parte, recrutando a própria mãe para preparar um rega-bofe italiano para Bulger, Morris, Connolly, Gianturco e outros agentes. O primeiro jantar de Flemmi se dera na casa de seus pais, na área de Mattapan, Boston, mas no começo dos anos 1980 seus pais haviam se mudado para South Boston, para a casa vizinha de ninguém menos que Billy Bulger. (As casas ficavam de frente uma para outra.) Flemmi passou a realizar reuniões a poucos metros do político mais poderoso de Massachusetts. Flemmi e Whitey chegaram a usar o endereço da mãe de Flemmi como depósito de armas. Num barracão externo, onde moradores comuns teriam guardado um cortador de grama, os gângsteres montaram um pequeno arsenal militar. Ali juntaram pistolas, fuzis, armas automáticas, escopetas, munições de todos os tipos e

calibres, e até explosivos, tudo isso armazenado num compartimento oculto, atrás de uma parede interna do barracão.

Com as bebidas e a comilança, distinguir negócios de prazer se tornou cada vez mais difícil. John Connolly se encarregava de atuar como mestre de cerimônias, cuidando de horários, locais e listas de convidados. (“Nunca cuidei de nenhuma reunião”, disse Morris, ainda que com frequência fosse o anfitrião. “Nunca soube como entrar em contato com eles.”) Connolly também parecia alvoroçado demais. Tendo convencido Morris e Gianturco a abrir suas casas para receber os gângsteres, quis ainda garantir seus bons modos. Segundo Morris, Connolly não queria os agentes do FBI tratando Whitey Bulger e Stevie Flemmi como meros dedos-duros. A dupla de gângsteres deveria receber o “respeito especial” que mereciam.

Ainda que, em termos mais do que explícitos, o FBI proibisse a confraternização com informantes, Connolly propusera — e Morris prontamente aceitara — uma racionalização para o motivo pelo qual as regras não se aplicavam a eles. De acordo com o supervisor, Bulger e Flemmi “eram muito, muito, muito conhecidos na comunidade criminosa, e havia pouquíssimos lugares seguros onde a gente podia se reunir com eles. Além de tudo, Connolly não queria marcar encontros nas alternativas de costume, como quartos de hotel, esse tipo de coisa. Queria uma atmosfera um pouco mais relaxante, mais sociável, mais agradável, e isso deixou bem poucas alternativas, então concordei em receber os caras para jantar”.

E de fato havia gente vigiando Bulger e Flemmi — policiais estaduais, por exemplo. Anos mais tarde, os investigadores de outros órgãos da lei não deixaram a ironia passar despercebida: os gângsteres haviam se livrado dos policiais em sua cola encontrando um porto seguro e um prato quente de comida no lar dos agentes federais.

Os jantares do FBI eram assunto extraoficial — os agentes nunca fizeram relatórios sobre eles —, e, entre o bom vinho e a boa mesa, o grupo já estava ficando nostálgico sobre seus tempos juntos. Segundo Flemmi, eles conversavam sobre “coisas que aconteceram no passado, como o caso dos páreos”. O bate-papo era amigável, e, de acordo com Morris, muitas vezes incluía “coisas bem estranhas”. Se Connolly era o mestre de cerimônias, Bulger era o presidente do conselho, “falando sobre seu tempo em Alcatraz, falando sobre como é ser um fugitivo, falando sobre assuntos familiares, falando generalidades sobre as pessoas”. Ele entretinha os outros com descrições de como tomara LSD na prisão durante a década de 1950. “Ele estava em Alcatraz quando o lugar foi fechado”, disse Flemmi. “Então foi transferido para Leavenworth, e participou de um programa da CIA. O programa se chamava Ultra. Ele foi voluntário no programa, no programa do LSD, por dezoito meses. Foi uma das pessoas selecionadas, porque era... ele tinha um QI muito alto.”

Flemmi contribuía com suas histórias, tendo morado no Canadá quando era foragido, mas Bulger claramente ocupava o centro do palco. “Jim Bulger é conversador. Quem o conhece vai confirmar isso”, disse Flemmi.

Embora Connolly se encontrasse muitas vezes com Bulger e Flemmi em particular — em centenas de ocasiões —, os jantares do FBI aconteciam como uma espécie de banquete semestral. Para esses encontros noturnos, agentes e gângsteres tomavam certas precauções. Certa vez, no intuito de se encontrarem para umas cervejas no apartamento de Bulger em South Boston, Connolly e Morris estacionaram o carro a várias quadras de distância. “Connolly estava familiarizado com os becos”, disse Morris. O supervisor, por outro lado, ficava perdido em South Boston. “Eu não fazia ideia de onde diabos estava. E a gente pegava uma série de ruelas e entrava no apartamento dele por um beco.” Tanto Morris como Connolly usavam chapéu, numa

tentativa *pro forma* de disfarce para ocultar os rostos. Bulger os cumprimentava e lhes servia cerveja St. Pauli Girl, enquanto Morris folheava números da revista *Soldier of Fortune* que Bulger tinha pelo apartamento.

Morris ficava menos preocupado com a segurança e sentia menos medo de chamar a atenção dos vizinhos quando os recebia na suburbana Lexington. “Meus vizinhos não teriam a menor ideia de quem Bulger e Flemmi eram.” Mesmo assim, era sempre aconselhável ter certa dose de cautela. “Eles chegavam horas depois de escurecer. Às vezes, entravam com o carro na garagem. Sempre usavam chapéu.”

Mas a esposa de Morris, Rebecca, ficou assustada. Não achava a menor graça em receber assassinos notórios como convidados. O casamento já não andava bem das pernas, e o casal sempre brigava. Em todos os seus anos de FBI, Morris nunca havia feito nada parecido com aquilo. Já levava trabalho para casa, mas nunca dois gângsteres em carne e osso. Bulger e Flemmi passaram a saber onde ele morava, conhecer sua família, podiam se perguntar se Morris tinha o hábito de receber informantes e, para descobrir a identidade deles, considerar a possibilidade de vigiar a casa. Para Rebecca Morris, o arranjo todo era loucura. Mas John Morris persuadiu a esposa da necessidade desse gesto extraordinário, argumentando como Bulger e Flemmi eram especiais. Ele até dava o braço a torcer de que eram mesmo bandidos, mas os jantares eram “necessários para inspirar a confiança deles”.

Tudo isso era parte do afago no ego de Bulger e Flemmi. Para Morris, era normal que sua esposa não compreendesse plenamente o acordo único que ele e Connolly tinham com os gângsteres. Afinal, ela não compreendia a intimidade cada vez maior do grupo, à medida que passavam dos jantares aos presentes. Durante o início da década de 1980, agentes e informantes começaram a trocar lembranças — em feriados, para

marcar ocasiões especiais ou apenas porque se sentiam compelidos. John devia pensar que Rebecca simplesmente não enxergava o óbvio.

* * *

Connolly atuava como o coordenador desses gestos generosos, levando presentes dos agentes para os gângsteres e vice-versa. Gianturco ganhou uma pasta de couro preta, uma estatueta decorativa de vidro e uma garrafa de conhaque. Recordou que, na segunda vez em que Bulger foi jantar em sua casa, “levou umas taças de vinho. As que eu tinha custavam 1,25 dólar na Stop & Shop’s. Na vez seguinte, ele apareceu com um jogo de taças melhor. Em geral, quando aparecia para o jantar, o senhor Bulger levava uma garrafa de vinho ou de champanhe”.

Gianturco retribuía de bom grado. Durante uma viagem a São Francisco, viu uma fivela de cinto com a gravura de Alcatraz e lembrou-se de Whitey Bulger. Comprou a fivela e depois pediu a Connolly que a entregasse a Bulger, que gostou e passou a usá-la. Nesse meio-tempo, Connolly e Bulger também trocaram livros e vinhos, e Bulger certa vez presenteou seu contato com uma faca de caça trabalhada.

“Ganhei um moletom de Nick Gianturco, e ganhei um livro de John Connolly”, recordou Flemmi. Segundo ele, certa vez Morris lhe deu um quadro de um artista coreano. “Era uma pintura bonita”, contou Morris. “Eu tinha conseguido aquilo no exército. Tinha servido na Coreia, e ele também, daí dei a pintura a ele.”

Bulger notou que a mesa de jantar na casa de Morris precisava de um balde para manter o vinho gelado, então surpreendeu o agente com um balde de prata. O presente caro enfureceu a esposa de Morris e desencadeou nova rodada de brigas conjugais. Ela não queria saber dos presentes de Bulger e pediu ao marido que não aceitasse. Mas Morris não quis ceder,

racionalizando outra vez que precisava conservar a confiança do gângster. Rebecca Morris proibiu o balde em sua casa, e no fim, sem jamais contar a Bulger, John Morris livrou-se do objeto em segredo.

Bulger e Flemmi continuavam a regalar Morris com vinhos finos — aqui e ali, uma garrafa de 25 ou 30 dólares de Bordeaux. “Acho que não manifestei um interesse específico nisso”, disse Morris. “Para mim, a coisa evoluiu, e acho que isso se deu a partir do momento que eles levaram vinho pela primeira vez. Acredito que a conversa fluiu disso para o meu interesse em vinho.”

Os dois criminosos até providenciaram uma entrega especial para Morris no escritório do FBI, em Government Center, Boston. “Foi Connolly quem levou”, recordou Morris. “Disse que tinha uma coisa pra mim, daqueles caras.” Morris foi instruído a ir ao carro de Connolly, no estacionamento. “Eu fui ao subsolo do prédio federal, abri o porta-malas dele, e tinha uma caixa de vinhos ali.”

Era como se os gângsteres estivessem sondando o ponto fraco do agente. No Colonnade Hotel, ele já dera mostras de que era mau bebedor, e Flemmi guardara de souvenir a fita que Morris esquecera no quarto naquela noite. Mas, ainda que Morris soubesse muito bem que a intimidade cada vez maior e a troca de presentes estavam claramente erradas, não conseguia evitar. Era como se a bizarra aliança com Bulger e Flemmi lhe proporcionasse um prazer especial. Com uma bebida, tudo descia mais fácil. Morris gostava da dupla de gângsteres. Gostava de Connolly. Pareciam todos parte de um importante segredo.

No início de junho de 1982, Morris deixou Boston para um treinamento de duas semanas em Glynco, Georgia, no Centro de Treinamento de Aplicação da Lei Federal. Sarhatt aprovava a viagem, assim como o assistente de agente especial

encarregado da divisão de Boston, Bob Fitzpatrick. Morris estava matriculado num programa chamado “Treinamento de Especialização em Narcóticos”. Ainda que já houvesse outra agência federal, a DEA, especializada em caçar traficantes de drogas, o FBI vinha buscando aperfeiçoar seu potencial para lidar com o narcotráfico durante o início dos anos 1980. Morris sentiu falta de sua namorada, Debbie Noseworthy, e teve uma ideia assim que chegou à Georgia.

“Eu liguei para Connolly”, disse Morris, e lembrou o colega da oferta que Bulger e Flemmi haviam feito: se ele algum dia precisasse de algo, era só avisar. “Então, eu perguntei ao Connolly: ‘Você acha que eles conseguem uma passagem de avião?’

“Claro’, respondeu ele.”

John Connolly atendera à ligação no Esquadrão de Crime Organizado. Debbie estava sentada ali perto, à mesa, diante da sala de Morris. Não tinha como saber sobre o que Connolly e seu namorado conversavam. Então Connolly desligou e saiu. Voltou mais tarde, foi até a mesa de Debbie e entregou um envelope à secretária do FBI.

“Ele disse que John queria que eu pegasse aquilo”, lembrou Debbie. “Eu perguntei o que era, e ele respondeu: ‘Bom, dá uma olhada.’” Debbie abriu o envelope branco e contou mil dólares em dinheiro. Ficou surpresa e quis saber a fonte do dinheiro. Usando uma história que ele e Morris tinham inventado, Connolly explicou que seu supervisor juntara e guardara dinheiro na mesa exatamente para uma ocasião como essa. Connolly disse ainda que Morris queria que ela pegasse o dinheiro e comprasse uma passagem de avião para se encontrar com ele na Georgia.

Debbie não vira Connolly entrar na sala de Morris para procurar algo na mesa do supervisor do esquadrão. Ela estivera na mesa do chefe muitas vezes antes e nunca encontrara o dinheiro. Mas não estava nem um pouco disposta a reclamar da

sorte. Ficou empolgada. Debbie se lembra de Connolly ter lhe dito: “Não é demais? Você vai para lá!” Às pressas, Debbie providenciou alguns dias de licença. Foi correndo comprar uma passagem aérea e conseguiu pegar um voo já prestes a sair no Aeroporto Internacional Logan. Graças a Connolly e Bulger, em breve o casal de pombinhos se encontraria na Georgia.

* * *

Seis meses depois de Morris ter aceitado sua primeira propina, ele entregou a supervisão do Esquadrão de Crime Organizado para Jim Ring, pois foi nomeado coordenador de uma nova força-tarefa do FBI para o combate às drogas. Era início de 1983, e Morris se sentia um pouco esgotado. O motivo público para isso era legítimo e compreensível. Ele supervisionara um esquadrão de agentes durante a espetacular mas exaustiva operação de escuta da sede da Máfia em Boston. A investigação passara para as mãos de Ed Quinn, supervisor de um grupo de agentes que escutava cuidadosamente as fitas do FBI para depois transcrevê-las. A evidência contra Gennaro Angiulo e seus comparsas era chocante, e tudo havia saído da boca dos próprios mafiosos. Mas o cansaço de Morris tinha também um lado privado — a essa altura ele estava com o rabo totalmente preso.

Sem dúvida aceitara um presente a mais do que deveria.

Bulger e Flemmi tinham dois agentes no bolso: Connolly e ele. Morris tentou advertir seu sucessor, Jim Ring, sobre Bulger, sem, é claro, fazer menção ao dinheiro. Conversou com Ring no jargão do FBI, sugerindo ao novo supervisor que talvez Bulger e Flemmi tivessem “excedido sua utilidade” e devessem ser desligados da condição de informantes. Morris tinha o desejo patético de que Ring, de algum modo, limpasse a bagunça que ele fizera. Tempos depois, Ring afirmou não se lembrar de Morris tê-lo aconselhado a encerrar a situação de Bulger. Na divisão, os dois

agentes eram vistos mais como rivais do que como amigos. Ring estava ansioso para deixar sua marca, não para ficar apenas com a custódia das sobras do caso Angiulo.

Connolly imediatamente levou Ring para conhecer Bulger e Flemmi — o início de um novo capítulo na troca de favores. Connolly os apresentou em seu próprio apartamento, e os gângsteres não acharam Ring tão amistoso e agradável quanto Morris. “Eu me sentia à vontade com John Morris, mas Jim Ring era diferente”, disse Flemmi. “Parecia mais concentrado nos detalhes, e dava a impressão de não ser o tipo de cara que quisesse socializar.”

No entanto, em pouco tempo Ring se juntou aos demais à mesa de jantar, incluindo uma memorável noite na casa da mãe de Flemmi. Billy Bulger, o presidente do Senado, apareceu na cozinha, vindo de sua casa do outro lado da rua. O perplexo supervisor do FBI não acreditou no que viu quando Billy se aproximou e deu a Whitey algumas fotos de família para ele ver. (Mais tarde, Billy negou sua aparição, mas Ring testemunhou sob juramento a respeito do episódio.)

Contudo, nenhum outro supervisor ou agente poderia substituir o que o grupo tivera com John Morris. Talvez ele não fosse mais o chefe de Connolly, nem estivesse encarregado do Esquadrão de Crime Organizado, mas Connolly, Bulger e Flemmi continuariam por perto. Eles tinham Morris sob controle, e o preço fora uma pechincha — uma passagem de avião para um romance ilícito. Não demorou para Morris se dar conta disso. Ele sabia que, no momento em que Debbie Noseworthy afivelou o cinto no avião que alçou voo do Logan, seu fim já foi decretado. Ele estava liquidado, e a situação desandaria com o avançar da década de 1980. Ele tentara racionalizar da melhor forma possível, tentara imitar Connolly — papagueando com a maior seriedade sobre o acordo e a tarefa especiais que todos haviam assumido para derrotar a Máfia. Mas a proteção que forneciam a

Bulger e Flemmi não tinha mais a ver apenas com o serviço de inteligência sobre o submundo, algo sempre bom de se obter, mas nada tão vital e indispensável quanto os agentes haviam pintado. A proteção passara a ser da corrupção no FBI.

Morris fora incapaz de ficar acima disso na reunião do Colonnade, nos jantares e presentes, nos vazamentos das tentativas da polícia estadual de grampear os criminosos, e depois, no episódio do dinheiro vivo que caiu em seu colo. Ele sabia perfeitamente que todos tinham ido muito além de criar distorções e mentiras para os arquivos do FBI, muito além de embelezar os relatórios sobre Bulger — de modo que seus chefes acreditassem na imagem maquiada que tentavam passar a respeito dele —, muito além de forçar as regras ao seu limite.

Eles haviam se afastado por completo das regras do jogo durante os dezoito meses, que iam do fim de 1980 a meados de 1982. Todos eram criminosos — agentes do FBI e dois gângsteres que procuravam se eximir de qualquer tipo de apuro, incluindo acusações de homicídio.

CAPÍTULO DEZ

Homicídio S/A

Logo no começo de 1981, Brian Halloran encostou seu Cadillac maltratado numa vaga diante do Rusty Scupper, um agitado restaurante no North End, e subiu depressa a escada para o espaçoso loft de seu parceiro de copo do mundo das altas finanças. O contador John Callahan lhe pediu que passasse lá para conversarem sobre negócios. Halloran, que vivia duro, entendeu isso como dinheiro no bolso.

A dupla não combinava. A amizade tinha raízes na vida noturna da cidade e parecia bastante improvável: Halloran, um varapau que trabalhava quebrando pernas para a gangue Winter Hill, e Callahan, o atarracado contador certificado e consultor bancário em Boston. Os dois haviam se cruzado pela primeira vez no início dos anos 1970, no Chandler's, ponto de encontro da bandidagem no South End controlado por Howie Winter. O extrovertido Callahan gostava de flertar com o lado barra-pesada da vida, e era desse lado que vivia o desmazelado Halloran, em geral sem nada para fazer, simplesmente se virando com os bolsos ora cheios, ora vazios como soldado do submundo no brutal negócio de cobrar dívidas.

Callahan conversava com banqueiros durante o dia e socializava com criminosos à noite. Assim como Halloran, gostava de uma bebida e de se divertir. Os gângsteres o viam como um mão-aberta que sabia como fazer dinheiro e, mais importante, como lavar. Depois de frequentar o Chandler's por alguns anos, Callahan tentou conectar o mundo corporativo ao submundo propondo um negócio que deixou Halloran de queixo

caído. Certa noite, em meados da década de 1970, Callahan perguntou a Halloran se ele não queria “roubá-lo” enquanto transportava uma bolsa de dinheiro de seu principal ponto de negócios, uma empresa chamada World Jai Alai, que era uma vaca leiteira de lucros da jogatina. Halloran o interceptaria no momento em que Callahan levasse sua valiosa carga para um carro blindado da empresa de transportes Brink’s, e depois os dois dividiriam a grana. O roubo forjado nunca aconteceu, mas Halloran percebeu que Callahan era mais do que um cara “engraçado” com uma carteira recheada — o sujeito era um trambiqueiro.

* * *

Assim que a porta de entrada do prédio de Callahan zumbiu, Halloran subiu e levou um susto ao entrar e ver Whitey Bulger e Stevie Flemmi sentados na sala do apartamento com vista para o porto de Boston. Callahan saudou Halloran efusivamente. Stevie o cumprimentou. Bulger permaneceu calado. Whitey não ia muito com a cara de Halloran e não fazia questão de esconder. Nas ruas, o silêncio de Bulger era visto como o beijo da morte.

Mas a surpresa de Halloran durou apenas um momento. Havia meses, Callahan vinha se gabando de Bulger e Flemmi quererem participar da “parada na World Jai Alai” que ele descolara com as apostas pesadas que acompanhavam o jogo de *jai alai*, variação da pelota basca disputada em frontões de Connecticut e da Flórida. Para Halloran, a presença de Bulger e Flemmi indicava que o acordo já passara do estágio da negociação — e também estava claro que Callahan não era mais apenas um contador safo que adorava festas e tinha conexões bancárias. A verdade era que Callahan vinha lavando dinheiro para Bulger e Flemmi, e, tendo ou não se dado conta disso, ele se afastara anos-luz do centro financeiro da cidade e passara a pertencer à Winter Hill.

Houve um curto e tenso bate-papo, e então, nervoso, Callahan foi direto ao assunto. Contou que um problema sério surgira na World Jai Alai: um novo dono chamado Roger Wheeler, em Tulsa. O determinado CEO de Oklahoma “descobriria que havia coisa errada”. Wheeler, disse Callahan, percebera que alguém andara desviando 1 milhão de dólares por ano dos abarrotados cofres da empresa e planejava despedir os principais diretores financeiros do lugar e substituí-los por gente de sua confiança. O tal Wheeler era um risco, enfatizou Callahan, que temia parar na cadeia devido aos planos do dono de conduzir uma extensa auditoria interna.

Mas John Callahan também tinha a solução. Propôs que Brian Halloran “tirasse [Wheeler] da caixa”, ou seja, metesse uma bala na cabeça do CEO. Callahan afirmou que liquidar o homem era a única maneira de impedir que o rastro da papelada chegasse à porta de sua sala, a única maneira de evitar qualquer possibilidade de uma acusação por apropriação indébita. E acrescentou que Johnny Martorano, o calejado matador da Winter Hill, provavelmente precisaria se envolver. Nada supera a experiência. Sentado no sofá, Flemmi interrompeu com uma necessária dose de ceticismo: será que os “amigos deles” na World Jai Alai aguentariam firmes caso a polícia se metesse? Porque a perspectiva de coconspiradores se voltando contra Callahan não era um risco aceitável para os negócios. E a pergunta que ninguém fizera: o próprio Callahan seria capaz de aguentar o tranco?

Durante a conversa, Bulger ficou na dele, sentado, observando e escutando atentamente, sem dizer uma palavra. A essa altura, estava bem distante da jogatina no bar em South Boston e dos dias tensos de 1972, quando sua preocupação era não ser morto pela gangue Mullen. Bulger não só chegara ao topo do submundo como vivia nele confortavelmente, escolhendo seus investimentos dentre uma ampla variedade de opções. Na

verdade, Bulger tinha mais negócios do que conseguia administrar, em grande parte devido a seu grande trunfo, o agente do FBI John Connolly, que o mantinha longe de encrencas com a lei.

Ele galgara os degraus até esse patamar superior mapeando seu percurso com cuidado, valendo-se do extraordinário escopo de atividades que passara a desfrutar ao cuidar de uma franquia no submundo que, por natureza, tinha seus momentos complicados. Desde que Bulger passara a agir respaldado pelo FBI, em 1975, houvera uma série de assassinatos, uma faxina de figuras menores do submundo de Southie, mas ninguém da pilha de corpos cada vez maior voltou para bater à sua porta. Não houve o menor sinal de problema nem quando o derramamento de sangue atingiu uma das namoradas de Stevie. Debra Davis planejava deixá-lo. A voluptuosa jovem de 26 anos que ficara com Flemmi durante sete anos tirara férias em Acapulco, onde se apaixonara por um jovem empresário mexicano dos ramos de azeite e criação de frangos. Davis queria se casar e, um dia, formar família — sonhos impossíveis no arranjo com Flemmi. Mas Stevie considerava levar um fora algo inadmissível, e Davis desapareceu sem deixar rastro em 17 de setembro de 1981. A jovem começara o dia fazendo compras com a mãe, e então, após um beijo de despedida, disse que se encontraria com Flemmi. Sua mãe e seus irmãos tentaram procurar o FBI, mas os agentes que os receberam pareciam mais interessados em descobrir o que exatamente Debra sabia sobre Stevie do que em solucionar seu desaparecimento, e logo a investigação perdeu o ímpeto. Operando com cautela em seu mundo violento, Bulger e Flemmi descobriram que podiam fazer o que quisessem. Disputando sua versão toda particular de xadrez que mencionara para Connolly em Wollaston Beach, Bulger se tornara imune às investigações do dia a dia.

Para Whitey, a questão era decidir em que ponto ele teria ido longe demais. Será que um assassinato em Oklahoma aumentaria muito a pressão? Será que o FBI, nas pessoas de Connolly e Morris, faria vista grossa para uma execução levada a cabo muito além das fronteiras do rude submundo de Boston, onde um derramamento de sangue vez ou outra era tão normal quanto um relatório trimestral de lucros e prejuízos de uma empresa?

Mas por que não? Bulger presumia que Connolly o ajudaria no que fosse. Roger Wheeler podia ser um multimilionário de Tulsa com sete empresas se ramificando por setores variados, do petróleo à eletrônica, mas, no raiar de 1981 em Boston, Wheeler não passava de mais um no caminho de Whitey Bulger.

* * *

Era muita coisa para Halloran assimilar. E muita coisa para pedir de um criminoso pé de chinelo que realizara alguns assaltos a banco antes de se tornar popular com a Winter Hill em 1967, próximo ao fim da guerra de gangues irlandesas, um banho de sangue que começou quando um gângster embriagado insultou a namorada de alguém na praia. Ao longo dos anos, Halloran havia procurado passar a imagem de boa-praça, porém era mais conhecido por estapear os pobres-diabos atrasados em saldar dívidas de agiotagem. Estava no banco de reservas, mas Bulger só o utilizava para cobrar dívidas e entregar cocaína — Halloran ainda não matara ninguém.

No entanto, o cobrador desempenhou um pequeno papel no assassinato de um dos *bookies* mais conhecidos de Southie, um crime que deixava bem claro até que ponto Bulger podia ser perigoso. Em abril de 1980, Halloran foi o motorista que levou Louis Litif para o bar Triple O's, na principal avenida de Southie, a West Broadway.

Por anos Litif fora um dos agenciadores de apostas mais produtivos de Bulger, mas vinha enveredando para o tráfico de drogas e, num fatídico passo em falso, assassinara outro traficante sem o aval do chefe. Depois de deixar Litif na porta, Halloran estacionou o Lincoln atrás do bar e aguardou. Logo viu Bulger e outro homem carregando um pesado saco de lixo verde pela escada dos fundos. Eles enfiaram o saco no porta-malas do carro, e Halloran levou o carro para o South End e o deixou lá. Litif foi encontrado no porta-malas com um buraco de bala na cabeça.

Então, quando o assunto passou a assassinato no apartamento de Callahan, Halloran sabia que não era conversa mole. Mas dessa vez seu papel seria puxar o gatilho, não dirigir um carro. Seus olhos dardejaram de um lado para outro, ele limpou a garganta e perguntou se havia alternativa além de “apagar o cara”. Isso suscitou um dos famosos olhares gélidos de Bulger, sua marca registrada. De repente, a reunião foi encerrada, com Bulger dizendo que pensaria um pouco mais a respeito, mas Halloran foi embora de North End acreditando que Roger Wheeler tinha os dias contados.

* * *

Wheeler era dono de um império eclético que se especializou em eletrônica por meio de uma empresa carro-chefe chamada Telex, fabricante de terminais de computador e toca-fitas. Ele fora criado em Massachusetts, mas estudou no Texas e se formou em engenharia elétrica. No fim da década de 1970, a energia e a ambição inigualáveis de Wheeler o levaram a um ponto em que a Telex lucrou 8,1 milhões de dólares sobre uma receita de 86,5 milhões. Mas, durante vários anos, ele se movimentara no mercado atrás de algo com margem ainda maior, e ficou fascinado com o dinheiro que rolava na indústria do jogo.

O pai de cinco crianças era um homem de família e frequentava a igreja, mas de santo não tinha nada. Ele podia ser rispidamente exigente, autoritário até, do jeito típico de um CEO. Não tinha pudores ao afirmar que fora atraído para o jogo pela soma de fluxo de caixa elevado e custos de capital relativamente baixos. Mordiscara as beiradas da indústria durante vários anos, primeiro sondando a pista de corridas de Shenandoah, na Virginia, em 1976, e, um ano depois, um cassino de Las Vegas. Graças a um pacote de financiamento irresistível de 50 milhões de dólares oferecido pelo First National Bank of Boston, Wheeler acabou se decidindo pela World Jai Alai, com seus pontos de apostas para o esporte em Connecticut e na Flórida.

Como se veria, o banco tinha uma relação de consultoria com John Callahan, e suas cláusulas de empréstimo refletiram isso. Embora Wheeler protestasse, o banco daria o dinheiro apenas se ele conservasse o antigo parceiro de negócios de Callahan, Richard Donovan, como presidente da World Jai Alai. A outra condição era que Wheeler mantivesse o ex-agente do FBI Paul Rico como chefe da segurança.

Considerando o restante do negócio bom demais para ser recusado, Wheeler pegou o empréstimo e comprou a empresa. Callahan sofreu um baque, pois, apenas dois anos antes, o corpo diretivo da World Jai Alai o mandara embora por excesso de gastos e por ligações com tipos do submundo como Brian Halloran e Johnny Martorano.

Embora a ruína iminente da World Jai Alai já fosse em parte previsível, Wheeler se deixou cegar pela oportunidade de finalmente obter um negócio envolvendo jogo e ficou deslumbrado com o lucro de 5 milhões por ano, uma salutar rentabilidade de 16%. Mas, por trás desses números sedutores, havia alguns perturbadores dossiês sobre Callahan e seu velho parceiro de negócios.

Não obstante, Wheeler achou que conseguiria manter o lucro das apostas e as mãos longe da sujeira. Achou que sua perspicácia nos negócios seria capaz de levá-lo a passar por cima dos “personagens duvidosos”. No entanto, pouco a pouco Wheeler começou a reconsiderar a situação em que se metera. Segundo sócios, ficou com medo. Por ironia, o que o acalmava um pouco era a grande comitiva de ex-agentes do FBI que trabalhavam para a World Jai Alai, incluindo o temível Paul Rico.

* * *

Cerca de uma semana após a reunião com Bulger, Halloran encontrou Callahan num dos bares que eles frequentavam e lhe perguntou como andavam as coisas com Wheeler. Callahan foi um pouco evasivo e disse que continuavam “acertando os detalhes” — como se estivessem considerando os pontos mais delicados de uma fusão de empresas. Callahan mudou de assunto, e os dois continuaram bebendo.

Semanas depois, Callahan ligou para Halloran, pedindo-lhe que passasse de novo em seu apartamento no North End. Dessa vez, Callahan o esperava sozinho. Tinha um prêmio de consolação para seu amigo, que não fora aceito no esquadrão da morte. Estendeu para Halloran uma bolsa com 20 mil dólares em dinheiro — dois maços de notas de 100 dólares — e lhe disse que haviam decidido cuidar de Wheeler sem ele. “Pega a grana”, disse Callahan. “É melhor não se envolver com o negócio do Wheeler.” Dando um tapinha no ombro de Halloran, Callahan disse que o grupo “não devia nem ter envolvido [você], pra começo de conversa”.

Halloran não precisou ser convencido a ficar com o dinheiro. Não teria que matar um desconhecido e recebera um dinheiro por nada. Encarou aquilo como cortesia profissional de um grande mão-aberta com grana para jogar fora. Halloran torrou a

bolada em questão de dias, mobiliando o apartamento em Quincy, dando uma festa de arramba por uma semana em Fort Lauderdale e trocando de carro.

Com Halloran fora da jogada, o esquadrão de extermínio da Winter Hill chegou a Tulsa três meses mais tarde. Trabalhando com informações fornecidas por Callahan e Rico, a equipe passou uma semana cuidando da tarefa mundana e letal de verificar lugares para o assassinato, incluindo o prédio de escritórios de Wheeler. Mas acabaram se decidindo pelo estacionamento do country club. Numa ensolarada tarde de primavera, uma dupla de matadores aguardou por meia hora num Ford bronze 1981 roubado até que Wheeler terminasse sua partida de golfe semanal.

Usando barba falsa e óculos de armação dourada, Johnny Martorano viu Wheeler caminhar apressado em direção a seu Lincoln. Com um revólver calibre .38 num saco de papel, correu para alcançá-lo pelo lado do motorista. Wheeler ainda se ajeitava quando Martorano abriu a porta. O empresário se inclinou para trás sem tirar os olhos do gângster, que atirou em seu rosto. O homem ao volante do Ford, um antigo capanga da Winter Hill chamado Joe McDonald, acelerou para pegar Martorano. Enquanto a dupla caía fora, adolescentes numa piscina próxima escutaram o barulho e foram ver o que estava acontecendo. Os matadores de aluguel seguiram para Oklahoma City e pegaram um avião para a Flórida, deixando para trás uma família destruída, uma comunidade de luto e um negócio subitamente moribundo.

* * *

Halloran sentia que seu tempo estava acabando em South Boston. Sua relação azedada com Bulger apenas vinha complicar ainda mais uma vida pessoal já deteriorada. Consumir

cocaína se tornara mais importante do que vendê-la. E ele se indispusera com a operação da Winter Hill, mantendo-se no trabalho por tolerância de Bulger. Costumava se dar melhor com os velhos caras da gangue — Howie Winter, Joe McDonald e Jimmy Sims —, mas esses veteranos estavam presos ou foragidos.

Após o assassinato de Wheeler, Halloran, um sobrevivente das ruas cruéis de Boston, tinha plena consciência de que ele e Callahan haviam se metido numa conspiração de assassinato com participação de um carrasco impiedoso que não ia com sua cara. Certa manhã no outono de 1981, alguém disparou um tiro perto de Halloran quando ele punha o lixo para fora diante de seu apartamento em Quincy. O recado estava dado.

A derrocada de Brian Halloran continuou em curso poucas semanas depois, dessa vez por obra própria. Lidando com uma situação qualquer ligada ao narcotráfico, Halloran matou o traficante George Pappas à queima-roupa num restaurante chinês às quatro da manhã, assim que eles terminaram de comer. Halloran atirou por cima da mesa, na presença do mafioso Jackie Saleme, irmão mais novo de Frank. Foi exatamente como a cena do duplo assassinato no Louis Restaurant em *O poderoso chefão*, no qual Michael Corleone larga a arma no chão, sai apressado pela porta, entra num carro à sua espera e depois se refugia na Sicília, tornando-se o herói improvável da família. Mas o motorista nesse assassinato deixou Halloran em casa, na cidade de Quincy, onde seus problemas só fizeram piorar. A execução em Chinatown o indispôs com seus pares, que achavam que ele estava fora de controle. O assassinato também significava problemas com a lei.

Depois de se esconder por um mês, Halloran se entregou em novembro de 1981, então voltou às ruas sob fiança — um viciado em cocaína com os nervos em frangalhos e uma acusação de homicídio em primeiro grau que envolvia um soldado da Máfia.

Ele se tornara *persona non grata* para a Máfia e para Bulger — pior situação possível para alguém no submundo de Boston. Halloran se tornara um problema grande demais para praticamente todo mundo. Bulger conseguiu a brecha que queria.

Ainda no outono de 1981, Connolly deu entrada em relatórios de Bulger e Flemmi prevendo um futuro negro para Halloran. Bulger contou a Connolly que a Máfia queria meter “uma bala na cabeça” de Halloran para eliminar a ameaça de que cometesse perjúrio e acusasse Salemme pelo assassinato. Dois meses depois, Flemmi reforçou o relatório de Bulger ao declarar que a Máfia estava escondendo Salemme até que pudessem “apagar” Halloran. A denúncia era uma página arrancada da caderneta de táticas de Stevie Flemmi. Ele pressagiara problemas para o *bookie* de Boston William Bennett, em 1968, apresentando a informação como se fosse um rumor das ruas. Mas Flemmi já havia assassinado Bennett e jogado seu corpo de um carro em movimento. Apagar as próprias pegadas e fazer a lei sair à procura de outro assassino era uma tática de despistamento típica de Flemmi.

Mas Halloran também tinha uma estratégia. Numa terra de ninguém e já no fim da linha, era hora de negociar com a lei. Ele decidiu fazer um acordo com o FBI, pedindo a ajuda dos federais para conseguir uma sentença reduzida no homicídio em Chinatown em troca de sua versão sobre o contador arroz de festa, o magnata de Tulsa e o assassino de South Boston.

Quase um ano exato após a reunião no North End em que Callahan falara sobre liquidar Wheeler, Halloran abriu o bico para o FBI, de 3 de janeiro a 19 de fevereiro de 1982. Ele alternou entre três esconderijos enquanto os agentes o pressionavam por uma corroboração que se mostrou vaga. Fizeram Halloran usar uma escuta, mas foi em vão — os bandidos sempre pareciam saber quando ele estava chegando. Exigiram um teste de polígrafo, mas Halloran se recusou. O *debriefing* de Halloran se

tornou um impasse: os agentes acreditavam na história básica, porém queriam mais provas do que Halloran podia fornecer.

* * *

Halloran se tornou parte do amargo legado de Bulger dentro do FBI no momento em que o agente Leo Brunnick procurou o acessível Morris e lhe pediu um “parecer” sobre a versão dos fatos de Halloran. Na mesma hora, Morris se deu conta de que a história de Halloran oferecia uma séria ameaça à aliança imoral com Bulger. Manter um informante que estivesse sob investigação do FBI era contra a política do bureau. Morris rapidamente depreciou a credibilidade de Halloran.

Enquanto Halloran era soprado ao sabor do vento e mudava de um esconderijo para outro, Morris contou a Connolly que Bulger fora acusado de tomar parte no assassinato de Wheeler. Ele acreditava plenamente que Connolly contaria a Bulger sobre o risco que corria. Embora soubesse que graves consequências poderiam resultar de seu aviso, Morris alegou ter achado que nada aconteceria, pois o relato de Halloran era provavelmente falso.

Mas o pior estava por vir. Jeremiah O’Sullivan era o promotor de quem os agentes pró-Halloran precisavam para, com segurança, tirar o delator das ruas. Se O’Sullivan desse seu ok, mais adiante a autorização seria uma questão rotineira. Mas O’Sullivan foi veemente ao se mostrar contra fornecer a Halloran nova identidade numa nova comunidade para proteger a testemunha com uma história por contar. Para ele, Halloran era uma encrenca que não valia a dor de cabeça. O’Sullivan assumira uma postura insensível diante do problema e decidira que a corroboração disponível simplesmente não era suficiente para construir um processo baseado em Halloran. De fato, Halloran não era uma decisão fácil. Era a palavra dele contra a

de Callahan, e ele se recusava a passar por um detector de mentiras. Além disso, pouco conseguiu levar adiante outros casos contra a Winter Hill enquanto usava escuta.

Mas também estava claro que o estreito vínculo de considerações envolvido em seu processo contra os Angiulo deixou O'Sullivan parcialmente cego. "O'Sullivan era parte da proteção a Bulger?", foi a pergunta retórica de outro promotor. "Conscientemente, não. Ele se recusou a dar a Halloran uma chance numa acusação de homicídio recente sem ter corroboração da história. Nessas circunstâncias, uma acusação enfraquecida seria algo duro de engolir. Não sei o que O'Sullivan poderia ter feito de diferente."

Contudo, os investigadores que trabalhavam no caso Wheeler diziam que O'Sullivan perdera de vista o perigo que um informante corria ao fornecer informações sensíveis num caso importante. Segundo Robert Fitzpatrick, o número dois no escritório do FBI em Boston na época, vários agentes ficaram convencidos de que Halloran podia ser morto se não fosse incluído no programa de proteção à testemunha.

Fitzpatrick levou suas preocupações diretamente a O'Sullivan, mas o promotor se mostrou irredutível. "O'Sullivan não estava engolindo a história de Halloran", recordou Fitzpatrick. "Para ele, Halloran era um canastrão atrás de publicidade, um pé de cana que não valia a dor de cabeça. Eu voltei pra ele e falei: 'Olha, meus homens estão me dizendo para tirar o cara das ruas, porque ele está correndo perigo.' Mas ele disse: 'A gente já conversou sobre isso, e eu escutei o que você falou. Qualquer coisa eu aviso.' Isso queria dizer não."

Em maio de 1982, Fitzpatrick teve tamanho pressentimento de que a vida de Halloran estava por um fio que passou por cima de O'Sullivan e foi falar com William Weld, promotor federal recém-nomeado. "Eu falei pra ele: 'Olha, esse cara pode levar um tiro. Os agentes andam me falando isso. A gente precisa fazer

alguma coisa.” Anos mais tarde, Weld confirmou a visita de Fitzpatrick. “Fitzzy me disse: ‘Sabe, as pessoas sempre falam que esse ou aquele dedo-duro está em perigo. Que o sujeito pode ser morto por cooperar. E estou dizendo que esse cara... eu é que não quero estar perto desse cara.’” Mas O’Sullivan tinha sido uma espécie de mentor para Weld quando ele assumiu o cargo de principal promotor público. Logo, o pupilo não quis criar caso.

Perto do fim de seus *debriefings*, Halloran descobriu que Whitey Bulger era informante do FBI. Em pânico, sentiu que não tinha para onde fugir, que corria perigo nas ruas e até no escritório do FBI. “Essa era a gangue que não conseguia atirar em linha reta”, disse a enojada prima de Halloran, Maureen Caton. “Simplesmente alguém deixa escapar um dia: ‘Ah, falando nisso, Bulger é informante.’ Esquece Waco. Olha só o que aconteceu com Brian Halloran.”*

Aterrorizado e sem saber o que fazer, no fim das contas Halloran ficou entregue à própria sorte e teve que se virar furtivamente num cenário hostil, enquanto os dois esquadrões do FBI se agastavam um contra o outro a respeito de seu destino. Os agentes que haviam trabalhado Halloran para se tornar informante sentiram-se lutando por uma causa perdida contra Connolly, que desdenhara do relato chocante como sendo mero blá-blá-blá de um vagabundo usado em conveniência própria. Embora os agentes do lado de Halloran tivessem dúvidas acerca de seu papel nos crimes e esquemas, acreditavam firmemente que tinham Bulger na mira e que Halloran era seu meio de abatê-lo. A briga esquentou rapidamente. Dois agentes acusaram Connolly de desfalcado seus arquivos sobre Halloran, e o exasperado Fitzpatrick foi forçado a guardar o material no cofre de sua sala.

Na verdade, recordou Fitzpatrick, Connolly nunca negou olhar por cima dos ombros de outros agentes ocupados em reunir informação sobre Bulger. Ele simplesmente empinava o queixo e

dizia: “Ou vocês confiam em mim como agente ou não. O cara é meu, e eu preciso saber o que ele está enfrentando.”

Segundo Fitzpatrick, Connolly a seguir marcou um interrogatório com Bulger e Flemmi sobre o caso Wheeler. Contrariando as técnicas-padrão, os dois foram interrogados juntos; como resultado, os investigadores perderam a chance de usar as contradições em seus depoimentos para jogar um contra o outro. O interrogatório não deu em nada e foi arquivado.

* * *

Na primavera de 1982, a vida de Halloran se tornara uma provação diária: ele não parava de checar o espelho retrovisor e olhar por cima do ombro. Não podia voltar em casa para ver a esposa e o filho pequeno porque tinha medo de que alguém arrombasse a porta a qualquer momento e metralhasse todo mundo. Seu pai e um tio pagavam o aluguel e levavam compras semanalmente para sua esposa.

Após várias semanas escondido, com a mulher no hospital prestes a dar à luz seu segundo filho, Halloran recebeu uma ligação: segundo sua família, sua irmã, que morava à beira-mar em South Boston, queria vê-lo. Um amigo o levou de carro para Southie, lugar que andava evitando. No meio da tarde, a dupla se dirigiu ao Topside Lounge, onde Halloran, sem saber que O’Sullivan o rejeitara como informante oficial, retomou o esforço desesperado para convencer o FBI a incluí-lo no programa de proteção à testemunha. Às 16h30 ele ligou para o bureau e, mencionando seu papel em dois mandados de segurança executados recentemente contra gângsteres da Winter Hill, tentou persuadir seu agente com promessas de informação sobre outro homicídio no submundo. Sentado a pouca distância da mesa de Connolly, o agente Brunnick, recusando-se a se comprometer, advertiu Halloran de que ele era um “louco” por

ficar “de rolé” em Boston e que devia voltar para seu esconderijo em Cape Cod por pelo menos mais um fim de semana. Furioso, Halloran o interrompeu, dizendo que tinha parado em fila dupla e precisava ir. Suas últimas palavras para o FBI: “Não se faz tudo da noite para o dia, viu?” Halloran afogou as mágoas com mais dois drinques a uma mesa junto à vitrine do bar. Então, saiu e foi recebido por uma saraivada de balas.

Mais ou menos na mesma hora que Halloran batia o telefone público na cara do FBI, Whitey Bulger ficou sabendo que Halloran fora visto num bar na Northern Avenue, periferia de South Boston.

Bulger ficou em alerta vermelho, tentando desesperadamente encontrar Flemmi, que estava fora da cidade, e combinando com Patrick Nee, ex-membro da gangue Mullen que outrora fora um amargo inimigo. O esquadrão de extermínio foi reunido, com Nee usando máscara de esqui e o ajudante Kevin Weeks sendo despachado na frente para ficar de olho no restaurante, espionando do outro lado da rua, com o walkie-talkie no colo.

Bulger, por sua vez, usou como disfarce uma peruca comprida e um bigode, arrancou em seu carro da morte, um Chevy verde envenenado que ficava escondido numa garagem da K Street. O carro era especialmente equipado para lançar uma cortina de fumaça em fuga e tinha um sistema de transmissão que lhe permitia atingir 320 quilômetros por hora. Eles o chamavam de “guincho”, mas era um arsenal voador com fuzil de assalto, carabina, metralhadora e inúmeras pistolas.

Às seis da tarde, todos estavam no local. Michael Donahue, amigo de Halloran, encostou seu Subaru azul na frente do bar.

Bulger também estava em posição quando Halloran se sentou no assento do passageiro. O guincho roncou ao lado do Subaru. Bulger gritou “Brian”, então ele e Nee abriram fogo. Após a saraivada de tiros, o carro de Donahue começou a se afastar lentamente do restaurante. Quando Bulger fez a volta para uma

segunda salva, Halloran saiu cambaleando do carro e caiu na rua. Ainda atirando do assento, Bulger crivou Halloran com mais balas antes de regressar ao seu refúgio em Southie. Vítima absolutamente inocente, Donahue morreu na hora.

Posteriormente, Weeks encontrou um Bulger “eufórico” e incapaz de conversar sobre qualquer outra coisa por vários dias. Quando soube do ocorrido, Flemmi ficou desconsolado por perder os assassinatos na Northern Avenue.

Um detetive de Boston presente à cena do crime alegou que, instantes antes de morrer, Halloran foi capaz de identificar o gângster de Charlestown Jimmy Flynn como seu assassino, provavelmente porque Bulger ficara parecido com ele com a peruca e o bigode falso. Segundo a polícia, Flynn também tinha o motivo, porque ele e Halloran nunca se deram bem quando eram membros da gangue Winter Hill, particularmente depois de Flynn descobrir que Halloran o delatara num roubo a banco. Flynn se escondeu e só foi capturado dois anos após o assassinato. Na verdade, ele nem estivera na cena do crime. Os investigadores concluíram que Flynn não passava de um bode expiatório usado para fazer a polícia procurar no lugar errado. O assassinato de Halloran foi um caso em que Bulger se encarregou do próprio trabalho sujo, uma rara ocasião em que saiu das sombras para puxar o gatilho.

Ironicamente, após a morte de Halloran a discórdia no FBI diminuiu, e os agentes dos dois esquadrões passaram a apenas se entreolhar com rancor vez ou outra nos fundos de uma sala espaçosa. Era como uma família disfuncional tentando ocultar um incesto. Um informante fora morto, e os agentes passaram a viver com o constrangimento.

Ao mesmo tempo, a chefia da divisão mergulhou num torpor resignado em relação a Bulger. O agente encarregado, Larry Sarhatt, antes um recém-chegado em 1980 e determinado a investigar a fundo a Lancaster Street, se tornara um chefe

exausto que não via a hora de se aposentar depois de vinte anos no bureau.

Como efeito colateral do esforço da divisão de Boston para pôr panos quentes na briga interna, a superintendência passou a ser permanentemente estorvada pelo dilema Bulger. A maior parte dos supervisores não confiava 100% em Connolly. Mas ninguém queria lidar com o pesar institucional envolvido em confrontá-lo. Connolly podia ser próximo demais de um informante, mas a briga não valia a pena. Acontece.

“Connolly simplesmente fazia o que dava na telha”, disse Fitzpatrick. “Virou o vórtice num sistema em constante mudança. Continuou no lugar enquanto novos agentes encarregados iam e vinham. E sabia cuidar dos colegas. Ele se tornou o cara que conseguia ingressos de jogos pra você. Falava com as secretárias e conseguia um dia de folga pra você. E não fazia segredo de que podia conseguir um emprego pra você depois da aposentadoria, por intermédio de Billy Bulger. Mas como agente não era grande coisa. Ele não sabia escrever um relatório. Não tinha o perfil do administrador. Era só aquele artista da enrolação metido a besta. Até certo ponto, a gente dava corda pra ele. Ninguém tinha estômago pra examinar de perto o que ele andava aprontando. A gente simplesmente nunca foi tirar satisfação com o cara.”

Mas o episódio de Halloran ficou na cabeça de Morris. Embora tivesse racionalizado seu papel passivo no assassinato, ele sabia exatamente o que acontecera: Connolly advertiu Bulger, que matou Halloran. Posteriormente, Bulger e Flemmi receberam uma dica sigilosa por um canal não oficial: outros agentes do FBI miravam um de seus agenciadores de apostas. Então, Morris sentiu-se compelido a advertir os dois de que não queria saber de mais assassinatos. Fiquem longe do *bookie*, disse. Chega de sangue.

Morris tinha motivos para temer o pior. Sabia o que acontecera com Wheeler e Halloran. E vivenciara em primeira mão o destino de outra figura do submundo que se estranhara com Bulger. Arthur “Bucky” Barrett era um arrombador de cofres experiente que foi pego na terra de ninguém entre o bureau e Bulger. Ele executara um ousado assalto a banco em 1980, no qual trabalhara com cinco outros para levar 1,5 milhão de dólares em dinheiro. Pouco depois do serviço, Bulger pôs Morris e Connolly em cima de Barrett. Os agentes se aproximaram do arrombador de cofres com uma missão dupla extraoficial: queriam amaciá-lo para Bulger com o “aviso” amigável de que Whitey iria atrás dele para cobrar uma parte do assalto. E então lhe ofereceram o porto não tão seguro assim de trabalhar com o FBI, caso concordasse em se tornar informante. Era uma demonstração chocante de corrupção. Ali estavam dois tarimbados agentes do FBI atuando como emissários de Bulger nas ruas.

Não obstante, Barrett recusou a oferta do FBI. E, ainda que tenha entregado grande parte do que conseguira no banco para aplacar Bulger, isso não o poupou de ser sequestrado, torturado e arrastado para o porão de uma casa em South Boston em 1983, para nunca mais ser visto com vida.

Mas Bucky Barrett foi uma baixa anônima da guerra. Ele simplesmente desapareceu, e ninguém sentiu falta do arrombador de cofres, a não ser a esposa e os filhos. Foi o corpo de Brian Halloran, caído na Northern Avenue, que deixou uma marca profunda nos agentes do escritório de Boston. Em retrospecto, Fitzpatrick sentia-se “derrotado por tudo isso. Até hoje penso a respeito e luto para afastar esse fantasma”.

* * *

Primeiro policial a chegar à cena do crime em 1981, Michael Huff, detetive de homicídio em Tulsa, logo descobriu que John

Callahan e o negócio da World Jai Alai provavelmente estavam por trás do assassinato e que a gangue Winter Hill tomara parte no episódio. Mas Huff não conseguia nenhuma informação sólida vinda de Boston. Suas ligações não eram retornadas, e as reuniões, canceladas ou remarçadas. A Polícia Estadual de Massachusetts lhe contou que a Winter Hill devia estar envolvida, mas Huff não era capaz de levar o FBI a ajudá-lo a obter informações de apoio sobre os membros da gangue. Até a morte de Halloran, ele nunca ouvira falar de Bulger.

Callahan foi o foco inicial de Huff e alguns detetives da Polícia Estadual de Connecticut, que vinham caçando o contador de vida dupla havia vários anos devido à tempestade de areia em torno do ponto de *jai alai* em Hartford. Eles começaram a examinar as finanças de Callahan e os livros contábeis da empresa à procura de irregularidades que pudessem ser usadas para pressioná-lo a falar sobre a morte de Wheeler. Os detetives chegaram a ir à Suíça para verificar suas contas e sua estadia recente por lá. Ao mesmo tempo que investigadores de dois estados vasculhavam seus livros, Callahan se deu conta de que era a última pessoa viva capaz de implicar Bulger no assassinato. Teve um calafrio na espinha.

A antiga força motriz da World Jai Alai estava claramente na mira. Mas a perseguição de Callahan como suspeito topou com o costumeiro desvio em Boston. Quando ele apareceu no radar pela primeira vez, no fim de 1981, Huff começou a trabalhar com o escritório do FBI de Tulsa, que buscava informações sobre os comparsas de Callahan na Winter Hill com ninguém menos que John Morris. Em resposta aos questionamentos de Tulsa, Morris mandou Connolly inquirir Callahan. Connolly, claro, voltou com a informação de que Callahan não tinha negócios com a Winter Hill e que Bulger nada tinha a ver com o assassinato de Wheeler. Na verdade, Connolly fez uma visita intimidante a Callahan e depois alertou Bulger de que o contador estava sendo procurado como

testemunha na malograda investigação de homicídio. Por sua vez, Morris encerrou o arquivo de bom grado.

A ação súbita confundiu Huff. Ele entendia que não havia informação sólida disponível, mas caso encerrado? Ficou furioso ao ver que a morte de Wheeler não deixara Boston com a pulga atrás da orelha. Wheeler era um “tremendo cara” em sua cidade, que contratava centenas de pessoas e doava dinheiro para boas causas. *Tem coisa errada aí, pensou ele. Por que ninguém conversa direito comigo sobre o assassinato em plena luz do dia de um empresário proeminente que deixou uma família que merece explicação?*

Huff e seus novos colegas em Connecticut fizeram a única coisa que podiam — tocaram o barco, coçando a cabeça para entender o que acontecia com o bureau em Boston. O foco deles passou a ser o estabelecimento da World Jai Alai em Miami, para obter informação incriminadora sobre Callahan. Em julho de 1982, Huff e os outros detetives sentiram que haviam reunido uma quantidade suficiente de material financeiro prejudicial para pressionar Callahan pessoalmente perto do fim do mês. Eles seguiram para a Flórida em 1 de agosto.

Mas Huff foi frustrado outra vez.

Connolly alertara Bulger de que Callahan enfrentaria um grande júri federal, e, por mais que Callahan gostasse de andar na companhia de gângsteres, a preocupação era de que ele não se mostrasse à toda prova, como um. O consenso imediato foi que devia dançar por saber demais sobre o assassinato de Wheeler.

Bulger chamou seu matador mais confiável, Johnny Martorano, para um encontro num hotel do Aeroporto LaGuardia, em Nova York, a fim de convencê-lo a liquidar Callahan. Martorano, que fora uma figura importante na gangue Winter Hill antes de se refugiar na Flórida, era parceiro de copo de Callahan,

tanto na época de Boston quanto no sul da Flórida, onde este fazia muitos negócios.

Em reunião que durou uma hora, Bulger passou uma conversa nele. Disse que Halloran havia contado ao FBI que Martorano era o responsável por Wheeler — quando na verdade Halloran afirmara que fora, antes de mais nada, coisa de Bulger. Whitey também pintou o massacre de Halloran como algo feito para proteger Martorano, e aquele era o momento de Johnny retribuir o favor. Embora Martorano protestasse que Callahan era um amigo, ele tinha consciência de que, se o contador cedesse, todo mundo iria para o xadrez pelo resto da vida. Também tinha consciência de que devia a Bulger remunerações mensais que o mantinham na Flórida. Relutante, Johnny acabou concordando com o serviço.

Martorano providenciou o assassinato de Callahan certa tarde, depois de sua vítima ter ido a Fort Lauderdale numa viagem de negócios. Foi uma de suas ações rápidas como um raio, uma execução em questão de segundos. Ele pegou a pasta de Callahan e o conduziu a um furgão alugado num canto afastado do estacionamento do aeroporto. Callahan sentou no assento do passageiro enquanto Martorano punha a pasta na traseira e enfiava a mão sob o assento para pegar o revólver que plantara ali. Imediatamente, deu dois tiros em sua nuca. Em seguida, Johnny e um cúmplice transferiram o corpo para o porta-malas de um carro que Callahan usava na Flórida e depois o levaram para o estacionamento coberto do aeroporto de Miami. Foi encontrado no mesmo dia.

Como toque final, a dupla espalhou o conteúdo da carteira de Callahan, incluindo sua carteira de motorista de Massachusetts, perto de um bar cubano próximo ao aeroporto. John Connolly rapidamente complementou o embuste ao apontar num relatório do FBI que Callahan se indispusera com gângsteres cubanos em Miami, que vinham querendo sua pele.

Aspirante a gângster, John Callahan morreu como um, aos 45 anos.

Ao fim de tudo, três mortos partilhavam mais do que o destino macabro de serem assassinados e encontrados jogados em seus carros; todos haviam se tornado inimigos de Whitey Bulger.

Huff vira Callahan como a chave para o homicídio de Wheeler. Mas Huff, o típico sujeito direto do Meio-Oeste, sentia que era tratado com condescendência toda vez que ia a Boston — um sorriso bobo, um tapinha no ombro e depois a porta da rua. A única vez em que sentiu que lhe falavam coisa com coisa sobre o caso foi quando se reuniu com os detetives de homicídio de Connecticut e da Flórida. Eles começaram a nutrir pensamentos sinistros sobre o que vinha acontecendo em Boston. Mas, na verdade, nem faziam ideia de quem deveria ser alvo da raiva.

No FBI, Connolly permaneceu firme diante de todos os que apareciam por causa de Halloran. Ajudou a arranjar o tão aguardado interrogatório de Bulger e Flemmi sobre Wheeler, que só ocorreu dois anos após o assassinato. O relatório do FBI sobre o encontro contém a gravação de uma fala de Bulger. Ele dizia aos agentes que só consentia em dar depoimento para acabar de vez com todas as acusações infundadas. Soava como o irmão Billy durante uma coletiva de imprensa na State House. Tudo foi feito segundo os termos de Bulger. Ele anunciou que não se submeteria ao detector de mentiras e que, se quisessem tirar sua foto de frente e perfil para os arquivos policiais, precisariam de um mandado judicial. E fim de papo.

* O título do best-seller satírico *The Gang that Couldn't Shoot Straight*, sobre mafiosos nova-iorquinos, entrou para a linguagem popular como sinônimo de organização que mete os pés pelas mãos; Waco: referência ao trágico confronto entre as forças federais e a seita do Ramo Davidiano na cidade de Waco, Texas, em 28 de fevereiro de 1993. (N.T.)

CAPÍTULO ONZE

Bulgertown, EUA

Julie Miskel Rakes e seu marido, Stephen, eram como tantos outros casais do velho bairro — centrados na família, trabalhadores e determinados a viver modestamente por seus próprios meios. Os dois haviam crescido em Southie. Julie era do conjunto habitacional, assim como os Bulger e John Connolly, e sua família frequentava a mesma paróquia que os Bulger, Santa Monica, na divisa mais afastada do conjunto habitacional Old Harbor e de frente para uma rotatória de outro conjunto habitacional, o Old Colony.

Embora com apenas dois anos de diferença, Julie e Stephen não se conheceram quando frequentavam a South Boston High School. Eles se cruzaram mais tarde, quando Julie tinha 20 anos e Stephen estava com 22 e tocava o primeiro de seus muitos empreendimentos comerciais — o Stippo's Sub and Deli. Stippo era o apelido de Stephen, e a popular loja de esquina vendia café, donuts e itens de mercearia. Ficava aberta do amanhecer até a meia-noite, e, em turnos, o irmão, a irmã, a mãe e o pai de Stephen se revezavam para trabalhar. O pai de Stephen era um empregado particularmente fiel. Sem conseguir dormir, ia até lá e acendia as luzes às três da manhã. “A gente achava graça, porque ele abria a loja às três, quando na verdade ela só precisava abrir às seis”, recordou Julie. “Mas ele queria estar preparado.”

Julie começou a trabalhar na loja em 1977. Stephen era o proprietário e gerente; encarregava-se de comprar o estoque, fazer os depósitos bancários, etiquetar os produtos e colocá-los

nas prateleiras. Logo os dois começaram a namorar, e, em 1978, os Rakes e os Miskel se reuniram com amigos para comemorar o casamento de Julie e Stephen Rakes. Foi uma cerimônia familiar em South Boston.

Stephen não era nenhum anjinho; no passado, ele e seus irmãos tiveram entreveros com a polícia. Mas, por Julie, ele tentaria acertar a vida. Dois anos após se casarem, Nicole, sua primeira filha, nasceu, e uma segunda menina, Meredith, chegou em novembro de 1982. Nesse meio-tempo, Stephen vendeu a delicatessen e entrou como sócio numa loja de bebidas, mas, já em 1983, ele e Julie haviam decidido que estavam prontos para seguir por conta própria outra vez. Stephen preferia ser dono de seu negócio. Talvez o ritmo de trabalho fosse punitivo, mas os ganhos seriam exclusivamente seus. Julie sugeriu uma videolocadora, mas Stephen a convenceu de que uma loja de bebidas seria mais lucrativa.

Procurando pela área, Stephen ficou de olho num posto de gasolina abandonado na rotatória perto da igreja de Santa Monica. Era um lugar privilegiado numa avenida principal, a Old Colony Avenue. O trânsito era constante na Old Colony e na rotatória em frente, e a propriedade contava com uma rara conveniência nos apertados bairros comerciais de South Boston — um estacionamento. Juntos, eles pesquisaram os registros imobiliários de Boston para identificar o dono. O imóvel pertencia a uma mulher, Abigail A. Burns. Julie Rakes tinha dificuldade em dizer o nome da mulher corretamente: “Eu vivia chamando a mulher de Abigail Adams.” Ela confundia o nome da proprietária com o da esposa de John Adams, o segundo presidente dos Estados Unidos, casal que formou uma das primeiras famílias da nação. Era divertido, e o equívoco se tornou uma piada interna do casal.

“A gente ia fazer o negócio ser grande”, recordou Julie. “Seria a fonte de renda que ia proporcionar o estilo de vida que a gente

queria ter pelo resto da vida.”

Mas, a despeito de todas as esperanças de Julie, havia um problema: frustrado com todas as exigências para abrir um comércio, e com medo de ter dado um passo maior do que a perna, Stephen começou a achar que ser dono do negócio talvez não fosse uma ideia tão boa. Sem contar à esposa, ele até conversara sobre a loja com — justo quem — Whitey Bulger. Para Bulger, o momento não poderia ter sido melhor. Ele se vira enxotado da oficina na Lancaster Street, fora atormentado pela polícia estadual em seu Chevy preto e, mais recentemente, caçado como suspeito de homicídio. Chegara a hora de ele e Flemmi darem um basta à rotina itinerante e encontrarem uma nova base de operações. Na opinião de Bulger, por que não os aconchegantes arredores do velho bairro? Nada podia ser melhor que a sensação familiar e isolada de South Boston. E, assim que Stephen acenou com a ideia da loja de bebidas, a modesta ambição dos Rakes entrou em rota de colisão com os desejos de Whitey numa cidade onde ele conseguia tudo o que queria.

* * *

O outono de 1983 foi um corre-corre enlouquecedor para o casal, que estava tentando cuidar de todo o necessário para abrir a loja antes das festas de fim de ano. Num período relativamente curto, as coisas na verdade tinham dado muito certo, a começar pela aquisição da licença, conseguida num leilão durante o verão. Procurando editais de notificação no jornal, Stephen encontrara o anúncio de leilão para a licença de uma loja de bebidas que estava fechando, desalojada por uma construtora. O ansioso casal vestiu sua melhor roupa num sábado e foi até o escritório de advocacia no centro que supervisionava a venda.

“Eu estava nervosa”, disse Julie Rakes. “Era meu primeiro leilão.” Stephen estava mais acostumado às particularidades de

operar uma loja de bebidas, por ter sido sócio de uma, mas o casal decidiu que Julie era quem daria os lances. “Ele ficava dizendo: ‘Vai. Você consegue.’ E eu dizia: ‘O que é pra fazer? O que é pra fazer?’ Foi divertido. Emocionante. Ele falou: ‘Vai. Levanta a mão. Levanta a mão!’” Julie obedeceu. O leilão começou em mil dólares. Surgiu outro interessado, mas Julie continuou subindo o lance. De repente, o leilão terminou, e os Rakes saíram de lá com uma licença para venda de bebidas pela relativa pechincha de 3 mil dólares.

Foi um grande começo, possivelmente um bom presságio. Eles abriram uma empresa, a Stippo’s Inc., que consistia de uma série de membros diretivos exclusivamente da família. “Eu era a presidente, e a gente fazia piada sobre isso”, lembrou Julie. Stephen ficou com as posições de tesoureiro, escriturário e também de diretor. Então chegou outra boa notícia: Julie estava grávida do terceiro filho. No fim de setembro, o casal entrou em contato com um empreiteiro, um amigo do bairro, Brian Burke, que começou a parte mais difícil do projeto — converter o posto de gasolina em loja de bebidas. O chão precisou ser escavado, e os imensos tanques, removidos, tudo de acordo com as leis ambientais do estado. Burke limpou o terreno, trocou o telhado e deu novo acabamento ao exterior da construção. “Era muito cimento”, disse Julie. Os Rakes não tinham a menor pretensão de inovar no projeto ou na estética. O dinheiro era curto, e as contas vinham se acumulando. O objetivo era fazer uma reforma básica que desse conta da funcionalidade: um prédio de concreto limpo, bem-iluminado e com vitrines. O casal sentiu uma onda de empolgação quando a placa foi erguida e instalada na fachada — Stippo’s Liquor Mart.

* * *

Mas a família e os amigos não foram os únicos a visitar o local nos últimos dias antes da inauguração. Bulger e Flemmi também acompanhavam de perto o andamento da obra. Acobertados pela escuridão, os gângsteres rondavam para inspecionar a reforma toda. Tarde da noite, sem ninguém por perto, eles entravam no estacionamento. Em geral havia um terceiro homem com eles, Kevin Weeks, que substituíra Nick Femia como comparsa, motorista e, às vezes, soldado. Bulger descartara o viciado Femia, que, cheirando cada vez mais e saindo de controle, agiu por conta própria e tentou assaltar uma funilaria no início de dezembro, mas foi surpreendido por uma das vítimas, que atirou em sua cabeça e explodiu seus miolos. Com metade da idade de Bulger, Weeks era dono do currículo perfeito. O jovem de cabelo crespo e armado tinha cerca de 1,80 metro de altura, um corpo feito de puro músculo e, o mais importante, era rápido com as mãos. Filho de um treinador de boxe, Weeks fora criado nos ringues da cidade. E, como John Connolly, passara a infância fascinado com a mística de Bulger. Sua cabeça se enchera das histórias contadas a meia voz sobre o gângster dileto de Southie, mas ele só viu pela primeira vez o homem sobre o qual tanto ouvira falar no início da adolescência, quando topou com Whitey andando pelo conjunto habitacional.

Após terminar a South Boston High School em 1974, o primeiro trabalho de Weeks foi algo para o qual ele havia sido talhado — leão de chácara, ou “auxiliar de segurança”, na escola onde se formara, patrulhando os corredores e separando brigas entre alunos brancos e negros, tarefa corriqueira num ambiente tumultuado pela lei do transporte escolar obrigatório. Depois, no inverno seguinte, dias antes do Dia de São Patrício, 17 de março, o rapaz de 18 anos ingressou no mundo de Whitey quando foi trabalhar no Triple O's. Começou atrás do balcão, carregando barras de gelo. Então, certa noite, os enormes guarda-costas do bar aparentemente foram incapazes de apartar uma briga, e

Kevin pulou de trás do balcão e aplicou um corretivo nos valentões com fulminantes sequências de golpes. Com isso, chamou a atenção de Whitey. Weeks foi promovido primeiro a leão de chácara do Triple O's, depois incumbido de ficar ao lado de Bulger. No início dos anos 1980, Bulger era o mentor de Weeks, e Weeks era o filho adotivo de Bulger. Weeks gostava de proclamar sua lealdade, dizendo que preferia cumprir pena, até ver sua própria família sofrer, a dizer sequer uma palavra contra Whitey Bulger.

* * *

Inspecionando o canteiro de obras da Stippo's Liquor Mart, os homens desciam do carro e circulavam pelo local. Na verdade, Weeks e Bulger tinham dado uma mãozinha a Stephen Rakes e começavam a se sentir meio que donos do lugar. Durante a reforma, os Rakes tinham recebido ameaças anônimas de bomba. O casal — principalmente Julie — ficou assustado. Stephen mandou a irmã procurar Kevin Weeks no bar para perguntar se Whitey e Stevie podiam dar um basta às ameaças. Stephen conhecia Weeks desde a infância; os dois tiveram algumas desavenças e não se davam muito bem. Mas, numa dessas coincidências de Southie, um dos irmãos de Stephen se casara com uma das irmãs de Weeks. Às vezes, Stephen e Julie passavam no Triple O's para beber algo, e Weeks normalmente estava lá, com sua esposa servindo atrás do balcão. Quando Stephen apareceu pedindo o favor, Bulger logo descobriu por acaso que, não querendo competição, outro dono de loja de bebidas estava por trás das intimidações. Bulger lhe ordenou que parasse, e os telefonemas cessaram de repente. Stephen disse a Julie que cuidara do assunto, mas não forneceu qualquer detalhe sobre o papel de Whitey ou sobre o interesse cada vez maior do gângster pela loja.

Para Bulger, era mais do que hora de pensar em um novo escritório. Ele e Flemmi iam muito bem — na verdade, melhor do que nunca. A Máfia de Boston estava abalada. Gennaro Angiulo se encontrava na cadeia, bem como diversos outros mafiosos importantes. Os esquemas de extorsão de Bulger haviam prosperado após a operação de escuta do FBI na sede da Máfia. “Quanto mais a gente ficava em cima da Máfia, menos ela era uma ameaça para eles”, admitiu John Morris. O aluguel, ou tributo, cobrado por Bulger crescia sem parar, assim como o número de agenciadores de apostas e traficantes de drogas que faziam os pagamentos. Mais do que nunca, Bulger e Flemmi estavam dispostos a ajudar o FBI a limpar a bagunça no submundo da cidade; era ótimo para os negócios.

Em busca de um novo escritório, a prioridade de Bulger e Flemmi era encontrar um lugar que contasse com um estabelecimento comercial de verdade. Um negócio legítimo lhes daria a chance de lavar o dinheiro obtido com o jogo ilegal, a agiotagem e o tráfico de drogas. Bulger muitas vezes usara as salas acima do Triple O’s — sua correspondência até era entregue ali. Mas bares eram lugares cheios, públicos e, com frequência, caóticos. As brigas que aconteciam no Triple O’s chamavam a atenção da polícia. Bulger e Flemmi queriam um lugar que controlassem com mais facilidade, e a nova loja de bebidas junto à rotatória encheu a cabeça de Bulger de ideias.

Perto do fim do ano, Julie e Stephen Rakes estavam na correria. Não tinham conseguido abrir para o Natal nem teriam tempo para uma grande inauguração. Junto com os pais de Stephen, a mãe e as duas irmãs de Julie ajudaram a arrumar a loja por dentro e encher as prateleiras. Os Rakes supervisionaram a instalação do paredão de refrigeradores — seu maior investimento até então. Para não perder todo o período de festas, inauguraram às pressas antes do ano-novo.

Como forma de celebrar, as famílias dos dois mandaram plantas enfeitadas com fitas de presente para pôr no balcão, mas fora isso os Rakes simplesmente abriram as portas para os clientes. Stephen pôs um anúncio no *South Boston Tribune* dizendo que a loja, localizada na “rotatória de South Boston”, estava “agora aberta” e tinha “estacionamento disponível”. Também informava o horário: “De segunda a sábado, das 9h às 23h.” Coisa bem básica. Então, no fim do anúncio, Stephen incluiu um chamariz esperando chamar a atenção dos leitores de South Boston: “Ganhe uma viagem com acompanhante para o Havaí ou mil dólares em dinheiro na quarta-feira, 8 de fevereiro de 1984, às 17h, na loja.” A promoção foi uma ideia para atrair fregueses. “Na região, os estabelecimentos nunca ofereciam coisas como viagens”, disse Julie Rakes. “Então, a gente achou que seria bem legal. Ia chamar a atenção.”

Os fregueses apareceram. Marido e esposa trabalhavam em equipe, deslocando-se entre a casa e a loja um de cada vez, cuidando dos negócios e das crianças. Parentes sempre participavam, mas como voluntários. Não havia sócios, nenhum patrão a quem dar satisfação. Era exaustivo e consumia todo o tempo do casal, mas o negócio era deles, e a caixa registradora não parava de abrir e fechar.

Antes que completassem duas semanas de trabalho, o sonho dos Rakes chegaria ao fim. Eles não permaneceriam por tempo suficiente para sequer fazer o sorteio do anúncio. Whitey e Stevie não planejavam mandar ninguém de graça para o Havaí.

* * *

Julie vestiu o casaco em casa, na Fourth Street, e saiu para a noite de janeiro, que começava agitada como tantas outras. O casal se revezava em turnos de trabalho, ritmo que mantiveram durante toda a reforma até os dias da inauguração. O céu estava

nublado, e a previsão no rádio era de que talvez nevasse. Mas o tempo parecia ameno demais para isso, com temperaturas entre cinco e dez graus. Na cidade, as conversas giravam em torno do novo prefeito, Ray Flynn, o “Prefeito do Povo”, um filho irlandês de Southie que iniciava o mandato nos primeiros dias de 1984.

Julie entrou no carro e foi para a loja, um trajeto curto que a conduzia por ruas com que tinha familiaridade desde criança, passando por residências, lojas e bares ao longo da Old Colony Avenue. Era o único mundo que conhecia, e coisas boas passavam por sua cabeça — pensamentos sobre a família, sobre o novo negócio, sobre Stephen. Ao chegar, conversou brevemente com a pessoa que haviam contratado para trabalhar no estoque e fazer entregas, disse até logo e entrou. Então o telefone tocou.

Era Stephen.

— Como eu sei que o carneiro ficou pronto?

Stephen. Ele e Julie estavam aprendendo a trocar de papéis — ela na loja, ele em casa. Julie lhe instruiu sobre como cuidar do assado, depois desligou e atendeu alguns fregueses. Era o meio da semana, e o lugar estava bastante tranquilo. Julie aproveitou o momento para descansar e refletir sobre o que ela e Stephen haviam conquistado, quando, perto das nove da noite, o telefone tocou outra vez.

Stephen?, perguntou-se ela. *O que pode ser agora?*

— Julie?

— Alô?

Julie não reconheceu a voz grave e rouca na outra ponta da linha.

— Eu conheço você, gosto de você e não quero que se machuque.

— Quem é?

— Você tem que sair daí — disse a voz, ignorando a pergunta.

— Quem é?

— Vão jogar uma bomba na loja.

— Por que está fazendo isso? — A voz de Julie se elevou, alarmada. — Se gosta de mim, por que não diz seu nome? — Ela começou a gritar. — Por que não diz seu nome?! — Mas ela gritava para ninguém. A pessoa desligara.

Julie ficou assustada. Havia semanas que não recebiam essas ligações. Ela olhou para o lugar praticamente vazio com a sensação de que alguém a observava. Ligou para o marido, transtornada, contou sobre a ligação, e, quanto mais descrevia a ameaça anônima, mais alterada ficava. Stephen tentou tranquilizá-la. Ela escutou a TV no fundo e as crianças fazendo barulho. Mas, depois de desligar, achou que a voz de Stephen também soara horrivelmente tensa.

Stephen Rakes tinha um bom motivo para estar assim. Em sua casa, naquele exato momento, havia visitas. Ele arrumara as coisas após o jantar, brincara um pouco com as filhas, mandara as duas se trocarem para dormir e deixara que vissem um pouco de TV quando escutou uma batida na porta. Foi ver quem era. Na escuridão, havia dois homens que Rakes conhecia — Whitey Bulger e Kevin Weeks.

Chegara a hora de cumprir o combinado, ainda que Stephen tivesse dúvida. Sem Julie saber, ele se encontrara com Bulger e Flemmi dias antes para uma possível venda. Rakes afirmou que queria no mínimo 150 mil dólares. O vendedor de carros que havia nele despertou; disse que o estabelecimento valia muito mais que isso e que, baseado nas semanas que funcionara, as vendas estavam decolando. Bulger escutou, esperou que terminasse, e, ao fim da reunião, o preço foi fixado em 100 mil dólares.

Bulger e Weeks passaram bruscamente por Rakes, entraram na casa, se dirigiram à sala e se sentaram à mesa. Bulger estava no comando, e Weeks segurava um saco de papel pardo cheio de dinheiro. As filhas de Rakes brincavam pela sala. Bulger

pegou a mais velha e a sentou no colo. “Que linda garotinha você tem aqui”, disse ele.

Rakes estava agitado. Mencionou sua esposa, Julie, e disse como ela gostava da loja. As coisas tinham mudado, falou. O casal ia tentar tocar o negócio.

“Não está à venda.”

Stephen Rakes não se atreveria a protestar outra vez. Bulger explodiu, dizendo que podiam apenas matá-lo e ficar com a loja de qualquer jeito. Weeks ficou igualmente furioso. Era esse o exato motivo por que odiava Rakes. Weeks não acreditou por um segundo que Stephen de fato mudara de ideia. Os pigarros e gaguejos tinham a ver com querer mais dinheiro.

Fosse o que fosse, não havia mais como voltar atrás. Weeks sacou a arma, um revólver calibre .38 de cano curto e cabo de madeira. Colocou-a na mesa e deixou que o gesto falasse por si. O metal da arma atraiu o interesse da menina sentada no colo de Bulger, e ela esticou a mão para pegá-la.

Rakes assistia a tudo horrorizado. Antes que a garota alcançasse o revólver, Bulger o empurrou de volta para Weeks. Depois, pôs a menina no chão e tirou um canivete do bolso, o qual abriu e fechou para mostrar a lâmina, como que pontuando suas palavras. Lembrou Rakes da ajuda com as ameaças de bomba, os termos da venda, e afirmou mais uma vez que podiam matá-lo e simplesmente assumir a loja. Explicou que o dinheiro estava no saco de papel, em maços cuidadosamente dobrados. Nada de dar para trás. Nada de novas negociações. Bulger determinou que o negócio estava concluído, e ali era Bulgertown — a cidade de Bulger.

Bulger e Weeks se levantaram para ir embora. Rakes continuou sentado, paralisado. Eram quase onze da noite, e, na loja, Julie queria fechar logo e lutava para não entrar em desespero. O telefone tocou. Ela atendeu. Era Stephen, e sua tensão era palpável. A voz dele soava estranha e remota, e então

Julie percebeu que o marido estava chorando. Stephen explicou a súbita mudança no rumo dos acontecimentos, falando sobre o novo acordo que surgira no caminho do casal, uma oferta que ele não podia recusar. Julie se limitou a escutar em silêncio, sem reação, um entorpecimento começando a dominá-la. Devia ser o choque — uma sensação de suspensão, de estar fora do corpo —, com Stephen choramingando, murmurando coisas inacreditáveis, explicando que a loja não lhes pertencia mais, falando sobre o que aconteceria dali em diante, o que ela devia fazer. Stephen deixou escapar que fora por culpa dele que as coisas haviam tomado esse rumo, mas isso já não fazia diferença; a transação passou a extorsão no momento em que Bulger deixou claro para Rakes que não tinha mais volta, que a conclusão do negócio se tornara assunto de vida ou morte no submundo.

Julie Rakes ergueu o rosto e viu entrar na loja um sujeito enorme — quase 1,90 metro de altura, muito forte. Era Jamie Flannery, um amigo da época da escola. Flannery também era frequentador regular do Triple O's. Tinha um problema com bebida e às vezes trabalhava como leão de chácara no bar. Julie o vira por lá com Whitey Bulger. De uma forma terrível, tudo se encaixou de repente.

Julie pôs o fone no gancho. Flannery foi brusco. Ordenou que Julie pegasse suas coisas, pois ele estava ali para levá-la para casa. Avisou que não queria perguntas, e ela obedeceu. Às pressas, recolheu o dinheiro da caixa registradora. Pegou as plantas que sua família mandara para celebrar a inauguração. Flannery ajudou a carregar algumas garrafas de vinho que Julie e Stephen haviam estocado para um amigo que produzia a bebida e lhes pedira ajuda para distribuí-la. Puseram tudo no carro; depois, Julie, hesitante, apagou as luzes e trancou a loja. E partiram sem mais demora.

Julie nunca mais voltou à loja. No carro, ela tremia, e Flannery quase não falava, apenas dirigia. Quando entraram na Fourth Street e o carro começou a diminuir a velocidade, Julie viu que mais adiante, no escuro, havia dois estranhos parados na frente de onde morava. Perguntou a Flannery quem eram, e ele identificou o homem nos degraus da entrada — Bulger — e o que estava junto ao carro estacionado — Weeks. Quando se aproximaram, Julie pôde reconhecê-los por si mesma. Atrás deles viu seu marido, paralisado diante da porta.

“Não para, não para”, gritou. Apavorada, não queria ter contato com aquelas pessoas, e Flannery passou direto. Era o mínimo que podia fazer. Ele deu a volta no quarteirão. Quando passou de novo, os homens tinham ido embora, mas Stephen Rakes estava na calçada, esperando a esposa. Não deixou nem que ela descesse do carro. Entregou-lhe o saco de papel e pediu que ela fosse até a casa de sua mãe.

— Agora mesmo — disse ele, com o maxilar travado.

— Ir pra casa da minha mãe a essa hora da noite? — perguntou Julie, erguendo a voz, transtornada. Stephen lhe contou sobre o dinheiro no saco de papel e repetiu o pedido.

— Vai logo e leva isso pra sua mãe.

— O que está acontecendo? Por que tudo isso?

Stephen não podia fazer nada para ajudá-la a se acalmar.

Julie estava confusa, fora de si.

— Não posso ir pra casa da minha mãe — continuou ela. — É quase meia-noite. Do que você está falando?

Controlando-se como podia, Stephen contou a Julie que já ligara para a mãe dela. Ela estava esperando. Julie tinha que ir logo. A voz de Stephen estava tensa, o corpo, rígido. Os olhos ainda estavam úmidos por ter chorado antes.

— Sua mãe está esperando você — disse ele.

Seu rosto assumiu uma expressão que dizia: *Faz o que eu estou falando!*

O dinheiro, explicou, viera de Whitey Bulger.

— Representa o nosso investimento, e a gente tem sorte de conseguir isso — acrescentou, meio que em transe.

Julie foi para a casa dos pais, na Old Colony Avenue. Os dois a esperavam na porta com um olhar duro. Havia escutado o suficiente de Stephen para saber que o casal estava enrolado num negócio com Bulger — um território novo para a família de Julie, no qual nunca quisera pisar. No saco havia mais dinheiro do que qualquer um deles jamais vira. Julie o entregou à mãe.

— Esconde isso — pediu ela.

Sua mãe pegou o saco, foi para o quarto e o enfiou num baú. Histórica e já dentro da casa, Julie desmoronou na frente do pai.

— Não acredito — disse, e começou a chorar.

* * *

Levou alguns dias para Julie e sua família compreenderem o que acontecera, absorver o fato de que uma bomba explodira em suas vidas. Parte da demora provavelmente se deveu a certas histórias — ou mitos — sobre Bulger. Era comum dizerem nas ruas que Bulger era, antes de mais nada, leal ao povo de Southie, que gostava de ajudar as pessoas, que se sentia bem ao apoiar os moradores. Dizia-se que Bulger não gostava de valentões e que os punha em seu devido lugar. Contava-se que, sem jamais instruir ninguém a infringir a lei, Bulger encorajava esses valentões a procurar diversão em outro bairro. Supostamente, se descobrisse que alguém roubara uma casa em South Boston, ele pegaria o ladrão e lhe daria algumas lições básicas do curso de Ética segundo Bulger — cuja primeira lição era que você podia roubar a casa que quisesse em subúrbios chiques como Brookline e Wellesley, mas não no pedaço onde ele morava. Homens como Kevin Weeks estavam entre os muitos que divulgavam a propaganda de Bulger, e os Rakes

conheciam Weeks havia muitos anos. Mesmo não conhecendo Bulger, Julie sabia dessa reputação. Mas ali, em primeira mão, descobriu que tudo não passava de fachada — Bulger tomara a loja de bebidas deles.

O outro motivo para a demora foi uma espécie de paralisia. Primeiro, havia o choque da situação toda, a rapidez com que a loja fora usurpada. Depois, a raiva pela armadilha inesperada. O estágio seguinte teria sido aceitação — encarar a realidade de que havia pouco a fazer em relação à perda. Mas, antes de a raiva se mitigar numa espécie de desespero silencioso, os Rakes, principalmente Julie, decidiram partir para a briga. Em retrospecto, talvez ela devesse ter pensado melhor e mostrado mais sensatez para enfrentar a dura realidade em South Boston. Mas ninguém — nem os Rakes, nem seus parentes, nem qualquer outra pessoa — sabia até que ponto Bulger dominara o bairro por completo... e muito além, aliás.

Pouco depois do ocorrido, Julie e Stephen foram ver o tio dela, o detetive de Polícia de Boston Joseph Lundbohm, policial veterano que entrara para a polícia em 1958 e se encontrava na divisão de homicídios. Ele era irmão da mãe de Julie e morava com a família em Quincy, ao sul de Boston. Fora ao casamento de Julie e Stephen e os encontrava ocasionalmente nas reuniões de família.

Lundbohm já sabia sobre a nova loja que o casal abrira; a boa notícia se espalhara pela família. Mas não fazia ideia de muita coisa além disso. Após conduzir Julie e Stephen à cozinha, todos se sentaram. Julie foi quem mais falou, e ela desabafou, contando “sobre os homens que foram à sua casa e afirmaram que iam comprar a loja”, lembrou Lundbohm. O relato incluía a parte sobre Weeks, a arma e a filha, e o policial ficou rígido na cadeira — a ameaça era inequívoca. Falar sobre aquilo deixou Julie transtornada. Quando terminou, Lundbohm esperou alguns minutos até que ela se acalmasse.

Julie perguntou ao tio se havia algo a fazer, se poderiam conversar com alguém. Lundbohm respondeu que ele conhecia alguém em quem “confiava e que era agente do FBI”. Lundbohm raciocinou que aquele tipo de extorsão era um caso perfeito para o bureau. Afinal, a agência federal tinha mais recursos em termos de homens e capacidade técnica, como equipamentos modernos de vigilância eletrônica. Além disso, Bulger e Flemmi eram chefes do crime organizado. E era o FBI, não a Polícia de Boston, que tinha como especialidade conduzir casos contra o crime organizado. Os federais eram os bambambãs, e o melhor de tudo: o agente que Lundbohm conhecia fazia parte do Esquadrão de Crime Organizado.

Os Rakes concordaram e foram embora.

Lundbohm não tardou a ligar para o agente. Poucos dias depois, os dois homens da lei estavam sentados diante do café da manhã num restaurante de Boston — de um lado, o detetive de Polícia de Boston Lundbohm; do outro, o agente do FBI John Connolly.

Após um breve bate-papo, o agente perguntou o que Lundbohm tinha em mente. Ele contou tudo a Connolly — sobre a sobrinha ter inaugurado um negócio com o marido, depois a arma, a menina e o dinheiro. Connolly escutou. Ao contrário dos outros crimes, aquele não era justificável aos olhos do FBI, como era necessário para Bulger conservar sua posição no submundo de modo a manter o bureau informado sobre a Máfia. A jogada de Bulger contra os Rakes nada tinha a ver com a Máfia.

Confrontado com o dilema, Connolly optou pelo que a essa altura já se tornara um reflexo. O agente federal deixou que o detetive terminasse e perguntou:

— Os Rakes estariam dispostos a usar uma escuta?

De todas as opções, ele sugerira a mais intimidante. Connolly não sugeriu levar o casal para uma conversa com os agentes do FBI. Nada comentou sobre como o bureau talvez quisesse

proceder com cautela antes de investigar Bulger mais a fundo. Ele estava jogando pesado, como se a única opção fosse a mais perigosa e capaz de esfriar os ânimos dos Rakes.

— Eles teriam medo — respondeu Lundbohm na mesma hora.

Lundbohm sabia — na verdade, todo policial sabia — que grampear alguém para se encontrar com Whitey Bulger era muito arriscado, extremamente perigoso. Os homens do bureau não convenciam nem bandidos convertidos em informantes a nadar nas águas de Bulger com uma escuta no corpo. A ideia de pôr civis numa situação de risco como essa era uma inconsequência. Os Rakes não saberiam onde estavam se metendo. Além do mais, o assassinato de Brian Halloran, ocorrido dois anos antes, continuava fresco na memória de policiais como Lundbohm. Circulava a história de que ele tinha sido baleado pouco depois de procurar o FBI. Lundbohm repudiou qualquer conversa sobre grampos. Era como pedir a alguém para pular da Tobin Bridge.

— Acho que não — disse o policial. — Eu aconselharia contra.

— Então não tenho certeza se dá pra fazer muita coisa, Joe.

— A reunião estava encerrada. — Mas vou investigar.

Connolly nunca investigou. Nem sequer redigiu relatório com a informação de Lundbohm. Ele não repassou a informação a seu novo supervisor de esquadrão, Jim Ring, nem que fosse apenas para discutir como lidar com a acusação contra dois de seus informantes secretos. Em vez disso, por conta própria, Connolly resolveu que a extorsão cometida por Bulger e Flemmi não se tornaria assunto do bureau, decisão que sem dúvida não cabia a ele tomar sozinho. “Sem dúvida eu teria esperado que ele me procurasse”, declarou Jim Ring mais tarde. “Era o trabalho dele. Havia a alegação de uma extorsão sendo feita. Era isso que ele devia fazer. Era pra ele ir falar comigo. Ele não tinha autoridade pra sair por aí lidando com isso por conta própria.”

No entanto, Connolly repassou o que sabia para uma pessoa: Whitey.

Depois do café da manhã com Connolly, Lundbohm ligou para Julie Rakes e informou que, mesmo rejeitando a ideia de fazer Stephen usar uma escuta, o assunto passara para as mãos do FBI, que entraria em contato.

Mas poucos dias depois da reunião de Lundbohm com Connolly, durante uma visita à casa do detetive, Stephen Rakes o chamou de lado, para que Julie e a esposa do detetive não escutassem. Rakes parecia nervoso ao conversar num canto com o tio de sua esposa.

“Whitey disse pra você ficar longe”, contou Rakes a Lundbohm, e, abalado, continuou, dizendo que Whitey o parara na rua em South Boston e dissera: “Manda o Lundbohm ficar longe.”

Na mesma hora, uma única coisa passou pela cabeça de Lundbohm: Bulger sabia de sua conversa com Connolly. E, mais do que nunca, Julie e Stephen corriam perigo. A verdade chegou como um tapa na cara: todos os caminhos levavam a Bulger.

Bulger mandou Stephen Rakes passar na loja muitas vezes durante as semanas que se seguiram, e Rakes assinou os documentos de modo que a aquisição do ponto parecesse perfeitamente normal. A transferência foi feita exclusivamente para Kevin Weeks, embora mais tarde este desse entrada em documentos incluindo como coproprietários Bulger e a mãe de Flemmi, Mary. Stevie Flemmi diria mais tarde que a loja era prova de que ele e Bulger tinham um negócio legítimo — alegação absurda que seria quase risível, não fosse a sinistra extorsão por trás da aquisição.

Mesmo antes de os papéis ficarem prontos, Weeks apareceu na loja e assumiu o posto atrás do balcão, com Bulger sempre por perto. O letreiro na frente logo foi mudado de Stippo's para South Boston Liquor Mart. Depois, um enorme shamrock, o trevo verde de três folhas símbolo da Irlanda, foi pintado na fachada de cimento. Posteriormente, por indicação de John Connolly, o FBI

em Boston começou a comprar na loja suas bebidas para as festas de fim de ano.

As histórias se espalharam pouco a pouco por South Boston. Dizia-se à boca pequena que Stephen Rakes ficara pendurado pelos tornozelos na Broadway Bridge. Houve rumores de uma arma encostada na cabeça de Stephen, de que ele perdera a loja num jogo de cartas. Mas Rakes apenas negava todo o disse me disse e ficava na dele.

Para se sustentarem, Stephen e Julie recorreram ao saco de papel escondido num baú na casa da mãe de Julie. Trataram suas feridas com um pouco de ganância — um novo Dodge Caravan e uma viagem de carro ao Disneyworld, e no ano seguinte usaram parte do dinheiro para dar entrada numa casa no subúrbio, em Milton, e deixar South Boston. O filho deles, Colby, nasceu em 5 de junho de 1984. Stephen Rakes deu ouvidos à advertência; ele ficou longe.

Quando os Rakes estavam na Flórida, surgiu o boato de que Bulger matara Stephen. Weeks o rastreou no Disneyworld e mandou que voltasse. Stephen deixou sua família por lá e, para acabar com o falatório, apareceu ao lado de Bulger, Flemmi e Weeks num cruzamento agitado, para que todos vissem que continuava vivo.

Rakes entrou na linha, assim como muitos outros em Southie. Acabou convocado para comparecer perante um grande júri federal que investigava extorsão e lavagem de dinheiro na loja de bebidas de Bulger. Foi chamado duas vezes, em 1991 e 1995. Dias após a primeira audiência, Bulger parou o carro ao seu lado quando ele caminhava por South Boston e o chamou pela janela do passageiro: “Ei, eu estou de olho em você.” Mas Whitey não tinha motivo para se preocupar com Stephen Rakes. Nos dois comparecimentos perante o grande júri ele descreveu como vendera a loja de livre e espontânea vontade para Kevin Weeks dias depois de inaugurá-la. O motivo? Sob juramento, Rakes

disse que não estava dando conta do trabalho, que se endividara demais, e não apreciava a pesada carga horária necessária para tocar o negócio. Declarou que Weeks lhe dera 5 mil dólares, além dos 20 mil que investira na loja, totalizando 25 mil dólares. Foram mentiras bobas em que ninguém acreditou, a despeito de todo o esforço de Rakes para parecer relaxado e convincente. E as mentiras tiveram um preço.

Rakes foi acusado de perjúrio e obstrução da justiça e, em 1998, condenado por ambos os crimes no tribunal federal. Para Rakes, foi uma dupla injustiça — o governo que não o protegeu foi atrás dele, enquanto Whitey continuava à solta. Mas, para Stephen Rakes, era um destino preferível a ter de enfrentar Bulger.

CAPÍTULO DOZE

O mito Bulger

O detetive Dick Bergeron, do Departamento de Polícia de Quincy, puxou a cadeira para perto da máquina de datilografar Royal em sua mesa de bronze.

Datilografar não era seu forte; seu forte era trabalhar nas ruas e caçar gângsteres. Ele se acomodou desajeitadamente no lugar e começou a catar milho.

O detetive datilografou a palavra: “ULTRASSECRETO”.

Em seguida, bateu: “ASSUNTO: Alvos Propostos de Investigação para Vigilância Eletrônica Sofisticada”.

Datilografou os nomes dos dois alvos:

I. James J. (“Whitey”) Bulger.

Data de nascimento: 3 de setembro de 1929

Número de seguridade social: 018-22-4149

II. Stephen Joseph (“Homem-Rifle”) Flemmi.

Nascimento: 9 de junho de 1934

Número de seguridade social: 026-24-1413

Era 19 de junho de 1983, e, espalhados sobre a mesa de Bergeron, estavam pilhas de anotações e relatórios de vigilância. Ele usava o material para redigir um relatório de sete páginas, com espaço simples, para seus superiores na Polícia de Quincy sobre os dois “notórios líderes do crime organizado”. Chegara a hora de a polícia fazer alguma coisa em relação a eles.

Bergeron vinha observando Bulger e Flemmi havia meses. Descobrira que Bulger não só era o chefe do crime em South

Boston, como também controlava o crime organizado na cidade de Quincy e “além, em South Shore”. Seguindo Whitey, Bergeron e os demais detetives da unidade de crime organizado haviam descoberto que Bulger se mudara para o coração de onde moravam. Como Bergeron escreveu: “O elemento em questão, Bulger, reside atualmente em um apartamento no número 160 da Quincy Shore Drive, Quincy, situado em um condomínio de luxo chamado Louisburg Square. O número do apartamento ou unidade é 101.” Bergeron descobriu que o lugar não estava registrado no nome de Bulger. A proprietária era Catherine Greig, uma namorada de Whitey. O preço de venda para a unidade em 1982 foi de 96 mil dólares — em dinheiro e no ato, nada de hipoteca. “As persianas na dita unidade ficam geralmente abaixadas, e há cartolinas coladas nas pequenas vidraças das portas de entrada.” (Na época, Bergeron ignorava a sinistra proximidade que o condomínio tinha de um túmulo. O endereço ficava a apenas cerca de cem metros de onde Bulger e Flemmi, oito anos antes, haviam enterrado o corpo de Tommy King, à margem do rio Neponset.)

Os policiais constataram que Bulger dirigia o crime organizado de Quincy e começara a passar as noites por lá — motivo suficiente para entrarem em ação. Mas Bergeron deparou com uma guinada intrigante e completamente nova na carreira do chefe criminoso. Consultando sua própria rede de informantes do submundo, o policial descobriu que Bulger e Flemmi “atualmente parecem ter ampliado seus horizontes para o narcotráfico”. Com a “expansão para o mercado da droga”, escreveu Bergeron na insípida prosa oficial, “ajudarão pessoas a destruírem as próprias vidas”.

Bergeron terminou de datilografar o relatório, entregou-o ao chefe e voltou às ruas. Ele e outros detetives continuaram seguindo Bulger conforme o gângster fazia o trajeto entre a cidade deles e South Boston, encontrando-se regularmente com

Flemmi, outros gângsteres importantes e George Kaufman, o comparsa que frequentemente atuava de testa de ferro para eles como proprietário nominal de suas oficinas. No início de 1984, Bergeron viu Bulger e Flemmi trocando o letreiro na fachada da loja de bebidas da rotatória por um novo: South Boston Liquor Mart.

A proposta escrita de Bergeron acabou trafegando pelos diversos canais das forças da lei e terminou na agência federal especializada em narcotráfico, a Drug Enforcement Administration. O relatório de Bergeron era consistente com o serviço de inteligência da própria agência. A DEA prendera um traficante importante, Arnold Katz, que contara aos agentes sobre os negócios entre Bulger e outro traficante de peso, Frank Lepere, o criminoso visto pela polícia estadual com Bulger na garagem da Lancaster Street durante a vigilância em 1980. Katz revelou para a DEA que, no início da década de 1980, Lepere forjara uma “aliança com Whitey e seu parceiro, Stevie Flemmi, na qual concordava em pagar aos dois sempre que contrabandeasse uma carga de entorpecentes, em troca de proteção”. Katz declarou que Lepere lhe contara tudo sobre o acordo pessoalmente, incluindo a entrega dos pagamentos numa maleta cheia de dinheiro para Bulger.

A DEA tinha mais. No início de 1981, um informante confidencial relatou que Bulger e Flemmi ganhavam terreno — “tentando controlar o tráfico de drogas na região ao exigir pagamentos em dinheiro e/ou porcentagem dos lucros para permitir a operação dos traficantes”. Com a chegada do relatório de polícia sigiloso de Quincy, dois agentes da DEA, Al Reilly e Steve Boeri, foram nomeados para trabalhar com Bergeron. Reilly e Boeri rapidamente adicionaram informações à pilha crescente sobre Bulger. Em fevereiro de 1984, Reilly se encontrou com um de seus informantes, chamado de “C-2” nos relatórios da DEA, que lhe contou que traficantes de cocaína

estavam se queixando por precisar pagar uma “taxa de proteção para Whitey”. O informante identificou um dono de pub em South Boston que pagou a Bulger pelo direito de vender “pequenas quantidades de cocaína e heroína no bar”. Depois o agente Boeri se encontrou com um de seus informantes, chamado de “C-3”, que conhecia Bulger havia duas décadas e afirmou que o ambicioso gângster “mais recentemente” assumira o controle da “distribuição de droga na área de South Boston”.

O tema da droga foi reiterado por “C-4”, bem como por outras fontes do submundo, e no início de 1984 as peças começaram a se encaixar para uma investigação conjunta das atividades de Bulger no narcotráfico. O caso, chamado Operação Feijão, envolveria principalmente a DEA e os detetives de Quincy.

O caso avançara de baixo para cima graças ao trabalho da polícia, sobretudo por meio dos esforços árduos e entediantes de Bergeron e seus colegas. Reunindo material de vigilância noite após noite ao longo de 1983 e início de 1984, Bergeron descobriu muita coisa sobre Bulger. Examinando seu lixo no condomínio, não só encontrou uma inofensiva lista de compras intacta, na caligrafia rebuscada de Greig — “aspargo, peito de frango, sorvete, ricota, azeite” —, como também documentos de Bulger picados ou queimados. Ele descobriu que Bulger era “uma pessoa de hábitos”, saindo do condomínio em Quincy mais ou menos no mesmo horário toda tarde para jantar na casa de Teresa em South Boston. Depois, uma noite inteira de reuniões secretas de negócios, a maior parte na loja de bebidas. Por fim, de volta ao condomínio. Se fizesse sol no dia seguinte, era comum vê-lo no terraço do segundo andar, no começo da tarde, para tomar um pouco de ar fresco, às vezes ainda de pijama.

Bergeron revelou um homem de vida dupla. Era óbvio que Teresa não sabia sobre Catherine. Mas, além de suas mulheres, Bergeron testemunhou outra traição de Bulger: contra seu bairro. Whitey controlava com mão de ferro as drogas que circulavam

por South Boston e além. Obrigava os traficantes a pagar “aluguel” para cada grama de “Papai Noel”, codinome em Southie para cocaína. Extorquia sua cota de tudo, de papelotes a quilos, de baseados a fardos de maconha embrulhados em aniagem. Logo ali do outro lado da rotatória, em certos apartamentos do conjunto habitacional Old Colony, próximo ao lugar onde Bulger crescera em Old Harbor, pessoas batiam na porta a qualquer hora do dia ou da noite. Jovens rapazes, até algumas mães, vendiam drogas em seus domicílios — pó de anjo, mescalina, diazepam, anfetamina, coca e heroína —, e nada acontecia sem o aval de Whitey. (Paul “Doninha” Moore, um dos subordinados de Bulger no tráfico, tinha um apartamento em Old Colony.) Muitas vezes Bulger se referia às drogas como “uma merda do caralho”, mas a repulsa não o impedia de faturar uma grana preta com o narcotráfico, que era bem mais ativo nos conjuntos habitacionais vizinhos do que nas ruas da classe média de City Point. Chegou a um ponto em que a “P-dope”, uma heroína adulterada, custava apenas 4 dólares a dose — mais barato que um pacote com meia dúzia de cervejas.

Levaria mais uma década para o código de silêncio começar a ser quebrado, quando grupos de vítimas apareceriam para começar a reagir contra a maré Bulger, quando assistentes sociais tomariam as ruas para cuidar dos jovens locais e insistir que parassem de cheirar cocaína e injetar heroína, quando ex-viciados se insurgiriam. Aos 18 anos, um jovem de Southie descreveu com franqueza como não via o pai fazia oito anos, como a mãe morrera de overdose, como ele chegara a tentar se enforcar no corredor de seu conjunto habitacional. Mas, depois de tudo isso, na verdade ele se considerava sortudo: fazia catorze meses que não injetava. Houve o caso de Chris, rapaz de 19 anos que descreveu seus sete anos perdidos para as drogas — uma espiral que começou com bebida e maconha, depois LSD, cocaína e heroína. Ele passara um tempo na prisão,

mas estava determinado a andar na linha. “Não tem nada pra mim se eu voltar, nada, a não ser uma lápide com o meu nome.” Patrick, de 39 anos, um viciado em recuperação, falou sobre o barranco escorregadio que aguardava os junkies adolescentes: “Quando estão com 14 ou 15 anos, começam a cheirar. Eles falam: ‘Eu nunca vou enfiar uma agulha no braço.’ Daí, depois que enfiam, falam: ‘Eu nunca vou usar uma agulha suja.’ Logo, logo estão se picando com uma agulha enferrujada.”

Mas a transição não consistia apenas de histórias de recuperação. Más notícias eram muito frequentes. Shawn T. “Rooster” Austin, rapaz de 20 anos que cresceu no Old Colony, foi encontrado morto certa manhã numa pensão, de possível overdose. Um papelote de heroína vazio e uma seringa sem agulha foram achados perto do corpo. “Eu consigo me lembrar dele como um menininho andando de bicicleta”, disse uma moradora do Old Colony, acrescentando que vira Rooster semanas antes do ocorrido. “Ele vinha dizendo que todos os amigos dele estavam morrendo, que a única coisa que ele fazia era ir a velórios. Agora, e pensar...” Patricia Murray, moradora de Southie de 29 anos, largara a escola no ensino médio e era viciada em heroína quando foi presa no fim dos anos 1980, acusada de prostituição. “Você acha que eu gosto de andar por aí na rua?”, perguntou na época, as pernas magrelas cobertas de feridas. “Bom, não gosto.”

Mas na década de 1990, pela primeira vez, as pessoas partiram para o contra-ataque. Michael McDonald, que também cresceu no Old Colony e um dia escreveria um best-seller sobre sua vida em Southie, fundou o South Boston Vigil Group. As drogas haviam devastado sua família, e dois irmãos seus morreram brincando com o fogo atizado por Whitey. “Temos ignorado muito sofrimento neste bairro”, disse ele certa vez. “Se você vê esta comunidade do modo como vê um viciado, estamos no estágio em que o viciado admite ter um problema.”

Ex-viciados como o ator Leo Rull surgiram para lutar no front da nova guerra contra as drogas em Southie. Aos 18 anos, em meados da década de 1980, ele fora um usuário pesado de pó de anjo e coca, e uma década mais tarde se descrevia como “um homem com uma missão”, tentando salvar as vidas de uma nova geração de jovens no conjunto habitacional, às vezes pegando as vítimas de overdose caídas nos becos, levando-as ao pronto-socorro e depois permanecendo a seu lado para aconselhá-las. Rull trabalhava para uma agência subvencionada pelo governo federal que vinha tentando romper com o ciclo de penúria e drogas nas áreas mais pobres de Southie e Roxbury, uma ironia, dada a antiga animosidade. Durante a lei do transporte escolar obrigatório, um dos cantos de guerra em Southie dizia que Roxbury era infestada de problemas que não existiam em seu bairro, cujos 29 mil moradores — e especialmente seus políticos — viam como o melhor e mais abençoado lugar para se viver.

Mais tarde, ainda na década de 1990, a cidade de Boston planejava abrir o primeiro centro de desintoxicação e tratamento do estado, voltado exclusivamente para os usuários adolescentes. Dentro do antigo presbitério na igreja de Santa Monica, na rotatória próxima à loja de bebidas de Whitey Bulger, a instituição de caridade Catholic Charities abriu a Home for Awhile, uma casa de reabilitação temporária com doze leitos para meninos entre 14 e 18 anos enviados por recomendação do tribunal de South Boston ou de centros de desintoxicação.

Ainda que alguns acreditassem que a presença dos negros e a lei do transporte escolar fossem as duas grandes forças desagregadoras do bairro, a questão não se resumia a isso: um de seus filhos também fazia parte do problema. Southie sofria nas mãos de Whitey. Essa era a realidade constatada por Bergeron, pelos agentes da DEA, pelos policiais estaduais, por todos os traficantes locais. Tempos depois, um traficante contou a um agente da DEA disfarçado que, se você queria vender

drogas em Southie, ou “paga a Whitey Bulger, ou não vende, ou então acaba morto”.

Mas na década de 1980 essas eram verdades que o velho bairro relutava em confrontar. Muito pelo contrário: o morador comum se agarrava à ideia de que Whitey protegia a comunidade. Mais poderoso do que qualquer político, Bulger estava ali para servir e zelar por eles. Pensar assim lhes infundia ânimo; o desejo de um protetor nunca fora maior do que após a imposição do transporte escolar, quando grande parte de Boston e até da nação injustamente menosprezaram Southie como um lugar racista e atrasado. Whitey raramente era visto, mas sua presença era palpável, para muitos uma fonte de conforto. Ele chegava ao ponto de mandar flores ou contribuir para as despesas funerárias de uma família que perdia um membro para as drogas ou a violência. Dessa forma, continuava do jeito que queria — nas sombras, com as mãos limpas. Drogas e prostituição talvez fossem “um estilo de vida em outras áreas da cidade, mas não vão ser toleradas em South Boston”, declarou corajosamente o Centro de Informação de South Boston em um de seus informativos, ainda que as estatísticas criminais revelassem que o bairro era exatamente igual a qualquer outro na cidade — dominado pelo tráfico. Entre 1980 e 1990, as prisões anuais ligadas a drogas triplicaram em Southie. Os casos envolvendo narcóticos dobraram no Tribunal Distrital de South Boston de 1985 a 1990, e um detetive da Polícia de Boston afirmou acreditar que havia mais cocaína *per capita* em Southie do que em qualquer outro lugar da cidade. No fim das contas, a personalidade do bairro — reservado e profundamente desconfiado de forasteiros — apenas serviu ainda mais ao propósito de Whitey.

Mas, assim como o bairro procurava tapar o sol com a peneira, o FBI em Boston não queria saber da verdadeira história sobre Bulger e as drogas, nem sobre as baixas esquecidas,

como Patricia Murray. Em vez disso, circulando pelas ruas de Southie e pelos corredores do FBI, havia uma versão amigável de Whitey como benfeitor: o gângster odiava drogas, odiava traficantes e fazia o possível para deixar Southie livre do tráfico.

Era o típico choque entre mito e realidade.

* * *

A persona antidrogas de Whitey Bulger foi uma das histórias mais persistentes e duradouras sobre o chefe criminoso. Era uma condição que Bulger, aliado a John Connolly, demarcara por meio de uma prestidigitação verbal. Para o gângster que dizia ter princípios, o dinheiro da droga era distinto das drogas em si. Ele podia achacar os traficantes por um “aluguel”, emprestar-lhes dinheiro para começar no negócio e exigir que comprassem de fornecedores com quem ele e Flemmi tinham sociedade. Bulger tornara o mundo um lugar seguro para os traficantes em troca de uma fatia do bolo, mas, pessoalmente, não chegava perto dos papalotes de cocaína ou dos saquinhos de maconha. Essa distinção se tornou a base da conversa fiada em torno de Bulger: ele não mexia com drogas.

Era uma espécie de cambalhota semântica tortuosa, mas havia um precedente: a postura de Bulger em relação às bebidas alcoólicas. Whitey bebia apenas ocasionalmente, e, quando o fazia, só tomava uma ou duas taças de vinho. Ele odiava ver os outros bebendo. Mesmo no Dia de São Patrício, queixava-se das pessoas bebendo em plena luz do dia. Certa vez, declarou que “não confiava em ninguém que bebia”. Afirmava que pessoas que bebiam “eram fracas” e podiam denunciá-lo.

Durante as duas décadas juntos, a única vez que Bulger bateu em Teresa Stanley foi depois de ela ter ficado até tarde tomando vinho na casa de uma amiga. Se ela bebesse duas taças, era como se tivesse entornado uma dúzia. “Ele quase me matou por

beber duas taças de vinho”, recordou ela. Contudo, ao mesmo tempo que repreendia a namorada por tomar um pouco de vinho, Bulger se firmava como o maior fornecedor de bebidas do bairro. Era com um sorriso no rosto que esvaziava a caixa registradora da loja que usurpara de Stephen e Julie Rakes, e certa vez ele se vangloriou diante de um patrulheiro de Boston: “A gente tem a loja de bebidas mais movimentada por aqui.” Alguns não se deixavam levar pela hipocrisia. Um número cada vez maior de viciados de todo tipo fazia piada sobre o cartaz pendurado numa das lojas controladas por Bulger: “Say Nope to Dope” — Diga Não às Drogas. A loja de bebidas controlada por Bulger recebeu o apelido de “loja da máfia irlandesa”.

Em certo momento, o próprio Flemmi foi pego de calça curta tentando fazer colar essa conversa mole. Sob juramento, alegou que não poderia ser processado pela operação de jogo ilegal que ele e Bulger mantiveram durante a década de 1980 porque o FBI sabia de sua existência e até a “autorizara”. Como parte da justificativa, Flemmi descreveu a operação: na maior parte, ele e Bulger exigiam que os agenciadores de apostas lhes pagassem um “aluguel” por proteção.

— Então, parte do negócio com jogo era achacar os *bookmakers*? — perguntou um promotor.

— Está correto — respondeu Flemmi.

O promotor foi à carga.

— Se vocês estavam achacando traficantes de drogas, quer dizer que faziam parte do negócio, certo?

— Vou invocar a Quinta aí — respondeu Flemmi, lembrando a Quinta Emenda da Constituição do país, que garante ao acusado o direito de não testemunhar contra si mesmo.

Flemmi estava num mato sem cachorro. Confrontado de repente com o argumento de estender a mesma lógica às drogas, ele deu para trás. Se não tivesse feito isso, teria

implodido a ficção confortável que servira a ele e Bulger por anos — a alegação de que não se envolviam com entorpecentes.

De acordo com suas diretrizes para informantes, ao saber que Bulger estava envolvido em atividades com drogas, o FBI deveria ter encerrado abruptamente o acordo que ele, Connolly e Morris haviam preservado com tanto afincio. No entanto, em vez disso, tentaram desacreditar e tirar o foco do serviço de inteligência que ligava Bulger às drogas, e que melhor maneira de fazer isso do que cultivando uma definição de narcotráfico que separasse o dinheiro da mercadoria? Assim Bulger, Flemmi e Connolly poderiam todos lançar mão de um refrão: achacar traficantes não fazia de Bulger a pessoa que ele de fato era — um barão da droga.

* * *

Desde o início, Bulger teve ajuda de Connolly para se pintar como um gângster contra as drogas. Durante a crucial reunião em 25 de novembro de 1980, em que Larry Sarhatt conduziu sua revisão de adequabilidade sobre Bulger, o gângster, segundo Connolly, declarou que não estava “no negócio das drogas e pessoalmente odeia qualquer um que esteja. Assim, nem Whitey nem qualquer de seus comparsas têm qualquer coisa a ver com o tráfico”. Dentro do bureau, as palavras de Bulger nunca foram postas à prova: se Bulger dizia, devia ser verdade. E, em janeiro de 1981, enquanto outras agências policiais documentavam a aliança de Bulger com o traficante Frank Lepere, John Connolly edulcorava os arquivos do FBI com a visão oposta. Relatou que Bulger e Flemmi estavam se distanciando de Lepere devido à opção deste pelas drogas. Escreveu que Bulger de fato se associara no passado a Lepere, mas que, pouco tempo antes, havia “se livrado dele por causa de seu envolvimento com o tráfico de maconha”.

Foi uma proteção que veio a calhar em 1984.

O FBI não participou ativamente da Operação Feijão planejada pela DEA e pela Polícia de Quincy. Mas, por questão de cortesia, a DEA notificou a divisão do FBI em Boston sobre suas intenções. Então, surgiu um dilema no escritório de Boston: o que fazer com Bulger e Flemmi? Para decidir, a superintendência do bureau na cidade naturalmente se voltou aos agentes em melhor posição de aferir o que Bulger e Flemmi andavam tramando: John Connolly e Jim Ring, que substituíra John Morris como supervisor no Esquadrão de Crime Organizado. Ring, um quarentão, viera combatendo a Máfia na região da Nova Inglaterra por quase uma década, mas na maior parte baseado em Worcester, cidade no centro de Massachusetts vista pelos agentes como um posto avançado de menor importância. Desde que assumira o esquadrão, recordou Ring, Connolly insistia com ele que Bulger e Flemmi “não estavam envolvidos com drogas, não usavam drogas e odiavam traficantes, e que os dois nunca permitiriam drogas em South Boston”. Quando a superintendência começava a fazer perguntas, Connolly, autoridade inabalável no bureau para qualquer assunto ligado a Bulger, se munia dos arquivos do FBI para descartar qualquer possível relação entre o gângster e o tráfico.

Precisando notificar a sede do FBI em Washington, D.C., sobre os planos da DEA, o escritório de Boston enviou um telex de duas páginas em 12 de abril de 1984, explicando que a DEA estava mirando Bulger e Flemmi, “que a DEA alega serem indivíduos que controlam um grupo de narcotraficantes”. Mas o FBI em Boston pedia calma. Declarava que as alegações da DEA “carecem de base, e a DEA não forneceu qualquer informação específica relativa ao envolvimento deles”. O telex concluía que Bulger não devia ser “desligado devido a suas valiosas colaborações no passado, no presente e no futuro”.

Ring redigiu posteriormente, ainda em 1984, um memorando mais detalhado explicando a posição isenta da divisão de Boston em relação à Operação Feijão, e mais uma vez o FBI de Boston endossou a versão antidrogas de Bulger.

Em outubro do mesmo ano, Ring escreveu que, embora a investigação da DEA “possa estar correta, não é consistente com nosso serviço de inteligência relativo às atividades desses indivíduos”. Acima de tudo sob a batuta de Connolly, mas também de Ring, o escalão superior de Boston simplesmente não acataria o falatório sobre tráfico implicando Bulger.

Mas, pelas costas de Ring, até Connolly parecia envolvido em conversas reservadas no FBI sobre Bulger e as drogas. No início de abril de 1983, quinze toneladas de maconha foram apreendidas num armazém no número 345 da D Street, em South Boston. A droga pertencia a um traficante chamado Joe Murray, e, após a batida, Connolly conversou com um agente chamado Rod Kennedy. Tempos depois, Rod contaria que Connolly descreveu com todas as letras como Bulger lucrava com o tráfico de Murray.

“A conversa consistiu basicamente de que Joe Murray era obrigado a pagar aluguel ao senhor Bulger e ao senhor Flemmi por usar South Boston como depósito para sua atividade com drogas”, recordou Kennedy. Segundo ele, Connolly lhe contou que Murray pagara a Bulger e Flemmi algo entre 60 mil e 90 mil dólares por aquela carga em particular. “Era tipo um dinheiro de aluguel por ter usado, sabe, ter entrado em South Boston e usado aquela área para atividade ilícita com drogas”, disse Kennedy, acrescentando que a essa quantia se somava o tributo mais regular.

Mas isso foi extraoficialmente. Em relatório que protocolou após a batida, Connolly não escreveu uma palavra sobre os pagamentos que Murray vinha fazendo a Bulger e Flemmi. Em vez disso, afirmou que “a equipe de Murray” tinha medo de que

Bulger ficasse “irritado com eles por armazenar o fumo em sua cidade”.

No entanto, tendo trabalhado brevemente como ligação do bureau com a DEA para a Operação Feijão, Kennedy compartilhou com os agentes da DEA Reilly e Boeri algumas das informações sobre as atividades de Bulger no narcotráfico. (Um informante contara a Kennedy que Bulger confiava num traficante de South Boston chamado Hobart Willis para agir como seu intermediário com Joe Murray.) Mas Kennedy nunca contou nada a Ring, e tampouco contou ao supervisor ou aos agentes da DEA a respeito da revelação de Connolly sobre Joe Murray e Bulger. Kennedy achava que isso era responsabilidade de Connolly, não dele. Além do mais, Kennedy achava que Connolly provavelmente esperava que “o assunto não fosse passado adiante”, nem queria ficar no caminho de Connolly.

No fim, outros agentes do FBI em Boston teriam informantes lhes contando sobre a ligação de Bulger com as drogas. Em meados dos anos 1990, até um traficante de Bulger — Polecat Moore — decidiu testemunhar contra ele. E outros foram pelo mesmo caminho. David Lindholm contou aos investigadores que em 1983 foi chamado em East Boston, onde Bulger e Flemmi lhe encostaram uma arma na cabeça para convencê-lo a pagar a cota do tráfico. Em 1998, o juiz federal Mark Wolf determinou que Flemmi mentira para o supervisor do FBI Jim Ring em 1984 ao negar seu envolvimento, e o de Bulger, com o narcotráfico. “Sou do parecer de que ele [Flemmi] estava no mínimo envolvido [...] na extorsão a traficantes”, disse Wolf em 2 de setembro de 1998.

Mas Connolly nunca deu o braço a torcer. Desempenhara um papel central na criação do mito e a ele permaneceu aferrado. “Bom, sabe, eu nunca vi evidência alguma de que eles mexessem com drogas”, afirmou, ainda em 1998 — seis semanas após os comentários do juiz Wolf no tribunal. Às favas com as provas, os testemunhos, o veredito do juiz federal. “Quer

dizer: ter envolvimento com um traficante de drogas, coletar dinheiro deles... eles são a forma mais baixa de vida. Um cara como Flemmi ou como Bulger nunca se colocaria em posição de negociar com esses caras.”

É mais fácil mentir para os outros quando você mente para si mesmo.

* * *

Bergeron não tardou a encontrar mais um motivo para querer derrubar Bulger e Flemmi. O detetive acreditava ter perdido um informante promissor para eles. Tudo começou certa noite de domingo, no início de outubro de 1984, quando Bergeron foi chamado a se dirigir às pressas rumo à central. Ao chegar, soube que outros policiais de Quincy haviam detido John McIntyre, de 32 anos, para interrogatório. O veterano do exército tinha uma série de pequenos desentendimentos com a lei e fora pego numa tentativa de invadir a casa da esposa, de quem estava separado. Mantido numa das celas claustrofóbicas e mal-iluminadas, a conversa de McIntyre não demorou a ficar incompreensível para os patrulheiros. O homem começou a tagarelar sobre maconha, navios de suprimentos, contrabando de armas e, o mais chocante de tudo, o *Valhalla*.

O *Valhalla*, um barco de pesca, deixara Gloucester, Massachusetts, no dia 14 de setembro para passar algumas semanas pescando espadarte. Ao menos era isso o que se alegava. Na verdade, carregava sete toneladas de armas avaliadas em 1 milhão de dólares — 163 armas de fogo e setenta cartuchos de munição — destinados ao IRA, na Irlanda do Norte. A pouco mais de trezentos quilômetros da costa irlandesa, o *Valhalla* cruzou com uma traineira vinda da Irlanda, o *Marita Ann*. O carregamento foi transferido, e a operação pareceu um sucesso. Mas a marinha irlandesa recebera uma denúncia e

interceptou o *Marita Ann* em alto-mar. A captura de um arsenal destinado ao IRA ganhou as primeiras páginas dos dois lados do Atlântico.

Bergeron convocou Boeri, e os dois foram se sentar com McIntyre na sala do chefe dos detetives na central de Quincy, com um gravador ligado. Bergeron ficou estático quando os nomes de alguns homens que ele andava perseguindo escaparam dos lábios de McIntyre: Joe Murray, principal contrabandista de drogas operando em Charlestown; e Patrick Nee, de Southie, que atuava como conexão entre Bulger e Murray. Identificando-se como membro da “célula” de Murray, McIntyre descreveu uma série de operações de contrabando de maconha. Descreveu sobre como nos dois anos anteriores o grupo de Murray se fundira à “organização de South Boston”, e isso significava que Nee aparecia com mais frequência, porque “eles queriam trazer alguns de seus próprios representantes, assim podiam ficar de olho em tudo”.

Com relação à malograda missão de contrabando para o IRA que apareceu nos jornais, McIntyre confessou que ajudara a carregar as armas e depois trabalhara como engenheiro do barco, e afirmou que seis tripulantes participaram da missão — ele, o capitão, um membro do IRA chamado Sean e três sujeitos do grupo de Southie. Ele só os conhecia pelos apelidos e não foi com a cara de nenhum. “Dá pra sacar na hora. Todos com aquelas boinas de lã. Usando agasalho Adidas, sem uma mancha de sujeira. Os caras não entendem nada de barco. Tomando duas, três duchas todo dia. Uns escrotos, andando pelo barco e limpando os dentes com fio dental, tomando banho toda hora. Teve uma tempestade tão feia por lá que eu e o capitão, a gente ficou feito louco de um lado pro outro por uns dois, três dias. Os caras nem saíram da cabine.”

Murray, Nee e “os caras da loja de bebida” estavam por trás do contrabando de armas, e, McIntyre garantiu, a gangue deles não

estava para brincadeira. “Os caras amarravam você com arame de piano numa pilha de lenha e largavam lá. Pra eles isso era uma piada.”

Na noite em que o *Valhalla* deixou o porto, Kevin Weeks montou guarda numa colina próxima. Kevin era durão, disse McIntyre, mas tinha também “aquele cara acima dele”. Se você fica no caminho, disse McIntyre, “ele mete uma bala na sua cabeça”. Bergeron via que McIntyre estava abalado, quase em choque. “Eu queria começar a levar uma vida normal”, dissera ele pouco antes. “É quase como viver com uma faca encostada na garganta. Nos últimos anos, não dava pra saber onde você ia parar ou de que jeito ia morrer. Quer dizer, eu não estou na vida pra acabar desse jeito.”

McIntyre nunca pronunciou o nome do “cara acima” de Weeks que supervisionava o contrabando de droga e o *Valhalla*, mas todo mundo na sala sabia de quem ele estava falando: Bulger.

Whitey era considerado um simpatizante declarado do IRA. Mas, depois de um tempo, alguns investigadores passaram a acreditar que, assim como Bulger traíra seu bairro com uma postura fajuta contra as drogas, também engambelara o IRA. Whitey havia desempenhado um papel crucial em reunir as armas para vender ao IRA, mas, depois de receber o pagamento, ele os denunciou. “Whitey deu tchau para o *Valhalla* e foi fazer uma ligação”, disse um policial, tempos depois. Mesmo que seja verdade, Bulger não foi a única fonte do vazamento. O ex-chefe do IRA em Kerry posteriormente admitiu que comprometera a transação no mar. Sean O’Callaghan, um assassino que virou informante, disse que fez isso para se vingar do IRA. A admissão da traição fez dele um homem marcado na mesma hora.

Na época, Bergeron não sabia de nada disso. Estava se inebriando com as palavras de McIntyre e achando que ganhara na loteria. “Pareceu um presente dos céus naquele momento particular”, disse. “Aquele sujeito tinha uma montanha de

informações.” Ao longo de vários dias depois disso, ele e Boeri notificaram a DEA, a alfândega e até o FBI. McIntyre estava disposto a cooperar, e planejaram usá-lo para reunir mais informação sobre o tráfico de drogas da gangue. Então, certo dia, semanas após a revelação aparentemente bombástica, McIntyre deixou a casa dos pais em Quincy, dizendo que ia se encontrar com Patrick Nee, e nunca mais foi visto. Sua picape e sua carteira foram encontradas num estacionamento. Bergeron ficou arrasado. Era a repetição de Halloran. Era a repetição de Bucky Barrett. Desaparecimentos ocorridos após uma conversa sobre Bulger e Flemmi. Houve ainda mais um sumiço naquele outono, ocorrido fora da jurisdição de Bergeron. Stevie Flemmi e Deborah Hussey passavam por um momento conturbado. O casal brigava um bocado, e Hussey ameaçou contar à mãe sobre seu caso com Flemmi. Claro que isso teria complicado as coisas para Stevie. De repente, Deborah Hussey sumiu. Aos 26 anos, assim como Debra Davis antes dela. Flemmi foi visitar Marion Hussey, em Milton. Não para lhe contar que acabara de enterrar Deborah num porão em South Boston, lugar que ele e Bulger semanas antes tinham usado para se livrar do corpo de John McIntyre, e, antes, de Bucky Barrett. Em vez disso, apenas encolheu os ombros e fez o melhor que pôde para consolar a mãe da garota.

* * *

Bergeron acreditava que Bulger e Flemmi haviam assassinado McIntyre. Ele não sabia exatamente como tinham descoberto sua cooperação, mas suspeitava do FBI. Bergeron e, particularmente, os agentes da DEA Reilly e Boeri já sabiam dos rumores circulando por todos os órgãos da lei na região de Boston de que Bulger e Flemmi eram informantes do FBI. Enquanto planejavam a Operação Feijão, eles haviam consultado o policial estadual Rick Fraelick, que forneceu à nova equipe de investigadores

fotografias dos alvos, relatórios de informantes e outros serviços de inteligência que a polícia estadual conseguira. Também lhes passou o relato completo da tentativa fracassada de vigilância eletrônica na oficina da Lancaster Street, Boston. Fraelick se convenceu de que o FBI os havia “caguetado” para a dupla.

Os novos investigadores não eram ingênuos. Eles nutriam suspeitas sobre os possíveis laços de Bulger com o FBI. Mas ninguém tinha uma prova sólida. Por seus próprios informantes, também sabiam da absoluta autoconfiança de Bulger, que gostava de se gabar de conseguir passar a perna em qualquer um que tentasse caçá-lo. Bulger menosprezava os policiais estaduais, chamando a tentativa de escuta fracassada na Lancaster Street de “piada”. Era um comportamento semelhante ao que os policiais haviam testemunhado quando faziam sua tocaia no albergue, espionando Bulger se pavonear diante da oficina, encolhendo a barriga.

Mas a verdade é que Bulger ficara bastante preocupado com a operação de escuta na oficina. Depois da Lancaster Street, os já sempre cautelosos Bulger e Flemmi passaram a tomar cada vez mais cuidado em suas ações. Bulger instalou um sofisticado sistema de alarme no apartamento que dividia com Greig. Fez o mesmo com o Chevy Caprice 1984 preto que ele e Flemmi dirigiam. (O carro estava registrado no nome da irmã de Kevin Weeks, Patricia, que trabalhava como escrivã na Polícia de Boston.) No apartamento, Bulger passara a manter a TV e o aparelho de som ligados. No carro, sempre aumentava o volume do rádio e deixava um scanner de polícia crepitando com estática para mascarar os sussurros. Depois, ao final do dia, estacionava o carro bem na porta do edifício, onde pudesse ficar de olho.

Além de tudo, Bulger e Flemmi haviam se isolado ainda mais, principalmente Whitey. Em vez de se expor a um fluxo constante de figuras do submundo — como fora o caso diariamente na garagem da Lancaster Street —, ele se recolheu. Conforme

contou um informante aos investigadores em 1984, Bulger “se reúne com subordinados apenas quando necessário. Os subordinados não podem contatar Bulger e Flemmi diretamente. O contato é direcionado a George Kaufman, que transmite a informação”.

A cautela extra de Bulger era um adendo a seus hábitos de contravigilância já bem-estabelecidos, como as técnicas de despistamento ao volante que empregava para verificar se alguém o seguia: encostar sem aviso; fazer meia-volta de repente, principalmente numa rua de mão única; sair de uma hora para outra da faixa de alta velocidade na via expressa para pegar uma saída. Bergeron e os agentes da DEA Reilly e Boeri observaram que Bulger e Flemmi pareciam funcionar em alerta máximo o tempo todo.

De vez em quando, Bulger, Flemmi e os novos investigadores cruzavam caminhos. Bergeron e Boeri estavam seguindo Whitey certa noite de verão ao longo da Dorchester Avenue, em Southie, quando foram avistados. Então, o gângster acenou e sorriu. Mas ele nem sempre era tão boa-praça. Em outra oportunidade, Bergeron e outro detetive haviam armado a vigilância no apartamento de Quincy com um furgão Ford branco fornecido pela DEA. Eram 2h02 da manhã quando Bulger saiu do apartamento 101, entrou no carro e circulou pelo estacionamento, olhando com desconfiança para o veículo. Ele parou o carro, desceu e foi olhar pela janela traseira. Depois contornou o furgão e olhou a placa, na frente. Nitidamente agitado, voltou ao prédio. Os investigadores se apressaram a tirar o furgão dali, e, ao fazê-lo, Bulger apareceu no retrovisor, num carro saído das sombras junto à lixeira.

Pelo jogo de gato e rato, os investigadores perceberam que Bulger e Flemmi estavam cientes do interesse neles. Mas, mesmo reconhecendo que a Operação Feijão tinha lugar numa atmosfera de alto risco, em nenhum momento pensaram em

desistir. Bergeron, Boeri e Reilly haviam trabalhado com a possibilidade de que Bulger e Flemmi fossem informantes do FBI. Mas, no fim das contas, e daí? Em 1984, o fundamental era bastante simples. Bulger e Flemmi, concluiu Reilly, “eram as figuras do crime organizado mais poderosas a permanecerem em Boston desde a recente queda da organização dos Angiulo”. Mesmo que fossem informantes, “informantes não desfrutam de nenhuma carta branca”. Todos admitiam que seria bem mais fácil construir um caso se encontrassem pessoas para testemunhar no tribunal contra Bulger e Flemmi, mas isso não era realista — não com o estilo de vida recolhido de Bulger, não com o medo disseminado que persistia no submundo, não quando homens como John McIntyre desapareciam. Assim, a estratégia central para a Operação Feijão era capturar palavras saídas da boca do próprio criminoso. Durante grande parte de 1984, os investigadores trabalharam na causa provável de que precisariam para obter sinal verde de um juiz para instalar escutas.

Ainda que em abril de 1984 o FBI fosse notificado por questão de cortesia profissional, o objetivo da Operação Feijão era limitar o conhecimento e a participação do bureau na investigação antidroga. “Eu queria manter a investigação longe do FBI e seguir em frente desse jeito”, disse Reilly, que afirmou que o caso foi “iniciado pela DEA, mantido pela DEA, custeado pela DEA. Nós fizemos tudo”. A operação foi especificamente montada para tentar impedir que certos agentes do FBI em Boston a descobrissem. No outono, quando a equipe de especialistas em invasão do bureau chegou de Nova York para conversar com a DEA sobre a instalação de um grampo no carro e no apartamento de Bulger, os agentes forasteiros foram instruídos a não se apresentar à divisão de Boston. Os dois agentes locais que acabaram cedidos à DEA para ajudar a monitorar os grampos eram recém-chegados à cidade. O escritório para a

Operação Feijão chegou a ser transferido para o Edifício Fargo, no centro de Boston, longe do Prédio Federal John F. Kennedy, onde agentes da DEA e do FBI muitas vezes se cruzavam, almoçavam e podiam fofocar sobre os casos.

* * *

Mas o FBI sabia, e, da forma como Flemmi via a coisa, o papel dos federais na Operação Feijão “nada mais era do que um esforço sigiloso para assegurar que no fim a investigação fosse malsucedida”. Connolly, como se veria, tomou conhecimento da Operação Feijão desde o início — logo no começo de 1984, antes mesmo de a investigação receber nome e antes de a DEA ter estipulado seu plano de ação. Imediatamente depois que o telex foi enviado de Boston e notificou a sede do bureau sobre a investigação planejada pela DEA, Sean McWeeney, um funcionário de alto escalão do FBI em Washington, D.C., pegou o telefone e ligou para Jim Ring. McWeeney era o chefe da Seção de Crime Organizado na sede do FBI.

Em vez de Ring, quem atendeu à ligação foi John Connolly.

“Esses caras não trabalham pra gente?”, perguntou McWeeney ao responsável pelos informantes.

Se Connolly sabia, Bulger e Flemmi sabiam. Eles continuaram se encontrando regularmente ao longo do ano todo e, segundo Flemmi, a conversa muitas vezes tratava do interesse crescente que a DEA e a Polícia de Quincy manifestavam por eles. Era uma relação de promiscuidade, um compartilhando com outro qualquer informação obtida. Connolly conseguia informação adicional de outros agentes, fosse diretamente, fosse por intermédio de Ring. Também teria sido de grande valia obter o feedback de John Morris, mas este não só deixara de cuidar do esquadrão, como estava fora da cidade: o ex-supervisor fora

despachado para a Flórida numa incumbência especial e só regressaria no começo de 1985.

Durante uma sessão crucial em setembro de 1984, Bulger, Flemmi e Ring se reuniram no apartamento de Connolly, em South Boston. Seu apartamento fora o escolhido por causa de todos os policiais vistos se movimentando furtivamente perto do condomínio de Bulger a qualquer hora da noite. Os quatro, recordou Flemmi, tiveram uma “animada discussão” sobre a Operação Feijão. Flemmi e Bulger apresentaram a Ring suas convenientes negações sobre envolvimento com drogas. Os agentes lhes disseram que não se preocupassem: “Aguentem firme e continuem, sabe, continuem na equipe”, insistiram. Além disso, Bulger e Flemmi foram informados de que a Operação Feijão estava funcionando do Edifício Fargo, Boston. Isso possibilitaria a Bulger espionar o local e pegar os tipos, modelos e placas dos carros disfarçados que os investigadores estavam usando.

Era véspera de Natal na época em que os investigadores da DEA obtiveram mandado para pôr uma escuta no telefone de George Kaufman, e Flemmi e Bulger estavam um passo à frente. John Connolly lhes providenciara o presente de boas-festas: uma advertência sobre o grampo no telefone. Assim, em vez de captar conversas criminosas, os agentes Reilly e Boeri só escutaram Flemmi conversando disparates ou coisas em código com George Kaufman. Os agentes nunca pegaram Bulger sequer falando ao telefone.

Considerando o alerta, era difícil imaginar que Bergeron e os agentes da DEA Reilly e Boeri fossem capazes de plantar microfones no carro e no apartamento de Bulger. Mas eles conseguiram, mesmo que só por algumas semanas em 1985. Os agentes da DEA e Bergeron precisaram usar seus próprios dispositivos depois que a equipe técnica do FBI chamada para fornecer expertise foi incapaz de sugerir qualquer método

infalível para implantar um microfone no carro e no apartamento do gângster. Ambos continham sofisticados sistemas de alarme projetados para detectar qualquer intrusão. Olhando para o apartamento e o carro de longe, a equipe técnica concluiu que, a menos que os agentes locais obtivessem os códigos que desarmassem os alarmes, não haveria como entrarem para instalar as escutas. A alternativa mencionada pelo FBI era a substituição do carro de Bulger por uma cópia exata já grampeada. Reilly considerou a sugestão ridícula. Depois de um dia, os especialistas do FBI voltaram para Nova York. Suas propostas inúteis só fizeram aumentar as preocupações de Reilly com o bureau, ainda que a equipe de especialistas tivesse recebido instruções de não contar aos agentes locais sobre sua presença na cidade. “Achei que não se empenharam tanto quanto podiam”, refletiu Reilly.

Por fim, Reilly, Boeri e Bergeron resolveram agir por conta própria. Obtiveram um Chevy exatamente igual ao de Bulger e começaram a estudá-lo, procurando uma forma de instalar um grampo sem precisar entrar no carro. Encontraram um ponto fraco na parte inferior de um dos painéis das portas e praticaram com a broca até serem capazes de instalar um microfone que funcionasse. Usaram a mesma abordagem com o apartamento — treinaram fazer furos em peitoris de janelas para plantar um grampo do lado de fora.

No início de 1985, sob a proteção da escuridão, os agentes conseguiram inserir uma escuta na janela do apartamento. “O grampo funcionou bem”, constatou Bergeron. O problema, explicou, era que Bulger ligava o estéreo e a TV no último volume assim que Flemmi chegava, e os dois iam para o andar de cima para falar de negócios. A tentativa foi um fracasso.

Então, em 2 de fevereiro de 1985, enquanto Bulger dormia, os agentes instalaram um grampo na porta do Chevy preto. Mas, no dia seguinte, depois de Bulger entrar no carro e ir para South

Boston, tudo que os agentes escutaram foi o som da rua. O microfone estava captando os solavancos e o atrito dos pneus rodando no asfalto. Mesmo depois de reposicionar o grampo na noite seguinte, os agentes depararam com uma persistente “falta de clareza” em pegar a conversa de Bulger. Parte do problema era que a tecnologia que haviam sido obrigados a usar tinha graves limitações. Eles estavam utilizando um minúsculo dispositivo que transmitia um sinal para um veículo de vigilância, onde se fazia a gravação efetiva da conversa. Isso significava que sua capacidade de gravar alguma coisa dependia de manter o furgão perto do carro de Bulger — tarefa nada fácil. Além do mais, era sempre uma luta contra o barulho da rua e o hábito de Bulger de mexer no rádio enquanto ele e Flemmi conversavam em voz baixa, cuidando dos negócios em estado permanente de cautela.

Era um sofrimento constante decifrar quem exatamente estava falando no carro e o que era dito. A noite mais proveitosa foi a de 17 de fevereiro de 1985, em que os dois agentes da DEA e Bergeron seguiram Bulger e Flemmi a uma reunião com George Kaufman, no Triple O’s. Já passava das dez quando Bulger e Flemmi saíram do bar e foram embora. Lutando com o rádio e o barulho da rua, os agentes escutaram a conversa da dupla sobre as mudanças em andamento no submundo. Escutaram os gângsteres falando sobre Howie Winter, que deixaria a prisão em breve.

— Howie que se foda — disse Bulger.

Os agentes ouviram a conversa desviar brevemente para as drogas.

— Essa situação de merda com a cocaína — disse Flemmi.

— Estou tocando os negócios e tudo mais pelo telefone — respondeu Bulger.

Era empolgante, mas a coisa nunca passou de um gostinho. Os agentes da DEA pegaram fragmentos de conversa sobre

dinheiro, “pontos de venda de droga” e as operações de jogo de Bulger. Até captaram o que achavam ser uma referência a um dos agentes do FBI local, mas não sabiam o que queria dizer: “Connolly tem andado meio nervoso”, comentou Flemmi, a certa altura.

Os agentes continuaram as gravações, mas as noites passaram, e em momento algum eles foram capazes de obter uma sequência de palavras encadeadas para montar uma narrativa criminal. Viram Bulger sentado no carro com Patrick Nee, que trabalhava como mensageiro entre Bulger e Joe Murray, mas não captaram exatamente o que foi dito. Observaram um subordinado entrar no carro e entregar uma pilha de dinheiro para o chefe do crime, só que de novo a conversa foi intermitente. Escutaram Bulger, furioso, praguejar contra outro subordinado por se atrever a procurá-lo na casa de Teresa Stanley. Bulger passara uma descompostura no desavisado, dizendo que iria “apagar” qualquer um que aparecesse por lá. Família não tinha nada a ver com negócios, disse.

Nenhuma investigação jamais pegara Bulger em gravação antes, nem mesmo fragmentos de conversa, mas os detetives perceberam que, se quisessem preparar um caso passível de ir a julgamento, teriam que melhorar a qualidade das gravações. Em 7 de março, às 2h40 da manhã, Reilly e Bergeron fizeram uma última tentativa de melhorar a posição do microfone. “A gente achou que Bulger estivesse dormindo, porque normalmente ele ia pra cama às 2h30 da manhã”, recordou Reilly. “A gente deu a volta no prédio e ele apareceu. A gente se viu cara a cara com Bulger, e daí a gente virou e saiu correndo.” Bergeron disse que Bulger ficou agitado, entrou no carro com a namorada, Greig, e começou a andar em círculos pelo estacionamento. “Bulger começou a dirigir em círculos feito um louco, berrando com

Greig, completamente alterado e desconfiado, gritando que sabia tudo sobre os policiais.”

Flemmi estava no México, e Bulger, apreensivo, permaneceu escondido. Esquivando-se dos investigadores, encontrou-se com John Connolly no dia seguinte, 8 de março. Então, três dias depois, os agentes da DEA Reilly e Boeri seguiram Bulger em seu Chevy preto até uma oficina ao lado da loja de bebidas, em Southie.

As palavras seguintes ditas por Bulger selaram o fim de tudo: “Ele tem razão: colocaram mesmo um grampo no carro.”

Os agentes desceram do furgão e saíram correndo para tentar recuperar o equipamento de vigilância eletrônica. A última coisa que iam querer era seus alvos descobrindo que tipo de tecnologia vinha sendo usada. Encontraram Bulger rasgando o painel da porta e Kevin Weeks a seu lado, com um detector de frequência de rádio que localizava grampos exatamente como o utilizado pela DEA. Medindo Reilly, Boeri e os dois outros agentes da DEA que entraram na garagem, Bulger voltou a exibir a postura arrogante de mandachuva que sempre caracterizou sua interação com a polícia. Disse que estava surpreso por terem sido capazes de instalar um grampo. “Eu tenho um sistema de alarme muito bom”, afirmou enquanto Reilly se aproximava e passava a mão no painel da porta para retirar o microfone. Bulger mencionou que ficara em estado de alerta para alguma armação após ter topado com Bergeron e Reilly no estacionamento do condomínio, algumas noites antes. No entanto, não mencionou seus contatos no FBI.

Boeri notou a fivela chamativa no cinto de Bulger — com a inscrição “ALCATRAZ: 1934-1963”. Jogando conversa fora, comentou sobre a bela peça, mas Bulger não se atreveu a dizer quem lhe dera de presente.

O chefão do crime e os agentes continuaram conversando, com Bulger insistindo para saber detalhes de como a escuta

havia sido instalada e desde quando funcionava. Seu palpite foi “sete ou nove dias”. Weeks sugeriu que o dispositivo estava ali havia cerca de dois meses, acrescentando que provavelmente haviam grampeado seu carro também.

— Querem comprar meu carro? Vendo baratinho! — gracejou Weeks.

Boeri perguntou a Bulger onde estava Flemmi.

— Sei lá — mentiu Bulger.

A conversa girou em círculos.

— Ei, nós somos todos caras do bem — anunciou Bulger a certa altura.

Como assim?

— Vocês são os caras do bem bonzinhos. Nós somos os caras do bem malvados.

Os agentes pegaram o equipamento e caíram fora. Dois dias depois, Boeri e Bergeron passavam diante da casa de Teresa quando Bulger acenou pedindo que parassem. Ele continuou com a pose arrogante de gângster, aconselhando os investigadores a não acreditar em tudo que escutavam a seu respeito. Mostrou-lhes que o painel do carro ficara solto e pediu ajuda para pôr de volta no lugar.

— Uma instalação muito bem-bolada — disse Bulger a Boeri, voltando ao assunto do grampo para tentar obter mais informações.

Flemmi regressou do México e topou com Boeri e Reilly no estacionamento do Marconi Club, em Roxbury, onde costumava ir. Conversaram sobre a “comoção” de dias antes, na oficina, por causa do grampo. Flemmi perguntou sobre a qualidade da transmissão.

— O tempo frio não afeta as baterias? — perguntou, em tom de provocação. Os agentes disseram que funcionava muito bem. Não iam entregar nada.

Flemmi insistia que todos deviam se entender. Em vez de caçarem uns aos outros, deviam ser amigos, uma mão lavando a outra.

— Vocês querem o quê? — perguntou, rindo. — Não precisa ler os nossos direitos. A gente pode fazer o que vocês falarem. É só dizerem o que vocês querem.

Então, perguntou para onde tudo aquilo estava caminhando. Esperava que os agentes não continuassem a importuná-los por muito mais tempo.

— Vocês não vão passar o resto da vida investigando Jimmy e eu, vão?

— Sabe, na verdade a gente mal começou — comentou Boeri.

Bulger e Flemmi sabiam que aquilo era blefe. Os gângsteres já haviam se encontrado com Connolly. “John Connolly disse que soube por Jim Ring que a investigação da DEA estava indo por água abaixo, ou já tinha ido, qualquer coisa nesse sentido”, disse Flemmi. “Connolly me contou. A gente sempre tinha reuniões na casa dele, fora as outras, com os supervisores.”

Na oficina, quando Bulger dissera a frase: “Ele tem razão: colocaram mesmo um grampo no carro”, o agente Reilly ficou convencido de que o FBI alertara Bulger. Reilly desconfiava, mas não podia provar exatamente a quem no bureau Bulger estava se referindo. No entanto, as palavras foram como um ponto de exclamação para as antigas inquietações sobre os laços de Bulger com o FBI. A partir de então, Reilly, Boeri e Bergeron passaram a acreditar que seus esforços estavam comprometidos.

Mesmo assim, não houve sindicância governamental para investigar o caso. Nenhuma autópsia foi conduzida para tentar descobrir exatamente por que a Operação Feijão fracassou. Todos se afastaram, seguiram em frente. Era como se um novo fiasco investigativo desse origem a um entorpecimento e as agências de polícia já estivessem involuntariamente prontas para

aceitar a defesa do FBI a Bulger e Flemmi como um fato da vida, o modo como as coisas funcionavam em Boston, parte do tecido social da cidade.

A impressão era de que os gângsteres extraíam o máximo proveito disso. “Eles não me pareciam preocupados”, recordou Ring. Bulger e Flemmi agiam como se a escuta no carro não passasse de uma piada engraçada. “Estava mais para... acho que eu chamaria de uma pegadinha.”

A verdade era que o fato de escaparem por um triz não tinha nada de engraçado. A perseguição de um ano se revelara exaustiva. Bulger e Flemmi haviam se sentido acossados por toda parte. A despeito do FBI, a DEA conseguira um feito inédito — grampear Bulger. O detetive Bergeron e os agentes da DEA Reilly e Boeri tinham desmascarado o homem por trás do mito, embora não de uma forma que resultasse em indiciamento. Mas o que Bergeron e os agentes sabiam permaneceria trancado nos arquivos confidenciais da lei. John Connolly, Bulger e Flemmi retomaram seu mantra contra as drogas. Haviam levado a melhor sobre a Operação Feijão.

No entanto, o risco fora grande demais para que se sentissem à vontade. O escrutínio era extenuante — aquela não era a boa vida que os gângsteres tinham em mente como parte de seu trato com a divisão do FBI em Boston. Assim, em abril de 1985, dias depois da troca de farpas entre Flemmi e os agentes do FBI no Marconi Club, Bulger e Flemmi foram atrás de uma garantia de que as coisas estavam bem e assim continuariam. John Morris voltara à cidade, e chegara a hora de visitá-lo.

CAPÍTULO TREZE

Aliança do crime

Sério e reservado, o John Morris de 1985 continuava usufruindo da glória de ter supervisionado a escuta bem-sucedida da sede da Máfia no início de 1981. Era visto como um veterano calejado, pensativo e dedicado. Também levava uma vida dupla licenciosa, assim como os demais membros do conchavo — John Connolly, Whitey Bulger e Stevie Flemmi. Todos tinham uma persona pública que contrastava nitidamente com a realidade privada. Morris e Connolly eram agentes do FBI de dia, mas à noite farreavam com os gângsteres a quem protegiam com zelo, mesmo que isso significasse subverter as regras e desobedecer à lei. Bulger e Flemmi eram reputados como os gângsteres supremos que, com astúcia, passaram a perna na polícia em todas as ocasiões, quando na verdade vinham, durante anos, fornecendo dicas preciosas ao FBI sobre amigos e inimigos no submundo e usufruindo de um escudo protetor fornecido pela principal agência policial da nação.

Morris estava essencialmente no bolso de Bulger — tendo solicitado e obtido mil dólares em 1982 para pagar a passagem de Debbie Noseworthy à Georgia. E, ao longo dos primeiros dias de 1984, em meio às movimentações iniciais da Operação Feijão, Morris abocanhara uma segunda fatia do bolo que Bulger punha na sua frente.

“Connolly me ligou e disse: ‘Tenho uma coisa pra você daqueles caras. Por que não vem aqui e busca?’ Eu passei por lá para pegar. Era uma caixa de vinho. Quando estava saindo, ele disse: ‘Toma cuidado com isso, tem uma coisa no fundo pra

você.’ Então, quando abri a caixa, descobri no fundo um envelope com mil dólares.” Era como se Morris precisasse de mais momentos como esse para não perder o barato. A preocupação não era se ele devia entrar na sala do agente especial encarregado da divisão de Boston e entregar a turma toda. Pelo contrário; seus olhinhos estreitos dardejavam de um lado a outro para ter certeza de que não havia ninguém espiando. Ele pegou o saca-rolhas, abriu uma garrafa, embolsou o dinheiro de Bulger e saboreou o momento.

Mas, se Bulger encarava a caixa de vinho como um segundo prêmio em sua apólice de seguro com o FBI, ficou subitamente desapontado. O FBI, que considerava Morris um modelo de idoneidade, despachou o supervisor para Miami, a fim de chefiar uma equipe especial de agentes investigando — logo o quê — a corrupção de um agente do FBI na Flórida. O *timing* foi terrível, dado o aumento palpável de escrutínio que Bulger e Flemmi estavam sofrendo dos agentes de narcóticos da Polícia de Quincy. Pelo restante do ano e no início de 1985, Bulger e Flemmi minaram a Operação Feijão com a ajuda de Connolly e, em menor grau, Jim Ring. Mas não foi fácil, e, com os agentes federais de combate às drogas impedidos de agir e o retorno de John Morris à cena, parecia hora de uma reunião. Hora de esclarecer sua aliança secreta diante de uma boa refeição. Hora de rever antigos assuntos — a Operação Feijão —, bem como de discutir novos problemas prementes, como o tão postergado mas então iminente julgamento por crime organizado do mafioso Gennaro Angiulo, em que se exporia o conteúdo das extensas fitas do FBI com as conversas da Máfia no número 98 da Prince Street. O julgamento — o maior julgamento criminal em Boston durante décadas — estava marcado para começar em breve, e Bulger e Flemmi tinham uma lista de preocupações em relação às gravações.

Indo para o jantar, Connolly já revelara o fato de que os líderes mafiosos Jerry Angiulo e Larry Zannino apareciam com frequência nas fitas falando a respeito de Bulger e Flemmi — “conversas”, disse Flemmi, sobre “ações criminosas diversas”. O que mais preocupava Flemmi era a menção a seu papel nos assassinatos dos três irmãos Bennett, ocorridos em 1967. No entanto, havia muito mais. Connolly forneceu um relato detalhado dos diálogos dos mafiosos. “Os Bennett eram citados nas fitas”, disse Flemmi, e John Connolly também “mencionou o jogo, se não me falha a memória, uns *bookmakers* ali que estavam... com quem a gente estava envolvido. Acho que Jerry [Angiulo] mencionou o fato de que Whitey era dono de todo o South Boston, Stevie era dono de todo o South End, e a gente vinha tirando uma quantia X de dólares dos *bookmakers*. Ele mencionou uma quantia; Whitey provavelmente recebe [...] 50 mil por semana com pagamento dos *bookmakers*.”

Flemmi e Bulger ficaram alarmados. Antes da escuta da Máfia em 1981, essa era a exata situação que preocupava a dupla — de que, mesmo que evitassem aparecer na sede da Máfia, os chefões comentassem seus negócios mútuos. Eles precisavam da garantia da promessa que Morris e Connolly haviam feito na época, de que, em troca de ajuda contra Angiulo, as fitas não seriam usadas contra eles.

Enquanto Morris estava em Miami, os gângsteres haviam conversado sobre tudo isso com Connolly, perguntando ao seu contato no FBI sobre o perigo exato que as fitas representavam. Connolly tentou tranquilizá-los. “Foi aí que ele disse para a gente não se preocupar”, recordou Flemmi. Mas o melhor era ouvir o mesmo de Morris, ter a promessa reafirmada.

“Foi John Connolly quem marcou a reunião”, lembrou Flemmi. Connolly entrou em contato com Bulger, que avisou Flemmi: “A gente se pôs à disposição, só isso”, completou ele. O trio escolheu uma noite de semana no início da primavera. A cidade

emergia do escuro inverno, e o clima estava ameno, parecia verão. Connolly buscou Bulger e Flemmi num estacionamento de South Boston. Disse que outro velho amigo iria encontrá-los, Dennis Condon, o ex-agente do FBI que estivera com eles desde o início do acordo, em 1975, e se tornara oficial de segurança pública de alta patente na superintendência da polícia estadual. “Eles se conheciam”, lembrou Morris. “Além disso, Connolly e eu achamos que Condon ia apreciar a oportunidade de ver os dois.” Nem é preciso dizer que ter Dennis Condon comparecendo ao que era essencialmente uma revisão dos 50 mil quilômetros do acordo entre Bulger e o bureau fazia perfeito sentido. Condon era um ex-agente do FBI e estava no topo da polícia estadual, e Bulger e Flemmi viviam ocupados com a atenção que atraíam em outras agências policiais. Por que não tentar cobrir o máximo de bases possíveis?

Avançando lentamente na hora do rush, Connolly, Bulger e Flemmi deixavam a cidade para jantar com John Morris.

* * *

Nesse meio-tempo, Morris estava na cozinha de casa, em Lexington. Temperou os filés e aprontou a carne para assar. Arrumou a mesa na sala de jantar para cinco. Sua esposa, Rebecca, não se juntaria ao grupo. “Eu me recusei a preparar a comida para eles”, afirmou ela mais tarde. John podia estar animado com a reunião, mas para ela aquilo era o fim da picada. O casal circulava pela cozinha, evitando-se, cabreiros. Abanando a cabeça, ela externou mais uma vez seu protesto contra a presença dos gângsteres em casa — e quanto aos seus filhos? John tentou acalmá-la para explicar novamente a necessidade de manter a confiança de Bulger e Flemmi. Rebecca não sabia nada sobre o dinheiro de Bulger ou qualquer outra peculiaridade dos laços de seu marido com os chefes criminosos. Mas sabia que

havia algo de errado. Rebecca era esposa de agente do FBI por tempo suficiente para perceber que havia alguma irregularidade naquele arranjo de longa data.

Assim, não queria nem ouvir falar a respeito. John podia tentar suavizar os termos da discordância deles se referindo a Bulger e Flemmi sempre como os bandidos, espécie de concessão à esposa mostrando que ele nunca esquecia quem Bulger e Flemmi eram e que ela podia ficar tranquila, pois ele sabia exatamente o que estava fazendo ao receber os dois. Morris chegou a ponto de dizer que estava preocupado com John Connolly e sua proximidade com Bulger, e que ele, como amigo e antigo supervisor, tinha o dever de ficar de olho nas coisas. Mas Rebecca não se deixou impressionar. Não os queria em casa, tampouco queria seus presentes.

Os bordos no quintal começavam a dar botões, e, na cozinha, John Morris fazia o melhor que podia para aliviar a tensão conjugal. No mais, sentia-se muito bem, vivenciando o sucesso profissional com a incumbência especial na Flórida que estava prestes a resolver. Morris pensou no que realizara no sul. O agente investigado, Dan Mitrione, fora considerado um exemplo — inteligente, sempre em ótima forma, ex-fuzileiro e veterano do Vietnã com uma sólida linhagem familiar de homens da lei. Dan era filho de um ex-chefe de polícia que trabalhava no Departamento de Estado e fora assassinado por terroristas no Uruguai, em 1970. No início dos anos 1980, Dan Mitrione começara a trabalhar disfarçado como parte de uma importante investigação do FBI no combate às drogas. Ele deu um jeito de penetrar o círculo de comando de um grande cartel de cocaína, mas se deixou seduzir pelo principal contrabandista da droga, um homem mais velho que começou a tratá-lo como filho. No fim, Mitrione passou a ajudar o traficante que deveria prender. Em 1984, estava sob investigação.

John Morris ficou encarregado de uma equipe de agentes do FBI enviados de várias partes do país para resolver o imbróglio. No outono de 1984, Mitrione confessara à força-tarefa especial que aceitara 850 mil dólares em subornos dos contrabandistas. Declarou-se culpado num tribunal federal e foi sentenciado a dez anos de prisão. Ao emitir o veredito, o juiz estava nitidamente desolado com a derrocada de um agente com carreira tão exemplar. “A Justiça pode ser cega, mas hoje lágrimas escorrem de seus olhos”, afirmou de sua cadeira.

Morris voltou aplaudido por seus superiores devido ao trabalho bem-feito. Mas deve ter sido uma experiência surreal. Ele partira para a Flórida semanas após aceitar o vinho e mil dólares de Bulger. Sem dúvida percebia que o dinheiro sujo que aceitara não passava de uma ninharia comparado aos exorbitantes 850 mil dólares de Mitrione. Mas é de se imaginar a bomba que teria sido se o comando do FBI descobrisse que enviara um agente corrupto para investigar outro. E havia mais segredos a guardar, incluindo seu caso com a secretária, Debbie.

Marido e esposa mantinham uma distância gélida um do outro na cozinha de casa quando, por volta das sete, a campainha soou. Os convidados especiais tinham chegado. Rebecca ficou tensa. John olhou em torno, viu que estava tudo certo com a refeição e foi abrir a porta. “Eu achava minha casa um lugar muito seguro”, disse Morris, sobre receber os gângsteres. “Não os via como uma ameaça imediata à minha família. Só mais tarde eu fui me preocupar por eles saberem onde eu morava, mas na época não ligava para a segurança da minha esposa e dos meus filhos.” Seria bom voltar a ver Connolly, Bulger e Flemmi. No escritório, ele já escutara conversas de que o grupo não estava nada feliz com Jim Ring.

Morris abriu a porta da frente. Cumprimentou os convidados animadamente. Todos apertaram mãos. Entrem, entrem. Os gângsteres tinham levado não só vinho, como também uma

garrafa de champanhe. John Morris e Flemmi foram até a cozinha para pôr o espumante no gelo. Rebecca Morris estava lavando a mão na pia. Assim que Flemmi entrou, ela fechou a torneira e saiu. Morris deu de ombros. Dirigiu a atenção aos convidados, exibiu um sorriso fraco e abatido, e perguntou como estavam as coisas.

* * *

O trio Connolly, Bulger e Flemmi estava tão feliz em ver Morris quanto este em vê-los. Sobretudo Connolly — Jim Ring se mostrara um páreo duro. Connolly fizera de tudo para começar com o pé direito, arranjando encontros para todos se conhecerem. (“John Connolly chegou a mim e usou a expressão: ‘Os rapazes querem conhecer você’”, contou Ring mais tarde.) Mas Ring estudara Connolly, ficara cada vez mais resabiado com o estilo jovial do agente e, “no momento em que a gente estava indo embora, o irmão de Whitey Bulger, Bill Bulger, entrou pela cozinha para entregar umas fotos a ele”, contou Ring, que perdeu a fala por um instante.

“Que diabos está acontecendo?”, perguntou Ring a Connolly depois, sobre a série de quebras no protocolo: o clima de jantar informal com dois chefões criminosos, o envolvimento da mãe de um informante, a chegada de uma das figuras públicas mais poderosas do estado. Ninguém ali sequer pestanejou — uma grande família feliz. Connolly não entendeu a pergunta de Ring. Simplesmente comentou com o supervisor que Billy Bulger morava na casa da frente, por isso a visita inesperada.

O assombro de Ring culminou em reuniões privadas com a grande estrela da divisão de Boston no tratamento com informantes. A lista de queixas do supervisor cobria praticamente todas as regras básicas do FBI ou de qualquer agência policial sobre como lidar com informantes. “Tive uma reunião com John

Connolly na minha sala e falei que vinha observando equívocos nos contatos com o senhor Flemmi e o senhor Bulger que nem um agente novato teria cometido”, declarou Ring mais tarde, e reclamou que os modos amigáveis de Connolly eram exagerados, que, em vez de tratar os dois informantes como criminosos, ele os tratava como se fossem colegas de FBI.

Ring logo notou que a informação estava fluindo na direção contrária — para Bulger e Flemmi. Afirmou que Connolly “entregava demais. Ele podia ter reformulado a pergunta. Dava para ter escondido a pergunta no meio de outras cinco, e a coisa que mais me chocou, acho que na segunda reunião, foi que Connolly virou para mim e falou qualquer coisa como ‘Ah, conta pra eles sobre tal e tal coisa’”.

As reuniões na casa de Connolly em South Boston também eram problema. “Era uma loucura”, comentou Ring. Ele mandou Connolly parar de receber Bulger e Flemmi em casa. Connolly respondeu como um aluno baderneiro determinado a fazer de bobo o professor sério e sisudo: procurou outro agente, John Newton, e perguntou se podia mudar as reuniões para seu apartamento em South Boston. Newton, o agente que se tornara amigo de Connolly ao chegar a Boston, ficou feliz em ajudar. Abria as portas de casa para o amigo do FBI e, quando todos chegavam para os encontros não autorizados, pegava seus dois cachorros e ia dar uma volta. O atencioso Bulger depois começou a levar pacotes de biscoitos caninos.

Então, Connolly foi prestar contas a Ring, dizendo que obedecera à sua ordem e não fazia mais as reuniões em casa. No entanto, tempos depois chegou aos ouvidos de Ring que Connolly simplesmente estava se fazendo de sonso, trocando de endereço na mesma rua. “Nada profissional, estúpido, não é assim que deve atuar um agente do FBI. Não fiquei nem um pouco feliz”, disse Ring. “Por que ir a um bairro onde os dois são

conhecidos? Você pode ir pra Nova York. Pode ir pro Canadá. Qualquer lugar. Isso é desleixo.”

E Ring nem fazia ideia dos jantares na casa de Nick Gianturco ou de John Morris. Além do mais, apontou que se encontrar com dois informantes ao mesmo tempo — fato a essa altura consumado na história do acordo do FBI com Bulger e Flemmi — era altamente irregular. “Para controlar a situação, você deveria se encontrar com Bulger e Flemmi separadamente”, explicou Ring. Mas é claro que o FBI não estava no controle.

Em resposta às críticas de Ring, Connolly atacou com sua bem-ensaiada defesa de Bulger e Flemmi como indispensáveis à guerra do FBI contra a Máfia. Incluiu ainda no pacote a história patenteada de que ganhava o coração de qualquer agente do bureau — como Bulger e Flemmi tinham salvado a vida de Nick Gianturco.

Mas Ring teve a ousadia de questionar até essa propaganda enganosa de Bulger. Em vez de se fiar na palavra de Connolly, procurou Gianturco e lhe perguntou sobre o episódio. “Eu perguntei: ‘Como foi essa história?’ E ele pensou um pouco e contou que houve essa operação clandestina da qual havia participado, que tinha uma reunião marcada a que ele precisava comparecer, e que alegaram que o senhor Bulger e o senhor Flemmi tinham mandado a informação pra ele de que era melhor não ir.”

No entanto, Ring insistiu: “Eu falei pra ele: ‘Você não respondeu à minha pergunta. Eu perguntei se acredita que aqueles dois salvaram a sua vida.’ E lembro que a resposta dele foi que o caso estava encerrado.” Ring nunca obteve uma resposta direta.

A despeito de todas as suas cismas, Ring manteve o assunto apenas entre ele e Connolly. Não registrou suas críticas em relatório nem compartilhou as preocupações com nenhum dos demais supervisores do FBI no escritório de Boston. Não

disciplinou o agente. Ring não achava que uma medida disciplinar fosse justificável “por uma estupidez. O que eu achava que precisava era começar a supervisionar o meu pessoal”. Por fim, os arquivos pessoais de Connolly continuaram se abarrotando de relatórios entusiásticos sobre seu trabalho.

Assim, não surpreende que, durante a primavera de 1985, na casa de Morris, Jim Ring não se encontrasse entre os presentes no jantar com Bulger, Flemmi e Connolly. Na verdade, mais ou menos na mesma época, Ring e Connolly haviam discutido o fato de que “o senhor Bulger e o senhor Flemmi não iam com a minha cara”, recordou Ring. “E a minha posição era de que eu não ligava a mínima, porque eles eram informantes.” Mas Morris ligava, e muito, para que fossem com a sua cara — todos eles.

* * *

“Connolly, Flemmi e Bulger chegaram juntos”, recordou Morris. Dennis Condon apareceu meia hora mais tarde, lá pelas 19h30. Havia ido direto de seu escritório executivo no Departamento de Segurança Pública estadual, em Boston. Morris zanzava apressado entre a sala de estar e a cozinha, o diligente anfitrião e cozinheiro.

O grupo foi para a sala de jantar. Fazia anos que Bulger e Flemmi não viam Condon. A noite em Lexington marcou “a primeira reunião que eu tinha com Dennis Condon desde 1974”, recordou Flemmi. Esse ano certamente foi fundamental para Flemmi. Ele voltara a Boston depois de passar quase cinco anos como fugitivo, uma partida forçada por causa do indiciamento que sofrera em 1969 por um atentado a bomba contra um carro e pelo assassinato de William Bennett. Flemmi acreditava que Condon pavimentara o caminho para seu eventual regresso do Canadá, tomando as providências para que as duas principais acusações por delitos graves fossem retiradas, junto com uma

terceira acusação acrescentada assim que ele fugiu do país para evitar o processo. Quando voltou, Flemmi se encontrou com Condon num café, ocasião em que este passou o bastão para o sempre solícito Connolly. Aos olhos de Flemmi, Condon orquestrara dos bastidores muitas dessas medidas, e o gângster era grato. “Fazia um bom tempo que a gente não se via. Perguntei como ele estava, como andavam as coisas. Agradei a ele por se livrar do mandado federal que me proibia de pisar num avião. Perguntei como estava o senhor Rico, parceiro dele, e falei: ‘Se encontrar com ele um dia, fale que eu mandei um abraço.’”

Os homens tomaram seus lugares à mesa. Morris serviu o filé. Mais vinho nas taças. Durante mais ou menos a primeira hora, conversaram sobre os velhos tempos.

“Foi um bate-papo animado”, lembrou Flemmi. Bulger contou histórias de seu período na prisão federal, durante o fim dos anos 1950, por roubo a bancos. “Na maioria das vezes era ele quem mais falava”, comentou Flemmi sobre Bulger. “Sobre vários assuntos. Ele era muito bem-informado, muito inteligente. Meio que cativava o público.”

Mas, se Bulger não parava de falar, Condon não abria a boca. O grisalho veterano das forças da lei em Boston ficou ali sentado beliscando a comida e escutando com educação. Disse que se sentiu numa emboscada, surpreso por encontrar Bulger e Flemmi na casa de Morris. O convite lhe fora feito durante uma conversa por telefone, no fim da tarde — vem aqui, dá uma passada antes de ir para casa. Ele afirmou só saber que Morris e Connolly estariam presentes e que “mais duas pessoas iriam aparecer, e disseram que queriam dar um alô”.

Claro que a ocasião se revestiu de uma atmosfera de camaradagem, como uma simples reunião entre velhos amigos para tomar vinho e contar histórias. Mas, sob o verniz da afabilidade, escondiam-se as preocupações prementes de Bulger

e Flemmi acerca de sua proteção. De certo modo, cada homem da lei presente ao jantar era um símbolo da história e da abrangência daquela aliança. O passado, o presente e, assim esperavam, o futuro estavam representados à mesa nas figuras de Condon, Morris e Connolly. Mas Condon, que a princípio abrangia duas agências policiais — o FBI e a polícia estadual —, não estava ali para matar saudade dos bons e velhos tempos. “Quando Condon chegou, deu pra perceber por sua expressão [...] que ele não parecia muito à vontade”, disse Morris.

“Achei bem estranho que o senhor Morris estivesse ali e eu também, mesmo que na época nenhum de nós fosse membro do FBI”, refletiu Condon. “Também achei que, com a posição que eu ocupava, não devia estar ali.”

Dessa vez, porém, Dennis Condon não protestou com ninguém, não puxou Morris e Connolly de canto para pedir explicações. “Fiquei ali, como diria, por educação e diplomacia.” (Ele também manteria o jantar em segredo, não relatou o evento a nenhum outro oficial por pelo menos mais uma década.) Mas os outros à mesa não receberam nenhum afago de sua parte. Terminando de comer, Condon foi embora menos de uma hora após ter chegado. Espantado, Flemmi achou que Condon “não parecia pouco à vontade” e lamentou vê-lo indo embora.

Um convidado a menos no jantar.

Mesmo assim, Bulger e Flemmi ainda tinham Connolly e Morris por perto. Serviram mais vinho e passaram aos negócios.

Tempos depois, Flemmi disse que Connolly forneceu relatos atualizados sobre quem os dois chefões criminosos deveriam evitar nas atividades no submundo. Revelou a identidade de vários informantes da polícia. A conversa então passou ao iminente julgamento dos mafiosos, às fitas do FBI, à possível posição vulnerável de Bulger e, mais importante de tudo, à reafirmação das promessas feitas pelos agentes.

“Não sei quem tocou no assunto, mas a gente ficou preocupado porque achava que nossos nomes podiam ser mencionados durante as conversas na Prince Street em relação a assuntos criminosos”, disse Flemmi. “Eu sabia que havia umas conversas naquelas gravações entre Jerry [Angiulo] e Larry [Zannino], e que eles estavam falando de Jim Bulger e de mim. Eu estava com medo de, em algum momento, elas serem usadas contra a gente. Perguntei a Morris e Connolly sobre isso, e eles responderam que eu não precisava me preocupar, porque não seria indiciado por nada que estivesse naquelas fitas.

“Bom, quando a gente estava falando sobre as fitas, o rumo da conversa levou a uma coisa que John Morris disse a Bulger e a mim.”

Era melhor do que qualquer promessa que Morris e Connolly já haviam feito. Com a taça de vinho à sua frente, mas claramente sóbrio, Morris disse: “Vocês podem fazer o que quiserem, contanto que não apaguem ninguém.”

Flemmi gostou do que ouviu.

“Eu falei para o John, bom, falei: ‘John, isso tá fechado?’ E ele: ‘Claro.’ E a gente apertou as mãos, e o Jim Bulger apertou as mãos.”

E por fim chegou o momento do champanhe.

* * *

O jantar durou três horas, mas terminou cedo. Bulger, Flemmi e Connolly foram embora pelas 22h30. Morris arrumou tudo antes de ir para a cama.

Condon havia ido embora mais cedo, incapaz de aproveitar a melhor parte da confraternização, mas Bulger e Flemmi saíram no maior alto-astrol. Acharam que haviam recebido uma sanção para o que faziam de melhor: cometer crimes.

“Foi assim que eu interpretei”, disse Flemmi mais tarde sobre a vida maravilhosa que lhes fora prometida. “Tirando matar alguém, acho que, sim, eles podiam dar esse tipo de garantia.”

Na cabeça de Flemmi, os agentes haviam reafirmado uma política de proteção com um menu completo de serviços. Eles poriam fim ao problema antes mesmo que uma investigação começasse, como já haviam feito no passado, nas questões envolvendo os executivos de máquinas da Melotone, a extorsão de Frank Green, os inúmeros homicídios não solucionados e a apropriação da loja de bebidas dos Rakes; avisariam sobre escutas, como se dera nos casos da polícia estadual na oficina da Lancaster Street e, mais recentemente, na Operação Feijão, da DEA; livrariam Bulger e Flemmi de qualquer indiciamento que chegasse a ser levado a termo, como tinham feito no caso dos páreos arranjados movido pelo promotor Jeremiah O’Sullivan; e, finalmente, deixariam Bulger e Flemmi de sobreaviso se tudo mais falhasse e a dupla estivesse de fato ameaçada de uma acusação.

Era como se, no décimo aniversário do acordo secreto, todos reafirmassem um juramento. Bulger e Flemmi podiam deixar a mesa sentindo-se revigorados. Ring talvez fosse imprevisível e portanto nada confiável, mas eles podiam contar com Morris e Connolly. O momento para a renovação dos votos de amizade também foi venturoso. Embora ninguém ainda soubesse disso naquela noite, o outro irmão Bulger, Billy, estava prestes a precisar de um amigo no FBI.

CAPÍTULO CATORZE

Nuances de Whitey

Em 1984, Billy Bulger ocupava com segurança o topo do Senado Estadual, chefiando a casa tranquilamente com doses iguais de severidade e doçura. Contudo, havia negligenciado sua sociedade privada de advocacia com um amigo de infância do Old Harbor, e enfrentava dificuldades para sustentar a família caótica de nove filhos. Estava preocupado com o telhado que ameaçava desabar na casa cheia de crianças e com o dinheiro da escola. Queixava-se de que seu carro caindo aos pedaços poderia morrer a qualquer momento na rua, deixando sua esposa, Mary, na mão quando bravamente transportava os pequenos para cima e para baixo. Ainda que tenha ganhado entre 75 mil e 100 mil dólares nesse ano, estava nadando contra a corrente, e o dinheiro mais saía do que entrava. Em suas memórias, lamentou-se de que, embora não tivesse quebrado, “estava perto disso”.

Então, segundo Billy, certo dia, do nada, um caso milagroso entrou pela porta de seu escritório de advocacia, no centro. Dois irmãos queriam comprar de volta a propriedade de um cliente, e Bulger arrumou para eles 2,8 milhões de um banco amigo em South Boston. Em troca da ajuda na negociação do empréstimo e na recompra do imóvel, Billy recebeu prodigiosos honorários. A perspectiva encheu-o de ditosas visões de prosperidade doméstica: “Um carro novo para Mary [...] um telhado novo.”

Após se dedicar esporadicamente à recompra, Bulger chegou a um acordo em 1985 e concordou com um pagamento postergado de honorários de 267 mil dólares, mais do que

suficiente para Mary e Bill pararem de se preocupar com o carro e a escola das crianças. Mas o problema do fluxo de caixa persistia, porque Bulger concordou em receber o dinheiro só em 1986. Disse a Thomas Finnerty, seu sócio na firma de South Boston, que estaria entre os “ricos empobrecidos” até o dinheiro entrar.

Tom, porém, ocorreu em seu auxílio. Ofereceu-se para emprestar a Bulger 240 mil dólares em troca dos honorários. Bulger ficou exultante, mas seu alívio teve vida curta. Semanas depois de pegar o dinheiro, descobriu que Finnerty estivera trabalhando com o incorporador de Boston Harold Brown. Bulger levou um susto ao saber que o sócio tinha negócios com tipos como Brown e advertiu-o de que o pouco respeitável magnata era problema. Mas Finnerty deu risada e brincou com Bulger, chamando-o de preocupado compulsivo. Além do mais, disse, uma comissão de 500 mil dólares do incorporador já tinha sido depositada num *trust fund* que Finnerty criara.

Encolhendo-se ao ouvir falar do fundo, Bulger se deu conta de que seu recente empréstimo viera de Brown. “Você não me avisou”, protestou Bulger. “Vou devolver o dinheiro agora mesmo. Não quero nenhuma ligação, por mais remota que seja, com Brown.” Lá se foi de volta a quantia, e a devolução totalizava 254 mil dólares, somados os juros no fim de 1985. Mary recebeu a notícia de que o sonho de dias melhores permaneceria em compasso de espera.

No ano seguinte, Bulger sentiu-se mais do que justificado por seu pé atrás quando Brown foi condenado por suborno num tribunal federal. Brown passou a usar um grampo para o FBI, indo atrás de conversas com políticos. Bulger e Finnerty gracejaram que era melhor evitar Brown numa tempestade, por medo de serem eletrocutados. Deram boas risadas.

* * *

Mas Harold Brown contou uma história completamente diferente.

O caso Bill Bulger começou em 1983, quando os investigadores federais flagraram um fiscal municipal corrupto recebendo propina e o converteram em agente disfarçado. Em 1985, ele usou uma escuta para gravar conversas e voltar a visitar clientes regulares, incluindo Harold Brown, que, com traquejo, pagou ao fiscal mil dólares para subavaliar o custo de um conjunto habitacional, economizando 24 mil dólares em alvarás.

Então, Brown caiu numa armadilha após ser intimado a comparecer perante um grande júri. Ele não sabia da gravação com o fiscal e achou que enfrentava algum estabonado trabalho policial. Tentou se safar com uma mentira, dizendo aos membros do júri que nunca dera um centavo a ninguém e que abominava a ideia. Foi rapidamente indiciado por perjúrio e suborno e, logo depois, passou a ser usado como agente do governo, com grampo e tudo. Ele queria um acordo que o livrasse de cumprir sentença na prisão. Os promotores perguntaram a Brown o que ele tinha. Brown respondeu: Tom Finnerty e Bill Bulger.

O ruinoso encontro de Brown com Finnerty teve origem em meados da década de 1970, quando Brown viu o potencial para um arranha-céu na depauperada parte baixa da State Street, um dos bulevares da era colonial no centro de Boston. Ele começou a arrematar a área comprando um imóvel decrépito de cada vez. Como maior investidor imobiliário do estado, com propriedades avaliadas entre 500 milhões e 1 bilhão de dólares, Brown antecipou o *boom* da construção dos anos 1980 e apenas esperou que o momento chegasse a ele.

O estímulo para investir na região começou em 1982, quando a cidade, ainda se firmando das pernas após o primeiro ano de uma nova redução de impostos sobre a propriedade em todo o estado, viu-se entalada com uma conta de 45 milhões da isenção tributária concedida aos donos de imóveis comerciais. O prefeito,

Kevin White, precisava de ajuda na câmara legislativa estadual para poder emitir títulos de dívida e, assim, subscrever abatimentos, e Bulger encampou sua causa — sob a condição de que o município vendesse imóveis para o estado criar um centro de convenções. Os nomeados por Bulger e White imediatamente passaram a controlar a nova atividade estadual.

Outra parte da legislação exigia que o município vendesse cinco estacionamentos cobertos, incluindo um que se tornou parte do projeto de Brown. Os estacionamentos não foram cedidos por licitação pública, mas transferidos para o setor de renovação urbana do município, que podia vendê-los para incorporadores a seu bel-prazer. Era um jogo de cartas marcadas, e Bulger estava entre os que distribuía o baralho.

Depois de White e Bulger firmarem acordo, Brown e seu sócio, um arquiteto proeminente, passaram a ser os mais prováveis candidatos a assumir a incorporação da área na State Street. O arquiteto contava com o endosso da Sociedade de Arquitetos de Boston, e Brown já era dono da maior parte dos imóveis. Então, um amigo de White, o ex-procurador-geral de Massachusetts Edward McCormack, aproximou-se de Brown pedindo uma participação absurda no projeto em troca de monitorar o processo de aprovação dentro da prefeitura. Quando a proposta foi rejeitada, Finnerty surgiu de repente como um advogado menos conhecido e disposto a receber uma quantia mais baixa.

Na época em que Finnerty começou a negociar uma fatia do arranha-céu, ele era um advogado de defesa criminal sem nenhuma experiência na concorrida área imobiliária. O desafio de mudar de esfera em Boston é tão grande que dificilmente vale a tentativa. As duas especialidades jurídicas requerem talentos diferentes — uma urbanidade discreta versus o exercício pragmático da advocacia. Finnerty, um ex-promotor, pertencia à tradição impudente de South Boston e pouco tinha em comum com os sisudos advogados das firmas antigas e poderosas que

cuidavam das incorporações no centro. Brown tirou Finnerty para dançar por meses, nunca dizendo sim nem não, empurrando o projeto pelos meandros da prefeitura à medida que conversavam entre o fim de 1983 e fevereiro de 1985.

Quando Finnerty viu Brown correndo sozinho rumo à linha de chegada, as negociações se intensificaram. Brown entregou os pontos em 1985, concordando em “comprar” o arrogado quinhão de Finnerty, que nunca existiu, por cerca de 1,8 milhão de dólares. Em momento algum Finnerty compareceu a qualquer audiência de desenho ou desenvolvimento do projeto e não representou Brown quando outro incorporador o processou devido ao tamanho da torre comercial.

Mesmo assim, Finnerty depositou a primeira parcela de 500 mil dólares em julho. Numa rápida sequência, Billy e Tommy, os dois velhos amigos do Old Harbor, dividiram 450 mil em agosto e outros 30 mil em outubro. Um mês mais tarde, porém, Bulger presenciou o inevitável. Em novembro, um grande júri federal indiciou Brown por subornar o fiscal municipal e “outros funcionários públicos”. Bulger devolveu o dinheiro ao *trust fund* três dias depois, alegando saldar um empréstimo.

Na época em que as transações se tornaram uma controvérsia pública, em 1988, Finnerty já abandonara qualquer pretensão de ser advogado imobiliário a serviço do importante projeto. Afirmou ter se unido à equipe incorporadora de Brown para lhes trazer respeitabilidade, ao usar sua experiência na lei para superar certa ligação que Brown tivera no passado com incendiários. Seu preço pela respeitabilidade foi de 1,8 milhão de dólares, e ele chegou a entrar com um processo contra Brown para receber todo o dinheiro.

No entanto, algumas semanas de clamor público sobre o acordo foram mais do que suficientes para o magnata avesso a publicidade. Ele cedeu de repente e entrou em acordo para encerrar o processo. Para Brown, foi uma decisão pragmática

para minimizar o prejuízo no longo prazo. “Sou um homem de negócios, e promover investigações não é trabalho meu”, disse. E nunca mais se pronunciou sobre o assunto.

A despeito de sua postura pública desafiadora, a controvérsia em torno do arranha-céu no número 75 da State Street foi uma intensa provação para Bulger. No auge do furor, o presidente do Senado Estadual foi brevemente açoitado “pelo cão negro da melancolia”. No fim de 1988, ele saiu da State House e caminhou até o parque Boston Common, onde sentou abatido num banco. Observou as pessoas almoçando nos bancos em torno e, em seu desconsolado devaneio, ficou furioso com a indiferença delas à conduta imprópria da mídia. Pensou: *Será que nenhuma dessas pessoas andando pelas ruas ou pelas trilhas de nossos parques percebe o que a imprensa tem feito nesta cidade?* O episódio passou rapidamente enquanto ele se dava conta de que os outros não tinham motivo algum para se sentir incomodados com seus problemas. A angústia se dissipou, e ele voltou para sua sala, “com passadas mais leves, pronto para o que quer que me aguardasse”.

Billy Bulger deu entrada num depoimento juramentado asseverando que pegara o dinheiro emprestado com Finnerty sem saber sua origem. Com o tempo, sua versão do escândalo se tornou um traço de sua imagem ferida mas insubmissa em South Boston. Outra vez, Bulger se insurgira contra os forasteiros, e a mídia o crucificara por isso. Como sempre, ele saiu por cima.

Mas o depoimento de Bulger sobre a State Street, 75, só se sustenta se os fatos forem ignorados. Bulger não era a vítima inocente. Ele era o cafetão. E, assim como protegera Whitey Bulger por quinze anos, o FBI acorreu em defesa de seu irmão, William Bulger.

Durante uma revisão federal de diversas incorporações no centro, incluindo o número 75 da State Street, os investigadores

descobriram registros que invalidavam as alegações do senador. Os documentos — que permanecem esquecidos nos arquivos federais — mostram que Bulger ficou com uma cota integral do dinheiro de Brown. Embora Bulger tenha “devolvido” o empréstimo, Finnerty lavou o dinheiro para Bulger por intermédio das contas de outras firmas jurídicas. Mediante esse caminho tortuoso, Bulger recebeu cerca de metade da entrada original de 500 mil dólares.

Além do mais, Bulger não chegou nem perto de receber os honorários de 267 mil dólares que afirmou servirem de caução do empréstimo. Os registros da firma de advocacia mostram que ele recebeu menos da metade da quantia alegada, 110 mil dólares.

Os documentos não comprovavam extorsão, mas jogavam por terra sua versão de pegar dinheiro emprestado para consertar o carro e o telhado para a família. Em vez de usar o dinheiro em melhorias domésticas, Bulger investiu num fundo de títulos de dívida pública, livre de impostos. Se a história vazasse, não cairia bem em Southie. Afinal, Billy não seria Billy se aceitasse o dinheiro. Essa nuance de comportamento estava mais para seu irmão, Whitey.

* * *

Mas Bulger teve alguma ajuda do FBI. A despeito do clamor público, a alegação de extorsão de Brown já era assunto encerrado no bureau. O mesmo John Morris que protegera Whitey e aceitara dinheiro dele estava no caso como supervisor do esquadrão encarregado de crimes de corrupção no setor público. Em 1988, agiu rapidamente para rechaçar possíveis danos a Billy Bulger, encerrando o caso dias antes que o *Boston Globe* publicasse uma matéria de primeira página sobre o acordo por trás do arranha-céu.

Mais uma vez, Morris lutou contra sua consciência. O persistente caso Brown era outro numa longa linha de decisões que exigiam dele pesar o risco de fazer a coisa certa contra a ira inevitável de um bandido cruel que o subornara inúmeras vezes e pouco a pouco o seduziu com vinhos finos e uma curiosa camaradagem. Morris sabia que suas fraquezas poderiam ser usadas contra si, e que Whitey Bulger não hesitaria antes de agir. De fato, no jantar mais recente que Morris dera para os informantes (uma pequena reunião no apartamento de Debbie Noseworthy, em Woburn), Whitey subiu as apostas. Após John Connolly e Stevie Flemmi terem ido embora, Morris percebeu que Bulger se demorava junto ao mancebo: “Enquanto vestia o casaco, ele puxou um envelope e me deu. Disse: ‘Aqui, isso é uma ajuda pra você.’ E saiu pela porta.” No envelope havia 5 mil dólares em dinheiro.

Com esse diálogo recente como pano de fundo, Morris encerrou o arquivo da State Street, 75. Mas a história do arranha-céu continuou a render, sobretudo depois de se descobrir que o FBI nunca interrogara Billy Bulger. O procurador-geral de Massachusetts James Shannon clamou por um esforço federal renovado para eliminar qualquer dúvida.

Nisso apareceu John Connolly. Com Billy Bulger agora sob a mira, Connolly chamou Morris de lado e quis saber se o presidente do Senado Estadual deveria concordar em depor. “Connolly me perguntou o que o presidente do Senado devia fazer, disse que Billy tinha sido chamado para ser interrogado e queria saber o que eu recomendava que ele fizesse”, lembrou Morris, que respondeu a Connolly que Bulger deveria consentir, porque as alegações não corroboradas de Brown não teriam grande valia num processo. “Eu achei que o caso não era muito sólido”, continuou Morris. “Achei que ele não se prejudicaria. Achei que seria vantajoso para ele se submeter ao interrogatório e pôr fim ao clamor público.” O pressuposto para a investigação

renovada passou a ser defender os interesses de Bulger, em vez da busca incondicional dos fatos.

Tendo protegido Whitey a ponto de avisá-lo sobre outros informantes do FBI, Connolly interveio para livrar a cara de seu irmão — seu verdadeiro herói local. Com Whitey eram negócios, em boa parte. Mas Billy era uma espécie de ídolo. Ao longo dos anos, Connolly escondera sua relação com Whitey, mas nunca sua amizade com Billy — era uma carta que Connolly levava na manga, exultante por sua ligação com o ex-coroinha da igreja de Santa Monica. O agente acreditava que sua amizade com Billy convencera Whitey a se tornar informante. Ele chamava Billy de “amigo de infância”, “mentor”, “amigo muito íntimo”. E Connolly trabalhou esse relacionamento com afinco no FBI, levando uma comitiva de agentes à sala de Bulger no Senado Estadual para conhecer seu presidente em pessoa. Certa vez, Connolly foi apresentado por Bulger a seus colegas senadores estaduais durante uma sessão, e foi aplaudido de pé. Consciente de que muitos agentes são como atletas em vias de parar, temerosos da vida que os aguarda após os anos de glória, Connolly dizia aos colegas que Bulger podia ajudá-los a obter empregos bem-remunerados na aposentadoria. De maneira alguma ele permitiria um interrogatório hostil do FBI sobre Billy, muito menos um inquérito irrestrito em busca da verdade.

Nessas circunstâncias, não era de surpreender que a segunda investigação do FBI consistisse exclusivamente de uma conversa com Bulger no escritório de seu advogado. Durante duas horas, os promotores e um agente do FBI escutaram Bulger proferir um discurso em que negou qualquer ligação com Brown e se manteve firme na versão do empréstimo e dos honorários. Disse que Finnerty “jurou” que nunca invocava o sobrenome Bulger para obter vantagem. E acrescentou um novo viés à história do empréstimo: dessa vez não tinha a ver com despesas domésticas, mas com tomar uma medida preventiva, porque não

tinha confiança de que Finnerty lhe daria sua parte completa dos honorários. Bulger simplesmente queria seu dinheiro antes que ficasse a ver navios.

* * *

O amigável interrogatório de Bulger no FBI constituiu a base para a investigação ser encerrada de uma vez por todas. Jeremiah O'Sullivan, que se tornara promotor federal interino, declarou que o caso caracterizava tráfico de influência, mas não chegava ao ponto de se configurar extorsão. Questionado se não estaria dando a impressão de que um delito ocorrera e não fora devidamente coibido, O'Sullivan afirmou que essa não era sua função e que medidas adicionais caberiam às autoridades do estado.

A despeito de suas intervenções por Whitey Bulger nos bastidores, O'Sullivan não se recusou a ajudar. Ele fechara os olhos no caso dos páreos arranjados e alertara o FBI sobre a vigilância da polícia estadual na Lancaster Street. Desempenhara papel crucial em salvar Bulger da revisão interna do FBI feita por Sarhatt e depois impedira o condenado e desesperado Brian Halloran de entrar para o programa de proteção à testemunha. Por fim, o presunçoso promotor determinava que o caso Billy Bulger não tinha futuro, não merecia sequer ser olhado mais de perto. Seria o adeus definitivo de O'Sullivan às fileiras da lei.

Uma das questões descartadas por O'Sullivan e deixada para instâncias menores investigarem era o lado negativo da passagem de Billy Bulger pela State House. Contrariando a imagem pública do político, de retidão a toda prova, havia honorários elevados por serviços duvidosos. Por exemplo, além dos 250 mil dólares do dinheiro de Brown redirecionados para sua conta por Finnerty, Bulger dividira as gratificações com um lobista da State House que lhe apresentara clientes à procura de

influência. O lobista era Richard McDonough, filho de um lendário político pilantra, Patrick “Sonny” McDonough. Embora o filho carecesse do charme rude de Sonny, era um oportunista vivido que aprendera bem sobre os meandros da State House. Na verdade, foi Richard McDonough quem originalmente levou para Bulger o caso mágico dos empreiteiros que precisavam do empréstimo bancário de 2,8 milhões de dólares. E foi Richard quem recebeu 70 mil dólares em troca da indicação. Ele também levou outro cliente para Bulger, uma empresa de produtos para perda de peso da Califórnia que precisava de ajuda para tirar um deles da lista de carcinogênicos da Food and Drug Administration. A empresa achou que Bulger poderia ajudar com a FDA, mas ele só conseguiu uma reunião com burocratas menores de outra agência. Apesar da ausência de resultados, Bulger e McDonough dividiram a comissão de 100 mil dólares.

Nos depoimentos diante dos investigadores federais, nem Bulger nem McDonough foram capazes de apresentar a documentação para justificar as gratificações. McDonough não sabia praticamente nada sobre o trabalho feito para clientes que indiretamente lhe pagaram 120 mil dólares.

Dois meses depois de O’Sullivan pôr uma pedra sobre qualquer investigação posterior, o presidente do Senado Estadual foi o orador convidado numa festa de aposentadoria para John Cloherty, agente do FBI. Cloherty cuidava da assessoria de imprensa quando o bureau encerrou a revisão sobre a State Street, 75. Era também um antigo membro do Esquadrão de Crime Organizado supervisionado por Morris, bem como amigo de Connolly. Tempos de festa.

* * *

Cerca de um ano após Bill Bulger e Tom Finnerty dividirem os 500 mil dólares do maior magnata imobiliário do estado, um

pequeno corretor de imóveis em South Boston recebeu uma oferta que não podia recusar. Mais uma vez o dinheiro alegadamente foi exigido sob coerção, mas os termos eram completamente diferentes em Southie. Para Raymond Slinger, a alternativa a pagar 50 mil dólares era se entender com uma escopeta.

Slinger achava que podia estar diante de uma boa oportunidade quando começou a fazer negócios com Whitey Bulger, no outono de 1986. Whitey passou de surpresa no escritório dele para uma breve explicação inicial sobre como faturar no mercado imobiliário local em súbita expansão. Conversaram por cerca de vinte minutos, e talvez Slinger tenha se imaginado trabalhando com Bulger em alguns negócios imobiliários.

Mas não seria assim. Seis meses depois, Slinger foi chamado ao temido Triple O's. Entrou cautelosamente no bar abafado e claustrofóbico, com seu assoalho de tábuas tortas e teto baixo, suas paredes escuras e mesas pegajosas. No lugar sempre havia alguém jogando bilhar acompanhado de uma bebida e fregueses solitários fitando seus copos de dose e suas canecas de cerveja. Slinger foi conduzido à sala no andar de cima, onde Bulger o aguardava de braços cruzados. Erguendo o rosto, ele anunciou: "Estamos com um problema."

Bulger disse que tinha sido contratado para matar Slinger, incumbência que exigiria sua visita à imobiliária do sujeito, a Old Harbor Real Estate, "com escopetas, máscaras, essas coisas".

Bulger se recusou a responder a qualquer pergunta, incluindo quem queria Slinger morto ou por quê. Disse apenas o que era possível fazer — pagar Bulger para cancelar o contrato. Slinger, que já tinha dívidas vultosas e sua cota de inimigos, engoliu em seco e perguntou se 2 mil seriam suficientes. Mas Bulger riu e disse que suas botas custavam mais que isso.

BULGER: Está mais para 50 mil.

SLINGER: Eu não tenho todo esse dinheiro.

BULGER: Bom, melhor arrumar.

Slinger foi direto para o bar, no andar de baixo, a fim de dar uma calibrada antes de voltar à imobiliária na East Broadway Street. Já no escritório, telefonou desesperado para pedir a ajuda do vereador James Kelly, que conversou com Bulger e disse a Slinger que estava tudo bem.

Mas não estava. Dois dias depois, Slinger soube por Kevin O'Neil — comparsa de Bulger que cuidava do Triple O's — que “o homem” queria falar com ele outra vez. Pressentindo o pior, Slinger voltou ao Triple O's com o coração na boca e uma arma emprestada. Lá, dois capangas de Bulger o pegaram de imediato e o empurraram rudemente pela escada para o segundo andar, onde um vociferante Bulger o aguardava. “Eles me agarraram e me puxaram para o andar de cima, me revistaram, abriram minha camisa, pegaram a arma e começaram a me bater, a me encher de porrada”, lembrou Slinger. Apesar de atordoado, a lembrança dos chutes de Bulger era vívida.

Bulger e seus subalternos obrigaram Slinger a se sentar numa cadeira. Verificaram se estava usando grampo e o advertiram por falar com Kelly. Bulger pegou a arma de Slinger e encostou o cano em seu cocuruto, explicando que desse modo a bala desceria pela coluna vertebral sem fazer jorrar muito sangue. Em seguida, o gângster mandou pegarem um “saco para cadáver”, e Slinger quase desmaiou de medo. “Achei que era o fim.”

O momento passou, e Slinger recebeu uma segunda chance de conseguir o dinheiro. Com a camisa rasgada e completamente confuso, desceu cambaleante as escadas para o bar. Quando voltou ao escritório, ligou para a irmã e a esposa, e conseguiu juntar 10 mil dólares emprestados. Também concordou em fazer pagamentos semanais.

Cerca de dois meses após ser espancado e aterrorizado por Bulger, Slinger começou a encontrar dificuldades para pagar os 2 mil dólares semanais, dinheiro que enfiava num saco de papel e entregava a Kevin O'Neil num carro diante da imobiliária. Slinger pagara metade da dívida, mas ficou tão desesperado que procurou a lei. Na primavera de 1987, entrou em contato com o FBI.

Sem marcar dia ou hora, dois agentes apareceram na Old Harbor Real Estate. Slinger abriu a porta, e lá estavam John Newton e Roderick Kennedy.

Mais tarde, Newton diria que Slinger estava disposto a testemunhar sobre ser “achacado” por Kevin O'Neil. Mas alegou que em momento algum ele mencionou o nome de Bulger. De sua parte, Kennedy não foi capaz de lembrar um único detalhe sobre a conversa, nem se de fato ela aconteceu. E, num extraordinário desvio do procedimento padrão, nenhum agente escreveu um relatório sobre a sessão com Slinger.

Num exemplo clássico do que não fazer num caso desses, Newton discutiu o relato de Slinger com o chefe, que por sua vez falou com o assistente do agente especial encarregado. Os supervisores prontamente puseram o assunto de lado, ignorando diretrizes internas de levá-lo à promotoria ou explicar à sede do FBI a decisão de não fazer nada.

Ironicamente, a improdutiva conversa com o FBI ajudou Slinger a se livrar de sua inesperada relação de negócios com Whitey Bulger. Depois que os agentes saíram da imobiliária, Slinger, preocupado, ligou na hora para O'Neil e se defendeu, dizendo que não tivera nada a ver com a visita inesperada. O'Neil ligou de volta no dia seguinte e informou que podia cancelar o pagamento das parcelas. Os 25 mil bastariam, numa rara promoção de 50% de desconto das Lojas Bulger.

Anos mais tarde, Newton admitiu que o bureau ignorou o que teria sido um grande caso de extorsão. No tribunal, perguntaram-

lhe se havia ligação entre o caso negligenciado e o status de informante de Bulger.

Ele respondeu que, quando um informante se envolve num crime, “ou você continua com a investigação ou precisa pensar em outra coisa”.

A outra coisa foi o agente John Connolly dizendo a Whitey para deixar por isso mesmo o valor que Slinger ainda devia. Era o mínimo que um amigo leal podia fazer.

CAPÍTULO QUINZE

O papo de Connolly

No fim da manhã de uma segunda-feira, 8 de fevereiro de 1988, o agente John Connolly saiu de uma loja de ferragens perto do escritório do FBI e topou com Dick Lehr, repórter do *Boston Globe* (e um dos autores deste livro). Connolly fora à loja fazer uma cópia de chave, enquanto Lehr atravessava a cidade para conversar com uma fonte.

Foi um encontro casual numa fria manhã de inverno.

Reconhecendo o repórter, Connolly parou na calçada para cumprimentá-lo. Os dois não se conheciam muito bem, embora Connolly frequentasse o grupo de jornalistas de Boston que cobria crime organizado. De todos os agentes do FBI em Boston, Connolly era o mais acessível, o mais ansioso para conversar com a mídia sobre seu trabalho e o FBI.

Lehr não era repórter criminal, mas fora apresentado a Connolly no ano anterior. Fazia parte de uma equipe de repórteres do *Globe* que passou meses entrevistando agentes do Esquadrão de Crime Organizado sobre a operação de escuta com Angiulo. Lehr e os repórteres haviam se encontrado com quase uma dúzia de agentes — Connolly, John Morris, Ed Quinn, Nick Gianturco, Jack Cloherty, Shaun Rafferty, Mike Buckley, Bill Schopperle, Pete Kennedy, Bill Regii e Tom Donlan. A série de artigos foi um sucesso tanto entre os leitores como no bureau, pois mostrava o FBI no auge da forma técnica: invadindo o santuário da Máfia para plantar um dispositivo de escuta. Lehr não vira nem conversara com Connolly desde a série de

reportagens, um ano antes. Após se cumprimentarem, o jornalista perguntou ao agente federal como andavam as coisas.

Com as chaves reluzentes tilintando na mão, Connolly não hesitou. Começou a falar sobre um novo grampo do FBI, cujo alvo eram os mafiosos pós-Angiulo que estavam disputando posição e poder. Disse que por cerca de seis meses, do fim de 1986 a meados de 1987, o bureau havia monitorado o novo grupo da Máfia conduzindo negócios nos fundos de um restaurante no centro comercial ao pé de um dos marcos de Boston, a Prudential Tower.

“Foi demais”, disse o agente sobre o grampo instalado no Vanessa’s Italian Food Shop.

Lehr escutou com atenção, percebendo na hora que a informação poderia dar uma grande matéria. Mas o jeito relaxado de Connolly também deixou o repórter com um pé atrás. Não houve nenhuma menção à conversa ser “sigilosa” ou “extraoficial”, nem restrita de algum modo, como costuma acontecer quando a informação é passada a alguém da mídia. Para o agente, conversar sobre o Vanessa’s parecia ser o mesmo que conversar sobre os Boston Bruins, que na noite anterior haviam derrotado os Calgary Flames por 6 a 3 e assumido o primeiro lugar da divisão na National Hockey League. Ou sobre política. A convenção de Iowa do Partido Democrata ocorreria naquele mesmo dia, com o governador de Massachusetts, Michael Dukakis, questionando a liderança de Richard Gephardt na corrida pelo estado. Pelo jeito, Connolly estava acostumado a pôr informações para circular sem medo de ser rastreado como a fonte delas.

Não houve qualquer cobertura da imprensa sobre uma escuta do FBI dentro de um restaurante na área do Back Bay. Quando muito, os repórteres de assuntos policiais da cidade andavam se perguntando sobre o status da Máfia após a operação no número 98 da Prince Street. Sabia-se que, após a prisão de um antigo

líder criminoso como Angiulo, haveria uma certa confusão natural, e os nomes de uma série de figuras da Máfia relativamente desconhecidas começaram a circular. Havia Vincent M. Ferrara, que combinava o diploma de administração na Faculdade de Boston a “um gosto por sangue”; um mafioso mais velho chamado J. R. Russo; e o meio-irmão de Russo, Bobby Carrozza, de East Boston. Os três serviam de *caporegime* na Máfia que lutava para se reerguer, mas pouco mais se sabia sobre eles. Além disso, finalmente Cadillac Frank Salemme estava voltando para casa, libertado de uma prisão federal após cumprir quinze anos pela bomba no carro de um advogado, em 1968, tentativa de assassinato pela qual seu cúmplice e amigo Stevie Flemmi nunca foi sequer indiciado.

Diante da loja de ferragens, Connolly exultava com a capacidade do bureau de rastrear a Máfia, desde sua base tradicional no North End até o elegante centro comercial no Back Bay. A localização do Vanessa’s constituía uma guinada totalmente nova, um lugar improvável para a Máfia, algo como um elefante numa loja de porcelana. Fregueses educados e jovens profissionais sofisticados lanchavam no balcão enquanto, na sala dos fundos, um enfurecido Ferrara disparava ultimatoss e impropérios contra *bookmakers* conforme explicava que um novo dia nascia para a Cosa Nostra.

A sala sem janelas era isolada, e o único acesso, tortuoso. Os mafiosos deixavam os carros no labiríntico estacionamento do subsolo, e era impossível alguém segui-los sem ser notado. Connolly se deliciava com o fato de os atrevidos Ferrara, Russo e Carrozza acreditarem ter encontrado um lugar impenetrável para se reunirem e não via a hora de pôr as mãos em Ferrara, que era “arrogante” e “metido”, “um grande encrenqueiro”. Seus pares o odiavam por seu caráter cruel e seus modos desrespeitosos. Connolly comentou que, na verdade, Ferrara estaria morto se não tivesse corrido pelo submundo de Boston a notícia de que o

FBI já estava atrás dele. Os outros gângsteres podiam “relaxar na cadeira e deixar que a gente acabe com ele,” declarou o agente.

Tempos depois, Lehr se juntou ao colega jornalista Kevin Cullen e, após mais alguma investigação para confirmar o relato de Connolly, escreveu um artigo de primeira página sobre o Vanessa's que saiu em 17 de abril de 1988, um domingo, e começava assim: “Era um local perfeito. Os policiais não podiam pôr ninguém na sua cola e dava para deixar o carro no estacionamento do subsolo, andar até o elevador de carga e subir em sigilo.” Embora o artigo incluísse bastante informação, os repórteres não obtiveram as fitas da escuta no Vanessa's. Isso significava que não haviam escutado a gravação favorita de Connolly: Ferrara achacando “Doc” Sagansky.

“A gente está com uma porção de caras encrencados, Doc”, contou Ferrara a Sagansky. O mafioso optara por tratar suavemente o alvo, que, aos 89 anos, era o agenciador de apostas mais velho e respeitado do submundo. Nascido no fim do século XIX, Doc fora dentista na juventude, formado na Faculdade de Odontologia de Tufts, mas ficou milionário como principal *bookmaker* da cidade. No fim da década de 1940, a polícia o via como o “mandachuva financeiro” do crime organizado em Boston, com participação em dois clubes noturnos e uma empresa que fazia empréstimos. Em 1941, emprestou 8.500 dólares para James Michael Curley, lendário prefeito de Boston e, na época, congressista. Em troca, Sagansky foi nomeado beneficiário numa apólice de seguro de 50 mil dólares feita por Curley para afiançar um empréstimo. O fato de estarem ligados publicamente deixou alguns com a pulga atrás da orelha e ganhou as manchetes. O nome de Sagansky vinha à tona em toda grande investigação sobre jogo em Boston desde a Depressão. Na despesa do Vanessa's, em 14 de janeiro de 1987, Ferrara tentava parecer razoável para o velho,

explicando os maus bocados por que a Máfia passava — com os cinco irmãos Angiulo e muitos outros soldados fora de circulação, no xadrez.

“A gente precisa ajudar os caras”, insistia. “As famílias deles, os advogados. Alguns de nós estão encrencados.” Ele queria que Sagansky e um comparsa que o acompanhara, outro *bookie* idoso chamado Moe Weinstein, começassem a pagar “aluguel”. Durante o regime de Gennaro Angiulo, Sagansky havia operado sem essa necessidade. Mas Ferrara disse que aqueles dias tinham chegado ao fim e queria uma prova de boa-fé na forma de 500 mil dólares. Afirmou que uma soma dessas não representava nada para um milionário como ele e que Sagansky tinha “classe”. “Ajuda a gente”, pediu Ferrara.

Sagansky se recusou. Ainda que estivesse ali sentado na despensa sem janelas, nas presenças de Ferrara e de seu gorila, Sagansky tentou persuadir o mafioso de que o negócio do jogo ia de mal a pior, que “despencara a zero”.

Ambas as partes ficaram chorando pitangas até Doc se cansar. “Não vou dar dinheiro nenhum”, disse.

Ferrara explodiu. O soldado da Máfia Dennis Lepore se curvou para encarar o rosto encarquilhado: “Você não tem alternativa. A gente quer alguma coisa já. E você tem sorte de não ser mais. O negócio é sério. Está entendendo?” A malevolência escorria pelos lábios de Lepore: “Caralho, cara! Você acha que a gente está brincando? Você fez a festa esses anos todos, porra! Esse é um negócio que você vai ter que pagar já. A gente quer o dinheiro. E não é um pedido.”

Em seguida, para forçar Sagansky a cooperar, o furioso Ferrara o ameaçou, dizendo que seu amigo Weinstein seria mantido refém até ele aparecer com os 500 mil. Depois, Doc e Moe foram deixados a sós na despensa por algum tempo. “Nunca mais vou ver você outra vez”, disse Doc. “E agora? O que eu faço?” Weinstein reiterou o óbvio: “Acho que você vai ter que

entregar o dinheiro.” Os velhinhos prometeram arrumar o dinheiro, e Ferrara os libertou.

No dia seguinte, enquanto os investigadores observavam de uma distância segura, Weinstein apareceu com uma sacola de compras branca e entrou num restaurante no Park Plaza Hotel. Entregou a sacola de plástico a Ferrara e Lepore. Dentro havia 250 mil em dinheiro, a primeira parcela. Os mafiosos voltaram rápido para a despensa do Vanessa’s e exultaram enquanto dividiam o montante em seis bolos de 40 mil. “Que babacas! É bom que seja dinheiro de verdade”, troçou Ferrara para Lepore, excitado ao pôr as mãos em toda aquela grana.

Mesmo sem reproduzir todo o diálogo, a matéria do *Globe* atingiu um ponto sensível. A chefia do FBI e os promotores federais, particularmente Jeremiah T. O’Sullivan, da Força de Combate ao Crime Organizado, ficaram furiosos. A investigação de Ferrara continuava em andamento, e eles queriam saber como a notícia do Vanessa’s vazara. Mas os repórteres não tinham obrigação nem motivo para contar às autoridades a fonte da matéria. Ninguém ali se queixaria da propensão de Connolly de falar pelos cotovelos.

* * *

Na verdade, como se veria, Connolly estava disposto a contar tudo sobre o Vanessa’s, ou, como se referiam confidencialmente ao caso, a Operação Bruma da Selva. O agente passou a tagarelar como se estivesse num palanque eleitoral, descrevendo o Vanessa’s como a segunda parte de uma “trilogia” de importantes escutas da Máfia (a primeira sendo na Prince Street, 98) que o FBI só teria conseguido concretizar graças a seu trabalho com Bulger e Flemmi. “Eles foram, sem sombra de dúvida, as duas fontes mais importantes que já tivemos”, dizia Connolly com grandiloquência ao fim de suas declarações.

Mas, como tantas vezes era o caso, as alegações de Connolly se provaram exageradas quando examinadas mais de perto. Bulger e Flemmi eram os informantes anônimos a que Connolly se referiu durante a conversa com Lehr no início de 1988. Nesse aspecto, foi um momento brilhante de um serviço de inteligência genuíno e singular. Mais tarde, a evidência das fitas ajudou a condenar Ferrara, Lepore, Russo e Carrozza por extorsão e crime organizado. Mas na verdade a maior parte do crédito por conduzir o FBI ao Vanessa's cabia a Flemmi, e não a Whitey Bulger.

Mesmo que o Vanessa's figurasse nos registros municipais como sendo de propriedade de um casal do abastado subúrbio de Belmont, o lugar era controlado por Sonny Mercurio, soldado da Máfia e assassino absolvido. (Posteriormente, o próprio Mercurio se tornaria informante do FBI.)

Em abril de 1986, Flemmi começou a contar a Connolly sobre como Vinnie Ferrara estava trabalhando com Mercurio, J. R. Russo e Bobby Carrozza usando o restaurante italiano como base. Flemmi, e não Bulger, comparecia às reuniões, onde a pendência a ser resolvida era a divisão da ação no submundo entre a facção de Ferrara e a gangue de Bulger. Após uma reunião no início de agosto, Flemmi explicou que Mercurio era “simpático” a ele e Whitey Bulger “desde os dias em que era o mensageiro da ligação entre ‘a Hill’ e Jerry Angiulo”. Flemmi acrescentou que Mercurio estava incumbido de armar o encontro entre os grupos para discutir uma alteração na cobrança em cima das loterias diárias ilegais, de modo que todos pudessem embolsar ainda mais dinheiro.

Flemmi compareceu a outra reunião uma semana mais tarde; depois disso, forneceu a Connolly mais um relato detalhado — sobre as negociações para melhorar as condições das loterias ilegais e sobre os planos de distribuir cartões ilegais para apostas de futebol durante a temporada seguinte, que começaria no

outono. Flemmi disse a Connolly: “A Máfia pretende retalhar a cidade e o estado inteiros, se possível, e controlar todos os *bookmakers* independentes.” Informou que a “Máfia estava a caminho” dos subúrbios e disse que comparecera ao encontro clandestino “pegando um elevador do quinto andar para a área de serviço”.

As reuniões continuaram, e Flemmi começou a fornecer mais detalhes sobre a localização, o layout e a segurança da despensa. “A despensa fica a duas portas do Vanessa’s”, contou ele a Connolly em 18 de agosto de 1986. “Eles usam o lugar para a reunião, e tem sistema de alarme, mas parece que não está funcionando. Além do sistema de alarme, a área é patrulhada por um serviço de segurança.” No fim de agosto, Flemmi chegou a executar um esboço grosseiro da planta baixa do Vanessa’s durante uma das reuniõezinhas tarde da noite na casa de Connolly, na presença de Bulger e Jim Ring.

Esse tipo de informação fornecia uma ampla causa provável para o FBI obter autorização judicial e plantar uma escuta na despensa do restaurante — e mais do que isso. O diagrama, por exemplo, foi um pouco como uma afronta, disse Ring mais tarde. “Achei uma enorme estupidez”, disse o supervisor sobre o desenho de Flemmi. “Não preciso de um diagrama para imaginar como eles entraram lá.” Melhor deixar que os agentes conduzam a vigilância do que entregar os planos do FBI a um informante criminoso. “Você se rebaixa demais tendo uma discussão dessas com um informante, o informante aprende coisas demais com as suas perguntas”, comentou Ring. “Apesar das tremendas capacidades do senhor Flemmi”, acrescentou sarcasticamente, “o nosso pessoal é bem melhor, e eu confiei nos nossos técnicos para pôr os grampos no lugar correto, de modo que funcionassem”.

Quando a escuta do FBI entrou em ação, no Halloween, Flemmi parou de comparecer às reuniões na despensa do

Vanessa's, o que não causou nenhuma surpresa nem foi coincidência. Mais uma vez, o FBI gravaria os mafiosos enquanto Flemmi e Bulger permaneciam invisíveis. “Eu não fui interceptado porque sabia que [o grampo] ia estar lá”, explicou Flemmi. Pouco antes de começar a operação, “John Connolly me avisou que estava instalado”. Por meses, as reuniões estratégicas no Vanessa's tinham envolvido as duas poderosas organizações criminosas de Boston: a Máfia e a gangue de Bulger. Mas, assim que as fitas do FBI começaram a rodar, foi como se Boston fosse uma cidade estritamente da Máfia.

A extorsão de Sagansky coincidiu com a chegada de um novo agente especial encarregado à divisão de Boston. Veterano de casos envolvendo o crime organizado na Califórnia, Jim Ahearn chegou em novembro de 1986, na época que o esquadrão de Boston reunia evidência gravada contra a facção de Ferrara. De imediato se impressionou com o trabalho do Esquadrão de Crime Organizado, em particular com John Connolly, que fazia questão de deixar claro para todo mundo que os informantes por trás do grampo pertenciam a ele.

Para confiar em Flemmi, porém, o FBI também tinha que ignorar o crescente serviço de inteligência fornecido por outros informantes do bureau sobre os dois chefões criminosos. “Stevie Flemmi, da gangue Winter Hill, tem procurado agentes para assumir o controle durante o período de confusão e fraqueza [da Máfia]”, contou um informante a John Morris em 20 de abril de 1986. Flemmi começou a conduzir Connolly ao Vanessa's no mesmo momento em que ele e Bulger davam o ar da graça pelas ruas afora. “O pessoal da Winter Hill vem se mostrando um desafio para o velho regime de Angiulo, e Flemmi tem andado pela cidade toda”, prosseguia o informante. “O velho regime de Angiulo não está em condições de deter Flemmi.”

Nesse aspecto, a dica de Flemmi sobre o Vanessa's se mostrou muito conveniente, um modo de manter nas cordas uma

Máfia que já estava quase jogando a toalha. O FBI que cuidasse do nocaute.

Então, houve o terceiro grampo da trilogia do FBI que Connolly invocaria na década de 1990 como prova de que Whitey Bulger era um informante excepcional. A operação de escuta em si — que ocorreu numa única noite, em 29 de outubro de 1989 — de fato garante seu lugar no hall da fama do FBI. Pela primeira vez os agentes gravaram clandestinamente uma cerimônia de iniciação da Máfia. Presentes estavam Vinnie Ferrara, J. R. Russo, Bobby Carrozza, treze outras figuras mafiosas e, o mais importante, o chefe mafioso do momento na região da Nova Inglaterra: Raymond J. Patriarca, filho do falecido Raymond L. S. Patriarca. Na sala de jantar da casa de um comparsa em Medford, Massachusetts, o bando de mafiosos executou o lendário ritual — dedos espetados, juramentos de sangue compartilhados — que culminou na “feitura” de quatro novos *soldati*. A cerimônia também se deu como parte do corrente esforço da Máfia, pós-Angiulo, para aliviar as tensões entre facções rivais e organizar melhor uma ordem de trabalho.

— Estamos todos aqui para trazer novos membros à nossa Família — acolheu Patriarca, presidindo a cerimônia —, e, mais do que isso, para dar início a um novo começo. Porque eles entram na nossa Família para começar uma coisa nova com a gente.

Um a um, os quatro novos soldados fizeram o juramento da Máfia. Cada um extraiu sangue do dedo que aperta o gatilho.

— Eu, Carmen, quero entrar nesta organização para proteger minha Família e proteger todos os meus Amigos. Juro não divulgar este segredo e obedecer a ele, com amor e *omertà*.

Então, a cada um deles foi dito que se tornavam um “irmão para o resto da vida”, e todos responderam:

— Quero entrar vivo nesta organização e sair dela morto.

Carmen Tortora, junto com os outros três, também passou por um teste de lealdade:

— Se eu contasse para você que seu irmão cometeu uma ofensa, que ele é dedo-duro, que vai prejudicar a gente, você ia ter que matar seu irmão. Faria isso por mim, Carmen?

— Sim.

— Todo mundo aqui é prova disso?

— Sim.

— Então você conhece a severidade da Cosa Nostra?

— Sim.

— Você quer muito isso? Quer desesperadamente? Sua mãe está morrendo na cama, e você vai ter que deixar ela lá porque a gente chamou você, é uma emergência. Você vai ter que sair. Vai fazer isso, Carmen?

— Sim.

Na década de 1990, a famosa cerimônia de iniciação se tornou parte da ode de Connolly a Bulger. No entanto, mais uma vez, os fatos ficaram no caminho de Connolly. Arquivos do FBI revelaram que quatro informantes foram usados pelo FBI em sua declaração juramentada para obter autorização judicial e gravar a cerimônia, mas Bulger não estava entre eles. Para a causa provável, o FBI se apoiou quase exclusivamente em outro informante de Connolly, Sonny Mercurio. Sonny tinha toda a informação sólida sobre a hora e o lugar da cerimônia — não Bulger. Flemmi foi usado como um dos quatro informantes, mas sua contribuição foi insignificante comparada à de Mercurio. Mais tarde, Flemmi admitiu que, durante o início do outono de 1989, as poucas informações que ele passou a Connolly só surgiram depois de o agente lhe contar sobre o evento iminente. Até então, Flemmi não sabia nada da cerimônia que a Máfia planejava fazer. “Ele pediu para eu monitorar todas as fontes e relatar qualquer informação que obtivesse, e foi o que eu fiz.” Depois, uma vez que o FBI registrara a cerimônia em fita, Flemmi

acrescentou que lhe contaram sobre o sucesso do bureau — revelação que pode ter parecido trivial para Flemmi, mas que violava o regulamento do FBI. E quem contou? “John Connolly”, apontou Flemmi.

Se significava alguma coisa, a última incontinência verbal de Connolly refletia não só o hábito de alardear seu trabalho aos quatro ventos como sua propensão a abrilhantar Bulger à custa de Flemmi. Ao longo dos anos, por vezes Connolly arquivou relatórios em duplicata para cada um — atribuindo a mesma informação, com exatamente as mesmas palavras, tanto para um quanto para outro. A única diferença entre os relatórios seriam as máquinas de escrever usadas para redigi-los. Em outras ocasiões, as palavras não seriam exatamente as mesmas, mas a informação, sim, e ambos recebiam o crédito. Para explicar a dobradinha, Connolly disse que não era particularmente cuidadoso na organização dos arquivos e que considerava os dois uma única fonte. “Muitas vezes eu me confundia”, afirmou. “A informação vinha quase como uma coisa só.”

A técnica beneficiou Bulger, pois, dos dois, era Flemmi quem tinha antigas ligações pessoais com a Máfia. Era Flemmi, e não Bulger, quem tinha moral; era ele quem visitava com frequência os antros da Máfia. Flemmi, e não Bulger, foi mais tarde capaz de descrever para Connolly o layout e a planta baixa do Vanessa’s. Larry Zannino, Patriarca e outros líderes mafiosos repetidamente tentaram convencer Flemmi a entrar para a Cosa Nostra. Mas, com suas “confusões”, Connolly estendia o crédito para incluir Whitey, enaltecendo — e protegendo — o velho amigo do bairro.

* * *

Dicas como o Vanessa’s eram algo a se valorizar, e, ao contrário dos dois outros grampos citados por Connolly, o Vanessa’s foi de fato resultado do trabalho com Flemmi e Bulger. Sem as

informações da dupla, não teria havido escuta em Back Bay ou extorsão a Doc Sagansky.

Mas, no fim dos anos 1980, qual era o preço disso?

O trato entre o FBI de Boston e Bulger estava tão desvirtuado que qualquer bem que pudesse resultar dele para o bureau era anulado pela onda de concessões e corrupção. É claro que tais aspectos do acordo nunca apareceram em nenhum dos documentos oficiais — na verdade, as revisões anuais que Connolly e Morris efetuavam de maneira superficial sempre deixavam Bulger e Flemmi supostamente a par de que ambos tinham que se submeter às diretrizes do bureau, como qualquer outro informante. Nada de favores. Nada de licença para cometer crimes. Nada de vendar os olhos. Por exemplo: “O informante não deverá participar de atos de violência ou usar de técnicas ilegais para obter informação para o FBI, nem iniciar plano com vistas a cometer atos criminosos.” Todo ano Connolly assinava um memorando interno declarando que passara essa e dez outras “advertências” para Bulger e Flemmi, incluindo: “O informante foi avisado de que sua relação com o FBI não o protegerá de ser preso ou processado por violações da lei federal, estadual ou local, a não ser quando a atividade do informante for justificada pelo supervisor do agente especial encarregado, segundo as diretrizes apropriadas.” E, em todas as pastas sobre Bulger e Flemmi no FBI, compreendendo centenas de páginas ao longo de mais de duas décadas, nenhum documento jamais veio à luz mostrando que a sanha criminosa dos gângsteres fora autorizada.

Em vez disso, Connolly e Morris haviam feito por baixo dos panos um acordo com a divisão de Boston do FBI, um contrato em letras miúdas, uma espécie de adendo com tinta invisível. Era simples e relativamente inequívoco. Exigia que os agentes cometessem crimes para proteger os dois informantes. O mundo estava de cabeça para baixo.

Às vezes, o zelo protetor do FBI ultrapassava o próprio Bulger e incluía comparsas que orbitavam em torno dele. Os bares na parte baixa da West Broadway estavam fechando nas primeiras horas da manhã do Dia das Mães em 1986. Um pipoco de tiros ecoou, e, num carro parado na frente do Triple O's, Tim Baldwin, de 23 anos, um ex-condenado de South Boston recém-saído da cadeia, desabou, morto.

Em poucos dias os detetives de homicídio da Polícia de Boston tinham um suspeito — Mark Estes, de 26 anos, outro ex-condenado que bebia no Triple O's pouco antes do assassinato. A polícia descobriu que duas semanas antes Baldwin batera em Estes com uma chave de roda por causa de uma garota. A polícia tinha testemunhas dos tiros entre as centenas de pessoas que saíam dos bares àquela hora. As testemunhas contaram à polícia que viram Estes atirar em Baldwin, viram Estes atirar na direção dos curiosos ao fugir e viram Baldwin tomar à força o carro de uma mulher numa vã tentativa de fugir.

Mas, no fim de junho, durante uma audiência no tribunal, o caso contra Estes topou com um grande empecilho. As testemunhas abjuraram a identificação do criminoso. A acusação de homicídio foi retirada, e depois a polícia se queixou do velho “código de silêncio” vigente no bairro: os moradores se recusavam a cooperar com as autoridades. “Eu sou de South Boston”, disse uma testemunha, dando de ombros, para explicar a reviravolta ao juiz. “A gente mantém as coisas entre nós.”

Os promotores juraram continuar com a investigação, e, no Dia do Trabalho, emitiu-se contra Kevin O'Neil uma intimação para comparecer perante o grande júri. O protegido de Bulger cuidava do Triple O's na noite do assassinato, e o sargento detetive Brendan Bradley, do esquadrão de homicídio da Polícia de Boston, disse que obtivera a informação de que O'Neil “sabia de todos os detalhes do assassinato, incluindo o nome do

perpetrador”. Os promotores queriam que O’Neil comparecesse perante o grande júri e entregasse Estes.

Mas a gangue de Bulger e o FBI viam a intimação com outros olhos — como um aborrecimento. Bradley chegou ao trabalho em 5 de setembro de 1986 e encontrou um recado. O agente do FBI John Connolly telefonara. Bradley retornou a ligação. “Connolly disse que queria conversar.” Eles combinaram de se encontrar para um café três dias depois, no saguão do Prédio Federal John F. Kennedy, sede do escritório do FBI em Boston.

Bradley chegou primeiro. “Connolly saiu do elevador carregando um copo de café para si mesmo.” O agente se desculpou por estar com a outra mão vazia, dizendo: “As garotas do escritório me adoram, sempre compram café pra mim.” O que o cara pode fazer se ele é tão popular? Os dois foram comprar café para Bradley e depois confabularam num canto. “O que você está fazendo com meu amigo?”, perguntou Connolly ao policial.

Connolly explicou que estava sabendo da intimação contra O’Neil. Segundo o agente, O’Neil era de uma boa família de South Boston, e o irmão dele era um bombeiro da cidade que se acidentara durante o trabalho. O’Neil era um cara legal.

Bradley explicou que estavam falando de uma investigação de homicídio e que O’Neil aparentemente podia ajudar a polícia. Connolly não se abalou. “Mas ele é boa gente.” Além do mais, disse, o cara que morreu era um zé-ninguém.

O recado era simples: um cara legal sempre valia mais que um zé-ninguém.

Connolly não “pediu diretamente para retirar a intimação contra O’Neil”, mas Bradley foi embora com a impressão de que “esse foi o propósito da conversa”. O’Neil chegou a comparecer perante o grande júri, mas se recusou a testemunhar. Citou a prerrogativa da Quinta Emenda para não se incriminar. Os detetives de homicídio foram atrás de outras pistas; nada surgiu, e a investigação fracassou. Estes era um homem livre.

Logo depois, Bradley contou a um colega e a dois promotores de homicídios sobre o preocupante lobby por um protegido de Bulger, aparentemente para “derrubar uma intimação de grande júri”. Anos mais tarde, um dos promotores disse que não se lembrava de Bradley se queixar sobre Connolly. Autointitulado amigo de Connolly, John Kiernan disse: “Não acredito que Connolly fosse capaz de fazer uma coisa dessas.” Mas o outro promotor claramente se lembrou da conversa com Bradley logo depois de o detetive ter tomado café com o agente do FBI.

James Hamrock declarou que, na verdade, chegou a pensar na possibilidade de intimar Connolly a comparecer perante o grande júri “para testemunhar sobre seu papel e seu conhecimento do assunto”. Mas, não querendo piorar ainda mais as relações já deterioradas entre o FBI e os promotores locais, desistiu. Como outros antes dele, deixou a conversa de Connolly passar em brancas nuvens.

* * *

Em termos de arrumação doméstica, John Connolly tinha companhia no FBI para manter a casa de Bulger em ordem. John Morris se tornara supervisor de um esquadrão de crimes do colarinho branco dedicado principalmente a casos de corrupção pública e, no início de 1985, conduzia uma investigação que começara como um caso de crime organizado. Os alvos originais eram dois *bookmakers* veteranos operando na área de Roxbury, Boston, John Baharoian e Steve Puleo. Baharoian tocava uma casa de apostas de sua loja decrépita, Avenue Variety, na Blue Hill Avenue. Nas prateleiras se acumulavam camadas de pó e produtos diversos com data de validade vencida.

Os investigadores sabiam que a lojinha de conveniência não passava de fachada para um dos *bookies* mais requisitados naquela parte da cidade. Acreditavam também que Baharoian

pagava tributo a Flemmi. Mas então os investigadores começaram a juntar provas de que, além disso, Baharoian pagava propina a vários policiais de Boston em troca de proteção. Com isso, o caso foi transferido para o esquadrão de Morris, com foco expandido na corrupção policial.

No fim do inverno de 1988, os agentes sob o comando de Morris planejavam grampear o telefone de Baharoian. A preocupação secreta de Morris era que Flemmi e possivelmente Bulger fossem pegos em alguma gravação. Era uma possibilidade que suscitava seus piores pesadelos — a prisão de Bulger e Flemmi levando à sua, caso os gângsteres, buscando leniência da justiça, virassem a casaca e o entregassem por um acordo. Decidiu que precisava avisá-los.

Morris contou a Connolly sobre o perigo iminente, afirmando que Flemmi e Bulger precisavam manter distância do telefone e de Baharoian. Era melhor fazer uma reunião, respondeu Connolly, que, segundo Morris, “achava que eles iam gostar de ficar sabendo por mim. Connolly queria que fosse eu a dar a informação, e não ele, ou que eu me encontrasse com eles ao menos para conversar pessoalmente”.

Tudo bem, disse Morris. Os quatro poderiam se encontrar. Mas outra preocupação atormentava Morris. Mesmo que as circunstâncias ainda não fossem exatamente as mesmas, Morris sabia que numa ocasião anterior, quando revelara uma investigação sigilosa para o grupo, o desfecho fora ruim, trágico. “Não quero outro Halloran”, disse Morris a Connolly.

Connolly se encarregou de marcar mais um jantar, dessa vez na nova residência de Morris, em Lexington. Parecia que Morris chegara ao fundo do poço em várias frentes: seu casamento estava irremediavelmente acabado e ele vivia preocupado com a filha adolescente. Mas, enquanto ele se enchia de aflições, Connolly simplesmente levava tudo na boa. Bulger e Flemmi também pareciam viver na maciota. Os dois sem dúvida

passaram a esperar esse tipo de informação — dicas sobre investigações, grampos e os nomes de outros criminosos que estavam cooperando com a polícia. “Quando a necessidade surgia e eu estava em determinada situação, eu perguntava [a Connolly] sobre algumas pessoas, e ele me aconselhava”, disse Flemmi. Era como se os dois agentes estivessem servindo de *consiglieri* para os bandidos.

Mas os motivos de Morris para proteger Bulger e Flemmi haviam se multiplicado. Ele andava desesperado para cobrir as próprias pegadas. “Eu me via completamente comprometido nesse ponto e tinha medo de que o senhor Flemmi fosse interceptado, e isso seria o início da divulgação do que de fato tinha acontecido entre a gente”, disse Morris. Ele sabia que estava burlando a lei — obstruindo a justiça. “Acredito que a questão de Baharoian era claramente uma violação das regras.” Mas ele viu o próprio pescoço em risco, caso os agentes captassem Flemmi ou Bulger numa gravação. Connolly, Bulger e Flemmi chegaram para o encontro, e Morris foi direto ao assunto, dizendo aos informantes “que já tínhamos começado um Título III em Baharoian, e avisei que era para evitarem o senhor Baharoian”.

Flemmi ficou agradecido pelo alerta: “Morris disse que podia me manter fora do indiciamento, mas que não podia fazer o mesmo pelos outros participantes na operação, ou seja, Baharoian e Puleo.”

A escuta do FBI em Baharoian durou de 22 de junho a 26 de setembro de 1988. O grampo e outras provas resultaram nos indiciamentos de Baharoian, Puleo e vários policiais de Boston. Baharoian acabou mudando de lado e testemunhou no tribunal contra a polícia. As fitas foram ouvidas, e elas continham as vozes dos *bookies* e dos policiais. Mas não de Flemmi. Não de Bulger. Eles sabiam quando era seguro falar e quando deviam fechar o bico.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Segredos expostos

Se Connolly era o Elmer Gantry* do FBI em Boston, um agente que usava o poder da palavra para angariar prosélitos, John Morris era bem diferente. Incapaz de resistir à tentação mas torturado por todos os seus delitos, Morris era como uma criança ao volante de um carro de videogame, que bate contra o muro e ao tentar se livrar da encrenca logo se mete em outra, dando ré em alta velocidade para voltar à pista e colidindo a traseira contra o muro oposto. Derrapando de lá para cá, e impossibilitado de se manter no rumo certo, ele estava se aproximando do *game over*. Em 1988, o casamento de Morris estava arruinado. Sua carreira no FBI corria risco. Até sua amizade com o loquaz Connolly ia de mal a pior. Depois de dizer que apoiaria Connolly, Morris se opusera à tentativa do agente de ser promovido a supervisor. Connolly se sentiu traído, com bom motivo. No entanto, Morris tinha legítimas ressalvas contra um agente que adorava passear, dificilmente parava atrás de uma mesa e entregava relatórios insípidos ao servir de orientador para outros agentes.

Mais apropriadamente, a oposição de Morris derivava de questões que ele não ousava enumerar. Na carta à junta de carreira do FBI, ele não mencionou a corrupção nem explicou que promover Connolly significaria aumentar a proteção ao cada vez mais perigoso Bulger: “Eu achava que ele não deveria ser supervisor, e ponto final”, explicou Morris. “Achava que não estava preparado.”

Naturalmente, a decisão da junta de carreira contra uma promoção irritou Connolly. Mas então ele resolveu agir. Procurou

Jim Ahearn, que estava em Boston como agente especial encarregado da divisão havia apenas pouco mais de um ano, desde o fim de 1986. Connolly e Ahearn tinham se tornado amigos em pouco tempo. Mais do que um mero superintendente cuidando do escritório em Boston, Ahearn era um chefe com quem Connolly podia contar.

“Eles eram muito, muito íntimos”, comentou Morris. Havia mais de duzentos agentes designados à divisão de Boston, e Morris viu o novo chefe fazer “coisas por Connolly que nunca vi ninguém fazer por um agente durante a minha carreira”. Uma delas era providenciar tudo que Connolly pedia. “Nunca vi um agente especial encarregado ir ao quartel-general do FBI e recomendar que alguém fosse nomeado supervisor quando a junta de carreira se decidira pelo contrário. Nunca.” Mas Connolly teve o desejo atendido e, em 1988, passou a trabalhar como supervisor de uma força-tarefa no combate às drogas. Graças à mãozinha de Jim Ahearn.

Após ficar no caminho de Connolly, Morris estava mais do que nunca preocupado com a influência do agente, que crescia a um patamar alarmante. “Minha preocupação era de que aquilo simplesmente fosse acabar comigo.” Morris sentia que estava sendo chutado para escanteio, ficando isolado. E, tendo vazado a escuta de Baharoian pouco tempo antes, vinha sofrendo também com uma pontada de culpa. Então, decidiu dar uma guinada de volta à pista.

Morris fez um juramento consigo mesmo: “Eu não ia fazer mais nada, sabe, em termos de protegê-los para me proteger.” Morris ia pôr um ponto final naquilo.

Era o fim da primavera de 1988, e o momento em que todas essas preocupações assombravam Morris coincidiu com o trabalho de uma equipe de repórteres do *Globe* sobre Bulger e o FBI. Lehr, Gerard O’Neill (os autores deste livro), Christine Chinlund e Kevin Cullen trabalhavam numa série de artigos sobre

os irmãos Bulger. Cullen propusera a ideia de que Whitey era informante do FBI como única explicação para a vida afortunada que o criminoso levava.

Os repórteres rondavam com perguntas. Veteranos da polícia como Dennis Condon, o policial estadual de alta patente e antigo agente do FBI, deram de ombros ao serem questionados durante o verão de 1988. Tendo fornecido muito material sobre a história da Máfia de Boston e a gangue Winter Hill, Condon relaxou na cadeira e suspirou. “Bom, eu saí do FBI em 1977 e nunca esperei nenhuma ajuda de Whitey Bulger ou de Stevie Flemmi”, disse, sem pestanejar.

Ainda chefiando a Força de Combate ao Crime Organizado, Jeremiah T. O’Sullivan mostrou-se impaciente e belicoso. “Eu não engulo essa”, retrucou quando perguntado sobre a teoria de que Bulger servia de informante para o FBI. Em seguida partiu para a ofensiva contra os policiais estaduais e os policiais da cidade que haviam conversado com a imprensa. “Tem muita gente por aí andando com luzes azuis e armas e ganhando um bom salário. Muitos não arrumam processo nenhum para o estado e ainda rendem brigas, queixas e reclamações.”

Lehr havia topado com Connolly na rua no começo daquele ano, e talvez Cullen estivesse falando com o agente sobre outros assuntos, mas a equipe de repórteres sabia que não podia esperar ajuda vinda dele seguindo essa linha de investigação. Connolly era o agente do FBI de quem os demais policiais estavam se queixando.

Em vez de procurar Connolly, O’Neill ligou para o supervisor do FBI John Morris, em maio de 1988. Os dois haviam se conhecido durante a série do *Globe* sobre a escuta no número 98 da Prince Street.

Morris atendeu à ligação de O’Neill, mas refutou a ideia cautelosamente aventada de que Bulger fosse informante do FBI. No entanto, concordou com um almoço. O’Neill descreveu o

projeto sobre os irmãos Bulger e disse que queria obter com Morris um pouco de contexto sobre a vida de Whitey no submundo de Boston.

O'Neill e Morris se encontraram em junho no Venezia's, um restaurante com vista para Dorchester Bay. Morris chegou num terno elegante e pareceu animado em ver O'Neill. Conversaram algumas amenidades, e então O'Neill tocou na necessidade de perguntar outra vez sobre Bulger e o bureau. "Você não faz ideia de como ele pode ser perigoso", disse Morris. Era como se o supervisor do FBI tivesse ido para o almoço pronto para o momento. Bulger era informante, declarou Morris de repente, e o acordo se tornara um fardo terrível: ele temia que tivesse corrompido o bureau e que tudo acabasse mal. As palavras saíram aos borbotões, aproveitando o impulso. Connolly e Bulger eram próximos, talvez próximos demais. Houve jantares, explicou Morris, em que ele e Connolly estiveram presentes, na casa da mãe do parceiro de Bulger. Em um deles, até Billy Bulger aparecera para se regalar com a comida preparada pela senhora Flemmi. (Esse foi um jantar diferente daquele posterior, ao qual Jim Ring compareceu.) "Lá estávamos nós, os dois irmãos de um lado da mesa e os dois agentes do FBI do outro", lembrou ele.

O'Neill ficou pasmo. Se havia algum outro som dentro do restaurante — o barulho dos demais fregueses e dos garçons —, nenhum dos dois estava escutando. O'Neill esperava por uma confirmação e obteve uma confissão. O supervisor do FBI parecia cauteloso, estava pálido e abatido; alguma coisa dentro dele cedera. Encerraram o almoço, numa mistura de bate-papo e referências entrecortadas a Bulger. Morris se preocupava abertamente com o que o jornal faria com a informação e advertiu sobre as consequências de revelar a identidade de um informante — o perigo que uma revelação dessas significaria para Bulger, para si mesmo e para os repórteres do *Globe*.

O'Neill disse que ainda não sabia ao certo em que tudo aquilo daria. Mas ambos sabiam que alguma coisa acontecera, algo crucial. Aquele era o raro tipo de informação que gera mudanças no modo como as coisas são, que corrige a história de uma cidade, da forma como seus moradores a compreendem, de modo que no fim uma versão é substituída por outra, mais completa e verdadeira.

* * *

Sem que os jornalistas soubessem, Morris já estava bem-informado sobre o projeto do *Globe* antes mesmo de O'Neill telefonar. Connolly contara a Morris que Billy Bulger, o presidente do Senado Estadual, vinha cooperando e dando entrevistas sobre como fora crescer em Southie. Mas Connolly tinha novas preocupações a respeito de uma aparente guinada no viés da reportagem: ele ouvira falar que o *Globe* andava perguntando sobre Whitey e o FBI. Então, sugeriu que, como Morris conhecia O'Neill melhor do que qualquer outro agente, ele ligasse e desviasse a atenção do repórter de possíveis pontos problemáticos. Segundo Morris, Connolly “pediu que eu o contatasse para tentar descobrir o verdadeiro rumo dos artigos e levar a informação para ele”.

A decisão do supervisor de verificar a reportagem do *Globe* passava longe de ser um gesto magnânimo. “Minha principal preocupação era salvar a própria pele”, admitiu. “Eu estava tentando minimizar os danos para minha carreira.” Pelos seus cálculos, “expor” Bulger parecia oferecer uma nova solução. A publicidade talvez forçasse o FBI a contar tudo e levasse ao encerramento dos serviços dos informantes. Se isso acontecesse, suas próprias faltas — “eu tinha aceitado dinheiro e presentes, e em troca comprometido uma investigação” — talvez fossem enterradas para sempre. Havia também uma

possibilidade mais sinistra, de que a Máfia ou alguém assassinasse Bulger depois de “exposto”. Isso definitivamente resolveria qualquer risco de que o gângster revelasse os delitos de Morris, que por outro lado insistia não ter intenção de provocar esse “mal em potencial”. “Eu queria os dois desligados”, declarou.

Mas ele também sentia que estava apenas se iludindo ao achar que, se o FBI encerrasse o status de informante de Bulger, ele estaria a salvo. “Eu não estava pensando com muita clareza. Acho que em parte porque, se Connolly fosse denunciado, eu também seria; e acho que naquele momento eu mesmo queria que meu envolvimento fosse denunciado.” Cheio de medo e autodesprezo, Morris não tinha coragem de confessar para as autoridades.

Enquanto isso, no *Globe*, O’Neill partilhava o que descobrira com os outros repórteres. Todos ficaram boquiabertos, então discutiram se a informação podia ser veiculada, se aquilo poderia provocar um banho de sangue no submundo. Mas, antes de se decidirem sobre publicar ou não a descoberta, os repórteres sabiam que tinham muito trabalho pela frente. Eles contavam com uma fonte. Há ocasiões em que uma fonte anônima mas bem-situada é suficiente para respaldar a matéria, mas uma única fonte para esse tipo de revelação explosiva não seria suficiente. A informação de Morris precisava ser checada.

Em julho, O’Neill e Cullen viajaram para Washington, D.C., para se encontrar com William F. Weld, que acabara de pedir demissão de seu cargo como chefe da Divisão Criminal no Departamento de Justiça após uma notória disputa sobre as políticas da divisão com Ed Meese, o procurador-geral. Durante o almoço, exigindo anonimato, Weld pisou em ovos. Disse que soubera dos rumores por outras agências, como a polícia estadual. Afirmou até que achava que os rumores deviam ser

verdadeiros. Mas não tinha prova, por isso não forneceu aos repórteres nada que pudessem usar na matéria.

Então, durante a última semana de julho, Lehr ligou para Bob Fitzpatrick, nome que lhe fora fornecido em algum momento. O nova-iorquino entrara para o FBI em 1965 e trabalhara em Nova Orleans; Memphis; Jackson, Mississippi; e Miami. Investigara o assassinato de Martin Luther King. Trabalhara em vários casos de atentados a bomba envolvendo o Ku Klux Klan. Dera aulas na Academia do FBI em Quantico, Virginia. O então ex-agente servira como assistente de agente especial encarregado no escritório de Boston de 1980 a 1987. Nesse período, fora chefe de Morris e supervisionara o Esquadrão de Crime Organizado. Em 1988, estava trabalhando em Boston como investigador particular.

Lehr foi até a casa de Fitzpatrick em Rhode Island, e Fitzpatrick saiu com ele para uma caminhada pela praia próxima. O dia estava mormacento. A praia estava deserta. Longe dali, em Atlanta, os democratas nomeavam o governador de Massachusetts, Mike Dukakis, na convenção para escolha do candidato a presidente.

— O que você sabe? — perguntou Fitzpatrick, na lata.

— A gente sabe.

Caminhando pela areia, Fitzpatrick parecia nervoso. Então começou a falar, e durante as horas seguintes contou sobre Whitey Bulger e o FBI, sobre Connolly e Morris.

— Ele virou um risco do caralho — constatou Fitzpatrick sobre Bulger. Afirmou que, durante seu período na divisão de Boston, ficara cada vez mais preocupado quanto à qualidade das informações de Bulger e acerca de sua ascensão como maior criminoso da cidade. — Você nunca pode ter o mandachuva como informante — disse ele a certa altura, com a voz alterada pela raiva. — Você tem o mandachuva, ele está dando as cartas, daí põe você no bolso. Ele põe você no bolso!

Começou a chover, então a entrevista passou ao carro de Lehr e, por fim, à casa de Fitzpatrick. A conversa mais abrangente se tornou uma espécie de bê-á-bá sobre como lidar com informantes, os riscos e as vantagens da dependência que o bureau tinha deles, uma aula à beira-mar sobre o que fazer e o que não fazer nessa relação. Repetidas vezes, ele expressou arrependimento por ver o que encarava como um grande escândalo interno passar sem investigação. Nas poucas vezes em que Bulger foi revisado internamente, as forças favoráveis ao criminoso prevaleceram.

— O FBI está sendo comprometido. Isso é que me deixa puto da vida. Quer dizer, o FBI está sendo usado. — A raiz do problema, disse Fitzpatrick, se resumia à sedução mais básica que qualquer responsável por um informante no FBI tinha com seu contato de longa data. Segundo ele, Connolly havia muito antes “se identificado em excesso com o cara que deveria estar monitorando, e o cara tomou conta dele”. O agente “virou nativo”, afirmou o investigador.

* * *

Dois meses depois, uma reportagem em quatro partes sobre os irmãos Bulger publicada no *Boston Globe* incluía uma parte dedicada ao que foi descrito como a “relação especial” entre Whitey Bulger e o FBI.

Nas semanas frenéticas que antecederam a publicação, Cullen e John Tlumacki, fotógrafo do *Globe*, seguiram a dica de um policial local e conseguiram tirar fotos de Whitey Bulger no fim de uma tarde ensolarada num parque da cidade, perto de Neponset Circle, em Dorchester. Bulger levava o poodle de Catherine Greig para passear, usando os óculos escuros e o boné de beisebol que eram suas marcas registradas.

A essa altura, o FBI também já estava ciente dos acontecimentos no *Globe* e tentou mandar um recado dissuasivo. Certa tarde, Tom Daly, um agente veterano, ligou para Cullen na redação. Bancando o ofendido, quis saber por que Lehr andava tentando contatar “Fat Tony” Ciulla, a antiga testemunha do governo que ele conduziu no caso dos páreos arranjados contra Howie Winter. Então a conversa passou a Bulger. Antes de tudo, Daly disse que, se alguém perguntasse, “essa conversa nunca existiu”. (Como não poderia ser diferente, uma década depois Daly negou ter ligado para Cullen.) Daly disse também que estava telefonando como “amigo”, embora Cullen mal o conhecesse.

O agente veterano queria saber aonde o *Globe* estava indo com a matéria sobre Bulger. Primeiro, negou que o gângster fosse informante do FBI. Depois, disse que queria ter certeza de que Cullen compreendia no que ele e seus colegas estavam se metendo. Disse que Ciulla, que na época integrava o programa de proteção à testemunha, tinha uma advertência para o *Globe*: “Whitey é perigoso. Melhor não deixar o cara puto.”

Daly afirmou ter sido alertado por Ciulla de que Bulger não toleraria nenhuma mentira escrita sobre ele nem nada que constrangesse sua família. “O cara nunca ia aceitar uma coisa dessas”, disse Daly sobre Bulger. “la pensar num jeito de apagar vocês, só isso.”

A tática de intimidação deixou Cullen brevemente abalado. Mas, no dia seguinte, os repórteres e seus editores estavam de acordo com uma coisa: Whitey Bulger não chegara aonde chegara assassinando jornalistas. A matéria era vista como algo que simplesmente tinha que ser publicado.

A série de artigos saiu no fim de setembro de 1988, semanas após Bulger completar 59 anos, e incluiu negações categóricas de funcionários do FBI. Em declarações públicas, Jim Ahearn, principal agente em Boston, era a imagem da convicção. “Isso é

absolutamente falso. Negamos com veemência que houve qualquer tratamento especial para esse indivíduo.”

Nos bastidores, porém, uma correria tinha lugar para aferir as repercussões. “Eu li o artigo”, disse Flemmi. “Discuti o negócio com Jim Bulger.” No início de outubro, eles se reuniram na casa de Morris. “Fui até lá com John Connolly e Jim Bulger”, disse Flemmi. Era cedo demais para se perguntarem como o *Globe* conseguira a história; a primeira preocupação era controlar os danos. “Ele estava nervoso com aquilo”, disse Flemmi sobre Bulger. “Mas acho que, na época, não comentou nada sobre quem poderia ter vazado a informação. Acho que ele não sabia.”

Flemmi ainda disse que a reunião “foi rápida”, apontando que aquela foi a última vez que Bulger e ele se encontraram com Morris pessoalmente. Segundo o gângster, os agentes estavam “falando em se distanciar da gente”. Mas ele percebeu também que Connolly não estava gostando desse tipo de conversa e que parecia sob pressão. Era contra um rompimento. “John Connolly, ele queria que a gente aguentasse firme, e foi o que a gente fez”, disse Flemmi.

Na verdade, Morris e Connolly já haviam conversado sobre a matéria e imaginavam que não haveria problema para eles. Ainda que os detalhados artigos “deixassem pouco espaço para a imaginação” quanto ao status de Bulger, o *Globe*, segundo Morris, em momento algum usara a palavra começada com I — informante. A matéria chamou o acordo de uma “relação especial”. Operando em causa própria, pouco após a publicação o FBI negou as informações. Pensaram que talvez desse para aguentar a turbulência. Talvez o melhor recurso do bureau fosse o próprio Bulger e o mito de que era o gângster supremo, a toda prova. “Connolly e eu achamos que o informante ficaria bem porque ninguém no submundo acreditaria naquilo”, disse Morris, tentando cobrir suas pegadas.

Nas semanas seguintes à matéria o palpite deles se revelou correto. Flemmi e Bulger puseram mãos à obra, chamando a matéria de farsa. Nesse meio-tempo, os agentes do FBI tomaram o pulso do submundo. No fim de setembro, Sonny Mercurio transmitiu a Connolly que seus comparsas estavam achando que a matéria era mentirosa. Mercurio disse que Ferrara e J. R. Russo andavam falando de interesses escusos, concluindo que a matéria do jornal era uma tentativa de constranger Billy Bulger. Os agentes se perguntaram se o fato de a Máfia desconsiderá-la tão prontamente não seria reflexo do medo que sentiam de Whitey. Se os mafiosos acreditassem que Bulger era informante, teriam que agir; provavelmente, teriam que se livrar dele. Talvez a Máfia não quisesse acreditar.

Em outubro, outra fonte do governo indicou que a revelação não preocupava demais. A fonte, que na verdade estava passando adiante informações sobre o lucro contínuo de Bulger com as drogas, mencionava que, embora ainda “muito preocupados com o artigo de jornal”, Bulger e Flemmi acreditavam já estar “superando o pior da tempestade”. Os chefões criminosos, dizia a fonte, preferiam chamar a matéria de uma mentira plantada por seus inimigos e por outros informantes que queriam acabar com eles.

Por um tempo, esse foi o assunto da cidade. No fim de outubro, porém, a tempestade amainou, e logo Connolly voltou a atenção para outra questão importante. Ele a conhecera no escritório quase uma década antes e, em 5 de novembro de 1988, entrava na igreja para se casar com Elizabeth L. Moore. O público presente à união do feliz casal incluía muitos colegas de Connolly no escritório, principalmente do antigo Esquadrão de Crime Organizado, entre os quais Nick Gianturco, Jack Cloherty e Ed Quinn. Foi uma ocasião alegre, e John Connolly começava a acalentar sonhos de se aposentar. Mas, mesmo que continuasse no bureau, a barra parecia mais limpa do que nunca,

a despeito do preocupante interesse público despertado pelo acordo de Bulger com o FBI.

* * *

A essa altura, Connolly e os outros — incluindo o revelador John Morris — haviam aperfeiçoado as habilidades em se desviar dos problemas. Vinham fazendo isso havia treze anos e, com o tempo, ficavam cada vez melhores. Então, Connolly acrescentou os jornalistas à lista de inimigos que, segundo ele, o odiavam, uma lista que já contava com policiais estaduais, agentes de narcóticos e a polícia local. O agente era incapaz de entender tudo aquilo. O que podia haver para não gostar num agente munido de pitorescas histórias em que o FBI punha a Máfia de joelhos? Para refutar o disse-me disse sobre Bulger, ele marcou uma reunião particular com o chefe de redação do *Globe*. No encontro, fez seu discurso de vendedor. Como era possível que alguma daquelas histórias fosse verdadeira, explicou ele ao editor, Jack Driscoll, quando ele nunca nem conversara com Whitey Bulger?

Connolly e os outros tinham uma estratégia para sobreviver ao escrutínio dessa nova cobertura da imprensa: apenas continuar trabalhando nas ruas com zelo. Sentiam-se confiantes de que conseguiam apagar qualquer incêndio que os ameaçasse, incluindo um cuja fumaça vinha de dentro.

A crise da vez se originou com Bill Weld. Antes de deixar o Departamento de Justiça, ele começara a receber telefonemas de uma mulher de Boston com intrigantes informações sobre Bulger e o FBI. A primeira ligação aconteceu em 6 de janeiro de 1988, e a mulher conversou com um dos assistentes de Weld. Ela estava “obviamente assustada e falando de um telefone público”, e prometeu ligar de novo para “informar sobre quem Stevie Flemmi e Whitey Bulger têm na folha de pagamento, isto

é, a Polícia de Boston e os agentes federais”. Weld distribuiu um memorando para alguns funcionários de alto escalão na justiça e rabiscou na margem, perto da referência a Bulger: “Ok, isso bate — louca ela não deve ser.” Com certa frequência, o escritório de Weld recebia ligações de pessoas se queixando de que a CIA monitorava as obturações em seus dentes, mas Weld teve a impressão de que dessa vez era para valer. O telefonema seguinte aconteceu em 20 de janeiro, e a denunciante apontou o “agente John Connolly, do FBI” e um oficial da Polícia de Boston como os dois que “vendem informação sobre escuta” para Bulger e Flemmi. Weld mais uma vez rabiscou nas margens: “Já sei de tudo isso! Então isso aqui é legítimo.” As ligações continuaram chegando, em 27 de janeiro, 3 de fevereiro, 10 de fevereiro, e incluíam trechos de dar água na boca, como “Tenho informações sobre o assassinato de Brian Halloran. Foi cometido por Whitey Bulger e Pat Nee.”

Apesar dos comentários enfáticos, Weld não tinha certeza absoluta de que as denúncias eram verdadeiras, mas achava que deviam ser levadas a sério e investigadas. “Tive a impressão de que podia haver uma tênue ligação ali entre o senhor Bulger e o senhor Connolly.”

Weld pediu demissão em 29 de março, mas seus antigos assistentes continuaram recebendo as ligações, em 15 de agosto e 27 de outubro, nas quais a pessoa afirmava que um segundo agente do FBI, John Newton, também revelou segredos do governo para Bulger. A autora das denúncias, como se veria, era uma mulher chamada Sue Murray, agindo em nome do marido, Joe Murray, o gângster que traficava drogas e armas roubadas para o IRA e às vezes realizava negócios com Bulger. Preso desde 1983, Murray tentava negociar informações em troca de leniência da justiça.

Antes de sair, Weld despachou “todo o material para Boston, para mais investigações”. No entanto, a indicação foi parar bem

na mesa dos amigos de Connolly e de antigos protetores do acordo com Bulger, pessoas como Jeremiah T. O'Sullivan e o novo melhor amigo de Connolly, Jim Ahearn. O agente especial encarregado de Boston supervisionou uma sindicância interna de Connolly que avançou lentamente durante 1988 e 1989. Ela não deveria ser conduzida por pessoas de fora ou agentes imparciais de outra divisão, mas sim pelos colegas de Connolly. Era como se houvessem pedido para ele mesmo verificar as alegações.

Ahearn deixou claro que julgou a informação improcedente. Numa carta ao diretor do FBI, William Sessions, queixou-se de que esse mais novo questionamento sobre a conduta de Connolly era “apenas outra de uma longa série de alegações ao longo dos anos”. Ahearn assegurou o chefe de que não tiraria conclusões precipitadas, mas em seguida fez exatamente isso. Escreveu para Sessions: “Embora não esteja prejudgando a atual investigação, todas as outras se revelaram infrutíferas, e Connolly é tido em altíssima estima tanto pela Divisão de Investigação Criminal quanto por mim, devido às suas habilidades.” A busca da verdade estava fadada ao fracasso.

Então preso numa penitenciária federal em Danbury, Connecticut, Joe Murray foi levado a Boston em junho para ser interrogado por dois agentes da divisão local do FBI. Ed Clark e Ed Quinn sentaram diante de Murray. Ambos eram simpáticos a Connolly, sobretudo Quinn, que por anos trabalhou próximo de Connolly e poucos meses antes erguera um brinde a John, em seu casamento.

Murray contou aos agentes que ouvira dizer que Bulger e Connolly tinham viajado juntos para Cape Cod e dividiam um apartamento no bairro de Brighton, Boston. Afirmou que vários comparsas de Bulger, como Pat Nee, sabiam que Bulger e Connolly eram próximos e que o gângster tinha o agente na palma da mão. “Connolly não representava problema”, afirmou Nee. Murray disse que “Bulger e Flemmi são responsáveis pela

morte de Bucky Barrett em 1983” e resumiu tudo que sabia sobre as 24 horas que levaram ao desaparecimento de Barrett, o arrombador de cofres.

Os agentes do bureau em Boston assentiram com a cabeça e tomaram notas, mas não deram prosseguimento às perguntas — sobre Connolly, sobre o papel de Bulger nos assassinatos de Halloran e Barrett, nem sobre coisa alguma que Murray tivesse a oferecer com relação ao chefe do crime.

Tempos depois, Clark descreveu sua incumbência naquele dia como se fosse um mero taquígrafo, não um calejado interrogador do FBI. Em sua opinião, estava ali apenas para escutar o que Murray tinha a dizer e passar as informações para outra pessoa que avaliasse e decidisse se alguma nova medida era justificada. Clark afirmou que chegou a pensar que Murray daria “um ótimo informante”. Mas, em vez de ser trabalhado nesse sentido, Murray foi devolvido à cela em Danbury. Clark disse que ninguém lhe pediu para investigar nada do que Murray dissera.

Enquanto isso, Jim Ahearn e seus assistentes pegaram o relatório datilografado de Clark e o enviaram para a sede, insistindo com a cadeia de comando para não acatar mais nenhuma objeção contra Connolly. A carta com a solicitação afirmava que os comentários de Murray eram “rumor e conjectura” e concluía: “Boston recomenda que esse inquérito seja encerrado e nenhuma medida administrativa seja tomada.”

Assunto encerrado. A papelada foi sepultada — como os corpos de Halloran e Barrett —, e os rumores negativos sobre Connolly foram relegados ao esquecimento. Não passou de mais uma inconveniência.

* * *

Connolly, Bulger e Flemmi pareciam se sentir cada vez mais no direito de fazer o que bem entendessem: a cidade era deles.

Assim, certo dia Whitey perdeu as estribeiras no Aeroporto Internacional de Logan, quando ele e sua namorada, Teresa Stanley, foram detidos durante o embarque num voo da Delta Airlines para Montreal.

Eram cerca de 19h10. Usando dinheiro, Teresa Stanley comprara duas passagens de primeira classe. Vestindo um agasalho preto, Bulger carregava uma bolsa de roupa feita de couro preto. Dentro, havia pelo menos 50 mil dólares em dinheiro que ele estava tentando contrabandear para fora do país. Mas, quando a bolsa passou pela máquina de raios X, uma segurança notou diversos volumes não identificados. Ao abrir o zíper, ela viu os maços de dinheiro, tudo em notas de 100 dólares. Acreditando que a quantia era bem superior a 10 mil dólares — a lei federal exigia a declaração de somas acima disso —, a mulher pediu a Bulger e Stanley que saíssem da fila; ela teria que avisar a polícia estadual.

— Vai se foder — disse Bulger à segurança do aeroporto.

Ele pegou a bolsa com o dinheiro e começou a se afastar depressa. Logo entregou o volume a outro homem, dizendo, “Aqui, Kevin, pega isso.” Kevin Weeks saiu correndo pela porta, entrou numa Blazer preta e se mandou. Bulger usou o pé para bloquear a porta giratória e impedir a passagem de um segundo guarda que fora atrás da bolsa com o dinheiro.

Bulger estava discutindo com os seguranças do aeroporto quando chegou à paisana o policial Billy Johnson, de um quiosque de atendimento da Polícia Estadual de Massachusetts. Ninguém reconheceu Bulger, que escarnecia dos seguranças, com Teresa a seu lado.

— Ei, você, vem até aqui — bradou Johnson.

Johnson se identificou, e um dos seguranças começou a explicar a situação, mas Bulger interrompeu e apontou para o homem.

— Cala essa boca — disse. — Isso é mentira.

Johnson exigiu os documentos de Bulger, que tirou a carteira de motorista do bolso: “James J. Bulger, Twomey Court, 17, South Boston.”

O segurança tentou conversar com Johnson novamente, mas Bulger o interrompeu outra vez.

— Cala essa boca.

— Cala a boca você — disse Johnson ao se virar para Bulger. Ele empurrou o gângster de costas contra a parede, provavelmente um dos poucos a algum dia ter encostado as mãos no gângster. — Mais uma palavra, e você vai pra cela.

— É assim que você trata um cidadão? — retrucou Bulger, sem se intimidar.

Johnson o ignorou. O policial apreendeu 9.923 dólares em dinheiro que Teresa Stanley carregava. Os funcionários da alfândega foram notificados, mas a quantia era ligeiramente inferior à exigência de declaração. No fim, depois de conferenciar com outros policiais, Johnson percebeu que não tinha motivo para deter Bulger. Talvez pudesse tê-lo levado sob acusação de perturbação da ordem, mas decidiu que não valia a pena, então liberou o casal. Bulger se afastou com raiva, acenou para um táxi e foi embora com Teresa.

Mas a vida continuava. Flemmi vinha dando um tempo na atividade criminosa — entregou-se à paixão por paraquedismo e passou a frequentar reuniões no exército, entrando para a International Association of Airborne. Começou a viajar pelo mundo afora para pular de aviões — África do Sul, Alemanha Oriental, Tailândia, Israel. Renovou a amizade com outros veteranos da Guerra da Coreia. Nesse meio-tempo, o mundo de John Connolly também encontrava sua harmonia: um novo casamento, uma promoção a supervisor da força-tarefa de combate às drogas e a perspectiva de aposentadoria. Após a celebrada gravação da cerimônia de iniciação da Máfia no fim de 1989, o diretor do bureau William Sessions viajou até Boston

para dar os parabéns pessoalmente aos agentes, destacando Connolly pela condução de informantes. Connolly só tinha motivos para sorrir. Em 1990, vendeu a casa em Thomas Park e se mudou brevemente para um pequeno prédio de seis unidades em South Boston onde Bulger e Flemmi também tinham apartamentos. Mas Connolly estava de olho em North Shore, nos subúrbios, e não demorou a comprar um terreno em Lynnfield e construir uma casa de dois andares, feita de tijolinhos vermelhos.

Ainda que Jim Ring houvesse instruído Connolly a parar de se encontrar com seus informantes em casa, as reuniões continuaram, simplesmente transferidas para a casa do agente John Newton, ou de Nick Gianturco. Certa vez, Gianturco convidou dois importantes agentes da divisão nova-iorquina do FBI que estavam na cidade por uns dias. Joseph D. Pistone, aposentado do bureau, escrevera um livro, *Donnie Brasco: minha vida clandestina na Máfia*. Publicado em 1987, o livro se tornou um best-seller e acabou parando no cinema, estrelado por Al Pacino. Junto com Pistone estava Jules Bonavolonta, veterano do combate à Máfia que também acabaria escrevendo seu próprio livro. Gianturco cuidou da comida, e Connolly orgulhosamente apresentou Bulger e Flemmi aos convidados de Nova York. “Ficou óbvio”, recordou Bonavolonta, que “Bulger e Steve eram amigos de Connolly.” Connolly começou a falar sobre como um dia gostaria de escrever um livro sobre seus triunfos no FBI.

A essa altura, Morris se tornara *persona non grata*. Em 1989, estava ocupado se defendendo de uma sindicância interna sobre os vazamentos para o *Globe* referentes à investigação da State Street, 75. Ele se recusou a se submeter ao polígrafo e passava por maus bocados para se livrar do problema só na base da mentira, redigindo relatórios falsos e negando para o comando do FBI que fosse a fonte do vazamento, e durante todo esse tempo ninguém menos do que Connolly tentava conseguir a cabeça do

ex-amigo. “Ele suspeitava de mim”, disse Morris sobre Connolly. Mas Morris sobreviveria ao escrutínio interno com uma repreensão e catorze dias de licença não remunerada.

Nas salas dos fundos da loja de bebidas e da lojinha de conveniência ao lado, que também era deles, Bulger e Flemmi conduziam o trabalho sujo de seu império no submundo, arrastando devedores recalcitrantes para reuniões, eventualmente sacando a arma para ilustrar algum argumento que estivessem tentando provar sobre o preço do atraso. Na parte da frente, nos períodos de festas, os agentes do FBI apareciam para buscar o combustível de Natal. “Dick Baker, amigo de John Connolly” era o bilhete manuscrito num recibo de 205 dólares em bebidas que o agente Baker comprou em 1989.

Para Connolly e os outros, parecia que tudo ia às mil maravilhas. Jim Ahearn fazia pouco das críticas. De fato, logo depois de chegar a Boston, mandou um assistente revisar o status de Bulger para apaziguar a irritante falação pelas costas no escritório. Mas o desfecho — uma entusiástica recomendação de manter Bulger — não poderia ser considerado uma surpresa. Boa parte do relatório consistia de uma revisão das pastas de Connolly e de uma conversa com o agente. Em 10 de fevereiro de 1989, Ahearn escreveu para o diretor do FBI, vangloriando-se de que Whitey Bulger era “visto como o informante de maior importância do [Esquadrão de] Crime Organizado em muitos anos”. (O memorando nem ao menos mencionava Flemmi pelo nome, ainda que ele tivesse mais acesso à Máfia.) Connolly, escreveu Ahearn, tem “excelente reputação no desenvolvimento de informantes, e suas habilidades são notórias entre as forças da lei de Massachusetts”.

O memorando do agente especial encarregado para Sessions tinha uma finalidade específica: protestar contra o fato de a DEA e o Departamento de Polícia de Boston estarem conduzindo mais uma investigação sobre Bulger por tráfico de entorpecentes. Um

dia antes, Ahearn soubera da sindicância conjunta; e pior: a investigação estava em andamento desde 1987. Ahearn ficou possesso — furioso por ter sido deixado de fora e exasperado pelo fato de a DEA, uma agência de status inferior, tratar o FBI daquela forma.

Mas a decisão de alijar o FBI fora cuidadosamente pensada. “Fiquei muito satisfeito de ver o FBI fora da investigação”, disse Bill Weld, chefe da Divisão Criminal no Departamento de Justiça à época. “Eu achava que era bem capaz de haver um problema em algum lugar no FBI. Achava que era no baixo escalão, no escalão de John Connolly. Achava que era histórico, mas mesmo assim era um problema.”

Mas Jim Ahearn não queria saber. Disse ao diretor do FBI que a conduta da DEA era “repreensível”. Que ficou “profundamente desapontado”. As palavras que Jim usou foram “na cara dele”: o escritório de Boston e John Connolly estavam acima de qualquer suspeita, e Whitey Bulger era a melhor coisa que já acontecera para o FBI.

Foi o ápice do *hype* em cima de Bulger e da bravata do FBI. E mais uma vez Whitey sobreviveu ao vendaval em seu quintal. A investigação da DEA levou à derrocada de soldados criminosos de primeiro escalão, como John Shea e Paul “Doninha” Moore, e à captura de inúmeros traficantes. Mas nada de Whitey. Chegara a hora de encostar o burro na sombra. Perto de se aposentar, Connolly escreveu um relatório dizendo que Bulger e Flemmi também pensavam em baixar as portas, “pegar suas coisas e se dedicar aos vários negócios legítimos que eles têm”. De sua parte, Flemmi vinha gastando mais de 1 milhão de dólares — em dinheiro — para comprar um punhado de propriedades no afluente bairro de Back Bay.

Mas o que Connolly considerava “negócios legítimos” uma nova equipe de promotores federais em breve veria como lavagem de dinheiro. A despeito do que tudo indicava no fim da

década de 1980, Connolly e sua gangue nunca mais voltariam a viver num mar de rosas.

* Personagem-título de romance de Sinclair Lewis, um reverendo corrupto.
(N.T.)

PARTE TRÊS

“Certas coisas são um mal necessário, e certas coisas são mais
um mal do que necessárias.”

John Le Carré, *A casa da Rússia*

CAPÍTULO DEZESSETE

Fred Wyshak

Captada numa gravação pelo FBI em 1989, a iniciação da Máfia parecia uma cena saída de *Saturday Night Live* — com brutamontes fazendo juramentos empolados e queimando santinhos. Mas a tentativa desesperada do chefe acossado, Raymond Patriarca, de Rhode Island, de unir as facções bostonianas em guerra foi um evento da maior gravidade na história do crime organizado na região da Nova Inglaterra. “Junior” era um candidato ao trono que seu falecido pai um dia ocupou com mão de ferro, e ele acreditava que acrescentar sangue novo às fileiras ajudaria a aplacar as águas turbulentas de Boston. Vinnie Ferrara e J. R. Russo, notórios descontentes da Máfia de Boston, estavam lá, assentindo com a cabeça e sorrindo. Ao final da tentativa de parecerem um grupo unido, Ferrara comentou com um capanga: “Só Deus sabe o que aconteceu aqui hoje.”

Não era bem assim. Nas sombras, Whitey Bulger esfregava as mãos, regozijando-se em saber que mais um grupo de mafiosos estava prestes a dançar por ter fornecido evidência de crime organizado numa gravação dos federais. Em breve, mais uma vez os chefes da Máfia escutariam a música tocar no tribunal e teriam pouca escolha, a não ser se declarar culpados e enfrentar suas penas. Dono da menor ficha criminal, Patriarca foi sentenciado a oito anos; Russo pegou 16; e Ferrara encarou a punição mais severa — 22 anos atrás das grades. Mais uma vez, Whitey e Stevie haviam ajudado a apontar a mira para seus inimigos e saído da frente.

A destroçada hierarquia mafiosa também pavimentou o caminho até o topo para o velho parceiro de Stevie na década de 1960, Cadillac Frank Salemme. Recém-saído da cadeia, Salemme planejava uma rápida ascensão. Reviveu uma vaga aliança com Flemmi, uma reunião do esquadrão de extermínio de dois homens que rodava no fim dos anos 1960, quando executavam o serviço para Larry Zannino. Em breve, Salemme sobreviveria a uma desastrada tentativa de assassinato diante de uma loja de panquecas, cuja autoria atribuiu a Ferrara. Mas a troca de tiros não adiou seus planos ambiciosos de dominar a Máfia e se aliar a Flemmi e Bulger.

O campo de jogo da lei também começava a passar por mudanças. Para começar, John Connolly pendurou as chuteiras no fim de 1990. Seus colegas deram uma festa de arromba antes de ele fazer a suave transição para chefe de segurança corporativa na Boston Edison, empresa que por muito tempo cortejara os favores do presidente do Senado Estadual, William Bulger. Mais ou menos na mesma época, Connolly se mudou para um prédio em South Boston cujos apartamentos vizinhos pertenciam a Kevin Weeks e Whitey Bulger. Logo o agente galgou a escada corporativa para a função de lobista da empresa, com um salário executivo de 120 mil dólares. De seu escritório na Prudential Tower com vista para a área de Back Bay, Boston, Connolly trabalhava junto aos legisladores no Senado Estadual presidido por Bulger e fez lobby em Washington para sua companhia. Mas seus interesses continuavam girando em torno do próprio umbigo. Coberta por fotos de políticos locais e personalidades do esporte, sua parede da sala tinha um lugar especial para o ídolo da infância, Ted Williams.

Sem poder contar com Connolly, Bulger começou a diminuir o ritmo e se concentrou em manter o que tinha em South Boston, em vez de tentar expandir os negócios. Chegou a forjar um plano de aposentadoria exclusivo: “ganhou” a loteria estadual. Quando

um bilhete vencedor foi vendido em sua lojinha de conveniência, a Rotary Variety Store, Bulger informou ao ganhador do prêmio de 14,3 milhões de dólares que a melhor coisa para ele seria arranjar um novo sócio. Whitey e dois aliados deixaram para o cliente metade do dinheiro. Bulger declarava cerca de 89 mil dólares por ano em rendimentos líquidos — remuneração capaz de sustentar seu estilo de vida contra quaisquer auditorias da cada vez mais enxerida receita federal.

Flemmi, por sua vez, lançou seu plano de aposentadoria com trustes imobiliários que controlava por intermédio de parentes diretos e afins. A década de 1990 marcou seu mergulho de cabeça na parte mais nobre de Boston, o antigo bastião oligárquico de Back Bay. Em 1992, ele investiu 1,5 milhão de dólares em dinheiro vivo num prédio de seis unidades, dois apartamentos menores e algumas residências nos subúrbios adjacentes.

Ao raiar da nova década, a Máfia se desmanchava mais uma vez, e a gangue Winter Hill controlada por Bulger subia na vida. Nos dois lados da lei, seus protagonistas começavam a colher os frutos dos anos 1980.

Whitey Bulger tinha uma renda legítima pela primeira vez desde que fora zelador do Fórum do Condado de Suffolk.

Stevie Flemmi lucrou 360 mil dólares com a revenda de seu prédio em Back Bay.

John Connolly tinha um bom emprego numa empresa importante.

Jeremiah O'Sullivan cobrava 300 dólares por hora como advogado de defesa numa tradicional firma de Boston. E Jim Ring, do FBI, logo se juntou a ele como investigador.

Só John Morris lutava para se firmar sobre as pernas quando a década começou. Ele escapara por um triz da sindicância sobre os vazamentos da State Street, 75, para o *Boston Globe*. Ainda se reequilibrando, mudou-se para Washington, D.C., com a

ajuda de um astro em ascensão no bureau, Larry Potts, que trabalhara em Boston. Então, por fim conseguiu a promoção que tanto almejava e se tornou assistente de agente especial encarregado da divisão de Los Angeles.

* * *

Entra em cena Fred Wyshak. Nascido em Boston, Wyshak era um novo sangue antigo que voltara para casa após uma década de combate ao crime no território violento de Brooklyn e Nova Jersey. Ele chegou à Procuradoria-Geral dos Estados Unidos em 1989 com a reputação de ser um promotor extremamente hábil em instaurar processos, que não tolerava idiotices nem media as palavras. Wyshak não tinha tempo nem paciência para agentes preguiçosos e incompetentes. Ao contrário da maioria dos típicos promotores federais saídos da Ivy League, sem noção alguma da realidade das ruas, Wyshak não usava o trabalho como trampolim para cargos superiores. Só queria instaurar processos — quanto maior o caso, melhor. Em poucas semanas de escritório, Wyshak só tinha uma pergunta: por que ninguém está indo atrás desse tal de Bulger?

Ele ouvira dizer que era praticamente impossível pegar Bulger, que o homem era inteligente e astuto, que nunca falava à toa ao telefone nem tratava direto com alguém que fosse cuidar da ação, que repetidas vezes passara a perna na DEA, na polícia estadual e, mais recentemente, na Polícia de Boston. Além do mais, disseram a Wyshak que Bulger não valia a pena. Por que não dar uma checada no novo chefe da Máfia, Cadillac Frank Salemme, o próximo grande caso?

Wyshak soltou uma risadinha irônica enquanto seu olhar cético dizia: “Sério?” Ele vira a verdadeira Máfia em Nova Jersey, e os sucessores de Angiulo, como Salemme, pareciam uns *bookies* de meia-tigela. Wyshak vinha de uma grande vitória em

Newark, uma condenação do chefe da Máfia na cidade, um homem que dominara os sindicatos ao ponto de, todo ano, extrair milhões de dólares de fornecedores que dependiam de condições sindicais e trabalhistas. Como promotor, Wyshak não pensara duas vezes antes de procurar o agente especial encarregado do escritório do FBI em Newark e dizer: “Vamos lá.”

Wyshak sabia a diferença entre um peixe grande e um pequeno, e, examinando o submundo de Boston, sua atenção sempre voltava a Bulger. A questão que não queria calar era: por que ninguém parecia se importar com um alvo tão óbvio?

Quando chegou a Boston, aos 37 anos, Wyshak tinha uma década de experiência na instauração de processos como promotor em Brooklyn e Newark promovendo acareações entre réus. Ele também aprendera a reunir provas e a conduzir um caso importante de crime organizado contra diversos líderes do submundo de uma vez. Sabia cuidar da papelada e era bom de briga numa sala de tribunal. Aprendera a se manter sempre um passo à frente dos advogados de defesa e desenvolveu um instinto para perceber quais acusados cederiam e quais aguentariam firmes.

Mas, embora Wyshak tenha chegado com seu considerável repertório estratégico, nada o preparou para a política de bastidores em Boston. Sua mentalidade combativa tinha uma incisividade nova-iorquina que com frequência se transformava numa faca de dois gumes. Nem todo mundo gostava dele. Com a cabeça sempre voltada para a melhor maneira de abrir um processo, Wyshak gravitava em torno de quem punha a mão na massa, não de quem era bom de lábia. Com desdém, chamou um agente de “asno atolado na lama”. Durante uma das primeiras reuniões com o melhor aliado que encontraria em Boston — a sofrida polícia estadual —, Wyshak se estranhou com um detetive, sendo chamado de “um filho da puta arrogante, um moleque de Nova Jersey que queria dizer pra gente como as

coisas funcionam”. No entanto, para seu pequeno círculo de amigos, Wyshak era um comediante enrustido que, com seus apartes maliciosos, transformava o almoço numa ocasião ruidosa. Ele fazia piada de como todo mundo o odiava, até a própria família. E, quando o ponche era turbinado numa festa de Natal no escritório e as secretárias se escoravam nas paredes, era Wyshak, com expressão gaiata, o autor da arte.

Embora Wyshak planejasse estratégias elaboradas com muita antecedência, era fácil imaginar sua abordagem básica. Com o instinto de um míssil teleguiado para o elo mais fraco em qualquer empreitada criminosa, ele não deixava muita escolha. Seja réu ou seja testemunha. Suba a bordo ou faça a malinha para a prisão. Robert Sheketoff, um advogado de defesa que atuou contra Wyshak, passou a respeitar sua tenacidade e sua inteligência, mas o considerava dogmático: “Não entendo como o governo pode esmagar um ser humano achando que, se esmagar seres humanos o suficiente, será por um bem maior”, declarou Sheketoff. Mas, ao comentar a estratégia de Wyshak, só lhe restou fazer uma careta e concluir: “Olha, está funcionando.”

Agitando os braços, erguendo a voz e projetando o queixo, ao longo dos anos Wyshak confrontou juízes e advogados de defesa. Certa vez, ao se aproximar do juiz para conferenciar, a argumentação com a defesa ficou tão acalorada que o juiz, exasperado, jogou os óculos na bancada à sua frente e, com a voz trêmula, ordenou a Wyshak: “Chega. Chega!”

Wyshak cumprimentava as testemunhas com uma afabilidade superficial e então partia para cima. Ele atacou um agente do FBI com a intensidade de uma metralhadora giratória. “Fala o que o senhor acha de verdade”, pediu Wyshak ao agente, que, como praticamente todo mundo na divisão de Boston, odiava o promotor. Toda vez que o agente começava a responder, Wyshak

disparava outra pergunta, enquanto, em vão, o juiz insistia: “Deixe a testemunha responder, deixe a testemunha responder.”

No início, Brian Kelly foi o *yin* do *yang* Fred Wyshak. Embora Kelly não tivesse a experiência que Wyshak trazia para um grande caso, o que o jovem promotor mais queria na vida era trabalhar em um. Ambos partilhavam um desprezo irreverente pela politicagem dos gabinetes, embora Kelly viesse de formação mais tradicional para a função de promotor federal e fosse conservador até a medula, o que se sobressaía mesmo numa sala cheia de republicanos. (Graduado com distinção pela Faculdade de Dartmouth, ele ficava à direita da ultradireitista *National Review*.) E, ao contrário de muitos advogados obcecados com a carreira num ambiente competitivo, Kelly não ficava especialmente preocupado ao perder alguns casos, contanto que aprendesse alguma coisa. Mas, acima de tudo, não se abalava com a fala dura e as cotoveladas de Wyshak. Ele até conseguia fazer Wyshak dar risada e baixar a bola. Numa situação em que qualquer outro se afastava ofendido e resmungando, “Não acredito que ele disse isso”, Kelly sorria e retrucava, “Fala sério”, ou “Você se acha tão inteligente, não é?”. Kelly tinha um apelido para todo mundo, e o de Wyshak era “Fredo”, como o irmão que mete os pés pelas mãos no filme *O poderoso chefão*.

Além de ser dono de um temperamento inabalável, Kelly era capaz de fazer as pessoas remarem na mesma direção e conseguia reerguer algumas pontes que Wyshak mandava pelos ares. Depois de um ou dois anos, os promotores se tornaram tão inseparáveis quanto Bulger e Flemmi, contracenando com maestria dentro e fora do tribunal. Mais do que tudo, adoravam contendas durante disputas judiciais, e adoravam um desafio. Duas coisas que poriam em prática ao lidar com Whitey Bulger.

Por instinto, tanto Wyshak quanto Kelly haviam rejeitado o ponto de vista tácito de que o FBI era o cliente dos sonhos

entrando pela porta do gabinete. Ambos haviam trabalhado em mais de um dos inúmeros gabinetes de Procuradoria-Geral dos Estados Unidos, nos quais promotores atuavam com agentes de diversos órgãos federais e estaduais, não só do FBI. E isso casava com o mantra de Wyshak: não enrole. Leve os casos a juízo. Ganhe uns. Perca outros.

Após um tempo, outro promotor, James Herbert, uniu-se à equipe, figurando como o melhor texto do gabinete. Como os documentos que redigia, sua mente era ordenada, e suas ideias eram claras e objetivas. Sem ser excêntrico como seus novos colegas, Herbert era um redator criterioso, que deixava marca nas salas de tribunal. Seu currículo de Ivy League era típico dos advogados de gabinete, do tipo que se estendia por três páginas, e não por quatro parágrafos, como o de Wyshak.

* * *

O primeiro obstáculo com que Wyshak deparou ao ir atrás de Bulger foi a ideia fixa. Muita gente na Procuradoria-Geral queria permanecer religiosamente focado na Máfia e seguir as pistas apontadas pelo FBI, uma longa linha encabeçada durante uma década por Jeremiah O'Sullivan e depois, em sua esteira, pelos assistentes da promotoria Diane Kottmyer e Jeffrey Auerhahn. (O contingente pró-FBI era liderado por Jim Ring e Kottmyer, uma assistente que demonstrou competência no caso Angiulo, tenaz discípula de O'Sullivan e devotada ao FBI.) Em sua tentativa inicial de pegar Bulger, Wyshak não conheceu oposição direta. A reação nunca foi: "Isso não vai dar certo", mas, sim: "Interessante. Vamos conversar um pouco mais."

Então Howie Winter apareceu em cena. No fim de 1989, Howie já estava fora da cadeia havia alguns anos, morando na zona rural de Massachusetts, trabalhando numa oficina e mantendo distância de Boston, durante a condicional. Ele

passara por tempos difíceis e estava recebendo indenização por um acidente de trabalho na oficina. Mas a sedução pelo tipo de dinheiro fácil que ganhara nos anos 1970 se provou irresistível, e não demorou para a polícia estadual e a DEA receberem a denúncia de que Howie estava traficando cocaína. Os detetives levaram o caso a Wyshak, o homem de fora sem histórico, interesses escusos ou ligações com o FBI. Sem pensar duas vezes, Wyshak formulou uma tática: o idoso Howie com uma escuta conversando sobre “Papai Noel” com Whitey.

Mas, primeiro, eles tinham que pegar Howie. A rede de caguetagem informou que, dando mostras de falta de sensatez, Howie vinha recebendo pedidos por telefone. Após suficiente trabalho dos detetives para obter uma “causa provável”, Wyshak conseguiu autorização judicial para instalar um grampo no telefone de Winter e depois convocou uma reunião entre investigadores federais e estaduais para repassar regras de “minimização” de investigadores escutando as ligações.

O grampo foi comprometido no primeiro dia da operação. Tudo que os investigadores conseguiram foi a conversa mole de Howie ao telefone. Um informante contou que Howie o advertira a não fazer contato telefônico. Para Wyshak, foi um rápido aprendizado sobre como a lei funcionava em Boston.

Wyshak procedera à investigação de Winter do modo como fazia em Brooklyn — determinando um curso de ação com diversas agências inteiradas dos detalhes. Em Nova York, fora possível colaborar com um grupo representativo de investigadores. Mas não em Boston. Assim, Wyshak foi forçado a adotar a estratégia mais comum: restringir o acesso à informação. Depois de anunciar que o caso Winter dera com os burros n’água, ele começou a trabalhar intensamente em um novo plano com um grupo seletivo de escolhidos. Usando o que um colega de profissão chamou de “ótimos instintos”, mirou um dos fornecedores de cocaína de Winter como alguém que daria

jogo. O fornecedor era um ex-condenado quarentão que acabara de constituir família e tinha esposa e bebê em casa. Os investigadores montaram um caso de tráfico de cocaína contra ele, depois lhe deram escolha: uma longa estadia na penitenciária ou entrar para o time dos promotores e continuar em casa com a família. Menos de um ano depois, o traficante usava escuta e conversava com Howie sobre a distribuição de quilos de cocaína. Em 1992, Howie foi preso por tentativa de vender a droga. Num piscar de olhos, Howie Winter se viu diante de, no mínimo, mais dez anos na prisão, ou pelo menos mais trinta, caso Wyshak convencesse o juiz de que suas antigas condenações por páreos arranjados e extorsão faziam dele um criminoso de carreira.

Howie foi levado a um hotel de beira de estrada, onde Wyshak, o detetive da polícia estadual Thomas Duffy e o agente da DEA Daniel Doherty o interrogaram. Como se Winter já não soubesse, foi-lhe explicado em que tipo de encrenca se metera. Eles disseram: a gente está atrás de Whitey Bulger, que, a propósito, não tem feito nenhum favor pra você ultimamente. Será que a gente chega a um acordo aqui? Howie escutou com atenção e deixou a pergunta pairando no ar. Pediu para falar com a esposa, Ellen Brogna, sobre o assunto. “Virar um dedo-duro?”, perguntou ela, horrorizada. “Você devia mandar esses caras se foderem.” E foi isso que Howie fez.

Em maio de 1993, Winter se declarou culpado e foi sentenciado a dez anos. O antigo rei de Winter Hill deixou o tribunal vestido num terno cinza sem graça em um dia cinzento sem graça, um gângster de 62 anos prestes a encarar uma década na prisão, carregando todos os seus pertences num saco de papel pardo. Um traficante de drogas com uma esposa determinada — mas dedo-duro, não.

Mesmo sem chegar a Whitey, Wyshak teve em Howie uma presa de peso. E a proposta de acordo significou muito mais do

que mais uma figura da Winter Hill atrás das grades; ela forjou uma aliança duradoura entre o enérgico promotor e os detetives da polícia estadual e agentes da DEA que ansiavam por mais uma tentativa de pegar Bulger. De sua parte, só o que Wyshak queria era instaurar processos. Assim, todos arregaçaram as mangas.

* * *

O grupo de Wyshak partiu pelo rastro que o detetive da polícia estadual Charles Henderson começara a seguir no início dos anos 1980. Henderson examinara a escuta de *bookies* judeus do subúrbio falando sobre “Whitey” e “Stevie”. Como chefe da Unidade de Serviço Especial, Henderson prendera em um ou outro momento todos os agenciadores de apostas e sabia que vinham pagando aluguel para Bulger. Whitey irritava o combativo detetive em um nível pessoal. Ele também percebia que Bulger tinha carta branca para suas extorsões, que ninguém mais do lado da lei estava dando a mínima para isso, a não ser a polícia estadual e alguns promotores locais. (Na verdade, o FBI tinha uma política formal de não se rebaixar a ir atrás de *bookies* pequenos.)

Mas Henderson via os *bookmakers* como uma ponte para Bulger e sabia que eles seriam vulneráveis a uma investida conjunta — caso uma fosse orquestrada. Henderson conhecia bem o legado amargo da oficina na Lancaster Street e estava relativamente por dentro da turbulência subsequente ao assassinato de Halloran. Só que, acima de tudo, ele era um policial visceral que já estava cheio daquele bandido truculento de South Boston se pavoneando pela cidade com uma licença do FBI. Henderson elaborou um planejamento de longo prazo. Precisava de casos contra agenciadores de apostas que possibilitassem à polícia assumir o controle dos lucros com os

jogos usando estatutos de confisco. Era um jeito infalível de pôr um *bookie* de orelhas em pé. E ele precisava entregar os agenciadores para promotores federais como Wyshak, a fim de que testemunhassem contra Bulger num caso passível de ser caracterizado como crime organizado. Quando começou a conceber a estratégia, no fim da década de 1980, ele percebeu que o jogo político era no mínimo tão importante quanto reunir provas.

Em 1990, Henderson percebeu que por fim chegara o momento certo. Pouco tempo antes, ele foi promovido a chefe da polícia estadual. E no topo das forças da lei havia uma nova formação que poderia funcionar. O novo procurador-geral do estado, Scott Harshbarger, o novo promotor do condado de Middlesex, Thomas Reilly, e o promotor federal Wayne Budd eram amigos capazes de atuar em conjunto. Um fator que atrapalhara esforços anteriores contra *bookies* e o crime organizado fora a fragmentação das jurisdições dos promotores de condado. Isso dificultara o uso de escutas contra agenciadores de apostas além dos limites dos condados. Assim, a primeira medida que Henderson tomou em sua nova função foi obter junto ao gabinete de Harshbarger uma autorização judicial irrestrita para ir atrás dos *bookies*, independentemente dos limites administrativos. A segunda foi designar seu protegido, Thomas Foley, chefe da Unidade de Serviço Especial.

O plano era construir casos para entregar *bookies* aos federais, que por sua vez poderiam usar suas sentenças mais pesadas para transformar os agenciadores — habituados a pagar os 3 mil dólares de multa na justiça estadual e jamais ir para a cadeia — em testemunhas. *Bookies* de classe média estavam mais para empresários do que arqui-criminosos, e poucos estariam dispostos a passar dez anos numa prisão federal.

O primeiro passo foi dado no condado de Middlesex, escolhido pela popularidade da jogatina (era o condado mais populoso do

estado) e porque a polícia estadual trabalhava bem com Reilly, promotor no condado durante muito tempo. As escutas começaram em 1991 e se multiplicaram rapidamente à medida que um *bookie* conduzia a investigação a outro. Não demorou para a gente rica se ver em maus lençóis, e a polícia estadual precisou tomar uma decisão rápida: se iriam perseguir tanto a gangue de Bulger quanto os *bookies* da Máfia. Numa jogada criativa, os investigadores astutamente entregaram o agenciador mafioso “Fat Vinny” Roberto para o FBI, mas, em sigilo, mantiveram sob seu controle Chico Krantz e sua equipe de *bookies* judeus achacados por Bulger.

Embora no fim Roberto não tenha dado em nada, os investigadores estaduais fizeram um progresso dramático com Krantz, sobretudo quando um mandado de busca resultou na descoberta das chaves de seu cofre. O *bookmaker* estava com um pé atrás, mas ficou intrigado com a ideia de se livrar da cadeia e conseguir parte do dinheiro de volta caso resolvesse falar. Era quando chegavam em Whitey que as coisas não andavam.

Foley era a pessoa ideal para dar prosseguimento à delicada missão. Tendo trabalhado numa incumbência especial desde 1984 com a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos e o FBI, ele sabia como facilitar o caso para promotores federais que não iriam simplesmente repassar as coisas para o FBI prosseguir com o trabalho braçal. Munido de argumentos e da situação de Chico Krantz, Foley foi bater à porta de Wyshak e convenceu-o de que uma fusão de organizações ocorrera no submundo e de que o poder passara à gangue de Bulger. Wyshak ficou tão impressionado que nem sequer o brindou com uma de suas tiradas.

* * *

Aparecer com *bookies* assustados dispostos a fazer um acordo para ficar fora da cadeia era uma coisa; penetrar o monopólio de Bulger sobre o tráfico de drogas em South Boston, outra completamente diferente. Ao longo de toda a década de 1980, Southie permanecera uma fortaleza inexpugnável, mas uma brecha começava a se abrir.

Timothy Connolly era um corretor hipotecário que vinha tentando deixar para trás as raízes como dono de bar em South Boston. Ele tinha uma única história de extorsão para contar, quando Bulger encostou uma faca em sua garganta. Mas a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos tentou transformar essa tacada isolada num *home run*. Criaram um plano elaborado para se infiltrarem na operação financeira de Bulger, uma tentativa fadada ao fracasso que ficou bem aquém do esperado. Exatamente como teria sido do agrado de um certo alguém no FBI, Timothy Connolly foi esquecido — ou quase.

Quatro anos depois, em 1994, Brian Kelly topou com um investigador nos corredores de um fórum.

— Não esquece aquele negócio do Tim Connolly — disse o investigador. — É coisa boa.

Kelly olhou para ele sem compreender.

— Tim Connolly? Me fala sobre ele — pediu.

Segundo o investigador, tudo começara em 1989. Certo dia de verão escaldante, um carro quase pegou Tim Connolly quando ele andava por uma calçada em South Boston. O carro parou cantando os pneus junto ao meio-fio, e Connolly semicerrou os olhos para ver quem estava dentro. Numa descarga de adrenalina, viu que Whitey Bulger e Stevie Flemmi o encaravam. O motorista rosou para que Tim Connolly comparecesse a uma reunião com Bulger na Rotary Variety Store e depois arrancou.

Tim ficou desnorteado. *O que pode ser?*, perguntou-se com um nó no estômago. Recebeu a veemente resposta no segundo em que pisou no depósito escuro nos fundos da lojinha de

conveniência. “Seu filho da puta!”, gritou Bulger, puxando a faca de uma bainha presa à perna. Whitey começou a furar ferozmente umas caixas de papelão vazias empilhadas contra a parede.

A ofensa pendente de Tim Connolly era que ele levava tempo demais para obter financiamento para alguém que devia dinheiro a Bulger por uma transação de drogas malograda. Tim Connolly simplesmente não agira com rapidez suficiente.

Segurando a faca contra a garganta de Connolly enquanto Flemmi vigiava a porta, aos poucos Bulger se acalmou. Como em cenas similares, a fúria de Bulger pareceu calculada, mais um episódio de seu espetáculo chamado *Uma segunda chance*. “Vou deixar você comprar sua vida”, disse ele. Eram o cenário e o preço clássicos de Bulger outra vez — 50 mil dólares e como-você-vai-conseguir-é-problema-seu. Mais uma vez, uma vítima aterrorizada dava graças por conseguir pagar para não ser assassinada por Bulger.

Tim Connolly suplicou por algum tempo e disse que precisava ir à Flórida poucos dias depois. Bulger explicou os termos: metade antes de ir e a outra metade após a volta. Tim Connolly conseguiu 25 mil dólares emprestados e levou o dinheiro num saco de papel pardo à loja. Quando saiu, Bulger, satisfeito, lhe disse: “Agora você é nosso amigo.”

Quando Tim Connolly voltou da Flórida, apareceu com mais 10 mil na loja. Mas dessa vez Bulger não tinha tempo para tratar do assunto e mandou que tratasse com seu comparsa, Kevin Weeks. Depois de pegar o dinheiro, Weeks ergueu o rosto e perguntou:

— Cadê o resto?

— Está vindo — respondeu Connolly, cansado. — Está vindo.

Mas na verdade Tim Connolly estava indo. Desesperado para se livrar de uma dívida assassina, começou a falar com um advogado que podia levá-lo a promotores federais. Assim como

Brian Halloran, estava à procura de um porto seguro. Mas a história sinistra mostrava que nada envolvendo Whitey Bulger era simples ou fácil.

Em questão de semanas, Tim Connolly viu-se arrastado em mais um imbróglio, dessa vez com a turma do lado oposto. A DEA e a Polícia de Boston estavam concentrando a investigação em South Boston, e Tim Connolly foi intimado a falar sobre a segunda hipoteca que arranjava para um dos traficantes de Bulger.

Usando escutas telefônicas e gastando a sola do sapato, os detetives haviam conseguido ir de um traficante de rua para o nível mais alto na rede de cocaína de Bulger. A evidência incluía grampos telefônicos de um traficante que perdera dinheiro num negócio envolvendo Bulger — o mesmo traficante que motivou a convocação de Tim Connolly à loja de Whitey. Os detetives não sabiam a respeito da ameaça, mas queriam descobrir se Tim Connolly estava financiando transações com drogas por meio de seus contatos bancários. O que a polícia local também não sabia era que Tim Connolly já estava tratando com o FBI após ter procurado a Procuradoria-Geral dos Estados Unidos.

Mas, como sempre parecia acontecer quando os eventos guinavam perigosamente para perto de Bulger, as coisas saíram dos trilhos nos gabinetes da Procuradoria-Geral. Um dos principais promotores da Procuradoria-Geral dos Estados Unidos, A. John Pappalardo, decidiu usar Tim Connolly para penetrar as finanças de Bulger. Entregou Tim Connolly a dois agentes do FBI escolhidos a dedo que não tinham ligação alguma com John Connolly. Puseram uma escuta no corretor hipotecário como forma de descobrir como Bulger lavava dinheiro. Mas então Whitey Bulger subitamente parou de tratar com Tim Connolly.

No fim, Tim Connolly não foi usado no caso da DEA e da Polícia de Boston contra a rede de narcotráfico de Bulger, pois as agências nunca ficaram sabendo da extorsão na salinha dos

fundos da lojinha de conveniência. E a tentativa do FBI de usar Tim Connolly na lavagem de dinheiro de Bulger nunca decolou. Mas, se os investigadores e até alguns promotores nunca souberam do valor de Tim Connolly quando suas informações mais tinham valor, o mesmo não se pode dizer de Whitey Bulger. Ele sabia perfeitamente bem a ameaça que Tim Connolly representava quase imediatamente depois de o FBI tê-lo grampeado.

Stevie Flemmi declarou que, após Tim Connolly ter sido enviado ao FBI, “o senhor Bulger me contou que Tim Connolly estava usando escuta e nos mirava [...] a informação veio do FBI”. Flemmi tinha certeza de que o aviso partiu de John Connolly.

Kelly prestou muita atenção em tudo isso. Era uma lição de como seria difícil construir um caso — qualquer caso — contra Bulger. Mas era também um lembrete de que talvez, só talvez, isso fosse possível.

CAPÍTULO DEZOITO

Heller's Café

Durante um dia de novembro, aos primeiros indícios do inverno, um policial estadual passou devagar em frente a um medonho prédio de tijolos com barras de ferro nas janelas e uma luminária da cervejaria Schlitz Beer acima da entrada. O detetive Joe Saccardo começou a fazer que sim com a cabeça para si mesmo ao avançar entre os carros elegantes estacionados num beco imundo. *Cadillacs demais para o centro de Chelsea, pensou. O Heller's Café é um ponto de bookie, com certeza.*

Mas, dentro do bar, o proprietário vinha fazendo mais do que registrar volantes de apostas. Michael London folheava cheques, calculando parte dos 500 mil dólares em papel que ele convertia em dinheiro vivo toda semana para os maiores *bookmakers* da região. Em 1983, London mal começava a pegar o traquejo como banqueiro do submundo. Dando os primeiros passos com um pequeno livro-caixa num bar herdado do pai, ele galgara os degraus do agenciamento de apostas transformando cheques quentes em dinheiro frio. Os *bookies* o chamavam de “Homem-Cheque”. No início dos anos 1980, London começou a passar da clientela local para a rede de apostas em grandes esportes dominada pelos *bookmakers* judeus ligados à Winter Hill e, em menor grau, à Máfia. Ele passara a ser o cara a se procurar quando os *bookies* e os executivos queriam esconder os lucros da receita americana.

Quando Saccardo encostou o carro, foi sua vez de olhar para alguns números. Ele anotara uma dúzia de placas dos carrões estacionados perto do Heller's Café. Na central, o computador da

polícia estadual foi alimentado com os dados e devolveu um quem é quem do agenciamento de apostas em Boston: Chico Krantz, Jimmy Katz, Eddie Lewis, Howie Levenson, Fat Vinny Roberto. Até Joey Y — Joseph Yerardi, mais mafioso do que *bookie*, que trabalhava de agiota para a Winter Hill e tinha autorização para coletar aluguéis por conta própria.

Na mosca. Saccardo encontrou muito mais do que uma espelunca de apostas: descobriu o banco dos criminosos, o lugar onde se convertiam as perdas dos jogadores em lucros e dividendos — por meio de cheques de cinco dígitos preenchidos para serem trocados por dinheiro ou então com nomes de piada como Ronald Gambling [Jogatina] ou Arnold Palmer [Prestidigitador]. Em seu auge, o caixa à prova de balas nos fundos do bar convertia 50 milhões de dólares por ano em dinheiro. Também rendia cerca de 1 milhão em comissões para London, que lidava com toda essa bolada numa ruela escondida debaixo de uma ponte numa cidade dilapidada.

Nada mais justo que coubesse a Joe Saccardo, da Polícia Estadual de Massachusetts, ir atrás dessa versão bostoniana do gângster russo Meyer Lansky, que ao longo do século XX ergueu um império com a jogatina. London mantinha duas contas num banco local com cerca de 800 mil dólares em dinheiro da família e retirava algo próximo dessa quantia toda semana, quando os cheques compensavam. Era um bom negócio em todos os aspectos. O banco local usava o dinheiro sem ter que pagar juros e fechava os olhos para o fato de London precisar declarar à receita federal transações em dinheiro superiores a 10 mil dólares. London usou o sistema para comprar uma casa em Weston, o subúrbio mais rico de todo o estado de Massachusetts, e uma casa de veraneio em West Hyannis Port, perto de uma propriedade da família Kennedy.

Embora a maioria dos clientes apostadores de London fossem afiliados à gangue de Bulger, ele se sentiu atraído pela fanfarrice

impudente de Vincent Ferrara, um *capo* exibido que se tornou freguês tão regular do Heller's que tinha mesa própria. London via em Ferrara alguém com futuro promissor na Máfia e atrelava sua taberna vermelha à estrela ascendente de Vinny.

London e Ferrara se davam bem, entendiam de dinheiro o suficiente para ver o negócio como mais do que meramente bolsos cheios e um carro novo. London passou a ajudar a apertar os *bookies* inadimplentes para Ferrara, dando-lhes pequenos sermões intimidadores. "Você tem que pagar de um jeito ou de outro por esses dias", dizia ele. "Só queria que soubesse como funciona, pra você não sair machucado." Com o tempo, London se tornou a versão pobre de um corretor de Wall Street empurrando os clientes para um banqueiro de investimento que lhe paga propina. Os dois tinham gostos semelhantes. Ambos compraram o mesmo Mercedes prata de dois lugares, e Ferrara convenceu London a ficar com um dos cachorrinhos de pedigree que ele adquirira em Nova York por 5 mil dólares. Eles também dividiam os lucros da agiotagem.

* * *

Depois que Joe Saccardo levou o papel impresso com a identificação das placas para seus chefes, todos perceberam o que tinham nas mãos. Em vez de sair logo à caça, pediram reforços. Formou-se uma força-tarefa de investigadores da polícia estadual, agentes do FBI e da receita. Ocasionalmente, as várias agências fizeram pouco mais do que ficar no caminho umas das outras. Levou três anos de idas e vindas até que fossem instaladas as escutas no guichê reforçado do Heller's Café e em dois telefones. Durante os dois últimos meses de 1986, os investigadores monitoraram os dispositivos do trailer de um pátio de obras nas proximidades. No fim, eles não sabiam muito bem o que tinham em mãos, embora uma coisa tivesse

ficado nítida: Vinny e Mike tinham um problema. Em dezembro, a equipe policial deu uma batida no bar e encostou todo mundo contra a parede. Mas a clientela no lugar apinhado não era nada em comparação com as caixas de cheques transportadas para a sede do FBI em Boston.

Pouco depois, London disse a Jimmy Katz, um *bookie* cuja hora também estava para chegar. “Vai ser um problemão. Não agora, não. Mas vai.” London sabia que as caixas de cheques de 1980 a 1986 somavam 200 milhões de dólares.

Embora as caixas de cheques confiscadas e os rolos de fita constituíssem o conjunto de evidências dos sonhos dos policiais, em 1987 o caso ficou emperrado no FBI. O bureau tinha certeza de haver um *capo* da Máfia na enorme pilha de papéis, mas não mostrou entusiasmo em dar prosseguimento à investigação. Na Procuradoria-Geral dos Estados Unidos, Jeremiah O’Sullivan acabara de encerrar o caso Angiulo e estava pronto para acolher incautos recém-chegados. Quando os promotores revisaram as fitas, O’Sullivan os escolheu a dedo para sua força-tarefa e mandou o resto de volta. Sua avaliação: vamos pegar Vinny, e alguém realmente deve cuidar de London. E, ah, pode ser que tenha mais alguma coisa aqui também.

* * *

E havia. Cuidar apenas de Ferrara significava abrir mão da oportunidade com os *bookies* na fila do guichê de Mike London que Whitey Bulger e Stevie Flemmi estavam extorquindo. Certa vez, London disse a Chico Krantz, o principal *bookmaker* durante longo tempo achacado por Bulger, para “comprar no italiano”. “Stevie não serve pra limpar as botas [de Vinny]. Vinny vai trabalhar pra você [...] uma empresa de cobrança, proteção pessoal. Stevie não faz porra nenhuma. Esse cara aqui vai ficar do seu lado.” Em outro discurso de Mike London, um *bookie*

apelidado de “Beechi” foi inteirado dos tristes fatos da vida: pague Ferrara ou “os outros caras vão ouvir seu nome [...] Stevie e Whitey”. Mas ninguém nas forças federais parecia empolgado com as provas contra Bulger e Flemmi.

Depois de O’Sullivan selecionar Vinny nas fitas, as caixas de cheques passaram a juntar poeira. Vários promotores tinham dado uma olhada na sala de evidências e passaram reto. Ninguém queria desbravar a papelada confusa do caso para condenar um taberneiro de Chelsea. Mas por fim Joe Saccardo convenceu um jovem e entusiasmado promotor chamado Michael Kendall a dar uma olhada.

O depósito podia estar atulhado, mas a qualidade da evidência reunida era admirável. Kendall teve a paciência de organizar os documentos e preparar um gráfico mostrando como 200 milhões em perdas no jogo e pagamentos à agiotagem foram convertidos em dinheiro vivo. Dois anos depois, London foi condenado por lavagem de dinheiro e associação criminosa e sentenciado a 15 anos de prisão.

* * *

Chico Krantz não passava de uma nota de rodapé no indiciamento de London, mas Saccardo começou a fazer campanha por uma segunda leva de processos ligados ao Heller’s Café — todos os *bookies* que estavam pagando aluguel. Ele não sabia quais eram os crimes, mas começou a se perguntar se algo ali no bolo não poderia ser usado contra Bulger. Kendall, porém, apontou para sua mesa abarrotada e disse que era melhor deixar essa segunda leva de lado.

Então aconteceu uma dessas coisas corriqueiras mas mágicas. Kendall lembrou que Fred Wyshak trabalhara num caso parecido de conversão de cheques em dinheiro e foi conversar com ele sobre Chico Krantz. Quis o destino que Chico tivesse

acabado de se tornar o foco de uma abrangente investigação separada de agenciamento de apostas feita pela polícia estadual na Unidade de Serviços Especiais dirigida pelo sargento Tom Foley. A polícia estadual decidira encontrar *bookies* ligados a Whitey Bulger, e, assim como no Heller's Café, Chico era o primeiro da fila.

De uma hora para outra, Chico, o garoto-prodígio do mundo das apostas, surgia como a testemunha perfeita contra Whitey Bulger. Ele vinha pagando tributo para o esquivo Bulger por quase vinte anos. Foi um dos primeiros a saber do novo sistema de pagamento mensal de aluguel, quando Bulger lhe explicou, em 1979. Bulger fez ameaças de morte quando Chico demorou para saldar uma dívida com outro *bookie*. E seu longo histórico sendo extorquido por Bulger dava uma medida da expansão do império do gângster. No decorrer dos anos, o aluguel mensal de Chico subira de 750 para 3 mil dólares.

A derrocada de Chico Krantz começou mais ou menos na época em que Mike London foi indiciado, em 1990. A polícia estadual mirava uma rede de *bookies* ligados à Máfia. Fat Vinny Roberto e seus irmãos cuidavam dos negócios diários de 35 jogadores que apostavam mais de 500 mil dólares por semana. Mas o grande prêmio da investigação de Roberto foi descobrir que Krantz era seu chefe no dia a dia, chegando ao ponto de determinar as horas trabalhadas dos irmãos de Roberto. E o melhor de tudo: com agentes disfarçados, a polícia estadual seguiu Roberto, que foi até a casa de Chico, no subúrbio, e deixou um pacote. Um mandado de busca permitiu que entrassem na casa de Krantz, onde encontraram as chaves de cofres de banco abarrotados com 2 milhões de dólares em dinheiro.

Em 1991, depois de Krantz ser preso na sede da polícia estadual, nos arredores de Boston, sob acusações de jogo, ele procurou o sargento Foley.

— Por que a polícia foi na minha casa dessa vez? — quis saber Krantz.

Foley deu de ombros.

— Onde essa história vai parar? — continuou o *bookie*.

Foley deu de ombros outra vez.

Cerca de uma semana mais tarde, com Krantz liberado sob fiança, Foley foi à Flórida para um encontro com o papa dos *bookies*. Lá, conversaram durante dois dias sobre o agenciamento de apostas e a gangue de Bulger. Krantz não entregou muita coisa, falando em termos gerais sobre Flemmi, George Kaufman e Joe Yerardi. Mas concordou em se tornar informante confidencial.

Com o ambivalente Krantz pronto para uso, os promotores e a polícia estadual começaram a seguir as pistas das gravações no Heller's Café e no condado de Middlesex iniciadas com Fat Vinny Roberto. Wyshak logo se concentrou em quatro operações de conversão de cheques em dinheiro na Grande Boston, incluindo a do Heller's. Os investigadores examinaram as caixas de cheques, assim como Kendall fizera no processo de London, separando e calculando bolos de cheques acima do limite de 10 mil dólares, que precisavam ser declarados à receita.

A pressão sobre Krantz aumentou um pouco mais. O estado retirou as acusações de jogo contra ele em 1992 e entregou a evidência para a Procuradoria-Geral federal. Em setembro, Krantz soube por Foley que ele próprio e a esposa — que trocara cheques para Chico quando o marido ficou doente — seriam indiciados por lavagem de dinheiro. Foley chegou a lhe mostrar rascunhos de indiciamentos. Chico suspirou e pediu para pensar.

No dia seguinte, Krantz contratou um novo advogado e finalmente parou com o jogo de gato e rato. Deixou o status de informante confidencial e entrou para o programa de proteção à testemunha. Preencheu os furos em suas declarações anteriores e por fim falou sobre Whitey Bulger e sua lealdade de mão única.

Em novembro, Chico e sete outros *bookies* do Heller's Café foram indiciados por lavagem de dinheiro, num gigantesco esquema de desconto de cheques. Mais ou menos na mesma época em que London foi sentenciado, em 1993, Chico Krantz passou pelas portas de outro tribunal federal sob forte esquema de segurança e se declarou culpado. Foram-lhe confiscados 2 milhões de dólares em dinheiro vivo, com um acordo tácito de que o governo devolveria a metade caso ele cooperasse. E Krantz admitiu a culpa em lavar 2 milhões em cheques, grande parte disso no Heller's. Também se tornou o primeiro na lista de testemunhas para o caso sendo preparado contra Bulger e Flemmi.

Jimmy Katz, que também lavara uma grana preta no Heller's, viu-se atolado na areia movediça entre Fred Wyshak e Stevie Flemmi. Pouco antes de Katz ir a julgamento, Flemmi se encontrou com ele numa lanchonete de hambúrgueres no centro de Boston. Flemmi lhe contou a parábola de Eddie Lewis, outro *bookie* da turma de Chico. Lewis se recusara a testemunhar sobre o aluguel perante um grande júri em troca de imunidade e pegara dezoito meses por desacato. Então, Stevie foi direto ao ponto: se Katz aguentasse a sentença calado, assim como o leal Eddie, ele seria bem-tratado na prisão. Valeria a pena.

Cada um seguiu seu rumo, e o julgamento de Katz chegou. Mas ele perdeu e foi sentenciado a quatro anos. Enquanto sua esposa e filha choravam em silêncio a seu lado no tribunal, Katz disse que por questão de princípios se recusava a entrar em acordo com Wyshak. “Não vou fazer isso”, disse. “O governo está transformando todo mundo em dedo-duro. Isso aqui vai virar a Rússia. Dia sim, dia não, eles me ligam e perguntam: ‘Quer ir junto com o Chico?’”

Katz foi para a prisão na Pensilvânia. Após se acomodar e fazer alguns amigos, foi abruptamente transferido para uma cela espartana em Massachusetts. Puseram-no diante de um grande

júri para ser inquirido sobre os “aluguéis”. Caso ele se recusasse, receberia mais dezoito meses de prisão.

Após um ano na cadeia, Katz entregou os pontos, decidindo que “queria ir junto com o Chico” para o programa de proteção à testemunha, no fim das contas. Tornou-se mais uma testemunha-chave contra Bulger e Flemmi.

* * *

Joe Yerardi era o passo seguinte na marcha contra a Winter Hill. Pegar Joey Y significava chegar perto da verdade. Krantz e Katz pagavam para serem deixados em paz, mas Yerardi era um gorila que trabalhava para Bulger e Flemmi, pondo mais de 1 milhão do dinheiro deles nas ruas e cobrando dos devedores. Na verdade, Yerardi cuidava de alguns *bookies*, mas seu negócio era mesmo a agiotagem. E sua ficha criminal era muito diferente da de outros clientes do Heller’s. Havia violações por porte de arma de fogo, e a justiça estadual o condenara diversas vezes por ameaças e agressões.

Yerardi se lançara em sua principal linha de trabalho cuidando da agiotagem para o impiedoso Johnny Martorano. Suas ligações formais com Flemmi e Martorano faziam dele um excelente alvo para Wyshak, conforme este preparava sua lista de testemunhas. Yerardi sabia disso. Assim como Stevie e Whitey.

Em meados de 1993, com Krantz disposto a colaborar e Katz relutante, a sorte estava lançada. Um grande júri agiu energicamente, e os indiciamentos eram iminentes. Whitey puxou Stevie de lado: hora de tirar férias. Stevie se mandou para o Canadá, assim como fizera décadas antes. Bulger partiu numa de suas viagens de carro pela América com Teresa Stanley.

E Yerardi também fugiu. Foi para a Flórida com 2.500 dólares que Martorano lhe enviara. Mas cometeu o erro de usar um antigo apelido de Massachusetts, e, seis meses depois de ter

sido indiciado, a Polícia Estadual de Massachusetts o encontrou morando em Deerfield Beach, sob o nome de Louis Ferragamo. “Por que demoraram tanto?”, perguntou o fatalista mas estabonado Yerardi aos policiais.

Joey Y se tornou o Gordon Liddy* do Heller’s Café. Ele continuou a cobrar dívidas de empréstimos mesmo sob prisão domiciliar e nunca se queixou de que os Estados Unidos estivessem virando a Rússia. Poderia ter acabado com Flemmi, com quem tinha extensas transações. E, de fato, Stevie falava de negócios com Yerardi numa linha grampeada. Mas Yerardi aguentou firme, recebendo uma sentença de 11 anos como preço por dizer não a Wyshak, e as autoridades tiveram que seguir em frente com Chico e Katz, bem como outros na fila do guichê no Heller’s Café.

* * *

A brigada de *bookies* se tornou o calcanhar de aquiles da gangue de Bulger. Ela manteve Whitey e Stevie na linha de fogo e mudou a perspectiva dos indiciamentos de remota para inevitável. Além de deixar o FBI desesperado para entrar na briga, nem que fosse para evitar o constrangimento de ficar em segundo plano enquanto a Polícia Estadual de Massachusetts vencida um caso muito importante contra os renomados gângsteres de Boston. O bureau viu o trem partindo e só no fim pulou a bordo.

Em meados de 1994, com London e Yerardi na prisão e todas as fitas do Heller’s Café decifradas, os promotores começaram a montar o restante do caso de crime organizado que envolvia evidências históricas da Prince Street, 98, do Vanessa’s Italian Food Shop e da cerimônia de iniciação da Máfia em 1989. Isso exigia que o FBI designasse alguém para ajudar a organizar o material, e a tarefa coube a Edward Quinn, o herói do caso

Angiulo que em 1994 chefiava o Esquadrão de Crime Organizado.

Embora Quinn inspirasse respeito entre os demais investigadores, a batalha pelo poder dentro do bureau prosseguia e era exposta numa série de matérias na imprensa que relatavam desdobramentos promissores na busca de Bulger. Matérias com fontes anônimas diziam: “Cada vez mais perto de Bulger, mas ainda não chegaram lá.” A análise podia ser lida como uma advertência para Bulger ficar longe. E, por meio desses artigos, John Connolly manteve Bulger e Flemmi atualizados sobre o progresso do grande júri. Em particular, discutiram a investigação contra Yerardi, que deu uma guinada na direção da gangue de Bulger.

* * *

Embora os *bookies* fossem o esteio do caso que pouco a pouco se alastrava, os promotores também finalmente romperam o código de silêncio de South Boston. Além do testemunho de Timothy Connolly, houve a importante virada de casaca do leal capanga Paul Moore, um boxeador habilidoso e renomado lutador de rua cujo apelido de “Doninha” vinha de suas mãos e pés rápidos como as do mamífero. Moore chefiara uma das redes de distribuição de cocaína de Bulger e era o artigo genuíno, um sujeito da pesada que se declarou culpado no caso de drogas em 1990. Ele se determinou a encarar nove anos numa prisão federal na Pensilvânia, com o bico fechado mas encorajado pelas expectativas que também faziam parte de um código — um bom advogado, apoio para a família, seguro residencial. Mas, após alguns anos na cadeia, Moore sentiu que suas perguntas sobre apelação estavam caindo em ouvidos moucos. Sua esposa não estava recebendo o apoio de que precisava. E um banco executou a hipoteca de sua casa.

Em 1995, Moore teve a epifania que ocorre aos que estão mofando numa cela de prisão enquanto outros candidatos mais merecedores caminham pelas ruas e voltam para suas casas. A essa altura, ele começava a ouvir rumores de outros presos, que diziam que Whitey era dedo-duro. Ele começou a se fazer a pergunta retórica com a qual a promotoria contava: será que eu sou otário? O processo acelerou quando Moore foi levado perante um grande júri e ameaçado com mais um ano e meio na prisão se não respondesse perguntas sobre Bulger. Romper com Whitey, o Dedo-Duro, era a parte fácil; mas o código de silêncio era outra história. No entanto, Moore já aguentara o bastante. Fez só um pedido: “Me ponham num lugar perto da água, assim vai ser o mais parecido com South Boston que uma casa modesta e uma pequena faixa de litoral podem ser.” Moore entrou no programa de proteção à testemunha como alguém que deporiam contra Bulger.

* * *

Enquanto a obstinada promotoria seguia em frente, a estratégia permanecia igual, mesmo quando a lista de testemunhas foi rearranjada. Katz e meia dúzia de *bookies* substituíram Krantz, diagnosticado com uma leucemia que acabaria por matá-lo. Paul Moore e o corretor hipotecário Timothy Connolly substituíram o inflexível Yerardi como testemunhas fundamentais.

Mas o cerne da questão continuava sendo a extorsão cotidiana de *bookies* vulneráveis por parte de Bulger e Flemmi no Heller’s Café. Embora os *bookies* houvessem tratado principalmente com o testa de ferro de Bulger, George Kaufman, a maioria passara ao menos um momento a sós diante dos olhos frios de Whitey ou do sorriso hostil de Stevie Flemmi. Os “outros” crimes que respaldavam acusações de formação de organização criminosa contra a dupla remontavam à antiga história do

primeiro trabalho de Bulger na rede de apostas esportivas da Winter Hill, na década de 1970, e, no caso de Flemmi, aos assassinatos da guerra de gangues nos anos 1960.

Frank Salemme foi o mafioso seguinte a se ver em apuros. A despeito de todos os seus anos no submundo, Salemme permanecia alheio aos perigos do amigo de infância Stevie Flemmi. Ele não fazia a menor ideia de que passara 15 anos na cadeia por tentativa de homicídio graças à dica que Stevie forneceu ao FBI de Boston sobre onde encontrá-lo.

Após sair da prisão em 1988, Salemme logo começou a pegar o dinheiro fácil que Stevie pôs na sua frente de *bookies* independentes que haviam se libertado da rede de Ferrara. Isso o deixou tão vulnerável a acusações de achacar *bookies* quanto a gangue de Bulger. Mas Salemme também se enfiou em outra enorme enrascada por conta própria: cerca de um ano depois de receber a liberdade, meteu-se num negócio imprudente apresentado por seu filho. A alegação era de que ele havia começado a extorquir uma produtora de Hollywood que queria evitar pagar a elevada tabela dos trabalhadores sindicalizados ao rodar um filme em Boston e Providence, Rhode Island. Por um preço, Salemme fez o Sindicato dos Caminhoneiros cooperar. A armadilha fatal: o chefe da produtora era um agente do FBI disfarçado. Cadillac Frank caíra na teia da aranha.

* * *

Em meados de 1994, os promotores haviam montado um mosaico robusto e intrincado para dar sustentação às acusações de formação de organização criminosa. O plano era prender Bulger, Flemmi e Salemme em rápida sucessão para evitar que alguém escapasse. Mas, ainda que em meados de dezembro continuasse sendo possível encontrar Salemme nos lugares que frequentava, Stevie e Whitey entraram e saíram da cidade

durante várias semanas. O FBI insistia que, sendo o mafioso do momento, Salemme fosse preso primeiro. Mas o alto escalão da Procuradoria-Geral federal prevaleceu sobre os agentes, concluindo que o caso tinha a ver com Bulger e Flemmi. De fato, a maior parte da evidência dizia respeito a Flemmi, porque ele era o intermediário entre Bulger e a Cosa Nostra. Por conveniência, o mandado de prisão para Flemmi o acusava de extorquir dinheiro de Chico Krantz.

No início de 1995, a mais recente informação obtida pela lei era de que Flemmi fora visto em Quincy Market, um shopping center de turistas no centro de Boston, onde dois de seus enteados estavam reformando um restaurante. O lugar passou a ser vigiado pelos policiais estaduais Thomas Duffy e John Tutungian, e pelo agente da DEA Daniel Doherty, todos parte da equipe *ad hoc* que se reunira pela primeira vez na sala de Fred Wyshak. Tinham recebido ordens de prender Flemmi no minuto em que “se mexesse” para se dirigir ao carro.

Às sete horas de uma noite de inverno, a equipe entrou em ação quando Flemmi e uma jovem asiática saíram do restaurante Schooner’s e entraram num Honda branco. Os homens os fecharam com dois carros e desceram correndo em direção ao Honda com as armas em punho. Após instintivamente tentar se esconder sob o painel, Flemmi desceu com calma do carro e pediu permissão para ligar para seu advogado. Os detetives o revistaram e encontraram uma faca e uma espécie de porrete, e depois tentaram convencer a mulher a acompanhá-los à sede do FBI, nem que fosse apenas para impedir que advertisse outras pessoas. Mas ela sabia como as coisas funcionavam e se recusou a ir sem mandado.

* * *

Embora o FBI tivesse levado seu Grupo de Operações Especiais de elite para fazer a vigilância sobre Salemme com um helicóptero, ele escapou nessa noite. Cadillac Frank foi para West Palm Beach, Flórida, um dos refúgios favoritos dos mafiosos em fuga. Ele acabaria sendo preso oito meses mais tarde, mas sua fácil escapada alimentou a raiva incontida dos investigadores que trabalhavam no caso. Um deles acusou o Grupo de Operações Especiais de não passar de um bando de velhos caducos. “São um lixo”, disse o sujeito, com amargura. “É parte da fachada por lá. Aqueles caras estão precisando de uma casa de repouso. Com eles é das nove às cinco, e nem um minuto a mais. Assim que o turno acaba, eles somem. Eles não têm o menor interesse pessoal no caso.”

De sua parte, Stevie Flemmi era uma presença imperturbável na sede do FBI, com sua tranquilidade enraizada na crença de que trinta anos a serviço do bureau salvariam sua pele. Ele esperava saber depressa o valor da fiança para sair logo de lá e pegar um voo noturno para Montreal. Somente quando a noite avançou sem que nenhuma porta lateral se abrisse ele se deu conta de que estava sozinho em sua desdita. Pensou que John Connolly ou Paul Rico ajudariam, como haviam feito no passado. Mas Flemmi era como uma celebridade de Hollywood presa por dirigir alcoolizada. Protestar sobre sua importância só pioraria as coisas. Ninguém o salvaria — ele estava nas mãos do policial Tom Duffy.

Flemmi havia esperado um melhor tratamento porque John Connolly o mantivera a par dos acontecimentos com o grande júri ao longo do ano, às vezes usando seu contato contínuo com o Esquadrão de Crime Organizado do bureau. Mas tanto Connolly quanto Morris, que também estava próximo da aposentadoria e trabalhava em Los Angeles, tinham sumido de cena e deixado Flemmi sem um sistema de alerta avançado.

Na verdade, houvera uma troca completa da guarda, tanto na Procuradoria-Geral federal quanto no FBI, que deixou a praia de Bulger desprotegida contra o inimigo — mas não exatamente abandonada.

Bulger se tornara um segredinho sujo que evoluiu para uma política tácita administrada por novos atores que talvez não compreendessem inteiramente o passado, mas aferravam-se a essa política por questão de lealdade institucional. Eles viam qualquer tentativa de mudar o sistema como obra de arrivistas intrometidos que estavam cuspidos no prato que comiam. O compromisso duradouro se fundamentou no medo de que Bulger se tornara uma bomba-relógio ao atrair demasiada atenção da opinião pública, sobretudo após o artigo do *Boston Globe* em 1988. A impetuosa amizade pessoal de John Connolly foi substituída pelo protecionismo reflexo de uma sequência de assistentes de agentes especiais encarregados. O credo passou a ser: Bulger pode ser um tratante, mas é o nosso tratante.

Só que a detenção de Flemmi pela polícia estadual fez o FBI perceber que a casa caíra. E, quando o bureau se deu conta do que acontecera, recuou o mais rápido que pôde. O único contato que Flemmi teve com seus antigos aliados após ser preso foi quando cumprimentou o agente Edward Quinn, na audiência de fiança. O encontro constrangido fez Flemmi perceber que seu status de informante valorizado se fora; ele não passava de mais um criminoso infeliz numa sala de tribunal.

“O que está acontecendo aqui?”, perguntou Flemmi para o apreensivo Quinn ao passar. “Que tal dar um fresco na fiança?”, insistiu Flemmi, num pedido que significava: *Me tira daqui*.

Mas tudo que Quinn pôde fazer por ele foi lhe levar uma Coca-Cola.

Mesmo nesse momento, quando Quinn se afastava e o advogado do governo se interpunha entre eles, Flemmi achou

que podia haver um paraquedas mágico. Sua cabeça divagou para os anos de intervenção do FBI, como quando Paul Rico conseguiu retirar as acusações de homicídio no tribunal estadual. Flemmi se lembrou de ser avisado da escuta da polícia estadual na oficina da Lancaster Street e de quando ele e Whitey foram deixados de fora do caso dos páreos arranjados. E de como o FBI em Boston ajudou a acobertar os assassinatos da Winter Hill em Boston, Tulsa e Miami. Sem dúvida, seus amigos Jim Bulger e John Connolly “iam dar um jeito nisso tudo”.

Mas o máximo que Flemmi conseguiu foi receber visitas na prisão de Kevin Weeks, comparsa de Bulger em South Boston, que lhe transmitiu a comiseração de John Connolly. O agente queria que Flemmi soubesse como se sentia mal pelo fato de o FBI ter deixado ambos na mão.

Flemmi nunca mais teve notícia de Bulger.

* * *

Bulger logo se adaptou à vida de criminoso foragido. O adolescente rebelde que procurava chamar a atenção passeando com uma jaguatirica de estimação pelo conjunto habitacional Old Harbor desenvolvera a crua disciplina de sobrevivência de um soldado de elite do exército se escondendo na selva. Quando ficou claro que os indiciamentos estavam a caminho, cortou todos os laços com South Boston, a não ser pelas ocasionais ligações feitas para telefones públicos, tudo combinado de antemão.

Embora Bulger não fosse conhecido por ser uma pessoa sentimental, Flemmi ficou surpreso de nunca mais ter notícia do antigo parceiro à medida que este pulava de uma cidadezinha para outra no coração da América. Mesmo assim, Bulger fez mais por Flemmi do que pela maioria. Whitey o advertira a ficar

longe de Boston, e Flemmi tolamente o ignorara. Foi um erro estúpido, do tipo que Whitey não cometia.

Mas por pouco Bulger também não dançou. Em janeiro, pouco depois de o policial estadual Tom Duffy ter encostado a arma na têmpora de Flemmi, o próprio Bulger rumava para casa. Teresa Stanley se cansara de viajar em suas “férias” estendidas. Desde o outono de 1994, enquanto Bulger esperava para ver o que aconteceria em Boston, eles tinham viajado por Dublin, Londres e Veneza, e depois percorrido o sudoeste dos Estados Unidos. Mas Teresa já estava entediada de ver atrações turísticas e ficar na companhia do reservado Bulger e seus longos silêncios. Ela sentia saudade das crianças e de South Boston. Nas últimas semanas, hesitava até para fazer simples perguntas, como “Pra onde a gente vai agora?”. Só serviria para começar uma discussão.

Assim, em janeiro de 1995, os dois se aproximavam de Boston num silêncio mortificado, avançando pela rota 95 em Connecticut, quando Teresa ouviu um boletim de rádio sobre a prisão de Flemmi. Bulger tomou a saída seguinte, voltou na direção de Nova York e fez check-in num hotel em Manhattan. Ficou pendurado nos telefones públicos do hotel, tentando obter o máximo de informações. Teresa nem se deu ao trabalho de perguntar o que estava acontecendo.

No dia seguinte, foram a um estacionamento no sul de Boston, onde Teresa Stanley desceu para esperar pela filha. Bulger disse “Eu te ligo”, pisou fundo e sumiu. Teresa nunca mais teve notícias dele.

Em vez de ir embora sozinho, ele pegou sua outra namorada, Catherine Greig, e desapareceu no interior da América, fazendo papel de um aposentado quase careca com uma esposa mais jovem.

Na estrada outra vez, mas com uma mulher diferente, Bulger morou por um tempo nos rincões pantanosos da Louisiana e foi

supostamente visto no Meio-Oeste, na Flórida e até no México, no Canadá e na Irlanda. Os investigadores rastrearam ligações feitas de um hotel em Nova Orleans e de um restaurante em Mobile, Alabama. Ele manteve contato com Kevin Weeks e alguns familiares, e até se aventurou a entrar em Boston em duas ocasiões para se encontrar com Weeks. Nos encontros, no fim de 1995 e em 1996, Weeks forneceu a Bulger alguns documentos falsos e novas informações sobre o andamento da investigação. Kevin O'Neil também fez sua parte, depositando quase 90 mil dólares na conta de Bulger pouco após ele ter sido forçado a fugir. Mas ninguém fora de seu círculo íntimo voltou a ter notícias suas depois que ele deixou Teresa Stanley.

* * *

A não ser John Morris.

O último posto de Morris no FBI antes de se aposentar no fim de 1995 foi como diretor de treinamento na Academia do bureau, em Virginia. Certa tarde de outubro, sua secretária lhe disse que um insistente “senhor White” queria falar com ele. Foragido havia dez meses, o descarado Bulger ligava de um telefone público à beira da estrada.

O recado para Vito era curto: se eu for para a cadeia, você vai junto.

— Vou levar você comigo, seu filho da puta — ameaçou Bulger.

— Falou — disse Morris. Na mesma noite, John Morris sofreu um forte ataque cardíaco. Bulger quase o matou com um simples telefonema.

* Homem forte do comitê de reeleição de Nixon que liderou a operação de espionagem na sede do Partido Democrata, no caso Watergate. (N.T.)

CAPÍTULO DEZENOVE

Quem sai na chuva...

Suas celas ficavam lado a lado no mezanino do bloco H-3 na penitenciária do condado de Plymouth, sendo a cela 419 de Cadillac Frank Salemme e a 420 do soldado da Máfia Bobby DeLuca. As celas de seis metros quadrados tinham piso de cimento e paredes caiadas. Era o fim do verão de 1996, e, ainda que Bulger estivesse *in absentia*, o caso de formação de organização criminosa contra a Máfia, Bulger e Flemmi avançava a passo de tartaruga. O caso federal estava na publicação compulsória, ou *discovery*, estágio preliminar de todo processo criminal em que o governo entrega à defesa as provas e os testemunhos relevantes, bem como todo o material capaz de inocentar o acusado. Em seguida, a defesa examina o material, a princípio para se preparar para o julgamento, mas, antes de mais nada, para ver se consegue minar o caso preparado pelo estado encontrando alguma falha jurídica no modo como as evidências foram reunidas. Se os advogados de defesa conseguem persuadir o juiz de que toda ou parte da evidência foi de algum modo obtida ilegalmente, o juiz pode invalidá-la. Dependendo da quantidade de provas e testemunhos derrubados, o caso contra o réu encolhe ou, melhor ainda, desaparece.

Salemme e DeLuca se debruçavam sobre um gravador da Sony. Seu advogado de Boston, Anthony M. Cardinale, lhes passara uma lição de casa. Escutem as fitas, instruíra ele — escutem com atenção. O advogado levava para a prisão um monte de fitas cassete minúsculas que eram cópias das gravações feitas pelo FBI durante as vigilâncias eletrônicas

secretas — da Prince Street, 98, do Vanessa's, do Heller's Café, de uma reunião entre dois mafiosos no Hilton Hotel do Aeroporto Internacional Logan, da cerimônia de iniciação da Máfia e outras.

O próprio Tony Cardinale estava escutando as fitas, mas queria que Salemme e DeLuca fizessem o mesmo. Os ouvidos deles eram mais bem-treinados para o linguajar mafioso. As vozes eram da gente deles. Os três procuravam um modo de objetar a admissibilidade das fitas, um jeito de tirá-las da jogada e impedir seu uso no julgamento. Cardinale os instruiu a ficar de ouvidos atentos para qualquer coisa irregular.

De particular interesse para o advogado eram as fitas que o FBI gravava usando um “grampo móvel”. Ao contrário de outras escutas, esse dispositivo não ficava fixo no teto, na parede ou sob um abajur. Em vez disso, esse poderoso microfone portátil e compacto podia se mexer dentro de uma parabólica que os agentes miravam nas pessoas visadas para captar a conversa, mesmo se estivessem num carro ou numa casa. O FBI recorria a esse tipo de grampo quando não sabia de antemão o local de um encontro ou carecia do tempo necessário para instalar um grampo fixo ou uma escuta telefônica. Por sua mobilidade, o grampo móvel era uma qualidade de vigilância eletrônica altamente eficaz que dava calafrios na espinha tanto dos defensores do direito à privacidade quanto dos advogados de defesa criminal. Cardinale, por exemplo, não era nenhum fã. “O grampo móvel é provavelmente a intrusão do governo mais perigosa de todas. Em certo sentido, eles jogaram a proteção da Quarta Emenda pela janela. Porque, se você for o alvo, o governo pode ir aonde quer que você vá. À sua casa. À casa de sua mãe. A uma igreja. O governo tem a causa provável em qualquer lugar, um mandado de busca ambulante. É uma vasta expansão se comparada à vigilância eletrônica, e é um instrumentozinho pernicioso que não deveria servir para abusos.”

Cardinale tinha um palpite sobre o uso que o FBI de Boston fazia dos grampos móveis — a saber, que era inapropriado. Andava convencido de que, ao contrário do que os agentes diziam sob juramento para os juízes, o FBI sabia com bastante antecedência onde certas reuniões teriam lugar. Cardinale acreditava que os agentes sabiam porque um ou mais de seus informantes confidenciais compareciam aos encontros. Se isso fosse verdade — se juízes federais tivessem sido induzidos a erro —, talvez a defesa pudesse anular todas ou algumas das fitas.

Salemme e DeLuca levaram a tarefa a sério. Por trás das portas verdes de aço de suas celas, sentados nos finos colchões de seus beliches de metal ou diante das minúsculas mesas metálicas aparafusadas à parede, a dupla pôs as fitas para rodar. Havia centenas delas, e o trabalho era maçante, passando e repassando as conversas, esforçando-se por entender os diálogos.

Bobby DeLuca se debruçou com afinco sobre a tarefa e, certo dia, quando se concentrava na fita do Hilton-Logan, detectou uma coisa no fundo. Parou, repassou o trecho, e, quanto mais escutava, mais ficava convencido de que podia escutar outras vozes além dos dois mafiosos visados. DeLuca chamou Salemme, que escutou a fita. Salemme também percebeu as vozes. DeLuca não estava louco. Ao fundo, duas vozes sussurravam. Só podiam ser dos agentes do FBI escutando a gravação. De algum modo, o grampo móvel que estavam usando no quarto de hotel ao lado captara também suas vozes, e um agente sussurrava para o outro que deviam ter mandado “o Santo” dar “uma lista de perguntas” a um dos mafiosos.

Eureca.

DeLuca e Salemme pararam a fita e trataram de telefonar para Cardinale em Boston.

* * *

A Máfia vinha requisitando os serviços de Tony Cardinale havia muito tempo e, aos 45 anos, ele tinha o traquejo, o ego e a perseverança para mergulhar em qualquer briga com o governo. Na época do indiciamento de Salemme, Bulger, Flemmi e os outros, em 1995, ele era o principal advogado da Máfia em Boston. Chegado em gravatas de seda Hermès, charutos caros e uísque escocês, Cardinale se regozijava com a disputa numa sala de tribunal. Era um defensor que mostrava seu melhor nas barras de um tribunal, que parecia incansável atrás de uma mesa. Sempre fora assim para o advogado criado em Hell's Kitchen, cidade de Nova York, filho de um boxeador e dono de restaurante. O pai de Cardinale e quatro tios cuidavam do restaurante Delsomma's, na Forty-seventh Street, entre a Oitava Avenida e a Broadway, um lugar popular entre o pessoal do teatro, a velha turma do Madison Square Garden e os mafiosos do West Side. Seu pai também treinava boxeadores, e Tony Cardinale cresceu sob o olhar atento do pai, aprendendo a se esquivar e contragolpear, um jab seguido de outro, uma direita, *bum!* um gancho de esquerda, *bum!* O boxe dominava a conversa no restaurante e em casa, um apartamento comprido no terceiro andar de um edifício modesto na Forty-sixth Street, bem ao lado de um mercado de peixes. Dois tios e suas famílias moravam do outro lado da rua; sua avó e outro tio moravam na esquina. Tony Cardinale andava com os Forty-sixth Street Guys, versão crua das gangues de rua glamorizadas do musical *Amor, sublime amor*. O Cardinale adolescente usava trajes do fim dos anos 1950: blue jeans, camisa branca, tênis e um cinto grosso de fivela grande que podia fazer as vezes de arma.

O jovem Tony Cardinale cresceu observando a cidade passar pelas portas do restaurante de sua família — boxeadores, gângsteres, grandes apostadores, empresários —, e foi ali que

lhe ocorreu pela primeira vez a ideia de um dia se tornar advogado. “Quando meu pai encontrava um advogado ou médico na porta, ficava muito impressionado; ficava até solícito, muito respeitoso”, lembrou Cardinale.

“Aconteceu alguma coisa, alguma coisa especial quando eu percebi isso, porque eu pensava, quando via como meu pai tratava as pessoas que eram advogados, eu falava: ‘Quer saber? É isso que eu quero ser, pai.’ E ele respondia: ‘Meu Deus, se um dia você conseguisse, ia ser incrível, ia ser maravilhoso.’”

Com bolsa de estudos para jogar futebol americano na faculdade, Cardinale frequentou a Faculdade Wilkes, na Pensilvânia. Queria cursar direito em Nova York, mas a NYU, a Columbia e a Fordham o rejeitaram. Assim, recém-casado, Cardinale viajou rumo a Boston, para fazer a única faculdade que o aceitou, a Faculdade de Direito de Suffolk. E nunca foi embora da cidade. Infatigável, editou uma revista de direito. Já no segundo ano, ele e seu colega de classe, Kenneth J. Fishman, começaram a trabalhar para o famoso advogado de defesa F. Lee Bailey. Cardinale e Fishman se tornaram amigos inseparáveis. Bailey chamava a dupla de “Gold Dust Twins”,* porque entraram para o escritório na mesma época e cursaram direito juntos. O mentor pensava em Fishman como “o cara da lei”, por seu discernimento na análise legal, e em Cardinale como “o cara dos fatos”, por sua capacidade de investigar um caso e rastrear falhas no raciocínio do adversário. “Ele tinha uma boa dose de autoconfiança”, constatou Bailey mais tarde, lembrando-se do jovem Cardinale. “Esse tinha colhões.”

Cardinale permaneceu com Bailey por cinco anos, depois partiu para trabalhar por conta própria no início da década de 1980, dando duro nas trincheiras, aproveitando a rodagem no tribunal acumulada durante o rápido início que tivera com Bailey. Então, no fim de 1983, pegou seu primeiro cliente mafioso, e logo quem? Gennaro Angiulo. Prestes a conseguir uma magistratura,

o advogado original do subchefe largara o caso, e Cardinale recebeu a ligação na noite após o Natal: “O que acha de representar Jerry Angiulo?” Era sua grande chance, e Cardinale ficou ansioso. “Era um caso dos grandes, dos grandes”, recordou ele. “Eu quero entrar no jogo, sabe? O lado atleta aflorou em mim. Se esse é o jogo mais importante da cidade, então eu quero estar dentro.” Com apenas 33 anos, Cardinale era o principal advogado no maior caso de crime organizado na história de Boston.

Cardinale foi à luta. Atacou incansavelmente as devastadoras fitas da Prince Street, 98, a qualidade delas, a precisão, tudo na tentativa de derrubá-las. O julgamento durou nove exaustivos meses, e dia após dia Cardinale compareceu ao tribunal para medir forças com a equipe de promotores do governo liderada por Jeremiah T. O’Sullivan.

No fim, a Casa de Angiulo veio abaixo, mas Cardinale chegara lá, mesmo que seu cabelo tivesse ficado grisalho durante o julgamento. Da noite para o dia, ele se tornara o diligente defensor da Máfia. Durante os anos 1980, representou outros Angiulo e Vinnie Ferrara, e viajou a Nova York para representar Anthony Salerno. No início da década de 1990, juntou-se à equipe de defesa de John Gotti, representando um comparsa do chefão, Frank “Frankie Locs” Locascio. No indiciamento de Cadillac Frank Salemme em 1995, Tony Cardinale foi mais uma vez o cara procurado pela Máfia. Nesse meio-tempo, Flemmi recorreu a outro importante advogado de defesa, o velho colega de faculdade de Cardinale, Ken Fishman.

Cardinale ficou extasiado ao saber do que Salemme descobrira na cela. Ele praticamente transformara o escritório num centro de eletrônica, com gravadores de alta qualidade e aparelhos para acentuar o áudio, e, quando examinou a fita, também escutou os sussurros que Salemme e DeLuca tinham detectado. Cada vez que repassava o trecho, tinha mais e mais

certeza de ter em mãos um argumento incontestável para a defesa, algo que poderia usar para nocautear o governo. Pediu aos técnicos para acentuar a gravação, e as vozes do FBI no fundo ficaram mais nítidas. Os dois agentes operando o grampo móvel se queixavam da conversa aleatória e incoerente ocorrendo no quarto ao lado entre os mafiosos Kenny Guarino e Natale Richichi, que chegara de Las Vegas. Um agente parecia dizer ao outro que antes deveriam ter feito “o Santo” preparar “uma lista de perguntas [...] para Kenny perguntar pra ele [...] a gente podia, sabe, restringir as categorias”.

Para Cardinale, isso era prova de que o FBI tinha ao menos um — e talvez dois — informante participando do encontro com o mafioso em visita de Las Vegas. Cardinale imaginou que ou Kenny Guarino ou “o Santo” — apelido de Anthony St. Laurent —, ou os dois, vinha trabalhando como informante para o FBI. Se um ou outro dos mafiosos fosse informante, então o bureau provavelmente sabia de antemão o lugar do encontro no Hilton. E, caso isso fosse verdade, o FBI não contara com base legal válida para usar o grampo móvel e mentira para um juiz federal a fim de conseguir a permissão para usá-lo.

Cardinale preparou novos documentos judiciais e, com a fita na mão, argumentou diante do juiz designado para o caso de formação de organização criminosa, Mark L. Wolf, que uma audiência especial seria necessária para investigar o possível subterfúgio do FBI. Os documentos ligados ao caso foram lacrados, e as sessões de tribunal realizadas para discutir a nova informação de Cardinale ficaram fechadas ao público. Cardinale argumentou que, em 1991, no intuito de conseguir a autorização de outro juiz para usar um grampo móvel, os agentes federais tinham dado entrada em depoimentos juramentados afirmando não fazer ideia do paradeiro de Richichi quando ele chegou a Boston para cuidar de assuntos da Máfia. Instando o juiz a examinar pessoalmente a fita para escutar as vozes dos agentes

ao fundo, Cardinale afirmou: “O FBI sabia muito mais do que deixou transparecer sobre os eventos de 11 de dezembro de 1991, mas queria proteger a fonte.” Segundo o advogado, era possível que o bureau estivesse “envolvido em conduta ilegal, no esforço de ocultar as atividades de seus informantes de alto nível”.

Durante o outono de 1996, a questão foi debatida em sessões que permaneceram vedadas à imprensa e ao público. Cardinale e uma equipe de promotores liderada por Fred Wyshak envolveram-se num cabo de guerra legal, com Cardinale puxando de um lado e o governo de outro.

Durante esse período, Cardinale começou a bolar uma estratégia de jogo ainda mais ambiciosa. Ele acreditava que o subterfúgio por trás do grampo móvel do FBI no Hilton não era um episódio isolado. Sua impressão era de que por anos o FBI distorcera e quebrara todos os tipos de regra para proteger um círculo fechado de informantes. Em particular, acreditava que o FBI protegia Whitey Bulger acima de todos. Cardinale lera as matérias no *Boston Globe* e escutara a conversa das ruas sobre Bulger e o FBI. Acreditava também que Bulger escapara de ser preso porque o FBI permitira que fugisse.

Toda a menção a Bulger ocorrera fora do tribunal, mas o gângster se tornara corréu, e, para defender Salemme, seu cliente, Cardinale decidiu ir atrás de Whitey: empregaria a fita do Hilton como um aríete para derrubar a muralha do segredo. Cardinale iria à caça do FBI.

* * *

“A defesa solicita a divulgação da identidade de vários indivíduos que podem ter servido de informantes/espões do governo em relação à investigação e/ou instauração deste processo”, começou o advogado no requerimento protocolado em 27 de

março de 1997. Os papéis foram submetidos sob sigilo, e a discussão perante o juiz Wolf sobre o FBI e Bulger continuou a portas fechadas. Cardinale alegou que a conduta imprópria do FBI podia ter contaminado toda a evidência do governo, ou parte dela, e para chegar ao cerne da questão o mundo precisava saber sobre Bulger e os outros.

No requerimento, Cardinale apontava para Bulger e diversos outros suspeitos de serem informantes, como Guarino e St. Laurent — mas não Stevie Flemmi. “Eu só me senti um pouco desconfortável”, declarou Cardinale mais tarde. “Veja bem: uma das últimas coisas que você quer fazer numa situação como essa... quer dizer, esse cara é réu no processo, e, se você acredita que ele foi dedo-duro basicamente a vida toda, uma das últimas coisas que vai querer fazer é bater o martelo no caso antes de estar preparado, e aí o cara se assusta e entra em ação, e machuca seu cliente. Achei que, se o dedo fosse apontado para Flemmi cedo demais e ele resolvesse agir, poderia tentar pegar o Salemme e não sei mais quem. Poderia ter sido um desastre.”

Assim, por ora, Cardinale ficou na dele, em parte por precaução e em parte por cortesia profissional com o colega, Ken Fishman, que estava representando Flemmi. Além do mais, na época, de modo geral ainda se acreditava que Flemmi fosse um sujeito a toda prova, não um dedo-duro. “O disse me disse nas ruas era sobre Bulger”, comentou Cardinale. Os artigos no *Globe* uma década antes tinham sido sobre Bulger e o FBI, não Flemmi. Fora Whitey quem fugira para não ser preso em 1995, não Stevie. “Sabe, na verdade ninguém nunca disse coisa alguma sobre Flemmi. Mesmo entre os italianos, quer dizer, eles sempre falavam: ‘Olha, Bulger é capaz de qualquer coisa.’ Mas Flemmi, eles consideravam o cara quase um deles.”

Fred Wyshak e seus colegas promotores combateram Cardinale a cada passo do caminho. Não sabiam exatamente

que horrores se ocultavam nos arquivos do FBI e queriam que o juiz Wolf se concentrasse apenas no presente processo. Wyshak chegou ao ponto de compartilhar com o juiz — mas não com a defesa — um depoimento juramentado “extremamente confidencial” de Paul Coffey, chefe da Divisão de Crime Organizado e Extorsão do Departamento de Justiça. Nele, Coffey relatou que, na condição de informantes, Bulger e Flemmi nunca receberam qualquer tipo de licença “para cometer ato criminoso sem autorização específica” e que, de tempos em tempos, ambos eram advertidos a respeito disso. Ironicamente, Wyshak foi forçado a defender o acordo do FBI com Bulger na tentativa de deter Cardinale. Wyshak insistia que o governo não possuía nenhum acordo formal e sigiloso com Bulger ou Flemmi que obstasse o presente processo. Argumentou que, portanto, o juiz deveria ignorar “as alegações genéricas e inespecíficas” de Cardinale. Bulger e sua relação com o FBI eram irrelevantes, uma distração. E também era fundamental que a corte não deixasse o FBI na perigosa posição de precisar confirmar ou negar em público os nomes dos informantes confidenciais, tão cruciais ao trabalho do bureau.

Mas Wolf não concordava.

Para desalento do governo, em 14 de abril de 1997 o juiz decidiu que queria descobrir mais sobre as demandas de Cardinale em outra audiência fechada a começar dentro de dois dias. “A corte revisou o Requerimento para Revelar Informantes Confidenciais e Suprimir a Vigilância Eletrônica do réu, apresentado neste caso”, escreveu Wolf num breve parecer de três páginas. “Neste caso, em que os réus são acusados, entre outras coisas, de [...] realizar atividade de crime organizado, o fato de que o corréu foi, durante o período relevante, um informante confidencial do FBI iria, caso seja verdade, constituir informação exoneratória à qual seus corréus têm direito.” Wolf

chegou a instruir a promotoria a chamar Paul Coffey, ordenando que estivesse pronto para falar sobre os informantes.

Nas entrelinhas da determinação judicial, Cardinale acreditou identificar uma insinuação de que sua inquirição agressiva não se detivesse em Bulger, mas incluísse Flemmi. “Ele diz querer que o governo esteja preparado pra responder perguntas sobre ‘um’ réu do caso, qual o impacto de ‘um’ réu ser informante. Agora, o que acontece é, eu interpretei com isso que o juiz, ele deu a entender que é um réu presente ao tribunal, não um foragido, como era o caso de Bulger.”

Na noite anterior à audiência, o advogado compartilhou essa teoria com seus colegas durante reunião no escritório de Ken Fishman. Presentes estavam John Mitchell, advogado de Nova York que se juntara a Cardinale na representação de Salemme e DeLuca, e os advogados de John e James Martorano. A meia dúzia de homens e mulheres se reunia em torno de uma mesa no escritório em Long Wharf, num prédio rústico — a alvenaria de tijolos vermelhos restaurada, vigas de madeira aparentes —, de frente para o mar, bem ao lado do New England Aquarium. Cardinale não conseguiu nem terminar de explicar seu palpite sem que os outros advogados quase o enxotassem da sala. Mitchell olhou para o colega e lhe disse para deixar de ser babaca. Ken Fishman fez uma bola de papel e jogou no antigo parceiro. Ninguém jamais considerara Flemmi de fato um habitante da terra dos dedos-duros.

“Todo mundo tinha a impressão de que aquele cara era diferente de Bulger. Ele havia sido pego, ficou preso e fazia parte do esforço da defesa de ‘um por todos e todos por um’”, disse Cardinale. “Já eu estava convencido do contrário.”

Durante a reunião, Cardinale nem sequer sabia se em algum momento Fishman havia discutido com Flemmi a respeito da vida dupla secreta do gângster com o FBI. Na verdade, Fishman ficou pasmo ao ouvir Cardinale dizer que planejava ir atrás de Flemmi.

“Acho que nunca reagi de um jeito tão dramático a qualquer coisa que Tony disse nos últimos vinte anos”, disse Fishman. Os outros advogados insistiram que Cardinale interpretara errado o que o juiz dissera e estava prestes a tomar um rumo inaceitável.

Mas Cardinale queria deixá-los preparados para a possibilidade de ele estar com a razão. Contou aos advogados que já explicara seu plano para os clientes, falando sobre o risco subjacente desse lance de dados: se fosse verdade, Flemmi talvez mudasse de lado e virasse a casaca contra os outros réus no caso. Para Frank Salemme, seu cliente, a potencial exposição era limitada. “Frank tinha ficado na cadeia durante a maior parte do reinado Bulger-Flemmi, então Flemmi não podia entregar muita coisa sobre Frank.” Para os outros, porém, o risco era real.

Na manhã seguinte, os advogados de defesa, seus clientes, e a equipe da promotoria sob a liderança de Wyshak e Paul Coffey, do Departamento de Justiça, reuniram-se a portas fechadas na sala de tribunal número 5, do juiz Wolf, no fórum federal em Post Office Square. “Estamos aqui em conformidade com minha ordem de 14 de abril, que está sob sigilo”, disse Wolf, indo direto ao ponto. “Devo dizer que mandei fechar as portas do tribunal para o público porque as matérias que vamos discutir se relacionam com a revelação de informantes confidenciais para os réus e a possível revelação pública desses nomes.”

O juiz começou a ler o requerimento de Cardinale, mencionando os nomes que o advogado incluía — Bulger, Kenny Guarino, Anthony St. Laurent e duas outras figuras do submundo. Então parou e ergueu os olhos.

E aí fez a pergunta que Cardinale estivera esperando:

— Os réus estão interessados em saber sobre outros indivíduos que possam estar em situação similar, caso essas pessoas sejam de fato informantes confidenciais? Ou são só esses cinco?

Fez-se um silêncio; toda a matéria escura que definia o mundo de Bulger e Flemmi enquanto informantes do FBI estava prestes a vazar, como um lixo tóxico que finalmente tivesse corroído o metal dos recipientes que deveriam isolar o veneno para sempre.

“Foi um momento esquisito”, recordou Cardinale. Segundo ele, o juiz tinha “um meio sorriso no rosto. Percebi na hora que meu palpite fora mais do que apenas isso.” Cardinale se aproximou de seus clientes, Salemme e DeLuca. O advogado sabia que não tinha mais volta. “Eu disse: ‘Escutem, a gente está dando esse passo agora. Pode ter um impacto bem negativo. Esse cara pode resolver agir.’ Mas a posição deles foi: ‘Olha, Flemmi não pode falar nada sobre mim. Ele ia ter que mentir, então vai em frente. Manda bala.’”

Cardinale virou e ficou de frente para o juiz em sua cadeira. A pergunta ainda pairava no ar:

— São só esses cinco?

— Como diz o ditado, quem sai na chuva é pra se molhar, meritíssimo — respondeu Cardinale. — Se tem mais, que seja.

— Quer dizer que querem saber? — perguntou o juiz.

— Isso mesmo.

* * *

Minutos depois da resposta de Cardinale, Wolf se recolheu a seu gabinete. Ordenou que Paul Coffey, do Departamento de Justiça, o acompanhasse. Durante o breve recesso, o juiz e o chefe de divisão discutiram a encruzilhada a que o caso chegara. Coffey contou ao juiz que “nossa relação”, querendo dizer o FBI, não era apenas com Bulger, mas incluía Flemmi. A questão era essa, respondeu o juiz. Se ele ia permitir à defesa explorar a tese de que os laços do FBI com Bulger corrompiam parte da evidência, Flemmi tinha que ser parte disso. Não fazia sentido ser de outra forma. (Wolf escreveria mais tarde que Bulger e Flemmi eram

“virtualmente gêmeos siameses”.) Ambos estavam cientes de que Flemmi, presente ao tribunal, parecia não fazer ideia do que estava prestes a acontecer.

O juiz deixou o gabinete e voltou à sala do tribunal, onde advogados e réus continuavam sentados, simplesmente esperando. Wyshak e sua equipe tentaram mais uma vez impedir Wolf de ir além, insistindo que o ângulo de informantes utilizado por Cardinale não passava de tática diversionária. Cardinale objetou. Wolf pôs um ponto final na discussão: “A menos que o governo proteste, gostaria de ver o senhor Fishman e o senhor Flemmi”, decidiu o juiz.

— Tem uma coisa negativa sobre o senhor que chegou à minha atenção — disse Wolf a Flemmi assim que ele, Flemmi e Fishman sentaram no gabinete. — Vou encorajar o senhor a pensar a respeito.

— Tudo bem — disse Flemmi, sempre aparentando despreocupação. Sem crise.

O juiz Wolf pediu a Fishman que saísse da sala. Então disse a Flemmi que teria preferido estar com Fishman presente à conversa, mas não sabia quanta informação Flemmi partilhara com seu advogado sobre o passado. O juiz disse que, por questão de cautela, era melhor conversarem a sós primeiro.

— Quero apenas que escute o seguinte — disse Wolf.

O juiz recapitulou o requerimento de Cardinale para Flemmi — Cardinale queria que determinados informantes do FBI fossem identificados como parte de um esforço para objetar à admissibilidade do caso da promotoria contra Frank Salemme e os demais. Wolf contou que, como parte do processo, recebera documentos informando que Bulger e Flemmi eram informantes. Wolf disse que estava inclinado a decidir em favor de Cardinale e permitir a revelação dos nomes dos informantes do FBI. Em resumo, o juiz ia exigir que o FBI revelasse publicamente seu trabalho com Bulger e Flemmi.

— O senhor se sente à vontade com o que vamos fazer? — perguntou Wolf ao término da explicação. — Está temeroso ou algo assim?

— Não. Não sinto minha segurança ameaçada. Não estou nem um pouco preocupado com isso.

Mas, por dentro, Flemmi só podia estar agitado, perplexo com esse rumo dos acontecimentos. Desde sua prisão, no início de 1995, ele mantivera silêncio sobre sua vida secreta com o FBI. Flemmi vira sua prisão como um equívoco, ou talvez, de algum modo, necessária como disfarce para ocultar seus laços com o bureau, mas uma farsa que Bulger e seus amigos no FBI acabariam por resolver rápido. “Eu acreditava que James Bulger iria contatar as pessoas que poderiam ajudar, porque a gente ficou envolvido com o FBI durante tantos anos”, relatou Flemmi mais tarde. Em silêncio, vinha dando tempo ao tempo, rememorando aquele período anterior, nos anos 1960, em que Paul Rico e o FBI levaram quase quatro anos para dar um jeito nas acusações contra ele por homicídio e atentado a bomba — e pavimentar o caminho para sua volta do Canadá.

Flemmi também percebeu que o real motivo para a briga de Wyshak com Cardinale acerca da revelação das identidades dos informantes não tinha a ver com nenhum apreço especial por sua pessoa. Wyshak estava tentando manter o caso limpo e livre de subterfúgios e impedir Cardinale de derrubar qualquer evidência. Mas o juiz Wolf lhe disse que o fato de ele ser um informante do FBI provavelmente viria a público; depois de toda a história entre ele, Bulger e o FBI, Flemmi se sentiu traído. E não estava só. O comparsa de Bulger, Kevin Weeks, viera servindo como mensageiro entre Flemmi e Connolly, visitando Flemmi com regularidade na prisão. “A informação que Kevin Weeks me passou foi que John Connolly estava muito preocupado com a situação minha e de Jim Bulger”, lembrou Flemmi.

— E quanto a Ken Fishman? — perguntou Wolf. — Seu advogado sabe alguma coisa sobre isso?

— Vou contar agora mesmo — respondeu Flemmi. — Não tenho problema com isso.

— Posso chamar ele aqui e fazer isso?

— Claro.

Parecendo se animar, Flemmi felicitou Wolf, oferecendo seus cumprimentos de gângster ao juiz.

— O senhor está chegando ao cerne da questão, excelência. Não tenha dúvida. Está quase lá. Se for ainda mais fundo, vai conseguir a história completa, tim-tim por tim-tim.

Fishman voltou, e o juiz fez um resumo do passado de Flemmi, explicando que recebera materiais do governo dizendo que Flemmi fora informante “por muitos, muitos anos”. Paul Coffey, do Departamento de Justiça, logo voltou e disse:

— Se a corte me permitir, gostaria de conversar com ele. — Então, virou-se para Flemmi e Fishman. — Gostaria de uma oportunidade de sentar com os dois em algum lugar e explicar o que eu acho que precisa ser feito.

— Ótimo — respondeu Fishman com sarcasmo.

O advogado estava se esforçando para manter as aparências. A revelação foi como um jab no queixo que o atordoara, e, ainda que ele tivesse rodagem suficiente para não demonstrar abalo, sua cabeça estava girando. “Depois de 22 anos como advogado de defesa criminal, você sente uma reação visceral, uma certa repulsa inerente por um indivíduo que escolheu servir de informante”, disse.

O advogado também sabia exatamente que ângulo Coffey estava trabalhando — aproveitar-se do choque do momento, persuadir rapidamente o acuado Flemmi a ingressar no programa de proteção à testemunha e apresentar seu depoimento em nome do governo contra os demais.

Coffey seguiu em frente e tentou vender seu peixe. Flemmi foi curto e grosso: não.

— Se eu era tão valioso pra você, o que estou fazendo aqui? — rebateu.

Fishman tentava reconsiderar suas próprias sensações conflitantes. Queria um tempo a sós com seu cliente. Precisava pensar no que fazer, e logo bolou um plano para transformar a “informação negativa” em positiva. Fishman poderia argumentar que, como o governo havia “autorizado” Flemmi e Bulger a cometer crimes em troca de seu serviço de inteligência no submundo, os gângsteres não poderiam ser julgados por crimes para os quais tinham carta branca.

A estratégia ficaria conhecida como a “defesa do informante”, e, para respaldar sua alegação, Flemmi logo começou a protocolar depoimentos juramentados descrevendo sua vida com o FBI e, segundo ele, as promessas do bureau de nunca indiciá-lo, ou a Bulger.

* * *

Em 22 de maio, coroando os meses de audiências a portas fechadas e documentos legais apresentados sob sigilo, o juiz Wolf aquiesceu ao desejo de Cardinale de uma audiência comprobatória aberta. Num parecer de 49 páginas, Wolf disse que o propósito dessa audiência seria permitir a Cardinale e outros advogados de defesa inquirir os agentes e funcionários do FBI sobre a relação do bureau com Bulger e Flemmi, de modo que ele pudesse concluir se as fitas e outras evidências deveriam ser eliminadas. Para esse fim, decidira que precisava ordenar ao Departamento de Justiça que revelasse publicamente se Bulger, Flemmi e os outros nomes incluídos no requerimento original de Cardinale haviam de fato “fornecido informações ao governo secretamente”.

Para o juiz, o governo tinha alternativas, caso quisesse evitar a determinação. Ele admitia que seu parecer minava “o interesse em geral reconhecido do governo de maximizar a confidencialidade de seus informantes, de modo a encorajar o fluxo de informação”. Constatou que, às vezes, o governo “prefere recusar um caso a confirmar ou negar a existência de um indivíduo cooperante”. Mas o juiz concluía que, se o governo quisesse seguir em frente contra a Máfia e a gangue de Bulger, teria que partilhar seus segredos.

Wyshak instou Wolf a reconsiderar, mas o juiz se negou.

A despeito da determinação, a equipe de promotores não estava disposta a largar o caso. Voltar atrás estava fora de cogitação. Desse modo, o Departamento de Justiça decidiu seguir em frente e fazer o que nenhum funcionário federal em Boston jamais fizera: em 3 de junho de 1997, mais de duas décadas após John Connolly ter se aproximado de Whitey pela primeira vez, confirmou para a corte o papel de Bulger como antigo informante do FBI.

Paul Coffey subscreveu as palavras mágicas: “Eu, Paul E. Coffey, sob devido juramento, testemunho e dou fé de que, em conformidade com a Ordem desta Corte de 22 de maio de 1997, por meio deste confirmo que James J. Bulger foi informante da Divisão de Boston do Federal Bureau of Investigation (FBI).” Por ora, escreveu Coffey, o governo forneceria apenas o nome de Bulger, e ele explicou por que, no caso do gângster, se decidiu romper com a prática estrita de proteger a confidencialidade dos informantes. Bulger, escreveu ele, “é acusado de conduzir um empreendimento criminoso que cometeu crimes graves e violentos continuamente ao longo de muitos anos”. Foi uma sanha criminosa, escreveu Coffey, exercitada em paralelo ao trabalho de informante do FBI. Além do mais, na condição de fugitivo, Bulger estava tentando escapar à responsabilidade por seus inúmeros alegados crimes. Esses fatores se combinavam

para criar “circunstâncias únicas e raras”, escreveu Coffey, circunstâncias essas que lhe permitiam expor Bulger de modo a mandá-lo para trás das grades. “Bulger perdeu o direito a ter qualquer expectativa razoável de que seu status anterior de informante permaneça confidencial.”

O Departamento de Justiça obedeceu à ordem da corte, sabendo muito bem que com isso permitiria ao juiz Wolf ingressar numa terra de ninguém. Os arquivos de Bulger no FBI eram um lugar aonde nenhum órgão independente, como um tribunal federal, jamais fora antes. Nenhum promotor — tampouco, aliás, os advogados de defesa — sabia da extensão da corrupção, mas todos tinham a forte impressão de que a abertura daquelas pastas no bureau revelaria uma realidade infame. Paul Coffey dissera isso ao juiz quando os dois discutiam os pedidos de Cardinale sobre Bulger e Flemmi: “A gente está vendo isso como uma bomba-relógio.”

E a bomba, depois de tantos anos, estava prestes a estourar.

* Antiga marca de sabão em pó que entrou para a linguagem popular, designando dois indivíduos que trabalham muito bem juntos (em tradução literal: “gêmeos pó de ouro”). (N.T.)

CAPÍTULO VINTE

A festa acabou

Numa chuvosa manhã de inverno em Boston, 6 de janeiro de 1998, a apuração judicial dos laços do FBI com Bulger e Flemmi finalmente começou. “Estamos aqui hoje”, anunciou o juiz formalmente no tribunal distrital federal número 5, para iniciar “as audiências sobre os requerimentos para suprimir certa vigilância eletrônica e o requerimento do senhor Flemmi de não admitir o processo, com base em alegadas promessas que lhe foram feitas”.

De pé, os advogados se apresentaram: Fred Wyshak, Brian Kelly e Jamie Herbert pelo governo; Tony Cardinale, Ken Fishman, Martin Weinberg e Randolph Gioia pelos quatro gângsteres. Do lado esquerdo, sob o olhar atento dos policiais federais, estavam os acusados: primeiro Frank Salemme, vestindo um terno cinza trespassado e gravata vermelha, depois Bobby DeLuca, Stevie Flemmi e, finalmente, à esquerda de Flemmi, o matador de aluguel John Martorano. Estavam em silêncio. Ninguém fazia a menor ideia do que estava por vir: criminosos, advogados, juiz ou repórteres de TV, rádio e jornal que enchiam os bancos no fundo. Nunca antes a questão do FBI entre Boston, Whitey Bulger e Stevie Flemmi fora submetida ao escrutínio de um processo em tribunal federal.

Já fazia sete meses que o governo obedecera à determinação da corte, em junho do ano anterior, de identificar Bulger como informante do FBI. Mas, desde esse momento crucial, semanas e meses haviam se passado enquanto o juiz e os advogados se preparavam para as audiências e discutiam seu escopo e as

regras do jogo. O caso de formação de organização criminosa já tinha quase três anos e continuava emperrado na fase preliminar. Mas a essa altura todas as partes haviam percebido que nada naquele caso andaria rápido, conforme o juiz se movia devagar por um território legal desconhecido: os bastidores e o funcionamento interno do FBI.

Nos meses que culminaram nesse momento, os computadores do Departamento de Justiça transferiram para os advogados de defesa centenas de páginas de arquivos antes secretos do FBI, cobrindo a história do bureau com Bulger e Flemmi. Cardinale, Fishman e os outros devoraram os documentos. “Começamos a perceber que havia todo tipo de novos pleitos, incluindo improbidade do governo”, declarou Cardinale. “Começamos a nos perguntar: ‘Se Flemmi foi informante por todos esses anos, como esse indiciamento pode ter qualquer validade?’”

De sua parte, Flemmi, tendo concluído que não tinha mais nada a perder, começou a protocolar depoimentos juramentados detalhando sua vida dupla. Era o equivalente legal de um flerte, revelando exemplos seletos e bombásticos da proteção do FBI, que, alegava ele, iam ao coração da “defesa do informante”. Em um deles, Flemmi afirmava que Morris prometera a ele e Bulger que poderiam cometer qualquer crime, “menos homicídio”; em outro, que o FBI regularmente os avisava sobre outras investigações, incluindo o momento do indiciamento por formação de organização criminosa em 1995 que ele estava lutando para fazer a corte rejeitar. No fim do ano, Fishman refinara a defesa de Flemmi, argumentando que ele fora “autorizado”, sobretudo por Morris e Connolly, a cometer muitos dos crimes pelos quais estava sendo acusado. Como o FBI prometera “imunidade” a Flemmi, ele não podia ser acusado por aqueles crimes.

Enquanto isso, Wyshak explicitara a reação do governo às várias revelações de Flemmi que passaram a estampar a primeira página dos jornais da cidade. Segundo Wyshak, as ações dos “agentes corruptos”, Morris e Connolly, não deveriam solapar o caso de formação de organização criminosa; quaisquer promessas de proteção que os agentes pudessem ter dado a Bulger e Flemmi eram ilegais e, assim, não podiam de modo algum constituir algo próximo de uma “autorização” legal. Wyshak escreveu: “Extensas revisões de arquivos [dos informantes do FBI] feitas pelas partes, bem como pela Corte, foram incapazes de encontrar uma única evidência objetiva de que Bulger e Flemmi tivessem autorização para cometer os crimes alegados no indiciamento.”

Era um argumento até certo ponto arriscado, na medida em que os promotores buscavam proteger a evidência contra os gângsteres mas, ao mesmo tempo, admitiam a corrupção revoltante dos agentes federais. Então, no fim do ano, Morris recebeu imunidade em troca de um testemunho que sustentasse o ponto de vista do governo; ele confessaria os crimes e a improbidade do FBI, por um lado, mas, por outro, também testemunharia que Bulger e Flemmi nunca haviam recebido nenhum tipo de imunidade formal.

As duas posições ficaram refletidas nos comentários de abertura naquela manhã de inverno, quando começaram as audiências com o juiz Wolf. “O foco aqui é nas promessas que o FBI fez ao meu cliente, Stephen Flemmi”, disse Fishman ao tribunal. “Em troca de sua cooperação única e especial, ele seria protegido, não seria processado.”

Quando chegou sua vez, Wyshak argumentou que aquilo era conversa. Bulger e Flemmi nunca haviam feito acordo oficial garantindo que não seriam processados. Segundo ele, os advogados de defesa estavam retratando Flemmi como uma espécie de “agente do FBI com licença para matar”.

“Não é um absurdo?” zombou Wyshak.

* * *

Claro que não era tão absurdo, afinal.

Nos meses seguintes, Fishman e Cardinale não conseguiram revelar uma trilha de documentos contendo a promessa formal de imunidade, mas mostraram que o FBI de Boston era uma casa dos horrores no que dizia respeito a Bulger e Flemmi — que os agentes mimaram e protegeram os gângsteres, conspirando com eles de uma forma que na prática lhes fornecera uma licença para matar.

Desde o início Wyshak e Wolf se estranharam, e a tensão entre o promotor e o juiz brotou com frequência, conforme Wyshak brigava com o juiz quanto ao raio de alcance das questões feitas aos funcionários do governo e à crescente pilha de arquivos do governo que vinham sendo abertos. O promotor não estava tentando acobertar a corrupção do FBI — a essa altura, estava supervisionando uma investigação ativa contra Connolly e os demais —, mas ele se opunha à abordagem de Wolf de realizar no tribunal o que lhe parecia uma investigação ilimitada e irrestrita.

— Vossa excelência pode muito bem incluir o arquivo todo! — exclamou Wyshak para o juiz apenas dois dias após o início das audiências, em 8 de janeiro. — Por que não inclui logo o arquivo todo?

— Por que o senhor não senta, doutor Wyshak? — perguntou Wolf.

Wyshak se recusou e continuou argumentando contra a permissão de tornar pública uma nova leva de arquivos do FBI.

— Sente-se — interrompeu Wolf.

— Qual é a relevância?

— Sente-se.

Wyshak continuou de pé.

— Quer ser retirado por desacato? Sente-se!

As audiências se estenderam pela maior parte de 1998. “Os depoimentos de 46 testemunhas encheram 17 mil páginas de transcrições, e 276 documentos — na maioria extensos relatórios e memorandos internos do FBI — foram admitidos como provas. Subindo ao banco das testemunhas e jurando dizer toda a verdade estavam um ex-governador de Massachusetts e um promotor federal (William Weld); uma juíza do Supremo e antiga protegida de Jeremiah T. O’Sullivan (Diane Kottmyer); os três supervisores do FBI que dirigiram o escritório de Boston durante os anos Bulger (Lawrence Sarhatt, James Greenleaf e James Ahearn); e uma longa fileira de agentes federais de narcóticos, outros supervisores do FBI e muitos agentes do bureau que trabalharam com Connolly (Nick Gianturco, Ed Quinn e John Newton). Era um quem é quem do *establishment* da lei federal, e houve um toque de surrealismo quando, no banco das testemunhas, ex-agentes do FBI às vezes pareceram imitar táticas em geral exibidas no tribunal pelos bandidos que eles próprios perseguiram.

Chefe do Esquadrão de Crime Organizado do FBI, o então supervisor aposentado Dennis Condon, que juntara originalmente Connolly, Bulger e Flemmi em meados dos anos 1970, subiu ao banco das testemunhas no início de maio e se esquivou a um maior escrutínio. Os advogados esperavam que ele lançasse alguma luz sobre os anos iniciais da relação entre FBI e Bulger, mas Condon alegou não ter qualquer recordação, batendo na mesma tecla ao responder: “Não me lembro.” Mesmo quando um advogado lhe mostrava um documento do FBI que ele próprio havia redigido, Condon dava de ombros, dizia não se lembrar de tê-lo feito e por isso era incapaz de fornecer qualquer detalhe. Cardinale e os outros advogados apenas reviravam os olhos, exasperados.

Jeremiah T. O'Sullivan evadiu-se a todo escrutínio. No fim de fevereiro, o ex-promotor de 56 anos sofreu um ataque cardíaco, foi hospitalizado e teve reação alérgica à medicação. Passando por um longo restabelecimento, foi poupado da dura inquirição para descobrir por que ignorara Bulger e Flemmi no caso dos páreos arranjados em 1979. O'Sullivan também teria sido questionado pelas afirmações que fizera em público e para investigadores do governo de que suas mãos estavam limpas porque nunca ficara sabendo que Bulger e Flemmi eram informantes do FBI. A evidência em contrário era substancial, e os advogados de defesa haviam aguardado com ansiedade o momento de sentar O'Sullivan no banco das testemunhas.

Sua ausência logo se tornou mote de piadas de humor negro nos corredores do fórum. Os advogados e observadores não puderam resistir à insinuação de que o ataque cardíaco possibilitou a O'Sullivan se valer de uma desculpa que muitos mafiosos haviam tentado usar — estar doente demais para testemunhar. Na verdade, em meados da década de 1980 um inflamado O'Sullivan se insurgira agressivamente contra a alegação do soldado mafioso Larry Zannino de que sua condição clínica o impedia de comparecer ao tribunal. O promotor forçou Zannino a se apresentar, mesmo com todo o aparato médico, preso a uma cadeira de rodas e respirando com balão de oxigênio. Mas dessa vez os comentários no tribunal eram de que O'Sullivan “deu uma de Zannino”. Embora no fim das audiências O'Sullivan estivesse recuperado e retomasse a prática privada da advocacia numa das prestigiosas firmas antigas da cidade, Choate, Hall & Stewart, o homem que por 16 anos combatera a Máfia em Boston nunca foi confrontado pelos promotores.

Teresa Stanley recebeu imunidade e foi forçada a testemunhar sobre sua vida com Whitey Bulger — e a fuga em 1995, quando houve o indiciamento. Com seus olhos azuis e cabelo branco, a senhora de 57 anos de idade, vestindo uma blusa floral laranja e

calça preta, descreveu com voz suave a relação que manteve com Whitey por quase três décadas. Teresa fizera o jantar para Bulger na casa de South Boston praticamente todas as noites, e ele passara a maioria dos feriados com a família dela. Stanley falou sobre viagens misteriosas à Europa. Não perguntava a Bulger por que não sossegavam num lugar, pois esse tipo de pergunta sempre terminava em discussão. Recordou a apressada viagem que fizeram pelo país — Long Island, Nova Orleans, onde passaram o ano-novo, Graceland, em Memphis, e o Grand Canyon. Bulger vivia nos telefones públicos, mas ela não perguntava com quem estava falando ou sobre o que eram as ligações. Stanley também contou que Bulger acabou largando-a por Catherine Greig, a mulher mais jovem com quem ele vinha se encontrando em segredo nos últimos vinte anos.

“Ele levava uma vida dupla comigo e uma vida dupla com o FBI”, concluiu.

Abertos no tribunal, os relatórios do FBI revelaram que Flemmi entregara Salemme durante três décadas. Em um deles, Flemmi chamava Frank Salemme de “imbecil”. Depois de ouvir isso, Frank fez questão de mudar de lugar, de modo que DeLuca ficasse entre ele e Flemmi. Toda a afeição de Cadillac Frank por Stevie evaporou; na verdade, Salemme ficou “simplesmente enjoado só de olhar pra ele”, concluiu Cardinale. Os arquivos do FBI também mostravam claramente que Bulger e Flemmi haviam dedurado Howie Winter e outros gângsteres da Winter Hill, incluindo Johnny Martorano, que, assim como Salemme, passou a evitar ficar perto de Flemmi no tribunal.

Durante todo esse tempo, Flemmi tentou manter a postura estoica, instruído de que sua única esperança de liberdade era trazer à tona tudo aquilo para provar que o FBI prometera mantê-lo longe das barras dos tribunais.

“Ele ficar ali no tribunal todo dia com um sorriso no rosto, isso era uma loucura”, lembrou Cardinale. “Quer dizer, um dia eu tinha

acabado de descrever para o juiz que tremendo filho da puta assassino eu achava que ele era, e o cara me chamou de lado. Achei que ele ia me dizer alguma coisa, tipo: ‘Nunca mais fala uma coisa dessas sobre mim.’ Aí ele me chamou e falou: ‘Olha, você tá fazendo um ótimo trabalho.’ É tipo, nossa! Só o que eu consigo pensar é: minha nossa. Quer dizer, a ficha nem estava caindo. Eu tinha acabado de contar que ele havia matado Halloran, sabe, que tinha feito todo tipo de coisa horrorosa, diabólica, monstruosa, e daí eu pensei *Aimeudeus, falei mais do que devia, ele vai dizer alguma coisa*, mas ele me vem com: ‘Olha, você tá fazendo um ótimo trabalho.’”

* * *

A imagem arranhada do FBI chegou ao fundo do poço quando John Morris entrou no tribunal e iniciou seu testemunho, em 21 de abril. Nos meses que antecederam as audiências, Morris negociara com os promotores imunidade pelos crimes que cometera. Durante seu *debriefing* a portas fechadas com agentes do FBI e promotores que acompanharam essas negociações, ele chorou. Havia jogado a carreira na lata do lixo ao se aproximar demais de Bulger, e sabia disso. No banco das testemunhas por oito excruciantes dias, um arruinado Morris tentava manter a pose de monsenhor provector enquanto descrevia em tom casual sua derrocada de agente federal a mentiroso e criminoso, confessando que aceitara dinheiro de Bulger e obstruíra a justiça ao alertar o gângster sobre as investigações.

Remontando à década de 1970, quando a aliança profana foi forjada, Morris recordou uma “janela” de “intensa pressão em cima dos agentes para obter informantes” contra a Máfia. “Houve muita pressão”, testemunhou. Ele contou como se aliara a John Connolly, e, juntos, conduziram Bulger e Flemmi ao estrelato da divisão de Boston como os principais agentes na guerra contra a

Máfia, ainda que, na verdade, isso representasse uma queda livre rumo ao inferno. Morris lamentou o dia em que subiu a bordo da empreitada com Bulger, Flemmi e Connolly para encerrar sua carreira em Boston com medo tanto de Bulger quanto de Connolly — do primeiro por tê-lo na palma da mão com os 7 mil dólares em propinas que aceitara e do segundo devido a sua rede de aliados políticos, mais notavelmente Billy Bulger.

A despeito dos incansáveis esforços dos advogados de defesa para fazer Morris admitir que prometera imunidade a Bulger e Flemmi, Morris discordou que a dupla não pudesse um dia ser indiciada. Assumiu que vazara a notícia das investigações, mas disse que isso dificilmente podia ser considerado garantia de imunidade. Declarou que, como supervisor, não detinha poder para conceder esse tipo de autorização aos criminosos. “A imunidade era um processo muito formal, e para isso existe até documentação”, disse. Nenhuma fazia menção a Bulger.

Perto do fim, Morris começou a titubear. Após perguntas sobre mais um episódio em que suas ações duvidosas com Bulger poderiam ter custado a vida de um homem, um dos advogados de defesa subitamente se afastou da sequência de questionamentos preestabelecida. Virando para o agente, o advogado passou a um patamar de significado mais elevado, exigindo saber o que passara pela cabeça de Morris durante todos aqueles anos: por acaso a cruzada do FBI contra a Máfia justificava todo o mal perpetrado por Bulger?

— O senhor concorda que sua conduta como agente do FBI em relação ao senhor Bulger e ao senhor Flemmi estava alinhada com este conceito, de que os fins justificam os meios?

Pego no contrapé, Morris visivelmente desmoronou, esforçando-se para recuperar a compostura plácida e dissimulada. Suspirou e lançou um triste olhar para o lado.

— Não tenho certeza sobre isso — afirmou com voz fraca.

No fim, só restou para Morris admitir seu papel em toda aquela história desencaminhada. Instado pelos advogados de defesa a explicar “melhor para nós” como se comprometeu, Morris disse que “tinha violado normas, integridade, regras, regulamentos”. John Connolly fez parte desse processo de comprometimento?

— Minha impressão é de que ele teve participação, mas aceito a responsabilidade por meus próprios atos — respondeu Morris.

* * *

As chocantes confissões ganharam as manchetes, e mais ou menos no mesmo período John Connolly começou a falar — não no tribunal, mas do lado de fora, com os repórteres. Já com 57 anos, mas ainda trabalhando como lobista para a Boston Edison, o agente aposentado começou a oferecer, nos bastidores, declarações para refutar os testemunhos dados sob juramento perante o juiz Wolf. Cada vez que um agente aposentado ou funcionário do governo subia ao banco das testemunhas e dava um depoimento que o atingia de alguma forma, Connolly punha a boca no trombone e chamava o sujeito de mentiroso. Assim, por exemplo, quando o supervisor aposentado do FBI Robert Fitzpatrick afirmou que os agentes se queixavam de Connolly “saquear” seus arquivos para descobrir o que tinham contra Bulger, Connolly reagiu: “Isso é ridículo.” Furioso, afirmou aos repórteres que o depoimento de Fitzpatrick não passava de uma “tremenda bobagem”.

A lista de “mentirosos” só fazia crescer, mas Connolly guardou suas melhores falas para Morris, que começou por chamar de “o agente mais corrupto da história do FBI”. Todo dia, ao fim do depoimento de Morris, Connolly condenava o antigo amigo e supervisor. Morris podia ter se reunido com Connolly, Bulger e Flemmi pouco mais de dez vezes ao longo dos anos — ao passo que Connolly se encontrou com os criminosos em centenas de

ocasiões —, mas Connolly insistia que ele era o agente modelo que nunca quebrara uma única regra. Segundo ele, todas as improbidades de Morris foram cometidas “por conta própria”.

Lidar com informantes era “uma espécie de circo”, e, “se é para o circo funcionar, você precisa ter um cara que fique com os leões e tigres”, afirmou Connolly, ao falar sobre a dificuldade do trabalho que realizava tão bem. “Esse era eu. Eu não era nenhum John Morris, sentado na sala com um lápis número 2. Meu trabalho era entrar na jaula com os leões e os tigres. E eu não sou mentiroso como Morris.”

Próximo ao fim do testemunho de Morris, Connolly chegou a fazer uma breve aparição no tribunal. Tendo se juntado com um proeminente advogado de defesa, R. Robert Popeo, Connolly marchou intempestivamente pelo fórum num caro terno sob medida e passou pela multidão de repórteres e câmeras de TV dizendo que queria limpar o nome. Ele era um herói, não um vilão, e aquele bando de promotores liderados por Fred Wyshak estava querendo sua pele. Ele se tornara o bode expiatório do governo, uma vítima do furor descontrolado dos promotores, quando na verdade era um agente do FBI altamente condecorado que nada fizera de errado. “A prova está aí para quem quiser ver”, disse Connolly, defendendo o trato com Bulger. “É só ver a Máfia da Nova Inglaterra dizimada.”

Então, comparecendo ao tribunal em 30 de abril perante o juiz Wolf, o advogado Popeo explicou que, a menos que Connolly recebesse imunidade para não ser processado — como John Morris —, seu cliente não testemunharia. Ele não permitiria que Connolly fosse “atacado pelas costas” quando o governo divulgara que seu cliente estava sob investigação. Connolly então invocou sua prerrogativa da Quinta Emenda contra a autoincriminação, deixou a sala e retomou o ataque contra Morris, que continuava lá dentro para completar seus oito dias de testemunho.

“Eu o fiz desviar o rosto”, disse Connolly a respeito de Morris. “Ele não conseguia nem me encarar.”

O show particular de Connolly adentrou o verão, e um padrão se estabeleceu: ofendido, ele proclamaria exaltadas negativas públicas para as palavras incriminadoras de qualquer testemunha. Contestou em especial o relato de Ring, que alegou preocupação pelo modo “estúpido” como Connolly se encontrou com Bulger e Flemmi para jantar. Connolly não foi o único a negar tudo. Billy Bulger, já aposentado da política e então reitor da Universidade de Massachusetts, uniu-se ao coro depois de Ring divulgar no tribunal a presença do ex-político numa das reuniões. “Nunca me encontrei com o sujeito”, declarou Billy Bulger sobre Ring. “Isso nunca aconteceu, mas o problema de negar esse tipo de coisa é que fica parecendo que alguma coisa sinistra aconteceu mesmo assim.”

Em meados do verão, o congressista por Massachusetts Martin T. Meehan anunciou planos de promover audiências no Congresso sobre a longa relação do FBI com Bulger, dizendo que a torrente de revelações sendo feitas no fórum federal em Boston suscitava preocupações quanto a “estabelecer, manter e monitorar vínculos entre os agentes e seus informantes”. Mas, como tantos outros assuntos nacionais no fim de 1998, a investigação logo foi esquecida devido ao processo de impeachment do presidente Clinton.

No fim, as audiências de Wolf até mudaram de lugar, do prédio na Post Office Square, que abrigara o tribunal federal durante 65 anos, para um novo lugar que custou 220 milhões de dólares e tem vista para Boston Harbor, uma área conhecida como Fan Pier, no coração de South Boston.

Em julho, houve recesso nas audiências, e, quando voltaram a ocorrer, no início de agosto, faltava um participante-chave. Frank Salemme sentou ao lado de Bobby DeLuca, e ao lado de DeLuca sentou Stevie Flemmi. Mas Johnny Martorano não estava mais

lá. Ele ouvira mais do que podia aguentar. Ficara ali sentado de cara amarrada enquanto agentes, policiais e funcionários de alto escalão testemunhavam sobre o acordo com Bulger. Escutara como o FBI protegeu Bulger e Flemmi no caso dos páreos arranjados enquanto o resto da gangue, incluindo Martorano, era indiciado. Descobrira que, depois de escapar para evitar ser preso e viver foragido na Flórida por mais de uma década, ele próprio só fora encontrado pelo FBI porque Bulger e Flemmi contaram sua localização aos federais. Enojado com tudo aquilo, Martorano concordou em cooperar com os promotores contra Bulger e Flemmi. Sem alarde, foi removido do bloco H-3, na penitenciária do condado de Plymouth, na segunda-feira, 20 de julho de 1998, onde havia sido mantido junto com os outros, e levado a um “esconderijo” secreto para um *debriefing*. Martorano contou aos investigadores tudo que sabia sobre os assassinatos que ele, Bulger e Flemmi haviam cometido e que ficaram sem solução por tanto tempo. A deserção mexeu com Flemmi.

Não obstante, mesmo após meses de depoimentos do FBI, das pitorescas declarações de Connolly e da abrupta virada de casaca de Martorano, as intermináveis audiências só chegaram a um clímax quando enfim Stevie Flemmi subiu ao banco das testemunhas. Contra a parede, ele recorrera à “defesa do informante” e precisava persuadir o juiz Wolf de que o governo prometera não indiciá-lo. O depoimento de um réu criminoso é sempre um evento delicado, e nas audiências preliminares Flemmi e Fishman concordaram: Flemmi detalharia seu acordo com o FBI e tentaria evitar a admissão de qualquer crime — a não ser dos crimes que, como insistia ele, tinham sido aprovados pelo FBI.

* * *

Em geral, Flemmi ia de agasalho de náilon preto e branco ao tribunal. Mas, no dia em que foi testemunhar, 20 de agosto de 1998, o chefe criminoso, sempre de óculos, vestiu uma camisa branca bem-passada e gravata bordô, sob um blazer cinza com padrão espinha de peixe.

— Senhor Flemmi, talvez seja mais fácil se puder erguer um pouco o microfone — instruiu o juiz minutos após Flemmi ter começado a depor.

Flemmi ajustou o microfone.

— E agora, Excelência?

— Chegue a cadeira um pouco mais perto.

Orientando Flemmi cuidadosamente, Ken Fishman iniciou no ponto mais importante para a defesa — o jantar na casa de John Morris, na primavera de 1985, durante o qual, segundo Flemmi, Morris prometera que os gângsteres tinham carta branca para cometer qualquer crime “menos homicídio”. Fishman conduziu Flemmi pela história de trabalho com o FBI que ele e depois Bulger realizaram com Paul Rico, John Connolly, John Morris e Jim Ring. Durante todo o tempo, Flemmi foi encorajado por Fishman a enfatizar a proteção prometida pelo FBI — princípio central do acordo desde o primeiro dia.

“Foi um dos temas: quanta proteção a gente tem? A gente sempre frisou que tinha proteção, que não ia ser indiciado, e a resposta deles sempre foi afirmativa”, disse Flemmi minutos após o primeiro dia no banco das testemunhas. “A gente insistiu nisso. Não ia se envolver se não estivesse protegido. É questão de bom senso. Eu não tinha orgulho daquilo, queria garantias. E nisso posso falar pelo senhor Bulger.”

Houve momentos em que Flemmi até bancou o patriota.

— Acredito que, como informante, estava realizando um serviço para o governo dos Estados Unidos — declarou ele a Fred Wyshak assim que chegou o momento de ser inquirido pela promotoria. Segundo Flemmi, ele e Bulger haviam ajudado o FBI

a destruir a Cosa Nostra, e ele acreditava fazer isso no interesse do governo dos Estados Unidos.

O chefe dos promotores se encolheu todo.

— O senhor acha que era interesse do governo dos Estados Unidos controlar o fluxo das drogas em South Boston? — perguntou Wyshak. — É isso que o senhor acha, senhor Flemmi?

— Vou invocar a Quinta aí.

Wyshak não foi nada amistoso com Flemmi. Os dois se digladiaram por horas quanto ao “serviço público” do gângster como informante.

— Nada mau esse acordo de vocês — admoestou Wyshak, pressionando Flemmi a cortar a conversa mole de paladino da justiça. — Vocês cometiam crimes à vontade, enchiam o bolso de dinheiro e, na sua opinião, estavam protegidos de serem julgados?

FLEMMI: O senhor está esquecendo uma coisa, doutor Wyshak. A Cosa Nostra foi destruída. Esse era o objetivo principal deles [o FBI]. Eles ficaram completamente satisfeitos. A gente cumpriu o trato.

WYSHAK: Você acha mesmo, senhor Flemmi, que o senhor e o senhor Bulger sozinhos derrubaram a Cosa Nostra?

FLEMMI: Vou lhe dizer uma coisa, doutor Wyshak: a gente fez um belíssimo trabalho.

WYSHAK: É isso que o senhor acha?

FLEMMI: Acho que fizemos, sim. O FBI achou.

WYSHAK: E, quando o FBI fez isso, o senhor e o senhor Bulger se tornaram os mandachugas da cidade, não é?

FLEMMI: Vou reivindicar a Quinta nisso aí.

WYSHAK: E esse foi realmente seu objetivo ao longo de todo esse período, assumir o controle das atividades em Boston. Não é verdade, senhor Flemmi?

FLEMMI: A gente havia formado uma parceria, o FBI e eu. Como a gente se beneficiou disso com a ajuda deles ou com o ok deles... é, a gente se saiu bem.

Houve até momentos em que Flemmi se confundiu — principalmente quanto a se deveria ver os vazamentos que recebera dos agentes federais como atos legais ou ilegais. Segundo o gângster, os vazamentos eram prova de sua alegação de estar protegido pelo FBI. Mas, para o juiz Wolf, faria diferença se os vazamentos fossem ilegais? Em mais de uma ocasião, Flemmi ficou inseguro quanto a que posição assumir. A certa altura, Wyshak pressionava Flemmi acerca da extensão dos serviços que Connolly prestou a Bulger e Flemmi — de advertir os chefões criminosos sobre escutas a encobrir queixas contra eles, como a extorsão de Stephen e Julie Rakes —, quando de repente o promotor perguntou:

— O senhor sabia que o senhor Connolly estava desrespeitando a lei nessa relação com o senhor, não sabia?

FLEMMI: Sabia.

WYSHAK: O senhor conhece Stephen Rakes, ou Stippo?

FLEMMI: Vou reivindicar a Quinta nisso aí.

WYSHAK: Bom, o senhor nos contou que...

FLEMMI: Com licença, doutor Wyshak. Só queria esclarecer uma coisa, quando o senhor me perguntou se eu sabia que ele estava desrespeitando a lei. Até onde eu sei, tudo que ele estava fazendo era legal... ilegal... desculpe, legal.

WYSHAK: Agora o senhor está dizendo que não sabia que ele estava desrespeitando a lei?

FLEMMI: Não. Estou dizendo que tudo que eu acredito que ele fez, ele, até onde eu... era compatível com o trabalho dele. Ele estava protegendo a gente.

WYSHAK: O senhor achava que era compatível com o trabalho dele violar a lei, sim ou não?

FLEMMI: O que ele estava fazendo, não importava o que fosse, era legal.

WYSHAK: Era legal avisar vocês dois das investigações?

FLEMMI: Correto.

Na maior parte do tempo Flemmi tinha palavras amáveis para John Connolly, mas expressou desapontamento pelo fato de o agente do FBI não tê-lo livrado do presente apuro logo após sua prisão nem ter subido ao banco das testemunhas durante as audiências para defender seu acordo.

FLEMMI: Ele devia estar aqui pra testemunhar a nosso favor.

WYSHAK: Então, ele cometeu um ato covarde?

FLEMMI: Óbvio, já que não está aqui. Eu acho que devia estar.

WYSHAK: Então o senhor acha que ele também traiu vocês?

FLEMMI: Acho que ele abandonou a gente.

WYSHAK: Porque, se o que o senhor está dizendo é verdade, era pra ele ter ido bater na porta da promotoria desde o primeiro dia. Não é verdade, senhor Flemmi?

FLEMMI: É o que ele devia ter feito.

WYSHAK: Era pra ele ter batido na minha porta e falado: “Olha, Fred, você cometeu um engano; esse cara tem imunidade.” É isso?

A despeito do tom quase constante de sarcasmo, o ponto essencial dos dez dias de testemunho de Flemmi, cobrindo o nebuloso conluio do criminoso de carreira com o FBI, foi que uma promessa de proteção do bureau significava um pacto sem data para expirar. Flemmi achava que “seria protegido por crimes passados, presentes e futuros”. Se no FBI não havia documento que sistematizasse o trato, não fazia diferença. “Era um acordo

de cavalheiros”, disse ele sobre o arranjo que ele e Bulger tinham com Connolly, Morris e os demais agentes. “A gente apertou as mãos. Pra mim, isso era um acordo.”

Talvez o momento mais dramático tenha sido quando perguntaram a Flemmi se ele recebera um aviso para fugir pouco antes do indiciamento, em 1995. Com um sorriso dissimulado, ele respondeu: “Essa é a grande questão, eu acho.” Apesar do caminho de evidências apontando para John Connolly, Flemmi tentou convencer o juiz de que fora John Morris quem obstruía a justiça vazando a informação sobre o indiciamento do grande júri. Pelo jeito, Flemmi tinha esperança de que sua ridícula versão dos fatos pudesse atrair Connolly ao banco das testemunhas para respaldar sua alegação de imunidade. Mas muita gente na sala do tribunal revirou os olhos. O descrédito mais visível veio do corréu Frank Salemme. Até então, a despeito da proximidade no tribunal e na prisão, Salemme dera um jeito de manter sob controle seu desprezo cada vez maior por Flemmi durante a semana que passou no banco das testemunhas. Salemme chegara a aguentar calado ao ver Flemmi negar que havia dedurado sua localização para o FBI em Nova York, quando o mafioso foi preso em 1972.

Mas a história sobre Morris era intragável. Salemme via aquilo não só como uma farsa, mas também como uma ameaça à defesa da imunidade que poderia beneficiar todos os réus, não apenas Flemmi. Em um jogo dentro do jogo, Flemmi parecia tentar agradar Connolly, protegendo-o. Isso enfureceu Salemme. Durante um intervalo, sua raiva reprimida explodiu na cela do tribunal. Ele partiu para cima de Flemmi, ergueu o gângster — que era menor do que ele — e gritou na sua cara: “Seu vagabundo de merda! Você me fodeu a vida inteira, e agora está fodendo todo mundo aqui. Você é um filho da puta, você vai morrer.” Bobby DeLuca correu para os dois ex-parceiros de crime

e os apartou. Salemme se afastou de Flemmi abruptamente e nunca mais voltou a lhe dirigir a palavra.

* * *

As audiências pareciam perder o embalo quando o dramático depoimento de Flemmi se encerrou. Havia mais agentes do FBI entre as testemunhas restantes, incluindo especialistas convocados para falar sobre as diretrizes do bureau no trato com informantes. Debbie Noseworthy — que, casada, mudara o nome para Debbie Morris — compareceu brevemente para corroborar o relato de John Morris sobre o dia em que John Connolly lhe deu mil dólares do dinheiro de Bulger para a passagem de avião. Mas as testemunhas restantes foram um anticlímax comparadas à visão de um chefe criminoso da estatura de Flemmi testemunhando no tribunal federal. Em outubro, os meses de depoimentos chegavam ao fim, e todo mundo já dissera praticamente tudo que havia para dizer.

Exceto John Connolly.

Achando que o juiz Wolf dera os trabalhos por encerrados, ele iniciou uma blitz na mídia para reabilitar uma reputação que sofrera sérios golpes durante meses. Embora houvesse conversado esporadicamente com os repórteres durante as audiências, Connolly queria ter a última palavra. Ele deu entrevistas no rádio, na TV e em revistas que selecionou pessoalmente. Todas as entrevistas e artigos foram favoráveis e complacentes, uma chance de Connolly falar praticamente sem ser questionado. A chamada de capa da edição de 27 de outubro do *Boston Tab* anunciava bombasticamente, “Connolly conta tudo” e mostrava uma foto grande de John Connolly, com seu terno sob medida e óculos escuros, posando diante do número 98 da Prince Street, o antigo quartel-general mafioso. O significado da foto estava claro: ali estava o agente que derrotara

a Máfia. “Estou orgulhoso do que fiz”, alardeava outra manchete, em negrito. Mas nenhuma entrevista foi mais adulatora do que a que se deu na WRKO-AM durante a tarde de sábado, 24 de outubro de 1998. O entrevistador, Andy Moes, anunciou no início que Connolly era um velho amigo, “um filho dileto de South Boston” e “um homem que eu sei ser honrado e decente”. Em seguida, Moes se lançou numa ode empolgada a Connolly.

MOES: Cara, ai, cara. O que aconteceu? Da última vez que seu nome apareceu, era o herói John Connolly. Eu só ouvia falarem seu nome como, sei lá, o Príncipe da Cidade. Todos os supervisores, todo mundo que eu conheço e que conhece você no FBI falava como John Connolly era um agente incrivelmente inteligente, um cara que conhecia as ruas. John Connolly fez o impossível. Conseguiu penetrar e literalmente pôr a Cosa Nostra de joelhos em Boston, uma coisa que deixou o bureau superorgulhoso. E pela qual eles levaram o crédito com o maior prazer. Essas foram as últimas coisas que eu ouvi falar sobre John Connolly. E aí de repente comecei a ouvir esses comentários, essas fofquinhas aqui e ali, em voz baixa: “Ele é um agente corrupto, sabia? Ele era um agente corrupto.” Você já não está meio cansado de ouvir isso? Não está meio de saco cheio, cansado de ouvir as pessoas assassinando a sua reputação?

CONNOLLY: Já estou meio cheio, é.

Como um político, Connolly tinha certos pontos de “fala” que parecia querer percorrer cada vez que era entrevistado: que ele nunca fizera nada de errado enquanto responsável por Bulger e Flemmi; que os chefões criminosos eram só uma “gangue de dois” que ajudou o FBI a eliminar o ramo bostoniano de uma organização criminosa internacional; que Bulger e Flemmi de fato contavam com permissão do FBI para cometer certos crimes —

envolvendo jogatina e agiotagem — quando faziam o serviço de inteligência; que John Morris era “um cara do mal”; e que os promotores Wyshak, Kelly e Herbert não tinham nada que indiciar os informantes do FBI em 1995. Connolly chamou os promotores de “covardes”, que violaram a promessa do FBI — e, mais importante, de Connolly — de não ir atrás de Bulger e Flemmi. “Eu nunca daria minha palavra para alguém se pensasse que havia uma chance de o governo quebrá-la”, afirmou Connolly a Moes, arrastando a voz para enfatizar ainda mais o que dizia. “Eles quebraram a palavra deles”, queixou-se. “Uma vergonha, esses promotores. Mas eles não tinham o direito de quebrar a minha.”

A essa altura, John Connolly aparecia como um tipo de figura pública essencial dos anos 1990, uma década cada vez mais obcecada com o estilo e a celebridade. Foi como se Connolly tivesse decidido que, se ele se proclamasse com plena convicção como o verdadeiro herói daquela história — alegação que fazia sem titubear, de peito estufado, até com tenacidade —, isso passaria a ser verdade. Esqueçam a montanha de evidências diante do juiz Wolf e as horas de depoimentos incriminadores. E na maior parte do tempo Connolly conduziu como bem entendeu sua blitz na mídia. Talvez o único percalço no caminho — embora breve — tenha sido uma pergunta feita por Peter Meade, da WBZ-AM, que interrompeu Connolly para perguntar se o FBI de fato fazia vista grossa para a violência.

MEADE: A violência não é uma parte inerente da agiotagem?

CONNOLLY: Bom, hm. Na verdade, não. Quer dizer, agiotagem? É, quer dizer, sabe como é, a violência é uma parte explícita da agiotagem. Hmm. Se uma pessoa não paga você, outras pessoas vão lá e machucam ela. Mas, hmm, eles, o negócio com esses dois indivíduos e todos os outros foi: sem violência. Sem assassinatos. Sem violência.

Ao longo da infinidade de entrevistas, Connolly procurou tocar em todas as questões que afetavam sua imagem pública. Ele chegou a elevar o tom da retórica sobre as audiências perante o juiz Wolf. Na maior parte do ano ele assumira a postura de que, por mais que quisesse contar seu lado da história, não podia testemunhar sem imunidade, pois os promotores o mantinham sob investigação. Mas, com o fim das audiências, dizia Connolly, a imunidade que fosse às favas — ele não queria, não precisava dela. “Não preciso de imunidade por atos de corrupção. Não cometi atos de corrupção. Eu me recusaria a receber imunidade por esse motivo. Não preciso”, declarou ao *Boston Tab*.

“A acusação não pega”, acrescentou.

O tom acalorado das declarações se provou um passo em falso.

De repente, tanto os advogados de defesa como os promotores pediram ao juiz Wolf para convocar Connolly novamente ao tribunal, após ele afirmar repetidas vezes que não fazia mais questão de imunidade. Foi uma das raras ocasiões em que Cardinale e Wyshak concordaram. “É hora de apertar o senhor Connolly quanto a esse aspecto”, disse Cardinale ao juiz. O colega de Wyshak, Jamie Herbert, constatou que durante as entrevistas Connolly “tem mentido sobre o que está acontecendo neste tribunal e fora dele”.

Os advogados haviam pagado para ver o blefe de Connolly, e na manhã anterior ao Halloween, 30 de outubro, o agente do FBI voltou ao tribunal federal, com o advogado Robert Popeo a seu lado. Com seus ombros largos, Connolly fazia uma figura marcante no banco das testemunhas. Fora de terno escuro sob medida e uma elegante gravata de seda amarela, e portava um lenço branco cuidadosamente arrumado no bolso do peito. Pelo jeito, também passara recentemente pelo cabeleireiro.

Tony Cardinale foi direto ao ponto.

— Senhor Connolly, em 1982 o senhor entregou dinheiro para uma secretária do FBI chamada Debbie Noseworthy, hoje Debbie Morris?

Cardinale queria provocar Connolly. “E esperava usar a arrogância dele em meu benefício”, disse mais tarde. Ele queria irritar Connolly e fazê-lo negar — não, ele não tinha entregado dinheiro algum de Bulger para Morris! “Daí, pimba! Haveria uma acusação na mesma hora por perjúrio”, disse Cardinale. “Seria um grande triunfo pra mim, depois do que ele tinha feito com meu cliente e com tantas outras pessoas nesse pretense papel de defensor da lei.”

Os dois ficaram se encarando, e a questão que Cardinale fizera em sua voz de barítono ecoou pela sala. Então, Connolly se mexeu na cadeira, tirou um cartão do bolso do terno e segurou-o na mão direita, com cuidado, entre a ponta do indicador e do dedo médio.

— Por aconselhamento do meu advogado, respeitosamente me recuso a responder neste momento e confio em meus direitos sob a Constituição dos Estados Unidos para não fornecer testemunho contra mim mesmo.

CARDINALE: No dia 30 de abril de 1998, quando questionado pela Corte, senhor Connolly, o senhor compareceu perante a Corte e se recusou a responder perguntas, arrogando sua prerrogativa da Quinta Emenda. Isso está correto?

CONNOLLY: Correto.

CARDINALE: Desde então, o senhor foi entrevistado por inúmeros representantes da mídia... não é verdade?

CONNOLLY: Por aconselhamento do meu advogado, repito...

Cardinale não deu trégua, disparando uma série de perguntas: o senhor cometeu pessoalmente delitos criminosos com relação a qualquer promessa feita ao senhor Bulger e ao senhor Flemmi?

O senhor em algum momento perto do Natal deu ao senhor Morris uma caixa de vinho contendo mil dólares? O senhor advertiu o senhor Bulger e o senhor Flemmi de algum esforço investigativo empreendido contra eles? Conheceu um indivíduo de nome Brian Halloran?

Em todas as vezes, Connolly invocou a Quinta.

Então, o promotor Jamie Herbert teve a palavra.

HERBERT: Bom dia, senhor Connolly.

CONNOLLY: Bom dia.

HERBERT: Senhor Connolly, o senhor sabe o significado do termo “propina”?

CONNOLLY: Arrogo meus direitos à Quinta Emenda.

HERBERT: Senhor Connolly, o senhor contou ao menos três versões desse suposto acordo com o senhor Bulger e o senhor Flemmi. Não está correto?

CONNOLLY: Arrogo meus direitos à Quinta Emenda.

HERBERT: Senhor Connolly, em todos esses anos no FBI trabalhando com o senhor Bulger e o senhor Flemmi, o senhor alguma vez documentou esse suposto acordo em algum lugar nos arquivos do FBI?

CONNOLLY: Arrogo meus direitos à Quinta Emenda.

Em vinte minutos, Connolly invocou a Quinta por quase trinta vezes diante das perguntas de Cardinale e Herbert. O juiz interrompeu o pingue-pongue, determinando que o exercício era infrutífero, que Connolly não mudara de ideia e decidira testemunhar sem imunidade, afinal. Robert Popeo afirmou ao juiz que estava insistindo para que seu cliente invocasse a Quinta, particularmente “à luz do fato de que há dois grandes júris aguardando em que o senhor Connolly é alvo, conforme fomos advertidos pelos promotores”. Mesmo que Connolly estivesse falando sem papas na língua fora do tribunal e proclamando sua

inocência — direito à liberdade de expressão garantido pela Primeira Emenda —, ele não abria mão de seus direitos sob a Quinta Emenda, de não se autoincriminar.

“A cada questão substantiva feita à testemunha, ele foi aconselhado a invocar sua prerrogativa sob a Constituição dos Estados Unidos”, disse Popeo.

O juiz dispensou Connolly. “Senhor Connolly, pode descer.”

Minutos depois, Connolly pôde ser visto diante do fórum em Fan Pier, dando declarações para um círculo de câmeras de TV e repórteres, reassumindo sua postura belicosa em relação aos promotores Wyshak, Herbert e Kelly. Afirmou que eram três “assassinos de reputação” decididos a elegê-lo como bode expiatório. Mas nem mesmo um novo ataque seria capaz de limpar a impressão duradoura de um John Connolly pouco convicto e lendo o cartão da Quinta Emenda, da qual afirmava aos quatro ventos não precisar mais.

* * *

Então chegou a hora do jogo de espera. No gabinete, com a ajuda de seus assistentes, Wolf começou a tarefa de preparar uma decisão judicial, estudando os testemunhos, as provas e a lei aplicável ao caso. Meses se passaram, e no início de 1999 o caso praticamente sumira do escrutínio público, voltando ocasionalmente em outros contextos. O ex-promotor federal e ex-governador Bill Weld foi a um programa de rádio em 1998 para promover seu primeiro romance e se deparou com um entrevistador que queria lhe perguntar sobre a questão de Bulger com o FBI. Christopher Lydon, do programa *The Connection*, da rádio WBUR, ficou incrédulo por Weld não ter se esforçado mais para desencavar a sujeira de Bulger. “Por que o senhor não está ultrajado?”, desafiou Lydon. “Seu amigo William Bulger sabia disso? O senhor alguma vez perguntou pra ele?”

Em geral muito falante, Weld ficou mudo. Respondeu que não, com um leve traço de irritação na voz. Lydon seguiu em frente, mas foi em grande parte um monólogo. Em vez de participar da conversa, Weld deixou que segundos de silêncio preenchessem o tempo no rádio. Lydon deu foco ao recente suicídio de Billy Johnson, o policial que confrontara Whitey Bulger no Aeroporto Internacional Logan pelo contrabando de dinheiro e mais tarde acreditou que o encontro lhe custara a carreira. “Ele se matou!”, disse Lydon. “Um sujeito miserável nas últimas, que acreditava ter devotado a vida à manutenção da lei. Cadê o seu sentimento de ultraje?”, perguntou o apresentador outra vez.

A tensão do encontro por fim terminou, e os dois passaram a falar sobre o romance. Mas a relutância de Weld em discutir com Lydon pareceu capturar simbolicamente a relutância da geração de Weld entre as principais autoridades de Boston de em algum momento lidar a sério com o escândalo Bulger.

No fim do verão de 1999, começou a se espalhar pela cidade a notícia de que, após dez meses ruminando e escrevendo, Wolf estava dando os toques finais a seu parecer. No início de agosto, o diretor do FBI Louis Freeh foi a Boston e, durante uma coletiva de imprensa, admitiu publicamente que o FBI “cometeu significativos equívocos” durante os vinte anos de relações entre a divisão de Boston e Bulger e Flemmi. O mea-culpa foi encarado como o esforço de um FBI obcecado com a imagem pública em minimizar parcialmente o prejuízo da iminente determinação da corte federal. “Temos que prestar contas de muitos erros”, disse Freeh. Ele jurou que agentes corruptos de Boston seriam levados à justiça.

Duas semanas mais tarde, o FBI anunciou que o fugitivo Whitey Bulger estava finalmente sendo acrescentado à lista dos Dez Mais Procurados. A sensação era de que, executada mais de quatro anos após Bulger fugir do indiciamento em 1995, a medida chegou tarde demais. Aos olhos dos bostonianos, havia

uma percepção enraizada de que o FBI nunca se interessara de fato em ir atrás de seu antigo informante. Mas a partir de então Bulger se juntava a tipos como Eric Robert Rudolph, suspeito de atentados a bomba contra clínicas de aborto, e o terrorista saudita Osama bin Laden. E com uma distinção toda própria: acreditava-se que fosse o primeiro informante do FBI a figurar na famosa lista dos dez mais, que divulgara 458 fugitivos desde seu início, em 1950. Seu rosto começou a aparecer por todo o país em agências do correio e edifícios federais, no site do FBI e até num desenho de Dick Tracy, como parte de uma divulgação dos criminosos mais procurados pelo FBI.

No bloco H-3, três famosos detentos também aguardavam ansiosamente a determinação judicial — Frank Salemme, Bobby DeLuca e Stevie Flemmi. Suas maiores esperanças residiam em torcer para que o juiz julgasse a evidência tão comprometida que descartasse as acusações de formação de organização criminosa contra o grupo — que o parecer de Wolf fosse de que o FBI de fato prometera ampla imunidade para Flemmi e Bulger, e, por isso, o governo não poderia violar essa imunidade e processá-los.

Desde a prisão, em 1995, os três criminosos haviam sido mantidos em Plymouth, uma instalação moderna inaugurada em 1994 e localizada a menos de oitenta quilômetros de Boston. A construção fora erguida em cima de um antigo aterro sanitário, numa área isolada e indesejada da comunidade histórica. Ficava também logo à direita da Rota 3, estrada que ligava Boston a Cape Cod, e Flemmi, de sua cela, conseguia escutar o som da liberdade a distância, os trabalhadores e viajantes em seus carros ao longo de um caminho que ele, Bulger e John Connolly costumavam usar para ir a Cape Cod.

O bloco podia abrigar 140 detentos divididos em setenta celas. Era um vasto espaço retangular construído como uma “miniprisão” autocontida — os presos passavam virtualmente

todo o tempo no bloco e realizavam quase todas as atividades ali. As refeições chegavam em carrinhos, vindas de uma cozinha central, e os detentos comiam em mesas na área comum da unidade. O bloco tinha duchas numa ponta, TV e telefones pagos. Era proibido fumar. A unidade tinha um pequeno pátio de recreação ao ar livre que ficava nos fundos da unidade. Em essência, a área era uma gaiola cercada, mas os detentos podiam fugir da atmosfera sufocante do bloco e se exercitar um pouco quando saíam. Jocosamente, a barra de flexão pregada sob uma escada era chamada de “sala de ginástica”, e o carrinho de livros encostado a uma parede era a “biblioteca”. Dois deque de celas — um no térreo e outro no mezanino — alinhavam-se nas longas paredes do bloco. Salemme e DeLuca ficavam lado a lado em celas numa das pontas do mezanino, perto da entrada da área de recreação. Flemmi ficava sozinho.

Com o passar do tempo, Salemme se firmou como detento modelo e líder do bloco. Os guardas confiavam nele. Conseguira o principal trabalho ali dentro, posição previamente ocupada por, logo quem, Howie Winter, até este ser transferido. Frank servia as refeições: três vezes por dia, enquanto todos os outros detentos ficavam trancafiados, ele arrumava a área comum do refeitório. Colocava gelo nas jarras de suco, limpava as mesas, ajeitava as cadeiras. Nenhum trabalho na unidade implicava maior responsabilidade — nem limpar a área de recreação, esvaziar as latas de lixo, limpar as duchas ou varrer o azulejo dos pisos e a passarela do mezanino. Os guardas exigiam que a unidade ficasse limpa como uma ala hospitalar, e Frank era o principal detento cuidando disso. Estava a anos-luz de seu antigo estilo de vida como gângster esbanjador, mas o trabalho o mantinha ocupado, o ajudava a passar os dias.

DeLuca não era um trabalhador tão dedicado. Sua função era varrer o mezanino. Mas, assim como no caso de Salemme, era um trabalho fora da cela que o ajudava a se manter em forma.

DeLuca se exercitava regularmente na barra, para manter o tronco firme e musculoso. Ambos cuidavam da dieta, sobretudo Salemme, que evitava o menu rico em calorias oferecido pela prisão e preferia se ater a frutas e saladas. Além disso, lia bastante — revistas de barco, Tom Clancy, Dean Koontz.

Flemmi era outra história. No transcorrer das audiências no tribunal, à medida que se expunha a amplitude de seu acordo com o FBI, Flemmi ficava cada vez mais relegado às margens da vida no bloco. Os detentos não queriam nenhum contato com o gângster. Ele foi ostracizado — um dedo-duro, a forma de vida mais baixa no submundo. Salemme não falava com ele, nem sequer olhava em sua direção. Às vezes Flemmi se aproximava de DeLuca, mas os encontros eram curtos e monossilábicos.

A alienação provocada por ele ser um informante de carreira já era ruim o bastante, mas Flemmi ficou ainda mais introspectivo no dia que Johnny Martorano foi levado para começar a trabalhar com os promotores. Os guardas da prisão certamente não iam sentir falta do assassino. Martorano dava calafrios na espinha de todos ali dentro — um criador de caso carrancudo e de sangue-frio que marchava pelo bloco como que dizendo: sai da minha frente, eu sou John Martorano, e eu mato pessoas. Mas a partida de Martorano foi devastadora para Stevie Flemmi. Significava que o assassino implicaria Flemmi e Bulger em homicídio — particularmente, o assassinato de Roger Wheeler, em 1981. Significava que, mesmo que o advogado de Flemmi, Ken Fishman, conseguisse persuadir o juiz Wolf a descartar as acusações iminentes de formação de organização criminosa, os promotores estavam se preparando para voltar com um novo indiciamento por homicídio.

No início de setembro, quando todo mundo aguardava o juiz Wolf, chegou a notícia de que Martorano e o governo haviam terminado de negociar os termos de um acordo para seu testemunho. Em troca de uma sentença entre doze anos e meio

e quinze anos, Martorano concordara em se declarar culpado de vinte homicídios, cobrindo três décadas e três estados, incluindo o assassinato de Roger Wheeler, crime que alegou ter cometido por ordens de Bulger e Flemmi. “As pessoas que ele está entregando são as que usufruíram da proteção do FBI por muitos anos enquanto cometiam crimes hediondos”, declarou David Wheeler, filho do executivo assassinado da World Jai Alai, expressando apoio ao acordo com o matador de aluguel.

Flemmi se retirou para sua cela de prisão. No bloco H-3, o ex-chefão criminoso vivia retraído e passava a maior parte do tempo sozinho, sentado em seu beliche. “Só fica lá”, disse um guarda. “Ele é igual à bolsa de tacos de golfe que eu deixo no armário.” Flemmi não tinha um trabalho para se manter ocupado. Não tinha ninguém com quem conversar. “É o mais desesperançado que alguém pode ficar sem enlouquecer”, comentou um policial. Flemmi raramente ia à área de recreação tomar ar fresco ou um pouco de sol, se é que deu as caras lá alguma vez. Era véspera de uma das determinações judiciais aguardadas com mais ansiedade no maior caso de crime organizado da história de Boston, e o rosto de Flemmi se tornara pálido, quase translúcido. Sua pele adquirira o tom das paredes da prisão, comentou um guarda — um “branco pipoca” fantasmagórico.

* * *

Tony Cardinale, o advogado que abrisse a caixa de Pandora contendo a relação promíscua do FBI com Bulger e Flemmi, começou o dia em que o juiz finalmente daria seu parecer indo malhar no Boston Athletic Club. Depois, pegou seu sócio, John Mitchell, que chegara num voo de Nova York, no hotel onde estava hospedado. Passaram no fórum, onde um funcionário deu aos advogados uma caixa com sete cópias da determinação judicial. Imediatamente, Cardinale despachou um mensageiro,

que levou uma cópia à prisão de Plymouth, para ser entregue a Frank Salemme. Em seguida, acomodados no escritório de Cardinale, com o café e os donuts espalhados na mesa, os advogados abriram o grosso documento e começaram a ler.

Howie Carr, colunista do *Boston Herald*, mais tarde escreveria em tom de gracejo que Mark Wolf devia ter se sentido o Edward Gibbon do crime organizado na região da Nova Inglaterra, redigindo *Declínio e queda do império de Bulger*: um catatau de 661 páginas. Cardinale e Mitchell gostaram da maneira como Wolf abria seu tratado, citando Lord Acton: “Em 1861, Lord Acton escreveu que ‘todo segredo se degenera, até a aplicação da justiça’.” A isso, acrescentou: “O presente caso demonstra que ele tinha razão.”

Os donuts ficaram intocados. Os advogados não conseguiam deixar o documento de lado. A parte legal — o impacto imediato sobre o status do caso de crime organizado — era inconclusiva. Por exemplo, o juiz se recusou a concluir que toda a proteção do FBI fornecida a Bulger e Flemmi — grande parte dela ilegal — correspondia a ampla imunidade de indiciamento. Mas decidira que promessas passadas do FBI a Bulger e Flemmi contaminavam parte das provas obtidas com escutas e que essas gravações nunca seriam usadas contra eles. O juiz afirmou que eliminaria essa evidência e possivelmente mais coisas. Com isso, o caso de crime organizado parecia por um fio. Mas, para chegar a uma decisão final sobre a evidência em disputa, o juiz decidira que precisaria de mais informações, extraídas de novas audiências preliminares. “Em essência, permanece incompleta a informação de que dispomos para decidir quanto ao requerimento de Flemmi para não admitir as provas e encerrar o processo”, concluiu Wolf. “Desse modo, a corte realizará quantas audiências forem necessárias para determinar se o caso deve ser anulado, e, se não for, o escopo das evidências a serem retiradas no julgamento.” Por ora, o caso seguiria adiante.

Mas não foi a parte legal da determinação do juiz que virou o assunto do dia. A grande notícia era a “averiguação dos fatos” feita sobre o FBI, Bulger e Flemmi. Mais de metade do texto — 368 páginas — era devotada ao parecer factual sobre tudo que desandara no acordo entre o FBI e Bulger, uma averiguação judicial resultante dos testemunhos sob juramento e das montanhas de documentos e arquivos do FBI.

O juiz admitia que Bulger e Flemmi foram “informantes confidenciais muito valiosos e úteis” para o bureau, mas em seguida detalhava a corrupção, a quebra de regulamento e a improbidade que definiram o acordo quase desde o início, três décadas antes. Os vazamentos de escuta — a oficina da Lancaster Street, o grampo da DEA no carro de Bulger, o episódio de Baharian — estavam todos lá, junto com a longa lista de avisos que os chefões criminosos receberam sobre outros bandidos que lhes constituíam ameaça. “Em esforço para proteger Bulger e Flemmi, Morris e Connolly identificaram para eles pelo menos doze outros indivíduos que eram informantes do FBI ou fontes de outras agências da lei.” O juiz citou o vazamento de Brian Halloran e o fato de que, poucas semanas após conversar com o FBI, “Halloran foi morto”.

O juiz concluía que, em essência, para proteger Bulger e Flemmi, os agentes criavam regularmente uma ficção nos documentos internos do FBI, tanto para exagerar seu valor como informantes quanto para minimizar a extensão de suas atividades criminosas. Os arquivos do FBI apresentavam “irregularidades recorrentes com respeito à preparação, manutenção e produção de documentos prejudiciais a Bulger e Flemmi”. E, a despeito das alegações de Connolly em contrário, Wolf determinou que o responsável pelos informantes de fato entregou a propina a Morris. “Morris pediu e recebeu pelas mãos de Connolly mil dólares de Bulger e Flemmi.”

O juiz também elucidou alguns pormenores da sórdida saga. Contrariando as declarações públicas de Billy Bulger, Wolf concluiu que o poderoso político realmente fizera sua aparição entre o grupo. “William, que era presidente do Senado de Massachusetts e morava em casa vizinha à de Flemmi, foi visitá-lo enquanto Ring e Connolly estavam lá.”

“Quero ser mico de circo!”, exclamou Cardinale. Ele e John Mitchell começaram uma espécie de duelo, lendo trechos em voz alta, um tentando superar o outro para encontrar o fato mais saboroso.

No total, Wolf identificou dezoito supervisores e agentes do FBI que desrespeitaram a lei ou as normas do bureau e as diretrizes do Departamento de Justiça. Paul Rico, John Connolly e John Morris estavam no centro dos delitos, e a lista incluía os supervisores Jim Greenleaf, Jim Ring, Ed Quinn, Bob Fitzpatrick, Larry Potts, Jim Ahearn, Ed Clark e Bruce Ellavsky, além dos agentes Nick Gianturco, Tom Daly, Mike Buckley, John Newton, Rod Kennedy, James Blackburn e James Lavin.

“John Connolly está fodido”, constatou Cardinale, balançando a cabeça, parando na seção do parecer de Wolf em que o juiz analisava uma questão central: como Whitey escapara no início de 1995? Mesmo que Flemmi tivesse testemunhado que o vazamento viera de Morris, o juiz achou que, embora no geral Flemmi tivesse dado um depoimento confiável, nem sempre foi “sincero” e “às vezes atribuía informação recebida de John Connolly a outros agentes do FBI, em esforço evidente de proteger Connolly”. Apesar das estridentes declarações públicas do ex-agente, Wolf determinara que Connolly era o culpado.

“A corte conclui que, no início de janeiro de 1995, Connolly, que permaneceu próximo a Flemmi e, particularmente, Bulger, viera monitorando a investigação do grande júri em parte por intermédio de seus contatos no FBI, estava em constante

comunicação com Bulger e Flemmi sobre a investigação e foi a fonte da dica para Bulger.”

Por fim, a despeito dos comentários públicos de Jeremiah T. O’Sullivan, que afirmava o contrário, bem como suas declarações aos investigadores federais em 1997, o juiz determinou que O’Sullivan tinha ciência de que Bulger e Flemmi eram informantes desde 1979.

O parecer expôs a terrível dependência que o FBI em Boston tinha de Bulger, e a cena não era nada bonita. Por coincidência, ele saiu apenas doze dias após um marco pessoal para Whitey Bulger: o gângster completara 70 anos em 3 de setembro de 1999. Mas o documento de 661 páginas passava longe do tipo de presente que ele gostaria de receber. James J. “Whitey” Bulger continuava em liberdade, mas tinha pouco a comemorar.

“Juiz detona FBI por acordo com Bulger e Flemmi” foi a manchete da primeira página no dia seguinte no tabloide *Boston Herald*. “Juiz diz que FBI em Boston quebrou todas as regras.”

As manchetes haviam capturado o momento e, sem dúvida, chegaram a Whitey Bulger — em algum lugar ignorado, ainda foragido, rodando por estradas secundárias do interior da América com uma loura tingida a seu lado, documentos falsos na carteira e maços de cem dólares guardados em cofres pelo país afora.

EPÍLOGO

“Oi, gente. Eu tenho tantas perguntas difíceis para o John Connolly, mas tão pouco tempo. Número um, acho que tem uma fila de pessoas esperando para testemunhar que Whitey e Stevie controlavam toda a cocaína e maconha em South Boston, e que vergonha [...] você não ter ido atrás deles por causa disso.”
Jack, de South Boston, rádio WBZ-AM, 27 de outubro de 1998

“Primeiro, eu queria dizer para o John Connolly: acho que você foi muito corajoso de enfrentar a promotoria federal nesse caso. É bom saber que tem pelo menos um agente do FBI por aí que vai manter a palavra.”
Christine, de South Boston, rádio WBZ-AM, 27 de outubro de 1998

Como era de se prever, John Connolly não ficou nada feliz com o pedido de averiguação dos fatos emitido pelo juiz Mark L. Wolf em 15 de setembro de 1999. Antes disso, Connolly se mostrara elogioso em relação ao juiz, como se o estivesse bajulando. Num programa de entrevista no rádio, ele se referira a Wolf como um jurista que acreditava “ser um cara que busca a verdade”.

Mas, após uma determinação que lançou Connolly no meio de quase todos os delitos envolvendo o FBI, Connolly mudou de tom. O ex-agente ficou particularmente furioso que Wolf tivesse atribuído a ele o vazamento do processo de formação de organização criminosa em 1995.

“Não avisei Bulger, Flemmi nem ninguém com relação ao indiciamento anunciado pelo grande júri em 1995”, afirmou, durante uma declaração preparada que emitiu na noite do parecer de Wolf. “O juiz Wolf está empenhado nessa especulação irresponsável numa questão que envolve minha integridade”, escreveu.

De resto, foi a clássica reação Connolly: ataques pessoais contra quem o criticava. Segundo o ex-agente, o juiz federal estava retaliando por causa de um antigo relatório de informante do FBI escrito por ele contendo rumores de que, quando era promotor federal no início dos anos 1980, certa vez Wolf vazara informação que chegara aos ouvidos da Máfia. (O relatório veio à tona durante as audiências de 1998 e foi desacreditado.) Connolly recorreu a esse breve momento no tempo para explicar o parecer de Wolf: era troco.

Não obstante a averiguação dos fatos feita por Wolf, Connolly continuou a alegar inocência, embora de forma mais seletiva do que durante sua blitz na mídia em 1998. No outono de 1999, ele

até deu uma entrevista no *Dateline NBC*, distorcendo histórias e se vangloriando de seus bons feitos.

Mas Connolly tinha mais do que as conclusões de um juiz com que se preocupar. Durante mais de um ano, ele e outros antigos agentes (como Paul Rico) foram alvos de uma sindicância de grande júri federal a respeito da corrupção no FBI. Então, três dias antes do Natal de 1999, John Connolly foi detido. Agentes do FBI apareceram em sua casa em Lynnfield, um subúrbio ao norte de Boston, no começo da tarde. Connolly estava em casa, gripado. Ele recebeu voz de prisão, foi algemado e levado para o tribunal federal em Boston. Chegou ao fórum já de noite, sem usar um terno elegante, mas vestindo um moletom cinza, jeans preto e tênis. Seu cabelo, em geral sem um fio fora do lugar, estava despenteado. Fora uma longa jornada noite adentro, e, em alguns aspectos, depois de tantos acontecimentos, terminava ali. A lei que John J. Connolly Jr. em mais de uma ocasião havia jurado defender se voltava contra ele.

Indiciados por quatro crimes, Connolly, Bulger e Flemmi foram acusados de formação de organização criminosa, conspiração para formar organização criminosa, conspiração para obstruir a justiça e obstrução da justiça. No processo de dezessete páginas do governo, Connolly era apontado como intermediário dos 7 mil dólares em propinas entregues a John Morris, como responsável por falsificar relatórios para acobertar os crimes de Bulger e por vazar ilegalmente para Bulger e Flemmi informações confidenciais sobre sindicâncias do grande júri e escutas. Incluso nas acusações de vazamento estava o aviso de Connolly para Whitey sobre o indiciamento de 1995, de modo que Bulger pudesse escapar e iniciar a vida de foragido.

No tribunal, Connolly se declarou inocente e foi liberado com uma fiança de 200 mil dólares. A promotoria mencionou que a investigação prosseguiria. Ao dar início ao inquérito, a procuradora-geral Janet Reno se afastara da promíscua

comunidade da lei em Boston e escolhera o promotor federal por Connecticut John Durham para supervisionar o caso. Durham montou uma equipe de investigadores de várias partes do país, e eles começaram a tentar entender como tudo saía dos eixos daquela forma.

Reno ordenou também uma revisão de alto a baixo das diretrizes para lidar com informantes criminosos, e normas reformadas foram anunciadas pouco antes de Clinton deixar o governo, no início de 2001. Tentando impedir a repetição do escândalo do FBI em Boston e fornecer uma vigilância mais completa, as novas diretrizes eram mais duras e exigiam que o bureau fornecesse os dados ligados aos informantes para os promotores federais. Estavam explicitamente banidas a socialização e a troca de presentes que caracterizaram a relação entre o FBI e Bulger. Implementadas em todo o país, um advogado comentou que as diretrizes revistas, cobrindo mais de quarenta páginas, eram “a consequência mais duradoura e mais significativa” da investigação federal nas práticas de trato com informantes antes secretas do FBI.

* * *

Enquanto isso, uma série de acontecimentos importantes que começaram no fim de 1999 contribuiu para a grande derrocada dos anos Bulger.

O acordo de John Martorano veio a público em setembro de 1999, quando o assassino entrou no tribunal e calmamente admitiu ter matado dez pessoas como o principal assassino da gangue de Bulger. Em troca de sua confissão — e seu testemunho contra Bulger, Flemmi e os agentes do FBI —, os promotores recomendaram uma sentença de quinze anos de prisão. O acordo se revelou controverso, e muitos ficaram horrorizados com a sentença aparentemente leve para um

assassino impiedoso. O promotor federal Donald K. Stern admitiu que fazer acordos com assassinos era “repugnante”, mas argumentou que teria sido muito pior deixar de fazê-lo e não obter ainda mais evidências contra os chefões Bulger e Flemmi. Martorano implicou Bulger em três assassinatos, e Flemmi, em meia dúzia.

Então, no início de dezembro de 1999, Cadillac Frank Salemme saiu sob fiança. Ele se declarou culpado das acusações de crime organizado conduzindo em sociedade com a gangue de Bulger para controlar o submundo de Boston. Em troca, os promotores concordaram em retirar as acusações de homicídio contra ele. O acordo não exigia que Salemme testemunhasse, mas ele se apresentou por vontade própria perante o grande júri de Connolly para depor contra o ex-agente. Wyshak e Cardinale entraram conjuntamente com uma recomendação para Salemme pegar de 10 a 13 anos de sentença. Isso significava que Salemme estaria livre em cerca de seis anos, devido ao crédito pelos cinco anos que passara atrás das grades desde sua prisão, em 1995. O juiz Wolf aceitou o acordo em 23 de fevereiro de 2000. “Ele está cansado de brigar”, declarou Cardinale em seguida, acrescentando que seu cliente também queria manter distância de Flemmi. “Frank não quer ficar perto de Flemmi nem mais um segundo, quanto mais dois anos.” O advogado de Flemmi, Ken Fishman, tentou ver o lado positivo do acordo: “No que nos diz respeito, ficamos felizes em ter o tribunal só para nós.”

* * *

O controle *in absentia* de Bulger sobre a cidade continuou em acelerada erosão com o indiciamento de dois soldados chave. Os “dois Kevins” — Kevin Weeks, de 43 anos, e Kevin O’Neil, de 51 — foram acusados por formação de organização criminosa e

pela extorsão de traficantes e *bookies* durante mais de duas décadas. O indiciamento também incluiu ambos, ao lado de Bulger e Flemmi, na usurpação da loja de bebidas dos Rakes e na extorsão de Raymond Slinger. Mencionava O'Neil como o sujeito que cuidou por muito tempo do Triple O's, lugar que um colunista apelidara de "Balde de Sangue". Acusava Weeks de cumprir ordens de Bulger na operação diária das atividades criminosas da gangue enquanto Bulger encontrava maneiras de se manter em contato usando cartões telefônicos para falar com Weeks em estabelecimentos e casas de amigos.

Inicialmente, Kevin Weeks manteve a postura orgulhosa e fanfarrona que exibira em público como supremo defensor de Bulger. Ele fora um homem ligado ao bairro, chegando a comparecer de smoking à festa do Oscar em 1998 na L Street Tavern para homenagear a indicação do filme *Gênio indomável*, com locações em Southie. A seu lado durante a denúncia em 18 de novembro de 1999 estava o advogado Tom Finnerty, ex-sócio e velho amigo de Billy Bulger. Weeks alegou inocência e, ao deixar o prédio do tribunal, virou para o colunista Howie Carr, do *Boston Herald*: "Seja bonzinho, Howie. Pega leve."

Em questão de dias, Weeks era outro homem. Nunca na vida enfrentara acusações criminais tão graves como aquelas — formação de organização criminosa, extorsão, agiotagem, tráfico de drogas, com acusações por homicídio num futuro próximo. Finnerty logo foi embora, substituído por outro advogado. Então se espalhou a notícia de que Weeks começara a falar.

Na manhã de 14 de janeiro de 2000, a cidade acordou com as reportagens de que a polícia estadual passara uma das noites mais frias do inverno desencavando os restos de dois homens e uma mulher enterrados numa cova improvisada em Dorchester. Já tentando um acordo em troca de leniência, mas precisando antes demonstrar sua boa-fé, Kevin Weeks indicara o local, um escoadouro de águas da chuva diante de um popular salão de

conferências, na parte baixa de um aterro junto à Southeast Expressway. À luz do dia, equipes de TV e repórteres cercavam o buraco de mais de dois metros de profundidade. O lugar havia sido um pântano e ficava num lugar bem conveniente para Bulger e Flemmi, no caminho de Southie a Quincy.

Com base nos registros dentários, dois corpos foram identificados como sendo de Arthur “Bucky” Barrett, o arrombador de cofres que desapareceu em 1983, e John McIntyre, o contrabandista de armas que virara informante contra Bulger. O estacionamento onde a picape e a carteira de McIntyre foram encontradas no dia de seu desaparecimento no fim de 1984 ficava a um quilômetro da cova. Testes de DNA foram usados para estabelecer a identidade da mulher, e os investigadores anunciaram ter encontrado Deborah A. Hussey, desaparecida desde o outono de 1984. Levaram mais tempo para identificar o cadáver porque o assassino de Hussey cortara os dedos das mãos e dos pés e arrancara todos os seus dentes. Weeks contou aos investigadores que as vítimas haviam originalmente ficado enterradas no porão de outro comparsa de Bulger em South Boston, explicando que ele, Bulger e Flemmi tiveram que exumar os corpos mais tarde ao fim de 1985 e transferi-los para a base do aterro, como medida de precaução. Primeiro, porque a Polícia de Quincy e os agentes de narcóticos federais estavam cercando a gangue durante a Operação Feijão. Depois, por haver uma questão prática a considerar: o comparsa de Bulger ia vender a casa onde os corpos haviam ficado enterrados inicialmente em segurança.

Para as famílias das vítimas, a revelação trouxe algum alívio. Para os investigadores, fazer Weeks se voltar contra Bulger era como enfiar uma estaca no coração da gangue. Nas ruas, o filho adotivo de Whitey ganhou um apelido em referência a quanto tempo levava para virar a casaca depois de ser preso: “Two Weeks”, duas semanas. Já um homem de meia-idade, o soldado

do crime compareceu ao tribunal em 20 de julho de 2000 e admitiu participação nos cinco homicídios e em praticamente todos os aspectos do império do crime de Bulger desde que o conheceu, na adolescência. “Fiz tudo isso”, declarou.

Weeks concordou em testemunhar em troca de uma sentença de prisão entre cinco e quinze anos, e, assim que começou a se abrir, o ritmo das revelações sobre Bulger acelerou.

* * *

Perto do fim do verão, os banhistas em Tenean Beach, Dorchester, ficaram assustados com a chegada do pequeno grupo de investigadores — formado pela polícia estadual, agentes de narcóticos federais e outros da receita — que começou a escavar uma área de capim na orla da areia. Os investigadores ergueram uma tenda numa área da praia, cercaram o lugar com fita amarela de cena do crime, e em poucas horas anunciaram a descoberta de ossos humanos enterrados. Os “restos muito antigos” eram de Paul “Paulie” McGonagle, gângster de Southie e rival de Bulger no submundo, que desaparecera durante as disputas por território das gangues, 26 anos antes. O novo local ficava a cerca de um quilômetro do aterro onde a primeira leva de corpos foi encontrada.

As escavações prosseguiram, e dias depois passaram a um terceiro local, dessa vez às margens do rio Neponset, em Quincy, a menos de cem metros do condomínio em Louisburg Square onde Whitey Bulger se encontrava com Catherine Greig. Dessa vez, o procedimento foi um pouco mais lento. “Não vamos apressar a busca”, disse o major da polícia estadual Thomas Foley, um dos investigadores-chefes, após um primeiro dia de escavação sem resultados. Três dias depois toparam com os restos mortais de Tommy King, o gângster de Southie que deu uma surra em Bulger numa briga de bar e depois desapareceu

em novembro de 1975, poucas semanas após Bulger e Connolly terem firmado o novo pacto.

A equipe de investigadores anunciou que também esperava recuperar o corpo de Debra Davis, a loura estonteante que desaparecera após dizer a Flemmi que ia deixá-lo. Os investigadores afirmaram acreditar que Flemmi atraía Davis para a casa de sua mãe em South Boston — na frente da casa de Billy Bulger —, onde Whitey a estrangulou. Então, os gângsteres levaram o corpo de Davis no carro e a enterraram numa cova pantanosa junto ao rio Neponset.

Os membros da família Davis mantiveram vigília regular, mas após duas semanas as escavações foram canceladas. “Demos uma boa olhada, verificamos todos os locais possíveis, baseados na informação que tínhamos, e estamos esgotando a área por aqui”, disse Foley, com expressão carregada. A família Davis ficou devastada, mas apreciou o esforço. “Estou decepcionado, mas, sabe, eles têm que parar em algum momento”, disse um irmão de Debra Davis no dia em que a pesada escavadeira foi desligada e levada embora. Semanas mais tarde, investigadores persistentes voltaram para uma última tentativa — escavando dessa vez numa área de cheia, negligenciada anteriormente porque ficava inundada na maré alta. Para alívio da família, rapidamente os investigadores anunciaram a recuperação dos restos de Debra Davis.

Kevin Weeks servira como guia para os homens do governo. Os corpos de seis pessoas desaparecidas por vinte anos ou mais haviam sido recuperados. As acusações contra o banho de sangue promovido por Bulger culminaram em 28 de setembro de 2000, quando ele e Flemmi foram indiciados pela participação em 21 homicídios — onze deles cometidos durante o período como informantes do FBI. O novo e abrangente indiciamento federal listava os nomes das vítimas e as datas em que foram assassinadas, uma relação que incluía as ex-namoradas de

Flemmi, Deborah Hussey e Debra Davis; o dono da World Jai Alai, Roger Wheeler; e os dois informantes que se voltaram contra Bulger, Brian Halloran e John McIntyre. Os promotores Fred Wyshak e Brian Kelly também detalharam o reinado de terror de Bulger — sobre seu império da droga e seu vasto arsenal — e anunciaram que o governo tentaria confiscar os recursos de Bulger, incluindo a South Boston Liquor Mart e o Triple O's, assim como mais de 10 milhões de dólares em dinheiro. Mas foi a notícia dos 21 assassinatos que ganhou as manchetes do país.

Bulger, Flemmi e seus comparsas se tornaram o pior bando de assassinos da história de Boston. “Camadas e camadas de mito, temor e proteção foram removidas, deixando um âmago gélido e profundamente perturbador de extorsão, tráfico de drogas, corrupção e homicídio”, disse o promotor Stern durante uma abarrotada coletiva de imprensa no tribunal federal em Boston para anunciar as novas acusações. “Fica nítido que, baseado no que sabemos agora, foi um terrível equívoco usar esses sujeitos como informantes.”

Esqueçam o mito do bandido bonzinho. Segundo Stern, Bulger era “um serial killer”.

* * *

Em 2000, John Morris se mudou para a Flórida depois de perder o emprego numa seguradora em Tennessee. De vez em quando, viajava a Boston para comparecer perante o grande júri federal. Jeremiah T. O'Sullivan e John Ring continuavam trabalhando juntos em Boston na firma de Choate, Hall & Stewart. Bill Bulger prosseguia em sua carreira paralela de reitor da Universidade de Massachusetts. Embora no começo sua indicação pelo governador na época, Weld, tenha sido considerada controversa, Bulger inicialmente mereceu nota dez na administração da

universidade estadual. Em 3 de outubro de 2000, o *campus* da UMass em Boston chegou a receber o primeiro debate presidencial entre o democrata Al Gore e o republicano George W. Bush. Do *campus* de Billy Bulger, a imprensa de todo o país chegou à cidade no fim de setembro enxergava os investigadores e as escavadeiras trabalhando do outro lado de Dorchester Harbor, à procura dos restos das vítimas de Whitey Bulger. A bizarra justaposição não passou em brancas nuvens; uma breve matéria no *New York Times* sobre os debates presidenciais ganhou o título: “Pano de fundo de um debate. Ali estão os corpos”.

A essa altura, o escritório de Boston do FBI se tornara a divisão mais investigada da história do bureau. Agentes aposentados e em atividade foram ficando cada vez mais preocupados e cautelosos, começaram a se perguntar quem seria o próximo. Paul Rico? Dennis Condon? Ambos estavam sob intenso escrutínio do grande júri. No fim, Rico foi acusado de ajudar Bulger e Flemmi a conspirar para o assassinato em 1981 de Roger Wheeler, da World Jai Alai, mas morreu sob custódia, em 2004, aguardando julgamento. Condon, caído em desgraça mas nunca acusado criminalmente, morreu em 2009. Muitos outros agentes, colegas de John Connolly no escritório de Boston, como Mike Buckley e Nick Gianturco, ficaram implicados nos delitos, mas nunca foram formalmente acusados. John Newton, amigo de Connolly, foi notificado de que seria exonerado pela suposta proteção a Connolly durante as audiências no tribunal em 1998, perante o juiz Wolf. Por meio de advogados, Newton lutou contra a medida. No outono de 2000, o outro Kevin — Kevin O’Neil — decidiu se juntar a Weeks e ao matador de aluguel John Martorano e cooperar com os investigadores. O’Neil se declarou culpado das acusações de ser o “homem do dinheiro” na gangue de Bulger. Admitiu 26 acusações de extorsão e lavagem de dinheiro. Também concordou com o

confisco de sua parte na loja de bebidas e em vender o Triple O's e depois ceder 25% dos lucros para o governo. A promotoria afirmou que tentaria um máximo de apenas cinco anos de prisão para O'Neil — possivelmente até menos, caso o réu lhes fornecesse “assistência substancial”.

Os promotores federais planejavam integrar O'Neil ao grupo de testemunhas no processo de corrupção sendo montado contra Connolly. Em particular, esperava-se que O'Neil testemunhasse sobre o vazamento do indiciamento de 1995 em que Connolly alegadamente ligara para uma porção de gente na tentativa de avisar Bulger a tempo de escapar. O'Neil significava mais notícias ruins para Connolly.

Os problemas de Connolly cresceram ainda mais quando um indiciamento suplementar teve o sigilo removido em 11 de outubro de 2000. Com isso, ele foi formalmente acusado de vazar para Bulger e Flemmi informações que levaram aos homicídios de três potenciais testemunhas contra a gangue: Brian Halloran, John Callahan e um terceiro informante chamado Richard Castucci.

“Sangue nas mãos de Connolly”, proclamava a primeira página do *Boston Herald*. O ex-agente também era acusado de aceitar suborno, por receber um elegante anel de diamante de Bulger em 1976, e de extorsão — por acobertar a operação em que Bulger se apropriou da loja de bebidas de Julie e Stephen Rakes em Southie. Também foi acusado de obstrução da justiça durante as audiências de Wolf em 1998 — por conspirar com Flemmi para mentir sob juramento e afirmar que fora Morris quem vazara o indiciamento de 1995.

“Sou inocente das acusações maldosas feitas contra mim nesse caso”, disse Connolly sob o fresco ar outonal diante do fórum uma semana após a denúncia. “Gostaria de pedir que qualquer pessoa justa se abstenha de formar um juízo nesse caso até saber dos meus fatos e das minhas provas.”

Livre sob fiança e acompanhado por seu advogado e um consultor de relações públicas, Connolly ignorou perguntas e entrou num Lincoln Town Car preto que se afastou rapidamente.

“O responsável pelos criminosos se tornou um deles”, declarou o promotor federal Stern ao sumariar solenemente a posição do governo durante coletiva de imprensa. De fato, tomado num todo, o novo indiciamento de Connolly exigia que o público ajustasse as lentes mais uma vez para tentar focalizar melhor o escândalo envolvendo Bulger e o FBI. A coisa agora se resumia a isto: John Connolly era um gângster, segundo a promotoria. Foi nisso que o indiciamento redundou quando todas as camadas de jargão legal foram removidas. O agente nunca fora agente; pelo contrário, Bulger plantara um dos seus no FBI havia muito tempo.

Um júri federal concordou. Após um julgamento de duas semanas em Boston, em maio de 2002, Connolly foi condenado por formação de organização criminosa e obstrução da justiça. Quatro meses mais tarde, o agente decaído foi sentenciado a dez anos de prisão, veredito recebido num tribunal federal apinhado de famílias e gente da mídia. Connolly havia esperado leniência da justiça, de modo que a severidade da pena o deixou perplexo. Ele mandou um beijo rápido para a esposa enquanto os policiais federais o tiravam dali — e lá se foi John Connolly.

Atrás das grades, Connolly enfrentaria persistentes problemas legais. Ele, outros agentes e o FBI foram apontados como réus numa série de processos civis pedindo reparações do governo federal pela relação criminosa entre Connolly e Bulger. Os queixosos eram, na maior parte, familiares — os Halloran, os Donahue, os Castucci, os McIntyre, os Davis, os Hussey e os Litif — cujos pais, irmãos e irmãs haviam sido vitimados ou assassinados por Bulger e Flemmi durante seu reinado de terror como informantes do FBI. No dia de setembro em que Connolly foi sentenciado, havia pelo menos dez processos federais contra

o FBI — reivindicando um total de quase 2 bilhões de dólares em reparações.

* * *

Nesse meio-tempo, Stevie Flemmi continuou isolado e sem falar com ninguém, primeiro no bloco H-3 da penitenciária do condado de Plymouth, depois no bloco 9 da prisão de segurança máxima em Walpole. E, ainda que seu mundo estivesse desabando, ele continuou tentando trabalhar qualquer ângulo em que pensasse, mas sempre via suas desastradas tentativas irem por água abaixo.

Em novembro de 2000, um tenente aposentado de polícia chamado Richard Schneiderhan foi acusado de fornecer ilegalmente a Flemmi e Kevin Weeks informações sobre os esforços dos investigadores em monitorar diversos telefones em South Boston — incluindo o de Bill Bulger — como parte da caça a Whitey. Por acaso, Schneiderhan era conhecido de infância de Flemmi. O ex-policial tinha parentes trabalhando para a companhia telefônica, e Flemmi ordenara a Weeks que fizesse uma consulta a Schneiderhan. Mas, uma vez que Weeks deu para trás, o mesmo aconteceu com o alegado rastreio interno de escutas telefônicas, bem como com os antigos laços de corrupção entre Schneiderhan e Flemmi. Em 2003, após um julgamento de oito dias, Schneiderhan foi sentenciado a dezoito meses numa prisão federal.

Então o irmão de Flemmi, Michael, um veterano da Polícia de Boston, foi detido sob acusações de transportar um arsenal de mais de setenta itens — incluindo metralhadoras e Uzis — do barracão da casa da mãe deles em South Boston dois dias antes de os investigadores aparecerem com um mandado de busca. Em 2002, o policial foi sentenciado a dez anos na prisão federal

após uma condenação por perjúrio, obstrução da justiça e posse de silenciadores, escopetas de cano serrado e metralhadoras.

As manobras de gato e rato de Stevie Flemmi pareciam uma rematada estupidez. Era como se ele estivesse preso numa dobra temporal, acreditando continuar nos anos 1980 — os anos de glória —, quando lhe bastava passar a perna em alguém para se manter um passo à frente da lei. Afinal, era o que ele e Whitey haviam feito tantas vezes ao longo dos anos.

“Elegante, hein? Walpole”, gracejou Stevie Flemmi com os repórteres no tribunal certo dia, a respeito de seus trajes, ao esticar o colarinho da jaqueta de brim cedida pela prisão, usada por cima de uma camisa vermelha, além da calça também vermelha. Apesar do esforço em manter a pose em público, o abatido chefe criminoso parecia magro, tinha a barba por fazer. Os que o viam diariamente na prisão diziam que com o tempo ele desenvolvera um tremor em um dos olhos. Havia momentos em que seu braço sofria um espasmo involuntário. Ele parecia inquieto. O tique e os espasmos não passaram despercebidos. “O diabo está comendo o corpo dele”, disse Frank Salemme aos outros.

No fim, ele caiu na real. A torrente de novas acusações, a lista cada vez maior de antigos comparsas dando para trás, os laços familiares destruídos — tudo isso finalmente penetrou a bruma de Flemmi. Um ano depois de ver seu irmão dançar na tentativa de ajudá-lo, Stevie, seus advogados e os promotores federais elaboraram um acordo. Nele Flemmi admitia o assassinato de dez pessoas, e, com isso, era poupado da pena de morte, que foi trocada para prisão perpétua. Também precisou mostrar total cooperação com os investigadores e testemunhar quando requisitado. A primeira convocação se deu em junho de 2006, mês em que completou 72 anos, quando sentou no banco das testemunhas como réu no processo de 50 milhões de dólares que a família de John McIntyre movera contra o governo federal

por morte injusta. Era o pacote completo: Flemmi depondo e detalhando como ele e Bulger assassinaram McIntyre porque seu parceiro no FBI, John Connolly, os advertira de que McIntyre vinha trabalhando para os investigadores. Mas o lúgubre relato de Flemmi sobre o triunvirato — Whitey Bulger, ele próprio e John Connolly — no processo civil dos McIntyre era apenas o início.

Flemmi testemunharia outra vez, e a performance que ganhou as maiores manchetes ocorreu no outono de 2008, num tribunal de Miami, Flórida, onde figurou como o personagem principal de uma galeria de patifes da gangue de Bulger servindo de testemunhas. O alvo dos depoimentos era ninguém menos que a estrela decaída do FBI, Connolly, cujos problemas legais não chegaram ao fim com sua condenação federal por formação de organização criminosa em 2002.

Em 2008, o mundo sabia que Connolly era um gângster, fato mais do que provado diversas vezes — durante as audiências de Wolf e outras medidas judiciais, por meio de ações civis e em seu próprio julgamento federal em Boston. Connolly, o agente do bureau nascido e criado em Boston que se transformou em protetor corrupto de todas as ações de Whitey Bulger e Stevie Flemmi.

Mas assassino?

Teria Connolly, em 1982, avisado Whitey e Stevie de que o contador John B. Callahan vinha sendo procurado para entregá-los, uma valiosa informação interna do FBI que levou à execução de Callahan?

Era nisso que os promotores do governo acreditavam, e, na manhã de 15 de setembro de 2008, Connolly foi escoltado de seu confinamento solitário no fórum do condado de Dade para acompanhar os argumentos de abertura em seu julgamento por homicídio.

O julgamento teve lugar em Miami porque foi onde ocorreu a execução de Callahan. Iniciando os trabalhos pelo lado do governo estava Fred Wyshak, e ele proporcionou aos jurados um passo a passo de noventa minutos sobre três décadas do submundo de Boston. Durante esse tempo, Connolly ficou sentado à mesa da defesa, escutando atentamente. Vestido com um blazer preto e calça bege, o cabelo recém-cortado, Connolly parecia em melhor estado do que nas fotografias que o mostravam usando o macacão laranja da cadeia. Escrevia anotações e na maior parte do tempo se mostrou impassível.

A despeito de a jurisdição pertencer à Flórida, o caso de homicídio era acima de tudo um assunto de Boston. A vítima era de Boston, e Connolly era um cara de Southie. A relação de testemunhas incluía os investigadores que perseguiram Bulger, o supervisor corrupto John Morris, até Teresa Stanley. A visão dos gângsteres era de dar calafrios: Johnny Martorano, Stevie Flemmi e Kevin Weeks. Ao testemunhar sobre a morte de Callahan, Martorano contextualizou a situação e casualmente conduziu os jurados pela estrada da memória — descrevendo vinte assassinatos que cometera. Flemmi também falou sobre seu histórico de mortes, depois incriminou Connolly ao declarar que o ex-agente teria embolsado 235 mil dólares em propinas, comprometera investigações e vazara informação que levou a diversos homicídios, incluindo o de Callahan. No depoimento, contou que, certa vez, quando dividiam o dinheiro da droga, Connolly chegara a dizer, em tom de brincadeira: “Ei, eu faço parte da gangue.”

Connolly não subiu ao banco das testemunhas. Por mais de uma década, falara pelos cotovelos diante da imprensa e, no fim, jamais testemunhou sob juramento, a despeito das diversas oportunidades, que começaram com as audiências de Wolf e terminaram com o julgamento por homicídio. Após sete semanas de testemunhos e treze horas de deliberações, o júri de Miami

declarou Connolly culpado de homicídio doloso, por conspirar com Bulger e Flemmi para assassinar Callahan, o contador de 45 anos e empresário de Boston. O agente foi sentenciado a quarenta anos na prisão, o que, aos 68, significava pena perpétua. Ele e seus advogados prometeram apelar, mas toda a bravata de Connolly havia murchado.

* * *

Além do bureau, a cidade continuava avaliando o estrago e se perguntando o que dera errado. Teria sido tudo culpa dos dois sujeitos do conjunto habitacional — Connolly e Bulger —, cuja lealdade recíproca excedeu tudo mais? Uma profunda falha na vigilância do governo? A capacidade do ser humano para causar o mal e se iludir? Provavelmente, tudo isso. Sem dúvida, os danos de Bulger se haviam feito sentir de maneiras difíceis de quantificar. Alguns achavam que a corrupção penetrara não só o coração de Southie e o do FBI, mas também em praticamente tudo — a State House, as forças da lei e a vida pública.

Numa coluna publicada no fim de 1999, o escritor James Carroll, vencedor do National Book Award e colunista regular do *Boston Globe*, identificou uma “cegueira moral” em ação, no que dizia respeito aos irmãos Bulger:

Durante muitos anos, grande parte do *establishment* político de Massachusetts fez, de bom grado, vistas grossas para o comportamento selvagem de James Bulger, e essa sucessão de vistas grossas acabou se tornando uma cegueira moral onipresente. A tolerância explicitamente demonstrada para com James Bulger conspirou não só as forças da lei como o próprio governo, alimentando o cinismo público, espalhando o medo e transformando o setor público em cúmplice de um assassino.

Obviamente, tudo isso está ligado ao papel do irmão de James Bulger, William Bulger, antigo presidente do Senado Estadual. Ninguém pode pôr os crimes de James Bulger na conta de seu irmão, e ninguém pode culpar William Bulger por suas expressões de amor fraternal, a despeito

de tudo. Mas o antigo presidente do Senado foi muito além disso. Foi sua vista grossa para os crimes de James Bulger que fomentou a de todos os demais.

“Na espiral mágica da perspicácia de William Bulger, James Bulger emergiu como um personagem divertido”, escreveu Carroll.

Carroll comentou sobre os cafés da manhã anuais que Billy oferecia no Dia de São Patrício, em particular o de 1995 — apenas dois meses depois de Whitey receber a dica do FBI e se mandar —, quando o governador Weld entoou uma “cantiga” que compusera para a reunião de líderes políticos que contava com os dois senadores por Massachusetts e o prefeito de Boston. “A canção de Weld usava a melodia de ‘Charlie on the MTA’”, relatou Carroll, “e era sobre o assassino. ‘Será que ele vai voltar?’, cantarolava Weld. ‘Não, ele nunca vai voltar. Não, ele nunca vai voltar pra cá. Acabei de receber uma ligação da Kendall Square Station. Charlie está no MTA!’ A turma adorou, mas imagina como o sujeito que avisou James Bulger do indiciamento deve ter se sentido.”

Nesses casos, Weld dava uma ideia da profundidade dessa corrupção. Afinal, atuou como promotor federal, tinha conhecimento direto dos crimes de James Bulger. Se Weld fizesse vista grossa, até o mais comprometido agente do FBI poderia relaxar, o que possibilitaria a muitos outros aplacarem seus receios e se associarem ao arranjo nefasto.

James Bulger era um constrangimento para o FBI e um perigo para o público. E, do jeito que seu destino se enredou ao do irmão e depois ambos usaram um ao outro para levar adiante seus próprios interesses escusos, a história toda permaneceu uma mácula na alma da sociedade bostoniana.

A revelação dos laços familiares dos Bulger foi dolorosamente lenta — um bocadinho aqui, outro ali —, mas novas informações

continuaram vindo à tona com o passar dos anos. Pela primeira vez os irmãos mais novos de Whitey Bulger começavam a pagar um preço — em termos de reputação, vida profissional e, para um deles, liberdade — devido à lealdade incondicional ao chefe criminoso e assassino.

Os dois irmãos entraram em contato com Whitey após sua fuga, no início de 1995. O mais novo, John “Jackie” Bulger, conversou por telefone com Whitey em agosto de 1996 e chegou a tentar obter uma identidade falsa para ele. Kevin Weeks foi à casa de Jackie Bulger e bateu fotos do irmão de Whitey com bigode falso. Então, Weeks enviou as fotos para Whitey em Chicago. Mas, quando Jackie Bulger foi convocado a comparecer perante um grande júri federal, dois anos depois, ele mentiu. Disse no testemunho que não tivera contato algum com o irmão mais velho e que não fazia ideia se continuava vivo. Num comparecimento anterior ao grande júri, Jackie Bulger também não revelou que uma das inúmeras reservas de dinheiro de Whitey ficava num cofre em Clearwater, Flórida, e que acabara de pagar a taxa de aluguel, seis meses antes.

Mas, no momento em que Weeks abriu o jogo, Jackie ficou exposto. Em novembro de 2001, pouco depois de sua aposentadoria após 32 anos trabalhando como auxiliar judiciário no Tribunal Juvenil de Boston, ele entrou algemado num tribunal federal para responder a acusações de perjúrio e obstrução da justiça. De início, Jackie se prontificou a negar, mas acabou admitindo que mentira para dois grandes júris. Em setembro de 2003, foi sentenciado a seis meses de prisão.

Bill Bulger não cometeu o mesmo erro. Contatara Whitey antes de Jackie — num telefonema combinado em janeiro de 1995. Os dois conversaram poucas semanas depois de Whitey ter fugido do indiciamento federal e semanas antes do café da manhã anual do Dia de São Patrício, no qual a situação de Whitey foi motivo de boas risadas.

Mas, quando Bill Bulger foi convocado perante um grande júri, em abril de 2001, ele admitiu ter tido a conversa. Questionado por que não contactou as autoridades, haja vista que Whitey era foragido da justiça, Bill Bulger afirmou que não instou o irmão a se render porque achou que não seria o melhor para Whitey.

O contato de Bill Bulger com o irmão permaneceu um segredo nos autos do processo do grande júri federal, e ele continuou como reitor da UMass. Mas trechos de seu depoimento perante o grande júri acabaram no *Boston Globe*, e então, em junho de 2003, Bill Bulger testemunhou com imunidade perante uma audiência do Congresso sobre as ligações entre o FBI e seu irmão. Claramente aflito, Bill Bulger foi criticado por dizer que não conseguia se lembrar das coisas e parecer evasivo. O governador de Massachusetts, Mitt Romney, convidou Bulger a renunciar. Cedendo à pressão contínua, Bulger anunciou que iria fazê-lo em julho. Meses depois, após a renúncia oficial, em 4 de setembro de 2003, ele e outros membros da família compareceram a um tribunal federal para ouvir a sentença de Jackie Bulger, numa mostra de união entre eles.

“Há uma linha muito clara entre lealdade familiar e corrupção do sistema de justiça criminal”, declarou o promotor federal Michael J. Sullivan nesse dia aos repórteres depois que um dos irmãos Bulger foi preso por tentar proteger Whitey.

* * *

E então havia Whitey, que continuava se evadindo dos investigadores. Desde o indiciamento em 1995, ele fora avistado em Nova York, Louisiana, Wyoming, Mississippi e até no antigo bairro, Southie. Passou a integrar a lista dos Dez Mais Procurados do FBI e figurou por diversas vezes no programa de TV *America's Most Wanted* [Os mais procurados da América]. Contudo, por mais que o FBI repetisse como os agentes vinham

dando duro para capturar Bulger, nada tirava da cabeça da opinião pública que o bureau não queria fazer isso. De tantos em tantos anos, um novo supervisor chegava a Boston para cuidar da divisão e de seus 265 agentes, sempre com o mesmo discurso — que só consideraria sua estadia um sucesso caso Bulger fosse capturado. Poucos se deixaram convencer. A recompensa pela captura de Bulger acabou subindo de 250 mil para 2 milhões de dólares. Em 2010, o US Marshals, uma agência federal de aplicação da lei, uniu-se ao FBI na caçada ao fugitivo Whitey.

Nova Orleans? Dublin? Southie?

No alvorecer do século XXI, a história sinistra entre o FBI e Bulger fora revelada. Estava tudo ali, nas 17 mil páginas de testemunhos sob juramento, na deliberação de 661 páginas do juiz Mark Wolf e numa série sensacional de julgamentos civis e criminais. Mas nenhum dos documentos históricos continha a resposta para a única questão que a atormentada cidade tanto queria saber:

Onde estava Whitey?

Em 20 de junho de 2011, a resposta finalmente chegou. O FBI empreendeu uma blitz publicitária sobre Whitey, algo que fazia todos os anos para tentar obter denúncias. Mas dessa vez foi diferente: em vez de se concentrar em Whitey, a campanha foi dirigida a sua companheira, Catherine Greig. Os anúncios de trinta segundos foram ao ar na programação diurna da TV, popular entre as telespectadoras, em catorze cidades espalhadas pelo país. A mídia, como sempre, também noticiou a mais recente caçada a Whitey com a nova abordagem envolvendo Greig.

E funcionou. Na Islândia, uma mulher chamada Anna Björnsdóttir assistiu à cobertura da CNN sobre o esforço do FBI. Björnsdóttir, antiga Miss Islândia que competira no concurso de Miss Universo de 1974, lembrou-se de ter avistado Catherine

Greig em Santa Monica, Califórnia, onde passava parte do ano com o marido. Ela conhecera Greig na calçada diante do condomínio Princess Eugenia, na Third Avenue, onde, duas vezes por dia, a namorada de Bulger alimentava um gato vira-lata chamado Tiger. Elas gostavam de gatos — na Islândia, Björnsdóttir chegara a escrever um livro sobre um gato de rua que adotara — e ficaram amigas.

No dia seguinte, 21 de junho, uma terça-feira, Björnsdóttir alertou o escritório do FBI em Los Angeles, e no fim da tarde de quarta-feira, 22 de junho, o FBI, o US Marshals e a Polícia de Los Angeles descobriram que por anos Whitey e Catherine vinham se escondendo bem debaixo de seus narizes, em Santa Monica, como um casal idoso, usando os nomes de Charlie e Carol Gasko. Os agentes cercaram o condomínio Princess Eugenia, onde o casal vivera pelo menos desde 1998, e bolaram um esquema para fazer Whitey sair. O síndico telefonou para Whitey no apartamento 303 e informou que alguém arrombara seu armário no estacionamento do subsolo. Quando Whitey desceu às 17h45 para verificar o suposto aborrecimento, rapidamente se deu conta de que o problema era bem maior. Os agentes surgiram das sombras.

Whitey foi cercado e não ofereceu resistência. Após dezesseis anos foragido e já com 81 anos de idade, o lendário chefão do crime recebeu voz de prisão e foi algemado, tudo em questão de minutos. Tiger, o gato vira-lata, acabou se revelando a ruína de Bulger.

Ao término da semana, Whitey Bulger já estava de volta a Boston. A notícia da prisão de Bulger e Greig percorreu o mundo, com manchetes invadindo a internet, a TV e a primeira página de jornais por toda parte. Numa busca no apartamento de Whitey, os investigadores encontraram diversos esconderijos, buracos abertos nas paredes onde ele armazenava um arsenal e pilhas ordenadas de dinheiro totalizando mais de 800 mil dólares. A

matéria de capa do *New York Times* mostrava uma foto de delegacia de Whitey tirada pela Polícia de Boston em 1953, quando ele tinha 23 anos, após ser preso por roubo de carga de caminhões. A não ser pelos olhos calmos e frios, e pelos lábios finos, a versão jovem de Whitey guardava pouca semelhança com o velho careca de barba branca captado pelas novas fotografias que começaram a circular junto com as notícias.

As dúvidas sobre sua condição física e sua capacidade mental foram respondidas quando Bulger entrou escoltado no tribunal superlotado. Sua família o esperava — somente seu irmão Bill, que se encontrava na segunda fileira e sorriu para o irmão mais velho. Whitey acenou com a cabeça e fez “oi” com a boca. Os sobreviventes e parentes de suas vítimas de assassinato o aguardavam. “Seja lá o que ele esteja sentindo, hoje é um grande dia para minha família”, disse Shawn Donahue, cujo pai, Michael, foi assassinado junto com Brian Halloran em 1982 — duas acusações que pesavam contra Whitey. Shawn compareceu com sua mãe — a viúva — e os irmãos Tommy e Michael Jr. “Estou torcendo para ele apodrecer na prisão por um bom tempo”, afirmou Shawn aos repórteres. Também à espera de Bulger estava a juíza Marianne B. Bowler, que leu as mais de cinquenta acusações feitas contra ele em dois indiciamentos por formação de organização criminosa, incluindo dezenove homicídios. Whitey mostrou sua verve espirituosa dizendo à juíza que poderia pagar um advogado caso o governo lhe devolvesse o dinheiro confiscado.

Por fim, também à espera desse regresso histórico de Whitey Bulger a Boston para confrontar a justiça, estavam os dois primeiros promotores federais a perseguir o outrora intocável gângster duas décadas antes — Fred Wyshak e Brian T. Kelly. No início, Wyshak, Kelly e sua equipe de investigadores nunca imaginaram os obstáculos, o nível de profundidade da corrupção do FBI e o tempo que levaria para porem as mãos em Bulger.

Mas enfim conseguiram. Nesse dia, Whitey nada tinha a lhes dizer no tribunal. Mas nos meses seguintes Wyshak e Kelly teriam muito a dizer no tribunal, à medida que o processo federal por formação de organização criminosa avançava, sabendo perfeitamente que James J. “Whitey” Bulger Jr. nunca mais seria um homem livre.

FONTES

Desde 1987, escrevemos para o *Boston Globe* uma série de extensos artigos sobre a Máfia, os Bulger, John Connolly e o FBI de Boston. Este livro se baseia nas mais de 180 entrevistas conduzidas ao longo desses anos — entrevistas com funcionários em todos os níveis da lei e do governo, com Bill Bulger, com muitos moradores de South Boston e com uma série de figuras do submundo.

Além disso, recorreremos aos registros oficiais — notadamente, os depoimentos sob juramento de 46 testemunhas durante as audiências preliminares em 1998 perante o juiz federal Mark L. Wolf no caso de formação de organização criminosa intitulado *Estados Unidos versus Francis P. Salemme, James J. Bulger, Stephen Flemmi et al.*, no tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 94-10287. Wolf liberou um documento de 661 páginas (doravante referido como Wolf, “Memorandum and Order”), a maior parte dele dedicada às “averiguações de fatos” sobre a relação do FBI com Bulger e Flemmi. Mais recentemente, usamos as “averiguações de fatos” feitas pelos juízes Nancy Gertner, Reginald C. Lindsey e William G. Young, colegas de Wolf nos tribunais federais, que presidiram ações civis por morte injusta contra o governo federal, o FBI e diversos agentes.

As testemunhas nas audiências de Wolf incluíram ex-agentes do FBI e tantos outros na ativa, promotores públicos, funcionários do Departamento de Justiça e Stephen Flemmi. Os depoimentos tomaram cerca de 115 dias, espalhados ao longo de nove meses, e resultaram em 17 mil páginas de transcrições. As audiências de

Wolf representaram nada mais, nada menos que uma escavação judicial na história do FBI e de Bulger.

O uso de citações sem atribuição da fonte é uma exceção; quase sempre citamos os nomes.

O livro se baseia também em milhares de páginas de registros do governo outrora secretos, a maior parte do FBI, que foram revelados como parte das audiências perante o juiz Wolf. Além do mais, consultamos centenas de páginas de outros registros e documentos relativos aos irmãos Bulger, à Máfia e ao FBI, documentos acumulados durante o trabalho de reportagem.

Graças a entrevistas, registros do governo e depoimentos sob juramento, dispusemos de amplo material para reconstruir a história da ligação do FBI de Boston com Bulger e Flemmi. Mesmo assim, durante a feitura deste livro, tentamos conduzir novas entrevistas com diversos personagens-chave. Muitos dos que figuraram nesta história se mostraram dispostos a conversar conosco. Infelizmente, não foi o caso de John Connolly, John Morris, Jeremiah O'Sullivan e Bill Bulger, a despeito de nosso empenho em obter seus comentários sobre eventos específicos.

Também nos baseamos numa série de outros casos criminais e civis. Muitos deles incluíam conversas gravadas com autorização judicial que se tornaram a base para os diálogos do livro. Os principais casos são:

- *Estados Unidos v. Patrick McGonagle et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 79-111-MA; 79-112-MA; 79-113-MA.
- *Estados Unidos v. Howard T. Winter, James Martorano et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 79-42-MA.
- *Estados Unidos v. Gennaro Angiulo et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 83-235.

- *Thomas E. Finnerty v. Harold Brown*, Tribunal superior do condado de Suffolk, Massachusetts, ação cível 87-2479, junto com uma contra-alegação de Brown v. Finnerty.
- *Estados Unidos v. Paul E. Moore et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 90-10203.
- *Estados Unidos v. Edward J. MacKenzie et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 90-10204.
- *Estados Unidos v. Nicholas L. Bianco et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Connecticut, rol criminal H-90-18.
- *Estados Unidos v. Howard T. Winter*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 92-10008.
- *Estados Unidos v. Stephen M. Rakes*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 96-10131.
- *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 99-10371.
- *Estados Unidos v. John J. Connolly Jr., James Bulger aka “Whitey” e Stephen Flemmi*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 99-10428.
- *Emily McIntyre e Christopher McIntyre, e coadministradores da herança de John L. McIntyre v. Estados Unidos et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 01-10408.
- *Herdeiros de Brian Halloran v. Estados Unidos et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 01-11346.

- *Herdeiros de Michael Donahue v. Estados Unidos et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 01-10433.
- *Peter J. Limone et al. v. Estados Unidos*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 02-10890.
- *Herdeiros de Richard J. Castucci et al. v. Estados Unidos et al.*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 02-11312.
- *Anna M. Litif et al. v. Estados Unidos, John Morris, John Connolly, James Bulger e Stephen Flemmi*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 02-11791.
- *John E. Davis e Robert P. Davis v. Estados Unidos, John Morris, John Connolly, James Bulger e Stephen Flemmi*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 02-11911.
- *Marion Hussey v. Estados Unidos, John Morris, John Connolly, James Bulger e Stephen Flemmi*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol civil 03-10087.
- *Estado da Florida v. John J. Connolly Jr.*, na vara cível do décimo primeiro distrito jurisdicional em nome do condado de Miami-Dade, Flórida, rol criminal F01-8287D.

Usamos como base extensos *debriefings* obtidos de três membros-chave da gangue de Bulger ao se tornarem testemunhas para o governo na investigação de Bulger e do FBI.

- John Martorano: um sumário de 22 páginas dos *debriefings* de julho e novembro de 1998.
- Kevin P. Weeks: um Relatório de Investigação DEA-6 de 92 páginas datado de 18 de janeiro de 2002.

- Stephen Flemmi: um Relatório de Investigação DEA-6 de 146 páginas datado de 19 de novembro de 2003.

Também nos fundamentamos numa série de livros e artigos para obter informações sobre a Máfia, o FBI, a história de South Boston, a história de Boston e o uso de informantes.

BIBLIOGRAFIA

- BEATTY, Jack. *The Rascal King*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1992.
- BULGER, William M. *While the Music Lasts: My Life in Politics*. Boston: Houghton Mifflin, 1996.
- CHARNS, Alexander. *Cloak and Gavel: FBI Wiretaps, Bugs, Informers, and the Supreme Court*. Urbana: University of Illinois Press, 1992.
- GILLESPIE, C. Bancroft. *Illustrated History of South Boston*. South Boston: Inquirer Publishing Co., 1901.
- GOODWIN, Doris Kearns. *The Fitzgeralds and the Kennedys: An American Saga*. Nova York: Simon & Schuster, 1987.
- HALBERSTAM, David. *The Fifties*. Nova York: Ballantine Books, 1993.
- KEE, Robert. *Ireland: A History*. Boston: Little, Brown & Co., 1982.
- KESSLER, Ronald. *The FBI*. Nova York: Pocket Books, 1993.
- LUKAS, J. Anthony. *Common Ground: A Turbulent Decade in the Lives of Three American Families*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1985.
- MAAS, Peter. *Os segredos da Cosa Nostra*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- MACDONALD, Michael Patrick. *All Souls: A Family Story from Southie*. Boston: Beacon Press, 1999.
- MARX, Gary T. *Undercover: Police Surveillance in America*. Berkeley, CA: Twentieth Century Fund, 1988.
- NEFF, James. *Mobbed Up: Jackie Presser's High-Wire Life in the Teamsters, the Mafia, and the FBI*. Boston: Atlantic Monthly Press, 1989.

- O'CONNOR, Thomas H. *South Boston: My Home Town*. Boston: Quinlan Press, 1988.
- _____. *Bible, Brahmins, and Bosses: A Short History of Boston*. Boston: Trustees of the Public Library of the City of Boston, 1991.
- _____. *Boston Catholics: A History of the Church and Its People*. Boston: Northeastern University Press, 1998.
- O'NEILL, Gerard e Dick Lehr. *The Underboss: The Rise and Fall of a Mafia Family*. Nova York: St. Martin's Press, 1989.
- PILEGGI, Nicholas. *Wiseguy*. Nova York: Pocket Books, 1987.
- SAMMARCO, Anthony Mitchell. *Images of America: South Boston*. Dover, NH: Arcadia Publishing, 1996.
- SHANNON, William V. *The American Irish: A Political and Social Portrait*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2^a ed, 1989. Publicado pela primeira vez em 1963.
- SULLIVAN, William C. e Bill Brown. *The Bureau: My Thirty Years in Hoover's FBI*. Nova York: W. W. Norton, 1979.
- UNGAR, Sanford J. *FBI: An Uncensored Look Behind the Walls*. Boston: Atlantic Monthly Press/Little, Brown & Co., 1975.
- WATTERS, Pat e Stephen Gillers (orgs.). *Investigating the FBI*. Garden City, NY: Doubleday & Co., 1973.

ARTIGOS

- KLEINMAN, David Marc. “Out of the Shadows and into the Files: Who Should Control Informants?”, *Police*, vol. 3, nº 6, nov. 1980.
- LEE, Gregory D. (agente especial do FBI). “Drug Informants”, *FBI Law Enforcement Bulletin*, vol. 62, nº 9, set. 1993.
- MOUNT, Harry A. Jr. (agente especial do FBI). “Criminal Informants: An Administrator’s Dream or Nightmare”, *FBI Law Enforcement Bulletin*, vol. 59, nº 12, dez. 1990.
- REESE, James T. (agente especial do FBI, Unidade de Ciências Comportamentais, Academia do FBI, Quantico, VA). “Motivations of Criminal Informants”, *FBI Law Enforcement Bulletin*, vol. 49, nº 5, maio 1980.
- “Symposium: Perspectives on Organized Crime.” *Rutgers Law Journal*, vol. 16, nºs 3 e 4, primavera-verão 1985.

Por fim, salientamos que diversos mitos sobre Whitey Bulger e o FBI em Boston circularam localmente por um longo tempo; muitos deles foram examinados neste livro. Por vezes, essas histórias eram promovidas por alguns escritores locais — talvez devido a relações pessoais, talvez porque fosse mais fácil enxergar o acordo do FBI em termos simplistas e rudimentares. A realidade é muito mais complexa do que qualquer versão edulcorada. Felizmente, a maior parte dos jornalistas e escritores de Boston que cobriram a história não optou pela saída fácil. A maioria enfrentou o volumoso registro hoje disponível para o escrutínio público. De nossa parte, fizemos o melhor possível para nos orientar pelo peso da evidência — ou seja, nossas entrevistas e reportagens, os depoimentos sob juramento, os

registros do governo e as determinações judiciais. Se, no fim das contas, ainda assim erramos ocasionalmente em algum detalhe, não foi por falta de empenho em contar a história da forma mais fidedigna.

NOTAS

INTRODUÇÃO

Quase todo o material veio de nossa experiência com reportagens em primeira mão para a matéria inicial no *Boston Globe* em 1988, na qual se revelavam os laços de Whitey Bulger com o FBI e John Connolly. Material adicional foi extraído do livro de memórias de Billy Bulger, *While the Music Lasts: My Life in Politics* [Enquanto a música toca: minha vida na política], e de conversas grampeadas como parte do indiciamento de quase cinquenta pessoas num caso de tráfico de drogas em Boston ocorrido em 1990.

CAPÍTULO 1: 1975

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 20, 21, 24-28 de agosto e em 1, 2 e 15 de setembro de 1998; do agente aposentado do FBI H. Paul Rico, em 9, 13 e 14 de janeiro de 1998; do agente aposentado do FBI Dennis Condon, em 1, 4 e 5 de maio de 1998; as entrevistas públicas do agente aposentado do FBI John Connolly para o *Boston Globe* (1998), a rádio WBZ-AM (27 de outubro de 1998), a rádio WRKO-AM (24 de outubro de 1998), a revista *Boston* (novembro de 1998) e o *Boston Tab* (27 de outubro de 1998).

Para outras partes deste capítulo, particularmente o contexto histórico da cidade, a lei de transporte escolar obrigatório e as agências da lei, tomamos como base outro livro de nossa autoria, *The Underboss: The Rise and Fall of a Mafia Family* [O subchefe: ascensão e queda de uma família da Máfia], e a obra do historiador Thomas O'Connor *South Boston: My Home Town* [South Boston: minha cidade natal].

Para informação biográfica sobre Bulger, nós nos fundamentamos em reportagens e artigos prévios de nossa autoria no *Boston Globe*, publicados em setembro de 1988 e julho de 1998. As duas colunas do jornalista do *Globe* Jeff Jacoby intituladas “Busing’s Legacy” [Legado da lei de transporte escolar obrigatório] (6 e 7 de janeiro de 1999) forneceram uma análise acurada e um resumo da lei. A informação relativa ao assassinato de Tommy King veio do indiciamento suplementar com sigilo removido em 28 de setembro de 2000, em *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol

criminal 99-10371, e de artigos de jornal no *Boston Globe* e no *Boston Herald* a 22 de setembro de 2000.

Também contamos com documentos do governo e relatórios do FBI em nossa posse ou liberados como parte das audiências de Wolf. Em especial, usamos os relatórios do FBI sobre reuniões com Bulger no início da década de 1970 e com Flemmi durante a década de 1960, entre os quais relatórios liberados durante as audiências de Wolf como provas 20, 21, 24, 25, 28, 95, 97, 215, 217, 219 e 220.

O Manual de Operações Investigativas e Orientações do FBI, e as Diretrizes para Informantes da Procuradoria-Geral abordam as normas e os regulamentos relativos ao trato apropriado dos informantes criminosos por parte de agentes do governo.

A determinação do juiz Mark L. Wolf de 15 de setembro de 1999 pôs em pratos limpos uma série de fatos sobre a aliança inicial do FBI com Flemmi e Bulger. Em particular, é interessante notar que, sob juramento, Paul Rico negou ter ligado para Flemmi a fim de avisá-lo sobre seu indiciamento iminente. Mas o juiz determinou que, com base em toda a “evidência crível”, a negação de Rico “não era persuasiva” (“Memorandum and Order”, p. 95). “Flemmi recebeu uma ligação de Rico”, estabeleceu o juiz. Wolf também achava que Rico “ajudou e encorajou a fuga de um fugitivo, violando o Título 18 do Código dos Estados Unidos, seções 1073 e 2” (p. 94).

CAPÍTULO 2: SOUTH BOSTON

Entrevistas: as entrevistas de John Connolly em 1998 para as rádios WBZ-AM e WRKO-AM e para o *Boston Globe* (ver principais fontes para o capítulo 1).

As seções biográficas sobre William e James Bulger usaram dezenas de entrevistas para os artigos do *Boston Globe* sobre os irmãos, em 1988 e 1998.

Para a parte histórica, nós nos baseamos em: Michael Patrick MacDonald, *All Souls: A Family Story from Southie* [Todas as almas: a história de uma família de Southie]; William V. Shannon, *The American Irish: A Political and Social Portrait* [Os irlandeses americanos: um retrato político e social]; Thomas H. O'Connor, *Bible, Brahmins, and Bosses: A Short History of Boston* [A bíblia, as oligarquias e os chefões: uma breve história de Boston], *Boston Catholics: A History of the Church and Its People* [Católicos de Boston: uma história da Igreja e de seus fiéis] e *South Boston: My Home Town*; J. Anthony Lukas, *Common Ground: A Turbulent Decade in the Lives of Three American Families* [Terreno comum: uma década turbulenta nas vidas de três famílias americanas]; Doris Kearns Goodwin, *The Fitzgeralds and the Kennedys: An American Saga* [Os Fitzgerald e os Kennedy: uma saga americana]; Robert Kee, *Ireland: A History* [Irlanda: uma história]; Jack Beatty, *The Rascal King* [O rei dos malandros]; Gerard O'Neill e Dick Lehr, *The Underboss: The Rise and Fall of a Mafia Family*; além de artigos no *Boston Globe* e no *Boston Herald* sobre o assassinato de Donald Killeen, a prisão de Thomas Nee e a tentativa fracassada de William Bulger de fazer uma emenda à Constituição de Massachusetts para permitir a ajuda às escolas paroquianas.

Entrevista: John Martorano, outubro de 2011.

Documentos do FBI: relatórios sobre os esforços infrutíferos de Dennis Condon em recrutar James Bulger como informante em 1972; relatórios de John Connolly sobre as reuniões com James Bulger de 1975 a 1980. Relatório de Leo Brunnick sobre sua conversa telefônica com Brian Halloran em maio de 1982.

Documentos judiciais: o testemunho sob juramento de Dennis Condon nas audiências de Wolf, em 1 e 5 de maio de 1998; Wolf, “Memorandum and Order”.

O juiz Wolf abordou a questão de Stevie Flemmi contando ao FBI onde encontrar Frank Salemme em Nova York:

Tanto Flemmi como [Dennis] Condon negam que Flemmi tenha fornecido ao FBI informação que levasse à prisão de Salemme. No contexto de toda a evidência crível neste caso, parece que a alegação não está correta. De qualquer forma, a prisão de Salemme e o subsequente processo do atentado a bomba contra Fitzgerald acabaram sendo benéficos para Flemmi. Em 1970, Hugh Shields, correu no caso de homicídio de Bennett, foi julgado e absolvido. Em 1973, Salemme foi julgado pelo atentado a bomba contra Fitzgerald. Sob proteção do governo, Robert Daddeico foi uma testemunha importante. Daddeico testemunhou que Salemme participou do atentado. Daddeico alegou, contudo, ter mentido previamente quando disse que Flemmi também estava envolvido. Salemme foi condenado e, como resultado, passou os quinze anos seguintes na prisão (“Memorandum and Order”, p. 100-01).

CAPÍTULO 3: JOGO PESADO

Entrevistas: William Delahunt, antigo promotor do condado de Norfolk; John Kivlan, antigo promotor do condado de Norfolk; Matthew Connolly, antigo promotor do condado de Norfolk; e uma breve entrevista com a antiga executiva da companhia de empréstimos, Rita Tobias.

Documentos policiais: relatórios dos detetives do Departamento de Polícia de Quincy sobre inquirições com uma garçonete, em 22 de abril de 1983, a respeito de ligações da mídia relativas a Delahunt, e, em 9 de maio de 1983, a respeito de uma visita que ela recebera de Stephen Flemmi. Outro relatório do Departamento de Polícia de Quincy, em 14 de maio de 1983, entrevista com um chef de restaurante que recebeu visita de agentes do FBI.

Documentos do FBI: diversos relatórios em 1976 e 1977 referentes ao relato de Francis Green sobre tentativa de extorsão feita por James Bulger e outros no próprio restaurante de Green.

Artigos publicados em jornal: diversos relatos do *Boston Globe* e do *Boston Herald* sobre os julgamentos por homicídio de Thomas Sperrazza e Myles J. Connor Jr. de 1979 a 1985.

CAPÍTULO 4: TREINANDO A ESQUIVA

Principais fontes: os testemunhos sob juramento nas audiências de Wolf com Stephen Flemmi, em 20, 21, 24-28 de agosto e 1, 2 e 15 de setembro de 1998; o agente aposentado do FBI John Morris, em 21 de abril de 1998; Paul Rico, em 13 de janeiro de 1998; e o agente do FBI James P. Darcy Jr., em 28 e 29 de setembro de 1998; Wolf, “Memorandum and Order”.

Para informações sobre a história da Máfia na região de Boston, nós nos baseamos no livro *The Underboss*, de nossa autoria. Para informações sobre o trato com informantes criminosos, usamos sobretudo o Manual de Operações Investigativas e Orientações do FBI; entrevistas prévias com funcionários do Departamento de Justiça; David Marc Kleinman, “Out of the Shadows and into the Files: Who Should Control Informants?” [Fora das sombras e dentro dos arquivos: quem deve controlar os informantes?]; entrevistas de 1998 com o agente aposentado do FBI Robert Fitzpatrick; e Gary Marx, *Undercover: Police Surveillance in America* [Disfarce: a vigilância policial na América]. Em seu livro *FBI: An Uncensored Look Behind the Walls* [FBI: um olhar sem censura por trás dos muros], Sanford J. Ungar fornece uma visão geral útil da história do FBI e foi a fonte para casos de truques sujos dos agentes. O livro de Watters e Gillers, *Investigating the FBI* [Investigando o FBI], foi então de grande valia.

Também tomamos por base as entrevistas de John Connolly em 1998 para as rádios WBZ-AM e WRKO-AM. Em 12 de fevereiro de 1999, enviamos uma carta a Jack Kerner, da Melotone Vending, Inc., requisitando entrevista. Ele não respondeu à carta, bem como não retornou as diversas ligações que fizemos.

Além disso, nos guiamos pelos relatórios do FBI sobre reuniões com Bulger e Flemmi durante a década de 1970, entre os quais relatórios que obtivemos e documentos liberados durante as audiências de Wolf como provas 30, 40, 41 e 68.

É interessante notar que, embora a comunicação de crimes feita por informantes seja vista como um princípio central das diretrizes para informantes, Boston não era a única a interpretar essa disposição em termos estreitos. Na prática, as divisões do FBI agiam como se a exigência se referisse apenas a prisões efetivas ou a indiciamentos de um informante; as divisões raramente notificavam a sede sobre a atividade criminosa “suspeita” de um informante, se é que o fizeram alguma vez.

O juiz Wolf enfatizou a autonomia do FBI em decidir autorizar a atividade criminosa de um informante: “Em 1977, o Memorando Levi tratou expressamente da questão da autorização como exclusiva da alçada do FBI.” (“Memorandum and Order”, p. 124) Wolf enfatizou também que denunciar o crime não autorizado de um informante era fundamental, mas que em Boston a exigência foi “regularmente ignorada com respeito a Bulger e Flemmi” (p. 125).

Em Boston, deliberou Wolf, “as diretrizes foram ignoradas desde o princípio” (p. 128). Pesados todos os fatos, “no que diz respeito a Flemmi e Bulger, as exigências das diretrizes foram ignoradas ou tratadas como um aborrecimento burocrático [...]. A evidência indica ainda que o Quartel-General do FBI não supervisionou efetivamente a implementação das diretrizes” (p. 129-30).

Na averiguação dos fatos, Wolf estabeleceu que Rico vazara para Flemmi o indiciamento iminente, fato que o próprio Flemmi admitira em testemunho sob juramento.

Sobre o incidente da Melotone, o juiz Wolf deliberou que “Connolly intimidou os executivos da National Melotone para que não prestassem queixa de que Bulger e Flemmi vinham

extorquindo os clientes da empresa de máquinas de venda automática” (p. 17). E escreveu em sua averiguação dos fatos:

Diversos funcionários da National Melotone, uma companhia de máquinas de venda automática, tentaram levar o FBI a investigar Flemmi, Bulger e seus comparsas por lançarem mão de ameaças de violência para fazer com que as máquinas de venda automática da empresa fossem substituídas por máquinas da National Vending Company, de Flemmi e Bulger. Em vez de investigar a informação, levá-la ao conhecimento da polícia local ou advertir qualquer outro, com exceção talvez de Morris [...] Connolly teve sucesso em proteger Flemmi e Bulger. Mais especificamente, Connolly alegou que, se houvesse investigação das alegações, os executivos da National Melotone e suas famílias correriam grande perigo, exigindo sua participação no Programa de Proteção à Testemunha do governo federal, bem como realocação [...]. Isso dissuadiu os representantes da National Melotone de formalizar a acusação. Mesmo assim, Connolly contou para Bulger e Flemmi sobre o problema (p. 134-35).

CAPÍTULO 5: APOSTAS LUCRATIVAS

Principais fontes: os testemunhos de Stephen Flemmi, sob juramento, nas audiências de Wolf em 20, 25 e 28 de agosto e em 1 e 2 de setembro de 1998; de John Morris, em 21, 22 e 24 de abril de 1998; do agente aposentado do FBI Nicholas Gianturco, em 15 de janeiro e 20 de abril de 1998; Wolf, “Memorandum and Order”.

Entrevistas: Anthony P. Ciulla, em janeiro de 2000; uma série de entrevistas retrospectivas conduzidas em relação aos nossos artigos no *Boston Globe* sobre Bulger em 1988 e 1998; transcrições de conversas gravadas pelo FBI em 1981, no número 98 da Prince Street, Boston.

Nós contamos com relatórios do FBI sobre encontros a que Bulger e Flemmi compareceram durante o fim dos anos 1970, entre os quais relatórios que obtivemos e documentos liberados durante as audiências de Wolf como provas 5, 30, 35, 41, 60, 65-68, 70, 71 e 78. Para as informações sobre o *bookmaker* Chico Krantz, usamos arquivos do governo e os artigos do *Globe*.

Também tiramos informações de nossa entrevista de 1988 com Jeremiah T. O’Sullivan e de sua declaração em 1997 ao Gabinete de Responsabilidade Profissional do Departamento de Justiça, na qual ele negou saber que Bulger e Flemmi eram informantes do FBI durante a investigação dos páreos arranjados. É interessante notar que o juiz Wolf constatou que a posição de O’Sullivan era falaciosa: “Morris e Connolly contaram a O’Sullivan que Flemmi e Bulger eram informantes do FBI” (“Memorandum and Order”, p. 140). Wolf comentou também que a reunião entre os agentes e O’Sullivan “violou a política do FBI” (p. 141). Além do mais, o juiz determinou que era falso o relatório subsequente de Morris para a sede do FBI, no qual explicava por

que Bulger não fora indiciado — que não se preparara nenhum caso passível de processo. “Na verdade, Bulger e Flemmi não foram processados no caso dos páreos arranjados porque Connolly, Morris e O’Sullivan decidiram que seu valor como informantes excedia a importância de processá-los” (p. 142-43).

CAPÍTULO 6: GANGUE DE DOIS?

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi durante as audiências de Wolf em 20, 25 e 26 de agosto de 1998; e de John Morris, em 21-23, 27, 29 e 30 de abril de 1998; em 1981, um depoimento sob juramento dado por Rick Fraelick, da Polícia Estadual de Massachusetts, no intuito de obter autorização judicial para vigilância eletrônica; os registros da vigilância preparados pelos policiais estaduais observando a oficina na Lancaster Street na primavera de 1980; as entrevistas de John Connolly em 1998 para as rádios WBZ-AM e WRKO-AM, bem como para o *Boston Globe*.

Além disso, nós nos fundamentamos em relatórios do FBI sobre reuniões com Bulger e Flemmi durante o início da década de 1980, entre os quais relatórios obtidos e documentos liberados durante as audiências de Wolf como provas 1-10, 50, 51, 63, 64, 69, 72-74, 78, 82, 87-89, 223 e 231.

Também usamos entrevistas com o tenente-coronel aposentado da Polícia Estadual de Massachusetts John O'Donovan e com o detetive aposentado Robert Long, bem como uma série de entrevistas retrospectivas que fizemos em função de nossos artigos de 1988 e 1998 sobre Bulger e o FBI.

CAPÍTULO 7: TRAIÇÃO

Documentos judiciais: os testemunhos sob juramento de John Morris na audiência de Wolf, em 21-23, 27 e 30 de abril de 1998; de Stephen Flemmi, em 20, 25 e 26 de agosto de 1998; e do agente aposentado do FBI Lawrence Sarhatt, em 7 de janeiro de 1998.

Entrevistas: na investigação da oficina na Lancaster Street e nas relações com o FBI, com o detetive aposentado da Polícia Estadual de Massachusetts Robert Long, o tenente-coronel aposentado da Polícia Estadual de Massachusetts John O'Donovan e uma breve entrevista com Lawrence Sarhatt; extensas entrevistas retrospectivas com detetives da Polícia Estadual de Massachusetts e um promotor do condado de Suffolk, para artigos sobre os irmãos Bulger publicados no *Boston Globe* em 1988.

Documentos do FBI: os documentos das audiências de Wolf incluem as provas 1-10, 50, 51, 62-64, 69, 72-74, 82, 87, 88 e 231.

Artigos publicados em jornal: os artigos do *Globe* em julho de 1981 sobre uma emenda ao orçamento do Senado Estadual afetando a Divisão de Inteligência Criminal da Polícia Estadual de Massachusetts.

Documentos policiais: o depoimento sob juramento submetido em 1981 pela Polícia Estadual de Massachusetts no intuito de obter autorização judicial para usar escuta eletrônica em James Bulger e Stephen Flemmi.

CAPÍTULO 8: O MATADOR DE ALUGUEL DA PRINCE STREET

Documentos judiciais: transcrições do registro diário de conversas dentro do quartel-general da Máfia no número 98 da Prince Street, de janeiro a maio de 1981; depoimento sob juramento do agente do FBI Edward Quinn, fornecido em 1995 a respeito das fitas da Prince Street, 98, sobre as atividades de James Bulger e Stephen Flemmi; testemunho sob juramento de Stephen Flemmi durante as audiências de Wolf, em 20, 25 e 27 de agosto de 1998.

Artigos publicados em jornal: diversos artigos no *Boston Globe* e no *Boston Herald* sobre o assassinato dos irmãos Bennett, em 1967, 1968 e 1985; artigos no *Globe* em 1986 sobre objeções do réu Gennaro Angiulo ao estatuto de formação de organização criminosa.

Livros: O'Neill e Lehr, *The Underboss*.

Documentos do FBI: documentos liberados nas audiências de Wolf como provas 50, 51 e 73 sobre os relatórios de John Connolly referentes aos negócios de James Bulger e Stephen Flemmi com os chefes da Máfia no número 98 da Prince Street.

Documentos policiais: depoimento sob juramento de 1981 submetido pela Polícia Estadual de Massachusetts no intuito de obter autorização judicial para usar escuta eletrônica em James Bulger e Stephen Flemmi.

CAPÍTULO 9: BOA MESA, BOM VINHO, DINHEIRO SUJO

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf em 20, 25 e 26 de agosto de 1988; de John Morris, em 21-23, 27, 29 e 30 de abril de 1998; do agente aposentado do FBI Jim Ring, em 5, 8-11, 15 e 22 de junho e em 18 e 22 de setembro de 1998; do agente do FBI John Newton, em 22 de maio e 2 de junho de 1998; de Nick Gianturco, em 15 e 20 de janeiro e em 20 de abril de 1998; de Teresa Stanley, em 16 de setembro de 1998; de Debbie Morris, em 22 de setembro de 1998; entrevistas de John Connolly em 1998 para as rádios WBZ-AM e WRKO-AM, e para os periódicos *Boston Globe* e *Boston Tab*; Wolf, “Memorandum and Order”.

Também nos baseamos em relatórios do FBI sobre encontros com Bulger e Flemmi, de 1980 até a primavera de 1983; em documentos do divórcio de John Connolly, vara de sucessões do condado de Norfolk, 82MO351-DI; inquirição de 1998 feita com Rebecca Morris pelo Gabinete de Responsabilidade Profissional do Departamento de Justiça; entrevistas com o supervisor aposentado do FBI Robert Fitzpatrick; e diversas entrevistas retrospectivas que realizamos para matérias de 1988 e 1998 sobre Bulger e o FBI.

Quanto à propina que Morris recebeu de Bulger, é interessante notar que, em entrevistas à imprensa em 1998, John Connolly negou ter entregado qualquer dinheiro a Debbie Noseworthy. No entanto, o juiz Wolf determinou que

Morris solicitou e recebeu, por intermédio de Connolly, mil dólares de Bulger e Flemmi [...]. Recordando a oferta comunicada por meio de Connolly, ele [Morris] perguntou a Connolly se Bulger e Flemmi forneceriam os fundos necessários para adquirir uma passagem de avião para sua secretária. Em seguida, Connolly deu à secretária de Morris um

envelope com mil dólares em dinheiro, que Morris sabia provir de Bulger e Flemmi [...]. Esta corte entende que a versão de Morris está correta (p. 19, 166-67).

Quanto aos jantares, Wolf deliberou que

o momento desses jantares dá a entender que frequentemente aconteciam para comemorar o progresso da relação do FBI com Bulger e Flemmi [...]. Nesses jantares, às vezes os agentes trocavam presentes com Bulger e Flemmi. Embora os procedimentos do FBI exigissem que todo contato com informantes fosse registrado, há apenas um relatório, de 1979, refletindo assuntos discutidos durante essas ocasiões. Não existe documentação de trocas de presentes (p. 5-6).

Em referência à omissão do FBI em olhar os relatórios sobre a criminalidade de Bulger e Flemmi, Wolf determinou que, “em 1979 e no início de 1980, informantes relataram ao FBI que Bulger e Flemmi estavam envolvidos em outras atividades criminais, entre as quais jogo ilegal e tráfico de cocaína. Essas alegações também não foram investigadas” (p. 144). Pouco antes o juiz notara que “o FBI não investigou nem revelou tal informação para nenhuma outra agência da lei porque Connolly e Morris estavam ‘ansiosos demais’ em continuar a receber a ‘valiosa’ assistência de Bulger e Flemmi na investigação da Máfia, para a qual, a essa altura, Morris destacara todos os membros de seu Esquadrão de Crime Organizado” (p. 143).

O juiz mencionou também a influência cada vez maior de Connolly no escritório do FBI, constatando que, quando outros agentes do FBI “recebiam informações confiáveis sobre atividades criminosas em que Bulger e Flemmi estavam envolvidos, consultavam Connolly e depois não procediam a nenhuma investigação” (p. 194).

Vale a pena notar também que em seus “memorandos de justificativa” do fim de 1980 e início de 1981, John Connolly mencionou um segundo caso em que Bulger supostamente

salvou a vida de um agente do FBI. A dinâmica em ação no segundo exemplo reflete a dinâmica do primeiro episódio envolvendo o agente Nick Gianturco. Mais uma vez, Connolly parece pegar uma pequena informação e distorcê-la em benefício de Bulger. No memorando de 1980 que Connolly recebeu ordens de redigir para justificar a manutenção de Bulger e Flemmi como informantes do FBI, o ex-agente recordou que em 1977 Bulger lhe contara sobre um plano para matar o agente Billy Butchka, que, na época, se passava por comprador de pinturas e joias roubadas de uma quadrilha. Connolly escreveu que Bulger “por conta própria conseguiu impedir os possíveis matadores de aluguel de tomar alguma medida contra Butchka”.

Assim como Gianturco, tempos depois Butchka defendeu a versão de Connolly até certo ponto. Numa entrevista por telefone em 1998, Butchka nos contou que “eu atesto que estava trabalhando sob disfarce e que de fato recebi uma ligação informando que alguém ia me matar, e mais tarde soube que a dica veio de um dos informantes de John Connolly. Basicamente, é só isso que eu sei a respeito”. Butchka disse que não conseguia mais lembrar o nome do agente que o advertiu ou o nome dos ladrões que supostamente estariam atrás dele.

Mas, assim como no caso de Gianturco, outros agentes-chave que participaram da investigação do roubo de arte contradizem o cenário salvador pintado por Connolly. Quando chegaram ao tribunal, os autos do caso não continham a suposta ameaça à vida de Butchka, tampouco ela foi comentada nas audiências de fiança ou nas disposições finais. “Não me lembro de ele [Butchka] ser ameaçado alguma vez”, declarou Michael Collora durante entrevista por telefone em 1998. Collora, hoje advogado particular, foi o promotor federal que cuidou da quadrilha onde Butchka se infiltrara. (Em 1998, ele chegou a ter John Morris como cliente.) Collora afirmou: “Eu teria sabido de qualquer

ameaça, porque a gente precisaria ter decidido se era necessário tirar o cara de lá, e isso nunca aconteceu.”

CAPÍTULO 10: HOMICÍDIO S/A

Documentos judiciais: os testemunhos sob juramento de John Morris nas audiências de Wolf, em 22, 24, 27 e 29 de abril de 1998; de Stephen Flemmi, em 26 e 28 de agosto e 1 de setembro de 1998; do ex-promotor federal pelo estado de Massachusetts William Weld, em 26 e 27 de maio de 1998; do agente aposentado do FBI Robert Fitzpatrick, em 17 e 18 de agosto de 1998; de James Ring, em 10 e 11 de junho.

Outros documentos: sumário das inquirições com John Martorano, de julho a novembro de 1998, para avaliar sua adequabilidade como testemunha para o governo. Ele depôs contra John Connolly em dois julgamentos.

Um sumário das inquirições com Kevin Weeks completadas em 18 de janeiro de 2002, após o gângster se tornar testemunha do governo.

Entrevistas: detetive de homicídios de Tulsa Michael Huff; agentes aposentados do FBI Robert Fitzpatrick, James Ring e Gerald Montanari; sob anonimato, um promotor a respeito da decisão de Jeremiah O'Sullivan de não permitir a entrada de Brian Halloran no programa de proteção à testemunha; Maureen Caton, prima de Brian Halloran; sob anonimato, um ex-investigador de polícia a respeito dos homicídios de Louis Litif e George Pappas; sob anonimato, um detetive da Polícia Estadual de Massachusetts a respeito do assassinato de Roger Wheeler (numa entrevista retrospectiva de 1988); sob anonimato, entrevista de 1998 com um executivo da Boston Edison sobre a contratação de John Connolly em 1990.

Artigos publicados em jornal: em 1981, artigos sobre o assassinato de Roger Wheeler publicados no *New York Times*, no *Wall Street Journal* e no *Boston Globe*; matérias no *Globe* e

no *Boston Herald* sobre os assassinatos de George Pappas, Brian Halloran e John Callahan e sobre o julgamento por homicídio de James Flynn; em 1997, um extenso artigo no *Hartford Courant* sobre os assassinatos na World Jai Alai e sobre o escritório do FBI em Boston.

Documentos do FBI: um extenso relatório datado de 23 de fevereiro de 1982 sobre o *debriefing* de seis semanas conduzido pelos agentes com Brian Halloran, além de outros documentos liberados nas audiências de Wolf como provas 47, 52-55, 83, 91, 155, 157, 225 e 226; relatórios de John Connolly em outubro e dezembro de 1981 e em abril e maio de 1982 com informações dadas por Bulger e Flemmi sobre o perigo que a Máfia de Boston representava para Halloran; e o relatório do agente Leo Brunnick, de maio de 1982, sobre sua última conversa com Halloran.

O juiz Wolf tratou do papel do FBI nos homicídios da World Jai Alai:

Morris levou Connolly a dizer a Flemmi e Bulger que Brian Halloran estava fornecendo ao FBI informações que os implicavam no assassinato de Roger Wheeler. Halloran foi morto logo depois. Morris acreditava que Bulger e Flemmi eram os responsáveis. Quando Halloran foi assassinado, Connolly preparou um relatório do informante 209 afirmando que Flemmi relatou que “os mafiosos em Charlestown” tinham ouvido dizer que Halloran vinha cooperando com a Polícia Estadual de Massachusetts e, portanto, tinha motivo para matá-lo. De modo similar, pouco antes John Callahan, outro comparsa de Bulger e Flemmi implicado na investigação de Wheeler, foi assassinado em Miami em 1983 [sic], Connolly preparou um 209 afirmando que Flemmi informara que Callahan estava tentando evitar um grupo de cubanos “muito mau”. Flemmi e Bulger permanecem como suspeitos nas investigações de homicídio ainda abertas de Wheeler, Halloran e Callahan (“Memorandum and Order”, p. 84).

Embora John Connolly negasse ter informado James Bulger sobre a tentativa de Halloran de se tornar informante do FBI, Wolf

foi de parecer contrário: “Além do mais, quando Brian Halloran se tornou potencial testemunha contra Bulger e Flemmi na investigação de homicídio de Wheeler, Morris contou a Connolly. E, como previa Morris, Connolly contou a Bulger e Flemmi. Várias semanas mais tarde, Halloran foi assassinado” (p. 163).

Wolf também tocou na questão do índice de arquivamento do FBI.

Com uma exceção, os muitos relatórios contendo as acusações de Halloran contra Bulger e Flemmi não foram devidamente catalogados com referência a seus nomes. Assim, esses documentos não foram encontrados ou considerados pelos oficiais do Departamento de Justiça que, devido a este caso, foram designados em julho de 1997 a revisar as alegações que haviam sido feitas pelos informantes e testemunhas contra Bulger e Flemmi (p. 173).

No caso *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*, o depoimento sob juramento de Thomas B. Duffy — dado em novembro de 1999 a favor da prisão preventiva dos réus Kevin J. Weeks e Kevin P. O’Neil — mencionou o assassinato de Brian Halloran. Cerca de um ano após o assassinato de Roger Wheeler, “Bulger e Flemmi ficaram sabendo que um morador de Boston, Brian Halloran, estava fornecendo informações ao FBI a respeito do homicídio de Wheeler. Bulger, Flemmi e outros executaram Halloran a tiros na área à beira-mar de South Boston” (p. 12).

CAPÍTULO 11: BULGERTOWN, EUA

Principais fontes: os *debriefings* para o governo de dois comparsas-chave da gangue de Bulger após se tornarem testemunhas na investigação de Bulger e do FBI: o Relatório de Investigação DEA-6 de Kevin P. Weeks, com 92 páginas, datado de 18 de janeiro de 2002; o Relatório de Investigação DEA-6 de Stephen Flemmi, com 146 páginas, datado de 19 de novembro de 2003; os testemunhos sob juramento de Julie Rakes, Joseph Lundbohm, Jean Miskel, Jamie Flannery e Richard Bergeron no julgamento por perjúrio e obstrução da justiça de Stephen M. Rakes, *Estados Unidos v. Stephen M. Rakes*; o testemunho sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 26 de agosto de 1998; de Jim Ring, em 22 de setembro de 1998; e de Teresa Stanley, em 16 de setembro de 1998; as entrevistas de 1998 dadas por John Connolly para o *Boston Globe* e o *Boston Herald* durante o julgamento de Rakes; Wolf, “Memorandum and Order”; *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*; *Estados Unidos v. John Connolly Jr., James Bulger aka “Whitey”, e Stephen Flemmi*; relatórios do FBI sobre reuniões com Bulger e Flemmi de 1981 até o início de 1984; entrevistas relacionadas a artigos sobre Bulger e o FBI publicadas no *Boston Globe* em 1990 e 1998.

É interessante notar que, em entrevistas à imprensa em 1998, John Connolly afirmou jamais ter conversado com Bulger sobre os Rakes. Em testemunho sob juramento, Stephen Flemmi afirmou acreditar que Connolly avisara Bulger, lhe dera um “toque”, de modo que Bulger pudesse advertir os Rakes.

Em sua deliberação de 1999, o juiz Wolf concluiu:

Connolly recebeu informações bem confiáveis relativas a uma extorsão em andamento por parte de Bulger e Flemmi. Violando a política e os procedimentos do FBI, Connolly não registrou a informação nem a revelou a seu supervisor, como exigido pelas diretrizes do FBI. Tampouco tentou obter depoimento das vítimas ou conduzir mais alguma investigação. Em vez disso, contou a Bulger sobre as acusações (“Memorandum and Order”, p. 181).

Após a condenação por perjúrio em 1998, Stephen Rakes decidiu cooperar com os promotores federais. Durante o fim de 1998 e em 1999, testemunhou perante o grande júri federal que indiciou Kevin Weeks e Kevin O’Neil em novembro de 1999. As acusações de formação de organização criminosa contra os dois incluíam a usurpação da loja de bebidas dos Rakes. Em troca de sua cooperação, Rakes foi poupado da prisão quando recebeu a sentença, em 22 de novembro de 1999. Rakes declarou ao juiz que sentia um “grande remorso” por mentir duas vezes para grandes júris anteriores. Ficou sob liberdade condicional durante dois anos.

Vale a pena observar diversos outros pontos na questão dos Rakes. O primeiro deles é que o detetive da Polícia de Boston Joseph Lundbohm acabou ele próprio entrando em apuros com a lei; foi condenado em 1990 por aceitar suborno para proteger operações de jogo da Máfia. Além disso, a aparente política do FBI de “fechar os olhos” em relação a Whitey Bulger também cobria questões sem importância. Quando a loja de bebidas foi usurpada, o agente do FBI James J. Lavin III foi notificado por um fotógrafo do *Boston Globe*, Joe Runci, sobre melhorias incomuns sendo feitas no ponto. Runci forneceu ao FBI fotografias que mostravam funcionários municipais instalando *guard rails* na propriedade particular. Durante as audiências de Wolf, Lavin testemunhou que o trabalho de construção de empregados municipais representava um possível caso de corrupção pública.

Lavin afirmou que contou sobre as fotografias a John Morris, que por sua vez lhe disse para “mostrar a John Connolly”.

Lavin afirmou que procurou Connolly e lhe explicou a situação; Connolly lhe perguntou: “O que você vai fazer com isso?” Lavin declarou então que Connolly lhe contou que Bulger fornecera “informações valiosas para o bureau”. Lavin disse que, pela resposta de Connolly, era possível inferir que o agente estava sugerindo para deixar o assunto morrer, e foi o que Lavin fez. Ele testemunhou que ficou com as fotografias na gaveta da mesa no escritório de Boston do FBI e nunca chegou a redigir um relatório. “Não fiz nada com aquilo”, declarou em 6 de maio de 1998. As fotografias ficaram em sua mesa até as audiências de Wolf em 1998. Durante o testemunho, Lavin admitiu que era incomum — uma quebra do procedimento-padrão — deixar as fotos em sua mesa e não escrever um relatório. “Em retrospecto, eu deveria ter posto [as fotos] no arquivo.” Além do mais, Lavin disse que, pouco depois da reunião com Connolly, ele soube que os *guard rails* tinham sido derrubados. Foi uma guinada que encerrou a história espelhando a experiência dos Rakes — todos os caminhos levavam a Bulger.

Lavin testemunhou que ficou surpreso ao saber dos *guard rails*. “Era possível que alguém tivesse ligado para o senhor Bulger, ou talvez tenha sido coincidência. Achei bem estranho.” Ele declarou não saber se Connolly alertara Bulger. “Pode ter sido isso, sabe? Só que eu não faço ideia.”

CAPÍTULO 12: O MITO BULGER

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 20, 24, 26-28 de agosto e em 2 de setembro de 1998; de John Morris, em 21-23, 27, 29 e 30 de abril de 1998; de Jim Ring, em 10 de junho e 22 de setembro de 1998; do agente do FBI James R. Blackburn Jr., em 7 e 22 de maio de 1998; do agente aposentado do FBI Roderick Kennedy, em 14 de abril de 1998; do agente da DEA Stephen Boeri, em 14, 15, 18 e 19 de maio de 1998; do agente da DEA Al Reilly, em 20 de maio de 1998; do ex-promotor federal assistente Gary Crossen, em 11 e 12 de maio de 1998; do ex-promotor federal por Massachusetts William Weld, em 26 e 27 de maio de 1998; do ex-detetive Richard Bergeron, da Polícia de Quincy, em 3 e 4 de junho de 1998; do ex-agente encarregado da DEA em Boston Robert Stutman, em 15 de abril de 1998; do ex-agente encarregado do FBI em Boston James Greenleaf, em 8 de janeiro de 1998; de Teresa Stanley, em 16 de setembro de 1998; Wolf, “Memorandum and Order”.

Além disso, usamos as entrevistas de John Connolly em 1998 para as rádios WBZ-AM e WRKO-AM, bem como para os periódicos *Boston Globe* e *Boston Tab*. Para o histórico sobre a Operação Feijão, usamos uma série de relatórios de investigação internos, particularmente os registros de vigilância mantidos pelo Departamento de Polícia de Quincy de 1983 a 1985 e os depoimentos sob juramento da DEA justificando a tentativa da agência de obter autorização judicial para tentar usar vigilância eletrônica de Bulger e Flemmi. Para as informações sobre a cooperação de John McIntyre, usamos uma transcrição de 48 páginas de seu *debriefing* com a Polícia de Quincy e a DEA, em 14 de outubro de 1984. Para informações sobre o pôster

antidrogas na loja de bebidas e a imagem de Bulger em South Boston, nós nos baseamos nas memórias de Michael Patrick McDonald, *All Souls*, de 1999. Os dados sobre sepultamento de vários corpos vieram do indiciamento suplementar liberado em 28 de setembro de 2000, em *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O'Neil*, Tribunal distrital federal dos Estados Unidos, Distrito de Massachusetts, rol criminal 99-10371, e de artigos publicados no *Boston Globe* e no *Boston Herald* em 22 de setembro de 2000.

Foram usados vários relatórios internos do FBI, muitos deles sobre as atividades de Bulger no tráfico de drogas. Entre os documentos do FBI constam os que foram liberados nas audiências de Wolf como provas 11, 12, 14, 19, 45, 48, 63, 88, 89, 91, 102, 104-107, 133, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 164, 173, 175, 176, 178, 179, 233, 237, 254, 255, 257 e 258.

Também nos baseamos em numerosas entrevistas conduzidas para compor artigos publicados em 1988 e 1998 no *Boston Globe* sobre Bulger e o FBI. Diversas outras matérias do *Globe* relativas às drogas em Southie tiveram grande utilidade, especificamente artigos de Brian MacQuarrie publicados em 5 de março e 16 de abril de 1997, e em 27 de dezembro de 1999, e um de Charles Stein publicado na revista dominical do *Globe* em 13 de dezembro de 1998.

É interessante notar que, durante as audiências de Wolf em 1998, Flemmi testemunhou que o supervisor do FBI John Ring foi quem ligou para avisar Bulger e Flemmi sobre o grampo no telefone de George Kaufman: “Soube por ele em dezembro de 1984. Foi um telefonema para a casa da minha mãe. Uma conversa muito, muito breve. Era Jim Ring dizendo que iam colocar uma escuta no telefone de George Kaufman, e também no meu, e eles me avisaram disso.” De sua parte, Ring testemunhou que a acusação “absolutamente falsa” de Flemmi era uma tentativa de jogar a corrupção de Connolly e Morris no

FBI para cima dele. Em sua averiguação dos fatos, o juiz Wolf determinou

que isso é um assunto sobre o qual a corte acha que o depoimento de Flemmi é em parte preciso e em parte falso. Mais especificamente, a evidência direta crível e a evidência circunstancial prova que Bulger e Flemmi foram alertados sobre a investigação, de modo geral, e sobre a vigilância eletrônica, de modo particular. Porém, foi Connolly, e não Ring, quem lhes passou essa informação (“Memorandum and Order”, p. 215).

Wolf achou que Connolly vazava constantemente informações sobre a Operação Feijão e afirmou que “munido de informação fornecida por colegas [...] Connolly contribuiu para assegurar que os esforços da DEA seriam malogrados ao alertar Bulger e Flemmi sobre a investigação, de modo geral, e sobre a vigilância eletrônica, de modo particular” (p. 197). No que se refere ao *Valhalla*, os investigadores na época do incidente declararam que não tinham evidência suficiente para acusar Bulger e Flemmi. Mas, após extensa sindicância, Patrick Nee e Joseph Murray, de Charlestown (parceiros de Bulger), foram condenados no esquema de contrabando de armas. Quanto ao desaparecimento de John McIntyre, o juiz Wolf comentou na averiguação dos fatos: “A evidência suscita a suspeita de que Connolly também contou a Bulger e Flemmi sobre John McIntyre, que vinha fornecendo informações sobre eles e seus comparsas, e desapareceu cerca de seis semanas após o FBI saber de suas alegações” (p. 175). Connolly negou vazar para Bulger e Flemmi a identidade do auspicioso informante.

CAPÍTULO 13: ALIANÇA DO CRIME

Principais fontes: os testemunhos de Stephen Flemmi, sob juramento, nas audiências de Wolf, em 20, 26-28 de agosto e em 2 de setembro de 1998; de John Morris, em 23, 27 e 29 de abril de 1998; de Jim Ring, em 9-11 de junho de 1998; de Dennis Condon, em 1 e 5 de maio de 1998; e de John Newton, em 22 de maio de 1998; Wolf, “Memorandum and Order”.

Também usamos as declarações de John Connolly, Dennis Condon e Rebecca Morris ao Gabinete de Responsabilidade Profissional do Departamento de Justiça durante o verão de 1997, bem como as entrevistas de Connolly em 1998 para o *Boston Globe*, as rádios WBZ-AM e WRKO-AM, a revista *Boston* e o periódico *Boston Tab*.

Usamos relatórios do FBI sobre encontros com Bulger e Flemmi durante meados dos anos 1980; para informação de contexto sobre o caso envolvendo o ex-agente do FBI Dan Mitrone, recorremos a artigos no *Miami Herald* de 15 e 16 de março de 1985, 3 e 5 de outubro de 1985, e 14 e 15 de novembro de 1985.

Em seu testemunho sob juramento durante as audiências de Wolf, John Morris declarou não ter “a menor lembrança” de dizer a Bulger e Flemmi no jantar que podiam cometer qualquer crime exceto homicídio: “Não tenho a menor lembrança de ter usado uma expressão como essa. E acho que me lembraria de uma coisa assim. Eu me lembro de perguntar para o John Connolly: ‘O que esses caras querem da gente?’ E a resposta dele foi: ‘Uma lambuja.’” Em sua averiguação dos fatos, o juiz Wolf concluiu:

A corte considera que a afirmação, tal como relatada por Flemmi, foi feita. É possível que Morris meramente tenha esquecido um comentário que fez treze anos antes de seu testemunho. Se a questão não envolve falha de memória, porém, Morris mentiu outra vez. Morris admite ter longo histórico de mentiras como autodefesa (“Memorandum and Order”, p. 255).

Em relação aos mil dólares que Morris aceitou de Bulger, John Connolly negou em entrevistas que tivesse tomado parte na entrega da caixa de vinho com o dinheiro dentro. Na deliberação, Wolf não fez menção ao suposto papel de Connolly e se referiu apenas de passagem a esse pagamento: Morris “recebeu um segundo pagamento de mil dólares deles e uma caixa de vinho [...] na primavera de 1984” (p. 213).

CAPÍTULO 14: NUANCES DE WHITEY

Documentos judiciais: os testemunhos, sob juramento, de John Morris, nas audiências de Wolf, em 28 de abril de 1998; do corretor de South Boston Raymond Slinger, em 23 de setembro de 1998; de John Newton, em 28 de maio de 1998; de Roderick Kennedy, em 28 de maio de 1998; e do agente do FBI Bruce Ellavsky, em 1 de junho de 1998.

Entrevistas: diversas com o presidente do Senado Estadual William Bulger para uma série de artigos em 1988 sobre os irmãos Bulger; com William Bulger sobre a State Street, 75, em 27 de novembro de 1988; diversas em 1988 com moradores do conjunto habitacional Old Harbor; diversas com um investigador da polícia estadual sobre a State Street, 75, e com um ex-promotor federal também sobre a State Street, 75, bem como o indiciamento e a condenação de Harold Brown por suborno de um fiscal de Boston.

Documentos variados: os formulários de declaração financeira de William Bulger para os legisladores estaduais, de 1984 a 1987.

Artigos publicados em jornal: artigos do *Boston Globe* sobre o papel de William Bulger e Thomas Finnerty na controvérsia da State Street, 75, em 8 de dezembro de 1988; diversos artigos subsequentes do *Globe*, a maioria deles por Brian C. Mooney; artigos do *Globe* e do *Boston Herald*, em 1985 e 1986, sobre o indiciamento e a condenação de Harold Brown por suborno; artigos do *Globe* e do *Herald* sobre a coletiva de imprensa de Jeremiah O'Sullivan em 1989, encerrando a investigação da State Street, 75; artigos do *Globe* e do *Herald* sobre uma declaração em 1992 do procurador-geral de Massachusetts,

Scott Harshbarger, de que não apresentaria acusações contra William Bulger pela State Street, 75.

Livros: William M. Bulger, *While the Music Lasts: My Life in Politics*.

Documentos judiciais: diversas ações, em 1987 e 1988, dos litigantes Thomas Finnerty e Harold Brown; Wolf, “Memorandum and Order”.

Wolf tratou da questão de o FBI ignorar as próprias regras ao lidar com o relato de extorsão de Slinger:

As alegações e a predisposição de Slinger em testemunhar proveram, sob as diretrizes da Procuradoria-Geral, um caso quinta-essencial para submeter as alegações de Slinger aos órgãos da lei estaduais ou locais, ou para informar o desejo de não fazê-lo ao quartel-general do FBI e ao assistente da Procuradoria-Geral. As diretrizes, porém, foram completamente ignoradas. Em vez disso, [Lawrence] Potts e [Bruce] Ellavsky evidentemente decidiram que nenhuma investigação posterior deveria ser efetivada. O FBI não voltou a falar com Slinger (“Memorandum and Order”, p. 280).

Wolf também tratou do envolvimento de John Connolly no caso Slinger:

Slinger testemunhou que, num esforço de se proteger, prontamente contou a O’Neil que o FBI lhe fizera uma visita. Se isso ocorreu, o fato por si só não teria sido suficiente para deter Bulger, que por muitos anos foi constantemente protegido pelo FBI. Em vez disso, a corte infere que Connolly instou Bulger a desistir. No dia seguinte à conversa de Slinger com o FBI, O’Neil disse que Slinger não teria que pagar os 25 mil dólares restantes que devia (p. 281).

Documentos investigativos federais e estaduais: usamos o relatório de 5 de setembro de 1991 ao procurador-geral Scott Harshbarger e documentos correlatos, incluindo o depoimento sob juramento de William Bulger em 19 de dezembro de 1988 e uma declaração sua ao FBI a 28 de fevereiro de 1989. O relatório

estadual de 1991 e a conversa com o FBI de 1989 são reproduzidos aqui na íntegra.

Memorando ao procurador-geral por Massachusetts Scott Harshbarger sobre o status da investigação da agência no caso da State Street, 75, 5 de setembro de 1991

I. Histórico

Ao longo dos últimos meses, temos examinado informações e documentos concernentes a alegações feitas por Harold Brown de que, durante sua incorporação da State Street, 75, ele pagou determinadas somas a Thomas Finnerty devido a ações de funcionários públicos ou influência oficial que Finnerty poderia prover por intermédio de seu relacionamento com o presidente do Senado Estadual, William Bulger. Nossa sindicância se concentrou na investigação prévia conduzida pela procuradoria federal em Boston e por um exame mais limitado, conduzido pela Comissão Estadual de Ética.

Como você sabe, tivemos atrasos substanciais para obter acesso a informações e a documentos recolhidos durante a investigação federal como resultado das políticas do Departamento de Justiça e das restrições do Regulamento Federal de Procedimento Criminal 6(e). Além do mais, fomos informados de que um acordo de cooperação firmado entre Harold Brown e os promotores federais proibiu expressamente a revelação de qualquer informação, testemunho ou documento fornecido por Brown ou derivados de sua cooperação sem sua expressa autorização prévia. As autoridades federais nos informaram ainda que Brown se negou a nos permitir acesso a testemunho, informações ou documentos ligados à nossa revisão. Recebemos cópias de transcrições de testemunhos para o grande júri por parte de pessoas com conhecimento de determinados aspectos das transações da State Street, 75. Em particular, recebemos e revisamos transcrições do testemunho de Graham Gund, Bruce Quirk, Richard McDonough e contadores para Thomas Finnerty e William Bulger, junto com registros e documentos fornecidos por esses indivíduos sobre seus comparecimentos perante o grande júri. Além disso, com autorização prévia da corte, a Procuradoria-Geral nos forneceu registros selecionados de contas bancárias e outros documentos financeiros da firma jurídica de Thomas Finnerty, suas contas pessoais e certas contas em nome de William Bulger.

Também obtivemos e revisamos os arquivos investigativos da Comissão Estadual de Ética, que procedeu a uma triagem inicial das alegações para determinar se havia necessidade de uma sindicância preliminar referente a possíveis violações das leis de Conflito de Interesse ou de Divulgação Financeira. Com base nesses arquivos, parece que a Comissão de Ética se negou em peso a autorizar uma investigação preliminar sob tais alegações e também permitiu ao senhor Bulger dar entrada em correções para suas declarações anuais de interesses financeiros para os anos civis de 1985 a 1998 sem dar entrada em medidas legais por omissões nas declarações prévias. Também obtivemos arquivos do Gabinete de Investigações Estadual da Polícia Estadual relativos aos papéis de divórcio de Finnerty e do gabinete de promotoria do distrito de Middlesex pertencentes a Robert e Bruce Quirk. Note-se que não foi possível encontrar, nos registros da gestão anterior de Shannon, nenhum arquivo investigativo desse gabinete, ou de outro tipo, concernente à State Street, 75.

Também conduzimos perquirições com Robert e Bruce Quirk, com o advogado Robert Frank, com Graham Gund e com o advogado James McDonough. Até o momento, o representante legal de Richard McDonough (Earl Cooley) não atendeu a nossos pedidos de uma perquirição com Richard McDonough.

II. Averiguações Investigativas

Baseado no supradocumentado, ficou determinado que Brown pagou 500 mil dólares a Thomas Finnerty em julho de 1985, como parcela da participação de Finnerty na incorporação da State Street, 75. (Em 1988, Brown concordou em pagar a Finnerty soma adicional de 200 mil dólares em um acordo da ação cível movida por Finnerty quanto à proporcionalidade de sua participação na State Street, 75.) Brown emitiu cheques nominais ao Saint Botolph Realty Trust, que Finnerty fundara pouco tempo antes, abrindo uma conta jurídica no Bank of Boston. Esses fundos permaneceram na conta por aproximadamente um mês, até Finnerty emitir dois cheques no valor de 225 mil dólares cada, nominais a ele mesmo e a William Bulger, os quais foram emitidos para abrir contas investimento com a Fidelity Investments em Boston no nome de ambos. Em outubro de 1985, dois cheques adicionais de 15 mil dólares foram emitidos para Thomas Finnerty e William Bulger. O cheque de Bulger também foi depositado nessa conta da Fidelity Investments. Em

novembro de 1985, o Grande Júri Federal em Boston procedeu a um indiciamento suplementar de Harold Brown sob alegação de que ele fizera pagamentos ilegais a um funcionário municipal do departamento de obras de Boston e de que outros funcionários públicos haviam recebido dinheiro seu. O indiciamento suplementar foi a primeira indicação pública de que os promotores federais estavam se concentrando nos negócios de Brown com outros funcionários do governo que não do departamento de obras do município de Boston. Três dias após o indiciamento vir a público, Bulger pagou ao Saint Botolph Realty Trust 215 mil dólares via um cheque da mesma conta fiduciária da Fidelity Investments. Duas semanas depois, Bulger fez novo pagamento, de aproximadamente 39 mil dólares, à conta do Saint Botolph Realty Trust.

Três anos mais tarde, em 1988, quando as alegações de Brown vieram a público em artigos na imprensa de Boston ligados à ação cível entre Brown e Finnerty acerca da proporcionalidade da remuneração societária alegadamente devida a Finnerty, Bulger deu uma declaração pública e entrou com um depoimento sob juramento no Tribunal Superior de Suffolk afirmando que as somas recebidas de Finnerty via Saint Botolph Realty Trust em 1985 eram um “empréstimo a título de adiantamento de honorários legais” devidos a Bulger por Robert e Bruce Quirk em relação ao contencioso civil entre os Quirk e uma firma conhecida como Data Terminal Systems, de Maynard. Bulger declarou que não houve execução de nota promissória ou outros memorandos escritos concernentes a esse empréstimo, a taxa de juros ou a termos. Segundo Bulger, seu pagamento de aproximadamente 254 mil dólares ao *trust* representou o valor principal emprestado (240 mil dólares) mais juros computados por seus contadores para o período (aproximadamente três meses) durante o qual ele se utilizou dos valores.

Bulger também afirmou, tanto publicamente quanto nesse depoimento sob juramento, que manteve relação “de consultoria legal” com a firma jurídica de Finnerty e que deu continuidade em regime limitado à prática privada da advocacia enquanto era membro do Senado de Massachusetts. Utilizou as dependências da firma jurídica de Finnerty e a equipe de seu escritório para controlar seu faturamento e recolher honorários. Além do mais, Bulger alegou que, ao longo dos anos, ele e Finnerty fizeram uma série de “investimentos” conjuntos em vários

empreendimentos, como propriedades imobiliárias, ações de bolsa de valores e outras *joint ventures*. Uma cópia da declaração juramentada de Bulger e um relatório de inquirição prévio do FBI estão anexados a este memorando.

A revisão e a análise dos registros bancários do Saint Botolph Realty Trust, junto com os registros bancários da firma jurídica de Finnerty e outras contas ligadas a este, confirmaram que, não obstante a afirmação de Bulger de ter pagado na íntegra, com juros, todos os valores recebidos de Thomas Finnerty em 1985, os quais ficou sabendo serem derivados de Harold Brown, no decorrer dos doze meses seguintes praticamente todos esses fundos foram repassados do *trust fund* para Bulger. Durante esse período, somas extraídas do Saint Botolph Realty Trust foram periodicamente depositadas em outra conta de uma firma jurídica de Finnerty também no Bank of Boston, e depois distribuídas por meio de cheques nominais a Bulger. Ao depositar primeiro os valores do Saint Botolph em uma conta jurídica de Finnerty e depois emitir cheques dessa mesma conta para Bulger, aproximadamente metade dos 500 mil pagos por Brown convergiram para Bulger sem a criação de um elo direto em papel, por meio de cheque a sacar do Saint Botolph Realty Trust pagável diretamente a William Bulger. Como exemplo dessas transações, em 6 de junho de 1986 um cheque a sacar do Saint Botolph no total de 61 mil dólares foi emitido por Finnerty nominal a “Thomas Finnerty, P.C.”. Esse cheque foi imediatamente depositado na conta da firma jurídica de Thomas Finnerty no mesmo banco. Três dias depois, um cheque a sacar dessa conta, com o mesmo valor (61 mil dólares), foi emitido nominalmente a “William Bulger”. Bulger depositou todos esses fundos de volta na mesma conta da Fidelity Investments em seu nome, que dez meses antes havia sido usada para receber os cheques originais do Saint Botolph que Bulger mais tarde pagou. De particular interesse é o fato de que a fonte desse dinheiro (61 mil dólares) da conta do Saint Botolph em 1986 permaneceu sendo os cheques originais de Harold Brown. Com base nas declarações públicas anteriores de Bulger contidas em seu depoimento sob juramento prévio, pode-se presumir que a explicação dele e de Finnerty para as transações é de que os valores pagos a Bulger nos doze meses subsequentes eram honorários advocatícios ou outros “empréstimos” dados como adiantamento de honorários legais, dos quais Bulger não tinha qualquer conhecimento de

que a fonte indireta desses fundos fosse o Saint Botolph Realty Trust ou Harold Brown.

A revisão e a análise dos registros bancários de Finnerty e Bulger obtidas até o momento estabelecem também uma série de outras transações envolvendo Bulger e Finnerty. Em particular, transações envolvendo Richard McDonough, ex-empregado do Departamento de Comércio de Massachusetts, hoje lobista registrado em Massachusetts. Richard McDonough recebeu 70 mil de honorários legais de 280 mil dólares que aparentemente Finnerty e Bulger cobraram de Robert e Bruce Quirk no fim de 1985, pelos esforços de Bulger de entrar com uma ação cível e obter um empréstimo hipotecário de 2,8 milhões de dólares junto ao South Boston Savings Bank (SBSB) para os Quirk em relação ao acordo dessa ação. Quando interrogado sobre o papel de Richard McDonough nesses serviços, ninguém, fosse os Quirk, fosse Bulger, fosse o próprio McDonough, ofereceu qualquer informação específica referente aos serviços pelos quais ele recebeu emolumentos de “consultoria” de 70 mil dólares. McDonough foi imunizado pela procuradoria federal em Boston e testemunhou perante o Grande Júri Federal sobre seu relacionamento com Bulger, Finnerty e os Quirk. Uma cópia da transcrição de seu testemunho está anexada a este memorando.

Além dos emolumentos de Quirk, Richard McDonough e William Bulger receberam, cada um, mais de 50 mil dólares de uma firma na Califórnia conhecida como Herbalife, supostamente por atividades de “consultoria” fora do estado realizadas por ambos em prol da referida firma.

Durante 1985 e 1986, Finnerty e Bulger também adquiriram imóveis localizados em South Boston por intermédio do Mount Vernon Realty Trust e aparentemente empreenderam uma série de *joint ventures* em companhias de TV a cabo e em outras firmas de investimento.

III. Conclusões

Visando apurar os fatos subjacentes colhidos durante a investigação federal prévia da alegação de Brown de que pagou a Finnerty 500 mil dólares devido a ações de funcionários públicos ou influência oficial que Finnerty poderia prover por intermédio de William Bulger, nossos esforços ficaram severamente limitados pelo acordo de cooperação prévio entre as autoridades federais e Brown, o que dá a este o direito de

negar o acesso a suas declarações e seus documentos. Sem acesso ao testemunho e às informações de Brown respeitantes a quaisquer comunicações dele com Finnerty, Bulger ou seus representantes no que diz respeito ao verdadeiro propósito do pagamento de 500 mil dólares, torna-se impossível avaliar se as alegações de Brown poderiam ser acionadas com sucesso na justiça.

Com a informação e os documentos que nos foram disponibilizados, parece que Finnerty forneceu pouco ou nenhum dado, aconselhamento ou serviço substantivo em troca de sua participação societária em uma especulação imobiliária multimilionária. Ademais, os limitados registros e documentos a nós fornecidos pertencentes à prática legal de Finnerty e seu relacionamento com Bulger revelam uma curiosa relação em que Bulger parece prover pouco ou nenhum serviço substancial em troca de aproximadamente metade de todos os honorários gerados pela firma jurídica de Finnerty. Por exemplo, durante os últimos quatro meses de 1985, registros da conta bancária da firma jurídica de Finnerty indicam que Bulger recebeu mais de 50 mil dólares. Em 1986, mais de 350 mil dólares em cheques pagáveis diretamente a William Bulger foram emitidos da conta da firma. Cópias desses cheques estão anexadas a este memorando. Desses valores pagos em 1986 da conta jurídica de Finnerty, contrariamente às declarações públicas de Bulger, parece que este na verdade recebeu menos da metade do total de honorários pagos pelos Quirk (280 mil dólares) relativos à Data Terminal Systems e à hipoteca do SBSB. Análises dos depósitos dos honorários legais dos Quirk na conta da firma jurídica de Finnerty, e retiradas subsequentes, indicam que Bulger recebeu aproximadamente 110 mil dólares dos honorários totais dos Quirk, enquanto Finnerty recebeu aproximadamente 100 mil dólares desses honorários, com o saldo (80 mil dólares) sendo dividido entre Richard McDonough (70 mil dólares em “taxa de consultoria”) e aproximadamente 10 mil dólares indo para o advogado James McDonough, um sócio na firma jurídica de Finnerty que parece ter realizado o grosso do trabalho relativo ao litígio e ao fechamento do negócio imobiliário. Além desses cheques da conta jurídica de Finnerty nominais a William Bulger, identificou-se uma série de outros cheques, totalizando mais de 100 mil dólares ao longo de 1986, os quais, ao que tudo indica, foram pagos a várias firmas de investimento e também podem ter sido igualmente em benefício de

William Bulger. Ademais, pelo menos 50 mil dólares em fundos da conta jurídica de Finnerty foram utilizados para pagar a cota de participação de William Bulger, a metade, na aquisição de uma propriedade comercial localizada perto do projeto de Columbia Point, anteriormente de propriedade de Mary Teebagy.

Como observado no testemunho dado ao grande júri por Richard McDonough, é possível ver um exemplo da capacidade aparente de Bulger de obter emolumentos lucrativos por pouco ou nenhum serviço substantivo ao se analisarem as transações com a Herbalife da Califórnia durante 1985. O depoimento de McDonough perante o grande júri e outros materiais fornecidos pelas autoridades federais indicam que McDonough e Bulger foram mantidos como “consultores” por essa firma para aconselhá-los sobre questões legislativas inespecíficas e outros assuntos de governo surgidos fora de Massachusetts durante 1985. Em troca, Bulger e McDonough receberam cada um aproximadamente 50 mil.

IV. Recomendação

A. State Street, 75

Quanto às alegações de Brown relativas a suas remunerações para Finnerty concernentes ao projeto da State Street, 75, recomenda-se contatar os representantes legais de Harold Brown, William Bulger e Thomas Finnerty e fazer um pedido de reunião com seus clientes sobre seus respectivos papéis no projeto e sobre as remunerações e disposição final dos 500 mil dólares pagos por Brown. Até o momento, o advogado de Richard McDonough (Earl Cooley) se absteve de responder a nossos pedidos de inquirição com seu cliente.

Será feita uma recomendação adicional relativa ao acompanhamento apropriado da questão após eles terem entrado em contato e respondido.

B. Outros aspectos da relação Finnerty/Bulger

Justifica-se investigação adicional relativa às remunerações feitas a Bulger pelas contas jurídicas de Finnerty. Em particular, deve-se identificar as fontes originais desses fundos e averiguar o verdadeiro propósito por trás dessas remunerações, incluindo a natureza precisa dos serviços fornecidos em troca dos pagamentos. Identificar a fonte dessas remunerações e averiguar a pessoa, ou pessoas, com conhecimento dessas transações exigirá o uso de intimações do grande júri por meio de registros e documentos para rastrear a fonte original

desses fundos e obter o depoimento de pessoas com conhecimento dessas transações.

Inquirição do FBI com o presidente do Senado Estadual de Massachusetts William Bulger, em 28 de fevereiro de 1989:

William M. Bulger, presidente do Senado, Commonwealth de Massachusetts, foi inquirido em Boston, no escritório jurídico de Mintz, Levin, Cohn, Ferris, Glovsky e Popeo, no número 1 do Financial Center, Boston, Massachusetts. Presente à inquirição estavam o assistente da procuradoria federal Ralph Gants, a assistente da procuradoria federal Alexandra Leake, o advogado Robert Popeo, o advogado William Homans e William Bulger, Jr. No início da inquirição, Bulger foi advertido da identificação oficial dos indivíduos responsáveis pelas perguntas, bem como da natureza da inquirição. Depois disso, Bulger forneceu a seguinte informação:

Bulger informou que ele e Thomas Finnerty cresceram juntos em South Boston, Massachusetts. Informou que eram amigos próximos desde tenra infância. Ambos frequentaram o segundo grau juntos, assim como a faculdade. Bulger informou que Finnerty se graduou na Faculdade de Direito da Universidade de Boston em 1960 e que ele próprio se graduou em 1961.

Bulger informou que ele e Finnerty formaram uma sociedade jurídica em 1962 ou 1963 e que na época fora eleito representante estadual. Segundo Bulger, a sociedade durou aproximadamente treze anos, até Finnerty ser eleito promotor pelo condado de Plymouth. Bulger informou que nunca houve um acordo de parceria por escrito entre ele e Finnerty.

Em relação ao faturamento pela prática legal supracitada, Bulger informou que dividiram os lucros durante esse período da sociedade. Quando deixou a sociedade com Finnerty, passou a “consultor” de Finnerty. Bulger informou que isso o obrigou a iniciar seu próprio empreendimento legal e que só receberia pelo trabalho que produzisse. Ele informou que esse arranjo com Finnerty foi um acordo verbal. Bulger informou que não foi assalariado da firma de Finnerty durante esse período. Bulger não foi obrigado a cobrir nenhuma das despesas gerais nas quais Finnerty incorreu. Se durante esse período Bulger levasse algum cliente que não fosse representado por ele, receberia uma porcentagem do rendimento derivado dos clientes. Bulger não conseguiu ser mais específico em relação a esse acordo.

Bulger informou que realizou serviços legais para Robert e Bruce Quirk na ação cível movida contra a Data Terminal Systems, Incorporated, o que envolveu a posse do imóvel em Maynard, Massachusetts. Bulger informou que esse cliente em particular chegou a ele por intermédio de Richard McDonough, que é sócio de Bulger. Bulger informou que lidou pessoalmente com as questões referentes a esse processo cível e informou que Finnerty de fato auxiliou por um curto período com relação a esse caso. Bulger informou que, nesse caso, James W. McDonough Jr., sócio da firma jurídica de Finnerty, também auxiliou no trabalho. Bulger informou que James McDonough o acompanhou todas as vezes ao tribunal, no que diz respeito a esse caso. Bulger informou que não guarda registros do tempo que passou nessa questão, mas acha que os honorários que cobrou dos Quirk foram justos por seu empenho em prol deles. Bulger informou que enviou a fatura para os Quirk de acordo com o que achava justo e que não tinha documentação para justificar a cobrança.

Bulger informou que foi muito influente na negociação que selou o caso supracitado e atribuiu a maior parte de seu trabalho às negociações a seu encargo. Ele informou que o tempo que trabalhou no caso foi considerável e que tinha direito a receber os honorários que cobrou dos Quirk.

Bulger informou que Thomas Finnerty estava ciente dos honorários dos Quirk no que diz respeito a esse caso. Bulger sabia antes de suas férias na Europa, no verão de 1985, quanto os Quirk lhe pagariam por serviços prestados. Bulger sabia que receberia 267 mil dólares. Bulger informou que esperava receber os 267 mil dólares integrais e que não houve objeções de ninguém associado à firma de Finnerty ou a Thomas Finnerty sobre o fato de Bulger receber a quantia integral. Bulger achou que estava provendo 90% do esforço que entrou na resolução desse caso e achou que tinha direito à quantia integral. Bulger informou que os 267 mil dólares foram pagos pelos Quirk à firma jurídica de Thomas Finnerty. Foi antecipado tanto por ele quanto por Finnerty que essa quantia seria recebida ao final do ano, 1985. Bulger informou que houve discussão entre ele e Finnerty com respeito a Bulger receber 100% desses honorários. Finnerty achou que não era justo, e Bulger achou. Em todo caso, Bulger informou que ficou resolvido que ele receberia os 267 mil dólares na íntegra.

Bulger informou que, em algum momento de 1986, Richard McDonough requisitou 70 mil dólares por ter indicado os Quirk para William Bulger. Bulger informou que achava que McDonough merecia alguma remuneração, mas que essa soma era exorbitante. Bulger lembrou-se de ter dito a Finnerty que, embora não achasse justo pagar 70 mil dólares a Richard McDonough, achava que a firma devia prontamente fazer McDonough ir embora. Bulger informou que ele e Finnerty decidiram pagar essa quantia a McDonough e que a remuneração seria alocada nas despesas da firma. Bulger informou que McDonough só reivindicou os 70 mil dólares depois que os 267 mil dólares em honorários foram recebidos dos Quirk. Bulger informou que certamente absorveu parte dos 70 mil dólares pagos a McDonough porque a despesa com McDonough foi parcialmente tirada de honorários que ele esperava receber de outros clientes durante 1986.

Bulger informou que possuía muitos investimentos em comum com Thomas Finnerty. Informou que Thomas Finnerty não era seu consultor financeiro, mas que seguiu sua sugestão em muitas oportunidades de investimento. No que diz respeito aos investimentos feitos em conjunto com Thomas Finnerty, Bulger informou que o primeiro foi uma aquisição de terreno na década de 1960 na área de Fort Banks em Winthrop, Massachusetts.

Bulger lembrou-se de um segundo investimento em que Finnerty o envolveu, com a aquisição de uma participação em uma sociedade em comandita na American Cable Systems Midwest, em 1985. Bulger achou que Finnerty fez esse investimento em seu nome, quando Bulger estava de férias. Bulger informou que deu permissão a Finnerty para investir em seu nome, se alguma oportunidade de investimento se mostrasse promissora e Bulger não estivesse disponível para autorizá-la. Bulger não foi capaz de se lembrar de nenhuma ocasião em que objetou a qualquer investimento feito por Thomas Finnerty em seu nome. Bulger afirmou que era comum Finnerty entrar com os fundos de investimento iniciais e depois os receber de Bulger. Bulger informou que tinha a “sensação” de que havia outros investimentos em que estava envolvido com Thomas Finnerty durante mais ou menos esse mesmo período. Bulger não conseguiu ser mais específico sobre esses investimentos.

Bulger informou que Finnerty surgiu com a oportunidade de investimento para adquirir um prédio na Mount Vernon Street, na área de

Columbia Point, Boston. A lembrança de Bulger era de que Finnerty apareceu com o negócio pouco antes da data-limite para negociar a propriedade, em junho de 1986. Finnerty entrou com todo o dinheiro exigido na aquisição da propriedade, e no final Bulger pagou Finnerty com dinheiro que os dois haviam tomado emprestado juntos do SBSB. Bulger e Finnerty tomaram 100 mil dólares emprestados do SBSB com intenção de usar os proventos para investir ou adquirir ações do Boston Telecommunications Group, Inc. Bulger acabou mudando de ideia sobre o investimento supracitado e decidiu empregar os proventos do empréstimo na aquisição conjunta da propriedade de Mount Vernon Street.

Bulger informou que não possui muito conhecimento relativo ao Mount Vernon Realty Trust (MVRT). Explicou que Finnerty instituiu o MVRT e Bulger não sabe dizer nem se é beneficiário desse *trust*. Bulger informou que nunca viu quaisquer documentos do *trust* do MVRT, sabe apenas que é dono de 50% do imóvel localizado na Mount Vernon Street.

Bulger informou que o preço de compra do imóvel na Mount Vernon foi de 190 mil dólares. Dos 190 mil dólares, 90 mil eram impostos em atraso devidos ao município de Boston. Bulger não participou da negociação do preço de compra desse imóvel. Bulger se lembrou de ser instruído por Finnerty de que os impostos atrasados podiam ser pagos em prestações ao município de Boston. Bulger informou que continua confuso sobre como pagou sua parcela da posse do imóvel, mas que pagou a Finnerty 50 mil dólares a trinta dias da data-limite para a aquisição do imóvel supracitado. Bulger se lembra também de ter pagado prestações a Finnerty e ao Saint Botolph Realty Trust relativas aos impostos atrasados devidos no imóvel supracitado. Bulger presume que Finnerty tenha pagado os impostos imobiliários com essa conta.

Bulger reiterou que dependia de Thomas Finnerty para envolvê-lo nesses investimentos e que não era incomum Bulger pagar Finnerty pelo investimento em um período posterior à compra. Bulger não conseguiu se lembrar em nenhum momento de oferecer algum empréstimo a Thomas Finnerty ou de receber qualquer empréstimo de Thomas Finnerty, a não ser por curto período para propósitos de investimento.

Em relação a Harold Brown, Bulger informou que não lembra de ter se encontrado com Harold Brown e de algum dia ter tido qualquer relação financeira com ele.

Bulger lembrou que a primeira vez que Thomas Finnerty mencionou Harold Brown para ele foi quando Finnerty disse que vinha se desentendendo com Brown nos negócios. Bulger acredita que Finnerty mencionou isso no fim de 1984 ou no início de 1985. Finnerty também contou que o desentendimento foi a respeito do Kilby Street Development [outro nome para a incorporação na State Street, 75]. Na época da primeira menção de Finnerty sobre Harold Brown, Finnerty nunca revelou para Bulger sua relação de negócios com Brown ou qualquer entendimento entre Finnerty e Brown. A única informação que Bulger tinha de Harold Brown na época foi que Brown tinha má reputação como um grande proprietário na cidade de Boston.

Bulger lembrou-se de ter sido informado por Finnerty em época posterior que Finnerty empreendia negócios com as Beacon Companies, em referência ao Kilby Street Development. Bulger lembrou que a certa altura Finnerty disse que resolvera seu desentendimento com Brown e que Finnerty estava, no momento, tentando definir sua participação no Kilby Street Development. Finnerty mencionou também que venderia sua parte às Beacon Companies. Finnerty descreveu essa participação como um ativo.

Em algum momento do verão de 1985, Finnerty mencionou a Bulger que recebera 500 mil dólares das Beacon Companies para comprar sua participação no Kilby Street Development. Bulger disse que Finnerty só lhe contou isso para dar a boa notícia.

Após Finnerty receber esses 500 mil, contou a Bulger que tinha ideias sobre como os dois poderiam se beneficiar por meio de vários investimentos. Bulger lembrou que Finnerty sugeriu que ambos investissem em títulos livres de impostos por meio do Fidelity Fund. Bulger presumiu que a sugestão de Finnerty sobre os investimentos tinha sido feita à luz de Finnerty ter acabado de receber 500 mil dólares e saber que Bulger receberia 267 mil dólares por seu trabalho legal com relação ao caso Quirk. Em algum momento após essa discussão, Bulger pegou dinheiro emprestado de Finnerty a fim de colocá-lo na Fidelity Tax Free Bond Account. Bulger pegou 225 mil dólares de Finnerty em agosto de 1985, na forma de um cheque sacado contra a Saint Botolph Realty Trust Account de Finnerty, no Bank of Boston. Bulger disse que não havia documento escrito referente a esse empréstimo e o tomou emprestado com o entendimento de que pagaria após receber os

honorários legais dos Quirk. Na época que recebeu os 225 mil dólares, Bulger não sabia a fonte dos fundos e imaginava que vinham da conta de Finnerty. Bulger disse que o Saint Botolph Realty Trust era conta de Finnerty e que na época não tinha nenhum conhecimento relativo aos detalhes do *trust*, incluindo quem eram os beneficiários.

Bulger informou que em outubro de 1985 tomou emprestados mais 15 mil dólares de Finnerty para uma oportunidade de investimento. Bulger não conseguiu se lembrar em que investimento os 15 mil dólares foram usados. Ele acredita que o dinheiro pode ter sido usado para adquirir ações no SBSB. Bulger informou que seu verdadeiro motivo para pegar os empréstimos com Finnerty foi garantir que tivesse na mão o dinheiro que esperava que os Quirk remetessem para a firma jurídica de Thomas Finnerty. Bulger disse que sua lógica para pegar o adiantamento foi o fato de que estaria na Europa e, se alguma coisa lhe acontecesse, esse dinheiro já teria sido depositado em suas contas e não seria recuperável por Finnerty nem ninguém mais. Bulger presumiu que Finnerty usaria os honorários dos Quirk como pagamento do empréstimo se algo lhe acontecesse.

Bulger informou que em algum momento perto desse período ele descobriu que Harold Brown fora indiciado pelo Grande Júri Federal em Boston, Massachusetts. Finnerty lhe revelou que a fonte do Saint Botolph Realty Trust Funds, fonte do empréstimo de Finnerty a Bulger, provinha de Harold Brown. Finnerty não entrou em muitos detalhes relativos à sua relação com Brown, mas ficou claro que os 500 mil dólares saíram de Brown por vias indiretas. Bulger achava que não devia se aproximar ou ser associado a Brown de modo algum, devido à reputação de Brown, e, a fim de se dissociar de Brown, decidiu pagar a Finnerty o dinheiro que pegara emprestado. Bulger informou que pagou os empréstimos emitindo cheques ao Saint Botolph Realty Trust de sua conta fiduciária da Fidelity. O pagamento foi feito com o valor do uso principal emprestado mais juros, após Bulger se consultar com seu contador público certificado, Lee Hyler, que foi o responsável por calcular a dívida de Bulger sobre o empréstimo. Hyler ajudou Bulger a determinar os meios para pagar o empréstimo e que ativos de Bulger teriam de ser liquidados a fim de fazer o pagamento. Bulger reiterou que Finnerty nunca detalhou sua participação ou o recebimento do dinheiro do Kilby

Street Development. Bulger não foi capaz de se lembrar de detalhes específicos quanto ao papel de Finnerty na incorporação.

O único conhecimento de Bulger com respeito a Edward McCormack e seu envolvimento com o Kilby Street Development foi que McCormack representava Finnerty como advogado. Essa representação foi necessária para Finnerty a fim de assegurar que recebesse seu pagamento de Brown pelo Kilby Street Development.

Bulger informou estar familiarizado com o nome Graham Gund devido ao trabalho de Gund com arquiteto. Bulger não se lembra de ter algum dia falado com Gund e jamais teve qualquer negócio em comum com ele. Bulger informou que Finnerty mencionou Gund pelo nome, mas Bulger não tinha qualquer detalhe quanto ao porquê de o nome ter sido mencionado por Finnerty. Bulger não tinha informação ou conhecimento relativo ao papel de Gund no Kilby Street Development.

Bulger informou que Thomas Finnerty jurou nunca ter usado o nome de Bulger a fim de influenciar indivíduos com quem tratava. Bulger informou que a primeira vez que ouviu seu nome sendo usado por Finnerty foi em uma documentação apresentada por Harold Brown em sua ação cível com Finnerty em 27 de outubro de 1988. Mais uma vez Bulger informou que Finnerty negou algum dia ter usado o nome de Bulger para influenciar quem quer que fosse.

Bulger informou que, no que diz respeito ao Saint Botolph Realty Trust, ele nunca foi beneficiário do dito *trust*. Informou que nunca viu qualquer documentação relativa ao *trust*. Finnerty lhe contou que era o único beneficiário do *trust* e nunca revelou quem estava na Relação de Beneficiários. Bulger reiterou que o Saint Botolph Realty Trust foi um *trust* de propriedade de Finnerty, usado somente por Finnerty.

O memorando oficial de 1991, preparado pelo então assistente da Procuradoria-Geral por Massachusetts David Burns, tornou-se a base para um artigo em março de 2000 no *Boston Globe*. O artigo examinou as discrepâncias no relato público de William Bulger sobre sua parte do dinheiro da State Street, 75. O artigo foi contestado por Bulger e seu advogado, R. Robert Popeo, que também representava John Connolly. Nenhum deles se referiu ao conteúdo da matéria, limitando-se a criticar os autores e o *Globe*.

Popeo afirmou: “O que temos aqui é uma matéria requentada feita pelos dois repórteres do *Globe* que estão promovendo um livro.” Uma declaração emitida na Universidade de Massachusetts pelo presidente Bulger afirmou: “Periodicamente, o *Globe* gosta de reconvocar sua Santa Inquisição para tratar desse assunto. Podemos ter adentrado um novo século, mas certas coisas nunca mudam em Morrissey Boulevard.”

CAPÍTULO 15: O PAPO DE CONNOLLY

Para as seções sobre a operação de escuta do Vanessa's Italian Food Shop, usamos os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi, nas audiências de Wolf, em 20 de agosto de 1998; de Jim Ring, em 6, 9, 11 e 15 de junho de 1998; e do agente do FBI Rick Carter, em 17 de agosto de 1998; documentos do governo e relatórios do FBI em posse dos autores ou liberados como parte das audiências de Wolf como provas 15-18, 61, 116-120, 123, 128-130, 153, 165, 175, 207 e 237; um encontro em primeira mão entre John Connolly e Dick Lehr, do *Boston Globe*, em 8 de fevereiro de 1988; um artigo no *Globe* de Lehr e Kevin Cullen, em 17 de abril de 1988; inúmeros artigos no *Globe* informando sobre a vida de Harry "Doc" Sagansky e o conteúdo do diálogo gravado entre Sagansky e a Máfia; as entrevistas de 1998 de Connolly para o *Globe*, as rádios WBZ-AM e WRKO-AM, a revista *Boston* e o *Boston Tab*; Wolf, "Memorandum and Order".

Para a parte sobre o grampo do FBI na cerimônia de iniciação da Máfia em 29 de outubro de 1989, usamos o testemunho sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 1 de setembro de 1998; documentos do governo e relatórios do FBI liberados nas audiências de Wolf como provas 190-194; e um caso que incluiu extensas transcrições da cerimônia gravada, *Estados Unidos v. Nicholas L. Bianco et al.*

Para a parte referente ao encontro entre Connolly e Brendan Bradley, do Departamento de Polícia de Boston, sobre o assassinato de Tim Baldwin, usamos relatórios governamentais internos preparados entre 1992 e 1998 como parte de uma inquirição na possível improbidade de Connolly; esses relatórios cobriram inquirições do FBI e da DEA com Bradley, o policial de

Boston Frank Dewan e os advogados James Hamrock e John Kiernan.

Para a parte em que John Morris vaza a escuta de Baharoian para Flemmi e Bulger, contamos com o testemunho sob juramento de John Morris perante o juiz Wolf, em 22, 23, 28-30 de abril de 1998; Stephen Flemmi, em 20 de agosto de 1998; documentos do governo e relatórios do FBI liberados perante o juiz Wolf como provas 93 e 229; e artigos do *Globe* sobre Baharoian e Puleo.

É interessante notar que o juiz Wolf declarou que, na época em que Bulger e Flemmi informaram ao FBI sobre o Vanessa's, “a Cosa Nostra em Boston estava reduzida e em confusão. Isso criou um vácuo que, segundo o plano de Flemmi e Bulger, eles buscaram preencher expandindo suas atividades criminais”. Segundo o juiz, o foco do FBI em processar a Máfia de Boston “forneceu oportunidade para Bulger e Flemmi assumirem atividades criminosas em Boston que antes haviam sido controladas pela Cosa Nostra. Com a proteção do FBI, Bulger e Flemmi podiam operar de forma bastante lucrativa” (“Memorandum and Order”, p. 260).

No mês subsequente ao grampo de 1989 que gravou a cerimônia de iniciação da Máfia em Medford, Massachusetts, diversos mafiosos foram presos sob acusação de extorquir Sagansky, inclusive Ferrara, Russo e Carozza. Mercurio foi acusado, mas fugiu e escapou de ser preso. No fim, os mafiosos foram condenados por essa e outras acusações no tribunal federal, então enviados para a prisão.

Também vale observar que, até onde se sabe, nenhuma ação resultou da sindicância interna que o FBI de Boston conduziu em 1992 sobre a reunião de John Connolly em 1986 com Brendan Bradley, do Departamento de Polícia de Boston. Em fevereiro de 1992, o agente especial encarregado do escritório de Boston, Tom Hughes, notificou o agente investigador, John Gamel, sobre

sua preocupação de que a sindicância de uma possível improbidade fosse contra um agente aposentado (Connolly se aposentou em dezembro de 1990) e de que o “prazo de prescrição talvez já tenha entrado em vigor”. Após conduzir as inquirições, Gamel submeteu seu relatório a Hughes em 24 de fevereiro de 1992, e isso aparentemente encerrou a questão. Em julho de 1997, mais uma vez os agentes do FBI questionaram Bradley sobre as atividades de Connolly, como parte de uma sindicância do Gabinete de Responsabilidade Profissional. Bradley estava agendado para testemunhar nas audiências de Wolf em 1998, mas foi um dentre uma série de testemunhas excluídas após o juiz insistir com ambas as partes para diminuir a lista de testemunhas. Numa inquirição com um agente da DEA em maio de 1998, antecipando seu comparecimento ao tribunal, Bradley aparentemente voltou atrás quanto ao que supostamente contara aos investigadores antes, em 1992 e 1997. Em 1998, Bradley disse ao agente que achava que Connolly estava apenas tentando dizer algo “positivo” para um amigo da família, e não tentando derrubar uma intimação. Essa mudança ocorreu bem quando Bradley ficou enrolado numa disputa com seu próprio departamento. Ele vinha enfrentando acusações internas depois de ter sido surpreendido numa operação policial envolvendo prostituição em Boston. Bradley disse que não fez nada errado; pediu a exoneração do departamento de polícia antes mesmo de seu caso ser julgado. Finalmente, Mark Estes, o homem que a polícia acreditava ter matado Tim Baldwin diante do Triple O's em 1986, morreu baleado no início da manhã de 12 de junho de 1995, numa rua de South Boston.

Durante breve entrevista em janeiro de 2000, Connolly negou ter se encontrado com Bradley para tomar um café e discutir a intimação de O'Neil: “Isso é uma mentira nojenta, como tantas outras invenções absurdas nesse assunto todo.”

Vale a pena observar também que, um pouco antes, na investigação do FBI a respeito do *bookmaker* John Baharoian e da corrupção na Polícia de Boston — bem antes de Morris vazar a notícia de uma escuta no início de 1988 —, o FBI já fizera um grande favor a Bulger e Flemmi. Cooperando com os investigadores federais, um tenente da Polícia de Boston estava usando uma escuta para obter declarações incriminadoras de Baharoian e outros. Flemmi também era um alvo. O FBI avisou Bulger sobre a escuta, e este alertou Flemmi. “Ele [Bulger] me contou que eu estava sendo visado pelo tenente Cox, que ia se aproximar de mim a certa altura”, testemunhou Flemmi em 20 de agosto de 1998. Flemmi declarou que a dica para Bulger saiu de Morris ou de Jim Ring. (Ring negou veementemente ter vazado a informação.) Flemmi afirmou que Bulger e Connolly conversaram sobre a escuta e que mais tarde ele próprio também discutiu a situação com John Connolly. Em 5 de setembro de 1986, o tenente de polícia gravou uma conversa que teve com Flemmi, mas Flemmi não foi tolo de falar alguma coisa além de amenidades. “A gente já sabia de antemão.” Flemmi testemunhou que mais tarde Connolly foi todo animado lhe contar ter ouvido no escritório que a fita foi “improdutiva”. (Num exemplo de quantos desses eventos se sobrepuseram, Flemmi foi avisado sobre o tenente de polícia com o grampo mais ou menos na mesma época que Connolly estava chamando Bradley da Polícia de Boston para conversar sobre a intimação de Kevin O’Neil e exatamente quando Flemmi estava dando informação sobre o Vanessa’s.)

Em sua averiguação dos fatos de setembro de 1999, o juiz Wolf deliberou que Connolly — e não Ring, ou Morris — foi o agente que vazou a informação sobre a escuta de Cox para Bulger e Flemmi. “Connolly perguntara a Morris e talvez outros se Cox estava ‘grampeado’. A corte infere que Connolly foi a pessoa

que contou a Bulger e Flemmi que Cox estava cooperando com o FBI” (p. 297).

Além do mais, determinou o juiz, Connolly depois tentou cobrir suas pegadas dando entrada em papelada falsa. Na época, entrou com um “encarte” de informante relatando que Flemmi soubera da escuta em Cox por meio de um vazamento no Departamento de Polícia de Boston. “A corte conclui que esse encarte é outro documento contendo falsas informações, em um esforço de tornar mais difícil discernir e demonstrar conduta imprópria por parte de Connolly” (p. 298).

CAPÍTULO 16: SEGREDOS EXPOSTOS

Para a parte sobre as relações azedadas entre Morris e Connolly, contamos com o testemunho sob juramento de John Morris nas audiências de Wolf, em 27 de abril de 1998; com as entrevistas de John Connolly na mídia; Wolf, “Memorandum and Order”.

Para a parte sobre o artigo do *Globe* em setembro de 1988 sobre Bulger e o FBI, nós nos baseamos nas entrevistas do *Globe* com Dennis Condon, Jeremiah T. O’Sullivan, Tom Daly e Jim Ahearn. Durante as audiências de Wolf, Morris testemunhou extensamente sobre seu papel na matéria (27-29 de abril de 1998). Em 1998 Robert Fitzpatrick concedeu aos autores permissão para identificá-lo como a segunda fonte da matéria. Também usamos documentos do governo e relatórios do FBI liberados durante as audiências de Wolf como provas 42, 85 e 159. O diálogo entre um agente da DEA disfarçado e o traficante Tom Cahill veio de um depoimento sob juramento da DEA feito pela agente Bonnie Alexander, em 17 de janeiro de 1990, e de outro depoimento sob juramento da Polícia de Boston de fevereiro de 1989.

Para a parte sobre Sue e Joe Murray mais o FBI, contamos com o testemunho sob juramento de William Weld durante as audiências de Wolf, em 22 de maio de 1998; e com o agente do FBI Ed Clark, em 3 de junho de 1998; além de documentos do governo e relatórios do FBI liberados durante as audiências de Wolf como provas 147-152, 156, 157, 159 e 160.

Para a parte sobre o entreeiro de Bulger no Aeroporto Internacional Logan usamos o documento liberado durante as audiências de Wolf como prova 154; uma entrevista no *Globe* com o policial estadual William Johnson em 27 de julho de 1988; e diversos artigos do *Globe* e do *Herald* sobre Johnson. Em

relação ao comparecimento de dois agentes aposentados do FBI de Nova York num jantar na casa de Gianturco, baseamo-nos no testemunho sob juramento do próprio Nick Gianturco durante as audiências de Wolf, em 15 de janeiro e 20 de abril de 1998; e em relatórios do Gabinete de Responsabilidade Profissional de julho de 1997 contendo entrevistas com Pistone e Bonavolonta. A respeito das compras de Natal do FBI de Boston na loja de bebidas de Bulger, usamos entrevistas e reportagem de nossa autoria para um artigo do *Globe* sobre o assunto publicadas em outubro de 1990.

Em 10 de fevereiro de 1989, Jim Ahearn escreveu uma carta ao diretor do FBI William Sessions em que atacava a DEA e defendia Connolly e Bulger (a carta foi liberada durante as audiências de Wolf como prova 126).

Na averiguação dos fatos em setembro de 1999, o juiz Wolf notou que o escritório do FBI de Boston essencialmente varreu a informação de Joe Murray para debaixo do tapete. A informação de Murray “implicando Bulger e Flemmi nos homicídios de Halloran e Barrett não foi fornecida a nenhum agente responsável por investigar esses assuntos ou catalogada de modo que pudesse ser acessada por tais agentes [...]. Por conseguinte, Murray foi efetivamente eliminado como ameaça à relação simbiótica do FBI com Bulger e Flemmi” (p. 296). O juiz disse que, embora o FBI caracterizasse como “infundada” a acusação de Murray de que Connolly e John Newton vazaram informação, “a evidência apresentada no presente caso, contudo, demonstra que a alegação de Murray estava correta” (p. 292).

A carreira e a vida privada do policial estadual Billy Johnson entraram numa espiral descendente nos anos subsequentes ao entevero com Whitey Bulger no Aeroporto Internacional Logan. Em entrevistas, Johnson culpou Whitey e seu irmão político, Billy, por muitos de seus problemas. Billy Bulger se negou a comentar artigos escritos sobre Johnson. Mas, após o incidente,

funcionários do aeroporto foram atrás do relatório de Johnson, o que o policial estadual viu como interferência e troco político. Johnson, um boina verde veterano do Vietnã e policial estadual condecorado que por duas vezes recebeu a Medalha de Mérito e o prêmio de policial estadual do ano, falou o que pensava. No fim, acabou sendo transferido de seu posto à paisana, no combate às drogas em terminais, para vigia dos estacionamentos do aeroporto. Johnson brigou com superiores e foi submetido à corte marcial, suspenso e depois transferido do Logan. Ele se aposentou cedo, um homem destruído. Aos 50 anos, em 25 de setembro de 1998, matou-se com um tiro nas matas ao sul de New Hampshire. “Exatamente onze anos atrás, o senso de propósito de Billy Johnson ficou enredado na turbulência política da polícia estadual”, escreveu o colunista Peter Gelzini no *Boston Herald* em 29 de setembro de 1988, referindo-se à briga com Bulger no Aeroporto Internacional Logan como o começo do fim da eminente carreira de Johnson. “Saindo do terminal Delta, ele cruzou com o czar boca-suja de todos os bandidos locais, James J. ‘Whitey’ Bulger.”

O livro que o agente aposentado do FBI de Nova York Jules Bonavolonta depois escreveu, com Brian Duffy, intitula-se *The Good Guys: How We Turned the FBI 'Round and Finally Broke the Mob* [Os mocinhos: como mudamos o FBI e acabamos com a Máfia] (Nova York: Simon & Schuster, 1996).

Vale observar que, embora Jim Ahearn tenha ficado chocado e furioso por ser formalmente notificado de uma investigação de combate às drogas da DEA sobre Bulger em andamento desde 1987, a notícia já era velha para Connolly, Bulger e Flemmi. Flemmi testemunhou que os três vinham trocando comunicações e informações por algum tempo — assim como já haviam feito em diversas outras investigações visando os gângsteres. Em testemunho que Flemmi forneceu em 20 de agosto de 1998, o juiz perguntou:

“O senhor se lembra de conversar com o senhor Connolly sobre a investigação da DEA?”

FLEMMI: Jim Bulger e eu estávamos presentes quando discutimos isso.

JUIZ: Sobre o que discutiram?

FLEMMI: A investigação em curso da DEA.

JUIZ: Ele confirmou que havia uma investigação?

FLEMMI: Não tenha dúvida disso.

JUIZ: E o que o senhor Connolly disse?

FLEMMI: Disse que a investigação estava em curso, excelência.

CAPÍTULO 17: FRED WYSHAK

Entrevistas: diversos promotores federais e estaduais, bem como oficiais da Polícia Estadual de Massachusetts, sobre os assistentes da promotoria federal Fred Wyshak e Brian Kelly; ex-promotor A. John Pappalardo sobre seu informante do FBI Timothy Connolly; ex-chefe da Polícia Estadual de Massachusetts Charles Henderson sobre a estratégia para visar James Bulger e Stephen Flemmi.

Documentos judiciais: um depoimento sob juramento no tribunal, em 1995, pelo agente do FBI Edward Quinn sobre as gravações da Prince Street, 98, relativo às atividades de James Bulger e Stephen Flemmi; o sumário pós-audiência do governo, em oposição ao requerimento do réu para anular os indiciamentos e suprimir a evidência de vigilância eletrônica, em 29 de janeiro de 1999; *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*; depoimento sob juramento de Thomas B. Duffy em apoio à detenção preventiva dos réus Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil, submetido em novembro de 1999 (ver p. 44-48 do depoimento para detalhes sobre a conversa secretamente gravada entre Weeks e Timothy Connolly sobre seu testemunho iminente perante um grande júri federal); cartório de registro imobiliário do condado de Suffolk: hipotecas de 1986 a 1994 sobre o imóvel de Thomas Cahill em South Boston, além de *trusts* e transações envolvidos na compra por Stephen Flemmi, em 1992, de 1,5 milhão de dólares em imóveis; Wolf, “Memorandum and Order”.

O juiz Wolf tratou da advertência feita a James Bulger sobre Timothy Connolly: “Em 1988 ou 1989, [John] Connolly contou a Bulger que Timothy Connolly, que alegadamente foi vítima de extorsão no presente caso, estava cooperando com o FBI e

tentaria gravar conversas com Bulger e Flemmi. Bulger comunicou essa advertência a Flemmi.” (“Memorandum and Order”, p. 310)

Artigos publicados em jornal: artigos no *Boston Globe* e no *Boston Herald* em 1991 e 1995 sobre a parte de Bulger num bilhete de loteria ganhador de 14,3 milhões; artigos no *Globe* e no *Herald* em 1991, 1992, 1997 e 1998 sobre a posse de novos membros da Máfia secretamente gravada pelo FBI em 1989; artigos no *Globe* e no *Herald* em 1990 sobre a prisão de 51 homens em South Boston por acusações relacionadas a drogas; um artigo no *Globe* em 1993 sobre a compra de Flemmi de imóveis residenciais em Boston e arredores; artigos no *Globe* e no *Herald*, em 1993 e 1994, sobre a condenação de Howie Winter por acusações ligadas a cocaína; artigos no *Newark Star Ledger* em 1990 sobre a acusação bem-sucedida contra o chefe mafioso John Riggi.

CAPÍTULO 18: HELLER'S CAFÉ

Entrevistas: com o ex-promotor federal Michael Kendall sobre o caso de Michael London; o ex-detetive da Polícia Estadual de Massachusetts Joseph Saccardo, sobre a vigilância e a investigação do Heller's Café; o ex-chefe da Polícia Estadual de Massachusetts Charles Henderson, sobre a estratégia e os casos contra Burton "Chico" Krantz; o advogado de defesa criminal Robert Sheketoff sobre acusações de lavagem de dinheiro contra *bookmakers*; várias entrevistas retrospectivas com investigadores da Polícia Estadual de Massachusetts e da DEA, e também com agentes do FBI, para um artigo no *Boston Globe* em 1995 sobre a prisão de Stephen Flemmi; fontes no tribunal federal sobre o rompimento entre Stephen Flemmi e Frank Salemme.

Artigos publicados em jornal: um artigo de 1995 no *Boston Globe* sobre como a investigação de Bulger e Flemmi se constituiu de 1991 a 1995 e como focou na extorsão de *bookmakers*; artigos no *Globe* e no *Herald* em 1993, 1994 e 1995 sobre o indiciamento, a prisão e a condenação de Joseph Yerardi; artigos no *Globe* e no *Herald* em 1991, 1992, 1993 e 1994 sobre os processos estaduais e federais de Burton Krantz, James Katz e George Kaufman; artigos no *Globe* e no *Herald* em 1993 e 1994 em que funcionários do FBI e funcionários anônimos forneceram atualizações sobre o caso sendo construído contra James Bulger; artigos no *Globe* e no *Herald* sobre o indiciamento, a fuga e a prisão de Frank Salemme.

Documentos judiciais: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 20, 21, 24, 25 e 28 de agosto e 1 de setembro de 1998 (incluindo seu relato de como Paul Rico arranhou para que as acusações de homicídio fossem retiradas quando Flemmi voltou após se esconder em 1974); de

John Morris, em 28-30 de abril de 1998; e de Teresa Stanley, em 17 e 18 de setembro de 1998; os indiciamentos federais em 1994, 1995 e 1996 contra Robert DeLuca, James Bulger, Stephen Flemmi e Frank Salemme; os autos da condenação federal em 1993 de Michael London; a condenação em 1992 de Vincent Ferrara e outros; o processo em Massachusetts, em 1991, e o processo federal, em 1993, contra Burton Krantz, James Katz, Vincent Roberto e outros; o indiciamento federal em 1992 de Krantz, Katz e outros por lavagem de dinheiro; o testemunho em 1994, no tribunal federal, do sargento da Polícia Estadual Thomas Foley, como parte da oposição da promotoria a permitir que o advogado de Krantz, Richard Egbert, representasse outros réus no mesmo caso e em casos correlatos; Wolf, “Memorandum and Order”.

O juiz Wolf tratou da confiança de John Connolly em contatos do FBI para obter informações sobre a investigação do grande júri contra Bulger e Flemmi.

Finalmente, como indicado anteriormente, membros do Esquadrão de Crime Organizado mantiveram Connolly avisado de ao menos alguns acontecimentos na investigação de Flemmi e Bulger, que teve início após Connolly se aposentar. Connolly usou essas informações para honrar seu compromisso de proteger Bulger e Flemmi [...]. Embora o promotor federal de justiça não tenha conseguido obter com o FBI a informação que procurava, Connolly, que não mais estava a serviço do bureau, foi capaz de monitorar o progresso da investigação do grande júri e manter Bulger e Flemmi avisados [...]. A duradoura relação de Connolly com membros do Esquadrão de Crime Organizado lhe deu acesso a algumas informações sobre a presente investigação de Bulger e Flemmi. Conforme fica explicado à frente, por vezes essas informações não eram completas ou plenamente confiáveis. Entretanto, Connolly usou a informação recebida para honrar seu compromisso de proteger as fontes que tanto haviam contribuído para seu sucesso (p. 26-27, 392-93).

Também contamos com as informações dos registros dos réus criminais de Massachusetts no caso dos agenciadores de apostas Burton Krantz, James Katz, Joseph Yerardi, Richard Brown, Howard Levenson, Edward Lewis e Mitchell Zuckoff; e com as do cartório de registro imobiliário de Plymouth para os documentos de hipoteca e execução de hipoteca de 1991 a 1994 do imóvel de Paul E. e Donna Moore em State Road, 1722, Plymouth.

CAPÍTULO 19: QUEM SAI NA CHUVA...

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 21 e 24 de agosto de 1998; entrevistas com Anthony M. Cardinale em 1997 e 1999; entrevistas com Kenneth M. Fishman em 1998 e 1999; visita e entrevistas em 1999 na penitenciária do condado de Plymouth; Wolf, “Memorandum and Order”; requerimentos da defesa e do governo, memorandos judiciais e depoimentos sob juramento constando de *Estados Unidos v. Frank Salemme et al.*, em 27 de março, 9 e 10 de abril, e 3 e 25 de junho de 1997; e mandados e determinações emitidos pelo juiz Mark L. Wolf em 14, 21 e 24 de abril e 22 de maio de 1997. Note-se que, no início de 1997, requerimentos e determinações foram vedados ao público na época em que foram protocolados, mas o juiz Wolf acabou ordenando sua liberação.

É uma interessante coincidência que, no mesmo dia em que Cardinale entrou com seus requerimentos, 21 de março de 1997, dois agentes da divisão de Boston do FBI inquiriram John Connolly sobre Bulger e seu possível paradeiro. Os agentes eram o velho amigo de Connolly, Nick Gianturco, e Walter Steffens. Connolly contou aos agentes a história de Bulger lhe comprar um sorvete quando ele era criança. Disse que esperava que “Bulger nunca fosse pego”. Mencionou a infame reunião na casa de Morris em abril de 1985, em que Morris disse a Bulger e Flemmi que eles poderiam cometer o crime que quisessem, exceto homicídio. Connolly também disse aos agentes que sabia a respeito da ameaça telefônica de Bulger a John Morris, fato que não era público.

Steffens ficou chocado com o comentário de Connolly sobre torcer para que Bulger nunca fosse pego. Ficou ainda mais

chocado com a omissão desse comentário de Connolly no relatório que Gianturco preparou sobre a conversa. O relatório de Gianturco — no qual ele só deu entrada em 7 de maio de 1997, mais de um mês depois do ocorrido — também omitia outros aspectos. Ele deixou de incluir Connolly citando o comentário de Morris no jantar, mas incluiu a falsa afirmação de que Connolly “não se encontrou nem teve notícia de Bulger desde dezembro de 1989”.

CAPÍTULO 20: A FESTA ACABOU

Principais fontes: os testemunhos sob juramento de Stephen Flemmi nas audiências de Wolf, em 20, 21, 25-28 de agosto e 2 de setembro de 1998; de John Morris, em 28-30 de abril de 1998; de Jim Ring, em 5 de junho de 1998; de Dennis Condon, em 1, 4 e 5 de maio de 1998; de Robert Fitzpatrick, em 16 e 17 de abril de 1998; de Teresa Stanley, em 16 de setembro de 1998; de Debbie Morris, em 22 de setembro de 1998; e de John Connolly, em 30 de outubro de 1998; diálogos durante sessões do tribunal entre o juiz Wolf e o promotor Fred Wyshak, em 8 de janeiro, 23 de abril, 5 de junho, 24 de agosto e 15 de setembro de 1998; entrevistas com Anthony M. Cardinale em 1997, 1998 e 1999; entrevistas com Kenneth M. Fishman em 1998 e 1999; visita e entrevistas em 1999 na penitenciária do condado de Plymouth; Wolf, “Memorandum and Order”.

Artigos publicados em jornal: artigos e colunas no *Boston Globe* sobre Bulger, o FBI e as audiências, em 30 de dezembro de 1997, em 4, 6-8 de janeiro, 23 de abril, 1 e 3 de maio, 11 e 14 de junho, e 18 e 19 de julho de 1998; uma série em cinco partes feita pelo Spotlight Team do *Globe*, em 19-23 e 24 de julho, 4 de agosto, 7 e 29 de setembro, e 28 e 31 de outubro de 1998, bem como em 20 de agosto e 9, 10 e 16 de setembro de 1999; artigos e colunas no *Boston Herald* sobre as audiências, publicadas em 30 de dezembro de 1997, em 6-8 de janeiro, 25 de março, 17 de abril, 1º de maio e 31 de outubro de 1998, bem como em 5 de agosto e 16 de setembro de 1999; entrevista de William Weld com Christopher Lydon para o *The Connection*, na WBUR-FM, em 7 de outubro de 1998; entrevistas de John Connolly em 1998 para o *Globe*, o *Boston Tab* e a revista *Boston*; rádios WBZ-AM e WRKO-AM.

EPÍLOGO

Principais fontes: Wolf, “Memorandum and Order”; *Estados Unidos v. John J. Connolly Jr., James Bulger aka “Whitey” e Stephen Flemmi*; *Estados Unidos v. Kevin P. Weeks e Kevin P. O’Neil*; *Estado da Flórida v. John J. Connolly Jr.*

Artigos publicados em jornal: sobre os acordos de John Martorano e Frank Salemme, os indiciamentos de Kevin Weeks e Kevin O’Neil e os três corpos recuperados, contamos com artigos no *Boston Globe*, em 9 de setembro, 10 de outubro, 18, 19 e 22 de novembro e 10 de dezembro de 1999, além de outros do mesmo periódico em 16 de janeiro e 23 de fevereiro de 2000; e no *Boston Herald*, em 19 de novembro de 1999; sobre a renúncia de Bill Bulger à reitoria da UMass, artigos no *Boston Globe* em 7 de junho e 11 de agosto de 2003; sobre a declaração de culpado e a sentença de John “Jackie” Bulger, artigos no *Boston Globe* em 20 de março e 11 de novembro de 2001, em 11 de abril e 4 de setembro de 2003, e em 2 de abril de 2004; sobre a condenação e a sentença do tenente da Polícia Estadual aposentado Richard Schneiderhan, usamos o artigo no *Boston Globe* publicado em 26 de junho de 2003; sobre a condenação e a sentença do ex-policia de Boston Michael Flemmi, irmão de Stephen Flemmi, usamos o artigo publicado pelo *Boston Globe* em 18 de março de 2006; sobre o julgamento por homicídio em Miami e a condenação por homicídio em segundo grau de John J. Connolly em 2008, posts no blog do julgamento do Boston.com publicados por Dick Lehr e artigo do *Boston Globe* em 26 de janeiro de 2009; sobre a captura e a prisão de James J. “Whitey” Bulger em junho de 2011, artigos no *Boston Globe* em 23-25 de junho e 9 de outubro de 2011, bem como artigos no *New York Times* em 24 e 25 de junho de 2011.

AGRADECIMENTOS

Em 1999, o *Boston Globe* nos concedeu uma licença do trabalho para escrever a primeira edição de *Aliança do crime*, e queremos dar o devido reconhecimento a uma série de editores executivos, editores e colegas do *Globe* que, ao longo do caminho, ofereceram sua ajuda.

O falecido editor executivo William O. Taylor, o editor executivo Ben Taylor, o falecido editor Tom Winship, e os editores Jack Driscoll e Matt Storin nos apoiaram na cobertura da história de Bulger e do FBI, uma reportagem que hoje já soma décadas. Kevin Cullen nos ajudou a começar em 1988, e depois disso trabalhamos em equipe numa série de matérias sobre Bulger e o FBI. É sempre um prazer trabalhar com ele. Christine Chinlund desempenhou um papel crucial na série de 1988 que noticiou pela primeira vez que Whitey Bulger era informante do FBI. A pesquisadora Mary Beth Knox também ajudou no trabalho inicial.

Gostaríamos também de agradecer a Mitch Zuckoff. Ele trabalhou conosco numa série para o *Globe* em 1998, investigando mais profundamente os laços de Bulger com o FBI, e depois forneceu valiosa assistência ao longo de toda a feitura deste livro em 1999. Ele encontrou tempo para escutar nossas ideias à medida que desenvolvíamos o esboço e os temas do livro, e o mais importante: leu os primeiros rascunhos de nossos capítulos conforme os escrevíamos. Suas sugestões foram sempre proveitosas.

Ben Bradlee Jr., o vice-editor gerente para projetos do *Globe*, editou a série de 1998 sobre Bulger e o FBI. No fim das contas, um membro da família Bradlee teve participação nessa história

em duas frentes — primeiro no jornal e depois em nossa editora. A PublicAffairs foi fundada por Peter Osnos em tributo a Benjamin C. Bradlee e duas outras figuras de ponta na edição e no jornalismo americanos: Robert L. Bernstein, o antigo executivo da Random House e fundador da Human Rights Watch, e o jornalista I. F. Stone. Stone, em particular, tinha muito a dizer sobre agências como o FBI. Durante uma conferência acadêmica em 1971 na Universidade de Princeton — que serviu de base para o livro *Investigating the FBI* [Investigando o FBI] —, Stone advertiu que a obsessão profundamente arraigada do FBI com sua imagem pública levou o bureau a resistir ao escrutínio externo. Segundo ele, o FBI “tem se empenhado em fazer lavagem cerebral e se glorificar, e isso o torna difícil de controlar”. O trabalho do bureau, acrescentou durante uma mesa-redonda, “é investigar o crime, não doutrinar o público”.

Gostaríamos também de agradecer ao Fund for Investigative Journalism [Fundo para Jornalismo Investigativo], que nos apoiou com uma bolsa de pesquisa essencial para escrever este livro.

Uma série de colegas no *Globe* merecem menção. Al Larkin sempre nos apoiou. Steve Kurkjian e Tim Leland são amigos que fomentaram o trabalho investigativo no *Globe*. Tom Mulvoy e Mike Larkin são amigos e ótimos editores que agilizaram e melhoraram nosso trabalho. Apreciamos o trabalho de reportagem sobre o caso Bulger feito por Shelley Murphy, Bill Doherty e Patricia Nealon. Matt Carroll, Bob Yeager e Sean Mullin nos orientaram sobre como lidar com nossos bancos de dados e software. O talento de John Tlumacki para tirar fotos de Bulger foi sobrenatural. A bibliotecária chefe Lisa Tuite foi inestimável em organizar reportagens do *Globe* e do *Herald* que frequentemente remontavam a duas ou três décadas. Se deixamos alguém de fora, pedimos desculpas.

Há uma série de pessoas que, como amigos ou mentores, nos encorajaram e nos ajuizaram, tanto no passado quanto hoje: o

falecido Richard T. O'Neill — que adorava conversar sobre o ato da escrita com seu filho —, o falecido George V. Higgins, Harry Goldgar, o falecido Bill Alfred, John L'Heureux, o falecido Dominick Dunne, o falecido Howard O'Brien, Phil Bennett, Larry Tye, Wil Haygood, Jack Thomas, Maureen Dezell, Brian C. Mooney, Nick King, Bruce Butterfield, Jon Albano — da firma Bingham Dana & Gould —, Jon Tisch, Dave Holahan, Kyn Tolson, Mark Melady, Joel Lang, Donna DiNovelli, Dennie Williams, Andy Kreig, Tom Condon, Lincoln Millstein, Irene Driscoll, John F. e Kellie Lehr Jr., a falecida Bernadette Rossi Lehr e os falecidos John and Nancy Lehr. Para esta nova edição, também contamos com o apoio de Karin, Holly e Dana Lehr.

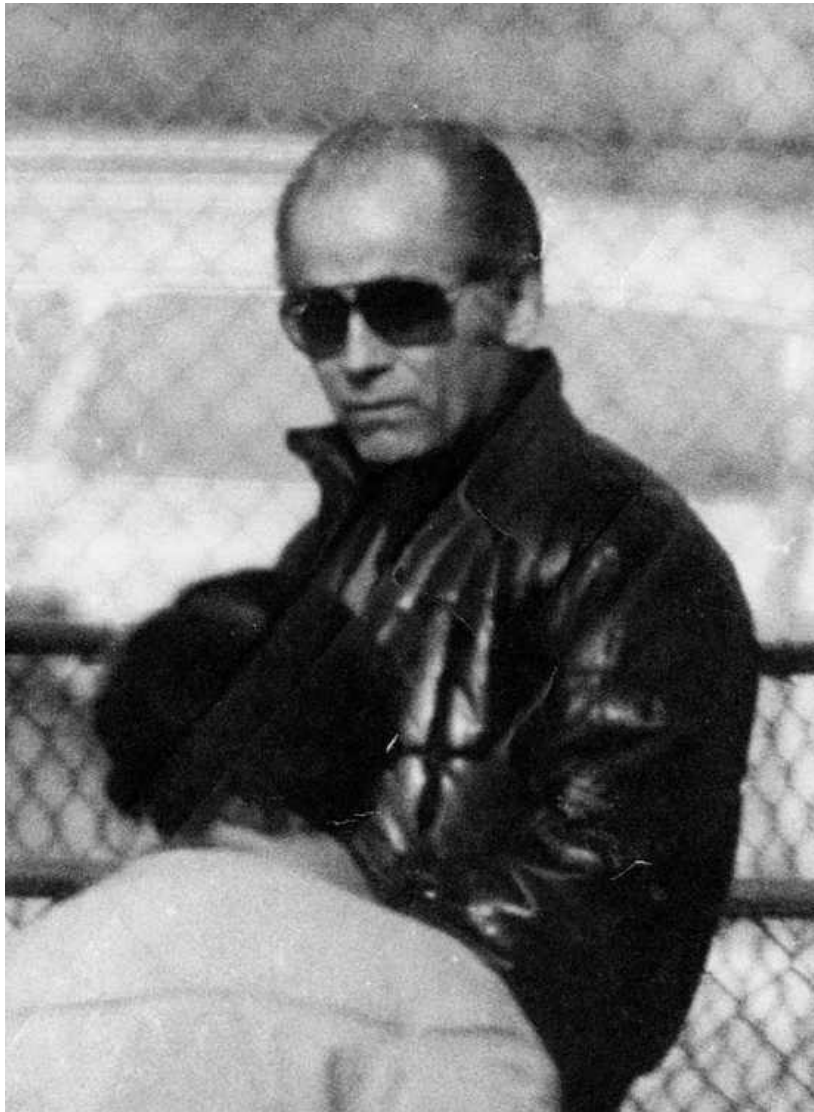
Durante anos, diversos outros jornalistas foram agressivamente atrás dessa história, cada um ao seu estilo: a saber, David Boeri, Dan Rea, Christopher Lydon, primeiro no *The 10 O'Clock News*, da WGBH-TV, e depois no programa de rádio *The Connection*, da WBUR-FM; Howie Carr, Peter Gelzinis, Ralph Ranalli e Jonathan Wells, quando trabalhavam no *Boston Herald*; e Ed Mahony do *Hartford Courant*. Todos fizeram significativas contribuições ao entendimento público no que diz respeito ao envolvimento entre o FBI de Boston e os irmãos Bulger.

Gostaríamos de agradecer a Esmond Harmsworth, Lane Zachary e Todd Shuster da Zachary Shuster Literary Agency por sua representação, e agradecemos também ao nosso editor e ao nosso *publisher* na PublicAffairs, Geoff Shandler e Peter Osnos, pelo apoio incondicional. Shandler é um editor especial com um olho afiado. Gene Taft, diretor de publicidade da PublicAffairs e também nascido em Boston, leu nossa série quando saiu no *Globe* em 1998 e a levou para seus colegas dizendo que deviam nos fazer escrever um livro. Para esta nova edição, gostaríamos de agradecer Clive Priddle, Susan Weinberg e o restante da equipe na PublicAffairs.

De muitas maneiras, sem o juiz Mark L. Wolf não teríamos obtido acesso ao material necessário para recheiar a história de Bulger e do FBI de Boston. O juiz foi responsável por audiências no tribunal que geraram o escrutínio público de arquivos do FBI que o bureau esperava que permanecessem secretos eternamente. Além do mais, muitos participantes que ainda se recusam a ser entrevistados sobre esta história foram forçados, por meio de intimação judicial, a responder questões sob juramento. Com o tempo, acumulamos inúmeros arquivos, documentos, registros e entrevistas próprias, mas esses testemunhos e os arquivos do FBI foram vitais para dar à história o escopo, a profundidade e o drama que ela pede. O trabalho de todos os advogados envolvidos no caso perante o juiz Wolf também merece reconhecimento. Eles se dedicaram a isso por mais de duas décadas, e suas capacidades coletivas no tribunal e em seus procedimentos jurídicos foram sempre impressionantes: o promotor federal Donald Stern e os assistentes Fred Wyshak, Brian Kelly e James Herbert; e Anthony M. Cardinale, Kenneth J. Fishman, Martin G. Weinberg, Randolph Gioia, Kimberly Homan e John Mitchell pela defesa.

Finalmente, agradecemos alguns policiais estaduais e municipais, bem como agentes federais antinarcóticos, hoje em sua maior parte aposentados, que tentaram cumprir com seu dever sem saber que o FBI de Boston preparara um jogo de cartas marcadas. Provavelmente deixamos escapar algumas pessoas e pedimos desculpas por isso, mas entre esses agentes da lei estão Robert Long, Rick Fraelick, Jack O'Malley, Charles Henderson, John O'Donovan, Joe Saccardo, Thomas Duffy, John Tutungian, Steve Johnson e Tom Foley da Polícia Estadual de Massachusetts; Jim Carr, Frank Dewan e Ken Beers do Departamento de Polícia de Boston; Richard Bergeron e o falecido Dave Rowell do Departamento de Polícia de Quincy;

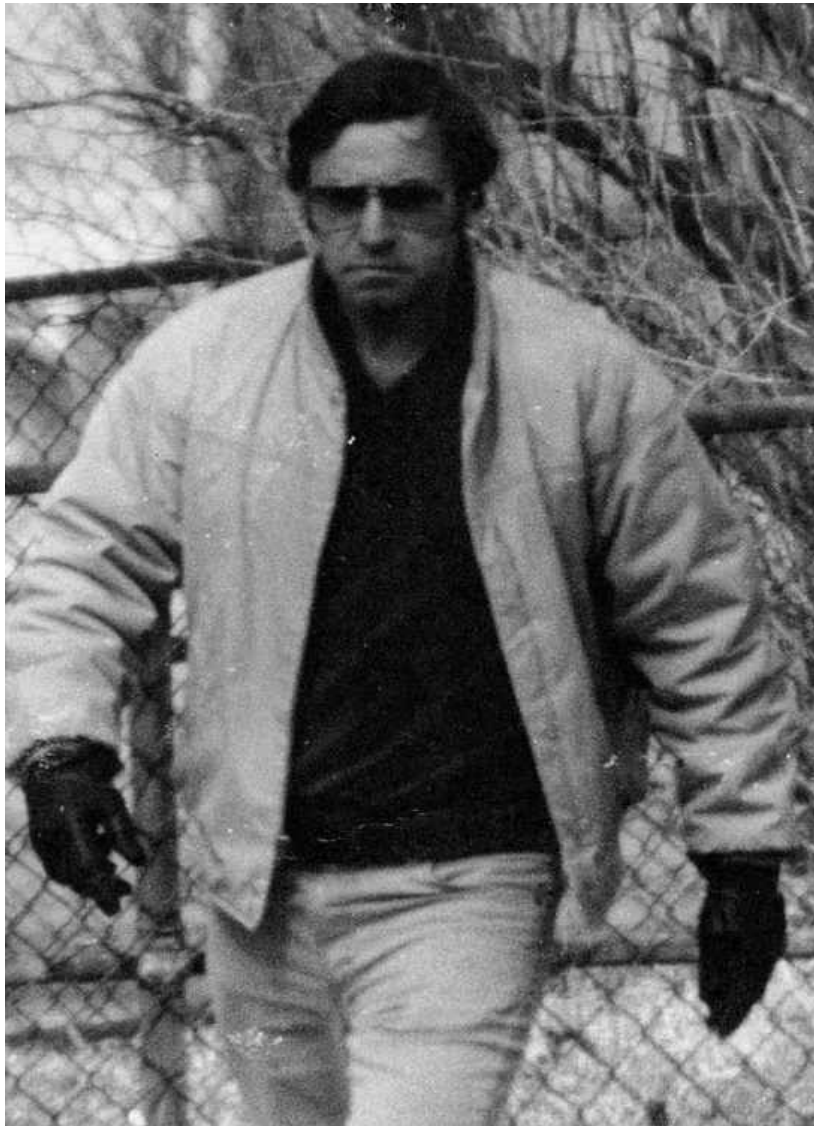
Mike Huff do Departamento de Polícia de Tulsa; e Al Reilly, Steve Boeri e Daniel Doherty da DEA.



James J. "Whitey" Bulger Jr.



Ex-agente do FBI John Connolly



Stephen J. "Homem-Rifle" Flemmi



Donato "Danny" Angiulo e Bulger, à direita, numa oficina na Lancaster Street, c. 1980



Uma antiga foto de Bulger sendo preso



Frank Salemme, à esquerda, e Robert DeLuca, no canto direito, em encontro no Day Boulevard, em South Boston, c. 1990



Flemmi



Gennaro J. Angiulo, chefe da Máfia, entrando no tribunal federal em Boston sob acusação de formação de crime organizado em 1983



John Connolly Jr. aponta enquanto ele e outro agente levam Francesco "Frankie" Angiulo para o tribunal



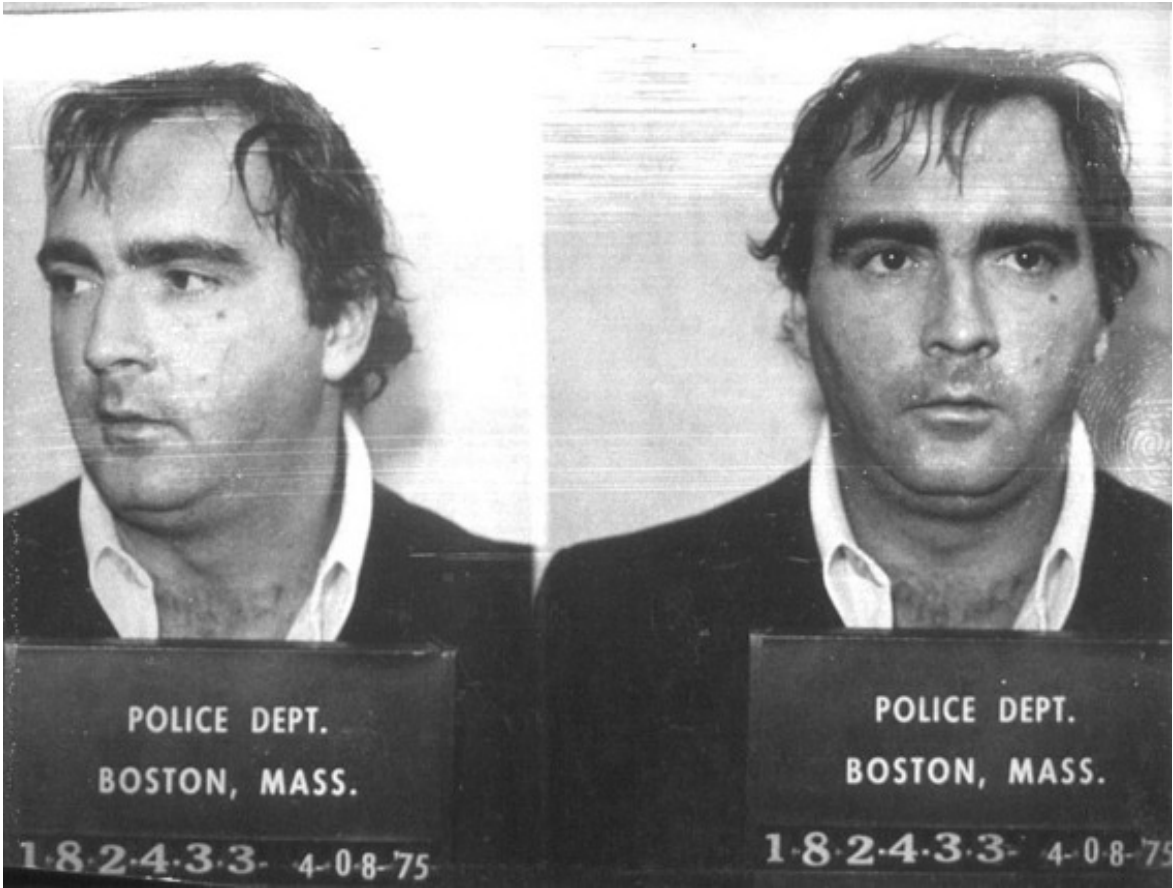
O supervisor do FBI em Boston James Ring, o diretor do FBI William Sessions e o agente John Connolly comemoram o indiciamento de Patriarca em março de 1990



John M. Morris, ex-supervisor do FBI



O milionário Roger Wheeler, morto a tiros em 27 de maio de 1981 pelo assassino de Bulger, John Martorano



Edward Brian Halloran



Em 1984, Bulger controlava esses dois estabelecimentos em South Boston como base para seu império no submundo



Catherine Greig e Bulger, 1988



James J. "Whitey" Bulger

FBI TEN MOST WANTED FUGITIVE

RACKETEERING INFLUENCED AND CORRUPT ORGANIZATIONS (RICO) - MURDER (18 COUNTS), CONSPIRACY TO COMMIT MURDER, CONSPIRACY TO COMMIT EXTORTION, NARCOTICS DISTRIBUTION, CONSPIRACY TO COMMIT MONEY LAUNDERING; EXTORTION; MONEY LAUNDERING

JAMES J. BULGER



Photograph taken in 1994



Photograph taken in 1994



Photograph retouched in 2000

Aliases: Thomas F. Baxter, Mark Shapeton, Jimmy Bulger, James Joseph Bulger, James J. Bulger, Jr., James Joseph Bulger, Jr., Tom Harris, Tom Marshall, "Whitey"

DESCRIPTION

Date of Birth:	September 3, 1929	Hair:	White/Silver
Place of Birth:	Boston, Massachusetts	Eyes:	Blue
Height:	5' 7" to 5' 9"	Complexion:	Light
Weight:	150 to 160 pounds	Sex:	Male
Build:	Medium	Race:	White
Occupation:	Unknown	Nationality:	American
Scars and Marks:	None known		

Remarks: Bulger is an avid reader with an interest in history. He is known to frequent libraries and historic sites. Bulger is currently on the heart medication Atenolol (50 mg) and maintains his physical fitness by walking on beaches and in parks with his female companion, Catherine Elizabeth Greig. Bulger and Greig love animals and may frequent animal shelters. Bulger has been known to alter his appearance through the use of disguises. He has traveled extensively throughout the United States, Europe, Canada, and Mexico.

CAUTION

JAMES J. BULGER IS BEING SOUGHT FOR HIS ROLE IN NUMEROUS MURDERS COMMITTED FROM THE EARLY 1970s THROUGH THE MID-1980s IN CONNECTION WITH HIS LEADERSHIP OF AN ORGANIZED CRIME GROUP THAT ALLEGEDLY CONTROLLED EXTORTION, DRUG DEALS, AND OTHER ILLEGAL ACTIVITIES IN THE BOSTON, MASSACHUSETTS, AREA. HE HAS A VIOLENT TEMPER AND IS KNOWN TO CARRY A KNIFE AT ALL TIMES.

CONSIDERED ARMED AND EXTREMELY DANGEROUS

IF YOU HAVE ANY INFORMATION CONCERNING THIS PERSON, PLEASE CONTACT YOUR LOCAL FBI OFFICE OR THE NEAREST U.S. EMBASSY OR CONSULATE.

REWARD

The FBI is offering a \$1,000,000 reward for information leading directly to the arrest of James J. Bulger.

www.fbi.gov

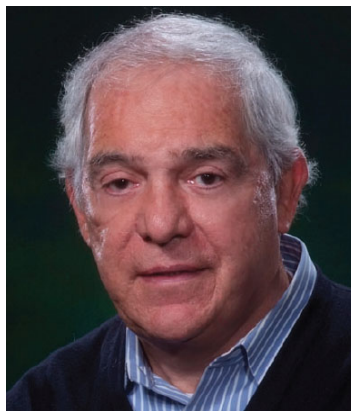
August 1999
Poster Revised November 2000

SOBRE OS AUTORES



© Karin Lehr

DICK LEHR é professor de jornalismo na Universidade de Boston, colabora com o Schuster Institute for Investigative Journalism da Brandeis University e é membro do John S. Knight Journalism Fellowship da Universidade de Stanford. Finalista do Pulitzer de reportagem investigativa, trabalhou por quase duas décadas no *Boston Globe*. Mora em Belmont, Massachusetts, com a mulher e os quatro filhos.



Cortesia

GERARD O'NEILL, jornalista ganhador do Pulitzer, foi editor da equipe investigativa do *Boston Globe* por 25 anos, e hoje leciona na Universidade de Boston. Nascido na cidade, trabalhou como repórter para o governo de Massachusetts. Mora na região da baía de Boston com a mulher e é pai de dois filhos.

Juntos, os dois ganharam o Edgar Award pela coautoria de *Aliança do crime*.

LEIA TAMBÉM



Argo
Antonio Mendez e Matt Baglio



Homeland
Andrew Kaplan



Filme noturno
Marisha Pessl